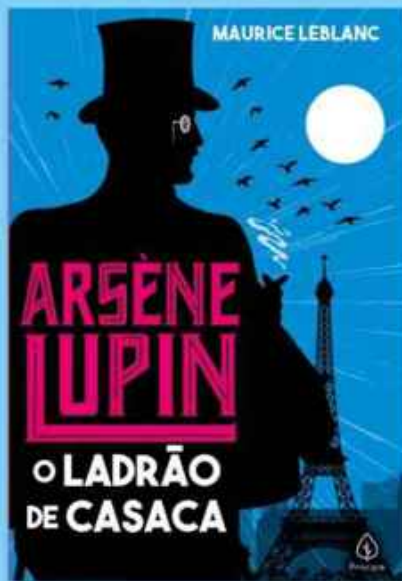






MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

o LADRÃO
DE CASACA



Principis

MAURICE LEBLANC



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês

Arsène Lupin Gentleman-Cambrioleur

Texto

Maurice Leblanc

Tradução

Luciene Ribeiro dos Santos

Preparação

Flávia Yacubian

Revisão

Fernanda R. Braga Simon

Produção editorial e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Diagramação

Fernando Laino

Ebook

Jarbas C. Cerino

Imagens

Agnieszka Karpinska/Shutterstock.com;

VectorPot/Shutterstock.com;

alex74/Shutterstock.com;

Yurkalmortal/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin, o ladrão de casaca [recurso eletrônico] /
Maurice Leblanc ; traduzido por Luciene Ribeiro dos Santos. -
Jandira, SP : Principis, 2021.

192 p. ; ePUB ; 1,6 MB. - (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: Arsène Lupin Gentleman-Cambrioleur

Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-295-2 (Ebook)

1. Literatura francesa. 2. Romance. 3. Ficção. I. Santos,
Luciene Ribeiro dos. II. Título. III. Série.

2021-129

CDD 843

CDU 821.133.1-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa 843
2. Literatura francesa 821.133.1-3

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



A prisão de Arsène Lupin

Que viagem estranha! No entanto tinha começado bem. De minha parte, nunca tinha feito outra que se anunciasse melhor. O *Provence* é um transatlântico veloz, confortável, comandado pelo mais afável dos homens. A sociedade mais seleta ali reunida. Faziam-se amizades, organizavam-se diversões. Tínhamos a deliciosa impressão de estarmos afastados do mundo, reduzidos a nós mesmos como numa ilha desconhecida, e, portanto, obrigados a nos aproximar uns dos outros.

E nos aproximávamos...

Já pensaram no que há de original e imprevisto nesse agrupamento de seres que, ainda na véspera, nem se conheciam e vão viver durante alguns dias, entre o céu infinito e o imenso mar, a vida mais íntima, desafiando juntos as cóleras do oceano, com o assalto terrível das ondas ou a calma fingida da água dormindo?

No fundo, é a própria vida, vivida numa espécie de abreviatura trágica, com suas tempestades e grandezas, sua monotonia e sua diversidade. Talvez por isso se saboreie com pressa febril e tanta volúpia a breve viagem, cujo fim se vislumbra no instante mesmo em que é iniciada.

Mas há vários anos ocorre algo que aumenta singularmente as

emoções da travessia. A pequena ilha flutuante continua a depender do mundo de que se julga liberada. Subsiste um laço, que se desata aos poucos em pleno oceano e, aos poucos, em pleno oceano, reata-se. O telégrafo sem fio, com chamados de outro universo, do qual chegam notícias de modo misterioso. A imaginação não tem mais o recurso de evocar fios de ferro por que deslizem as invisíveis mensagens. O mistério é mais insondável e mais poético, pois seria preciso recorrer às asas do vento para explicar o novo milagre.

Assim, nas primeiras horas, sentimo-nos seguidos, escoltados, até precedidos por essa voz distante que, de tempos em tempos, cochicha a um de nós algumas palavras de lá longe. Dois amigos me falaram. Dez, vinte outros enviaram a todos nós, através do espaço, suas despedidas aflitas ou sorridentes.

Ora, no segundo dia, a quinhentas milhas da costa francesa, numa tarde tormentosa, o telégrafo sem fio nos transmitiu um despacho deste teor:

“Arsène Lupin a bordo, primeira classe, cabelo louro, ferimento no antebraço direito, viaja sozinho, com o nome de R...”

Nesse instante, uma trovada violenta rolou pelo céu sombrio. As ondas elétricas foram interrompidas, e o resto do despacho não nos alcançou. Do nome sob que se escondia Arsène Lupin só se ficou sabendo a inicial.

Se se tratasse de qualquer outra notícia, não duvido de que o segredo tivesse sido escrupulosamente guardado pelos que manejavam o telégrafo, como pelo comissário de bordo e o comandante. Mas há acontecimentos que parecem forçar a discrição mais rigorosa. No mesmo dia, sem que se pudesse dizer como a coisa foi divulgada, sabíamos todos que o famoso Arsène

Lupin se ocultava entre nós.

Arsène Lupin entre nós! O impecável ladrão de quem se contavam as proezas em todos os jornais há meses! A enigmática personagem com quem o velho Ganimard, o nosso melhor policial, tinha iniciado um duelo de morte cujas peripécias se desenrolavam de modo tão pitoresco! Arsène Lupin, o ladrão de casaca que só operava nos castelos e salões e que, uma noite em que penetrara na casa do Barão Schormann, saíra de mãos vazias deixando seu cartão com esta tirada: “Arsène Lupin, cavalheiro furtador, voltará quando os objetos forem autênticos”. Arsène Lupin, o homem de mil disfarces, chofer, tenor, bicheiro, filho de família, adolescente, ancião, caixeiro-viajante marseilhês, médico russo, toureiro espanhol!

E pensar que estava indo e vindo no ambiente relativamente restrito de um transatlântico – mais: no pequeno espaço da primeira classe, onde a gente se encontrava a toda hora, nesta sala de refeições, neste salão, na sala de fumar! Arsène Lupin era talvez este senhor... ou aquele... meu vizinho de mesa... meu companheiro de cabina...

– E isso vai durar ainda cinco vezes vinte e quatro horas! – exclamava no dia seguinte Miss Nelly Underdown. – Mas é intolerável! Tomara que o prendam logo! – E dirigindo-se a mim: – Ei, o senhor, que tem boas relações com o comandante, senhor d’Andrézy, não sabe de nada?

Bem que gostaria de saber qualquer coisa para agradar a Miss Nelly! Era uma dessas magníficas criaturas que, onde estejam, ocupam de saída o lugar mais em vista. Tanto a beleza como a fortuna delas deslumbram. Têm uma corte, apaixonados,

entusiastas.

Criada em Paris pela mãe francesa, ia reunir-se ao pai, o riquíssimo Underdown, de Chicago. Uma de suas amigas, Lady Jerland, acompanhava-a.

Desde o início apresentei minha candidatura para namoro. Mas, na camaradagem rápida da viagem, seu encanto em seguida me perturbou, e eu me sentia comovido demais para um simples flerte quando seus grandes olhos negros encontraram os meus. Ela, porém, recebeu minha homenagem com certa afabilidade. Dignava-se rir das minhas tiradas e interessar-se por minhas anedotas. Uma vaga simpatia parecia responder à solicitude que lhe testemunhava.

Só um rival me teria preocupado, um rapaz bastante bonito, elegante, discreto, de quem ela parecia às vezes preferir o humor taciturno às minhas atitudes mais “exteriorizadas” de parisiense.

Ele fazia parte do grupo de admiradores que cercavam Miss Nelly, quando ela veio me interrogar. Estávamos na ponte, agradavelmente instalados em cadeiras de balanço. A tormenta da véspera tinha aclarado o céu. A hora era deliciosa.

– Nada sei com precisão, senhorita – respondi-lhe. – Mas seria impossível fazermos nós mesmos o nosso inquérito tão bem quanto o faria o velho Ganimard, o inimigo pessoal de Arsène Lupin?

– Oh! Oh! O senhor se precipita muito!

– Em quê? Será um problema tão complicado?

– Muito complicado.

– É que esquece os elementos que temos para resolvê-lo.

– Que elementos?

– Primeiro, Lupin se faz chamar de senhor R.

– Indicação bem vaga.

- Segundo, viaja sozinho.
- Se essa particularidade nos bastasse!
- Terceiro, é louro.
- E então?
- Então só temos que consultar a lista dos passageiros e proceder por eliminação. – Tinha essa lista no bolso. Peguei-a e percorri-a toda. – Noto, inicialmente, que há apenas treze pessoas cuja inicial chama a nossa atenção.
- Treze apenas?
- Na primeira classe, sim. Entre esses treze senhores R., como podem conferir, nove estão acompanhados de mulheres, filhos ou criados. Sobram quatro sozinhos: o Marquês de Raverdan...
- Secretário da Embaixada – interrompeu Miss Nelly. – Eu o conheço.
- O Major Rawson...
- É meu tio – disse alguém.
- Senhor Rivolta...
- Presente – gritou um do grupo, um italiano cujo rosto desaparecia sob uma barba do mais bonito tom de preto.
- Miss Nelly rompeu a rir.
- Ele não é louro.
- Então – prossegui – somos obrigados a concluir que o culpado é o último da lista.
- Ou seja?
- Ou seja, senhor Rozaine. Alguém conhece o senhor Rozaine?
- Calaram-se. Mas Miss Nelly, interpelando o jovem taciturno cuja frequência a seu lado me inquietava, disse-lhe:
- Então, senhor Rozaine, não responde?

Todos os olhos se voltaram para ele. Era louro.

Confesso, senti um pequeno choque no íntimo. E o silêncio contrafeito que pesou sobre o grupo me indicou que os outros também experimentavam aquela espécie de sufocação. Era, aliás, absurdo, pois nada enfim nas maneiras desse senhor permitia que se suspeitasse dele.

– Por que não respondo? – disse ele. – Porque, em vista do meu nome, de viajar sozinho e da cor do meu cabelo, já tinha feito uma pesquisa semelhante e chegado ao mesmo resultado. Sou, pois, de opinião que devem prender-me.

Tinha um ar esquisito ao pronunciar essas palavras. Seus lábios finos como dois traços inflexíveis afinaram ainda mais e empalideceram. Filetes de sangue estriaram seus olhos.

Sem dúvida, brincava. No entanto, sua fisionomia e atitude nos impressionaram. Ingenuamente, Miss Nelly perguntou:

– Mas o senhor tem o ferimento?

– É verdade – disse. – Falta o ferimento.

Com um gesto nervoso, ergueu a manga e mostrou o braço. Uma ideia me veio na hora, e meus olhos se cruzaram com os de Miss Nelly: tinha mostrado o braço esquerdo.

Juro que ia observar-lhe isso quando um incidente desviou nossa atenção. Lady Jerland, a amiga de Miss Nelly, chegou correndo. Estava transtornada. Todos a cercaram, mas só depois de um esforço é que pôde balbuciar:

– Minhas joias, minhas pérolas!... Levaram tudo!...

Não, não tinham levado tudo, como ficamos sabendo depois. Coisa curiosa: tinham escolhido!

Da estrela de diamantes, do pingente de rubis não talhados, dos

colares e braceletes quebrados, tinham tirado não as pedras maiores, mas as mais finas e preciosas, as que, dir-se-ia, possuíam mais valor ocupando menos lugar. Os engastes lá jaziam, sobre a mesa. Eu os vi, todos vimos, despojados de suas gemas como flores de que se arrancassem as belas pétalas cintilantes e coloridas.

Para executar esse trabalho, durante a hora em que Lady Jerland tomava o chá, tinha sido preciso, em pleno dia e num corredor frequentado, quebrar a porta da cabina, achar um saquinho escondido de propósito numa caixa de chapéu, abri-lo e escolher!

Houve um só clamor entre nós, uma só opinião em todos os passageiros, assim que o roubo se fez conhecido: era Arsène Lupin. De fato, aquela era a sua maneira complicada, misteriosa, inconcebível e, no entanto, lógica, pois, diante da dificuldade de ocultar o volume embaraçante que faria o conjunto das joias, o estorvo se tornaria mínimo com coisinhas independentes umas das outras, pérolas, esmeraldas e safiras!

No jantar, aconteceu que, à direita e à esquerda de Rozaine, os dois lugares ficaram vazios. E à noite se soube que tinha sido chamado pelo comandante.

Sua prisão, que ninguém pôs em dúvida, causou um verdadeiro alívio. Fizeram-se jogos de salão nessa noite e dançou-se. Miss Nelly, especialmente, mostrou uma alegria ruidosa que me fez ver que, se os apreços de Rozaine tinham podido comprazê-la no início, mal se lembrava deles. Sua graça acabou de me conquistar. Pela meia-noite, à claridade serena da lua, afirmei-lhe meu devotamento com uma emoção que não pareceu desagradar-lhe.

No dia seguinte, para estupor geral, soube-se que, sendo

insuficientes os indícios contra ele, Rozaine estava livre.

Filho de um comerciante importante em Bordéus, tinha exibido papéis perfeitamente em ordem. Além disso, seus braços não mostravam qualquer resquício de ferimento.

– Papéis! Certidões de nascimento! – exclamavam os inimigos de Rozaine. – Isso Arsène Lupin fornece tantos quantos necessários! Quanto ao ferimento, é que não houve, ou então ele apagou os vestígios!

Objetavam que, na hora do roubo, ficara demonstrado que Rozaine passeava na ponte. Ao que contestavam:

– Mas será que um homem da têmpera de Arsène Lupin tem necessidade de assistir ao roubo que pratica?

Afinal, fora de qualquer possível consideração, havia um ponto sobre o qual os mais cétricos não podiam discutir. Quem, fora de Rozaine, viajava sozinho, era louro e usava um nome começando por R? Quem o telegrama designaria senão Rozaine?

Quando este, minutos antes do almoço, dirigiu-se audaciosamente para o nosso grupo, Miss Nelly e Lady Jerland se ergueram e afastaram-se. De medo, obviamente.

Uma hora depois, uma circular manuscrita passava de mão em mão entre os empregados de bordo, marujos e viajantes de todas as classes: o senhor Louis Rozaine prometia uma soma de dez mil francos a quem desmascarasse Arsène Lupin ou achasse o portador das pedras furtadas.

– Se ninguém vier me ajudar contra este bandido – declarou Rozaine ao comandante –, eu mesmo hei de ajustar contas com ele.

Rozaine contra Arsène Lupin, ou antes, de acordo com a frase que circulou, o próprio Arsène Lupin contra Arsène Lupin – uma luta a

que não faltava interesse!

Ela se prolongou durante dois dias.

Via-se Rozaine por todos os lados, misturando-se ao pessoal do navio, interrogando, investigando. De noite, percebia-se sua sombra a andar.

Por seu lado, o comandante ostentava a mais ativa energia. O *Provence* foi vasculhado de alto a baixo. Com o pretexto bem justo de que os objetos estariam escondidos em qualquer lugar fora da cabina do culpado, todas as cabinas foram sem exceção devassadas.

– Vão acabar por descobrir alguma coisa, não é? – perguntava-me Miss Nelly. – Por mais feiticeiro que ele seja, não pode fazer que diamantes e pérolas se tornem invisíveis.

– É claro – respondi. – Ou então seria preciso explorar o forro de nossos chapéus, as bainhas de nossas roupas e tudo o que levamos conosco. – E, mostrando-lhe a minha Kodak de nove por doze centímetros, com a qual não me cansava de fotografá-la nas mais diversas atitudes: – Num aparelho não maior que este, não crê que haveria lugar para todas as pedras preciosas de Lady Jerland? Finge-se tirar retratos e o negócio está feito.

– No entanto ouvi dizer que não há ladrão que não deixe atrás de si um indício qualquer.

– Há um, Arsène Lupin.

– Por quê?

– Por quê? Por não pensar apenas no roubo que comete, mas em todas as circunstâncias que poderiam denunciá-lo.

– No início, o senhor estava mais confiante.

– Mas depois eu o vi em ação.

– De modo que, segundo o senhor...?

– Acho que perdem tempo.

De fato, as investigações não deram nenhum resultado, ou pelo menos o que deram não correspondeu ao esforço geral: o relógio do comandante lhe foi roubado.

Furioso, ele duplicou de ardor e vigiava ainda de perto Rozaine, com quem tinha tido várias entrevistas. No dia seguinte – encantadora ironia –, achou-se o relógio entre os colarinhos do subcomandante.

Tudo isso tinha um ar de mágica e denunciava a maneira humorística de Arsène Lupin, ladrão, vá lá, mas também diletante. Trabalhava por gosto e vocação, mas também para divertir-se. Dava a impressão do autor que se distrai com a própria peça e, nos bastidores, ri francamente de suas saídas espirituosas e da situação que imaginou.

Era sem dúvida um artista em seu gênero, e quando eu observava Rozaine, sombrio e opiniático, e pensava no papel duplo que representava essa curiosa personagem, não podia referir-me a ele sem certa admiração.

Ora, na noite da antevéspera, o oficial de turno ouviu gemidos no lugar mais escuro da ponte. Aproximou-se. Um homem estava estendido, com a cabeça envolta num espesso lenço grande, cinza, e com os punhos atados com uma cordinha fina.

Desembaraçaram o homem, levantaram-no, cuidaram dele. Era Rozaine.

Rozaine, que fora assaltado durante uma de suas expedições, derrubado e despojado. Um cartão de visita, preso por um alfinete na sua roupa, dizia:

“Arsène Lupin aceita com reconhecimento os dez mil francos do senhor Rozaine”.

Na realidade, a carteira furtada continha vinte notas de mil.

Naturalmente, acusaram o infeliz de ter simulado esse ataque contra si mesmo. Mas, além de que seria impossível que se atasse daquela maneira, estabeleceu-se que a letra do cartão diferia radicalmente da de Rozaine, assemelhando-se, ao contrário, a ponto de parecer a mesma, à de Arsène Lupin, tal como a reproduzia um velho jornal achado a bordo.

De modo que Rozaine não era mais Arsène Lupin. Rozaine era Rozaine, filho de um comerciante de Bordéus! E a presença de Arsène Lupin se confirmou de novo, e por que ato temível!

Foi o terror. Ninguém ousava mais ficar sozinho na cabina nem se aventurar a lugares afastados. Prudentemente, todos se uniam a grupos de pessoas conhecidas umas das outras. E ainda uma desconfiança instintiva apartava os mais íntimos. É que a ameaça já não provinha de um indivíduo isolado e por isso mesmo menos perigoso. Arsène Lupin agora era... era todo mundo. Nossa imaginação excitada lhe atribuía um poder miraculoso e ilimitado. Supunha-se que fosse capaz de empregar os disfarces mais inesperados, de ser ora o respeitável Major Rawson, ora o nobre Marquês de Raverdan, e mesmo, pois não se parava mais na inicial acusadora, esta ou aquela pessoa de todos conhecida e tendo mulher, filhos e criados.

As primeiras mensagens sem fio não trouxeram nenhuma notícia. Pelo menos o comandante nada comunicou, e um tal silêncio não nos tranquilizava.

Assim, o último dia pareceu interminável. Viviam-se na expectativa

ansiosa de um desastre. Desta vez, não seria o furto nem uma simples agressão, seria assassinato. Não se admitia que Arsène Lupin se contentasse com aqueles dois roubos insignificantes. Senhor absoluto do navio, com as autoridades reduzidas à impotência, faria o que desejasse, tudo lhe estava permitido, disporia dos bens e das existências.

Horas deliciosas para mim, confesso, pois me valeram a confiança de Miss Nelly. Impressionada por tantos acontecimentos e já inquieta de natureza, procurou espontaneamente proteção junto a mim, uma segurança que eu estava feliz em lhe oferecer.

No fundo, abençoava Arsène Lupin. Não fora ele quem nos aproximara? Não era graças a ele que podia me abandonar aos mais belos sonhos? Sonhos de amor e sonhos menos quiméricos, por que não confessar? Os Andrézys são de boa estirpe do Poitou, mas seu brasão anda um pouco descolorido e não me parecia indigno de um gentil-homem almejar devolver ao seu nome o lustre perdido.

Esses sonhos, sentia, não contrariavam Nelly. Seus olhos sorridentes me autorizavam a tê-los. A doçura de sua voz me dizia que esperasse.

E até o último momento, debruçados na amurada, permanecemos juntos, enquanto a linha da costa americana balançava à nossa frente.

As buscas tinham cessado. Aguardava-se. Da primeira classe à entreponte, onde pululavam os emigrantes, aguardava-se o minuto supremo em que se explicaria enfim o insolúvel enigma. Quem era Arsène Lupin? Sob que nome, sob que máscara se ocultava o famoso Arsène Lupin?

E o minuto supremo chegou. Vivesse eu cem anos, não esqueceria o menor detalhe.

– Como está pálida, Miss Nelly – disse à minha companheira, que se apoiava em meu braço, quase desfalecendo.

– E você! – respondeu-me. – Ah, está tão mudado!

– Pense! Este minuto é alucinante e estou contente em vivê-lo a seu lado, Miss Nelly. Parece-me que sua memória se demorará às vezes...

Não escutava, anelante e febril. A escada foi descida, mas, antes que tivéssemos a liberdade de transpô-la, pessoas subiram a bordo, homens de uniforme, da Alfândega e do Correio.

Miss Nelly balbuciou:

– Se Arsène Lupin escapou durante a travessia, não ficarei surpresa.

– Preferiu talvez a morte à desonra, e mergulhar no Atlântico a ser preso.

– Não ria – disse contrariada.

De repente, estremeci e, como ela perguntasse o que era, disse-lhe:

– Está vendo esse velhote, de pé, perto da escada?

– De guarda-chuva e sobrecasaca verde-oliva?

– É Ganimard.

– Ganimard?

– Sim, o célebre policial, que jurou prender pessoalmente Arsène Lupin. Ah! Entendo por que não houve informações deste lado do oceano. Ganimard estava aqui, e não gosta de que ninguém se meta em seus pequenos casos.

– Então é certo que pegarão Arsène Lupin?

– Quem pode dizer? Ganimard nunca o viu, parece, senão caracterizado e disfarçado. A menos que saiba o nome que está usando...

– Ah! – exclamou, com essa curiosidade um pouco cruel da mulher. – Se eu pudesse assistir à sua prisão!

– Vamos com calma. Certamente Arsène Lupin já notou a presença do seu inimigo e vai sair entre os últimos, quando os olhos do velho estiverem cansados.

Começou o desembarque. Apoiado em seu guarda-chuva, com um ar de indiferença, Ganimard não parecia prestar atenção ao povo que se comprimia entre as duas balaustradas. Observei que um oficial de bordo, postado atrás dele, informava-o de tempos em tempos.

O Marquês de Raverdan, o Major Rawson, o italiano Rivolta passaram, e outros, muitos outros...

Percebi que Rozaine se acercava.

Pobre Rozaine! Não parecia recuperado de seus infortúnios.

– Talvez seja ele, apesar de tudo – disse-me Miss Nelly. – Que acha?

– Acho que seria muito interessante reunir numa mesma foto Ganimard e Rozaine. Pegue a minha máquina, está carregada.

Dei-a, mas tarde demais para que pudesse usá-la. Rozaine passava. O oficial se inclinou ao ouvido de Ganimard, que deu de ombros suavemente – e Rozaine passou.

Mas então, meu Deus, quem era Arsène Lupin?

– Sim – disse ela em voz alta. – Quem é?

Não havia senão uma vintena de pessoas, que ela sucessivamente observava com o receio confuso de que ele não

estivesse entre esses vinte. Disse-lhe:

– Não podemos aguardar mais tempo.

Ela se adiantou e eu a segui. Não tínhamos dado dez passos e Ganimard nos barrou a passagem.

– Bem, que é isso? – protestei.

– Um momento, senhor, está apressado?

– Estou acompanhando a senhorita.

– Um momento – repetiu com voz mais imperiosa. Encarou-me profundamente e logo me disse, com os olhos nos meus: – Arsène Lupin, não é?

Pus-me a rir.

– Não, Bernard d’Andrézy, apenas.

– Bernard d’Andrézy morreu há três anos na Macedônia.

– Se Bernard d’Andrézy tivesse morrido, eu não seria mais deste mundo. E não é o caso. Eis os meus papéis.

– São os dele. Como estão com você é o que terei prazer de lhe explicar.

– Mas está louco! Arsène Lupin embarcou sob o nome de R...!

– Sim, ainda uma artimanha sua, uma pista falsa em que os lançou na França! Ah! Você é de uma bela audácia, meu humorista. Mas desta vez a sorte mudou. Vamos, Lupin, mostre-se bom jogador.

Hesitei um segundo. Com um golpe seco me bateu no antebraço direito, e dei um grito de dor. Tinha tocado no ferimento ainda não cicatrizado que o telegrama indicava.

Era preciso resignar-me. Virei-me para Miss Nelly. Ela escutava, lívida, insegura.

Seu olhar deu com o meu e logo baixou sobre a Kodak que lhe

tinha entregue. Fez um gesto brusco e tive a impressão, a certeza de que de repente havia entendido. Sim, estavam lá, entre as estreitas paredes de couro preto, dentro do pequeno objeto que eu tivera a precaução de deixar em suas mãos antes que Ganimard me prendesse, os vinte mil francos de Rozaine, as pérolas e os diamantes de Lady Jerland.

Ah, juro, neste instante solene, enquanto Ganimard e dois de seus ajudantes me cercavam, tudo me foi indiferente, a prisão, a hostilidade das pessoas, tudo, exceto isto: a decisão que ia tomar Miss Nelly a propósito do que lhe havia entregue.

Não pensei sequer em recelar que tivessem contra mim aquela prova material e decisiva, mas se Miss Nelly se decidiria a fornecê-la. Seria traído, perdido por ela? Agiria como inimiga que não perdoa ou como mulher que se lembra e cujo desprezo se suaviza com um pouco de indulgência, um pouco de simpatia involuntária?

Passou diante de mim. Cumprimentei-a discreto, sem uma palavra. Em meio a outros viajantes, dirigiu-se para a escada, com minha Kodak na mão.

Sem dúvida, pensei, não ousa em público. Mas, dentro de uma hora, de um instante, ela a entregará. Chegando, porém, à metade da escada, num movimento de inépcia simulada, deixou-a cair na água, entre o cais e o costado do navio.

Depois, afastou-se.

Seu belo vulto se perdeu na multidão, apareceu de novo e sumiu. Nossa história estava terminada, para sempre.

Por um instante permaneci imóvel, triste e ao mesmo tempo invadido por um doce enternecimento.

Depois suspirei, para grande surpresa de Ganimard:

– Que pena, afinal, não ser um cidadão honesto...

Foi assim que, numa tarde de inverno, Arsène Lupin me contou a história de sua prisão. Incidentes casuais, que um dia hei de narrar, criaram laços entre nós dois, não sei se diria de amizade. Sim, ousa acreditar que Arsène Lupin me honra com alguma amizade, e que por ela chega às vezes a minha casa sem aviso, trazendo ao silêncio de meu gabinete de trabalho sua alegria juvenil, a irradiação de sua vida ardente, seu bom humor de homem para quem o destino só reserva favores e sorrisos.

Seu retrato? Como poderia fazê-lo? Vinte vezes vi Arsène Lupin e vinte vezes foi um ser diferente que me apareceu; ou antes, o mesmo ser de que vinte espelhos me teriam dado outras tantas imagens deformadas, cada uma com olhos diferentes, uma forma de rosto, um gesto, um vulto, um caráter próprio.

– Eu mesmo – disse-me ele – não sei mais quem sou. Num espelho, não me reconheceria.

Piada, por certo, é paradoxo, mas realidade do ponto de vista daqueles que o encontram e ignoram seus recursos infinitos, sua paciência, sua arte da maquilagem, sua prodigiosa faculdade de transformar as proporções da face, alterando inclusive a relação de seus traços entre si.

– Por que – disse ele ainda – hei de ter uma aparência definida? Por que não evitar o perigo de uma personalidade sempre igual? Meus atos já me revelam bastante. – E pormenorizava com uma ponta de orgulho: – Tanto melhor que não possam nunca dizer com certeza: “Eis aqui Arsène Lupin”. O essencial é que digam sem medo de errar: “Arsène Lupin fez isso”.

São alguns desses atos, algumas dessas aventuras que procuro

reconstituir, segundo as confidências que teve a gentileza de me fazer, em noites de inverno, no silêncio do meu gabinete de trabalho...



Arsène Lupin na prisão

Não há turista digno do nome que não conheça as margens do Sena e não tenha notado, indo das ruínas de Jumièges às de Saint-Wandrille, o estranho castelinho feudal do Malaquis, tão altivamente erguido sobre a rocha, em pleno rio. A arcada de uma ponte o liga à estrada. A base de suas torrezinhas sombrias se confunde com o granito que o suporta, enorme bloco destacado de não se sabe que montanha e ali lançado por alguma terrível convulsão. Em volta, a água calma do grande rio brinca entre os juncos, e lavandiscas tremem sobre a superfície úmida dos seixos.

A história do Malaquis é rude como seu nome, áspera como seu aspecto. Combates, sítios, assaltos, rapinas e massacres. Nos serões da região de Caux, lembram-se com arrepios os crimes que ali se cometeram. Contam-se misteriosas lendas. Fala-se de um célebre subterrâneo que outrora conduzia à Abadia de Jumièges e ao solar de Agnès Sorel, a bela amante de Carlos VII.

Neste antigo covil de heróis e salteadores mora o Barão Nathan Cahorn, o Barão Satã, como antes o chamavam na Bolsa, na qual enriqueceu de um modo demasiado súbito. Os senhores do Malaquis, arruinados, tiveram de lhe vender, por uma ninharia, a mansão de seus antepassados. Instalou aí suas coleções

admiráveis de móveis e quadros, de faianças e madeiras esculpidas, e aí mora isolado, com seus três empregados. Ninguém entra no castelo nem nunca contempla, no cenário dessas salas antigas, os três Rubens que ele possui, seus dois Watteau, sua cadeira de Jean Goujon, e tantas outras maravilhas arrancadas pela força do dinheiro aos mais ricos frequentadores dos leilões públicos.

O Barão Satã tem medo. Não por si, mas pelos tesouros acumulados com uma paixão tão tenaz e uma perspicácia tão grande de amor, que os mais astutos vendedores não podem se vangloriar de ter induzido em erro. Ele ama esses tesouros com a ganância de um avaro e o ciúme de um enamorado.

Cada dia, ao cair do sol, as quatro portas reforçadas com ferros, que dão para as duas extremidades da ponte e a entrada do pátio principal, são fechadas e aferrolhadas. Ao menor choque, campainhas elétricas soariam no silêncio. Do lado do Sena, nada a temer: o rochedo se ergue a pique.

Ora, uma sexta-feira de setembro, o carteiro se apresentou como de costume à cabeça da ponte, e, segundo a regra cotidiana, foi o barão que entreabriu o pesado batente.

Examinou o homem tão minuciosamente como se não conhecesse, há anos, aquela boa cara alegre com olhos finórios de camponês, e o homem lhe disse rindo:

– Sou sempre eu, senhor barão, não outro que estivesse usando a minha blusa e o meu boné.

– Nunca se sabe – murmurou Cahorn.

O carteiro lhe entregou uma pilha de jornais e acrescentou:

– Agora, senhor barão, há algo de novo.

– Novo?

– Uma carta... e ainda registrada.

Só, sem amigos ou alguém que por ele se interessasse, o barão não recebia cartas, e imediatamente aquilo lhe pareceu um fato de mau agouro, dando lugar à preocupação. Quem seria o misterioso correspondente que vinha alcançá-lo em seu retiro?

– É preciso assinar, senhor barão.

Assinou praguejando. Pegou a carta, esperou que o carteiro desaparecesse na volta da estrada e, tendo dado alguns passos, apoiou-se contra o parapeito da ponte e rasgou o envelope. Dentro havia uma folha de papel quadriculado com um cabeçalho manuscrito: Prison de la Santé, Paris. Olhou a assinatura: Arsène Lupin. Estupefato, leu:

“Senhor Barão,

Há, na galeria que une seus dois salões, um quadro de Philippe de Champaigne de execução excelente e que me agrada muitíssimo. Seus Rubens são também do meu agrado, tanto quanto o Watteau menor. No salão da direita, destaco a credência Luís XIII, as tapeçarias de Beauvais, o velador império assinado por Jacob e o baú renascença. No da esquerda, todo o mostruário de vidro das joias e miniaturas.

Por esta vez me contentarei com esses objetos, que serão, creio, de fácil saída. Peço-lhe, pois, que os faça embalar decentemente e expedir em meu nome, com porte pago, para a estação de Batignolles, antes de oito dias. Se isso não for feito, eu próprio os deslocarei na noite de quarta-feira, 27, ou quinta, 28 de setembro, e, como é justo, não me contentarei com os objetos acima indicados.

Queira desculpar o pequeno estorvo que lhe causei e aceitar a

expressão de meus sentimentos de respeitosa consideração.

Arsène Lupin

P.S. – Sobretudo não me envie o Watteau maior. Embora tenha pago por ele trinta mil francos na Casa de Vendas, não passa de uma cópia, tendo sido o original queimado, durante o Diretório, por Barras, numa noite de orgia. Consulte as memórias inéditas de Garrat.

Não faço questão também da corrente com pedras Luís XV, cuja autenticidade me parece duvidosa.”

Esta carta transtornou o Barão Cahorn. Assinada por qualquer outro, já o teria alarmado, mas por Arsène Lupin!...

Leitor assíduo dos jornais, a par de tudo o que ocorria no mundo a propósito de roubo e crime, nada ignorava das façanhas do infernal ladrão. Por certo sabia que Lupin, preso na América por seu inimigo Ganimard, estava definitivamente encarcerado, e que tratavam de instruir o seu processo – com que trabalho! Mas sabia também que se podia esperar tudo dele. Aquele conhecimento exato do castelo, da disposição dos quadros e dos móveis, era um indício dos mais temíveis. Quem o informara sobre coisas que ninguém havia visto?

O barão ergueu os olhos e observou a linha inóspita do Malaquis, seu abrupto pedestal, a água profunda que o cercava, e deu de ombros. Não, decididamente não havia perigo. Ninguém no mundo poderia chegar ao santuário inviolável de suas coleções.

Ninguém no mundo, certo, mas e Arsène Lupin? Para ele existiriam portas, pontes levadiças, muralhas? De que serviam os obstáculos mais bem imaginados, as precauções mais hábeis, se Arsène Lupin resolvera atingir o objetivo?

Na mesma noite escreveu ao procurador da República em Rouen.

Remetia a carta de ameaças e reclamava ajuda e proteção.

A resposta não demorou: estando o citado Arsène Lupin atualmente detido na Santé, sob estrita vigilância e impossibilitado de escrever, a carta só podia ser obra de um impostor. Tudo o demonstrava, a lógica e o bom senso, assim como a realidade dos fatos. Contudo, por excesso de prudência, tinha-se mandado um perito examinar a letra e ele declarou que, apesar de certas analogias, a letra não era a do detido.

“Apesar de certas analogias” – o barão não reteve senão essas quatro palavras assustadoras, onde via a confissão de uma dúvida que, por si, deveria bastar para que a justiça interviesse. Seus receios se exasperaram. Não cessava de reler a carta: “eu próprio os deslocarei”, e aquela data precisa: na noite de quarta-feira, 27, ou quinta, 28 de setembro!...

Desconfiado e taciturno, não ousara se abrir com os empregados, cujo devotamento não lhe parecia à toda prova. No entanto, pela primeira vez em anos sentia a necessidade de falar, ser aconselhado. Abandonado pela justiça do seu país, desesperava de se defender com seus próprios recursos, e esteve a ponto de ir a Paris, implorar a assistência de algum policial experiente.

Passaram-se dois dias. No terceiro, lendo os jornais, estremeceu de contentamento. O *Le Réveil de Caudebec* publicava este tópico:

“Temos o prazer de anunciar a presença, em nossa cidade, há quase três semanas, do Inspetor Ganimard, um dos veteranos do serviço da Sûreté. O senhor Ganimard, a quem a prisão de Arsène Lupin, sua última proeza, lhe deu uma reputação europeia, descansa de suas pesadas tarefas perseguindo peixes e pássaros.”

Ganimard, eis o auxiliar que o barão procurava! Quem melhor que o manhoso e paciente Ganimard saberia desfazer os projetos de Lupin?

O barão não hesitou. Seis quilômetros separam o castelo da cidadezinha de Caudebec. Como alguém animado pela esperança de salvação, ele os transpôs num passo alegre.

Depois de várias tentativas infrutíferas de saber o endereço do inspetor, dirigiu-se ao escritório do *Réveil*, na parte do cais. Encontrou o redator do tópico, que, chegando à janela, gritou:

– Ganimard? Pode estar certo de achá-lo aí pelo cais com uma linha na mão. Foi assim que falei com ele e li por acaso seu nome gravado num caniço de pescar. Olhe, é o velhote que se vê lá embaixo, sob as árvores do passeio.

– De casaco e chapéu de palha?

– Isso! Ah, um rapaz engraçado para conversar, e cabeçudo.

Cinco minutos depois, o barão abordava o célebre Ganimard, apresentando-se e buscando puxar conversa. Não conseguindo, entrou francamente na questão e expôs seu caso.

O outro escutou, imóvel, sem perder de vista o peixe que estava espreitando. Enfim, virou a cabeça para ele, mediu-o de alto a baixo com ar de profunda piedade e pronunciou:

– Senhor, não é costume prevenir as pessoas que se quer despojar. Arsène Lupin, especialmente, não cometeria patranha semelhante.

– No entanto...

– Senhor, se eu tivesse a mínima dúvida, acredite que o prazer de prender outra vez esse caro Lupin superaria qualquer outra consideração. Infelizmente, esse jovem está aferrolhado.

- Se fugir?...
- Não se foge da Santé.
- Mas ele...
- Ele não mais que outro qualquer.
- No entanto...
- Pois bem, se fugir, tanto melhor, eu o agarrarei de novo.

Enquanto isso, durma tranquilo e não me espante mais este peixe.

A conversa tinha terminado. O barão voltou para casa, até certo ponto acalmado pela despreocupação de Ganimard. Verificou as fechaduras, espionou os criados, e quarenta e oito horas se passaram em que chegou quase a se persuadir de que, em suma, seus receios eram quiméricos. Não, sem dúvida, como tinha dito Ganimard, não se previne a quem se deseja roubar.

A data se aproximava. Na manhã de terça-feira, véspera do dia 27, nada de particular. Mas às três da tarde um menino tocou a campainha. Trazia um telegrama: “Nenhuma encomenda na estação de Batignolles. Prepare tudo para amanhã à noite. Arsène”.

Foi o enlouquecimento outra vez, a ponto de se perguntar se não faria melhor cedendo às exigências de Arsène Lupin.

Correu a Caudebec. Ganimard pescava no mesmo lugar, sentado num banquinho desmontável. Sem uma palavra, mostrou-lhe o telegrama.

- E daí? – disse o inspetor.
- Daí? Mas é para amanhã!
- O quê?
- O furto! A pilhagem de minhas coleções!

Ganimard largou sua linha, virou-se para ele e, com os dois braços cruzados sobre o peito, exclamou com impaciência:

– Ah! Isso! O senhor imagina que vou me ocupar com uma história tão estúpida!

– Quanto quer para ficar no castelo durante a noite de 27 a 28 de setembro?

– Nem um centavo, deixe-me em paz.

– Dê o seu preço, sou rico, muito rico.

A brutalidade da oferta desconcertou Ganimard, que prosseguiu mais calmo:

– Estou aqui de férias e não tenho o direito de me meter...

– Ninguém saberá. Eu me comprometo, aconteça o que acontecer, a guardar silêncio.

– Oh! Não acontecerá nada.

– Bem, vejamos, três mil francos bastam?

O inspetor aspirou uma pitada de tabaco, refletiu e acedeu:

– Seja. Apenas devo lhe declarar lealmente que é dinheiro jogado pela janela.

– Não me importa.

– Nesse caso... E afinal, o que se sabe desse demônio do Lupin! Deve ter às suas ordens todo um bando... tem confiança em seus criados?

– Até certo ponto.

– Então não contemos com eles. Vou chamar pelo telégrafo dois dispostos amigos meus, que nos darão mais segurança... E agora, ande, para que não nos vejam juntos. Até amanhã, pelas nove horas.

No dia seguinte, data marcada por Arsène Lupin, o Barão Cahorn despregou sua panóplia, poliu suas armas e passeou em volta do Malaquis, sem vislumbrar nada de equívoco.

À noite, às oito e meia, dispensou os criados. Ocupavam uma ala de frente para a estrada, mas um pouco para trás e bem no fim do castelo. Uma única vez, abriu docemente as quatro portas. Decorrido um tempo, escutou passos que se aproximavam.

Ganimard apresentou seus dois auxiliares, rapazes grandes e sólidos, com pescoço taurino e mãos fortes, e a seguir pediu certas explicações. Tendo-se dado conta da disposição dos lugares, fechou cuidadosamente e barricou todas as saídas por que se pudesse entrar nas salas ameaçadas. Inspecionou as paredes, ergueu os tapetes, e colocou enfim seus agentes na galeria central.

– Nada de brincadeiras, hem? Não estamos aqui para dormir. Ao menor alerta, abram as janelas do pátio e me chamem. Prestem também atenção ao lado da água. Demônios do calibre dele não se assustam com dez metros de falésia reta. – Fechou-os, levou as chaves e disse ao barão: – Agora, ao nosso posto.

Escolhera, para passar a noite, uma pecinha feita na espessura das muralhas exteriores, entre as duas principais, e que era outrora o reduto do vigia. Uma abertura dava para a ponte, outra para o pátio. Num canto se notava um orifício como o de um poço.

– Não me disse, senhor barão, que este poço era a única entrada dos subterrâneos e que há muitíssimo tempo foi tapado?

– Sim.

– De modo que, a menos que exista outra saída desconhecida de todos, salvo de Arsène Lupin, o que parece bem problemático, estamos tranquilos.

Alinhou três cadeiras, estendeu-se confortavelmente, acendeu seu cachimbo e suspirou:

– Com efeito, senhor barão, foi preciso que eu estivesse louco

para aumentar um andar na casinha em que devo terminar meus dias para aceitar uma tarefa tão simples. Contarei a história ao amigo Lupin; vai agarrar as costelas de tanto rir.

O barão não ria. Com os ouvidos despertos, interrogava o silêncio com crescente inquietação. De vez em quando, inclinava-se sobre o poço e mergulhava no buraco um olhar ansioso.

Onze horas, meia-noite, uma hora bateram.

Súbito, pegou o braço de Ganimard, que despertou num sobressalto.

– Está ouvindo?

– Sim.

– Que é isso?

– Sou eu que ronco!

– Não, ouça...

– Ah, realmente, é o ruído de um automóvel.

– E então?

– Então é pouco provável que Lupin se sirva de um automóvel como de um aríete para demolir o seu castelo. Assim, senhor barão, no seu lugar, eu dormiria... como vou ter a honra de voltar a fazer. Boa noite.

Foi o único alerta. Ganimard pôde retomar seu sono interrompido, e o barão não ouviu mais que aquele ronco sonoro e regular.

De manhãzinha, saíram de sua cela. Uma grande paz serena, a paz da manhã à beira da água fresca, envolvia o castelo. Cahorn, radiante de alegria, e Ganimard, sempre tranquilo, subiram a escada. Nenhum ruído. Nada de suspeito.

– Que lhe tinha dito, senhor barão? No fundo, não devia ter aceito, estou envergonhado...

Pegou as chaves e entrou na galeria. Em duas cadeiras, curvados, com os braços caídos, os dois agentes dormiam.

– Diabos os levem! – rosnou o inspetor.

Ao mesmo tempo o barão dava um grito:

– Os quadros!... A credência!... – Ele balbuciava, sufocava, com a mão estendida para os espaços vazios, as paredes despojadas, onde apontavam pregos de que pendiam cordas inúteis. O Watteau desaparecido! Os Rubens levados! As tapeçarias despregadas! Os mostruários esvaziados de suas joias! – E meus candelabros Luís XVI!... E o castiçal do Regente!... E a minha Virgem do século VII!...

Corria de um lugar a outro, assustado, desesperado. Lembrava os preços que pagara, somava as perdas sofridas, acumulava cifras, tudo isso misturado, em palavras indistintas, frases inacabadas. Sapateava e entrava em convulsões, louco de raiva e de dor. Parecia um homem arruinado, a quem só restasse dar um tiro na cabeça.

Se alguma coisa pudesse consolá-lo, teria sido ver o estupor de Ganimard. Ao contrário do barão, o inspetor não se movia. Dir-se-ia petrificado, e com um olhar vago examinava as coisas. As janelas? Fechadas. As fechaduras das portas? Intactas. Nenhuma brecha no forro ou buraco no soalho. A ordem era perfeita. Tudo isso deveria ter sido executado metodicamente, segundo um plano inexorável e lógico.

– Arsène Lupin... Arsène Lupin – murmurou, desfeito. De repente saltou sobre os dois agentes, como se a cólera enfim o sacudisse, empurrou-os furiosamente e injuriou-os. Não tinham acordado! – Diabo – disse –, será que, por acaso?... – Inclinou-se sobre eles e observou um e outro com atenção: dormiam, mas um sono que não

era natural. Disse ao barão: – Fez com que dormissem.

– Mas quem?

– Ah, ele, por Deus!... Ou o seu bando, mas sob a direção dele. É um golpe no seu estilo. Sente-se a sua garra.

– Nesse caso estou perdido, não há mais nada a fazer.

– Nada a fazer.

– Mas é detestável, monstruoso.

– Apresente uma queixa.

– Para quê?

– Ora! Tente. A justiça tem recursos.

– A justiça! Mas está vendo por si mesmo... repare: neste instante, em que poderia procurar um indício, descobrir alguma coisa, nem mesmo se move.

– Descobrir alguma coisa, com Arsène Lupin! Mas, meu caro senhor, Arsène Lupin não deixa nada atrás de si. O acaso não existe para ele. Eu me pergunto se não foi deliberadamente que se fez prender por mim na América!

– Então, devo desistir de meus quadros, de tudo! Mas são as pérolas da minha coleção que ele levou! Pagaria uma fortuna para reavê-las. Se não se pode nada contra ele, que diga o seu preço!

Ganimard o olhou fixamente.

– Essa é uma atitude sensata. Vai mantê-la?

– Não, não, não. Mas por quê?

– Uma ideia que tive.

– Qual?

– Voltaremos a falar nisso, se o inquérito não chegar a nada. Apenas, nenhuma palavra sobre mim, se quiser que eu tenha êxito.

– Acrescentou entre dentes: – Além disso, eu em verdade não tenho

do que me gabar.

Os dois agentes voltaram a si pouco a pouco, com esse ar embotado dos que saem de um sono hipnótico. Abriam os olhos, pasmados, e procuravam entender. Quando Ganimard os interrogou, não se lembravam de nada.

– Tinham de ter visto alguém, no entanto.

– Não.

– Lembram-se?

– Não, não.

– E não beberam?

Refletiram, e um deles respondeu:

– Sim, bebi um pouco d'água.

– Desta jarra?

– Sim.

– Eu também – declarou o segundo.

Ganimard a cheirou, provou. Não tinha nenhum gosto especial, nenhum odor.

– Vamos – afirmou –, estamos perdendo tempo. Não é em cinco minutos que se resolvem os problemas colocados por Arsène Lupin. Mas, com os diabos, juro que o prenderei de novo. Ganha a segunda partida. Eu, a negra!

No mesmo dia, uma queixa de roubo qualificado era apresentada pelo Barão Cahorn contra Arsène Lupin, detido na Santé!

Essa queixa, o barão muitas vezes a lamentou ao ver o Malaquis entregue aos guardas, ao procurador, ao juiz de instrução, aos jornalistas, a todos os curiosos que se insinuam em toda parte em que não deveriam estar.

O caso apaixonava a opinião pública. Produzira-se em

circunstâncias tão incomuns, o nome de Arsène Lupin excitava tanto as imaginações, que as histórias mais fantasiosas enchiam as colunas dos jornais e encontravam crédito junto ao público.

Mas a carta inicial de Arsène Lupin – que o *Écho de France* publicou sem que ninguém nunca ficasse sabendo quem lhe comunicara o texto –, a carta em que o Barão Cahorn era descaradamente prevenido do que o ameaçava, causou considerável emoção. De imediato fabulosas explicações foram propostas. Recordou-se a existência dos famosos subterrâneos, e a justiça, influenciada, dirigiu suas buscas nesse sentido.

Devassaram o castelo de alto a baixo. Desconfiavam de cada pedra. Estudavam os lambris e as chaminés, as esquadrias dos vidros e as traves dos forros. À luz de tochas, examinaram as vastas adegas, onde os senhores do Malaquis antigamente amontoavam suas munições e provisões. Sondaram as entranhas do rochedo. Tudo embalde. Não se achou o menor vestígio de subterrâneo, nem existia passagem secreta.

Seja, respondiam de todos os lados, mas móveis e quadros não se evolum como fantasmas. Passam por portas ou janelas, e as pessoas que deles se apossam entram e saem igualmente por portas e janelas. Quem eram essas pessoas? Como se introduziram no castelo? Como foram embora?

A justiça de Rouen se convenceu de que não podia sozinha com o caso e solicitou o auxílio de agentes parisienses. O senhor Dudouis, o chefe da Sûreté, enviou seus melhores pesquisadores, e ele próprio passou quarenta e oito horas no Malaquis. Não descobriram nada.

Chamou então à sua presença o Inspetor Ganimard, de que tinha

tantas vezes tido a oportunidade de admirar o trabalho.

Ganimard escutou em silêncio as instruções do superior e a seguir, oscilando a cabeça, afirmou:

– Julgo que se vai no caminho errado teimando em vasculhar o castelo. A solução está em outra parte.

– Aonde?

– Junto a Arsène Lupin.

– Junto a Lupin! Supor isso é admitir sua intervenção.

– Eu admito. E mais: considero certa.

– Vamos, Ganimard, isso é absurdo. Arsène Lupin está preso.

– Preso, vá. Vigiado, concedo. Mas tivesse ferros nos pés, cordas nos pulsos e uma mordaca na boca, eu não mudaria de parecer.

– E a razão para se obstinar assim?

– Porque apenas Arsène Lupin é capaz de planejar um golpe dessa envergadura, e planejar de tal maneira que tivesse êxito... como teve.

– Palavras, Ganimard!

– Que são realidades. Em suma, que não se busquem subterrâneos, pedras girando sobre goncos e outras futilidades desse porte. Nosso homem não emprega processos tão vetustos. É de hoje, ou antes, de amanhã.

– E o que conclui daí?

– Solicitar-lhe claramente a autorização de passar uma hora com ele.

– Em sua cela?

– Sim. De volta da América estabelecemos, durante a travessia, excelentes relações, e ousa afirmar que tem alguma simpatia por aquele que conseguiu prendê-lo. Se puder me informar sem se

comprometer, não hesitará em me evitar uma viagem inútil.

Passava do meio-dia quando Ganimard foi introduzido na cela de Arsène Lupin. Este, deitado, ergueu a cabeça e soltou um grito de contentamento.

– Ah, que surpresa... o nosso querido Ganimard aqui!

– Ele mesmo.

– Desejava muitas coisas no retiro que escolhi, mas nenhuma mais ardentemente do que nele recebê-lo.

– É gentil demais.

– Mas não, não, tenho por você uma grande estima.

– Eu me orgulho por isso.

– Sempre achei que Ganimard era o nosso melhor detetive, valendo quase, vê só que sou franco, quase Sherlock Holmes. Fico chateado de só poder lhe oferecer este banquinho. E nem mesmo um refresco, um copo de cerveja. Desculpe, mas estou aqui de passagem. – Ganimard se sentou sorrindo, e o prisioneiro prosseguiu, feliz por falar: – Meu Deus, como me alegra descansar os olhos no rosto de um homem honesto! Não aguento mais essas caras de espiões e delatores que passam revista dez vezes por dia em meus bolsos e em minha modesta cela, para ter certeza de que não estou preparando uma evasão. Puxa, como o governo se preocupa comigo!...

– E tem razão...

– Mas não. Seria tão feliz se me deixassem viver no meu cantinho!

– Com o dinheiro dos outros.

– Não é? Isso seria tão simples! Mas fico dizendo bobagens quando você talvez esteja com pressa. Vamos ao que interessa, Ganimard! Que é que me valeu a honra de uma visita?

- O caso Cahorn – declarou Ganimard, sem rodeios.
 - Alto lá! Um momento... tenho tantos casos! Deixe-me primeiro procurar na minha cabeça os autos do caso Cahorn... ah, aqui está: caso Cahorn, Castelo do Malaquis, parte baixa do Sena. Dois Rubens, um Watteau e alguns objetos miúdos.
 - Miúdos!
 - Oh, palavra, tudo isso é de menor importância. Há coisas muito melhores! Mas basta que o caso lhe interesse... Fale, Ganimard.
 - Devo explicar-lhe em que ponto estamos da instrução do caso?
 - É dispensável, li os jornais desta manhã. E até me permitiria dizer que não estão avançando depressa.
 - É justamente a razão pela qual venho contar com a sua bondade.
 - Às suas ordens.
 - Em primeiro lugar isto: o assunto foi realmente orientado por você?
 - De A a Z.
 - A carta de aviso, o telegrama?
 - São deste seu servidor. Devo ter mesmo em alguma parte os recibos postais.
- Arsène abriu a gaveta de uma mesinha de madeira-branca, que compunha, com a cama e o banco, todo o mobiliário da cela, pegou dois pedacinhos de papel e os estendeu a Ganimard.
- Ah, isso! – exclamou esse. – Mas eu o julgava sob estreita vigilância e revistado a todo momento. No entanto, você lê jornais, coleciona recibos do correio...
 - Xi, esses sujeitos são tão bobos! Descosem a bainha da minha roupa, exploram a sola dos meus sapatos, auscultam as paredes

desta peça, mas nenhum tem a ideia de que Arsène Lupin seja simplório a ponto de escolher um esconderijo tão fácil. Contei com isso.

Ganimard, divertido, bradou:

– Que diabo de rapaz! Você me desconcerta. Vamos, conte a aventura.

– Oh, oh... você anda muito depressa! Iniciá-lo nos meus segredos, revelar-lhe meus expedientes... é grave.

– Será que me enganei confiando em sua complacência?

– Não, Ganimard, e já que insiste... – Arsène Lupin percorreu duas ou três vezes o quarto e, detendo-se: – Que acha da minha carta ao barão?

– Creio que você quis se divertir, deslumbrar um pouco o público.

– Ah, vejam só, deslumbrar o público! Pois bem, asseguro-lhe, Ganimard, que o julgava mais esperto. Acha que vou perder tempo com tais puerilidades, eu, Arsène Lupin? Teria escrito aquela carta, se pudesse furtar o barão sem ela? Têm de entender, você e os outros, que a carta é o ponto de partida indispensável, a mola que pôs a máquina em movimento. Vamos pela ordem e preparemos juntos, se quiser, o assalto do Malaquis.

– Estou ouvindo.

– Suponhamos um castelo rigorosamente fechado e defendido como era o do Barão Cahorn. Devo abandonar a partida e renunciar a tesouros que cobiço, sob o pretexto de que o castelo que os contém é inacessível?

– Evidente que não.

– Devo tentar o assalto como antigamente, à frente de uma tropa de aventureiros?

- Infantil!
- Devo me introduzir sorrateiramente?
- Impossível.
- Sobra um meio, o único, na minha opinião: fazer-me convidar pelo proprietário do castelo.
- O meio é original.
- E que fácil! Imaginemos que um dia o mencionado proprietário receba uma carta, advertindo-o do que trama contra ele um sujeito chamado Arsène Lupin, reputado ladrão. Que fará?
- Mandará a carta ao procurador.
- Que zombará dele, já que o citado Lupin está atualmente aferrolhado. Portanto, o bom homem fica fora de si, capaz de pedir socorro ao primeiro que apareça, não é certo?
- Fora de dúvida.
- E se lhe acontece ler num jornalzinho qualquer que um policial célebre passa as férias na localidade vizinha...
- Correrá a esse policial.
- Exato. Por outro lado, admitamos que, prevendo essa inevitável iniciativa, Arsène Lupin tenha pedido a um de seus mais hábeis amigos para se instalar em Caudebec e se relacionar com um redator do *Réveil*, jornal que o barão assina, deixando o jornalista concluir que é aquele conhecido policial; o que ocorreria?
- Que o homem anunciaria no *Réveil* a presença em Caudebec do aludido policial.
- Perfeito, e das duas uma: ou o peixe, quero dizer, Cahorn, não morde a isca e nada se passa ou então, e é a hipótese mais verossímil, acontece inquirido. E eis o meu Cahorn suplicando contra mim a assistência de um dos meus amigos.

– Cada vez mais original.

– É claro que o pseudopolicial recusa de início cooperar. Vem o telegrama de Arsène Lupin. Susto do barão, que implora de novo ao meu amigo, e lhe oferece um tanto para velar por sua imunidade. Meu amigo aceita; leva dois malandros do nosso bando, que, de noite, enquanto Cahorn é guardado à vista de seu protetor, transportam pela janela certo número de objetos e os fazem descer, com a ajuda de cordas, a uma boa lanchinha fretada. É simples como Lupin.

– E é tudo completamente maravilhoso – bradou Ganimard. –

Nunca acabaria de elogiar a ousadia da concepção e a engenhosidade dos detalhes. Mas não vejo que policial seria tão conhecido para que seu nome pudesse atrair e suggestionar o barão a tal ponto.

– Existe um, e não mais que um.

– Qual?

– O mais notável, o inimigo pessoal de Arsène Lupin, em suma, o Inspetor Ganimard.

– Eu!

– Você mesmo, Ganimard. E eis o delicioso: se for até lá e o barão se decidir a falar, acabará descobrindo que seu dever é prender a você mesmo, como me prendeu na América! Que tal? A revanche é cômica: faço prender Ganimard por Ganimard!

Arsène Lupin ria abertamente. O inspetor, molestado, mordia os lábios. A brincadeira não lhe parecia merecer tal acesso de júbilo.

A chegada de um guarda lhe deu o tempo de se recompor. O homem trazia a refeição que Arsène Lupin, por favor especial, encomendara do restaurante mais perto. Deixando a bandeja na

mesa, retirou-se. Arsène sentou-se, partiu o pão, deu duas ou três dentadas e prosseguiu:

– Mas fique tranquilo, caro Ganimard, não terá que ir lá. Vou lhe revelar uma coisa que o deixará assombrado: o caso Cahorn está à beira de ser arquivado.

– Hem?

– Arquivado, digo-lhe.

– Vamos, deixei há pouco o chefe da Sûreté...

– E daí? Será que o senhor Dudouis saberá mais que eu sobre o que me diz respeito? Fique sabendo que Ganimard... desculpe... o falso Ganimard continua nos melhores termos com o barão. Este, e é o principal motivo por que nada confessou, encarregou-o da delicadíssima tarefa de negociar comigo uma transação, e, neste momento, mediante certa soma, é provável que o barão tenha entrado na posse de suas queridas miudezas. Compensando isso, retirará sua queixa. De modo que não há mais roubo, e será preciso que a justiça abandone o caso.

Ganimard encarou estupefato o detido.

– E como sabe disso tudo?

– Acabo de receber a mensagem que esperava.

– Recebeu uma mensagem?

– Neste instante, caro amigo. Por polidez, não a quis ler na sua presença. Mas se me autoriza...

– Você está caçoando de mim.

– Queira, caro amigo, decapitar suavemente este ovo cozido. Verá por si mesmo que não estou caçoando.

Maquinalmente, Ganimard obedeceu, quebrando o ovo com a lâmina de uma faca. Um grito de surpresa lhe escapou. A casca

vazia continha uma folha de papel azul. A pedido de Arsène, desdobrou-a. Era um telegrama, ou antes, a parte de um telegrama de que se tinham cortado as indicações postais. Leu:

“Acordo concluído. Cem mil bolas entregues. Tudo vai bem.”

– Cem mil bolas?

– Sim, cem mil francos! É pouco, mas, enfim, os tempos estão difíceis... E tenho despesas gerais tão pesadas! Se conhecesse meu orçamento... um orçamento de cidade grande!

Ganimard se levantou. Seu mau humor desaparecera. Refletiu uns segundos, olhando em conjunto o caso para descobrir seu ponto fraco. Em seguida disse, num tom em que deixava francamente transparecer a sua admiração de experiente no assunto:

– Felizmente não existe uma dúzia como você, senão teríamos de fechar a loja.

Arsène Lupin tomou um ar modesto e respondeu:

– Bem que era preciso me divertir um pouco, ocupar os lazes... Ainda mais que se tratava de um golpe que não podia ter êxito se eu não estivesse preso.

– Como! – saltou Ganimard. – Seu processo, sua defesa, a instrução, tudo isso não basta para distraí-lo?

– Não, porque resolvi não assistir ao meu processo.

– Oh! Oh!

Arsène Lupin repetiu positivo:

– Não assistirei ao meu processo.

– Essa agora!

– Essa, meu caro. Imagina que vou apodrecer sobre a palha úmida?! Você me ofende. Arsène Lupin não fica na cadeia além do tempo que lhe agrada, e nem um minuto a mais.

– Teria sido mais prudente começar por não entrar nela – objetou o inspetor, irônico.

– Ah, graceja? Lembra que teve a honra de levar a efeito a minha prisão? Saiba, respeitável amigo, que ninguém, tanto você quanto qualquer outro, teria podido pôr a mão em mim, se um interesse bem mais considerável não me tivesse solicitado naquele momento crítico.

– Você me surpreende.

– Uma mulher me olhava, Ganimard, e eu a amava. Entende tudo o que há no fato de ser olhado por uma mulher que se ama? O resto importava pouco, juro. E por isso estou aqui.

– Há bastante tempo, permita que observe.

– Primeiro, queria esquecer. Não ria: a aventura tinha sido cativante, e eu conservava ainda a terna lembrança... depois, sou um pouco neurastênico. A vida é tão febril em nossos dias! Cumpre, em certos momentos, saber o que se chama cura de solidão. Este lugar é o máximo para regimes dessa espécie. Faz-se aqui a cura da Santé rigorosamente.

– Arsène Lupin – observou Ganimard –, você está me julgando tolo.

– Ganimard – contestou ele –, estamos hoje na sexta-feira. Quarta que vem, irei fumar o meu charuto na sua casa, na Rua Pergolèse, às quatro da tarde.

– Estarei esperando, Arsène Lupin.

Apertaram as mãos como bons amigos que se estimam em seu justo valor, e o velho policial se dirigiu para a porta.

– Ganimard!

Ele se voltou.

- Que foi?
- Esqueceu o seu relógio.
- Meu relógio?
- Sim, ele se perdeu no meu bolso. – Entregou-o, desculpando-se:
- Perdoe... um mau hábito... porque tiraram o meu, não é razão para que eu o prive do seu. Ainda mais que tenho aí um cronômetro de que não posso me queixar e que satisfaz plenamente minhas necessidades.

Tirou da gaveta um grande relógio de ouro, grosso e confortável, ornado com uma pesada corrente.

- E este, de que bolso veio? – perguntou Ganimard.

Arsène Lupin examinou descuidadamente as iniciais.

- J. B... Quem diabo poderia ser?... Ah! Sim, lembro, Jules Bouvier, o meu juiz de instrução, um homem cativante...



A fuga de Arsène Lupin

No momento em que Arsène Lupin, tendo terminado de comer, tirou do bolso um belo charuto de anel dourado, examinando-o com satisfação, a porta da cela se abriu. Teve só o tempo de jogá-lo na gaveta e se afastar da mesa. O guarda entrou, era a hora do passeio.

– Esperava-o, caro amigo – bradou Lupin, sempre de bom humor.

Saíram. Mal desapareceram no ângulo do corredor, dois homens por sua vez penetraram na cela e iniciaram um exame minucioso. Um era o Inspetor Dieuzy, outro o Inspetor Folenfant.

Queriam acabar com aquilo. Não havia dúvida: Arsène Lupin mantinha entendimentos com o exterior e se comunicava com seus adeptos. Ainda na véspera, o *Grand Journal* publicara estas linhas dirigidas ao responsável pela seção de tribunais:

“Senhor,

Num artigo aparecido por esses dias, exprimiu-se a meu respeito em termos que nada poderia justificar. Dias antes da abertura de meu processo, irei lhe pedir contas. Distintas saudações.

Arsène Lupin.”

A escrita era bem de Arsène Lupin. Então, enviava cartas e as

recebia. Então, era certo que preparava a fuga que anunciara de modo tão arrogante.

A situação se fazia intolerável. De acordo com o juiz de instrução, o chefe da Sûreté, senhor Dudouis, foi pessoalmente à Santé para expor ao diretor da prisão as medidas que convinha tomar. E já ao chegar enviou dois homens à cela do detido.

Levantaram cada uma das lajes, desmontaram a cama, fizeram tudo o que é de costume fazer num caso semelhante, e não descobriram nada. Iam renunciar às investigações, quando o guarda correu a toda pressa e lhes disse:

– A gaveta... olhem a gaveta da mesa. Quando entrei, pareceu-me que a fechava.

Olharam, e Dieuzy exclamou:

– Por Deus, desta vez pegamos o homem.

Folenfant o deteve.

– Alto aí, meu filho, o chefe fará o inventário.

– Mas este charuto de luxo...

– Deixe o havana e vamos avisar o chefe.

Dois minutos após, o senhor Dudouis examinava a gaveta. Achou primeiro um maço de artigos de jornais selecionados pelo *Argus de la Presse* e que se referiam a Arsène Lupin, em seguida uma bolsa de fumo, um cachimbo, papel chamado pele de cebola e enfim dois livros.

Olhou os títulos. Eram *O culto dos heróis*, de Carlyle, em edição inglesa, e um elzevir encantador, com encadernação da época, do *Manual de Epíteto*, numa tradução alemã publicada em Leyde em 1634. Folheando-os, constatou que todas as páginas estavam marcadas, sublinhadas, anotadas. Seriam sinais em código ou

dessas marcas que mostram o entusiasmo que se tem por um livro?

– Vamos ver isso em pormenor – disse o senhor Dudouis. Examinou a bolsa de fumo, o cachimbo. A seguir, pegando o imponente charuto de anel dourado: – Puxa, nosso amigo se trata bem: um Henri Clay!

Com um gesto maquinal de fumante, levou-o ao ouvido e o fez estalar. Uma exclamação lhe escapou. O charuto cedera à pressão de seus dedos. Examinou-o com atenção e não tardou a descobrir algo branco entre as folhas de fumo. Delicadamente, com ajuda de um alfinete, extraiu um rolo de papel muito fino, da grossura de um palito. Era um bilhete. Desenrolou-o e leu estas palavras numa escrita miúda de mulher:

“O cesto tomou o lugar do outro. Oito sobre dez estão preparados. Apoiando no pé exterior, a placa se levanta de alto a baixo. De doze a dezesseis todos os dias, H-P esperará. Mas onde? Resposta imediata. Esteja tranquilo, sua amiga vela pelo senhor.”

Dudouis pensou um momento e disse:

– Está bastante claro... o cesto... as oito cabanas... de doze a dezesseis, é do meio-dia às quatro...

– Mas este *H-P*, quem esperará?

– *H-P*, no caso, deve significar automóvel, *H-P*, *horse power*, não é assim que em linguagem desportiva se designa a força de um motor? Um vinte e quatro *H-P* é um automóvel com vinte e quatro cavalos. – Levantou-se e perguntou: – O detido acabou de almoçar?

– Sim.

– Como não tinha ainda lido essa mensagem, como prova o estado do charuto, é provável que acabasse de recebê-la.

– Como?
– Nos alimentos, no miolo do pão ou numa batata, que sei?
– Impossível, só lhe autorizamos que mandasse vir suas refeições para que caísse numa armadilha, mas não encontramos nada.

– Procuraremos à noite a resposta de Lupin. De momento, retenham-no fora da cela. Vou levar isso ao senhor juiz de instrução. Se concordar comigo, faremos imediatamente fotografar a carta e dentro de uma hora podemos repor na gaveta, com os outros objetos, um charuto idêntico, contendo a própria mensagem original. Convém que o detido não desconfie de nada.

Não sem certa curiosidade, o senhor Dudouis voltou à noite ao escritório da Santé em companhia do Inspetor Dieuzy. Num canto, em cima da estufa, estavam três pratos.

– Ele comeu?
– Sim – respondeu o diretor.
– Dieuzy, queira cortar em pedaços bem finos estas tiras de macarrão e abrir este pãozinho... nada?
– Não, chefe.

Dudouis examinou os pratos, o garfo, a colher, a faca, uma faca comum de lâmina redonda. Virou o cabo à esquerda, depois à direita. À direita, cedeu e desparafusou. Era oco e servia de estojo a uma folha de papel.

– Ora! – Sorriu. – Não é assim tão sagaz, para um homem como Arsène. Mas não percamos tempo. Você, Dieuzy, vá investigar esse restaurante. – A seguir leu: – “Ponho-me em suas mãos. H-P seguirá de longe cada dia. Irei na frente. Até logo, cara e admirável amiga”.

– Enfim – exclamou o senhor Dudouis, esfregando as mãos –,

acho que o caso está bem encaminhado. Um empurrãozinho de nossa parte e a evasão tem êxito... bastante ao menos para nos permitir prender os cúmplices.

– E se Arsène Lupin nos escorrega por entre os dedos? – objetou o diretor.

– Empregaremos o número de homens necessário. Se, no entanto, ele demonstrar habilidade demais... palavra, pior para ele! Quanto ao bando, já que o chefe se recusa a falar, os outros falarão.

De fato, Arsène Lupin não falava muito. Há meses, o senhor Jules Bouvier, o juiz de instrução, nesse sentido se esforçava em vão. Os interrogatórios se reduziram a colóquios desprovidos de interesse entre o juiz e o advogado Danval, um dos príncipes do foro, o qual aliás sabia sobre o inculpado mais ou menos tanto quanto qualquer um.

Uma vez ou outra, por gentileza, Arsène Lupin deixava escapar:

– Mas, sim, senhor juiz, estamos de acordo: o roubo do Crédit Lyonnais, o da Rua de Babylone, a emissão de notas falsas, o caso das apólices de seguro, o furto dos castelos de Armesnil, Gouret, Imblevain, Groselliers e Malaquis, tudo isso, tudo isso é obra deste vosso servidor.

– Então pode me explicar...

– Inútil, confesso tudo em conjunto, tudo, e mesmo dez vezes mais do que pode supor.

Cansado de insistir, o juiz suspendera seus interrogatórios enfadonhos. Tendo conhecimento dos dois bilhetes interceptados, retomou-os. E regularmente, ao meio-dia, Arsène Lupin era levado da Santé à Casa de Detenção, na viatura penitenciária, com certo número de detidos. Voltavam pelas três ou quatro horas.

Uma tarde, essa volta se realizou em condições particulares. Não tendo os outros presos sido ainda interrogados, decidiu-se levar primeiro Arsène Lupin. Subiu, pois, sozinho na viatura.

Esses veículos penitenciários, vulgarmente chamados “pratos de salada”, são divididos ao comprido por um corredor central, no qual se abrem dez compartimentos, cinco à direita e cinco à esquerda. Cada um está disposto de tal modo que se tem de ficar sentado, e os cinco prisioneiros, além de só dispor cada um de um lugar estreitíssimo, estão separados uns dos outros por tabiques paralelos. Um guarda, colocado na extremidade, vigia o corredor.

Arsène foi metido na terceira cela da direita, e o pesado carro arrancou. Deu-se conta de que deixavam a Praça de l’Horloge e passavam diante do Palácio da Justiça. Então, em meio à Ponte Saint-Michel, premiu o pé direito, tal como fazia toda vez, sobre a placa de ferro que fechava sua celinha. Em seguida, alguma coisa funcionou, a placa se afastou insensivelmente. Pôde constatar que se achava exatamente entre as duas rodas.

Aguardou, com o olhar à espreita. O carro subiu devagar o Boulevard Saint-Michel. No cruzamento com Saint-Germain, parou. O cavalo de uma charrete caíra no chão e, com o trânsito interrompido, logo se formou uma aglomeração de carruagens e de ônibus.

Arsène Lupin pôs a cabeça para fora. Outra viatura penitenciária estacionava ao lado da que ocupava. Levantou mais a cabeça, pôs o pé sobre um dos raios da grande roda e saltou em terra.

Um cocheiro o viu, caiu na gargalhada, quis em seguida chamar a atenção, mas sua voz se perdeu no barulho dos veículos, que se escoavam novamente. E Arsène Lupin já estava longe.

Deu uns passos correndo, mas, na calçada esquerda, voltou-se, olhou em volta de si, parecendo auscultar a direção do vento, como alguém que ainda não sabe bem que direção seguir. Logo, decidido, pôs as mãos nos bolsos e, com o ar negligente de quem passeia, continuou a subir a avenida.

O clima era doce, um clima leve e feliz de outono. Os cafés cheios. Sentou na esplanada de um deles. Pediu um chope e um maço de cigarros. Esvaziou o copo aos bocadinhos, fumou tranquilamente um cigarro, acendeu outro. Enfim, levantando-se, pediu ao garçom que chamasse o gerente.

Este veio e Arsène Lupin lhe disse, bastante alto para ser ouvido por todos:

– Estou aborrecido, senhor, esqueci a carteira. Mas quem sabe meu nome lhe é bastante conhecido para que consinta em me abrir um crédito por uns dias: Arsène Lupin. – O gerente o olhou, julgando tratar-se de um gracejo. Mas Arsène repetiu: – Lupin, detido na Santé, atualmente em estado de evasão. Ouso crer que esse nome lhe inspire toda a confiança.

E afastou-se em meio aos risos, sem que o outro pensasse em reclamar.

Atravessou a Rua Soufflot e tomou a Rua Saint-Jacques. Seguiu tranquilamente, parando nas vitrinas e fumando cigarros. No Boulevard de Port-Royal, orientou-se, informou-se e foi direito à Rua de la Santé. As altas paredes monótonas da prisão logo apareceram. Contornou-as, chegou junto ao guarda que estava à porta e, tirando o chapéu, perguntou:

– É aqui a Santé?

– Sim.

– Desejaria voltar à minha cela. O carro me abandonou no caminho e não desejo abusar...

O rapaz resmungou:

– Ande, homem, vá indo, e depressinha, hem?

– Perdão, perdão! Acontece que meu caminho passa por esta porta. E se impedir Arsène Lupin de atravessá-la, pode lhe custar caro, meu amigo!

– Arsène Lupin! Mas que história é essa?

– Lamento não ter meu cartão – disse Arsène, fingindo procurar nos bolsos.

O guarda o mediu dos pés à cabeça, aturdido. Logo, sem uma palavra, como contra a vontade, puxou o cordão da campainha. A porta de ferro se entreabriu.

Minutos depois, o diretor correu ao escritório, gesticulando e simulando uma violenta cólera.

Arsène sorriu.

– Vamos, senhor diretor, não banque o sutil comigo. Mas como! Têm a cautela de me levar sozinho no carro, preparam um pequeno engarrafamento e imaginam que vou sair correndo para me reunir a meus amigos! E os vinte agentes da Sûreté que me escoltavam a pé, de carruagem e de bicicleta? Não, o que me teriam arrumado! Não teria saído vivo. Diga--me, senhor diretor, era talvez com isso que contavam? – Deu de ombros e acrescentou: – Peço-lhe, senhor diretor, que deixem de se ocupar comigo. No dia em que quiser escapar, não terei necessidade de ninguém.

Dois dias após, o *Écho de France*, que, fora de dúvida, se tornava o boletim oficial das proezas de Arsène Lupin – dizia-se que ele era um dos principais sócios comanditários do jornal –, publicava os

detalhes mais completos dessa tentativa de evasão. Até o texto dos bilhetes trocados entre o detido e sua misteriosa amiga, os meios empregados nessa correspondência, a cumplicidade da polícia, o passeio pelo Boulevard Saint-Michel, o incidente do Café Soufflot, tudo revelado. Sabia-se que as pesquisas do Inspetor Dieuzy junto aos garçons do restaurante não tinham dado nenhum resultado. E, ficava-se sabendo, ademais, desta coisa pasmosa, que mostrava a infinita variedade de recursos de que este homem dispunha: o carro penitenciário, em que tinha sido transportado, uma viatura inteiramente preparada, que seu bando tinha substituído por uma das seis que faziam o serviço das prisões.

Ninguém mais duvidou da fuga próxima de Arsène Lupin. Ele mesmo, aliás, anunciava-a em termos categóricos, como o provava a sua resposta ao senhor Bouvier no dia seguinte ao incidente. Tendo o juiz zombado do seu fracasso, ele o fitou e disse friamente:

– Escute bem, senhor, e acredite na minha palavra: esta tentativa de evasão fazia parte do meu plano de fuga.

– Não entendo. – O juiz sorria.

– Seria inútil se entendesse.

E, como o juiz, no curso desse interrogatório, que apareceu por extenso nas colunas do *Écho de France*, retornasse à sua instrução, ele protestou, com ar de cansaço:

– Meu Deus, meu Deus, para que isso? Todas essas perguntas não têm a menor importância...

– Como não têm importância?

– ... já que não assistirei ao meu processo.

– Não assistirá...

– Não, é uma ideia fixa, uma decisão irrevogável. Nada me fará

transigir.

Toda essa segurança e as indiscrições inexplicáveis que ocorriam a cada dia irritavam e desconcertavam a justiça. Havia aí segredos que Arsène Lupin era o único a conhecer, e cuja divulgação, por conseguinte, não podia provir senão dele. Mas com que fim os revelava? E como?

Mudaram Arsène Lupin de cela. Uma noite, desceu ao andar inferior. Por seu lado, o juiz encerrou a instrução e enviou o processo ao tribunal para início da acusação.

Foi o silêncio, e durou dois meses. Arsène passou-os na cama, com o rosto quase sempre virado para a parede. A mudança de cela parecia tê-lo abatido. Recusou receber seu advogado e apenas trocava algumas palavras com os guardas.

Na quinzena precedente a seu processo, pareceu reanimar-se. Queixou-se da falta de ar e o fizeram sair para o pátio, de manhã bem cedo, ladeado por dois homens.

A curiosidade pública, porém, não havia diminuído. A cada dia era esperada a notícia da sua evasão. Quase a desejavam, de tal modo a personagem caíra no gosto do público por sua verve, sua alegria, sua diversidade, seu gênio inventivo e o mistério de sua vida. Arsène Lupin tinha de fugir. Era inevitável, fatal. Uns até se surpreendiam que demorasse tanto. Todas as manhãs, o chefe de polícia perguntava ao secretário:

- Bem, e ele não foi embora ainda?
- Não, chefe.
- Então deve ser para amanhã.

Na véspera do processo, um cidadão se apresentou nos escritórios do *Granel Journal*, perguntou pelo colunista forense,

atirou-lhe seu cartão no rosto e afastou-se rapidamente. No cartão, estavam gravadas estas palavras: “Arsène Lupin sempre cumpre as suas promessas”.

Nessas circunstâncias, os debates foram abertos.

A afluência era enorme. Não havia quem não quisesse ver o famoso Arsène Lupin, e todos saboreavam de antemão a maneira como se divertiria com o presidente. Advogados e magistrados, cronistas e gente da sociedade, artistas e mulheres conhecidas: toda a Paris em suma se comprimia nos bancos da audiência.

Chovia; lá fora o dia estava sombrio e mal se viu Arsène Lupin quando os guardas o trouxeram. No entanto, sua atitude pesada, a maneira como se deixou cair na cadeira reservada, sua imobilidade indiferente e passiva, nada disso parecia a seu favor. Várias vezes seu advogado – um dos auxiliares do Dr. Danval, já que este tinha julgado indigno de si o papel a que fora reduzido – lhe dirigiu a palavra. Ele oscilava a cabeça e não respondia.

O escrivão leu o ato acusatório e a seguir o presidente falou:

- Acusado, levante-se. Seu sobrenome, nome, idade e profissão.
- Não recebendo resposta, repetiu: – Sobrenome? Estou perguntando o seu sobrenome.

Uma voz grossa e fatigada articulou:

- Baudru, Désiré.

Houve murmúrios. Mas o presidente insistiu:

- Baudru, Désiré? Ah, sim, uma nova encarnação! Como é talvez o oitavo nome que pretende ser o seu, sendo sem dúvida tão imaginário quanto os outros, fiquemos com ele, se desejar, em vez de Arsène Lupin, sob o qual é mais amplamente conhecido. – O presidente consultou suas notas e prosseguiu: – Pois, apesar de

todas as pesquisas, foi impossível reconstituir a sua identidade. O senhor apresenta o caso, bem original em nossa sociedade moderna, de não ter passado. Não sabemos quem é, de onde vem, onde passou a infância, em suma, nada. Irrompe de repente, há três anos, não se sabe ao certo vindo de que ambiente, para se revelar de um só golpe Arsène Lupin, isto é, uma estranha mistura de inteligência e perversão, de imoralismo e generosidade. Os dados que temos sobre o senhor antes dessa época são antes suposições. É provável que o chamado Rostat, que há oito anos trabalhava junto com o prestidigitador Dickson, não seja outro senão Arsène Lupin. É provável que o estudante russo que frequentava, há seis anos, o laboratório do Dr. Altier, no Hospital Saint-Louis, e que não raro surpreendeu o mestre pela engenhosidade de suas hipóteses sobre bacteriologia e a audácia de suas experiências em doenças da pele, não seja outro senão Arsène Lupin. Arsène Lupin, igualmente, o professor de luta japonesa que se estabeleceu em Paris bem antes de que aqui se falasse em jiu-jítsu. Arsène Lupin, ainda, o corredor de bicicleta que ganhou o Grande Prêmio da Exposição, pegou os seus dez mil francos e não voltou a ser visto. Arsène Lupin talvez também aquele que salvou tantas pessoas pela claraboia do Bazar da Caridade... e furtou o que levavam de valor.

Uma pausa e concluiu:

– Tal seria esse seu período, que parece não constituir senão uma minuciosa preparação para a luta que empreenderia contra a sociedade, uma metódica aprendizagem onde levou ao mais alto ponto a sua força, sua energia e sua destreza. Reconhece a exatidão desses fatos?

Durante esse discurso, o acusado se balançara de uma perna

para a outra, com as costas curvadas, os braços inertes. Sob a luz mais viva, notou-se sua magreza extrema, suas faces cavadas, com as maçãs estranhamente salientes, o rosto cor de terra, manchado de plaquinhas vermelhas e enquadrado por uma barba desigual e escassa. A cadeia o tinha consideravelmente envelhecido e murchado. Não se reconhecia mais a silhueta elegante e o rosto jovem de que os jornais tantas vezes haviam publicado o retrato simpático.

Dir-se-ia que não ouvira a pergunta que lhe tinham feito. Duas vezes ela lhe foi repetida. Então ergueu os olhos, pareceu refletir e, fazendo um grande esforço, murmurou:

– Baudru, Désiré.

O presidente se pôs a rir.

– Não estou entendendo bem o sistema de defesa que adotou, Arsène Lupin. Se for o de interpretar imbecis e irresponsáveis, pode prosseguir. Quanto a mim, irei direto ao objetivo sem me preocupar com as suas fantasias.

E começou a pormenorizar roubos, malandragens e falsificações atribuídas a Lupin. Às vezes, interrogava o acusado. Este soltava um grunhido ou não respondia.

O desfile das testemunhas começou. Houve vários depoimentos insignificantes, outros mais sérios, todos com o cunho bem comum de se contradizerem uns aos outros. Uma perturbadora obscuridade envolvia os debates, mas introduziram o Inspetor Ganimard, e o interesse se acendeu.

De saída, porém, o velho policial causou certa decepção. Tinha uma atitude não intimidada – já havia enfrentado situações bem mais difíceis –, mas preocupada, contrafeita. Muitas vezes voltou o

olhar para o acusado com visível mal-estar. No entanto, com as duas mãos apoiadas na barra, narrava os incidentes em que estivera metido, sua busca pela Europa toda, indo até a América. Ouviam-no com avidez, como se fosse a narração de uma apaixonante aventura. Mas, perto de terminar, tendo aludido às suas conversas com Arsène Lupin, duas vezes se deteve, distraído, indeciso.

Estava claro que outro pensamento o obcecava.

O presidente lhe disse:

– Se está se sentindo mal, é melhor interromper o depoimento.

– Não, não, apenas... – Calou-se e fitou longa e profundamente o acusado, dizendo a seguir: – Peço licença para examinar o acusado mais de perto. Há aqui um mistério que é preciso que eu esclareça.
– Aproximando-se, observou-o mais demoradamente ainda, com atenção concentrada, e voltou à barra. Aí, num tom um tanto solene, pronunciou: – Senhor presidente, afirmo que o homem que está aqui, à minha frente, não é Arsène Lupin.

Um grande silêncio acolheu essas palavras. O presidente, embasbacado, bradou:

– Como? Que está dizendo?! Está louco!

O inspetor declarou com firmeza:

– À primeira vista, a gente pode se deixar levar por uma semelhança, que existe com efeito, confesso, mas basta um segundo de atenção. O nariz, a boca, os cabelos, a cor da pele... enfim, tudo: não é Arsène Lupin. E os olhos, então, nunca ele teve esses olhos de alcoólatra!

– Vamos, explique-se. Que pretende dizer, testemunha?

– Vou eu saber! Ele deve ter posto em seu lugar um pobre-diabo

que ia ser condenado. A não ser que se trate de um cúmplice.

Gritos, risos, exclamações partiam de todos os lados, na sala agitada por esse inesperado golpe teatral. O presidente convocou o juiz de instrução, o diretor da Santé, os guardas e suspendeu a audiência.

Reiniciando-a, mais tarde, o senhor Bouvier e o diretor, postos na presença do acusado, declararam não haver entre Arsène Lupin e aquele homem mais que uma parecença de traços muito vaga.

– Mas então – exclamou o presidente –, quem é este homem? De onde veio? Como se acha nas mãos da justiça?

Chamaram os dois guardas da Santé. Contradição de pasmar: reconheceram o detido de que tinham a vigilância permanente!

O presidente respirou. Mas um dos guardas prosseguiu:

– Sim, sim, creio que é ele.

– Como “crê”?

– Ora, eu mal cheguei a vê-lo. Entregaram-no de noite e há dois meses permanece sempre deitado contra a parede.

– Mas antes desses dois meses?

– Ah, antes ele não ocupava a cela 24.

O diretor da prisão precisou:

– Mudamos o detido de cela depois de sua tentativa de fuga.

– Mas o senhor, diretor, viu-o nesses dois meses?

– Não tive a oportunidade... Ele se mantinha tranquilo.

– E esse homem aí não é o preso que lhe foi entregue?

– Não.

– Então quem é?

– Não saberia dizer.

– Estamos, pois, diante de uma substituição que se teria realizado

há dois meses. Como a explica?

– É impossível.

– E então? – Em desespero de causa, o presidente se virou para o acusado e com voz insinuante: – Vejamos, o senhor poderia me explicar como e desde quando está nas mãos da justiça?

Dir-se-ia que o tom benévolo desarmava a desconfiança ou estimulava o entendimento do homem. Tentou responder. Enfim, interrogado com doçura e habilidade, conseguiu reunir algumas frases de onde se tirava isto: dois meses atrás, tinha sido levado à Casa de Detenção, onde passara uma noite e uma manhã. Tendo consigo apenas setenta e cinco centavos, tinha sido liberado. Mas, ao atravessar o pátio, dois guardas o pegaram pelo braço e o levaram a uma viatura penitenciária. Desde então vivia na cela 24, não descontente... comia bem, não dormia mal... Assim, não tinha protestado.

Tudo isso parecia verossímil. Em meio a risadas e grande efervescência, o presidente remeteu o caso a outra seção para suprimimento do inquérito.

O inquérito estabeleceu de saída este fato consignado no registro carcerário: oito semanas antes, um indivíduo chamado Désiré Baudru tinha dormido na Detenção. Liberado no outro dia, fora embora às duas da tarde. Ora, nesse dia, às duas horas, interrogado pela última vez, Arsène Lupin saía da instrução e voltava no carro penitenciário.

Teriam os guardas cometido um erro? Enganados pela semelhança, teriam, num momento de desatenção, trocado aquele homem pelo prisioneiro? Para tanto seria preciso que agissem com um descuido que seu tipo de tarefa não permitia supor.

A substituição fora previamente combinada? Além de que a disposição dos lugares tornava a coisa quase irrealizável, seria nesse caso necessário que Baudru fosse cúmplice e se fizesse prender com o objetivo preciso de tomar o lugar de Arsène Lupin. Mas então, por que milagre um tal plano, fundado numa série de oportunidades inverossímeis, encontros fortuitos e erros fabulosos, pudera ter êxito?

Fizeram passar Désiré Baudru pelo serviço antropométrico; não havia ficha correspondente à descrição de sua pessoa. No mais, achou-se facilmente seu rastro. Era conhecido em Courbevoie, Asnières, Levallois. Vivia de esmolas e dormia num casebre de trapeiros, que se reuniam perto da porta de Ternes. Há um ano, porém, tinha desaparecido.

Teria sido recrutado por Arsène Lupin? Nada autorizava a crer. E, se fosse assim, não se teria sabido mais sobre a fuga do prisioneiro. O prodígio continuava o mesmo. Das vinte hipóteses que tentavam explicá-la, nenhuma era satisfatória. Só a evasão não provocava dúvidas, e era incompreensível, impressionante, sentindo nela o público, tanto quanto a justiça, o esforço de uma longa preparação, um conjunto de atos maravilhosamente ligados uns aos outros e cujo desfecho justificava a orgulhosa predição de Arsène Lupin: “Não assistirei ao meu processo”.

Ao fim de um mês de buscas minuciosas, o enigma se apresentava com o mesmo cunho indecifrável. Não se podia, porém, conservar indefinidamente aquele pobre-diabo do Baudru. Processá-lo seria ridículo: de que poderiam acusá-lo? Sua liberação foi assinada pelo juiz de instrução. Mas o chefe da Sûreté decidiu manter em torno dele uma vigilância ativa.

A ideia veio de Ganimard, em cujo ponto de vista não havia nem cumplicidade nem acaso. Baudru era um instrumento que Arsène Lupin tinha usado com sua extraordinária habilidade. Deixando-o livre, chegariam através dele a Arsène Lupin, ou pelo menos até alguém do seu bando.

Os dois inspetores, Dieuzy e Folenfant, foram postos às ordens de Ganimard, e, numa manhã de janeiro, brumosa, as portas da cadeia se abriram para Désiré Baudru.

Pareceu de início embaraçado e caminhou como um homem sem ideias precisas sobre o uso do seu tempo. Seguiu pela Rua de la Santé e pela Rua Saint-Jacques. Numa lojinha de roupas usadas, tirou o casaco e o colete e, vendendo este último por poucas moedas, pôs de novo o casaco e foi-se embora.

Atravessou o Sena. No Châtelet, um ônibus passou. Quis subir, mas não havia lugar. O fiscal lhe aconselhou que comprasse uma passagem, e ele entrou na sala de espera.

Nesse momento, Ganimard chamou seus dois homens e, sem perder de vista a entrada da sala, disse-lhes às pressas:

– Consigam um carro... não, dois, é mais seguro. Irei com um de vocês e nós o seguiremos.

Os homens obedeceram. Baudru, porém, não aparecia. Ganimard entrou; não havia ninguém na sala.

– Fui um idiota – murmurou –, esqueci a outra saída.

A estação, com efeito, comunicava-se, por um corredor interno, com a da Rua Saint-Martin. Ganimard correu, chegando no instante exato de notar Baudru no ônibus Batignolles–Jardin des Plantes, que dobrava a esquina da Rua de Rivoli. Correu e pegou o ônibus. Mas tinha perdido seus dois agentes. Estava sozinho para continuar

a perseguição.

Em seu furor, esteve à beira de pegar Baudru pelo pescoço sem maiores formalidades. Não fora com premeditação e por uma engenhosa astúcia que este suposto imbecil o tinha separado de seus auxiliares?

Fitou Baudru. Cochilava no banco, e sua cabeça balançava de um lado para outro. Com a boca semiaberta, o rosto tinha uma incrível expressão de estupidez. Não, não era um adversário capaz de enganar o velho Ganimard. O acaso lhe fora favorável, era isso.

No cruzamento das Galerias Lafayette, o homem passou do ônibus para o bonde da Muette. Seguiram pelo Boulevard Haussmann e pela Avenida Victor Hugo. Baudru só desceu diante da estação da Muette. E, num passo descuidado, afundou-se no Bois de Boulogne.

Passava de uma alameda a outra, voltava sobre seus passos, afastava-se. Que procurava? Teria uma meta?

Depois de uma hora desse exercício, parecia quebrado de fadiga. De fato, vendo um banco, sentou-se. O lugar, não longe de Auteuil, à beira de um laguinho escondido entre as árvores, estava absolutamente deserto. Escoou-se uma meia hora. Impaciente, Ganimard resolveu ir conversar com o homem.

Acercou-se e tomou lugar ao lado de Baudru. Acendeu um cigarro, traçou círculos na areia com a ponta da bengala e disse:

– Não está quente, hem?

Nada. E súbito, neste silêncio, vibrou uma risada, jubilosa, feliz, de uma criança num acesso de riso que não consegue parar. Ganimard sentiu com clareza seus cabelos realmente se eriçar na cabeça. O riso, o riso infernal que conhecia tão bem!...

Num gesto brusco, pegou o homem pela gola do casaco e o encarou, profunda, violentamente, melhor ainda do que havia olhado no tribunal, e em verdade não foi mais o mesmo homem que viu; era ele, mas era ao mesmo tempo o outro, o verdadeiro.

Ajudado por uma vontade cúmplice, reencontrou a vida ardente dos olhos, completou a máscara emagrecida, percebeu a carne real sob a epiderme estragada, a boca real atrás do ricto que a deformava. E eram os olhos do outro, a boca do outro, era especialmente a sua expressão aguda, viva, irônica, espiritual, tão clara e tão jovem!

– Arsène Lupin, Arsène Lupin – balbuciou.

E súbito, tomado de raiva, apertando-lhe a garganta, tentou derrubá-lo. Apesar dos seus cinquenta anos, era ainda de um vigor pouco comum, enquanto seu adversário parecia em bem más condições. E que golpe magistral se conseguisse levá-lo de volta!

A luta foi curta. Arsène Lupin se defendeu apenas e, tão prontamente quanto tinha atacado, Ganimard largou a presa. Seu braço direito pendia inerte, dormente.

– Se ensinassem jiu-jítsu no Quai des Orfèvres – declarou Lupin –, saberia que este golpe se chama *udi-chi-ghi* em japonês. – E acrescentou friamente: – Mais um segundo, quebrava-lhe o braço, e você não teria tido senão o que merece. Como pode um velho amigo, que estimo e diante do qual revelo espontaneamente o meu incógnito, abusar da minha confiança?! Mau, mau... E agora, o que é que lhe deu?

Ganimard se calou. Aquela fuga, de que se julgava responsável – não fora ele que, por seu depoimento sensacional, induzira a justiça em erro? –, parecia-lhe a vergonha da sua carreira. Uma lágrima

rolou pelo seu bigode grisalho.

– Ah, meu Deus, Ganimard, não se preocupe; se não tivesse falado, eu teria dado um jeito para que outro falasse. Podia eu admitir que se condenasse Désiré Baudru?

– De modo que era você – murmurou Ganimard – que estava lá? É você que está aqui!

– Eu, sempre eu, unicamente eu.

– Será possível?!

– Ora, não é preciso bruxaria. Basta, como notou aquele bravo presidente, preparar-se durante uma dezena de anos para enfrentar qualquer eventualidade.

– Mas seu rosto? Seus olhos?

– Deve compreender que, se trabalhei dezoito meses no Saint-Louis com o Dr. Altier, não foi por amor à ciência. Pensei que aquele que teria um dia a honra de se chamar Arsène Lupin devia saber subtrair-se às leis comuns da aparência e da identidade. A aparência se modifica como se deseja. Uma injeção hipodérmica de parafina faz inchar a pele, bem no lugar escolhido. O ácido pirogálico o transforma num moicano. O suco da grande quelidônia o enfeita de impigens e tumores do mais feliz efeito. Tal processo químico age sobre o crescimento da barba e dos cabelos, tal outro sobre o som da voz. Junte a tudo isso dois meses de dieta na cela 24, exercícios repetidos mil vezes para abrir a boca segundo este ricto, para manter a cabeça nesta inclinação e minhas costas nesta curva. Enfim, cinco gotas de atropina nos olhos para torná-los rudes e fugidios, e a coisa está feita.

– Não concebo como os guardas...

– A metamorfose foi progressiva. Não puderam dia a dia notar a

evolução.

– E Désiré?

– Désiré Baudru existe. É um pobre inocente que encontrei no ano passado e que de fato tem comigo certa analogia de traços. Prevendo uma prisão sempre possível, eu o pus em segurança e me apliquei em discernir desde o princípio os pontos de dessemelhança que nos separavam, para atenuá-los em mim tanto quanto podia. Meus amigos o fizeram passar uma noite na Detenção, de maneira que saísse aproximadamente à mesma hora que eu e que a coincidência fosse fácil de constatar. Pois note, era preciso que se achasse a marca da sua passagem, sem o que a justiça insistiria em saber quem eu era. Ao passo que, oferecendo-lhe esse excelente Baudru, era inevitável, entenda, inevitável que se atirassem em cima dele e que, apesar das dificuldades insuperáveis de uma substituição, preferissem acreditar nela em vez de confessar sua ignorância.

– Sim, sim, realmente – murmurou Ganimard.

– Depois – bradou Lupin –, tinha nas mãos um trunfo formidável, maquinado por mim desde o início: a espera em que todo o mundo estava de minha evasão. E esse foi o erro grosseiro em que caíram, você e os outros, nessa partida apaixonante que a justiça e eu jogamos e da qual o prêmio era a minha liberdade. Supuseram ainda uma vez que procedesse como um fanfarrão, inebriado por meus sucessos como um adolescente. Eu, Arsène Lupin, ter tal fraqueza! E, não mais que no caso Cahorn, vocês não disseram a si mesmos: “Se Arsène Lupin diz a todos os ventos que fugirá, é que tem razões que o obrigam a dizer isso”. Mas, arre, você tem de entender que para fugir... sem fugir, era preciso que se acreditasse

de antemão nessa fuga, que isso fosse um artigo de fé, uma convicção absoluta, uma verdade clara como o sol. E foi assim, segundo minha vontade. Arsène Lupin se evadiria, Arsène Lupin não assistiria ao seu processo. E quando você se erguesse para afirmar, “Este homem não é Arsène Lupin”, teria sido sobrenatural que todo mundo não acreditasse imediatamente que eu não era Arsène Lupin. Se uma pessoa duvidasse e fizesse esta restrição, “Mas e se for Arsène Lupin?”, eu estaria perdido na hora. Bastava inclinar-se para mim não com a ideia de que eu não fosse Arsène Lupin, como você fez, você e os demais, mas com a ideia de que eu podia ser Arsène Lupin e, apesar de todas as minhas precauções, todos me reconheceriam. Mas eu estava tranquilo. Logicamente, psicologicamente, ninguém podia ter essa simples ideiazinha. – Pegou de repente a mão de Ganimard. – Vamos, Ganimard, confesse que, oito dias depois de nossa entrevista na Santé, você me esperou às quatro horas na sua casa, como eu lhe tinha solicitado.

– E sua viatura penitenciária? – disse Ganimard, evitando responder.

– Um blefe! Foram meus amigos que consertaram e substituíram esse velho carro fora de uso e desejaram tentar esse expediente. Mas eu o sabia impraticável sem um concurso de circunstâncias excepcionais. Apenas achei útil rematar essa tentativa de evasão e dar-lhe a maior publicidade. Uma primeira evasão audaciosamente armada dava à segunda o valor de uma evasão de antemão bem-sucedida.

– De modo que o charuto...

– Preparado por mim, tanto quanto a faca.

– E a misteriosa correspondente?

– Ela e eu não somos senão um... tenho as letras que desejar.

Ganimard refletiu um instante e objetou:

– Como é possível que no serviço de antropometria, quando fizeram a ficha de Baudru, não perceberam que coincidia com a de Arsène Lupin?

– A ficha de Arsène Lupin não existe.

– Essa não!

– Pelo menos é falsa. É um ponto que estudei muito. O sistema Bertillon abrange primeiro a descrição por medidas, da cabeça, dos dedos, das orelhas, etc. Aí não há nada a fazer.

– Então?

– Então, cumpria pagar. Antes mesmo da minha volta da América, um dos empregados do serviço aceitou uma quantia para registrar falsos algarismos na hora de me medirem. Foi suficiente para que todo o sistema se perdesse e minha ficha fosse parar numa seção oposta àquela em que devia estar. A ficha Baudru não devia, pois, coincidir com a ficha Arsène Lupin.

Houve ainda um silêncio e logo Ganimard perguntou:

– E agora, que vai fazer?

– Agora vou descansar, seguir um regime de superalimentação e voltar pouco a pouco a mim mesmo. Está muito bem ser Baudru ou qualquer outro, mudar de personalidade como de camisa e escolher sua aparência, sua voz, seu olhar, sua letra. Mas acontece que a gente acaba não se reconhecendo mais no meio disso tudo, e isso é triste. Sinto atualmente o que devia sentir o homem que perdeu a sua sombra. Vou me procurar... e me encontrar. – Andava de um lado a outro. O escuro já se misturava à luz do dia. Parou diante de

Ganimard. – Não temos mais nada a nos dizer, calculo.

– Sim – respondeu o inspetor –, gostaria de saber se você revelará a verdade sobre sua fuga, o erro que cometi.

– Oh! Ninguém há de saber que foi Arsène Lupin o liberado. Tenho interesse demais em acumular em torno de mim as trevas mais misteriosas para não deixar a essa fuga o seu cunho quase miraculoso. Assim, não receie nada, meu bom amigo, e adeus. Janto na cidade esta noite e só me sobra tempo para pôr uma roupa conveniente.

– Julgava que você desejasse mais repouso!

– Ai! Há obrigações sociais que não se podem deixar de cumprir. O repouso começará amanhã.

– E onde vai jantar?

– Na Embaixada da Inglaterra!



O viajante misterioso

Tinha mandado o meu automóvel na véspera a Rouen pela estrada. Devia ir de trem pegá-lo ali, seguindo para a casa de amigos que moram às margens do Sena.

Ora, em Paris, alguns minutos antes da partida, sete senhores invadiram minha cabina; cinco deles fumavam. Por curto que seja o trajeto no trem expresso, a perspectiva de realizá-lo em tal companhia me foi desagradável, ainda mais que o vagão, de modelo antigo, não tinha corredor. Peguei meu sobretudo, meus jornais, meu guia e me refugiei num dos compartimentos vizinhos.

Aí se achava uma senhora. Ao me ver, teve um gesto de contrariedade que não me escapou e se inclinou para um senhor de pé no estribo do trem, seu marido sem dúvida, que a acompanhara à estação. O cidadão me observou, e o exame provavelmente terminou a meu favor, pois falou baixo à mulher, sorrindo, do modo como se tranquiliza uma criança que tem medo. Ela sorriu por sua vez e me enviou um olhar amigo, como se compreendesse de repente que eu era um desses homens gentis com quem uma mulher pode permanecer fechada duas horas, numa caixinha de seis pés quadrados, sem ter nada a recear.

Seu marido lhe disse:

– Não me queira mal, querida, mas tenho um encontro urgente e não posso esperar.

Beijou-a afetuosamente e foi embora. A mulher lhe enviava pela janela beijinhos discretos e sacudia o lenço.

Souou um apito, e o trem se pôs em marcha.

Nesse mesmo instante, e apesar dos protestos dos empregados, a porta foi aberta e um homem surgiu em nosso compartimento. Minha companheira, então de pé e arrumando as coisas na rede de bagagens, soltou um grito de terror e caiu sobre o banco.

Não sou covarde, longe disso, mas confesso que essas irrupções de última hora são sempre penosas. Parecem equívocas, pouco naturais. Devem esconder algo, sem o que...

O aspecto do recém-chegado, porém, e a sua atitude teriam antes atenuado a má impressão produzida por seu ato. Correção, quase elegância, uma gravata de bom gosto, luvas limpas, rosto enérgico... Mas, diabo, onde havia visto esse rosto? Pois a dúvida não era possível, eu o tinha visto. Ao menos, para ser mais exato, achava em mim a espécie de lembrança que deixa a visão de um retrato muitas vezes observado e de que nunca se contemplou o original. Ao mesmo tempo, sentia a inutilidade de todo esforço de memória, de tal modo essa lembrança era inconsistente e vaga.

Contudo, tendo fixado a atenção na dama, assombrou-me sua palidez e o transtorno de seus traços. Olhava seu vizinho – estavam sentados do mesmo lado – com uma expressão de espanto real, e constatei que uma de suas mãos, trêmula, deslizava a um pequeno saco de viagem sobre o banco a vinte centímetros de seus joelhos. Terminou por pegá-lo e nervosamente o puxou contra si.

Nossos olhos se encontraram, e li tanto mal-estar e ansiedade nos

seus, que não pude me conter e disse:

– Não está se sentindo mal, senhora?... Quer que abra esta janela?

Sem me responder, indicou-me com um gesto temeroso o indivíduo. Sorri como teria feito seu marido, alcei os ombros e lhe expliquei por sinais que não tinha nada a temer, que eu estava ali, e que aliás aquele senhor parecia bem inofensivo.

Nesse instante, ele se virou para nós e, um depois do outro, considerou-nos dos pés à cabeça; a seguir, afundou no seu canto e não se mexeu mais.

Fez-se silêncio, mas a dama, como se tivesse juntado toda a sua energia para realizar um ato desesperado, disse-me numa voz apenas audível:

– Sabe que ele está no nosso trem?

– Quem?

– Mas ele... ele... lhe garanto.

– Ele quem?

– Arsène Lupin!

Não tinha abandonado com os olhos o viajante e era a ele, mais que a mim, que lançava as sílabas desse nome inquietante.

Ele baixou o chapéu sobre o nariz. Seria para esconder sua perturbação, ou simplesmente se preparava para dormir?

Fiz esta objeção:

– Arsène Lupin foi condenado ontem, por contumácia, a vinte anos de trabalhos forçados. É, pois, pouco provável que cometa hoje a imprudência de se mostrar em público. Além disso, os jornais não noticiaram a sua presença na Turquia neste inverno, depois de sua famosa evasão da Santé?

– Ele está neste trem – repetiu a dama, com a intenção cada vez mais marcada de ser ouvida por nosso companheiro. – Meu marido é subdiretor dos serviços penitenciários, e foi o próprio comissário da estação que nos disse que procuravam Arsène Lupin.

– Não é razão...

– Toparam com ele na sala dos Passos-Perdidos. Tinha comprado uma passagem de primeira classe para Rouen.

– Teria sido fácil agarrá-lo.

– Desapareceu. O fiscal, na entrada das salas de espera, não o viu, mas imaginava-se que havia passado pelas plataformas dos subúrbios e tivesse pegado o expresso que parte dez minutos depois de nós.

– Nesse caso, eles o pegarão.

– E se no último momento ele tivesse saltado do expresso para vir aqui, no nosso trem... como é provável... como é certo?

– Nesse caso, será aqui que o prenderão. Pois os empregados e os agentes não deixarão de notar a passagem de um trem usada em outro e, logo que chegarmos a Rouen, eles o agarrarão limpamente.

– A ele, nunca! Achará um meio de escapar ainda.

– Nesse caso, desejo-lhe feliz viagem.

– Mas daqui até lá, tudo o que ele pode fazer!

– O quê?

– Não sei, pode-se esperar qualquer coisa!

Estava muito agitada, e realmente a situação justificava até certo ponto essa excitação nervosa.

Quase contra a vontade, disse-lhe:

– Há de fato coincidências curiosas... mas tranquilize-se.

Admitindo que Arsène Lupin esteja num destes vagões, vai ficar quietinho e, em vez de buscar novos aborrecimentos, não terá outra ideia senão evitar o perigo que o ameaça.

Minhas palavras não a acalmaram. Calou-se, porém, receando sem dúvida ser indiscreta.

Abri os jornais e li as coberturas do processo de Arsène Lupin. Como não continham nada que já não conhecesse, pouco me interessaram. Além disso, estava cansado, tinha dormido mal, e senti minhas pálpebras pesar e minha cabeça se inclinar.

– Mas, senhor, não me diga que vai dormir!

A mulher me arrancara os jornais e me fitava com indignação.

– Claro que não – respondi. – Não estou com sono.

– Seria a última das imprudências – afirmou.

– A última – repeti.

E lutava energicamente, agarrando-me à paisagem e às nuvens que manchavam o céu. Logo tudo isso se esfumou no espaço, a imagem da mulher ansiosa e do homem dormindo se apagou em meu espírito e o grande, profundo silêncio do sono tomou conta de mim.

Sonhos inconsistentes e leves lhe deram logo relevo, e um ser que interpretava o papel e levava o nome de Arsène Lupin tinha neles algum lugar. Vinha do horizonte, com objetos preciosos às costas, atravessava as paredes e esvaziava os castelos.

O aspecto desse ser, que já não era mais Arsène Lupin, aliás, tornou-se nítido. Vinha para mim, aumentando cada vez mais de tamanho, saltava para o vagão com uma incrível agilidade e ia cair em cheio no meu peito.

Uma dor viva... um grito cortante. Acordei. O homem, o viajante,

com um joelho sobre meu peito, apertava-me a garganta.

Vi isso vagamente, porque meus olhos estavam injetados de sangue. Vi também a mulher, que tinha convulsões num canto, presa de um ataque de nervos. Nem tentei resistir. Não teria tido força: minhas têmporas zumbiam, eu sufocava, estertorava... Mais um minuto e seria a asfixia.

O homem deve ter percebido, pois afrouxou o apertão. Sem se afastar, com a mão direita pegou uma corda em que fizera um nó corredio e, com um gesto seco, atou-me os dois pulsos. Num instante, estava amarrado, amordaçado, imobilizado.

Realizou essa tarefa do modo mais natural do mundo, com uma prática em que mostrava o saber de um mestre, de um profissional do roubo e do crime. Nem uma palavra, nem um movimento tenso. Sangue-frio e audácia. E eu lá, no banco, encordoadado como uma múmia, eu, Arsène Lupin!

Em verdade, havia do que rir. E, apesar da gravidade das circunstâncias, não deixava de admirar o que a situação tinha de irônico e saboroso. Arsène Lupin passado para trás como um novato! Esbulhado como o primeiro passante – pois, naturalmente, o bandido me aliviou da minha bolsa e da minha carteira! Arsène Lupin, vítima por sua vez, abobalhado, vencido... Que aventura!

Sobrava a dama. Ele nem prestava atenção nela. Contentou-se em erguer a sacolinha que jazia sobre o tapete e tirar daí as joias, o porta-moedas, as miniaturas de ouro e prata que continha. A mulher abriu um olho, estremeceu de susto, tirou os anéis e os entregou ao homem, como se quisesse lhe poupar todo esforço inútil. Ele pegou os anéis e a fitou: ela desfaleceu.

Então, sempre silencioso e calmo, sem se ocupar mais de nós,

retomou seu lugar, acendeu um cigarro e se entregou a um exame aprofundado dos tesouros que conquistara, exame que pareceu satisfazê-lo inteiramente.

Eu estava muito menos satisfeito. Não falo dos doze mil francos de que me tinha indevidamente despojado: era um prejuízo que só aceitava momentaneamente, contando que os doze mil francos voltariam à minha posse no mais curto espaço de tempo, tal como os importantes papéis que tinha na carteira: projetos, cálculos, endereços, listas de correspondentes, cartas comprometedoras. Mas, de momento, uma preocupação mais imediata e séria me inquietava: o que ia se passar?

Como bem se calcula, a agitação causada por minha passagem pela Estação Saint-Lazare não me escapara. Convidado à casa de amigos que frequentava sob o nome de Guillaume Berlat, e para quem minha parecença com Arsène Lupin era um motivo de afetuosas brincadeiras, não pude me caracterizar à vontade e minha presença foi notada. Além disso, viram um homem se precipitar do expresso para o rápido. Quem seria senão Arsène Lupin? Assim, inevitável, fatalmente, o comissário de polícia de Rouen, prevenido por telegrama, e assistido por um respeitável número de agentes, lá estaria à chegada do trem, interrogaria os viajantes suspeitos e faria uma revista minuciosa nos vagões.

Tudo isso eu previa, mas não muito comovido, convicto de que a polícia de Rouen não seria mais perspicaz que a de Paris, e que eu conseguiria passar despercebido. Não me bastaria, ao sair, mostrar negligentemente um cartão de deputado, graças ao qual já inspirara toda a confiança ao fiscal de Saint-Lazare? Mas como as coisas tinham mudado! Não estava mais livre. Impossível tentar um de

meus golpes habituais. Num dos vagões, o comissário descobriria o senhor Arsène Lupin, que a boa sorte lhe enviava de pés e mãos atados, dócil como um cordeiro, já preparado, num pacote. Só teria de me receber, como uma encomenda postal que lhe mandam à estação, canastra de caça ou cesto de frutas e legumes.

Para evitar esse desagradável desfecho, que podia eu, enredado em minhas fitas? E o expresso corria para Rouen, única e próxima parada, não se detendo em Vernon nem em Saint-Pierre.

Outro problema me intrigava, de interesse menos direto, mas cuja solução despertava minha curiosidade de profissional. Quais seriam as intenções de meu companheiro?

Se eu estivesse sozinho, ele teria tempo de descer tranquilamente em Rouen. Mas e a mulher? Assim que a portinhola fosse aberta, ela, tão prudente e humilde neste instante, gritaria, correria, pediria socorro.

Daí o meu espanto. Por que não a reduzia à mesma impotência que eu, o que lhe daria tempo de desaparecer antes que seu duplo delito fosse descoberto?

Continuava fumando, com o olhar fixo no espaço que uma chuva hesitante começava a raiar de grandes linhas oblíquas. Uma vez, porém, se virou, pegou meu guia e o consultou.

A dama se esforçava por permanecer desmaiada, a fim de tranquilizar seu inimigo. Mas acessos de tosse provocados pela fumaça desmentiam esse desmaio.

Quanto a mim, estava muito contrariado, e muito incômodo. Cismava... planejava... Pont-de-l'Arche, Oissel... O expresso se apressava, jubiloso, ébrio de velocidade.

Saint-Étienne... Nesse instante, o homem se levantou e deu dois

passos para nós, ao que a dama se apressou em responder com um novo grito e um desmaio não simulado.

Qual era o objetivo dele? Baixou o vidro do nosso lado. A chuva agora caía com raiva, e sua expressão marcou o aborrecimento que sentia por não ter guarda-chuva nem sobretudo. Olhou para a rede: a sombrinha da mulher servia. Pegou-a. Igualmente pegou meu sobretudo e o vestiu.

Atravessávamos o Sena. Dobrou a bainha da calça e a seguir, pendurando-se, levantou a lingueta da porta por fora.

Ia se jogar do trem? Naquela velocidade, seria morte certa. Entramos no túnel aberto no morro Sainte-Catherine. O homem abriu a portinhola e com o pé tateou o primeiro degrau. Que loucura! As trevas, a fumaça, o barulho, tudo isso dava uma aparência fantástica àquela tentativa. Mas, de repente, o trem diminuiu a marcha; os freios se opunham ao esforço das rodas. A marcha se tornou normal, depois decresceu. Sem dúvida trabalhos de consolidação estavam programados para essa parte do túnel, que obrigava a passagem em marcha lenta há alguns dias talvez, e o homem sabia.

Só teve de colocar o outro pé no degrau, descer ao segundo estribo e sair andando, não sem antes baixar a lingueta e fechar a porta.

Assim que desapareceu, a luz do dia clareou a fumaça. Estávamos em um vale. Mais um túnel, e Rouen.

A mulher recobrou os sentidos na hora e sua primeira preocupação foi lamentar a perda de suas joias. Supliquei-lhe com os olhos. Entendeu e me livrou da mordaça que me sufocava. Quis também desatar meus laços; não deixei.

– Não, não, convém que a polícia veja as coisas como estão. Quero que saiba a força desse safado.

– E se puxasse a corda do alarma?

– Tarde demais, devia pensar nisso quando ele me atacou.

– Mas teria me matado! Ah, senhor, eu lhe tinha dito que ele estava neste trem! Pelo retrato, reconheci-o imediatamente. E foi-se embora com as minhas joias!

– Não de encontrá-lo, não tenha medo.

– Encontrar Arsène Lupin! Nunca.

– Isso depende da senhora. Escute. Assim que chegarmos, fique na portinhola e chame, faça barulho. Agentes e empregados acudirão. Conte-lhes o que viu em poucas palavras, a agressão de que fui vítima e a fuga de Arsène Lupin; descreva-o, chapéu de feltro, um guarda-chuva, o seu, e um sobretudo cinza acinturado.

– O seu – disse.

– Como o meu? Não, o dele. Não trouxe sobretudo.

– Pareceu-me que ele também não, quando subiu.

– Sim, talvez. Podia ter sido esquecido na rede. De qualquer modo, estava com ele quando desceu, e isso é o essencial. Um sobretudo cinza acinturado, lembre-se. Ah! Já ia me esquecendo: diga de saída o seu nome. A função do seu marido ajudará a que se mexam mais.

Chegamos. Ela já se dirigia à porta e prossegui com voz firme, quase imperiosa, para que minhas palavras se gravassem no seu cérebro:

– Diga-lhes também o meu nome: Guillaume Berlat. O melhor é falar que me conhece, pois isso nos poupará tempo; encerram logo o inquérito preliminar e o importante é que saiam atrás de Arsène

Lupin e de suas joias. Não há problema, não é? Guillaume Berlat, um amigo do seu marido.

– Entendido... Guillaume Berlat. – Ela já estava chamando e gesticulando. O trem não tinha parado, e um cidadão nele subia, seguido de vários outros. A hora crítica chegava. Ofegante, a dama bradou: – Arsène Lupin... nos atacou... roubou minhas joias... Sou Madame Renaud... meu marido é subdiretor dos serviços penitenciários... Ah! Olhem, este é o meu irmão, Georges Ardelle, diretor do Crédit Rouennais... devem conhecer... – Beijou um jovem que vinha até nós e que o comissário cumprimentou, e prosseguiu, chorosa: – Sim, Arsène Lupin... enquanto este senhor dormia, pulou-lhe à garganta... é o senhor Berlat, amigo do meu marido.

O comissário perguntou:

- Mas onde está Arsène Lupin?
- Saltou do trem no túnel depois do Sena.
- Está certa de que era ele?
- Certíssima! Eu o reconheci perfeitamente. Aliás o viram na Estação Saint-Lazare. Usava um chapéu de feltro, mole.
- Não... duro, como este aqui – retificou o comissário indicando o meu chapéu.
- Mole... afirmo – repetiu Madame Renaud –, e um sobretudo cinza acinturado.
- Com efeito – murmurou o comissário –, o telegrama registra esse sobretudo cinza com gola de veludo preto.
- Com gola de veludo preto justamente – exclamou Madame Renaud, triunfante.

Respirei. Ah! A corajosa, a excelente amiga que eu tinha ali!

Os agentes, enquanto isso, tinham-me livrado das peias. Mordi

violentamente os lábios, escorreu sangue. Curvado em dois, com o lenço na boca, como convém a um indivíduo que ficou muito tempo numa posição incômoda, e que traz no rosto o sinal sanguinolento da mordança, disse ao comissário, numa voz enfraquecida:

– Senhor, era Arsène Lupin, não há dúvida... Se se esforçarem, podem pegá-lo. Julgo que posso lhe ser de alguma utilidade.

O vagão, que devia servir aos exames da justiça, foi destacado, e o trem seguiu para o Havre. Fomos levados para o escritório do chefe da estação, em meio a uma multidão de curiosos que enchiam a plataforma.

Nesse momento, tive uma hesitação. Sob um pretexto qualquer, podia me afastar, ir tomar meu automóvel e sumir. Esperar era perigoso. Ocorresse um incidente, chegasse uma mensagem de Paris e estava perdido.

Sim, mas e o meu ladrão? Abandonado a meus próprios recursos, numa região que não me era familiar, não podia ter certeza de agarrá-lo.

“Ah, tentemos o golpe”, disse a mim mesmo, “e fiquemos. A partida é difícil de vencer, mas tão divertida de disputar! E o prêmio vale a pena”.

Como pedissem que repetíssemos provisoriamente nossos depoimentos, reclamei:

– Senhor comissário, Arsène Lupin está ganhando distância. Meu carro me espera aqui na estação. Se quiser me dar o prazer de ir comigo, procuraríamos...

O comissário sorriu com ar fino.

– A ideia não é má... tanto que está em vias de execução.

– Ah!

– Sim, senhor, dois de meus agentes partiram de bicicleta... já faz certo tempo.

– Mas para onde?

– Para a própria saída do túnel. Ali, colherão indícios, testemunhos e seguirão a pista de Arsène Lupin.

Não pude me impedir de alçar os ombros.

– Seus dois agentes não colherão nem indício nem testemunho.

– Realmente?!

– Arsène Lupin deve ter-se arrumado para que ninguém o visse sair do túnel. Deve ter ido para a primeira estrada e daí...

– E daí, Rouen, onde o prenderemos.

– Não virá a Rouen.

– Ficaré então nos arredores, onde somos ainda mais fortes...

– Não ficarei nos arredores.

– Oh! Oh! E onde se esconderá?

Mostrei meu relógio.

– A esta hora, Arsène Lupin anda perto da estação de Darnétal. Às dez e cinquenta, ou seja, dentro de vinte e dois minutos, tomará o trem que sai da Estação Norte de Rouen para Amiens.

– Acha? E como sabe?

– Oh, é simples. No compartimento, Arsène Lupin consultou o meu guia. Por que motivo? Haveria, não longe do lugar em que desapareceu, outra linha, uma estação nessa linha, e um trem parando aí? De minha parte, acabo de consultar o guia, que me deu essa informação.

– Na verdade, senhor – disse o comissário –, deduziu maravilhosamente. Que competência!

Arrastado por minha convicção, cometera uma inépcia

demonstrando tanta habilidade. Olhava-me com espanto e julguei sentir que uma suspeita o roçara. Mas só roçara, porque as fotografias enviadas a todos os lados pela polícia eram muito imperfeitas, representavam um Arsène Lupin muito diferente do que tinha diante dele, para que lhe fosse possível reconhecer-me. Mas, assim mesmo, estava perturbado, numa confusa preocupação.

Houve um instante de silêncio. Algo de equívoco e incerto deteve nossas palavras. Um arrepio de mal-estar até por mim passou. Iria a sorte se virar contra mim? Dominando-me, ri.

– Meu Deus, nada nos abre tanto a compreensão quanto a perda de uma carteira e o desejo de reencontrá-la. E me parece que, se quiser me emprestar dois de seus agentes, eles e eu talvez possamos...

– Oh, eu lhe peço, senhor comissário – exclamou Madame Renaud –, ouça o senhor Berlat.

A intervenção de minha ótima amiga foi decisiva. Pronunciado por ela, mulher de influente personalidade, esse nome, Berlat, tornava-se realmente meu e me conferia uma identidade que nenhuma suspeita poderia atingir. O comissário se ergueu:

– Ficarei felicíssimo, senhor Berlat, acredite-me, se tiver êxito. Tanto quanto ao senhor, importa-me a prisão de Arsène Lupin.

Levou-me até o carro. Dois de seus agentes, que me apresentou, Honoré Massol e Gaston Delivet, tomaram assento. Coloquei-me na direção. Meu mecânico virou a manivela. Uns segundos depois, deixamos a estação. Estava salvo.

Ah, confesso que rodando pelas avenidas que cingem a velha cidade normanda, na marcha possante do meu trinta e cinco cavalos Moreau--Lepton, não deixei de conceber algum orgulho. O

motor roncava harmoniosamente. À direita e à esquerda, as árvores fugiam atrás de nós. E livre, fora de perigo, só tinha agora que acertar meus pequenos negócios pessoais, com o concurso de dois honestos representantes da força pública. Arsène Lupin ia em busca de Arsène Lupin!

Modestos sustentáculos da ordem social, Delivet Gaston e Massol Honoré, quanto sua assistência me foi preciosa! Que teria feito sem vocês? Sem vocês quantas vezes, nos cruzamentos, teria escolhido a estrada errada? Sem vocês, Arsène Lupin se enganaria e o outro teria escapado!

Mas nem tudo estava terminado. Longe disso. Restava-me primeiro pegar o indivíduo e em seguida me apoderar eu mesmo dos papéis que me tinha subtraído. A nenhum preço meus dois acólitos podiam meter o nariz nesses documentos, e ainda menos ficar com eles. Servir-me deles e agir por trás deles, eis o que eu queria e não era fácil conseguir.

Em Darnétal, chegamos três minutos depois de o trem ter passado. Por certo, tive o consolo de ser informado de que um indivíduo, com um sobretudo cinza com gola de veludo preto, tinha subido num compartimento da segunda classe, com uma passagem para Amiens. Sem dúvida, minha estreia como policial prometia. Delivet me disse:

– O trem é expresso e não para senão em Montérolier-Buchy, dentro de dezenove minutos. Se não chegarmos antes de Arsène Lupin, ele pode tanto continuar para Amiens como desviar para Clères, e daí atingir Dieppe ou Paris.

– Que distância há daqui a Montérolier?

– Vinte e três quilômetros.

– Vinte e três quilômetros, dezenove minutos... estaremos lá antes dele.

Foi uma corrida. Nunca o meu fiel Moreau-Lepton respondeu à minha impaciência com mais ardor e regularidade. Parecia que lhe comunicava minha vontade diretamente, sem a intermediação de pedais e alavancas. Ele partilhava os meus desejos. Aprovava minha obstinação. Entendia minha animosidade contra aquele tratante do Arsène Lupin. O embusteiro! O traidor! Conseguiria ensiná-lo, ou ia zombar mais uma vez da autoridade de que eu era a encarnação?

– À direita – gritava Delivet. – À esquerda!... Em frente!...

Deslizávamos acima do solo. Os marcos da estrada pareciam animaizinhos medrosos que se evaporavam à nossa aproximação.

E, de repente, numa curva, um turbilhão de fumaça, o Expresso do Norte.

Por um quilômetro, foi a luta lado a lado, luta desigual cujo resultado era conhecido. Na chegada, nós o batemos por vinte corpos. Em três segundos, estávamos na plataforma diante das segundas classes. As portinholas se abriram. Algumas pessoas desceram. Meu ladrão, não. Inspecionamos os compartimentos. Nada de Arsène Lupin.

– Ih! – exclamei. – Ele me reconheceu no automóvel enquanto andávamos lado a lado e deve ter saltado do trem.

O chefe do trem confirmou essa suposição. Tinha visto um homem rolar pela rampa a duzentos metros da estação.

– Olhe, lá vai... aquele que está atravessando a passagem de nível.

Acometi, seguido de meus dois acólitos, ou antes, seguido de um,

porque o outro, Massol, aconteceu ser um corredor excepcional, tanto em resistência como em velocidade. Em instantes, o espaço que o separava do fugitivo diminuiu muito. Esse viu Massol, saltou uma sebe e correu rápido a uma encosta que escalou. Depois o vislumbramos mais longe, entrando num bosquezinho.

Quando chegamos ao bosque, Massol nos esperava; julgara inútil aventurar-se mais, no receio de se perder de nós.

– Cumprimento-o, meu amigo – disse-lhe. – Depois de uma corrida dessas, nosso indivíduo deve estar sem fôlego. Havemos de agarrá-lo.

Examinei os arredores, refletindo na maneira de realizar sozinho a prisão do fugitivo, a fim de fazer eu mesmo recuperações que a justiça sem dúvida só permitiria depois de muitos inquéritos desagradáveis. Em seguida, voltei a meus companheiros.

– É fácil. Você, Massol, fique à esquerda; você, Delivet, à direita. Daí, vigiarão toda a linha posterior do bosque e, sem que o vejam, ele não poderá sair, a não ser por esta abertura, onde fico eu. Se ele não sair, eu entro e forçosamente o desviarei sobre um de vocês. Só têm, pois, que aguardar. Ah, esquecia, em caso de alerta, deem um tiro.

Massol e Delivet se afastaram, cada um para seu lado. Logo que desapareceram, penetrei no bosque com a maior cautela, de modo a não ser visto nem ouvido. A vegetação era espessa, mas desbastada para a caça e cortada por sendas muito estreitas, em que não era possível caminhar senão curvado, como dentro de subterrâneos de verdura.

Um deles levava a uma clareira, onde a erva molhada apresentava marcas de passos. Segui-as, tendo o cuidado de deslizar através

dos desbastados, que me levaram até uma pequena elevação, coroada por um casebre feito de restos e meio demolido.

“Deve estar lá”, pensei. “O observatório foi bem escolhido.”

Rastejei até perto da construção. Um breve ruído me confirmou a presença, e, realmente, por uma abertura, eu o vi de costas.

Em dois pulos, estava em cima dele. Tentou me apontar o revólver que tinha na mão, mas não lhe dei tempo e o derrubei por terra, de modo que seus braços ficaram debaixo dele, torcidos, e eu pesando com meu joelho no seu peito.

– Escute, menino – disse-lhe ao ouvido –, sou Arsène Lupin. Vai me entregar em seguida e de boa vontade a minha carteira e a sacola da dama... mediante o que eu o tirarei das garras da polícia e o empregarei entre meus amigos. Uma palavra apenas: sim ou não?

– Sim – murmurou.

– Tanto melhor. Esta manhã o seu golpe foi muito bem dado. Nós nos entenderemos.

Levantei-me. Mexeu no bolso, tirou dele uma faca comprida e quis me ferir.

– Imbecil! – bradei.

Com uma mão desviei o ataque e, com a outra, dei-lhe um golpe violento na artéria carótida externa, o que se chama “*hook* na carótida”. Caiu, desancado.

Na minha carteira, reencontrei meus papéis e minhas cédulas. Por curiosidade, olhei a dele. Num envelope a ele endereçado, li seu nome: Pierre Onfrey.

Sobressaltei-me. Pierre Onfrey, o assassino da Rua Lafontaine, em Auteuil! Pierre Onfrey, o que estrangulara Madame Delbois e suas duas filhas! Inclinei-me sobre ele. Sim, era este rosto que, no

trem, tinha despertado em mim a lembrança de traços já contemplados.

Mas o tempo passava. Coloquei num envelope duas notas de cem francos, um cartão e estas palavras: “Arsène Lupin a seus bons colegas Honoré Massol e Gaston Delivet, em sinal de reconhecimento”.

Pus isso em evidência no meio da peça e, ao lado, a sacola de Madame Renaud. Poderia deixar de devolvê-la à excelente amiga que me tinha socorrido?

Confesso, porém, que retirei tudo o que apresentava algum interesse, não deixando nela senão um pente de tartaruga e um porta-moeda vazio. Que diabo! Negócio é negócio. E depois, realmente, seu marido exercia uma função tão pouco honrosa!...

Sobrava o homem. Começava a se mexer. Que decidir? Não tinha qualidade nem para salvá-lo nem para condená-lo.

Tirei-lhe as armas e dei um tiro para o ar.

“Os dois outros vão vir”, pensei, “ele que se arranje. As coisas se consumarão no sentido do seu destino”.

E afastei-me com rapidez pelo caminho da clareira.

Vinte minutos mais tarde, uma estrada transversal que tinha notado na nossa perseguição me conduziu a meu automóvel.

Às quatro horas, telegrafava a meus amigos de Rouen que um incidente imprevisto me constrangia a adiar minha visita. Entre nós, receio muito, diante do que devem saber agora, ser obrigado a adiá-la indefinidamente. Amarga desilusão para eles!

Às seis horas, voltava a Paris pela Isle-Adam, por Enghien e pela Porte Bineau.

Os jornais da tarde me informaram que se havia, enfim,

conseguido prender Pierre Onfrey.

No dia seguinte – não menosprezemos as vantagens de uma propaganda inteligente – o *Écho de France* publicava este tópico sensacional: “Ontem, nos arredores de Buchy, depois de numerosos incidentes, Arsène Lupin realizou a prisão de Pierre Onfrey. O assassino da Rua Lafontaine acabava de furtar, na linha Paris–Le Havre, Madame Renaud, esposa do subdiretor dos serviços penitenciários. Arsène Lupin restituiu a Madame Renaud a sacola que continha as joias e recompensou generosamente os dois agentes da Sûreté que o tinham ajudado no curso dessa dramática prisão”.



O “Colar da Rainha”

Duas ou três vezes por ano, em solenidades importantes, como os bailes da Embaixada da Áustria ou as noitadas de Lady Billington, a Condessa de Dreux-Soubise punha sobre seus brancos ombros o “Colar da Rainha”.

Era de fato o famoso colar, o colar lendário que Bohmer e Bassenge, joalheiros da coroa, destinavam à Du Barry, que o Cardeal de Rohan--Soubise julgou oferecer a Maria Antonieta, rainha da França, e que a aventureira Jeanne de Valois, Condessa de La Motte, desmanchou numa noite de fevereiro de 1785, com a ajuda de seu marido e do cúmplice de ambos, Rétaux de Villette.

Para falar a verdade, só a armação era autêntica. Rétaux de Villette a conservara, enquanto o senhor de La Motte e sua mulher dispersavam aos quatro ventos as pedras brutalmente desengastadas, as admiráveis pedras tão cuidadosamente escolhidas por Bohmer. Mais tarde, na Itália, vendeu a armação a Gaston de Dreux-Soubise, sobrinho e herdeiro do cardeal, salvo por ele da ruína quando da ressonante falência de Rohan-Guéménée. Gaston, em memória do tio, comprou os poucos diamantes que sobravam, na posse do joalheiro inglês Jefferys, completou-os com outros de valor bem menor, mas da mesma dimensão, e chegou a

reconstituir o maravilhoso colar, tal como tinha saído das mãos de Bohmer e Bassenge.

Dessa joia histórica, durante mais de um século, os Dreux-Soubise se orgulharam. Embora circunstâncias diversas tivessem diminuído consideravelmente sua fortuna, preferiam baixar o nível de vida em casa do que vender a monárquica e preciosa relíquia. Em particular o conde atual atinha-se a ela como outros se atêm à casa paterna. Por cautela, tinha alugado um cofre no Crédit Lyonnais para depositá-la. Ia ele mesmo buscá-la na tarde do dia em que sua mulher queria usá-la, e a levava ele mesmo no dia seguinte.

Naquela noite, na recepção do Palácio de Castela – a aventura remonta ao início do século –, a condessa fez um verdadeiro sucesso, e o Rei Christian, em honra de quem a festa era dada, comentou sua beleza esplêndida. As pedrarias radiavam em torno do gracioso pescoço. As mil facetas dos diamantes brilhavam e cintilavam como labaredas à claridade das luzes. Nenhuma mulher além dela, parecia, teria podido levar com tanta naturalidade e nobreza o peso de um tal adorno.

Foi um triunfo duplo, que o Conde de Dreux saboreou profundamente, e de que se congratulava quando entraram no quarto de sua velha mansão do bairro de Saint-Germain. Estava orgulhoso de sua mulher e, igualmente, talvez, da joia que ilustrava sua casa há quatro gerações. A mulher extraía dela uma vaidade um tanto pueril, mas que era bem típica do seu caráter altivo.

Não sem pesar, tirou o colar e o entregou ao marido, que o examinou com admiração, como se não o conhecesse. Depois, colocando-o no estojo de couro vermelho com as armas do cardeal, passou a um gabinete pegado, antes uma espécie de alcova, que

tinham isolado completamente do quarto e cuja única entrada era ao pé do leito deles. Como das outras vezes, escondeu o estojo numa tábua bem alta, entre caixas de chapéus e pilhas de roupa branca. Fechou a porta e foi se despir.

De manhã, levantou-se pelas nove horas, com a intenção de ir, antes do almoço, ao Crédit Lyonnais. Vestiu-se, bebeu uma xícara de café e foi às cavalariças. Deu suas ordens. Um dos cavalos o preocupava, e ele o fez andar e trotar diante de si no jardim. Em seguida, veio reunir-se à mulher.

Ela não tinha ainda deixado o quarto e se penteava, com o auxílio da empregada. Disse-lhe:

- Vai sair?
- Sim... para levar o colar.
- Ah! De fato... é mais seguro...

Ele entrou no gabinete. Mas, ao fim de uns segundos, perguntou, sem a menor surpresa aliás:

- Você o pegou, querida?

Ela replicou:

- Como? Mas não, não peguei nada.
- Tirou-o do lugar, então.
- De modo nenhum... Nem mesmo abri essa porta.

Ele surgiu, descomposto, e balbuciou numa voz que mal se ouvia:

– Não o tirou?... Não foi você?... Então... – Ela correu e procuraram febrilmente, atirando ao solo as caixas de papelão e desfazendo os montes de roupa branca. O conde repetia: – Inútil... Tudo o que fazemos é inútil... Foi aí, nessa tábua, que o coloquei.

- Você pode ter-se enganado.
- Foi aí, nessa tábua, e não noutra parte.

Acenderam uma vela, pois a peça era bastante escura, e tiraram toda a roupa e todos os objetos que a enchiam. Quando não havia mais nada no gabinete, tiveram de confessar com desespero que o famoso colar, o “Colar da Rainha”, tinha sumido.

De natureza resoluta, a condessa, sem perder tempo em vãs lamentações, mandou avisar o comissário, senhor Valorbe, de que tinham tido já a ocasião de apreciar o espírito sagaz e a clarividência. Puseram-no a par da situação em detalhes e ele perguntou:

– Está seguro, senhor conde, de que ninguém pode atravessar o seu quarto de noite?

– Absolutamente seguro. Tenho o sono muito leve. Melhor ainda: a porta deste quarto estava fechada com o ferrolho. Tive de tirá-lo esta manhã quando minha mulher chamou a empregada.

– E não existe outra passagem que permita entrar no gabinete?

– Nenhuma.

– Nada de janela?

– Sim, mas inutilizada.

– Desejaria ver de que modo...

Acenderam velas e em seguida o senhor Valorbe observou que a janela não estava inutilizada senão até meia altura por um baú que, além disso, não estava bem encostado nela.

– Está encostado suficientemente – replicou o senhor de Dreux – para que seja impossível deslocá-lo sem fazer muito barulho.

– E para onde dá esta janela?

– Para um patiozinho interno.

– E há mais um andar acima deste?

– Dois, mas ao nível do andar dos empregados. O patiozinho está

protegido por uma grade de ferro de furos estreitos. É por isso que temos pouca luz.

Aliás, quando afastaram o baú, constataram que a janela estava fechada, o que não ocorreria se alguém tivesse entrado de fora.

– A menos – observou o conde – que esse alguém não tenha saído pelo nosso quarto.

– Caso em que o senhor não teria encontrado o ferrolho do quarto corrido. – O comissário refletiu um instante e se virou para a condessa: – Entre suas relações, senhora, sabia-se que usaria esse colar ontem à noite?

– Certamente, não ocultei. Mas ninguém sabia que o fechávamos neste gabinete.

– Ninguém?

– Ninguém... A menos que...

– Peço-lhe, senhora, seja precisa. Esse é um ponto dos mais importantes.

Ela disse ao marido:

– Pensava em Henriette.

– Henriette? Ela ignora esse pormenor tanto quanto os demais.

– Tem certeza?

– Quem é essa senhora? – inquiriu Valorbe.

– Uma amiga do colégio de freiras, que brigou com a família para casar com uma espécie de operário. Quando seu marido faleceu, eu a recolhi com o seu filho e coloquei à sua disposição um apartamento nesta mansão. – E acrescentou com embaraço: – Ela me presta alguns serviços. É muito destra manualmente.

– Em que andar mora?

– No nosso, não longe, por sinal... no fim deste corredor. E até,

estou pensando... a janela da sua cozinha...

– Dá para este pátio, não é?

– Sim, bem em frente à nossa.

Um silêncio seguiu-se a essa declaração. Em seguida, Valorbe pediu que o levassem a Henriette.

Ela estava costurando, enquanto seu filho Raoul, um garoto de seis a sete anos, lia a seu lado. Bem surpreendido de ver o miserável apartamento que haviam mobiliado para ela, e que se compunha ao todo de uma peça sem lareira e de um canto servindo de cozinha, o comissário a interrogou. Pareceu transtornada ao saber do roubo cometido. Na véspera, à noite, ela própria tinha vestido a condessa e lhe havia prendido o colar em volta do pescoço.

– Meu Deus! – bradou. – Nunca acreditaria!

– E não tem nenhuma ideia, nenhuma desconfiança? É possível que o culpado tenha passado pelo seu quarto.

Riu à vontade, sem sequer imaginar que pudesse ser alvo de alguma suspeita.

– Mas nem saí do meu quarto! Eu nunca saio. E depois, o senhor não viu? – Abriu a janela da cozinha. – Repare, há pelo menos três metros até a borda oposta.

– Quem lhe disse que encaramos a hipótese de um roubo realizado por aí?

– Mas... o colar não estava no gabinete?

– Como sabe?

– Oh, sempre soube que o punham ali de noite... Falaram na minha frente...

Seu rosto, ainda jovem, mas que os dissabores tinham

descolorido, mostrava uma grande doçura e resignação. No entanto, teve súbito, no silêncio, uma expressão de angústia, como se um perigo a tivesse ameaçado. Puxou seu filho contra si e a criança lhe pegou na mão e beijou-a ternamente.

– Não posso admitir – disse o senhor de Dreux ao comissário quando ficaram sozinhos – que suspeite dela. Respondo por ela. É a honestidade em pessoa.

– Oh, sou inteiramente de sua opinião – afirmou o senhor Valorbe.
– O máximo que pensei foi numa cumplicidade inconsciente. Mas reconheço que essa explicação deve ser abandonada, ainda mais porque não resolve em nada o problema que enfrentamos.

O comissário não levou adiante o inquérito, que o juiz de instrução retomou e completou nos dias seguintes. Interrogaram-se os criados, verificou-se o estado do ferrolho, fizeram-se experiências de fechar e abrir a janela do gabinete, explorou-se o patiozinho de alto a baixo... tudo em vão. O ferrolho estava intato. A janela não podia ser aberta nem fechada por fora.

As buscas visaram especialmente a Henriette, pois, apesar de tudo, retornava-se sempre a esse lado. Devassaram minuciosamente sua vida, verificando que, em três anos, só saíra quatro vezes da mansão, e as quatro vezes para diligências que se puderam determinar. Na realidade, servia de aia e de costureira para Madame de Dreux, que se mostrava em relação a ela de uma exigência que todos os empregados, confidencialmente, testemunharam.

– Ademais – dizia o juiz de instrução, que, ao fim de uma semana, chegara às mesmas conclusões que o comissário –, admitindo que cheguemos a conhecer o culpado, e estamos longe disso, nem por

isso estaríamos mais perto de saber como o roubo foi cometido. Estamos barrados à direita e à esquerda por dois obstáculos: uma porta e uma janela fechadas. O mistério é duplo! Como puderam introduzir-se e como, o que é bem mais difícil, puderam escapar deixando atrás de si uma porta aferrolhada e uma janela fechada?

No fim de quatro meses de investigações, a ideia secreta do juiz era esta: o casal De Dreux, premido por questões de dinheiro, tinha vendido o “colar da rainha”. Arquivou o caso.

O furto da preciosa joia foi para os Dreux-Soubise um golpe de que guardaram muito tempo a marca. O crédito deles, deixando de ser apoiado pela espécie de reserva que constituía um tal tesouro, colocou-os ante credores mais rigorosos e financiadores menos módicos. Tiveram de lançar mão do capital, alienar, hipotecar – em suma, teria sido a ruína se duas consideráveis heranças de parentes afastados não os tivessem salvo.

Sofreram também no amor-próprio, como se houvessem perdido um título de nobreza. E, coisa fora do normal, foi contra sua velha amiga de pensionato que a condessa se voltou. Sentia em relação a ela verdadeiro rancor e a acusava abertamente. Primeiro, relegaram-na ao andar dos criados; depois, despediram-na de um dia para o outro.

E a vida passou, sem acontecimentos incomuns. Viajavam muito.

Houve apenas um fato, durante esse período, digno de destaque. Meses depois da partida de Henriette, a condessa recebeu uma carta sua que a encheu de surpresa:

“Senhora,

Não sei como lhe agradecer. Pois foi a senhora que me enviou isso, não? Não podia ser outra pessoa, ninguém conhece o meu

retiro no fundo desta vilazinha. Se me engano, desculpe-me e receba ao menos a expressão do meu reconhecimento por suas bondades passadas...”

Que queria dizer? As bondades presentes ou passadas da condessa para ela se reduziam a muitas injustiças. Que significavam esses agradecimentos?

Forçada a se explicar, respondeu que recebera pelo correio, num envelope não registrado nem com valor declarado, duas notas de mil francos. Anexava o envelope à resposta: estava carimbado de Paris e trazia apenas o seu endereço, escrito numa letra visivelmente disfarçada.

De onde provinham esses dois mil francos? Quem os tinha mandado? A justiça procurou se informar, mas que pista poderia seguir nessas trevas?

O mesmo fato se repetiu doze meses depois. E uma terceira vez; uma quarta; e a cada ano, durante seis anos, com a diferença de que no quinto e no sexto a cifra foi duplicada, o que permitiu a Henriette, que contraía uma enfermidade, tratar-se adequadamente.

Ainda uma diferença: tendo a administração do Correio interceptado uma das cartas sob o pretexto de não ter valor declarado, as duas últimas foram enviadas segundo o regulamento, a primeira datada de Saint-Germain, a outra de Suresnes. O remetente se assinou de início Anquety, depois Péchard. Os endereços que deu eram falsos.

No fim de seis anos, Henriette morreu, e o enigma permaneceu intato.

Todas essas ocorrências são conhecidas pelo público. O caso

apaixonou a opinião pública. Era um destino estranho o daquele colar, que, depois de ter sacudido a França no fim do século XVIII, desencadeava ainda tanta emoção cento e vinte anos depois. Mas o que vou dizer todos ignoram, fora os principais interessados e algumas pessoas a quem o conde pediu sigilo absoluto. Como é provável que um dia ou outro faltem à sua promessa, não tenho, por mim, nenhum escrúpulo em rasgar o véu, e assim se saberá, além da chave do enigma, o motivo da carta publicada pelos jornais anteontem de manhã, carta extraordinária que acrescentou ainda, se é que era possível, um pouco de sombra e mistério às obscuridades desse drama.

Ocorreu há cinco dias. Entre os convidados que almoçavam na casa do senhor de Dreux-Soubise, achavam-se suas duas sobrinhas e sua prima e, de homens, o presidente d'Essaville, o deputado Bochas, o cavaleiro Floriani, que o conde conhecera na Sicília, e um general, o marquês de Rouzières, o velho camarada de suas relações.

Depois da refeição, as senhoras serviram o café, e os homens tiveram permissão para um cigarro, com a condição de ficarem no salão. Palestrava-se. Uma das moças se distraiu em tirar a sorte pelas cartas. A seguir se falou em crimes célebres. E a esse propósito o senhor de Rouzières, que não perdia ocasião de implicar com o conde, lembrou a aventura do colar, assunto a que o senhor de Dreux tinha horror.

Cada um emitiu seu parecer, reiniciando a instrução a seu modo. E, naturalmente, as hipóteses se contradiziam e eram igualmente inadmissíveis.

– E o senhor? – perguntou a condessa ao Cavaleiro Floriani. –

Qual a sua opinião?

– Oh! Não tenho opinião, senhora. – Reclamaram. O cavaleiro justamente acabava de contar com brilho diversas aventuras em que tinha tomado parte com seu pai, magistrado em Palermo, onde se tinham fortalecido seu juízo e gosto por essas questões. – Confesso que me aconteceu ter êxito em casos a que os mais hábeis renunciaram. Mas daí a me considerar um Sherlock Holmes... Ademais, sei pouco a respeito deste.

Voltaram-se para o dono da casa. A contragosto, teve de resumir os fatos. O cavaleiro escutou, refletiu, fez algumas perguntas e murmurou:

– Engraçado, à primeira vista não me parece que a coisa seja tão difícil de adivinhar. – O conde alçou os ombros, mas os outros se comprimiram em torno do cavaleiro e ele continuou num tom um tanto dogmático: – Em geral, para chegar ao autor de crime ou roubo, é preciso determinar como foram cometidos. No caso atual nada mais simples, a meu ver, pois nós nos achamos diante não de diversas hipóteses, mas de uma certeza, única, rigorosa, a saber: o indivíduo só podia entrar pela porta do quarto ou pela janela do gabinete. Ora, não se abre por fora uma porta aferrolhada. Portanto, entrou pela janela.

– Estava fechada e foi encontrada fechada – declarou o senhor de Dreux.

– Para isso – continuou Floriani, sem se deter com a interrupção –, não precisou mais que colocar uma ponte, prancha ou escada entre o balcão da cozinha e a borda da janela, e já que o estojo...

– Mas eu lhe repito que a janela estava fechada – bradou o conde, impaciente.

Dessa vez Floriani teve de responder. E o fez com grande calma, como alguém que não se perturba com uma objeção insignificante:

– Acredito que estivesse, mas não possuía um postigo?

– Como sabe?

– Primeiro, por ser quase uma regra nas mansões construídas na época desta, e em seguida porque deve ser assim, já que de outra maneira o roubo seria inexplicável.

– Com efeito, existe um, mas fechado, como a janela. Nem atentaram para ele.

– Foi um erro. Pois, se tivessem atentado, teriam visto claramente que tinha sido aberto.

– E como?

– Suponho que, como os outros, esse postigo se abra por meio de um fio de ferro trançado, munido de anel na ponta inferior, não?

– Sim.

– E esse anel pendia entre a janela e o baú?

– Sim, mas não compreendo...

– Veja: por uma fenda feita na vidraça, pode-se, com a ajuda de um instrumento qualquer, digamos uma varinha de ferro provida de gancho, agarrar o anel, puxá-lo e abrir o postigo.

O conde riu.

– Perfeito! Perfeito! Constrói tudo tão naturalmente! Mas esquece uma coisa, meu caro: é que não existe fenda na vidraça.

– Deve haver uma fenda.

– Ora, nós a teríamos visto.

– Para ver é preciso olhar, e não olharam. A fenda existe, é materialmente impossível que não exista, ao longo da vidraça contra o caixilho, no sentido vertical.

O conde se levantou. Parecia superexcitado. Andou de um lado a outro nervosamente e, acercando-se de Floriani:

– Nada mudou lá em cima desde aquele dia... Ninguém pôs os pés no gabinete.

– Nesse caso, senhor, poderá confirmar que a minha explicação concorda com a realidade.

– Não concorda com nenhum dos fatos que a justiça constatou. Não viu nada, não sabe nada e vai de encontro a tudo o que vimos e sabemos.

Floriani pareceu não notar a irritação do conde e disse, sorrindo:

– Meu Deus, estou buscando ver claro, apenas. Se me engano, demonstre o meu erro.

– Sem demora... Confesso que, com o tempo, sua segurança... – o senhor de Dreux mastigou ainda umas palavras; de repente foi até a porta e saiu.

Nenhuma palavra foi dita. Esperava-se ansiosamente, como se, de fato, uma parcela da verdade fosse aparecer. O silêncio adquiriu extrema gravidade.

Por fim, o conde surgiu no umbral da porta. Estava pálido e agitado. Disse aos amigos, com voz trêmula:

– Peço-lhes perdão... As revelações do senhor foram tão imprevistas... Nunca teria pensado...

Sua mulher perguntou avidamente:

– Fale, peço-lhe. Que há?

Balbuciou:

– A fenda existe. No próprio lugar indicado, ao longo do caixilho...

– Pegou bruscamente no braço do cavaleiro e lhe disse em tom imperioso: – Agora, continue. Reconheço que tinha razão até aqui,

mas não acabou. Diga o que ocorreu, a seu ver.

Floriani se livrou delicadamente e, depois de um instante, falou:

– Bem, segundo penso, eis o que se passou: o indivíduo, sabendo que Madame de Dreux ia ao baile com o colar, colocou sua prancha durante a ausência dos dois. Espreitou pela janela e viu-o esconder a joia. Quando o senhor saiu, cortou o vidro e puxou o anel.

– Seja, mas a distância é demasiado grande para que pudesse, pelo postigo, alcançar o fecho da janela.

– Se não pôde abri-la, foi porque entrou pelo próprio postigo.

– Impossível; não há homem tão delgado que possa penetrar por ali.

– Então não foi um homem.

– Como!

– Sem dúvida. Se a passagem é muito estreita para um homem, forçosamente foi uma criança.

– Uma criança!

– Não me disse que a sua amiga Henriette tinha um filho?

– De fato... um menino que se chamava Raoul.

– É infinitamente provável que tenha sido Raoul quem cometeu o roubo.

– Que prova apresenta?

– Que prova?... Provas não faltam; por exemplo... – Calou-se e refletiu alguns segundos. Prosseguiu: – Por exemplo, essa prancha: não é de crer que a criança a tenha trazido e levado sem ter sido notada. Deve ter empregado o que estava à sua disposição. No canto em que Henriette cozinhava havia tábuas presas na parede para colocar as panelas, não é?

– Duas, tanto quanto me lembro.

– Seria preciso verificar se essas pranchas estão de fato presas nos apoios de madeira que as sustentam. Caso contrário, estaríamos autorizados a pensar que o menino as despregou, juntando depois uma à outra. Talvez, já que havia um fogão, se achasse também o gancho deste de que se serviu para abrir o postigo.

Sem dizer palavra o conde saiu, e desta vez os assistentes não sentiram nem mesmo a pequena ansiedade do desconhecido que tinham sentido da primeira. Sabiam, e com convicção, que as previsões de Floriani eram certas. Emanava dele um halo de exatidão tão rigorosa que não era ouvido como se deduzisse fatos uns dos outros, mas como se contasse ocorrências cuja autenticidade era fácil de verificar na hora em que se quisesse.

Ninguém se surpreendeu quando o conde veio declarar:

– Foi o menino, é certo, tudo o prova.

– Viu as pranchas... o gancho?

– Vi... as pranchas foram despregadas... o gancho ainda está lá.

Madame de Dreux-Soubise exclamou:

– Ele... quer antes dizer que foi sua mãe. Henriette é a única culpada. Deve ter obrigado o filho.

– Não – afirmou o cavaleiro. – A mãe não se meteu em nada.

– Vamos! Moravam no mesmo quarto e o menino não poderia agir contra a vontade dela.

– Moravam no mesmo quarto, mas tudo ocorreu na peça pegada, de noite, enquanto a mãe dormia.

– E o colar? – disse o conde. – Tinha de ser descoberto entre as coisas do menino.

– Perdão, mas ele saía de casa. Na própria manhã em que foi

achá-lo em sua mesinha de estudo, voltava da escola; e talvez a justiça, em vez de esgotar seus recursos contra a mãe inocente, estaria mais inspirada investigando a classe do menino e seus livros escolares.

– Seja, mas esses dois mil francos que Henriette recebia anualmente não são o melhor sinal de sua cumplicidade?

– Se fosse cúmplice, teria agradecido a vocês pelo dinheiro? E além disso a vigiavam, enquanto o menino estava livre para correr com facilidade à cidade vizinha, entrar em contato com um revendedor qualquer e lhe passar a preço vil um diamante, dois, conforme o caso, sob a única condição de que a remessa do dinheiro fosse feita de Paris, mediante o que se recomençaria no ano seguinte.

Um mal-estar indefinível oprimia os Dreux-Soubise e seus convidados. Havia realmente no tom e na postura de Floriani algo mais que aquela certeza que desde o início tinha irritado tanto o conde. Havia uma espécie de ironia, e que soava antes hostil que simpática e amistosa, como convinha.

O conde fingiu rir.

– Tudo isso é de um engenho que me arrebatou! Cumprimentos! Que imaginação!

– Mas não, não – declarou Floriani mais grave. – Não estou imaginando, evoco circunstâncias que foram inevitavelmente as que mostrei.

– Que sabe a respeito?

– O que o senhor mesmo me disse. Imagino a vida da mãe e do menino lá longe, nos confins da província; a mãe que adoece, as astúcias e invenções para vender as pedras e salvar a mãe, ou pelo

menos suavizar seus últimos momentos. O mal a leva. Morre. Passam-se anos. O garoto cresce, torna-se um homem. E, desta vez admito estar dando liberdade à imaginação, suponhamos que este homem experimente a necessidade de voltar aos lugares em que viveu a infância, que os visite, que encontre os que suspeitaram de sua mãe e a acusaram... Calcule o interesse pungente de um encontro semelhante na velha casa em que se desenrolaram as peripécias do drama... – Suas palavras vibraram alguns segundos no silêncio inquietante, e no rosto dos donos da casa se lia um esforço louco para compreender, ao mesmo tempo que o medo e a angústia de compreender.

O conde murmurou:

– Quem é o senhor?

– Eu? Mas o Cavaleiro Floriani, que conheceu em Palermo, e já teve a bondade de convidar várias vezes a visitá-lo.

– Então o que significa essa história?

– Oh! Nada! É um mero jogo de minha parte. Procuro imaginar a alegria que o filho de Henriette, se ainda existe, teria em lhe dizer que foi o único culpado, e o foi porque sua mãe era infeliz, na iminência de perder o lugar de... criada do qual vivia, e porque o menino sofria vendo sua mãe infeliz. – Expressava-se com uma emoção contida, semierguido e inclinado para a condessa. Não podia subsistir nenhuma dúvida. O Cavaleiro Floriani era o filho de Henriette. Tudo em sua atitude e em suas palavras o proclamava. Aliás, não era evidente sua intenção, sua deliberação mesmo de ser assim reconhecido?

O conde hesitou. Que conduta ia ter em relação à audaciosa personagem? Chamar os criados, provocar um escândalo,

desmascarar que o tinha outrora despojado? Mas fazia tanto tempo! E quem desejaria admitir essa história absurda do menino culpado? Não, era melhor aceitar a situação, fingindo não ter pegado seu sentido real. E o conde, acercando-se a Floriani, bradou com jovialidade:

– Bem divertido, bem curioso o seu romance. Juro-lhe que me comove. Mas, de acordo com sua história, que aconteceu com esse bom rapaz, esse modelo de filho? Espero que não tenha parado, se começou tão bem.

– Oh, por certo não.

– Não é? Depois de tal estreia! Pegar o “Colar da Rainha” aos seis anos, o célebre colar que Maria Antonieta cobiçava!

– E pegá-lo – observou Floriani, prestando-se ao jogo do conde – sem que lhe custasse o menor contratempo, sem que ninguém tivesse a ideia de examinar o estado das vidraças, ou reparar que a borda da janela estava limpa demais, a borda que ele limpou para apagar os traços de sua passagem na poeira espessa... Convenha que isso era de virar a cabeça de um garoto da sua idade. Então é fácil assim, basta querer e estender a mão?... Palavra que ele quis...

– E estendeu a mão.

– As duas mãos – continuou o cavaleiro, rindo.

Houve um arrepio. Que segredos escondia a vida desse dito Floriani? Que extraordinária devia ser a existência desse aventureiro, ladrão genial aos seis anos, e que hoje, por um requinte de diletante em busca de emoção, ou ao menos para satisfazer um sentimento de rancor, vinha desafiar sua vítima na casa dela, audaciosa, loucamente, e, no entanto, com toda a correção de um homem elegante em visita!

Ergueu-se e aproximou-se da condessa para se despedir. Ela reprimiu um movimento de recuo. Ele sorriu.

– Oh, senhora, tem medo! Terei levado longe demais minha pequena comédia de mágico de salão?

Ela se dominou e respondeu com a mesma desenvoltura caçoísta:

– De modo algum, senhor. A lenda desse bom filho, ao contrário, me interessou muito, e me felicito por meu colar ter dado oportunidade a um destino tão brilhante. Mas não crê que o filho dessa... mulher, dessa Henriette, obedecesse antes de tudo a uma vocação?

Ele sentiu a estocada e replicou:

– Estou certo, e era preciso que essa vocação fosse séria para que o menino não desanimasse.

– Como assim?

– Mas sim, a senhora sabe, a maioria das pedras era falsa. De verdadeiro só havia alguns diamantes comprados ao joalheiro inglês, os outros tinham sido vendidos um a um, conforme as duras necessidades da vida.

– Ainda assim era o “Colar da Rainha”, senhor – disse a condessa com altivez. – E isso me parece o que o filho de Henriette não podia compreender.

– Deve ter compreendido que, falso ou verdadeiro, o colar era antes de tudo um objeto de ostentação, uma insígnia.

O senhor de Dreux fez um gesto que a mulher captou logo.

– Senhor – disse ela –, se o homem a quem alude tem o menor pudor... – Interrompeu-se, intimidada pelo olhar calmo de Floriani.

Ele repetiu:

– Se esse homem tiver o menor pudor?...

Ela sentiu que nada ganharia falando-lhe daquele modo, e apesar de si mesma, de sua cólera, de sua indignação vibrante de amor-próprio humilhado, falou-lhe quase polidamente:

– Senhor, pretende a lenda que Rétaux de Villette, quando teve em mãos o “Colar da Rainha” e desengastou todos os diamantes com Jeanne de Valois, não ousou tocar na armação. Entendeu que os diamantes eram apenas um adorno acessório, que a armação era o essencial, a própria criação do artista, e a respeitou. Julga que esse homem igualmente entendeu isso?

– Não duvido que a armação exista. O menino a respeitou.

– Pois bem, se por acaso se encontrar com ele, diga-lhe que conserva injustamente uma dessas relíquias que são o patrimônio e a glória de certas famílias, e que pôde arrancar as pedras sem que o “Colar da Rainha” deixasse de pertencer à casa de Dreux-Soubise. Pertence-nos como nosso nome e nossa dignidade.

O cavaleiro respondeu simplesmente:

– Eu lhe direi, senhora.

Inclinou-se diante dela, cumprimentou o conde e, um após outro, todos os assistentes, e saiu.

Quatro dias depois, Madame de Dreux achava na mesa de seu quarto um estojo vermelho com as armas do cardeal. Era o “Colar da Rainha”.

Mas como todas as coisas devem, na vida de um homem preocupado com a unidade e a lógica, concorrer ao mesmo fim, e um pouco de propaganda nunca prejudica, no dia seguinte o *Écho de France* publicava estas linhas que causaram sensação: “O ‘Colar da Rainha’, a célebre joia outrora subtraída à família de Dreux-Soubise, foi encontrado por Arsène Lupin, que se apressou em

devolvê-lo a seus legítimos proprietários. Não se pode senão aplaudir essa atenção delicada e cavalheiresca”.



O sete de copas

Uma pergunta se faz e me foi feita muitas vezes: como conheci Arsène Lupin?

Ninguém duvida de que o conheça. Os detalhes que acumulo sobre esse homem desconcertam, os fatos irrefutáveis que exponho, as provas novas que apresento, a interpretação que dou de certos atos de que não vi senão as manifestações exteriores sem penetrar nos motivos secretos nem no mecanismo invisível, tudo isso demonstra bem não uma intimidade, que a própria existência de Lupin faria impossível, mas ao menos relações amistosas e continuadas confidências.

Mas como o conheci? De onde me veio o privilégio de ser o seu narrador? Por que eu e não outro?

A resposta é fácil: só o acaso presidiu uma escolha em que meu mérito não entra para nada. Foi o acaso que me pôs em seu rastro. Por acaso me meti numa de suas mais estranhas e misteriosas aventuras, por acaso enfim fui ator num drama de que ele foi o maravilhoso diretor, drama obscuro e complexo, erigido de tais peripécias que experimento algum embaraço no instante em que me decido a contá-lo.

O primeiro ato se passa durante aquela famosa noite de 22 para

23 de junho, de que tanto se falou. De minha parte, digamos logo, atribuo a conduta bastante anormal que tive na ocasião ao estado de espírito muito particular em que me achava ao voltar para casa. Tínhamos jantado entre amigos no restaurante da Cascade, e toda a noite, enquanto fumávamos e a orquestra zíngara tocava valsas melancólicas, tínhamos falado apenas de crimes e roubos, intrigas assustadoras e tenebrosas. E essa é sempre uma má introdução ao sono.

Os Saint-Martin foram embora de carro. Jean Daspry – esse cativante e descuidado Daspry que, seis meses depois, se deixaria matar de modo tão trágico na fronteira do Marrocos – e eu voltamos a pé pela noite escura e quente. Ao chegarmos diante da casa em que eu morava há um ano, em Neuilly, no Boulevard Maillot, ele me disse:

- Nunca tem medo?
- Que ideia!
- Puxa, sua casa é tão isolada! Sem vizinhos, com terrenos baldios... Juro, não sou covarde, e no entanto...
- Como você é alegre, hem?!
- Oh, digo isso como diria outra coisa. Os Saint-Martin me impressionaram com suas histórias de bandidos.

Tendo-me apertado a mão, afastou-se. Peguei minha chave e abri a porta. “Ah, bom”, murmurei, “Antoine se esqueceu de acender uma vela”.

E súbito lembrei: Antoine estava ausente, tinha-lhe dado folga.

Imediatamente a sombra e o silêncio me foram desagradáveis. Subi a meu quarto, às apalpadelas, o mais rápido possível, e logo, contrariando o costume, virei a chave e corri o ferrolho. A seguir

acendi a luz.

A chama da vela me devolveu o sangue-frio. Tive, porém, o cuidado de tirar o meu revólver da bainha, um revólver grande, de longo alcance, e o coloquei ao lado da cama. Deitei-me, e, como era meu costume para adormecer, peguei, na mesinha de cabeceira, o livro que cada noite me esperava.

Fiquei muito surpreso. Em vez do corta-papéis com que o tinha marcado na véspera, encontrei um envelope, lacrado com cinco pingos de cera vermelha. Vivamente me fixei nele. Trazia como endereço meu nome por extenso, acompanhado da menção: *Urgente*.

Uma carta! Em meu nome! Quem a podia ter posto ali? Um tanto nervoso, rasguei o envelope e li: “A partir do momento em que abrir esta carta, aconteça o que acontecer, ouça o que ouvir, não se mexa, não faça um gesto, não dê um grito. Senão, está perdido”.

Eu também não sou um covarde, e, tão bem quanto outro qualquer, sei me manter em face do perigo real, ou sorrir dos perigos quiméricos de que se assusta nossa imaginação. Mas, repito, estava numa situação de espírito anormal, facilmente impressionável, com os nervos à flor da pele. E, aliás, não haveria em tudo isso algo de perturbador e inexplicável que teria sacudido a alma mais intrépida?

Meus dedos apertavam febrilmente a folha de papel e meus olhos reliam sem cessar as frases ameaçadoras. *Não faça um gesto... não dê um grito... senão, está perdido...* “Ah, vamos”, pensei, “é alguma brincadeira, uma farsa imbecil”.

Estive a ponto de rir, queria mesmo rir em voz alta. Quem me impedia? Que receio confuso me comprimia a garganta?

“Pelo menos soprarei a vela”. E não pude soprá-la. *“Nem um gesto ou está perdido”*, tinham escrito.

Mas para que lutar contra essas autossugestões, não raro mais imperiosas que fatos definidos? Tinha apenas de fechar os olhos. Fechei-os.

No mesmo instante, um leve ruído se ouviu no silêncio, logo estalidos. Provinham, pareceu-me, de uma espaçosa sala ao lado, em que instalara meu gabinete de trabalho e de que apenas o vestíbulo me separava.

A aproximação do perigo real me agitou e tive a sensação de que ia me levantar, pegar o revólver, correr à sala. Não me levantei e à minha frente uma das cortinas da janela da esquerda se mexeu.

A dúvida não era possível: tinha se mexido. Mexia-se ainda! E vi – oh, vi isso distintamente – que havia entre a cortina e a janela, nesse espaço tão estreito, uma forma humana cuja espessura impedia a fazenda de cair direito.

E o ser também me via, era certo que me via pela malha larga do tecido. Então compreendi tudo. Enquanto os outros levavam o que pilhavam, sua tarefa consistia em me manter quieto. Levantar-me? Pegar o revólver? Impossível... Ele estava ali! Ao menor gesto, ao menor grito, eu estaria perdido.

Uma batida violenta sacudiu a casa, seguida de pequenas batidas agrupadas em duas ou três, como as do martelo que bate pregos, repetindo-se mais fracas. Ao menos era o que imaginava, na confusão de meu cérebro. Outros ruídos se entrecruzaram, numa verdadeira barulheira que mostrava que não se preocupavam e agiam com toda a segurança.

E tinham razão, não me mexia. Em vez de covardia, era um

aniquilamento, total impotência para mover um que fosse de meus membros. Prudência igualmente, pois, enfim, por que lutar? Atrás deste homem havia dez outros que viriam ao seu chamado. Iria arriscar a vida para salvar alguns tapetes e quinquilharias?

E o suplício durou toda a noite. Suplício intolerável, angústia excessiva. O ruído se interrompera, mas eu não deixava de esperar que recomeçasse. E o homem! O homem que me vigiava, de arma na mão! Meu olhar assustado não o abandonava. E meu coração batia, e o suor escorria da minha testa e do meu corpo todo!

E de repente um bem-estar inexprimível me invadiu: um carro de leiteiro, de que conhecia bem a andadura, passou pela avenida, e tive ao mesmo tempo a impressão de que a aurora tentava atravessar as persianas fechadas e um pouco de dia lá fora se misturava à sombra.

E o dia entrou no quarto. E outros carros passaram. E todos os fantasmas da noite se desvaneceram.

Estendi um braço para a mesa, lenta, dissimuladamente. À frente nada se mexeu. Marcava com os olhos a ruga da cortina, o lugar preciso a que tinha de apontar, fiz a conta exata dos movimentos que devia executar e, rapidamente, empunhei o revólver e atirei.

Saltei fora da cama com um grito de libertação e corri para a cortina. A fenda estava furada, a vidraça também. Quanto ao homem, não tinha conseguido atingi-lo... pela boa razão de que não havia ninguém.

Ninguém! Assim, toda a noite, tinha estado hipnotizado pela dobra de uma cortina! E enquanto isso, malfeitores... Raivosamente, num impulso que nada teria detido, virei a chave na fechadura, abri minha porta, atravessei o vestibulo, abri a outra porta e me

arremessei na sala.

Mas um estupor me pregou ao chão, ofegante, atordado, mais surpreendido ainda do que com a ausência do homem: não havia desaparecido nada. Todas as coisas que supunha furtadas, móveis, quadros, velhos veludos e sedas, todas no seu lugar!

Espetáculo incompreensível – não acreditava nos meus olhos. E a barulheira, os ruídos de mudança? Dei a volta na peça, inspecionei as paredes, fiz o inventário de todos os objetos que conhecia tão bem. Não faltava nada. E o que mais me confundia é que também nada revelasse a passagem dos malfeitores, nem um indício, uma cadeira fora do lugar, a marca de um passo.

“Vejam”, dizia a mim mesmo agarrando a cabeça com as duas mãos, “não sou, no entanto, um louco, eu ouvi bem!”.

Polegada a polegada, com os processos de investigação mais minuciosos, examinei a sala. Foi em vão. Ou antes... mas podia considerar isso como descoberta? Sobre um pequeno tapete persa no soalho, apanhei uma carta de baralho. Um sete de copas, semelhante a todos os sete de copas dos baralhos franceses, mas que me reteve a atenção por um detalhe bem curioso: a ponta de cada uma das sete marcas vermelhas em forma de coração estava furada, num buraquinho redondo e regular feito com uma punção.

Era tudo. Uma carta de baralho e uma carta achada num livro. Fora disso, nada. Seria o suficiente para afirmar que eu não tinha sido o joguete de um sonho?

Durante o resto do dia, continuei as buscas no salão. Era uma peça grande, em desproporção com a exiguidade do imóvel, e cuja decoração atestava o estranho gosto de quem a tinha concebido. O soalho era feito de um mosaico de pecinhas multicores formando

grandes desenhos simétricos. O mesmo mosaico recobria as paredes, disposto em painéis: alegorias à Pompeia, composições bizantinas, afrescos da Idade Média. Um Baco cavalgava um tonel. Um imperador, com coroa dourada e barba branca, segurava um gládio na mão direita.

Bem em cima, como num ateliê de pintor, estava a única e ampla janela. Sempre aberta à noite, era provável que os homens tivessem passado por ali, com a ajuda de uma escada. Também nisso não havia certeza. Os braços da escada teriam deixado marcas na terra batida do pátio, e não havia marca alguma. A grama do terreno baldio que cercava a casa deveria estar pisada de fresco, e não estava.

Confesso que não tive a ideia de me dirigir à polícia, tanto os fatos que teria de expor eram inconsistentes e absurdos. Iam rir de mim. Mas dois dias depois saía a minha crônica no *Gil Blas*, onde então escrevia. Obcecado por minha aventura, contei-a por extenso.

O artigo não passou despercebido, mas vi bem que raros o tomavam a sério, considerando-o antes uma fantasia que história real. Os Saint--Martin acharam graça. Daspry, porém, a que não faltava competência nessas matérias, veio me ver, pediu que lhe explicasse a coisa toda e a estudou, mas sem maior sucesso.

Numa das manhãs seguintes, o sininho do portão soou e Antoine veio me avisar que um senhor queria falar comigo. Não desejara dar o nome. Pedi que subisse.

Era um homem de uns quarenta anos, cabelo bem escuro, rosto enérgico, e cujas roupas limpas, mas gastas, mostravam uma preocupação de elegância em contraste com suas maneiras antes vulgares.

Sem preâmbulo, disse-me, numa voz rouca com entonação que me confirmou a situação social do indivíduo:

– Senhor, em viagem, num café, o *Gil Blas* me caiu sob os olhos, e li o seu artigo. Interessou-me muito.

– Agradeço-lhe.

– E voltei.

– Ah!

– Sim, para lhe falar. Todos os fatos que contou são verdadeiros?

– Completamente.

– Não há um único que seja invenção sua?

– Um único.

– Nesse caso, tenho talvez informações a lhe dar.

– Estou ouvindo.

– Não.

– Como não?

– Antes de falar, preciso verificar se são exatos.

– E para verificar?

– É preciso que eu fique sozinho nesta peça.

Olhei-o com surpresa.

– Não vejo bem...

– Foi uma ideia que tive ao ler o artigo. Alguns detalhes coincidem de modo extraordinário com outra aventura que conheci por acaso. Se me enganei, é preferível que me cale. E o único modo de saber é eu ficando sozinho...

Que haveria sob tal proposta? Mais tarde me lembrei de que, ao fazê-la, o homem tinha um ar preocupado, uma expressão fisionômica ansiosa. Mas no momento, embora um tanto espantado, nada achei de particularmente anormal no pedido. E uma

curiosidade daquelas era de estimular um autor.

Respondi:

– Certo. De quanto tempo precisa?

– Oh, três minutos, não mais. Em três minutos, irei ter com o senhor.

Saí da peça. Embaixo, puxei o relógio. Passou um minuto. Dois... Por que me sentia oprimido? Por que esses instantes me pareciam mais solenes que outros?

Dois minutos e meio... Dois minutos e três quartos... De repente, soou um tiro. Subi a escada rápido e entrei. Um grito de horror me escapou.

No meio da sala o homem jazia, imóvel, deitado sobre o lado esquerdo. Sangue lhe corria da cabeça, em mistura a detritos do cérebro. Perto de sua mão, um revólver ainda fumegava.

Agitou-o uma convulsão, e foi tudo.

Porém, mais ainda que esse horrível espetáculo, algo me chocou, algo que fez com que não chamasse logo por socorro nem me ajoelhasse para ver se o homem ainda respirava. A dois passos dele, no chão, um sete de copas!

Apanhei-o. As sete pontas das marcas vermelhas tinham buraquinhos...

Meia hora depois, o comissário de polícia de Neuilly chegava; e veio o legista, e o chefe da Sûreté, senhor Dudouis. Eu não havia tocado no cadáver. Nada deve falsear as primeiras constatações.

Foram breves. Tanto mais breves quanto de início nada se descobriu, ou pouca coisa. Nos bolsos do morto, nenhum documento; em seu terno, nenhum nome; em sua roupa interior, nenhuma inicial. Em suma, nenhum indício capaz de estabelecer

sua identidade. E na sala a mesma ordem de antes. Os móveis não tinham sido deslocados e os objetos conservavam a posição anterior. No entanto, esse homem não tinha vindo à minha casa com o único objetivo de se matar, julgando que meu domicílio convinha mais que outro ao seu suicídio! Cumpria que um motivo o tivesse determinado a esse ato de desespero e que esse motivo adviesse de um fato novo, averiguado por ele durante os três minutos que passara sozinho.

Que fato? O que tinha visto ou surpreendido? Que espantoso segredo penetrara? Não se podia sequer fazer suposição.

No último momento ocorreu um incidente que nos pareceu de considerável interesse. Quando dois agentes se abaixavam para erguer o cadáver e transportá-lo numa maca, perceberam que a mão esquerda, até o momento fechada numa crispção, descontraiu-se e deixou cair um cartão de visitas amassado.

Nele se lia: *Georges Andermatt, Rua de Berri, 37.*

Que significava? Georges Andermatt era um notável banqueiro parisiense, fundador e presidente da Financiadora de Metais, que deu verdadeiro impulso às indústrias metalúrgicas da França. Vivia em grande estilo, possuindo carruagem, automóvel, cavalos de corrida. Suas festas eram muito concorridas, e Madame Andermatt era conhecida pela graça e beleza.

– Seria o nome do morto? – murmurei.

O chefe da Sûreté se inclinou:

– Não é ele. O senhor Andermatt é claro e um pouco grisalho.

– Mas por que esse cartão?

– O senhor tem telefone?

– Sim, no vestíbulo. Se quiser me seguir...

Procurou no catálogo e pediu o 415-21.

– O senhor Andermatt está em casa? Por favor, diga-lhe que o senhor Dudouis lhe pede para vir o mais rápido possível ao Boulevard Maillot, 102. É urgente.

Vinte minutos depois, Andermatt descia do seu automóvel. Expuseram-lhe as razões que reclamavam uma intervenção sua e em seguida o levaram ante o cadáver.

Teve um instante de emoção, que lhe contraiu o rosto, e pronunciou em voz baixa, como contra a vontade:

– Étienne Varin.

– Conhece?

– Não... sim, mas apenas de vista. Seu irmão...

– Tem um irmão?

– Sim, Alfred Varin. Esse irmão há tempos veio me pedir... já não lembro o quê...

– Onde mora?

– Os dois irmãos moravam juntos... creio que na Rua de Provence.

– E não tem ideia do motivo por que este aqui se matou?

– Nenhuma.

– E esse cartão que ele tinha entre os dedos?... É o seu, com o seu endereço.

– Não entendo. Trata-se evidentemente de um acaso que o inquérito há de explicar.

“Um acaso de qualquer forma bem curioso”, pensei, e senti que todos tínhamos a mesma impressão.

Essa impressão, reencontrei-a nos jornais do dia seguinte e em todos os meus amigos com quem conversei sobre o assunto. Entre os enigmas que o complicavam, depois da dupla e tão

desconcertante descoberta daquele sete de copas sete vezes furado, depois dos dois acontecimentos igualmente surpreendentes de que minha morada fora palco, esse cartão de visita parecia enfim prometer um pouco de luz. Por ele se chegaria à verdade.

Mas, contrariando as previsões, o senhor Andermatt não forneceu nenhuma indicação.

– Disse o que sabia – repisava. – Que querem mais? Sou o primeiro a me admirar de que esse cartão tenha sido achado lá, e como todo mundo espero que esse ponto seja esclarecido.

Não foi. O inquérito estabeleceu que os irmãos Varin, provenientes da Suíça, tinham levado, sob diferentes nomes, uma vida bem movimentada, em más companhias, tendo relações com um bando de estrangeiros que a polícia investigava e que se dispersou depois de uma série de roubos, em que só mais tarde se estabeleceu sua participação. No número 24 da Rua de Provence, onde os irmãos Varin tinham de fato residido seis anos antes, ignorava-se o rumo que depois tinham tomado.

Confesso que, por mim, o assunto parecia tão embrulhado que mal acreditava na possibilidade de solução, esforçando-me em não pensar nela. Mas Jean Daspry, que eu via muito nessa época, apaixonava-se pelo caso cada dia mais.

Foi ele que me mostrou este tópico de um jornal estrangeiro que toda a imprensa reproduzia e comentava:

“Na presença do imperador e num lugar que será mantido em sigilo até o último minuto, serão feitas as primeiras provas de um submarino que deve revolucionar as condições futuras da guerra naval. Por uma indiscrição, ficamos a par de seu nome: *Sete de Copas*.”

Sete de Copas? Coincidência, ou devia-se ligar o nome desse submarino às ocorrências narradas? De que natureza seria a ligação? O que se passava aqui poderia se relacionar com o que estava acontecendo lá?

– Que é que sabe disso? – dizia-me Daspry. – Os efeitos mais distantes provêm às vezes de uma causa única.

Dois dias depois, outra notícia nos chegava:

“Afirma-se que os planos do *Sete de Copas*, o submarino que vai ser testado, foram feitos por engenheiros franceses. Esses engenheiros, havendo solicitado em vão o apoio de seus compatriotas, teriam se dirigido, sem maior sucesso, ao Almirantado inglês. Damos estas notícias com reservas.”

Não ousei insistir sobre fatos de natureza delicada e que provocaram, como se recorda, uma emoção tão considerável. No entanto, já que todo perigo de complicação está afastado, cumpre que fale do artigo do *Écho de France*, que teve na hora tanta ressonância e lançou sobre o caso do *Sete de Copas*, como o chamavam, algumas clarezas... confusas. Ei-lo, tal como saiu, assinado por Salvator:

“O CASO DO SETE DE COPAS: *ERGUIDA UMA PONTA DO VÉU*

Seremos breves. Há dez anos, um jovem engenheiro de minas, Louis Lacombe, querendo consagrar seu tempo e dinheiro aos estudos que fazia, demitiu-se do emprego e alugou, no Boulevard Maillot, 102, uma pequena mansão que um conde italiano tinha recentemente construído e decorado. Por meio de dois indivíduos, os irmãos Varin, de Lausanne, assistindo-o em suas experiências, um como preparador e o outro procurando-lhe sócios comanditários, entrou em relações com o senhor Georges

Andermatt, que acabava de fundar a Financiadora de Metais.

Depois de vários encontros, conseguiu interessá-lo num projeto de submarino em que trabalhava e ficou combinado que, dando o definitivo remate à invenção, o senhor Andermatt usaria sua influência para obter do Ministério da Marinha uma série de provas.

Por dois anos, Louis Lacombe frequentou assiduamente a mansão Andermatt e submeteu ao banqueiro os aperfeiçoamentos que acrescentava a seu projeto, até o dia em que, satisfeito com o trabalho, tendo encontrado a fórmula definitiva que procurava, solicitou ao senhor Andermatt que agisse.

Nesse dia, Louis Lacombe jantou em casa dos Andermatt. Saiu pelas onze e meia da noite e desde então não foi mais visto.

Relendo os jornais da época, vê-se que a família do jovem apelou à justiça e buscas foram feitas.

Mas não se chegou a nenhuma certeza e foi em geral admitido que Louis Lacombe, que passava por um jovem original e imaginoso, tivesse viajado sem avisar ninguém.

Aceitamos essa hipótese... inverossímil. Mas persiste uma pergunta, capital para o país: que aconteceu com os planos do submarino? Louis Lacombe levou-os junto, destruiu-os?

Da séria pesquisa que empreendemos, resulta que tais planos existem. Os irmãos Varin os tinham consigo. Como? Ainda não pudemos precisar, assim como não sabemos por que não os venderam antes. Receavam que lhes perguntassem como estavam em sua posse? Em todo caso, esse receio não perdurou, e podemos com certeza afirmar que os planos de

Louis Lacombe são propriedade de uma potência estrangeira, pois estamos em condição de publicar a correspondência trocada a esse propósito entre os irmãos Varin e o representante dessa potência. O Sete de Copas, imaginado por Louis Lacombe, foi construído por nossos vizinhos.

A realidade responderá às previsões otimistas dos implicados nessa traição? Temos motivos para esperar que não, motivos esses que os fatos, queremos crer, vão confirmar.”

E um pós-escrito acrescentava:

“Última hora. – Esperávamos com razão. Nossas informações particulares permitem anunciar que as provas do Sete de Copas não foram satisfatórias. É bastante provável que aos planos entregues pelos irmãos Varin faltasse o último documento, levado por Louis Lacombe ao senhor Andermatt na noite do desaparecimento, documento indispensável à compreensão total do projeto, espécie de resumo em que se acham as conclusões definitivas sobre as avaliações e as medidas contidas nos outros papéis. Sem esse documento, os planos são imperfeitos, do mesmo modo que, sem os planos, o documento é inútil.

Portanto, ainda é tempo de agir e retomar o que nos pertence. Para essa difícil tarefa, contamos com o auxílio do senhor Andermatt. Há de levar a peito a explicação da inexplicável conduta que adotou desde o começo. Dirá não apenas por que não contou o que sabia no momento do suicídio de Étienne Varin, mas também por que nunca revelou o desaparecimento de papéis de que tinha conhecimento. Dirá por que, há seis anos, faz vigiar por agentes pagos os irmãos Varin.

Aguardemos dele não só palavras, mas atos. Senão...”

A ameaça era brutal. Mas em que consistia? Que meio de intimidação Salvator, o autor... anônimo do artigo, possuía sobre Andermatt?

Uma nuvem de jornalistas assaltou o banqueiro e dez deles exprimiram o desprezo com que respondeu àquele equacionamento dos fatos. O colaborador do *Écho de France*, diante disso, retrucou com estas duas linhas: “Queira ou não o senhor Andermatt, ele é, desde já, nosso colaborador na obra que empreendemos”.

No dia em que saiu essa réplica, Daspry e eu jantamos juntos. À noite, com os jornais abertos em cima da mesa, discutimos o caso e o examinamos sob todos os ângulos com a irritação que se sente de andar indefinidamente no escuro, topando com os mesmos obstáculos.

Súbito, sem que meu criado me avisasse ou se ouvisse a campainha, a porta se abriu, e uma dama entrou, envolta num véu espesso.

Levantei imediatamente e avancei. Ela me disse:

- É o senhor que mora aqui?
- Sim, mas confesso-lhe...
- O portão para a avenida não estava fechado – explicou.
- E a porta da entrada?

Não respondeu, e pensei que devia ter dado a volta pela escada de serviço. Conhecia então o caminho?

Houve um silêncio um pouco contrafeito. Olhou Daspry. A contragosto, apresentei-o, como teria feito num salão. Pedi que se sentasse e dissesse o motivo de sua visita.

Tirou o véu e vi que era morena, de rosto regular, e, se não muito bonita, ao menos de um extraordinário encanto, que provinha

sobretudo dos olhos, graves e dolorosos.

Falou com simplicidade:

– Sou Madame Andermatt.

– Madame Andermatt! – sublinhei, cada vez mais assombrado.

Novo silêncio e ela prosseguiu com voz calma e um ar mais tranquilo:

– Vim a propósito desse caso... que conhecem. Pensei que poderia talvez obter dos senhores algumas informações...

– Meu Deus, só sei o que os jornais contam. Por favor, diga em que lhe posso ser útil.

– Não sei... Não sei...

Apenas aí tive a intuição de que sua calma era fictícia e que, sob a perfeita segurança, escondia-se uma grande perturbação. Calamos, ambos igualmente embaraçados.

Mas Daspry, que não tinha cessado de observá-la, acercou-se e lhe disse:

– Permite, senhora, que lhe faça umas perguntas?

– Ah, sim – exclamou –, desse modo eu falarei.

– Falará... sejam quais forem as perguntas?

– Sejam quais forem.

Ele pensou e disse:

– Conhecia Louis Lacombe?

– Sim, através de meu marido.

– Quando o viu pela última vez?

– Na noite em que jantou conosco.

– Nada então a fez pensar que não o veria mais?

– Nada. Aludiu a uma viagem à Rússia, mas tão vagamente!

– De modo que esperava revê-lo?

- Dois dias depois, para jantar.
- E como explica esse desaparecimento?
- Não explico.
- E o senhor Andermatt?
- Não sei.
- No entanto...
- Não me pergunte sobre esse ponto.
- O artigo do *Écho de France* parece dizer...
- O que parece dizer é que os irmãos Varin não são alheios a esse desaparecimento.
- É a sua opinião?
- Sim.
- Em que se apoia sua convicção?
- Ao nos deixar, Louis Lacombe levava uma pasta com todos os papéis relativos ao seu projeto. Dois dias depois, houve entre meu marido e um dos irmãos Varin, o que está vivo, um encontro em que meu marido teve a prova de que esses papéis estavam com os dois irmãos.
- E não os denunciou?
- Não.
- Por quê?
- Porque, na pasta, havia outra coisa além dos papéis de Louis Lacombe.
- O quê? – Ela hesitou, à beira de responder; por fim, guardou silêncio. Daspry continuou: – Essa é a causa por que seu marido, sem avisar a polícia, fazia vigiar os dois irmãos. Esperava retomar ao mesmo tempo os papéis e essa coisa... comprometedora, graças à qual os dois irmãos exerciam sobre ele uma espécie de

chantagem.

- Sobre ele... e sobre mim.
- Ah! sobre a senhora também?
- Sobre mim principalmente.

Articulou essas três palavras em tom opaco. Daspry a observou, deu uns passos, voltou a ela:

- Escreveu a Louis Lacombe?
- Sem dúvida, dava-se com meu marido...
- Fora das cartas comuns, não escreveu a Lacombe outras?

Desculpe a insistência, mas é indispensável que eu saiba toda a verdade. Escreveu outras cartas?

Vermelha, ela murmurou:

- Sim.
- E eram essas cartas que os irmãos Varin tinham?
- Sim.
- O senhor Andermatt sabe?

– Não as viu, mas Alfred Varin o pôs a par de sua existência, ameaçando publicá-las se meu marido agisse contra eles. Meu marido teve medo, recuou diante do escândalo.

- Apenas fez o possível para lhes arrancar as cartas.

– O possível... Ao menos é o que suponho, pois, desde esse encontro com Alfred Varin e algumas palavras violentas em que o comunicou a mim, não houve mais entre nós nenhuma intimidade, nenhuma confiança. Vivemos como dois estranhos.

- Nesse caso, se nada tem a perder, o que receia?

– Apesar da indiferença com que passou a me tratar, sou a que amou, a que poderia ainda amar... oh, estou certa disso! Ele me amaria de novo – murmurou com ardor – se não tivesse se

apoderado dessas malditas cartas...

– Como! Como o teria conseguido, se os dois irmãos continuavam a desafiá-lo?

– E até se gabavam, parece, de ter um esconderijo seguro.

– Então?...

– Tenho razões para crer que meu marido descobriu esse esconderijo.

– Vamos... onde?

– Aqui.

Saltei.

– Aqui?

– Sim, e sempre desconfiei. Louis Lacombe, engenhoso, apaixonado por mecânica, divertia-se nas horas vagas em confeccionar cofres e fechaduras. Os irmãos Varin devem ter descoberto e depois utilizado um desses esconderijos para guardar as cartas... e outras coisas também, sem dúvida.

– Mas não moravam aqui – bradei.

– Até sua chegada, há quatro meses, a casa permanecia desocupada. É, pois, provável que voltassem aqui; além disso, devem ter pensado que a sua presença não os perturbaria no dia em que necessitassem retirar seus papéis. Não contavam com meu marido, que, na noite de 22 para 23 de junho, forçou o cofre, pegou... o que procurava e deixou seu cartão para mostrar aos dois irmãos que não tinha mais o que temer deles e que os papéis tinham se invertido. Dois dias após, advertido pelo artigo do *Gil Blas*, Étienne Varin veio aqui às pressas, ficou só neste salão, achou o cofre vazio e se matou.

Um instante, e Daspry perguntou:

– É mera suposição, não é? O senhor Andermatt lhe disse alguma coisa?

– Não.

– Sua atitude a seu respeito não se modificou? Não lhe pareceu mais sombrio, preocupado?

– Não.

– E julga que seria assim, se tivesse achado as cartas?! A meu ver, não as achou. Penso que não foi ele que entrou aqui.

– Quem, então?

– A personagem secreta que conduz esse caso, que lhe manobra os cordões e o dirige a um objetivo que mal entrevemos através de tantas complicações, a personagem de que se sente a ação visível e todo-poderosa desde o primeiro momento. Ele e seus amigos é que entraram nesta mansão em 22 de junho, foi ele que descobriu o esconderijo, foi ele que deixou o cartão do senhor Andermatt, é ele que detém a correspondência e as provas da traição dos irmãos Varin.

– Ele quem? – interrompi, não sem impaciência.

– O colaborador do *Écho de France*, diabo, esse Salvator! Não é de ofuscante evidência? Não dá em seu artigo pormenores que só poderia dar quem estivesse a par dos segredos dos dois irmãos?

– Nesse caso – balbuciou Madame Andermatt, com medo –, ele está também com as minhas cartas, e é ele que ameaça por sua vez meu marido! Que fazer, meu Deus?!

– Escrever-lhe – declarou Daspry com firmeza. – Contar-lhe tudo o que sabe e tudo o que puder lhe informar.

– Que está dizendo?!

– Seu interesse é o mesmo que o dele. Está fora de dúvida que

age contra o irmão que ainda vive. Não é contra o senhor Andermatt que busca armas, mas contra Alfred Varin. Ajude-o.

– Como?

– Seu marido tem esse documento que completa e permite utilizar os planos de Louis Lacombe?

– Sim.

– Avise Salvator. Se preciso, trate de lhe achar esse documento. Em suma, corresponda-se com ele. Que é que arrisca?

O conselho era ousado, perigoso mesmo à primeira vista; mas Madame Andermatt praticamente não tinha escolha. Além disso, como notara Daspry, o que arriscaria? Se o desconhecido fosse um inimigo, esse passo não agravaria a situação. Se fosse um estranho que perseguisse uma meta privada, não emprestaria a essas cartas senão uma importância secundária.

Fosse quem fosse, havia aí uma ideia, e Madame Andermatt, em sua confusão, sentiu-se feliz em agarrar-se a ela. Agradeceu-nos muito e prometeu manter-nos informados.

Dois dias após, com efeito, mandou-nos este bilhete que recebera em resposta: “As cartas não estavam lá. Mas eu as terei, esteja tranquila. Penso em tudo. S.”.

Peguei o papel. Era a letra do bilhete que tinham posto no meu livro de cabeceira na noite de 22 de junho.

Daspry tinha, portanto, razão: Salvator era o grande organizador desse caso.

Em verdade, começamos a discernir certos fulgores entre as trevas que nos cercavam e alguns pontos se aclaravam sob uma luz inesperada. Mas quantos outros permaneciam obscuros, como a descoberta dos dois setes de copas! De minha parte, voltava

sempre a esse fato, mais intrigado talvez do que era justo por essas cartas, cujos sete sinais vazados tinham chocado meus olhos em circunstâncias tão perturbadoras. Que papel desempenhavam no drama? Que importância se devia atribuir a eles? Que conclusão tirar do fato de que o submarino construído sobre os planos de Louis Lacombe tinha o nome de *Sete de Copas*?

Daspry se ocupava menos com as duas cartas, entregue inteiramente a outro problema, cuja solução lhe parecia mais urgente: procurava sem cansar o famoso esconderijo.

– Quem sabe – dizia – se não vou encontrar as cartas que Salvator não achou, mesmo sem querer? É pouco provável que os irmãos Varin tenham tirado de um lugar que supunham inacessível a arma de que sabiam o inestimável valor.

E procurava. Não tendo já a grande sala segredos para ele, estendeu a pesquisa a todas as outras peças da casa. Examinava, por dentro e por fora, as pedras e os tijolos das paredes, as ardósias do teto.

Um dia, chegou com uma enxada e uma pá; deu-me a pá, ficou com a enxada e, indicando o terreno baldio:

– Vamos.

Segui-o sem entusiasmo. Dividiu o terreno em várias seções que inspecionou sucessivamente. Mas, num canto, no ângulo formado pelos muros de dois proprietários vizinhos, um ajuntamento de cascalhos e seixos, cobertos de espinhos e vegetação rasteira, chamou-lhe a atenção. Atacou-o.

Tive de ajudá-lo. Por uma hora, em pleno sol, penamos inutilmente. Mas, afastadas as pedras, quando chegamos à terra e a fomos abrindo, logo a enxada de Daspry pôs uns ossos à vista, um

resto de esqueleto, em volta do qual se desfiavam ainda trapos de roupa.

Súbito me senti empalidecer. Percebi cravada na terra uma plaquinha de ferro, cortada em forma de retângulo e em que me pareceu distinguir manchas vermelhas. Abaixei-me. Era bem isso: a placa tinha as dimensões de uma carta de baralho, e as manchas vermelhas, de um zarcão meio roído, eram em número de sete e furadas em cada uma das sete extremidades.

– Olhe, Daspry, já não aguento todas essas histórias. Melhor para você, se lhe interessam. Mas eu desisto.

Era a emoção? A fadiga de um trabalho feito sob um sol forte demais? O certo é que saí cambaleando e tive de ir para a cama, onde fiquei quarenta e oito horas, ardendo em febre, obcecado por esqueletos que dançavam em volta de mim e atiravam à cabeça uns dos outros corações sanguinolentos.

Daspry me foi fiel. Concedeu-me por dia três ou quatro horas, que passou, é verdade, no salão, a remexer, bater, dar pancadinhas.

– As cartas estão aí, nessa peça – vinha às vezes me dizer –, estão aí. Ponho a mão no fogo.

– Deixe-me em paz – respondia, horrorizado.

No terceiro dia de manhã, levantei-me, bem fraco ainda, mas curado. Um almoço lauto me reconfortou. E um telegrama, que recebi pelas cinco horas, contribuiu mais que nada para o meu completo restabelecimento, tanto minha curiosidade foi, de novo e a despeito de mim mesmo, estimulada. A carta continha estas palavras:

“Senhor,

O drama, cujo primeiro ato se passou na noite de 22 para 23 de

junho, chega a seu desenlace. A própria força das coisas exige que ponha em presença uma da outra as duas principais personagens desse drama e que essa confrontação tenha lugar em sua casa, e eu lhe serei infinitamente grato se me emprestar seu domicílio para a noite de hoje. Seria bom que, das nove às onze horas, seu criado fosse afastado, e preferível que o senhor mesmo tivesse a bondade de deixar o campo livre aos dois adversários. Na noite de 22 para 23 de junho, pôde dar-se conta do meu escrúpulo em respeitar tudo o que lhe pertence. De minha parte, julgaria injuriá-lo se duvidasse um instante de sua perfeita descrição em relação a quem se assina seu dedicado

Salvator.”

Havia na carta um tom de ironia cortês e, no pedido que fazia, uma imaginação tão vivaz que me deleitou. Era de uma cativante desenvoltura, e meu correspondente parecia tão certo da minha aquiescência! Por nada do mundo desejaria decepcioná-lo ou responder à sua confiança com ingratidão.

Às oito horas, meu criado, a quem dera uma entrada de teatro, saiu, e Daspry chegou. Mostrei-lhe a carta.

– E agora? – disse.

– Agora deixo aberto o portão do jardim para que possam entrar.

– E vai sair?

– Nunca na vida!

– Mas se lhe pediram...

– Pediram-me descrição. Serei discreto. Mas faço uma furiosa questão de ver o que vai se passar.

Daspry se pôs a rir.

– Palavra que tem razão, e fico também. Tenho ideias de que não

nos enfadaremos. – A campainha o interrompeu. – Eles, já? – murmurou. – Vinte minutos adiantados! Impossível.

Do vestíbulo, puxei a cordinha que abria o portão. Um vulto de mulher atravessou o jardim: Madame Andermatt.

Parecia transtornada e foi a ofegar que balbuciou:

– Meu marido... vem aí... tem um encontro... devem lhe dar as cartas...

– Como sabe? – disse-lhe.

– Um acaso, por um recado que recebeu durante o jantar.

– Uma pneumática?

– Por telefone. O criado me entregou por engano. Meu marido pegou o recado imediatamente, mas era tarde, eu o tinha lido.

– Leu...

– Isto mais ou menos: “Às nove, esta noite, esteja no Boulevard Maillot com os documentos relativos ao caso. Em troca, as cartas”. Depois do jantar, subi a meu quarto e saí.

– Sem que o senhor Andermatt soubesse?

– Sim.

Daspry me olhou.

– Que acha?

– O mesmo que você: que o senhor Andermatt é um dos adversários convocados.

– Por quem e com que fim?

– É precisamente o que iremos saber.

Levei-os ao salão.

Podíamos justamente ficar os três sob o manto da lareira e nos esconder atrás da tapeçaria de veludo. Aí nos instalamos, e Madame Andermatt se sentou entre nós dois. Pelas fendas da

cortina dominávamos a peça inteira.

Bateram as nove horas. Minutos mais tarde o portão do jardim rangeu nos gonzos.

Não deixava de sentir certa angústia, e uma febre nova me excitava. Estava à beira de conhecer a chave do enigma! A aventura desconcertante, cujas peripécias se sucediam diante de mim há semanas, ia enfim tomar seu verdadeiro sentido, e sob meus olhos se daria a batalha.

Daspry pegou na mão de Madame Andermatt e murmurou:

– Acima de tudo, nenhum movimento! Seja o que for que ouvir ou vir, permaneça impassível.

Alguém entrou. E reconheci logo, pela grande semelhança com Étienne Varin, seu irmão Alfred. O mesmo andar pesado, o mesmo rosto ocre invadido pela barba. Tinha o ar preocupado de um homem que costuma temer emboscadas à sua volta, que as fareja e evita. De um golpe de vista percorreu a peça, e tive a impressão de que a lareira tapada por veludo lhe desagradara. Deu três passos em direção a nós, mas uma ideia, mais imperiosa sem dúvida, desviou-o. Foi à parede, parou diante do velho rei em mosaico, de barba branca e gládio chamejante, e o examinou longamente, subindo numa cadeira, seguindo com o dedo o contorno dos ombros e do rosto, apalpando alguns lugares da imagem.

Bruscamente saltou da cadeira e se afastou da parede – ressoaram passos. No umbral, surgiu o senhor Andermatt.

O banqueiro deu um grito de surpresa:

– Você! Você! Foi você que me chamou?

– Eu? Absolutamente – protestou Varin com uma voz rouca que lembrava a do irmão. – A sua carta é que me fez vir.

- Minha carta!
- Uma carta com sua assinatura, em que me oferecia...
- Não lhe escrevi.
- Não me escreveu!

Instintivamente Varin se pôs em guarda, não contra o banqueiro, mas contra o inimigo desconhecido que o atraía àquela armadilha. Uma segunda vez, seus olhos viraram para o nosso lado e, rápido, dirigiu-se à porta.

Andermatt lhe barrou a passagem.

- Que vai fazer, Varin?
- Atrás disso há planos que não me agradam. Vou embora. Boa noite.
- Um instante!
- Vamos, senhor Andermatt, não insista, não temos nada a nos dizer.
- Temos muito a nos dizer, e a ocasião é excelente...
- Deixe-me passar.
- Não, não, não passará.

Varin recuou, intimidado pela atitude resoluta do banqueiro, e remoeu:

- Então, ligeiro, falemos, e que isto acabe!

Algo me surpreendia, e não duvidava de que meus companheiros tivessem a mesma decepção. Como era possível que Salvator não estivesse presente? Em seus projetos pretendia não intervir, considerando que a mera confrontação do banqueiro e de Varin bastasse? Eu estava perturbado. Em sua ausência, este duelo, combinado por ele, querido por ele, ganhava o aspecto trágico dos acontecimentos que a ordem rigorosa do destino suscita e

comanda, e a força que impelia os dois homens um contra o outro causava ainda maior impressão por residir fora deles. Num instante Andermatt se aproximou de Varin e, bem à sua frente, olhando-o nos olhos, falou:

– Agora que anos transcorreram e não tem mais nada a temer, responda-me francamente, Varin. O que fez de Louis Lacombe?

– Que pergunta! Como se eu pudesse saber o que aconteceu a ele!

– Você sabe! Sabe! Seu irmão e você eram ligadíssimos a ele, viviam quase em sua casa, nesta mesma em que estamos. Acompanhavam todos os seus trabalhos, todos os seus projetos. E, na última noite, Varin, quando levei Louis Lacombe até a porta, vi dois vultos ocultar-se na sombra. Isso estou pronto a jurar.

– Jure, e daí?

– Era o seu irmão e você, Varin.

– Prove.

– A melhor prova é que dois dias depois você mesmo me mostrou os papéis e os planos que tinham tirado da pasta de Lacombe e queriam que eu comprasse. Como esses papéis estariam com vocês?

– Mas eu lhe disse, senhor Andermatt: nós os encontramos na mesa de Lacombe na manhã do dia seguinte ao seu desaparecimento.

– Não é verdade.

– Prove.

– A justiça teria podido provar.

– Por que não se dirigiu a ela?

– Por quê? Ah, por quê!... – Calou-se, com ar sombrio.

O outro continuou:

– O senhor vê, se tivesse a menor certeza, não seria a pequena ameaça que lhe fizemos que impediria...

– Que ameaça? As cartas? Será que pensou que acreditei nelas em algum instante?...

– Se não acreditou, por que me ofereceu milhares de francos para reavê-las? E por que, depois, nos perseguiu como animais, a meu irmão e a mim?

– Para retomar os planos que desejava.

– Vamos! Era pelas cartas. Uma vez na posse delas, o senhor nos denunciaria. Assim que me desfizesse delas! – Deu uma risada que interrompeu secamente. – Mas chega. Podemos repetir indefinidamente as mesmas palavras sem avançar nada. Portanto, fiquemos por aqui.

– Não ficaremos – disse o banqueiro. – E, já que falou das cartas, não sairá daqui antes de entregá-las.

– Sairei.

– Não, não.

– Senhor Andermatt, ouça, eu o aconselho...

– Não sairá.

– É o que veremos – disse Varin num tal ímpeto de raiva que Madame Andermatt abafou um débil grito.

Deve ter ouvido, pois quis passar à força. Andermatt o empurrou com violência. Então vi que Varin metia a mão no bolso do casaco.

– Pela última vez!

– Primeiro as cartas.

Varin puxou o revólver e apontou-o ao outro.

– Sim ou não?

O banqueiro se abaixou depressa.

Um tiro detonou. A arma caiu.

Fiquei estupefato. Do meu lado saíra o tiro! Daspry, com a bala de uma pistola, tinha feito saltar a arma de Alfred Varin! E, de pé subitamente entre os dois adversários, virado para Varin, ria:

– Tem sorte, meu amigo, muita sorte. Era a mão que eu visava e foi o revólver que atingi. – Os dois o contemplavam, imóveis e confundidos. Ele disse ao banqueiro: – Desculpe por me meter no que não me diz respeito. Mas realmente faz o seu jogo com muita inabilidade. Deixe-me pegar as cartas. – Virando-se para o outro: – É entre nós dois, camarada. E sem subterfúgios, peço-lhe. O trunfo é copas e jogo o sete.

E, a dez centímetros do nariz, exibiu-lhe a placa de ferro com os sete pontos vermelhos marcados.

Nunca tinha visto um transtorno semelhante. Lívido, com os olhos arregalados, os traços torcidos de angústia, o homem parecia hipnotizado pela imagem que a ele se oferecia.

– Quem é você? – balbuciou.

– Já disse, um senhor que se mete no que não lhe concerne... mas se mete a fundo.

– Que deseja?

– Tudo o que trouxe.

– Não trouxe nada.

– Trouxe, sem o que não teria vindo. Recebeu esta manhã um bilhete chamando-o aqui às nove horas e ordenando-lhe que trouxesse todos os papéis que tinha. Ora, está aqui. Onde estão os papéis? – Havia na voz e na atitude de Daspry uma autoridade que me surpreendia, uma maneira de agir inteiramente nova neste

homem antes descuidado e doce no convívio, comum.

Domado, Varin apontou um de seus bolsos.

– Os papéis estão aqui.

– Todos?

– Sim.

– Todos os que achou na pasta de Louis Lacombe e vendeu ao Major Von Lieben?

– Sim.

– A cópia ou o original?

– O original.

– Quanto quer?

– Cem mil.

Daspry deu uma gargalhada.

– Está louco. O major não lhe deu mais que vinte mil. Vinte mil jogados fora, já que as provas não tiveram êxito.

– Não souberam servir-se dos planos.

– Estão incompletos.

– Então por que os pede?

– Preciso deles. Ofereço-lhe cinco mil francos. Nem um níquel a mais.

– Dez mil. Nem um níquel a menos.

– De acordo. – Daspry voltou a Andermatt: – Queira assinar um cheque, senhor.

– Mas... é que eu não tenho...

– Seu talão? Ei-lo.

Pasmado, Andermatt apalpou o talão que lhe estendia Daspry.

– É o meu mesmo... Como é possível?

– Nada de palavras inúteis, peço-lhe, caro senhor, tem apenas que

assinar. – O banqueiro tirou a caneta e assinou. Varin estendeu a mão. – Abaixei a patinha – disse Daspry –, que ainda não terminei. E, dirigindo-se ao banqueiro: – Falavam também de umas cartas que o senhor exigia?

– Sim, um maço de cartas.

– Onde estão, Varin?

– Não as tenho.

– Onde estão, Varin?

– Ignoro. Meu irmão é que se encarregou disso.

– Estão escondidas aqui, nesta peça.

– Nesse caso, sabe onde estão.

– Como saberia?

– Ora, não foi você que mexeu no esconderijo? Parece tão bem informado... quanto Salvator.

– As cartas não estão no esconderijo.

– Estão.

– Abra-o.

Varin teve um olhar de desconfiança. Daspry e Salvator eram a mesma pessoa, como tudo fazia crer? Se era assim, nada arriscava mostrando um esconderijo já conhecido. Senão, era inútil...

– Abra – repetiu Daspry.

– Não tenho um sete de copas.

– Tem, este – disse Daspry estendendo-lhe a placa de ferro.

Varin recuou aterrado.

– Não... não... não quero...

– Por isso não seja a dúvida.

Daspry foi ao velho monarca de barba branca, subiu numa cadeira e aplicou o sete de copas no início do gládio, contra a defesa, e de

modo que os bordos da placa recobrissem exatamente os dois bordos da espada. Depois, com ajuda de uma punção, bateu em cada um dos sete buracos na extremidade dos sete corações e fez pressão sobre sete das pequenas pedras de mosaico. Calcada a sétima, produziu-se um deslocamento e todo o busto do rei girou, desvelando uma ampla abertura em forma de cofre, com revestimentos de ferro e duas prateleiras de aço lúcido.

– Está vendo, Varin? O cofre está vazio.

– De fato... meu irmão com certeza retirou as cartas.

Daspry aproximou-se do homem e lhe disse:

– Não queira ser mais sabido que eu. Há outro esconderijo. Onde?

– Não há.

– É dinheiro o que quer? Quanto?

– Dez mil.

– Senhor Andermatt, essas cartas valem para o senhor dez mil francos?

– Sim – disse o banqueiro com voz firme.

Varin fechou o cofre, pegou o sete de copas, não sem uma visível repugnância, aplicou-o no gládio, contra a defesa, bem no mesmo lugar. Bateu a punção nas pontas das sete copas e houve um segundo deslocamento, mas desta vez, coisa inesperada, apenas uma parte do cofre girou, exibindo um cofrezinho feito na espessura da porta que fechava o maior. O maço de cartas estava ali, atado por um barbante e lacrado. Varin o deu a Daspry. Este perguntou:

– Está pronto o cheque, senhor Andermatt?

– Sim.

– E está também com o último documento que recebeu de Louis Lacombe e que completa os planos do submarino?

– Sim.

Fez-se a troca. Daspry embolsou o documento e o cheque e ofereceu o maço a Andermatt.

– Eis o que o senhor desejava.

O banqueiro hesitou um momento, como se receasse tocar naquelas folhas malditas que buscara com tanta acrimônia. Logo, num gesto nervoso, pegou-as.

A meu lado, ouvi um gemido. Segurei a mão de Madame Andermatt: estava gelada. Daspry disse ao banqueiro:

– Creio que nossa conversa terminou. Oh! Nada de agradecimentos, peço-lhe. Só a sorte permitiu que lhe pudesse ser útil.

Andermatt retirou-se. Levava as cartas de sua mulher a Louis Lacombe.

– Que maravilha – disse Daspry com um ar encantado –, tudo se resolve pelo melhor! Só nos falta encerrar nosso negócio, camarada. Tem os papéis?

– Estão todos aqui.

Daspry folheou-os, examinando com atenção, e os pôs no bolso.

– Perfeito, você manteve a palavra.

– Mas...

– Mas quê?

– Os dois cheques?... O dinheiro?...

– Bem, você tem peito, criatura. Ousa reclamar!

– Reclamo o que me é devido.

– Então devem-lhe alguma coisa por papéis que roubou?

O homem parecia fora de si. Tremia de cólera, com os olhos injetados de sangue.

- O dinheiro... os vinte mil... – gaguejava.
 - Impossível... tenho em que empregá-los.
 - O dinheiro!...
 - Vamos, seja razoável e deixe o seu punhal quietinho. – Agarrou--lhe o braço tão brutalmente que o outro uivou de dor, e acrescentou:
 - Vá embora, camarada, o ar livre lhe fará bem. Quer que o acompanhe? Iremos pelo terreno baldio e lhe mostrarei um monte de cascalho sob o qual...
 - Não é verdade! Não é verdade!
 - Mas sim, é certo. Esta plaquinha de ferro com sete pontos vermelhos veio de lá. Louis Lacombe não a largava nunca, lembra? Seu irmão e você a enterraram com o cadáver... e com outras coisas que interessariam demais à justiça.
- Varin tapou o rosto com as mãos raivosas. Em seguida, pronunciou:
- Está bem. Fui passado para trás. Não falemos mais nisso. Uma palavra ainda, uma apenas, queria saber...
 - Estou ouvindo.
 - Havia no cofre, no maior dos dois, uma caixinha?
 - Sim.
 - Quando veio na noite de 22 para 23 de junho, ela estava ali?
 - Estava.
 - E continha...?
 - Tudo o que os irmãos Varin tinham posto nela: uma bonita coleção de joias, diamantes e pérolas, recolhidos em toda parte pelos mencionados irmãos.
 - E ficou com ela?
 - Claro! Ponha-se no meu lugar!

– Então... foi ao dar com o sumiço da caixinha que meu irmão se matou?

– Provavelmente. A desapareição da correspondência de vocês com o Major Von Lieben não teria sido suficiente. Mas a da caixinha... é tudo o que tinha a me perguntar?

– Isto ainda: o seu nome?

– Diz isso como se tivesse ideias de vingança.

– Ora! A sorte muda. Hoje é o mais forte. Amanhã...

– Será você...

– Conto com isso. Seu nome?

– Arsène Lupin.

– Arsène Lupin!

O homem cambaleou, desancado por uma desgraça imprevista. Dir-se-ia que essas duas palavras lhe haviam tirado toda esperança. Daspry riu.

– Ah, imaginava que um senhor Durant ou Dupont teria podido montar toda esta bela situação? Vamos, era preciso ao menos um Arsène Lupin. E agora que está informado, menino, vá preparar sua vingança. Arsène Lupin o espera.

E o empurrou para fora, sem mais palavras.

– Daspry, Daspry! – gritei, dando-lhe ainda, involuntariamente, o nome com que o conhecera. Afastei a cortina de veludo. Acorreu.

– Quê? O que houve?

– Madame Andermatt está mal.

Apressou-se, fê-la respirar saís e, cuidando dela, perguntou-me:

– Bem, o que é que houve?

– As cartas – disse-lhe –, as cartas de Louis Lacombe que deu ao seu marido!

Ele bateu na testa.

– Ela pensou que eu tivesse feito isso... Sim, afinal, podia pensar. Imbecil que fui!

Reanimada, Madame Andermatt o ouviu avidamente. Tirou de sua carteira um pequeno maço em tudo semelhante ao que levara o senhor Andermatt.

– Estão aqui as suas cartas, as verdadeiras.

– Mas... as outras?

– As outras são estas mesmas, mas recopiadas por mim esta noite e cuidadosamente revisadas. Seu marido ficará tanto mais contente em lê-las quanto não desconfiará da substituição, já que tudo pareceu se passar sob seus olhos.

– A letra...

– Não há letra que não se possa imitar.

Ela lhe agradeceu, com palavras de reconhecimento que teria dirigido a um homem de seu mundo, e vi bem que não ouvira as últimas frases trocadas entre Varin e Arsène Lupin.

Eu o olhava não sem embaraço, não sabendo o que dizer ao amigo que se revelara a uma luz tão inesperada. Lupin! Era Lupin! Meu companheiro de roda não era outro senão Lupin! Não voltava a mim. Mas ele, muito à vontade:

– Pode se despedir de Jean Daspry.

– Ah!

– Sim, Jean Daspry vai viajar. Vou mandá-lo ao Marrocos, onde é muito possível que ache um fim digno dele. Confesso mesmo que é a sua intenção.

– Mas Arsène Lupin ficará conosco?

– Oh! Mais do que nunca. Arsène Lupin está ainda no início de sua

carreira e confia no futuro.

Um movimento de irresistível curiosidade me lançou a ele e o levei a alguma distância de Madame Andermatt:

– Acabou então descobrindo o segundo escaninho, em que se achava o maço de cartas?

– Como me deu trabalho! Só consegui ontem à tarde, quando você estava de cama. No entanto, sabe Deus como era fácil! Mas as coisas mais simples são aquelas em que pensamos por último. – E mostrando-me o sete de copas: – Tinha descoberto que, para abrir o cofre grande, devia apoiar esta carta contra o gládio do homenzinho de mosaico...

– Como descobriu?

– Fácil. Por minhas informações privadas, sabia, ao vir aqui na noite do dia 22...

– Depois de me ter deixado...

– Sim, e depois de o pôr com conversas escolhidas, num estado de espírito tal, que um tipo nervoso ou impressionável como você devia fatalmente me deixar agir à vontade, sem sair da cama.

– O raciocínio era justo.

– Sabia, ao vir aqui, que havia uma caixinha escondida num cofre com fechadura secreta, e que o sete de copas era a chave, a solução dessa fechadura. Era necessário somente aplicar esse sete num lugar que lhe fosse visivelmente reservado. Uma hora de busca me bastou.

– Uma hora!

– Observe o homenzinho de mosaico.

– O velho imperador?

– Esse velho imperador é a representação exata do rei de copas

de todos os baralhos, Carlos Magno.

– De fato... Mas por que o sete de copas abria tanto o cofre grande como o pequeno? E por que abriu primeiro o cofre grande?

– Por quê? Por me obstinar sempre em colocar o meu sete de copas no mesmo sentido. Só ontem percebi que o virando, isto é, pondo o sétimo ponto, o do meio, para cima em vez de para baixo, a disposição dos sete pontos se modificava.

– Ora!

– Ora, por certo, mas era preciso pensar nisso.

– Outra coisa: ignorava a história das cartas antes que Madame Andermatt...

– Falasse nelas na minha frente? Sim. Não achara no cofre, além da caixinha, senão a correspondência dos dois irmãos, correspondência que me pôs no rastro da traição deles.

– Em suma, foi por acaso que conseguiu de início reconstituir a história dos dois irmãos, procurando depois os planos e documentos do submarino?

– Por acaso.

– Com que objetivo os procurou?

Daspry me interrompeu rindo:

– Meu Deus! Como este caso lhe interessa!

– Ele me apaixona.

– Bem, logo que tiver levado de volta Madame Andermatt e enviado ao *Écho de France* uma noticiazinha que vou escrever, regresso e entramos em pormenores.

Sentou-se e escreveu uma daquelas lapidares notinhas com que se divertia sua fantasia. Quem não recorda a ressonância que esta teve no mundo inteiro?

“Arsène Lupin resolveu o problema que Salvator colocou recentemente. De posse de todos os documentos e planos originais do engenheiro Louis Lacombe, ele os fez chegar às mãos do ministro da Marinha. Neste momento, abre uma subscrição com o fim de oferecer ao Estado o primeiro submarino construído segundo esses planos. E ele próprio abre essa subscrição com a soma de vinte mil francos.”

– Os vinte mil francos dos cheques do senhor Andermatt? – disse-lhe, quando me deu o papel para ler.

– Exatamente. É justo que Varin resgate em parte a sua traição.

Foi assim que conheci Arsène Lupin. Assim soube que Jean Daspry, companheiro de roda, relação social, era Arsène Lupin, ladrão de casaca. Assim criei laços de amizade muito agradáveis com o nosso grande homem e, pouco a pouco, graças à confiança com que tem querido me honrar, tornei-me o seu muito humilde, fiel e reconhecido biógrafo.



O cofre de Madame Imbert

Às três da manhã, havia ainda uma meia dúzia de veículos diante de um dos hoteizinhos de pintores que compõem o único lado do Boulevard Berthier. A porta de um deles se abriu. Um grupo de convidados, homens e mulheres, saía. Quatro veículos partiram para um lado e outro e só ficaram na avenida dois senhores que se despediram na esquina da Rua de Courcelles, onde um deles morava. O outro decidiu voltar a pé até a Porte Maillot.

Atravessou a Avenida de Villiers e seguiu pela calçada oposta, em direção às fortificações. Na bela noite de inverno, pura e fria, era um prazer andar. Respirava-se bem. O ruído dos passos soava alegre.

Mas, ao fim de minutos, teve a desagradável impressão de que o seguiam. Virando-se, notou a sombra de um homem que deslizava entre as árvores. Não era medroso, porém apressou o passo para chegar mais ligeiro ao posto fiscal de Ternes. Mas o homem começou a correr. Preocupado, julgou mais prudente enfrentá-lo e puxar o revólver.

Não teve tempo: o homem lançou-se a ele com violência, e uma luta se iniciou na avenida deserta, luta corporal em que sentiu logo que levava a pior. Gritou por socorro, debateu-se, foi derrubado em cima de umas pedras, enquanto o outro lhe apertava a garganta.

Seu adversário lhe meteu um lenço na boca, amordaçando-o. Seus olhos se fecharam, seus ouvidos zuniam, ia perder os sentidos quando, de repente, o aperto afrouxou e o homem que o sufocava com seu peso se ergueu para se defender, por sua vez, de um ataque imprevisto.

Uma bengalada nos pulsos, um pontapé no tornozelo... O homem soltou dois grunhidos de dor e fugiu capengando e praguejando.

Sem se dignar a persegui-lo, o recém-chegado se inclinou e disse:

– Está ferido, senhor?

Não estava, mas, sim, atordoado e incapaz de se pôr de pé. Felizmente, um dos empregados do posto, atraído pelos gritos, ocorreu. Pediram um carro. Subiu a ele, acompanhado de seu salvador, e foi levado à sua casa, na Avenida de La Grande-Armée.

Diante da porta, restabelecido, confundiu-se em agradecimentos.

– Devo-lhe a vida, senhor, acredite que não esquecerei. Não desejo assustar minha mulher neste momento, mas faço questão que ela lhe expresse pessoalmente, ainda hoje, minha gratidão.

Pediu-lhe que viesse almoçar e apresentou-se – Ludovic Imbert –, acrescentando:

– Posso saber a quem tenho a honra...

– Mas certamente! – disse o outro. E se apresentou: – Arsène Lupin.

Lupin não gozava ainda da celebridade que lhe valeu o caso Cahorn, sua evasão da Santé e tantas outras rumorosas aventuras. Nem mesmo se chamava Arsène Lupin. Esse nome, a que o futuro reservava tanto brilho, foi especialmente imaginado para designar o salvador do senhor Imbert, e pode-se dizer que foi nesse caso que recebeu seu batismo de fogo. Pronto para a luta, é certo, já com

todas as peças funcionando, mas sem recursos, sem a autoridade que dá o sucesso, Arsène Lupin não passava de aprendiz numa profissão em que logo se tornaria um mestre.

Assim, que arrepio de alegria quando ao acordar se lembrou do convite da madrugada! Enfim chegava à meta! Enfim empreendia uma obra digna de suas forças e de seu talento! Os milhões dos Imbert, que presa magnífica para um apetite como o seu!

Preparou-se especialmente: sobrecasaca no fio, calça gasta, chapéu de seda tismado, punhos e colarinho falso desfiados, tudo muito limpo, mas cheirando a miséria. Como gravata, uma fita negra alfinetada por um diamante de vidro. Trajado assim irrisoriamente, desceu a escada do alojamento que ocupava em Montmartre. No terceiro andar, sem se deter, bateu com o castão da bengala numa porta fechada. Saindo, dirigiu-se a uma avenida onde passava um bonde. Tomou lugar e alguém que caminhava atrás dele, o inquilino do terceiro andar, sentou-se a seu lado.

Ao fim de um instante, esse homem lhe disse:

– E então, patrão?

– Bem, está feito.

– Como?

– Almoço lá.

– Almoça lá!

– Você não queria, espero, que eu gastasse gratuitamente dias tão preciosos como os meus, não é? Arranquei o senhor Ludovic Imbert da morte certa que você lhe reservava. O senhor Ludovic Imbert é uma natureza agradecida. Ele me convida para almoçar.

Um silêncio e o outro arriscou:

– E não vai desistir?

– Meu caro – disse Arsène –, se arranjei aquela pequena agressão noturna, se me dei ao trabalho, às três da manhã, ao longo das fortificações, de bater-lhe com a bengala nos braços e com o pé na canela, com o risco de prejudicar o meu único amigo, não é para renunciar agora à vantagem de um salvamento tão bem organizado.

– E as más notícias que correm sobre a fortuna...

– Deixe que corram. Há seis meses persigo esse negócio, há seis meses que me informo, estudo, estendo as minhas redes, interrogo criados, agiotas e testas e ferro, seis meses que vivo à sombra do marido e da mulher. Portanto, sei a que me ater. Que a fortuna provenha do velho Brawford, como pretendem, ou de outra fonte, não importa; afirmo que ela existe. E, visto que existe, já é minha.

– Puxa, cem milhões!

– Digamos dez, ou mesmo cinco, não importa! Há grossos maços de títulos no cofre. Será o diabo se um dia desses eu não puser a mão na chave.

O bonde parou na Place de l'Étoile. O homem murmurou:

– Assim, já?

– Por enquanto, não há nada a fazer. Eu o avisarei quando chegar o momento. Temos tempo.

Cinco minutos depois, Arsène Lupin subia a suntuosa escada da mansão Imbert, e Ludovic o apresentou à esposa. Gervaise era uma mulher simpática, pequena, redondinha, conversadeira. Deu a Lupin a melhor acolhida.

– Quis que festejássemos sozinhos o nosso salvador – disse.

E de saída trataram o “nosso salvador” como um velho amigo. À sobremesa, a intimidade era completa e faziam-se confidências. Arsène narrou sua vida, a de seu pai, íntegro magistrado, as

tristezas de sua infância, as dificuldades do presente. Gervaise, por sua vez, falou de sua juventude, do casamento, das bondades do velho Brawford, dos cem milhões que herdara, dos obstáculos que atrasavam a entrada no gozo dessa riqueza, dos empréstimos que teve de contrair com taxas exorbitantes, das intermináveis disputas com os sobrinhos de Brawford, e as contestações, os sequestros, tudo enfim!

– Imagine, senhor Lupin, que os títulos estão aí ao lado, no escritório de meu marido, e, se destacamos um único cupom, perdemos tudo! Estão aí, no nosso cofre, e não podemos tocar neles.

Um leve frêmito sacudiu senhor Lupin à ideia dessa proximidade. E ele teve a sensação bem clara de que o senhor Lupin nunca possuiria tanta elegância de alma para sentir os mesmos escrúpulos da boa senhora.

– Ah! estão aí – murmurou, de garganta seca.

– Estão.

Relações tão bem começadas só podiam criar laços estreitos. Delicadamente interrogado, Arsène Lupin confessou sua pobreza, sua angústia. Na hora, o infeliz rapaz foi nomeado secretário particular dos dois cônjuges, recebendo cento e cinquenta francos por mês. Continuará a morar onde estava, mas viria a receber diariamente ordens e tarefas e, para maior comodidade, ficava à sua disposição, como gabinete de trabalho, um dos quartos do segundo andar.

Escolheu um que, por sorte, ficava bem em cima do escritório de Ludovic...

Arsène não demorou a notar que seu cargo de secretário lembrava

muito uma sinecura. Em dois meses, teve apenas quatro cartas insignificantes para copiar e não foi chamado mais que uma vez ao escritório do patrão, o que lhe permitiu contemplar oficialmente o cofre somente uma vez. Além disso, observou que o titular dessa sinecura não devia ser julgado digno de figurar ao lado do deputado Anquety, ou do chefe de advogados Grouvel, pois se omitiram de convidá-lo às famosas recepções sociais.

Não se queixou, preferindo guardar seu modesto lugarzinho à sombra, e manteve-se distante, feliz e livre. Aliás, não perdia tempo. Fez algumas visitas clandestinas ao escritório de Ludovic, apresentando seus respeitos ao cofre, que nem por isso deixava de continuar hermeticamente fechado. Era um bloco enorme de ferro fundido e aço, de aspecto rebarbativo e contra o qual não prevaleceriam nem limas, nem verrumas, nem pés de cabra.

Arsène Lupin não era cabeçudo.

“Onde a força falha, a astúcia vence”, pensava. “O essencial é um olho e um ouvido no objetivo”.

Tomou, pois, as medidas necessárias e, depois de minuciosas e cansativas sondagens no soalho do seu quarto, meteu o tubo de chumbo que ia dar no forro do escritório entre duas molduras da cornija. Pelo tubo, que servia de binóculo e concha acústica, esperava ver e ouvir.

Desde aí viveu deitado de barriga no soalho. E, de fato, viu muitas vezes os Imbert em conferência diante do cofre, consultando registros e folheando dossiês. Quando giravam sucessivamente os quatro botões que comandavam a fechadura, procurava, para descobrir a cifra, contar o número de encaixes que passavam. Espreitava seus gestos, suas palavras. Que faziam da chave,

escondiam-na?

Um dia, desceu às pressas, tendo-os visto sair da peça sem fechar o cofre. Entrou resolutamente e eles estavam de volta.

– Oh, desculpem – disse –, enganei-me de porta.

Mas Gervaise se precipitou, atraindo-o:

– Entre, senhor Lupin, entre, não está em sua casa? Vai nos dar um conselho. Que títulos devemos vender, do Exterior ou da Renda?

– Mas e a contestação? – objetou Lupin, surpreendido.

– Oh! Não abarca todos os títulos.

Ela abriu o batente. Nas prateleiras se amontoavam pastas presas por tiras. Agarrou uma. Seu marido protestou.

– Não, não, Gervaise, seria loucura vender o Exterior: vai subir... enquanto a Renda está no máximo. Que julga o meu amigo?

O amigo não tinha nenhuma opinião, porém aconselhou o sacrifício da Renda. Ela pegou outro maço, e dele, ocasionalmente, um papel. Era um título a três por cento de mil trezentos e setenta e quatro francos. Ludovic o pôs no bolso. De tarde, acompanhado pelo secretário, foi vender o título num agente de valores e recebeu quarenta e seis mil francos.

Dissesse o que dissesse Gervaise, Arsène Lupin não se sentia em casa. Ao contrário, sua situação nos Imbert não terminava de surpreendê-lo. Em várias ocasiões, reparou que os criados não sabiam o seu nome e o chamavam apenas de senhor. Ludovic o designava sempre assim: “Avisar o senhor... O senhor já chegou?”. Por que esse enigmático modo de referência?

E depois do entusiasmo do princípio, os Imbert mal lhe falavam e, continuando a tratá-lo com a consideração devida a um benfeitor,

nunca se ocupavam dele. Davam a impressão de julgá-lo um original que não gosta que o importunem, e seu isolamento era respeitado como se fosse uma regra partida dele, um capricho seu. Uma vez, ao passar pelo vestíbulo, ouviu Gervaise, que dizia a dois senhores:

– É tão arredio!

“Seja”, pensou, “sou arredio”. E, renunciando a explicar as esquisitices daquelas pessoas, empenhava-se na execução de seu plano. Adquirira a certeza de que não podia contar com a sorte, nem com uma leviandade de Gervaise, que levava sempre consigo a chave e, ademais, nunca a tirava sem previamente embaralhar as letras da fechadura. Assim, pois, devia agir.

Um acontecimento precipitou as coisas: a violenta campanha de alguns jornais contra os Imbert, acusados de gatunice. Arsène Lupin assistiu às fases do drama, às agitações do casal, e entendeu que, se tardasse mais, ia perder tudo.

Cinco dias seguidos, em vez de sair pelas seis horas, como costumava, fechou-se em seu quarto.

Julgavam que tinha ido embora, e ele estava estendido no soalho para vigiar o escritório de Ludovic.

Não ocorrendo nas cinco noites a circunstância favorável que aguardava, foi embora durante a noite pela portinha que dava para o pátio e de que tinha a chave.

No sexto dia, soube que os Imbert, respondendo às insinuações malévolas de seus inimigos, tinham proposto que se abrisse o cofre e se fizesse um levantamento.

“Tem de ser esta noite”, pensou Lupin.

Depois do jantar, Ludovic se instalou no escritório e Gervaise foi

ter com ele. Puseram-se a folhear os registros do cofre.

Decorreu uma hora, depois outra. Ouviu os criados se deitar. Não havia mais ninguém no primeiro andar. Meia-noite. Os Imbert prosseguiram em sua tarefa.

– Vamos – sussurrou Lupin.

Abriu sua janela. Dava para o pátio, e o espaço, na noite sem lua e sem estrelas, era escuro. Tirou do armário uma corda com nós, que prendeu na borda do parapeito, e foi descendo suavemente, apoiando-se numa calha, até a janela abaixo da sua. Era a do escritório, e o tecido espesso das cortinas felpudas escondia a peça. De pé no parapeito, ficou um momento imóvel, com ouvidos e olhos bem abertos.

Tranquilizado pelo silêncio, correu com leveza as vidraças. Se ninguém se dera ao cuidado de examiná-las, deviam ceder ao esforço, pois ele, durante a tarde, tinha entortado as linguetas de modo que não entrassem nas chapas.

As vidraças cederam. Com precaução infinita, entreabriu-as mais. Quando pôde passar a cabeça por elas, parou. Um pouco de luz passava entre as duas cortinas mal unidas. Viu Gervaise e Ludovic sentados ao lado do cofre.

Trocavam em voz baixa raras palavras, absorvidos pela tarefa. Arsène calculou a distância que o separava deles, estabeleceu os movimentos exatos que devia fazer para reduzi-los, um após o outro, à impotência, antes que tivessem tempo de chamar por socorro, e ia arremeter quando Gervaise disse:

- Que frio começou a fazer há um instante! Vou me deitar, e você?
- Gostaria de acabar.
- Acabar! Você tem serviço para toda a noite!

– Oh, não, uma hora no máximo.

Ela se retirou. Vinte, trinta minutos se passaram. Arsène empurrou a janela um pouco mais. As cortinas fremiram. Empurrou mais ainda. Ludovic se virou e, vendo as cortinas inchadas pelo vento, levantou-se para fechar a janela...

Não houve grito, nem mesmo uma aparência de luta. Com poucos gestos precisos e sem lhe fazer mal, Arsène o atordoou, tapou-lhe a cabeça com a cortina, e de tal modo que Ludovic não distinguiu sequer o rosto de seu agressor.

Depois, rápido, foi ao cofre, pegou duas pastas, que pôs embaixo do braço, saiu do escritório, desceu a escada, atravessou o pátio e abriu a porta de serviço. Uma carruagem estava parada na rua.

– Guarde isto primeiro – disse ao cocheiro – e venha comigo.

Voltaram ao escritório e em duas viagens esvaziaram o cofre. A seguir, Arsène subiu ao seu quarto, tirou a corda e apagou todos os sinais de sua passagem. O trabalho estava terminado.

Horas depois, Arsène Lupin, com a ajuda do companheiro, selecionou as pastas. Não sentiu decepção ao constatar que a fortuna dos Imbert não tinha a importância que lhe atribuíam, pois já contava com isso. Os milhões não se contavam por centenas, nem sequer por dezenas. Mas, enfim, o total formava ainda uma cifra bem respeitável, e eram valores excelentes, títulos do sistema ferroviário, da Prefeitura de Paris, de Suez, das minas do Norte, fundos do Estado, etc. Declarou-se satisfeito.

– Sem dúvida – disse – o valor desses títulos estará muito reduzido quando chegar a hora de negociar. Encontraremos oposição e teremos mais de uma vez de liquidar por preço baixo. Não importa, com este primeiro capital me encarrego de viver como

quero... e de realizar alguns sonhos que me são muito caros.

– E o resto?

– Pode queimar, meu filho. Este monte de papéis fazia boa figura no cofre, mas para nós é inútil. Quanto aos títulos, vamos fechá-los calmamente no armário e esperar o momento propício.

No dia seguinte, pensou que nenhuma razão o impedia de voltar à mansão Imbert. Mas a leitura dos jornais lhe trouxe esta notícia imprevista: Ludovic e Gervaise tinham desaparecido.

A abertura do cofre foi feita com grande solenidade. Os homens da justiça acharam o que Arsène Lupin tinha deixado lá: pouca coisa.

Estes são os fatos e esta é a explicação que dá a alguns deles a intervenção de Arsène Lupin. Ouvi a história contada por ele mesmo num dia em que estava com disposição para confidências.

Nesse dia, Arsène andava de um lado a outro em meu gabinete de trabalho, e seus olhos tinham um fervor que não lhes conhecia.

– Em suma – disse-lhe –, é o seu mais belo golpe?

Sem me responder diretamente, prosseguiu:

– Há nesse caso segredos impenetráveis. Mesmo depois da explicação que lhe dei, quantas obscuridades persistem! Por que aquela fuga? Por que não se aproveitaram da ajuda que, sem querer, lhes dei? Era tão simples dizer: “Os cem milhões se achavam no cofre; não estão mais aí porque foram roubados”.

– Perderam a cabeça.

– Sim, perderam... por outro lado, é verdade...

– É verdade?...

– Não, nada.

Que significavam essas reticências? Não tinha contado tudo, claro, e o que não contara repugnava-lhe exprimir. Fiquei intrigado. A

coisa tinha de ser grave para provocar a hesitação de um homem como aquele.

Arrisquei umas perguntas:

– Não voltou a vê-los?

– Não.

– E não chegou a sentir alguma piedade em relação a esses dois infelizes?

– Eu?! – proferiu num sobressalto.

Sua revolta me admirou. Teria eu acertado o alvo? Insisti.

– É evidente. Sem você, eles podiam ter enfrentado o perigo, ou ao menos ter ido embora com os bolsos cheios.

– Remorsos, é o que me atribui, não é?

– Quem sabe!

Bateu com violência na mesa.

– Assim, segundo você, deveria ter remorsos?

– Chame isso de remorso ou pesar, enfim, um sentimento qualquer...

– Um sentimento por gente que...

– Por gente de quem você tirou uma fortuna.

– Que fortuna?

– Ora, os dois ou três maços de títulos...

– Os dois ou três maços de títulos! Tirei-lhes pacotes de títulos, não é? Uma parte da herança? É a minha falta, o meu crime? Mas que diabo, meu caro, não adivinhou que eram falsos os títulos?... Ouviu? ERAM FALSOS!

Olhei-o, aturdido.

– Falsos, os quatro ou cinco milhões?

– Falsos – gritou com raiva –, superfalsos! As ações, os títulos da

Prefeitura de Paris, os fundos do Estado, papel, nada mais que papel! Nem uma moeda, não tirei uma moeda de todo o conjunto! E me pede que tenha remorsos? Eles é que deviam ter! Passaram-me para trás como um trouxa! Depenaram-me como o último dos patos, e o mais imbecil!

Uma cólera real o agitava, feita de rancor e amor-próprio ferido.

– De ponta a ponta estive por baixo, desde o começo! Sabe que papel representei nesse assunto, ou antes, o que me fizeram representar? O de André Brawford! Sim, meu caro, e eu não compreendi nada! Foi depois, lendo os jornais e juntando alguns detalhes, que percebi. Enquanto eu bancava o benfeitor, o que arriscou a vida para arrancar o marido da garra dos malfeitores, eles me faziam passar por um dos Brawford! Não é admirável? Aquele original que tinha um quarto no segundo andar, o arredio que era mostrado de longe, era Brawford, e Brawford era eu! E graças a mim, à confiança que inspirava com o nome de Brawford, os banqueiros emprestavam e os corretores levavam seus clientes a emprestar! Que escola para um estreante, hein?! Ah, juro que aprendi a lição!

Parou de repente, pegou-me no braço e me disse, num tom exasperado em que era fácil, porém, sentir matizes de ironia e admiração, esta frase inefável:

– Meu caro, atualmente, Gervaise Imbert me deve mil e quinhentos francos!

Não pude me impedir de rir. Era de um grotesco superior, e ele mesmo teve um acesso de franca alegria.

– Sim, meu caro, mil e quinhentos francos! Não apenas nunca vi um cêntimo dos meus salários, como ainda ela me pediu

emprestados quinhentos francos! Todas as minhas economias de rapaz! E sabe para quê? Receberás em dobro... Para os seus pobres! Exatamente como lhe digo: para pretensos infelizes que ela ajudava sem que Ludovic soubesse!

“E entrei nessa! Engraçado, hein?! Arsène Lupin aliviado em mil e quinhentos francos, e pela boa senhora a quem roubava quatro milhões de títulos falsos! E quantas combinações, esforços e astúcias geniais gastei para chegar a esse belo resultado!

“Foi a única vez em que fui enrolado na vida. Mas, puxa! Desta vez fui mesmo, redondamente, e pagando caro!...”



A pérola negra

Um violento toque de campainha acordou a zeladora do número 9 da Avenida Hoche. Ela puxou o cordão resmungando:

– Pensei que todo mundo já tivesse entrado! São no mínimo três horas!

Seu marido disse entre dentes:

– Talvez seja para o doutor.

Com efeito, uma voz pediu:

– O Dr. Harel... que andar?

– Terceiro à esquerda. Mas o doutor não atende de noite.

– Vai precisar atender.

O homem atravessou a entrada, subiu um andar, dois, e, sem mesmo se deter no do Dr. Harel, continuou até o quinto. Ali experimentou duas chaves. Uma fez funcionar a fechadura, a outra, o ferrolho de segurança.

– Com perfeição – murmurou. – A tarefa fica muito simplificada. Mas, antes de agir, convém assegurar a retirada. Vejamos... tenho, logicamente, o tempo de bater no apartamento do doutor e ser mandado embora por ele? Não ainda... aguardemos...

Ao fim de uns dez minutos, desceu e bateu na janela da zeladora, praguejando contra o doutor.

Abriam-lhe e bateu a porta atrás de si. Ora, a porta não fechou, pois, habilmente, o homem metera um ferrinho no batente da fechadura para que a lingueta não entrasse.

Sem ruído, sem que os porteiros notassem, voltou. Havendo problemas, seu álibi estava garantido.

Tranquilamente, subiu os cinco andares. No *hall*, à luz de uma lanterna elétrica, largou o sobretudo e o chapéu numa das cadeiras, sentou em outra e envolveu as botinas com espessas pantufas de feltro.

– Ufa, pronto... Que fácil! Pergunto-me por que todo mundo não escolhe o confortável ofício de ladrão. Com um pouco de jeito e raciocínio, não existe outro mais encantador. Um ofício descansado, de pai de família... Até cômodo demais... chega a ser enfadonho.

Desdobrou uma planta detalhada do apartamento.

– Começemos por nos orientar. Noto aqui o retângulo do vestíbulo em que estou. Do lado da rua, o salão, o gabinete da senhora, a sala de jantar. Inútil perder tempo por aí. Parece que a condessa tem péssimo gosto... nem um objeto de valor!... Portanto, direto ao objetivo... Ah! Aqui está o corredor, o corredor que leva aos quartos. A três metros, devo encontrar a porta do guarda-roupa junto ao quarto da condessa.

Dobrou a planta, apagou a lanterna e caminhou pelo corredor, contando:

– Um metro... dois metros... três... Eis a porta... Como tudo dá certo, meu Deus! Um simples ferrolho, um ferrolhinho, me separa do quarto, e, o que é melhor, sei que esse ferrolho se acha a um metro e quarenta e três do soalho... de modo que, com uma pequena incisão que farei em torno, nos livraremos dele...

Tirou do bolso os instrumentos necessários, mas uma ideia o deteve.

– E se porventura esse ferrolho não tiver sido empurrado? Experimentemos... não custa tentar... – Experimentou a fechadura. A porta se abriu. – Meu caro Lupin, você está com sorte. De que precisa agora? Conhece a topografia dos lugares em que vai operar; sabe onde a condessa esconde a pérola negra... Em consequência, para que a pérola negra lhe pertença, é necessário ser estupidamente mais silencioso que o silêncio, mais invisível que a noite.

Arsène Lupin gastou bem uma meia hora para abrir a segunda porta, uma porta envidraçada que dava para o quarto. Mas fez isso com tanta precaução que, mesmo que a condessa não estivesse dormindo, nem um som equívoco teria podido preocupá-la.

Segundo sua planta indicava, tinha apenas de seguir o contorno de uma espreguiçadeira, passar por uma poltrona e dar com a mesinha posta perto da cama. Na mesa, havia uma caixa de papéis de carta, e, fechada simplesmente nessa caixa, a pérola negra.

Estendeu-se no tapete e seguiu a linha da espreguiçadeira. Ao fim dela, parou para reprimir as batidas do coração. Embora não tivesse nenhum receio, era-lhe impossível vencer esta espécie de angústia que se sente no excessivo silêncio. Admirou-se com isso, porque enfim vencera sem emoção minutos mais solenes. Nenhum perigo o ameaçava. Então por que seu coração batia como um sino doido? Seria aquela mulher dormindo que o impressionava, aquela vida tão próxima da sua?

Escutou e julgou discernir o ritmo de uma respiração. Sentiu-se acalmado como por uma presença amiga.

Procurou a poltrona; depois, com pequenos gestos insensíveis, rastejou até a mesa, tateando a sombra com o braço estendido. Sua mão direita encontrou um dos pés da mesa.

Enfim! Precisava somente erguer-se, pegar a pérola e ir embora. Felizmente! Pois seu coração recomeçava a saltar no peito como um animal aterrorizado, e com tal ruído que lhe parecia impossível que a condessa não acordasse.

Pacificou-o num prodigioso esforço de vontade, mas, no momento em que tentava se levantar, sua mão esquerda tocou, no tapete, num objeto que reconheceu logo como um castiçal, um castiçal emborcado, logo em seguida em outro, um relógio, desses de viagem, recobertos por um estojo de couro.

Como? O que ocorria? Não estava entendendo. Esse castiçal, esse relógio... por que não estavam em seu lugar habitual? Ah, o que teria se passado na sombra assustadora?

Súbito, um grito lhe escapou. Tocara... oh, em que coisa estranha, inominável! Mas não, não, o medo lhe perturbava o cérebro. Vinte segundos, trinta segundos, permaneceu imóvel, pasmado, a testa suando. E seus dedos conservavam a sensação daquele contato.

Num esforço implacável, estendeu de novo o braço. Sua mão de novo roçou a coisa, a coisa estranha, inominável. Apalpou-a. Exigiu que sua mão apalpassem e se desse conta do que era: uma cabeleira, um rosto... e esse rosto estava frio, quase gelado.

Por aterradora que seja a realidade, um homem como Arsène Lupin a domina desde que dela tome conhecimento. Rápido, acendeu a lanterna. Uma mulher jazia diante dele, coberta de sangue. Ferimentos horríveis devastavam seu pescoço e seus ombros. Inclinou-se e examinou-a. Estava morta.

– Morta, morta – repetia para si mesmo com estupor.

Olhou seus olhos fixos, o ricto da boca, a carne lívida, e o sangue, todo o sangue que correrá para o tapete e agora se coagulava, espesso e negro.

Tendo-se levantado, apertou o interruptor de luz e a peça se iluminou. Pôde ver todos os sinais de uma luta encarniçada. A cama estava toda desfeita, os cobertores e lençóis, jogados. No chão, o castiçal, o relógio – em que os ponteiros marcavam onze e vinte –, mais longe uma cadeira virada, e sangue em toda parte, manchas de sangue.

– E a pérola negra? – murmurou.

A caixa de papéis de carta estava no lugar. Abriu-a vivamente. O estojo estava ali, mas vazio.

– Puxa! Você se gabou um pouco cedo da sua sorte, amigo Arsène Lupin... A condessa assassinada, a pérola negra sumida... a situação não é brilhante. Vamos embora, sem o que você se arrisca a incorrer em sérias responsabilidades.

Não se mexeu, no entanto.

– Ir embora? Sim, outro iria. Mas Arsène Lupin? Não tem algo melhor a fazer? Vamos proceder por ordem. Afinal, sua consciência está tranquila... Suponha que seja comissário de polícia e tem de fazer um inquérito... Sim, mas para isso teria que estar com a cabeça mais clara. E a minha está turvíssima.

Caiu na poltrona, com as mãos crispadas na testa ardente.

O caso da Avenida Hoche foi um dos que mais vivamente nos excitaram a curiosidade nos últimos tempos, e sem dúvida não o narraria se a participação de Arsène Lupin não o esclarecesse com uma luz toda especial. Poucos suspeitam dessa participação e

ninguém sabe, em todo caso, a exata e interessante verdade.

Quem não conhecia, por ter encontrado no Bois, Léontine Zalti, a ex-cantora, esposa e viúva do Conde d'Andillot, a Zalti, cujo luxo deslumbrava Paris há uns vinte anos, a Condessa d'Andillot, a quem os adornos de diamantes e pérolas davam notoriedade europeia? Dizia-se que ela levava nos ombros a caixa-forte de alguns bancos e as minas de ouro de várias companhias australianas. Os grandes joalheiros trabalhavam para a Zalti como antigamente para os reis e rainhas.

E quem não se lembra da catástrofe em que todas essas riquezas derrocaram? Bancos e minas de ouro, o abismo tudo devorou. Da coleção maravilhosa, dispersa pelo comissário da penhora, sobrou somente a famosa pérola negra. A pérola negra! Isto é, uma fortuna, se a condessa quisesse separar-se dela.

Não quis. Preferiu restringir-se, viver num apartamento simples, com sua dama de companhia, sua cozinheira e um criado, a vender a joia inestimável. Havia um motivo que não temia confessar: a pérola negra era o presente de um imperador! E, quase na pobreza, reduzida à existência mais medíocre, permaneceu fiel à sua companheira dos melhores dias.

– Enquanto eu viver – dizia –, ela ficará comigo.

Todo o dia a tinha no pescoço, e de noite a guardava em lugar que só ela conhecia.

Esses fatos, recordados pela imprensa, estimularam a curiosidade, e, coisa esquisita, mas fácil de entender para os que possuíam a chave do segredo, foi que justamente a prisão do suposto assassino complicasse o enigma e prolongasse a emoção. Dois dias depois, com efeito, era publicada a seguinte notícia:

“Anunciam a prisão de Victor Danègre, o criado da Condessa d’Andillot. Os agravos levantados contra ele são esmagadores. Na manga em tecido lustroso de sua libre, que o senhor Dudouis, o chefe da Sûreté, encontrou em sua mansarda, debaixo do colchão, havia manchas de sangue. Além disso, faltava a essa libre um botão forrado de fazenda que, desde o início da investigação, fora recolhido sob a própria cama da vítima.

É provável que depois do jantar Danègre, em vez de ir para seu quarto, fosse ao quarto de vestir e, pela porta envidraçada, visse a condessa esconder a pérola negra.

Devemos dizer que até aqui nenhuma prova veio confirmar essa hipótese. E outro ponto permanece obscuro. Às sete da manhã, Danègre foi à tabacaria do Boulevard de Courcelles; a zeladora, primeiro, e depois o empregado da loja o testemunharam. Em contrapartida, a cozinheira da condessa e sua dama de companhia, que dormem ambas no fim do corredor, declaram que às oito horas, quando se levantaram, a porta do vestíbulo e a da cozinha estavam fechadas com duas voltas. Há vinte anos no serviço da condessa, essas duas estão acima de qualquer suspeita. Pergunta-se, assim, como Danègre pôde sair do apartamento. Tinha mandado fazer outra chave? A instrução esclarecerá esses diferentes pontos.”

A instrução não esclareceu absolutamente nada. Ao contrário. Soube-se que Victor Danègre era um reincidente perigoso, alcoólatra e libertino, que uma facada não assustaria. E o próprio caso parecia, à medida que era examinado, envolver-se em trevas mais densas e contradições mais inexplicáveis.

De início, uma tal Mademoiselle de Sinclèves, prima e única

herdeira da vítima, declarou que a condessa, um mês antes de sua morte, lhe confiara numa de suas cartas a maneira como escondia a pérola. No dia seguinte àquele em que recebeu essa carta, constatou seu desaparecimento. Quem a teria roubado?

Por sua vez, os porteiros contaram que tinham aberto a porta a um indivíduo, que subira até o apartamento do Dr. Harel. Chamaram o doutor. Ninguém tinha batido em sua casa. Então quem era esse indivíduo, um cúmplice?

A hipótese de um cúmplice foi adotada pela imprensa e o público. Ganimard, o velho inspetor, a defendia, não sem razão.

– Há algo de Lupin em tudo isso – dizia ao juiz.

– Xi! – respondeu ele. – Você vê o seu Lupin em toda parte.

– Vejo-o em toda parte porque está em toda parte.

– Diga antes que o vê cada vez que uma coisa não lhe soa muito clara. Aliás, no caso, note isto: o crime foi cometido às onze e vinte da noite, como comprova o relógio parado, e a visita noturna, denunciada pelos porteiros, só ocorreu às três da manhã.

A justiça não raro obedece a esses encadeamentos de opinião que fazem com que se obriguem os fatos a se dobrar à explicação inicial. Os deploráveis antecedentes de Victor Danègre, reincidente, bêbado e farrista, influenciaram o juiz, e, apesar de que nenhuma circunstância nova viesse corroborar os dois ou três indícios descobertos de saída, nada pôde abalá-lo. Encerrou sua instrução. Algumas semanas depois os debates começavam.

Foram embaraçados e apáticos. O presidente os dirigiu sem ardor. A promotoria pública atacou debilmente. Nessas condições, o advogado de Danègre controlou a situação. Mostrou as lacunas e as impossibilidades da acusação. Não existia nenhuma prova material.

Quem tinha feito a chave, a indispensável chave sem a qual Danègre, depois de sair, não teria podido fechar com duas voltas a porta do apartamento? Quem tinha visto essa chave e o que ocorrera com ela? Quem tinha visto a faca do assassino e onde estava?

– Em todo o caso – concluiu o advogado –, provem que foi o meu cliente que matou. Provem que o autor do roubo e do crime não foi essa misteriosa personagem que penetrou no prédio às três da manhã. O relógio marcava onze horas, dirão. E daí? Não se podem pôr os ponteiros na hora que nos convém?

Victor Danègre foi absolvido.

Saiu da prisão numa sexta-feira ao fim do dia, deprimido por seis meses de cela. A instrução, o isolamento, os debates, as deliberações do júri, tudo isso o enchera de um susto doentio. De noite, horríveis pesadelos, visões do cadafalso o perseguiram. Tremia de febre e de terror.

Sob o nome de Anatole Dufour, alugou um quartinho nas alturas de Montmartre, e viveu, segundo o que parecia, de um lado para outro.

Uma existência lamentável. Admitido por três patrões diferentes, foi reconhecido e imediatamente o despediram.

Muitas vezes notou, ou julgou notar, que homens o seguiam, homens da polícia, não duvidava, que não renunciara em fazê-lo cair em alguma armadilha. E sentia de antemão o rude aperto de mãos que o pegavam pelo colarinho.

Uma noite, jantava num restaurante do bairro e alguém se instalou à sua frente. Era um indivíduo de uns quarenta anos, com sobrecasaca preta de suspeita limpeza. Pediu uma sopa, legumes e

um litro de vinho.

Ao terminar a sopa, virou-se para Danègre e o fitou longamente.

Danègre empalideceu. Por certo esse era um dos que o seguiam havia semanas. Que desejaria?

Tentou se levantar e não pôde. Suas pernas fraquejavam.

O homem se serviu de um copo de vinho e encheu o de Danègre.

– Bebemos, companheiro?

Victor balbuciou:

– Sim... sim... à sua saúde, amigo.

– À sua, Victor Danègre.

O outro estremeceu:

– Eu!... Eu!... Mas não... juro-lhe...

– Jura o quê? Que você não é você, o criado da condessa?

– Que criado? Eu me chamo Dufour. Pergunte ao dono da casa.

– Dufour, Anatole, sim, para o dono, mas Danègre para a justiça, Victor Danègre.

– Não é certo! Não é, mentiram-lhe.

O outro tirou do bolso um cartão que lhe passou. Victor leu: “Grimaudan, ex-inspetor da Sûreté. Informações confidenciais”.

Sobressaltou-se:

– Você é da polícia?

– Não mais, mas o ofício me agradava e continuo de uma maneira mais... lucrativa. De tempos em tempos se topam negócios de ouro... como o seu.

– O meu?

– Sim, o seu: é um negócio excepcional, se quiser gastar nele um pouco de boa vontade.

– E se não quiser?

– Tem de querer. Está em uma situação em que não pode recusar nada.

Uma surda apreensão invadiu Victor Danègre. Perguntou:

– Que há?... Fale.

– Isso – respondeu o outro. – Ao que interessa. Em duas palavras: fui mandado por Mademoiselle de Sinclèves.

– Sinclèves?

– A herdeira da Condessa d’Andillot.

– E daí?

– Mademoiselle de Sinclèves me encarregou de lhe solicitar a pérola negra.

– A pérola negra?

– A que você roubou.

– Mas não a tenho!

– Tem.

– Se tivesse, seria eu o assassino.

– É o assassino.

Danègre tentou rir.

– Felizmente, meu caro senhor, o tribunal não foi da mesma opinião. Todos os jurados, ouviu? Reconheceram-me inocente. E quando temos a consciência do nosso lado e a aprovação de doze pessoas honestas...

O ex-inspetor lhe pegou no braço.

– Nada de frases, menino. Escute-me com atenção e pondere as minhas palavras, que elas o merecem. Três semanas antes do crime, furtou na cozinha a chave que abre a porta de serviço e mandou fazer uma igual no serralheiro Outard, na Rua Oberkampf, 244.

– Não é verdade – rosnou Victor. – Ninguém viu essa chave... Ela não existe.

– Ela está aqui. – Uma pausa e Grimaudan prosseguiu: – Matou a condessa com uma faca comprada no Bazar da República, no mesmo dia em que mandou fazer a chave. A lâmina era triangular e vazada por uma estria.

– Isso é brincadeira; fala por falar. Ninguém viu a faca.

– Está aqui. – Danègre fez um movimento de recuo. O ex-inspetor continuou: – Tem manchas de ferrugem. Preciso lhe explicar de onde vieram?

– E daí?... O senhor mostra uma chave e uma faca, mas quem poderá afirmar que me pertencem?

– O serralheiro em primeiro lugar, e em segundo o empregado de quem você comprou a faca. Refresquei a memória dos dois e, diante de você, não hesitarão em reconhecê-lo. – Falava seca e duramente, com uma precisão aterradora. Danègre tremia de medo. Nem o juiz, nem o presidente do júri, nem o promotor o tinham apertado assim, ou olhado com tanta clareza coisas que ele mesmo já não discernia muito nitidamente.

Tentou, porém, ainda fingir indiferença.

– Se essas são todas as suas provas...

– Ainda me sobra uma. Depois do crime, você se retirou pelo mesmo caminho. Mas, no quarto de vestir, amedrontado, teve de se apoiar na parede para manter o equilíbrio.

– Como sabe? – gaguejou Victor. – Ninguém pode saber disso...

– Quanto à justiça, vá; não podia vir à cabeça de um desses senhores acender uma vela e examinar as paredes. Mas se isso for feito, verão no gesso branco uma marca vermelha, leve, mas

bastante nítida para que se encontre nela a impressão do seu polegar, que você encostou na parede, úmido de sangue. E não ignora que em antropometria esse é um dos principais meios de identificação.

Victor Danègre perdeu a cor. Gotas de suor lhe escorriam da testa. Observava com olhos de louco esse homem estranho que recordava o seu crime como se o tivesse visto.

Baixou a cabeça, vencido, impotente. Há meses lutava contra todo mundo. Contra esse homem, tinha a impressão de que não havia nada a fazer.

– Se lhe entrego a pérola – balbuciou –, quanto me dará?

– Nada.

– Como?! Está brincando! Eu lhe darei uma coisa que vale milhares, centenas de milhares, e não receberei nada?

– Receberá: a vida. – O miserável se arrepiou. Grimaudan acrescentou, num tom quase doce: – Vamos, Danègre, essa pérola não tem nenhum valor para você. Não pode vendê-la. Para que ficar com ela?

– Há receptadores... e um dia ou outro, por qualquer preço...

– Um dia ou outro será tarde demais.

– Por quê?

– Porque a justiça o terá agarrado de novo e, dessa vez, com as provas que lhe fornecerei, a faca, a chave e a indicação do seu polegar, estará perdido, meu caro.

Victor apertou a cabeça com as duas mãos e pensou. Sentia-se perdido, com efeito, irremediavelmente perdido, e ao mesmo tempo um grande cansaço o dominava, uma imensa necessidade de repouso e abandono.

- Quando precisa dela?
- Esta noite, antes da uma hora.
- Do contrário...?
- Do contrário, ponho no correio esta carta em que Mademoiselle Sinclèves o denuncia ao procurador da República.

Danègre se serviu de dois copos de vinho que bebeu em duas goladas. Em seguida, erguendo-se:

- Pague a conta e vamos. Já não aguento esse maldito assunto.

A noite chegara. Os dois homens desceram a Rua Lepic e seguiram pelas avenidas em direção à Place de l'Étoile. Caminhavam silenciosamente, Victor com as costas curvadas e exausto. No Parc Monceau, disse:

- É do lado do prédio...
- Claro! Antes de ser preso, só saiu para ir à tabacaria.
- Chegamos – disse Danègre em voz opaca. Costearam a grade do jardim e atravessaram uma rua que tinha na esquina a tabacaria. Passos adiante, Danègre parou. Suas pernas vacilavam. Jogou-se num banco.

- E então? – perguntou o outro.
- É aqui.
- Aqui! Que é que está me dizendo?!
- Sim, aqui, na nossa frente.
- Na nossa frente! Ande, Danègre, não convém...
- Repito que ela está aqui.
- Onde?
- Entre duas pedras da calçada.
- Quais?
- Procure.

– Quais? – insistiu Grimaudan. Victor não respondeu. – Ah, perfeito, está querendo me enganar, menino.

– Não... mas... vou morrer sem nada.

– Ah, hesita? Vá, serei magnânimo. De quanto precisa?

– O que dê para comprar uma passagem de terceira para a América.

– Combinado.

– E uma nota de cem francos para as primeiras despesas.

– Terá duas. Fale.

– Conte as pedras, à direita do bueiro. É entre a décima segunda e a décima terceira.

– No rego?

– Sim, embaixo da calçada.

Grimaudan olhou em torno. Bondes passavam, pessoas passavam. Mas quem podia desconfiar?... Abriu seu canivete e meteu-o entre a décima segunda e a décima terceira pedra.

– E se não estiver aqui?

– Se ninguém me viu enterrá-la, há de estar.

Estaria mesmo? A pérola negra ao lado de um rego público, à disposição do primeiro que chegasse! A pérola negra, aquela fortuna!

– A que profundidade?

– Uns dez centímetros, mais ou menos.

Cavou o barro úmido. A ponta do canivete tocou em algo. Com os dedos alargou o buraco. Viu a pérola negra.

– Tome, eis os seus duzentos francos. Eu lhe mandarei a passagem para a América.

No dia seguinte, o *Écho de France* publicava este tópico, que foi

reproduzido pelos jornais do mundo inteiro: “Desde ontem, a famosa pérola negra está em mãos de Arsène Lupin, que a retomou do assassino da Condessa d’Andillot. Em breve, fac-símiles dessa preciosa joia serão expostos em Londres, São Petersburgo, Calcutá, Buenos Aires e Nova Iorque. Arsène Lupin aguarda as propostas que desejarem fazer-lhe por correspondência”.

– E é assim que o crime é sempre punido e a virtude recompensada – concluiu Arsène Lupin, logo que me revelou a parte secreta do caso.

– E é assim que, com o nome de Grimaudan, ex-inspetor da Sûreté, você foi escolhido pelo destino para tirar do criminoso o benefício do seu crime.

– Justamente. E confesso que é das aventuras de que mais me orgulho. Os quarenta minutos que passei no apartamento da condessa, depois de ter verificado a sua morte, estão entre os mais assombrosos e profundos da minha vida. Em quarenta minutos, enredado pela situação mais complicada, reconstituí o crime e adquiri a certeza, com a ajuda de alguns indícios, de que o culpado só podia ser um dos empregados da condessa. Por fim, compreendi que, para ter a pérola, era preciso que esse criado fosse preso, e deixei onde estava o botão da libre, mas não devia haver contra ele provas irrefutáveis de sua culpa, e apanhei a faca esquecida sobre o tapete, levei a chave deixada na fechadura, fechei a porta com duas voltas e apaguei a marca dos dedos no gesso do quarto de vestir. A meu ver, foi uma dessas iluminações...

– De gênio – interrompi.

– De gênio, se deseja, e que não teria visitado o cérebro de qualquer um. Adivinhar num segundo as duas etapas do assunto,

uma prisão e uma absolvição, servir-me do aparelho formidável da justiça para perturbar o homem, embrutecê-lo e, em suma, pô-lo num tal estado de espírito que, uma vez livre, devia, inevitável e fatalmente, cair no laço um tanto grosseiro que lhe armei!...

– Um tanto? Diga bastante, pois ele não corria risco algum.

– Oh, o menor risco, já que toda a absolvição unânime é definitiva.

– Pobre-diabo...

– Victor Danègre, pobre-diabo! Esqueceu que era um assassino? Seria a última imoralidade se a pérola negra ficasse com ele. Está vivo. Pense nisso, Danègre vive!

– E a pérola negra é sua.

Tirou-a de um dos escaninhos ocultos da sua pasta, examinou-a, afagando-a com os dedos e os olhos, e deu um suspiro.

– Que nobre russo, que rajá imbecil e vaidoso possuirá este tesouro? A que milionário americano estará destinado o pedacinho de beleza e luxo que ornava as brancas espáduas de Léontine Zalti, Condessa d'Andillot?...



Herlock Sholmes chega tarde demais

- Estranho como você se parece com Arsène Lupin, Vermont!
- Conhece o homem?
- Oh, como todo mundo, pelas fotografias; nenhuma é igual às outras, mas cada uma deixa a impressão de uma mesma fisionomia... que é como a sua.

Horace Vermont pareceu contrafeito.

- Pois é, caro Devanne. E você não é o primeiro a me fazer essa observação, creia.

– A tal ponto – insistiu Devanne – que, se não tivesse sido recomendado por meu primo D’Estevan e não fosse o conhecido pintor cujas marinhas tanto aprecio, pergunto-me se não teria avisado a polícia de sua presença em Dieppe.

A tirada foi recebida com uma risada geral. Estavam ali, além de Vermont, na grande sala de jantar do Castelo de Thibermesnil, o Abade Gélis, cura da aldeia, e uma dúzia de oficiais, cujos regimentos faziam manobras na região e tinham aceito o convite do banqueiro Georges Devanne e de sua mãe. Um deles exclamou:

- Mas não é que justamente Arsène Lupin foi visto aqui pela costa,

depois do seu famoso golpe no expresso Paris–Le Havre?

– Isso faz uns três meses. Na semana seguinte, conhecia no cassino o nosso querido Velmont, que depois quis me honrar com algumas visitas, agradável preâmbulo de uma visita mais demorada que me fará um desses dias... ou talvez uma dessas noites!

Riram outra vez e passaram à antiga sala dos guardas, peça ampla, muito alta, que ocupa toda a parte inferior da Torre Guillaume, e onde Georges Devanne reuniu incomparáveis riquezas, acumuladas através de séculos pelos senhores de Thibermesnil. Baús e credências, esculturas de ferro para lareiras, girândolas a decoram. Magníficas tapeçarias pendem nas paredes de pedra. Os vãos das quatro janelas são profundos, com bancos à frente, e fechados por vidraças em ogiva com vitrais enquadros de chumbo. Entre a porta e a janela da esquerda se ergue uma monumental estante de estilo Renascença, em cujo frontão se lê em letras de ouro *Thibermesnil*, e embaixo a altiva divisa da família, *Faze o que quiseres*.

Acenderam-se charutos, e Devanne prosseguiu:

– Apenas despache-se, Velmont, que é a última noite que lhe resta.

– Por quê? – disse o pintor, que, sem dúvida, levava a coisa em brincadeira.

Devanne ia responder quando sua mãe lhe fez um sinal. Mas a excitação do jantar e o desejo de interessar os hóspedes prevaleceram.

– Arre! – murmurou – posso falar agora. Não é mais necessário recear uma indiscrição.

Sentaram em torno dele com viva curiosidade, e ele declarou, com

ar satisfeito de alguém que anuncia uma notícia importante:

– Amanhã, às quatro horas, Herlock Sholmes, o grande policial inglês para quem não existem casos insolúveis, Herlock Sholmes, o mais extraordinário decifrador de enigmas jamais visto, a prodigiosa personagem que parece forjada pela imaginação de um romancista, amanhã Herlock Sholmes será meu hóspede.

Houve exclamações. Herlock Sholmes em Thibermesnil? Então era sério? Arsène Lupin se achava na região?

– Arsène Lupin e seu bando não estão longe. Sem contar o caso Cahorn, a quem atribuir os roubos de Montigny, de Gruchet, de Crasville, senão ao nosso ladrão nacional? Agora é a minha vez.

– E está prevenido, como o Barão Cahorn?

– O mesmo truque não funciona duas vezes.

– Então?

– Então vejam.

Ergueu-se e, apontando com o dedo, numa das prateleiras da estante, um espaço vazio entre dois enormes infólios, disse:

– Havia ali um livro, um livro do século XVI, intitulado *Crônica de Thibermesnil*, e que era a história do castelo desde sua construção pelo Duque Rollon no lugar de uma fortaleza feudal. Continha três gravuras. Uma representava uma vista de cima do conjunto do domínio, a segunda a planta dos edifícios, a terceira, e chamo a atenção para isto, o traçado de um subterrâneo, do qual uma das saídas se abria além da primeira linha das muralhas e a outra dava aqui, sim, nesta mesma sala em que estamos. Ora, esse livro desapareceu desde o mês passado.

– Puxa – disse Vermont –, mau sinal. Porém isso não basta para motivar a intervenção de Herlock Sholmes.

– Por certo não bastaria, se não tivesse ocorrido outro fato que dá ao que acabo de lhes contar toda a sua significação. Existia na Biblioteca Nacional um segundo exemplar dessa *Crônica*, e os dois exemplares diferiam em certos detalhes relativos ao subterrâneo, como o estabelecimento de uma profundidade e de uma escala, e diversas anotações, não impressas, mas escritas a tinta e mais ou menos apagadas. Estava a par dessas particularidades e sabia que o trajeto definitivo não poderia ser reconstituído senão pela confrontação minuciosa dos dois mapas. Ora, no dia seguinte àquele em que meu exemplar desapareceu, o da Biblioteca Nacional era pedido por um leitor que o levou, sem que se pudessem determinar as condições em que o roubo foi feito.

Vozes de surpresa acolheram essas palavras.

– Desta vez então a coisa é séria.

– Sim – afirmou Devanne –, a polícia enfim reagiu e procedeu a um duplo inquérito, que aliás não deu nenhum resultado.

– Como todos aqueles de que Arsène Lupin é o objeto.

– Precisamente. Foi aí que me veio a ideia de pedir a ajuda de Herlock Sholmes, que me respondeu que tinha o maior desejo de entrar em contato com Arsène Lupin.

– Que glória para Arsène Lupin! – afirmou Velmont. – Mas se o nosso ladrão nacional, como o chamou, não alimenta qualquer projeto sobre Thibermesnil, Herlock Sholmes ficará fazendo o quê?

– Há outra coisa que sem dúvida lhe interessará: a descoberta do subterrâneo.

– Como? Não nos disse que uma das entradas era no campo e a outra neste salão?

– Onde? Em que lugar do salão? A linha que representa o

subterrâneo nos mapas leva, de um lado, a um pequeno círculo com estas duas maiúsculas: *T. G.*, o que certamente quer dizer Torre Guillaume, não é? Mas a torre é redonda, e quem poderia determinar a que ponto desse círculo se refere o traçado do desenho?

Devanne acendeu seu segundo charuto e se serviu de um copo de Bénédictine. Foi crivado de perguntas e sorria, feliz pelo interesse despertado. Por fim, declarou:

– O segredo está perdido. Ninguém no mundo o conhece. De pai a filho, diz a lenda, os poderosos senhores o transmitiam na hora da morte, até o dia em que Geoffroy, último do nome, teve a cabeça cortada no cadafalso, a 7 de termidor do ano II, aos dezenove anos.

– Mas há um século devem vir procurando!

– Procuram, mas em vão. Eu mesmo, quando comprei o castelo do sobrinho-bisneto do Convencional Leribourg, mandei fazer escavações. Para quê? Pensem que esta torre, cercada de água, está ligada ao castelo por uma ponte, de modo que o subterrâneo tem de passar sob os antigos fossos. O mapa da Biblioteca Nacional mostra aliás uma sequência de quatro escadas, somando quarenta e oito degraus, o que deixa supor uma profundidade de mais de dez metros. E a escala, anexa ao outro mapa, fixa a distância em duzentos metros. Na realidade, todo o problema está aqui, entre este soalho, este forro e estas paredes. Palavra, confesso que hesito em demoli-los.

– E não se tem nenhum indício?

– Nenhum.

O Abade Gélis objetou:

– Senhor Devanne, não devemos perder de vista as duas citações.

– Oh! – riu Devanne. – O senhor cura é um remexedor de arquivos, um grande leitor de memórias, e tudo o que diz respeito a Thibermesnil o apaixona. Mas a explicação a que se refere serve só para embrulhar as coisas.

– Ainda assim...

– Faz questão?

– Toda.

– Saibam, pois, que ele deduziu de suas leituras que dois reis da França conheciam o segredo do enigma.

– Dois reis!

– Henrique IV e Luís XVI.

– Não são sujeitos à toa... E como o senhor abade soube disso?...

– Oh! É simples – continuou Devanne. – Na antevéspera da Batalha de Arques, o rei Henrique IV veio jantar e dormir neste castelo. Às onze da noite, Louise de Tancarville, a mais bonita mulher da Normandia, foi levada até ele pelo subterrâneo com a cumplicidade do Duque Edgard, que, nessa ocasião, expôs o segredo de família. Henrique IV contou-o mais tarde ao seu ministro Sully, que narra a passagem em suas *Royales Economies d'État*, sem outro comentário desta frase incompreensível: “O machado gira no ar que freme, mas a asa se abre e a gente vai a Deus”.

Houve um silêncio, e Velmont brincou:

– Não é de uma clareza ofuscante.

– Não é? O senhor cura defende que Sully referiu desse modo a solução do enigma, sem trair o segredo aos escribas a que ditava suas memórias.

– A hipótese é engenhosa.

– Concedo, mas o que é o machado que gira e o pássaro que

voa?

– E quem é que vai até Deus?

– Mistério.

Velmont retomou:

– E o bom Luís XVI? Teria sido igualmente para que recebesse a visita de uma dama que se abriu o subterrâneo?

– Ignoro. O que se pode dizer é que Luís XVI esteve aqui em 1784, e que o famoso armário de ferro, achado no Louvre por uma revelação de Gamain, continha um papel com estas palavras escritas por ele: “Thibermesnil: 2-6-12”.

Horace Velmont deu uma risada.

– Vitória! As trevas se dissipam cada vez mais. Duas vezes seis são doze.

– Ria à vontade, senhor – falou o abade. – Isso não impede que essas duas citações contenham a solução, e que um dia ou outro chegará alguém que saiba interpretá-las.

– Herlock Sholmes primeiro – disse Devanne. – A menos que Arsène Lupin se adiante a ele... Que pensa disso, Velmont?

Este se ergueu, pôs a mão no ombro de Devanne e declarou:

– Penso que aos dados fornecidos pelo seu livro e pelo da Biblioteca Nacional faltava uma informação da mais alta importância, e que teve a gentileza de me oferecer. Agradeço-lhe.

– De modo que...?

– De modo que agora, tendo o machado girado, o pássaro ido embora e duas vezes seis igual a doze, não tenho mais a fazer do que me pôr em campo.

– Sem perder um minuto.

– Sem perder um segundo! Não é preciso que esta noite, isto é,

antes da chegada de Herlock Sholmes, eu roube o seu castelo?

– É fato que lhe sobra o tempo justo. Quer que o conduza?

– Até Dieppe?

– Até Dieppe. Aproveito para trazer eu mesmo o casal D'Androl e a filha de uns amigos deles que chegam pelo trem da meia-noite. – Dirigindo-se aos oficiais, Devanne acrescentou: – Vamos nos reencontrar todos aqui amanhã para o almoço, não é, senhores? Estou contando com a presença de todos, pois o castelo deve ser arremetido por suas tropas e tomado de assalto ao baterem as onze.

O convite foi aceito, despediram-se e, instantes mais tarde, um Étoile d'Or 20-30 levava Devanne e Velmont pela estrada de Dieppe. Devanne deixou o pintor diante do cassino e foi para a estação.

À meia-noite, seus amigos desciam do trem. À meia-noite e meia, o carro atravessava as portas de Thibermesnil. À uma, após uma leve ceia servida no salão, recolheram-se, e pouco a pouco todas as luzes se apagaram. O grande silêncio da noite envolvia o castelo.

Mas a lua afastou as nuvens que a velavam e, por duas das janelas, encheu o salão de branca claridade. Apenas por um momento. Em seguida ela se escondeu atrás da cortina das colinas, e a escuridão voltou. O silêncio cresceu com a sombra mais densa. Somente, de tempos em tempos, estalidos de móveis o turbavam, ou o ruído dos juncos no lago que banha com as águas verdes as velhas paredes.

O relógio de pêndulo desfiava o rosário infinito dos segundos. Bateu duas horas. Logo, de novo, os segundos caíram, apressados e monótonos, na paz pesada da noite. Depois soaram três horas.

E de repente algo estalou, como, na passagem de um trem, um sinal que se abre e fecha. E um jato fino de luz atravessou o salão de ponta a ponta, como uma flecha que deixasse atrás de si um rastro cintilante. Jorrava da estria central de uma pilastra em que, à direita, se apoiava o frontão da estante. Imobilizou-se primeiro, sobre a parede oposta, num círculo brilhante, depois passeou por todos os lados como um olhar preocupado que examina a sombra, depois sumiu para jorrar de novo, enquanto toda uma parte da estante girava sobre si mesma e desvelava uma larga abertura em forma de abóbada.

Entrou um homem, que tinha à mão uma lanterna elétrica. Um outro e um terceiro surgiram, trazendo um rolo de cordas e diferentes instrumentos. O primeiro inspecionou a peça, parou para escutar e disse:

– Chame os companheiros.

Desses companheiros, vieram oito pelo subterrâneo, rapazes sólidos, de rosto enérgico. A mudança começou.

Foi rápida. Arsène Lupin passava de um móvel a outro, considerava-o e, segundo suas dimensões ou seu valor artístico, perdoava-o ou ordenava:

– Levem!

E o objeto era transportado, engolido pela boca escancarada do túnel, enviado às entranhas da terra. Foram assim escamoteados seis poltronas e seis cadeiras Luís XV, tapeçarias de Aubusson, girândolas assinadas por Gouthiere, e dois Fragonard, e um Nattier, e um busto de Houdon, e algumas estatuetas. Às vezes Lupin se demorava ante um magnífico baú ou um quadro soberbo e suspirava:

– Pesado demais este... grande demais... que pena!

E continuava sua vistoria.

Em quarenta minutos, o salão foi “desobstruído”, segundo a expressão de Arsène. E tudo realizado numa ordem admirável, sem nenhum ruído, como se todos os objetos que estes homens manejavam tivessem sido guarnecidos de espesso acolchoamento.

Disse ao último deles, que ia levando um relógio de parede assinado por Boulle:

– Não precisa voltar. Combinado, não é? Logo que o caminhão esteja carregado, sigam até a granja de Roquefort.

– E o senhor, patrão?

– Deixem-me a motocicleta.

O homem se foi. Ele empurrou para o lugar o lado móvel da estante, fez desaparecer qualquer traço da mudança, apagou as marcas de passos, ergueu um reposteiro e penetrou numa galeria que servia de comunicação entre a torre e o castelo. Ao meio, havia um mostruário de vidro, e por causa dele Arsène Lupin prosseguia em sua exploração.

Continha maravilhas, uma coleção única de relógios de bolso, tabaqueiras, anéis, correntes, miniaturas do mais belo lavor. Com uma alavanca, forçou a fechadura, e foi para ele um prazer inexprimível pegar aquelas joias de ouro e prata, pequenas obras de uma arte tão preciosa e delicada.

Tinha passado em volta do pescoço um amplo saco de tela, especialmente feito para esses momentos afortunados. Encheu-o. E encheu também os bolsos do casaco, da calça, do colete. E fechava o braço esquerdo sobre uma pilha dessas redezinhas de pérolas, tão apreciadas por nossos antepassados e que hoje estão muito em

moda, quando um leve ruído lhe feriu os ouvidos.

Escutou: não se enganara, o ruído se repetia.

Recordou de repente: na ponta da galeria, uma escada interior levava a um apartamento até ali desocupado, mas que estava reservado para esta noite à jovem que Devanne tinha ido buscar em Dieppe com seus amigos D'Androl.

Num gesto rápido, premiu com o dedo a mola de sua lanterna, apagando-a. E mal tinha alcançado o vão de uma janela quando, no topo da escada, a porta foi aberta e uma débil claridade iluminou a galeria. Teve a sensação – pois, meio escondido por uma cortina, não enxergava – de que alguém descia os primeiros degraus com cautela. Aguardou que não fosse muito longe, porém a pessoa avançou vários passos na peça e deu um grito. Sem dúvida vira o mostruário quebrado e quase vazio.

Pelo perfume, reconheceu a presença de uma mulher. Suas vestes quase roçavam a cortina que o ocultava, e pareceu-lhe ouvir o coração dela e também que ela adivinhava a presença de outro ser, atrás de si, na sombra, ao alcance de sua mão... Pensou: “Está com medo... vai embora... impossível que não vá”. Mas não foi. A vela que tremia em sua mão deixou de tremer. Voltou-se, hesitou um instante, pareceu escutar o temível silêncio e logo, num golpe, afastou a cortina.

Viram-se.

Arsène murmurou, transtornado:

– Você... você... senhorita!

Era Miss Nelly.

Miss Nelly! A passageira do transatlântico, a que havia unido seus sonhos aos do jovem durante aquela inesquecível travessia, a que

tinha assistido à sua prisão, e que, em vez de o trair, tinha tido aquele belo gesto de atirar ao mar a Kodak onde ele tinha escondido as joias e as notas de mil... Miss Nelly! A querida e sorridente criatura cuja imagem tinha tantas vezes entristecido ou alegrado suas longas horas de cadeia!

O acaso, que os punha na presença um do outro nesse castelo e a essa hora da noite, era tão prodigioso que não se mexeram nem pronunciaram uma palavra, como hipnotizados pela fantástica aparição que um representava para o outro.

Trôpega, quebrada de emoção, Miss Nelly teve de se sentar.

Ele ficou de pé diante dela. E pouco a pouco, durante os intermináveis segundos que transcorriam, teve consciência da impressão que devia dar neste momento, com os braços cheios de quinquilharias, os bolsos salientes, a sacola estourando. Ficou confuso e enrubesceu de estar ali, na vulgar posição do ladrão pego em flagrante. Para ela, de ora em diante, acontecesse o que acontecesse, ele era o ladrão, o que mete a mão no bolso alheio, o que força as portas e se introduz furtivamente.

Um dos relógios de bolso rolou no tapete; outro foi atrás. Iam lhe cair dos braços ainda mais coisas, que não sabia como reter. Decidiu-se então bruscamente e deixou cair numa poltrona uma parte dos objetos, esvaziou os bolsos e se desfez da sacola.

Sentiu-se mais à vontade diante de Nelly e deu um passo em sua direção com o intento de lhe falar. Mas ela teve um gesto de recuo, levantou-se com vivacidade e correu para o salão. O reposteiro se fechou atrás dela, mas ele foi ao seu encontro. Lá estava, contraída, trêmula, e seus olhos contemplavam com terror a imensa peça devastada. Ele lhe disse:

– Amanhã às três horas tudo será recolocado no lugar... os móveis serão trazidos...

Ela não respondeu e ele insistiu:

– Amanhã às três horas, eu me comprometo... nada no mundo me impedirá de cumprir essa promessa... amanhã às três...

Um demorado silêncio pesou sobre eles. Não ousava rompê-lo, e a emoção da moça lhe causava um verdadeiro sofrimento. Docemente, sem uma palavra, afastou-se.

E pensava: “Que vá embora!... Que se sinta livre para ir!... Que não tenha medo de mim!...”. Mas súbito ela estremeceu e balbuciou:

– Escute... passos... ouço alguém caminhar...

Olhou-a com pasmo. Parecia transtornada, como pela aproximação de um perigo.

– Não ouço nada – disse ele –, e de qualquer forma...

– Como! Mas precisa fugir... rápido, fuja...

– Fugir... por quê?...

– Precisa... precisa... ah! Não fique aí...

Num pulo correu até a entrada da galeria e ficou escutando. Não, não havia ninguém. Talvez o ruído viesse de fora... Esperou um instante, e logo, tranquilizada, virou-se.

Arsène Lupin tinha desaparecido.

No mesmo instante em que Devanne constatou a pilhagem do seu castelo, pensou: “Foi Vermont que deu o golpe, e Vermont é Arsène Lupin”. Tudo se explicava assim, e nada de outro modo. Essa ideia, porém, só passou por ele, a tal ponto era inverossímil que Vermont não fosse Vermont, o conhecido pintor, o camarada de roda de seu primo D’Estevan. E quando o cabo da guarda, avisado imediatamente, se apresentou, Devanne não pensou sequer em lhe

comunicar essa absurda suposição.

Toda a manhã em Thibermesnil foi um vaivém indescritível. Os guardas, o comissário de polícia de Dieppe, a guarda campestre, os moradores da aldeia, todo mundo pelos corredores, pelo parque ou em volta do castelo. A aproximação das tropas em manobras, o crepitar dos fuzis aumentava o pitoresco da cena.

As primeiras buscas não forneceram nenhum indício. As janelas não tinham sido quebradas nem as portas arrombadas, de modo que a mudança tinha de ter sido feita pela saída secreta. No entanto, não ficara no tapete a impressão de um passo, nem nas paredes qualquer marca insólita.

Só uma coisa, inesperada, e a denotar bem a fantasia de Arsène Lupin: a famosa *Crônica* do século XVI tinha voltado ao seu lugar, e ao lado estava um livro semelhante que não era senão o exemplar roubado da Biblioteca Nacional.

Às onze horas chegaram os oficiais. Devanne os acolheu alegremente, pois, fosse qual fosse o aborrecimento que lhe causara a perda de tais riquezas artísticas, sua fortuna lhe permitia suportá-la sem mau humor. Seus amigos D'Androl e Nelly desceram.

Feitas as apresentações, notou-se que faltava um convidado, Horace Vermont. Não viria?

Sua ausência teria reativado a desconfiança de Georges Devanne. Mas, ao meio-dia em ponto, ele entrou. Devanne alegrou-se:

– Em boa hora! Chegou!

– Não estou no horário?

– Sim, mas podia não estar depois de uma noite tão agitada!...

Sabe a nova?

– Qual?
– Você roubou o castelo.
– Puxa!
– É como estou lhe dizendo. Mas dê antes o braço a Miss Underdown e passemos à mesa... Permite, senhorita? – Interrompeu-se, vendo a perturbação da moça. Logo, recordando-se: – Ah, viajou com Arsène Lupin há tempos, antes de ele ser preso... A parecença a surpreende, não é?

Ela não respondeu. À sua frente, Vermont sorria. Inclinou-se e ela lhe deu o braço. Levou-a ao seu lugar e sentou-se diante dela.

Durante o almoço só se falou de Arsène Lupin, dos móveis roubados, de Herlock Sholmes. No fim da refeição apenas, como se abordassem outros assuntos, Vermont participou da conversa. Foi sucessivamente divertido e grave, eloquente e espirituoso. E tudo o que dizia parecia dizer só para interessar à moça. Ela, porém, muito absorta, aparentava não o escutar.

Serviram o café na esplanada que domina o pátio principal e o jardim francês do lado da fachada mais importante. No gramado, a banda do regimento começou a tocar, e o grande número de camponeses e soldados se espalhou pelas aleias do parque.

Nelly lembrava-se da promessa de Arsène Lupin: “Às três horas tudo estará aí, prometo”.

Às três horas! E os ponteiros do grande relógio que ornava a ala direita marcavam duas e quarenta. Fitava-os sem querer a todo momento, e também a Vermont, que se embalava tranquilamente numa confortável cadeira de balanço.

Duas horas e cinquenta... duas horas e cinquenta e cinco... uma espécie de impaciência, tingida de angústia, oprimia a moça. Era

admissível que o milagre se fizesse, e no minuto fixado, enquanto o castelo, o pátio e o campo estavam cheios de gente, e o procurador da República e o juiz de instrução levavam a efeito seu inquérito?

E, no entanto... no entanto Arsène Lupin tinha prometido com tal solenidade! Seria como ele disse, pensou, impressionada por tudo o que havia neste homem de energia, autoridade e certeza. E aquilo lhe soava não como milagre, mas como um acontecimento natural que devia se produzir pela força das coisas.

Por um segundo seus olhares se cruzaram. Ela enrubesceu e virou o rosto.

Três horas... Bateu a primeira pancada, a segunda, a terceira... Horace Velmont tirou o relógio do bolso, ergueu os olhos para o pêndulo, guardou o relógio. Passaram-se alguns segundos e as pessoas se afastaram no gramado, dando passagem a dois veículos que acabavam de atravessar o portão do parque, ambos puxados por dois cavalos. Eram desses furgões que seguem os regimentos com víveres para os oficiais e os sacos dos soldados. Pararam ante a escada de pedra. Um sargento furriel saltou de um deles e perguntou pelo senhor Devanne.

Este ocorreu, descendo os degraus. Sob os toldos, viu, cuidadosamente embalados, seus móveis, quadros, objetos de arte.

Às perguntas que lhe fizeram, o furriel respondia exibindo a ordem que recebera do ajudante de serviço, e que lhe tinha sido dada no relatório da manhã. Por essa ordem, a segunda companhia do quarto batalhão devia providenciar para que os objetos colocados na encruzilhada dos Halleux, na floresta de Arques, fossem levados às três horas ao senhor Georges Devanne, proprietário do Castelo de Thibermesnil. Assinado: Coronel Beauvel.

– Na encruzilhada – informou o furriel –, tudo estava pronto, alinhado na grama e sob a guarda de gente do lugar paga só para isso. Achei esquisito, mas quê! A ordem era categórica.

Um dos oficiais examinou a assinatura. Falsa, embora perfeitamente imitada. A música parou, esvaziaram os furgões, reinstalaram os móveis.

Em meio a essa agitação, Nelly ficou sozinha na ponta da esplanada. Estava inquieta, com pensamentos confusos que não tentava formular. Notou que Velmont se acercava. Desejou evitá-lo, mas o ângulo da balaustrada a circundava pelos lados e uma linha de grandes caixas de arbustos por trás, não lhe deixando outra saída a não ser o caminho por onde avançava o rapaz. Não se moveu. Um raio de sol tremia em seus cabelos dourados, sacudido pelas folhas leves de um bambu. Alguém pronunciou baixinho:

– Mantive minha promessa desta noite. – Arsène Lupin estava junto a ela e, em volta deles, ninguém. Repetiu, hesitante, com voz tímida: – Mantive minha promessa desta noite.

Esperava uma palavra de agradecimento, um gesto ao menos que demonstrasse o interesse que ela tinha nesse ato. Ela calou.

Esse desprezo irritou Arsène Lupin, e tinha ao mesmo tempo o sentimento profundo de tudo o que o separava de Nelly, agora que ela vira a realidade. Quis se desculpar, encontrar explicações, mostrar sua vida no que tinha de audacioso e de grande. Mas as palavras o contrariavam antes de sair, e sentia o absurdo e a insolência de qualquer explicação. Murmurou tristemente, invadido por uma onda de lembranças:

– Como o passado está distante! Lembra-se das longas horas na ponte do *Provence*? Ah! Veja... tinha, como hoje, uma rosa na mão,

e pálida como esta... pedi que me desse e não pareceu ouvir. Mas depois que saiu encontrei a rosa... esquecida, sem dúvida... e a guardei. – Ela não respondeu ainda, parecia longe dali. Ele continuou: – Em memória dessas horas, não fique pensando no que sabe. Que o passado se ligue ao presente! Que eu não seja o que viu nesta noite, mas o de antes, e que seus olhos me fitem, ainda que apenas um segundo, como me fitavam... Peço-lhe... não sou mais o mesmo?

Ela ergueu os olhos, como ele pedira, e o fitou. A seguir, sem falar, pôs o dedo no anel que ele tinha no indicador. Só se via o aro, mas o engaste, virado para dentro, prendia um rubi maravilhoso.

Arsène Lupin enrubesceu. O anel pertencia a Georges Devanne. Sorriu com amargura.

– Tem razão. Quem foi sempre há de ser. Arsène Lupin não é e não pode ser outro senão Arsène Lupin, e entre você e ele não pode sequer haver uma lembrança... perdoe. Deveria ter compreendido que até a minha presença ao seu lado é um insulto.

Recuou para a balaustrada, de chapéu na mão. Nelly passou diante dele. Esteve tentado a retê-la, a implorar. Faltou-lhe a ousadia e seguiu-a com os olhos, como no longínquo dia em que atravessava a escada no cais de Nova Iorque. Ela subiu os degraus para a porta. Um instante ainda, sua delicada silhueta se desenhava entre os mármore da entrada, e não a viu mais.

Uma nuvem obscureceu o sol. Arsène Lupin observava, imóvel, o rastro dos pequenos passos impressos na areia. Súbito, agitou-se: no retângulo de arbustos em que Nelly se apoiara, jazia a rosa, a rosa pálida que não ousara lhe pedir... esquecida sem dúvida essa também. Mas deliberadamente ou por distração?

Pegou-a com tal ardor que algumas pétalas se destacaram. Recolheu--as uma a uma como relíquias...

– Vamos – disse a si mesmo –, nada mais tenho a fazer aqui. E logo que Herlock Sholmes se meta, isso pode piorar.

O parque estava deserto, mas no pavilhão, bem na entrada, havia um grupo de guardas. Meteu-se pelo bosque, escalou o muro da periferia e tomou, para chegar à estação mais próxima, uma senda que serpenteava pelos campos. Não tinha andado dez minutos e o caminho se apertou, encaixado entre duas encostas; ao chegar nesse desfiladeiro, vinha por ele alguém em sentido contrário.

Era um homem talvez de cinquenta anos, bastante forte, de rosto raspado, e cuja roupa mostrava ser estrangeiro. Trazia à mão uma pesada bengala e uma sacola lhe pendia do ombro.

Cruzaram-se. O estrangeiro disse, com sotaque inglês apenas perceptível:

– Desculpe, senhor... é esta a estrada do castelo?

– Vá reto e pegue à esquerda ao chegar junto ao muro. Esperam pelo senhor com impaciência.

– Ah!

– Sim, meu amigo Devanne nos anunciou a sua visita desde ontem à noite.

– Pior para ele se falou demais.

– E tenho o prazer de ser o primeiro a saudá-lo. Herlock Sholmes não tem admirador mais entusiasta.

Houve em sua voz um mínimo matiz de ironia que lamentou imediatamente, pois Herlock Sholmes o fitou dos pés à cabeça, num olhar ao mesmo tempo tão envolvente e tão agudo que Arsène Lupin teve a impressão de ser agarrado, preso, registrado por esse

olhar, mais exata e essencialmente do que nunca fora por qualquer aparelho fotográfico.

“A chapa está tirada”, pensou. “Com este homenzinho não paga a pena eu me disfarçar. Mas... será que me reconheceu?”

Despediram-se. Ecoou, no entanto, um ruído de cavalos que caracolavam com estalidos metálicos. Eram os guardas. Os dois homens tiveram de se apertar contra a encosta, na grama alta, para evitar serem atropelados. Passaram os guardas e, como iam a certa distância uns dos outros, demoraram. Lupin pensava: “Tudo depende desta questão: será que me reconheceu? Se sim, há boa margem para que abuse da situação; é angustiante”.

Quando o último cavaleiro passou por eles, Herlock Sholmes se endireitou e, sem falar, limpou a roupa empoeirada. À correia de sua sacola se pegara um galho de espinhos. Arsène Lupin livrou-a. Ainda um segundo se examinaram. E se alguém os surpreendesse nesse instante, ficaria comovido com o espetáculo do primeiro encontro desses dois homens tão poderosamente armados, ambos superiores e fatalmente destinados por suas aptidões especiais a se chocar como duas forças iguais que a ordem das coisas lançasse uma contra a outra através do espaço.

Disse o inglês:

– Obrigado, senhor.

– Às suas ordens – respondeu Lupin.

Afastaram-se. Lupin foi para a estação; Herlock Sholmes, para o castelo.

O juiz de instrução e o procurador tinham partido depois de buscas vãs e se esperava Herlock Sholmes com a curiosidade justificada por sua grande reputação. Houve alguma decepção com seu

aspecto burguês, a diferir tão profundamente da imagem que faziam dele. Nada tinha do herói de romance, da personagem enigmática e diabólica que desperta em nós a ideia de Herlock Sholmes. Devanne, porém, bradou, cheio de exuberância:

– Enfim, mestre, chega! Que felicidade! Há tanto o esperava... Estou quase contente com o que se passou por me valer o prazer de vê-lo. A propósito, de que modo veio?

– De trem.

– Que pena! Mas eu tinha lhe mandado um automóvel ao desembarque.

– Uma chegada oficial, não é? Com tambor e música. Ótimo meio de me facilitar a tarefa – resmungou o inglês.

O tom pouco atraente desconcertou Devanne, que se esforçou, porém, por brincar:

– Felizmente a tarefa é mais fácil do que lhe tinha escrito.

– E por quê?

– Porque o roubo teve lugar nesta noite.

– Se não tivesse anunciado a minha visita, senhor, é provável que o roubo não tivesse ocorrido nesta noite.

– E então quando?

– Amanhã, ou outro dia.

– E nesse caso?

– Lupin cairia no laço.

– E meus móveis?

– Não teriam sido levados.

– Mas estão aqui.

– Aqui?

– Foram trazidos às três horas.

- Por Lupin?
- Por dois furgões militares.

Herlock Sholmes enfiou o chapéu na cabeça e agarrou a sacola, mas Devanne bradou:

- Que está fazendo?
- Vou embora.
- Por quê?
- Seus móveis estão aí. Arsène Lupin, distante. Minha função terminou.

– Mas tenho necessidade absoluta do seu concurso, caro senhor. O que se passou ontem pode voltar a ocorrer amanhã, já que ignoramos o mais importante: como entrou Arsène Lupin, como saiu, e por quê, horas mais tarde, fez a restituição.

– Ah! Ignoram... – A ideia de um segredo a descobrir amenizou Herlock Sholmes. – Seja, procuremos. Mas depressa, não é? E, tanto quanto possível, sozinhos.

A frase se referia claramente aos assistentes. Devanne compreendeu e introduziu o inglês no salão. Num tom seco, em frases que pareciam contadas de antemão – e com que parcimônia! –, Sholmes lhe fez perguntas sobre a noitada da véspera, os convivas, os frequentadores do castelo. Logo examinou os dois volumes da *Crônica*, comparou os mapas do subterrâneo, fez que repetisse as citações achadas pelo Abade Gélis e perguntou:

- Foi ontem que pela primeira vez falou nessas duas citações?
- Ontem.
- Não tinha falado delas antes ao senhor Horace Velmont?
- Não.
- Bem. Providencie o automóvel. Regresso dentro de uma hora.

- Dentro de uma hora!
- Arsène Lupin não demorou mais para resolver o problema que o senhor lhe colocou.
- Eu... lhe coloquei?!...
- Claro, Arsène Lupin e Velmont são a mesma pessoa.
- Eu desconfiava... Ah! O malandro!
- Ora, ontem à noite, às dez horas, forneceu os elementos que lhe faltavam, e procurava há semanas. E ao correr da noite Lupin teve tempo de entender, reunir seu bando e roubá-lo. Tenho a pretensão de ser tão expedito quanto ele.

Andou de um lado a outro da peça, refletindo, depois sentou-se, cruzou as longas pernas e fechou os olhos.

Devanne esperava, embaraçado. “Dorme? Pensa?”

Não sabendo, saiu para dar ordens. Quando voltou, notou-o ao pé da escada da galeria, de joelhos, examinando o tapete.

- Que há aí?
- Olhe... aqui... estes pingos de vela...
- Oh, de fato... e frescos...
- Observará o mesmo no alto da escada, e mais ainda em volta deste mostruário que Arsène Lupin quebrou, e de que tirou os objetos para colocar nesta poltrona.
- E conclui disso...?
- Nada. Todos esses fatos explicariam sem nenhuma dúvida a restituição que fez. Mas é um lado da questão que não tenho tempo de abordar. O essencial é o trajeto do subterrâneo.
- Espera ainda...
- Não espero, sei. Existe, não é? Uma capela a duzentos ou trezentos metros do castelo?

- Uma capela em ruínas, em que está a tumba do Duque Rollon.
- Diga ao seu chofer que nos espere junto a essa capela.
- Ele ainda não voltou. Vão me avisar... Mas, pelo que vejo, acha que o subterrâneo vai dar na capela. Sobre que indício...

Herlock Sholmes o interrompeu:

- Peço que me consiga uma escada e uma lanterna.
- Ah! Precisa de uma lanterna e de uma escada?
- Provavelmente, já que estou lhe pedindo.

Devanne, um pouco sem jeito, puxou a campainha dos criados, e os dois objetos foram trazidos. As ordens passaram a se suceder com rigor e a precisão de um bom comandante militar.

- Ponha esta escada contra a estante, à esquerda da palavra Thibermesnil... – Devanne arrumou a escada e o inglês prosseguiu:
- Mais à esquerda... à direita... aí! Suba... bem... Todas as letras deste nome estão em relevo, não é?

– Sim.

- Vamos tratar da letra *h*. Vira, num sentido ou noutro?

Devanne pegou o *h* e exclamou:

- Mas, sim, ela se mexe! Para a direita, um quarto de círculo! Quem lhe tinha dito?...

Sem responder, Herlock Sholmes continuou:

- Pode, de onde está, alcançar a letra *r*? Sim... mexa nela várias vezes como faria com um ferrolho que se põe e tira.

Devanne remexeu na letra *r* e, para sua estupefação, houve uma sacudida interna.

- Perfeito – disse Herlock Sholmes. – Resta-nos apenas passar a sua escada para a outra ponta, ao fim da palavra Thibermesnil... Bem... E agora, se não me engano, se as coisas correrem como

devem, a letra / se abrirá tal como um postigo.

Com certa gravidade, Devanne pegou a letra / . Ela se abriu, mas ele rolou da escada, pois toda a parte da estante situada entre a primeira e a última letra da palavra girou sobre si mesma e descobriu o orifício do subterrâneo.

Herlock Sholmes pronunciou, fleumático:

– Não está ferido?

– Não, não – respondeu Devanne, levantando-se –, não ferido, mas assustado... estas letras que se mexem... este subterrâneo aberto...

– E então? Não está tudo exatamente de acordo com a citação de Sully?

– Em quê, senhor?

– Ora! O *h* gira, o *r* freme e o *l* se abre... e é o que permitiu a Henrique IV receber Mademoiselle de Tancarville a uma hora insólita.

– Mas Luís XVI? – perguntou Devanne, consternado.

– Luís XVI era um grande ferreiro e um serralheiro hábil. Li um *Tratado das fechaduras de combinação* que é tido como dele. Da parte de Thibermesnil, era conduzir-se como bom cortesão mostrar ao chefe esta obra-prima de mecânica. Para memorizar, o rei escreveu: 2-6-12, isto é, *h*, *r* e *l*, a segunda, a sexta e a décima segunda letra do nome.

– Ah! Perfeito, começo a compreender... Apenas... se entendo como se sai desta sala, não entendo como Lupin pôde entrar aqui. Pois, note bem, ele veio de fora.

Herlock Sholmes acendeu a lanterna e avançou uns passos no subterrâneo.

– Olhe, todo o mecanismo se vê daqui como as molas de um relógio, e todas as letras estão aí ao contrário. Lupin só precisou mexer nelas deste lado do tabique.

– Qual a prova?

– A prova? Veja esta mancha de óleo. Ele até previu que as molas precisariam ser engraxadas – acrescentou Sholmes, não sem admiração.

– Mas então ele conhecia a outra saída?

– Como eu conheço. Siga-me.

– Pelo subterrâneo?

– Tem medo?

– Não, mas está certo de saber o caminho?

– De olhos fechados.

Desceram primeiro doze degraus, logo outros doze, e ainda duas vezes outros doze. Percorreram um longo corredor, cujas paredes de tijolos traziam a marca de sucessivas restaurações e que ressumavam em alguns lugares. O chão era úmido.

– Passamos sob o lago – observou Devanne, nada seguro.

O corredor levava a uma escada de doze degraus, seguida de três outras da mesma altura, que subiram penosamente para sair numa pequena cavidade talhada na própria rocha. O caminho não ia mais longe.

– Diabo – murmurou Herlock Sholmes –, muros nus, isso está ficando embaraçoso.

– Quem sabe voltamos? – murmurou Devanne. – Quanto a mim, não tenho nenhuma necessidade de saber mais. Estou satisfeito.

Mas, tendo levantado a cabeça, o inglês soltou um suspiro de alívio: acima se repetia o mesmo mecanismo da entrada. Bastou

manobrar as três letras, e um bloco de granito se moveu. Do outro lado, a lápide do Duque Rollon, gravada com doze letras em relevo: *Thibermesnil*. Achavam-se na capelinha em ruínas que o inglês tinha indicado.

– E se vai até Deus, isto é, até a capela – disse, referindo-se ao fim da citação.

– Será possível! – exclamou Devanne, confundido pela clarividência e a vivacidade de Herlock Sholmes. – Será possível que essa simples indicação tenha lhe bastado?

– Ora! – retrucou o inglês. – Ela era até dispensável. No exemplar da Biblioteca Nacional, o traçado termina à esquerda, como sabe, por um círculo, e à direita, você o ignora, por uma cruzinha, mas tão apagada que só se pode ver com lente. Essa cruz significa evidentemente a capela em que estamos.

O pobre Devanne não acreditava nos próprios ouvidos.

– É inaudito, milagroso, e, no entanto, de uma simplicidade infantil. Como ninguém nunca descobriu essa solução?

– Porque ninguém nunca reuniu os três ou quatro elementos necessários, isto é, os dois livros e as citações... Ninguém, fora Arsène Lupin e eu.

– Mas eu também – objetou Devanne –, e o Abade Gélis... sabíamos os dois tanto quanto vocês, contudo...

Sholmes sorriu.

– Senhor Devanne, nem todo o mundo está apto a decifrar enigmas.

– Mas há dez anos que procuro, e o senhor, em dez minutos...

– Ora, o hábito... – Saíram da capela e o inglês exclamou: – Olhe, um automóvel esperando!

- Mas é o meu!
- O seu? Pensei que o chofer não tinha voltado.
- De fato... e me pergunto... – Foram até o carro e Devanne interpelou o chofer: – Édouard, quem lhe deu ordem de vir aqui?
- Mas – respondeu o homem – foi o senhor Vermont.
- Senhor Vermont? Então viu-o novamente?
- Na estação; disse para eu vir à capela.
- À capela! Mas para quê?
- Para esperar aqui pelo senhor... e o seu amigo...

Devanne e Herlock Sholmes se olharam. Devanne disse:

- Ele compreendeu que o enigma seria brincadeira para você. A homenagem é delicada.

Um sorriso de contentamento enrugou os lábios finos do detetive. A homenagem lhe agradava. Disse, sacudindo a cabeça:

- É um homem. Bastou vê-lo, aliás, e o tinha julgado.
- Então viu-o?
- Há pouco cruzamos um com o outro.
- E sabia que era Horace Vermont, quero dizer, Arsène Lupin?
- Não, mas não tardei em adivinhar... por certa ironia de sua parte.
- E deixou-o escapar?
- Palavra, deixei... E estava na melhor situação... cinco guardas passavam.
- Mas, meu Deus, era oportunidade única a aproveitar...
- Justamente, senhor – disse o inglês com nobreza –, quando se trata de um adversário como Arsène Lupin, Herlock Sholmes não aproveita as oportunidades... ele as cria.

Mas a hora instava e, já que Arsène Lupin tinha tido a encantadora atenção de enviar o automóvel, cumpria não a desperdiçar.

Devanne e Herlock Sholmes subiram ao confortável carro, Édouard deu uma volta na manivela e partiram. Campos, ramalhetes de árvores desfilaram. As doces ondulações da região de Caux discorriam adiante. De repente, os olhos de Devanne foram atraídos por um pacotinho a um canto.

– Olhe, que será? Um pacote. E para quem? É para o senhor!

– Para mim?

– Leia: “Senhor Herlock Sholmes, da parte de Arsène Lupin”.

O inglês pegou o pacote, desatou, tirou as duas folhas de papel que o envolviam. Era um relógio.

– Ah! – exclamou com um gesto de cólera.

– Um relógio... – falou Devanne. – Será por acaso...?

O inglês não respondeu.

– Como! É o seu relógio! Arsène Lupin lhe devolve o seu relógio! Mas, se devolve, é porque certamente tinha pegado... Tinha pegado o seu relógio! Esta é boa, o relógio de Herlock Sholmes escamoteado por Arsène Lupin! Deus, como é divertido! Não, verdade... desculpe... mas é mais forte que eu! – E, quando riu o suficiente, afirmou em tom convicto: – Oh, é um homem, com efeito.

O inglês não se mexeu. Até Dieppe não pronunciou uma palavra, os olhos fitos no horizonte fugidio. Seu silêncio era terrível, insondável, mais violento que a raiva. Já na plataforma para apanhar o trem, disse simplesmente, sem cólera desta vez, mas num tom em que se sentia a vontade e toda a energia da figura.

– Sim, é um homem, e um homem sobre cujo ombro me agradaria pôr esta mão que lhe estendo, senhor Devanne. E tenho ideia, veja, de que Arsène Lupin e Herlock Sholmes se encontrarão de novo um dia ou outro... Sim, o mundo é pequeno demais para que não se

encontrem... e nesse dia...

MAURICE LEBLANC

ARSENÉ LUPIN

CONTRA
HERLOCK
SHOLMES



Principis

MAURICE LEBLANC



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto

Maurice Leblanc

Tradução

Luciene Ribeiro dos Santos

Preparação

Fernanda R. Braga Simon

Revisão

Agnaldo Alves

Diagramação

Fernando Laino | Linea Editora

Produção editorial e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ebook

Jarbas C. Cerino

Imagens

ducu59us/Shutterstock.com;

Dervish45/Shutterstock.com;

Jeff Bird/Shutterstock.com

Capa

Francisco Moreira Júnior

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin contra Herlock Sholmes [recurso eletrônico] /
Maurice Leblanc; traduzido por Luciene Ribeiro dos Santos. -
Jandira, SP: Principis, 2021.

224 p.; ePUB; 1,9 MB. - (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: Arsène Lupin contre Herlock Sholmes

Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-296-9 (Ebook)

1. Literatura francesa. 2. Romance. 3. Ficção. I. Santos,
Luciene Ribeiro dos. II. Título. III. Série.

2021-127

CDD 843

CDU 821.133.1-3

Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa 843

2. Literatura francesa 821.133.1-3

1ª edição em 2020

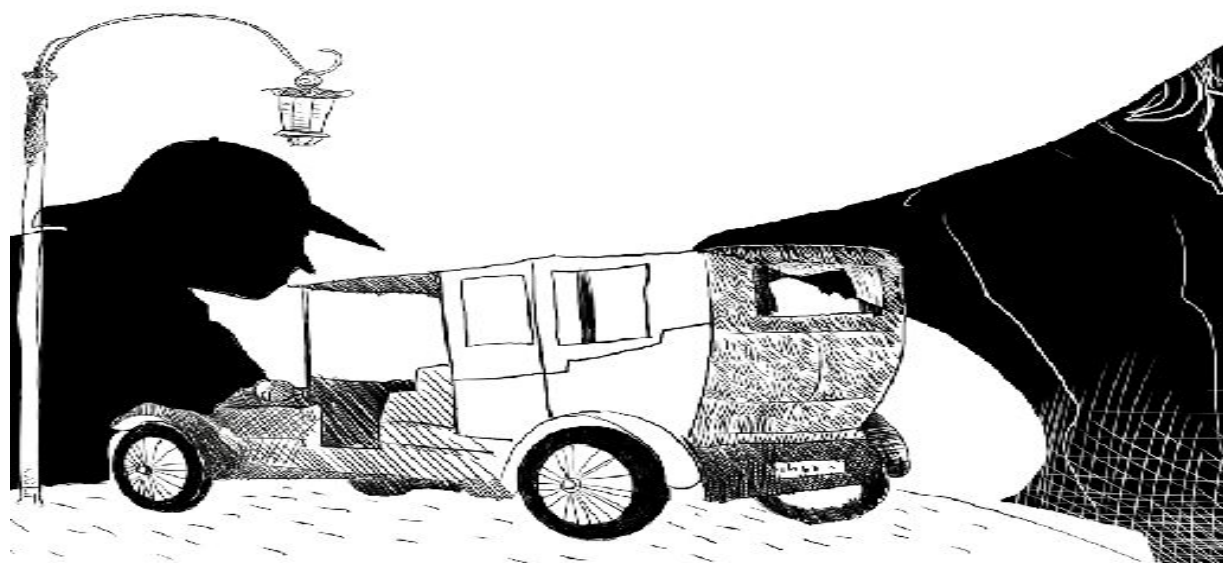
www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

PRIMEIRO EPISÓDIO

A MULHER LOURA





1

Número 514, série 23

No dia 8 de dezembro do ano passado, o senhor Gerbois, professor de matemática no liceu de Versalhes, descobriu, em meio à bagunça de uma loja de antiguidades, uma pequena escrivaninha de mogno que lhe agradou pela abundância de gavetas.

“Justamente do que eu preciso para o aniversário de Suzanne”, pensou.

E como, na medida de seus modestos recursos, fazia de tudo para alegrar a filha, discutiu o preço e pagou a soma de sessenta e cinco francos.

No momento em que fornecia seu endereço para a entrega, um rapaz de maneiras elegantes, após bisbilhotar aqui e ali, percebeu o móvel e perguntou:

- Quanto?
- Está vendido – respondeu o comerciante.
- Ah!... Ao cavalheiro, talvez?

O senhor Gerbois fez uma saudação e, mais feliz ainda por possuir o móvel cobiçado por um semelhante, retirou-se.

Mas não dera dez passos na rua quando foi alcançado pelo rapaz,

que, de chapéu na mão e num tom de perfeita cortesia, interpelou-o:

– Peço-lhe mil desculpas, cavalheiro... Tenho uma pergunta indiscreta a lhe fazer... O senhor estava procurando especialmente essa escrivaninha?

– Não. Estava atrás de uma balança em oferta para algumas experiências de física.

– Quer dizer que não faz muita questão dela?

– Gostei dela, só isso.

– Porque é antiga, talvez?

– Porque é prática.

– Nesse caso, consentiria em trocar por uma escrivaninha igualmente prática, porém em melhor estado?

– Esta acha-se em bom estado e a troca me parece inútil.

– No entanto...

O senhor Gerbois é um homem que se irrita com facilidade, exibindo um temperamento suscetível. Respondeu secamente:

– Por favor, cavalheiro, não insista.

O desconhecido plantou-se à sua frente.

– Ignoro o preço que pagou, senhor... Ofereço-lhe o dobro.

– Não.

– O triplo?

– Oh! Paremos por aqui – exclamou o professor, impaciente. – O que me pertence não está à venda.

O rapaz fitou-o detidamente, com uma cara que o senhor Gerbois não iria esquecer; depois, sem uma palavra, girou nos calcanhares e se afastou.

Uma hora depois, entregavam o móvel na casinha que o professor ocupava na estrada de Viroflay. Ele chamou a filha.

– É para você, Suzanne, claro, se for do seu gosto.

Suzanne era uma moça bonita, expansiva e feliz. Atirou-se no pescoço do pai e o abraçou com a mesma alegria que o teria feito se ele a tivesse presenteado com algo suntuoso.

Naquela mesma noite, após instalá-la no seu quarto com a ajuda de Hortense, a empregada, limpou as gavetas e arrumou cuidadosamente seus papéis, suas caixas de envelopes, sua correspondência, suas coleções de cartões-postais e algumas lembranças furtivas que ela conservava afetuosamente de seu primo Philippe.

No dia seguinte, às sete e meia, o senhor Gerbois dirigiu-se ao liceu. Às dez horas, Suzanne, obedecendo a um hábito cotidiano, esperava-o na saída, e para ele era um grande prazer avistar, na calçada defronte do portão, sua figura graciosa e seu sorriso de criança.

Voltaram juntos.

– E sua escrivaninha?

– Simplesmente maravilhosa! Hortense e eu polimos os detalhes em cobre. Ficou parecendo ouro.

– Então está contente?

– Se estou contente?! Nem sei como pude viver sem ela até aqui. Atravessaram o jardim que precedia a casa. O senhor Gerbois sugeriu:

– Vamos dar uma olhada nela antes do almoço?

– Oh, sim! Boa ideia.

Ela subiu primeiro, mas, ao chegar à porta do quarto, deu um grito de estupefação.

– O que houve afinal? – balbuciou o senhor Gerbois.

Em seguida, entrou no quarto. A escrivaninha não estava mais lá.

O que espantou o juiz de instrução foi a admirável simplicidade

dos meios aplicados. Na ausência de Suzanne, e enquanto a empregada fazia suas compras, um transportador, devidamente identificado – vizinhos viram sua placa –, parara sua carroça em frente ao jardim e tocara duas vezes. Os vizinhos, ignorando a ausência da empregada, não alimentaram nenhuma suspeita, de modo que o indivíduo executou o serviço na mais absoluta tranquilidade.

Com o seguinte detalhe: nenhum armário fora arrombado, nenhum relógio de parede, deslocado. Como se não bastasse, o porta-moedas de Suzanne, que ela deixara sobre o tampo de mármore da escrivaninha, estava na mesa ao lado com as moedas de ouro que continha. A motivação do roubo, portanto, estava claramente determinada, o que o tornava ainda mais inexplicável, pois, afinal, por que correr tantos riscos por butim tão irrisório?

A única pista que o professor pôde fornecer foi o incidente da véspera.

– Na mesma hora o rapaz manifestou, ante minha recusa, uma profunda contrariedade, e tive a impressão muito nítida de que se despedia com uma ameaça.

Era muito vago. Interrogaram o antiquário. Ele não reconheceu nenhum dos dois cavalheiros. Quanto ao objeto, comprara-o por quarenta francos na Chevreuse, após um leilão decorrente de um falecimento, e julgava tê-lo revendido por seu justo valor. A investigação que se seguiu não acrescentou nada de novo.

Mas o senhor Gerbois continuou persuadido de que sofrera um prejuízo enorme. Uma fortuna devia estar dissimulada no fundo falso de uma das gavetas, sendo esta a razão pela qual o rapaz, conhecedor do esconderijo, agira com tal determinação.

– O que teríamos feito com essa fortuna, paizinho? – ecoou

Suzanne.

– O quê?! Ora, com um dote desses, você poderia aspirar aos melhores partidos.

Suzanne, que limitava suas pretensões ao primo Philippe, um partido medíocre, suspirava amargamente. E a vida continuou na casinha de Versalhes, menos alegre, menos despreocupada, nublada por arrependimentos e decepções.

Transcorreram dois meses. E, subitamente, um atrás do outro, os acontecimentos mais graves, uma série inesperada de coincidências e catástrofes!...

No dia 1º de fevereiro, às cinco e meia, o senhor Gerbois, que acabava de chegar com um jornal vespertino nas mãos, sentou-se, colocou seus óculos e começou a ler. Não se interessando por política, virou a página. Imediatamente uma manchete chamou sua atenção:

Terceiro sorteio da loteria das Associações da Imprensa.

O número 514, série 23, ganha um milhão...

O jornal escorregou-lhe das mãos. As paredes vacilaram diante de seus olhos, e seu coração parou de bater. O número 514, série 23, era o seu número!

Comprara-o por acaso, para fazer um favor a um amigo, pois não acreditava nem um pouco nos favores do destino, e eis que ganhava!

Imediatamente, pegou sua caderneta. Ali estava, na primeira folha, o número 514, série 23, para que ele não esquecesse. Mas e o bilhete?

Correu em direção ao seu gabinete de trabalho para procurar na caixa de envelopes, entre os quais esgueirara o precioso bilhete, e, mal entrou, estacou, vacilando novamente, com um aperto no

coração: a caixa de envelopes não estava ali e, coisa aterradora, ele subitamente se dava conta de que não estava ali havia um bom tempo! Fazia semanas que a deixara de ver à sua frente nas horas em que corrigia os deveres de seus alunos!

Um barulho no cascalho do jardim... Ele chamou:

– Suzanne! Suzanne!

A filha veio correndo. Subiu precipitadamente. O pai balbuciou, com a voz engasgada:

– Suzanne... a caixa... a caixa de envelopes?...

– Qual?

– A do Louvre... que eu tinha trazido uma quinta-feira... e que ficava na ponta desta mesa.

– Ora, não se lembra, pai? Estávamos juntos quando a guardamos...

– Quando...

– Aquela noite... você sabe... Na véspera do dia...

– Mas onde?... Responda... Está me matando...

– Onde?... Na escrivaninha.

– Na escrivaninha que foi roubada?

– Sim.

– Na escrivaninha que foi roubada!

Repetiu essas palavras baixinho, com uma espécie de pavor. Em seguida agarrou a mão da filha e, num tom ainda mais baixo:

– Ela continha um milhão, Suzanne...

– Ah, pai, por que não me contou? – ela murmurou ingenuamente.

– Um milhão! – ele repetiu. – Era o número vencedor da loteria da Imprensa.

A dimensão do desastre os aniquilava, e por muito tempo conservaram um silêncio que não tinham coragem de romper.

Por fim, Suzanne articulou:

- Mas, pai, eles vão lhe pagar de qualquer maneira.
- A troco do quê? Com que provas?
- Então é preciso provas?
- Que pergunta!
- E você não tem?
- Sim, tenho uma.
- E não basta?
- Ela estava na caixa.
- Na caixa que desapareceu?
- Sim. E outro porá as mãos no dinheiro.
- Mas isso é abominável! Ora, papai, você não pode se opor?
- Sabe-se lá! Sabe-se lá! Esse homem deve ser muito forte!

Dispõe de muitos recursos! Lembre-se... o caso desse móvel...

O senhor Gerbois levantou-se num sobressalto, batendo com o pé no chão:

– Pois bem, não, não, ele não receberá esse milhão, não receberá! Por que o receberia? Afinal, por mais hábil que seja, tampouco pode fazer nada. Caso se apresente para receber, será engaiolado! Ah, veremos, meu rapaz!

– Tem então uma ideia, pai?

– Defender nossos direitos até o fim, aconteça o que acontecer! E triunfaremos!... O milhão me pertence: eu o terei!

Alguns minutos mais tarde, mandou o seguinte telegrama:

Caixa Econômica Federal, rua Capucines, Paris.

Sou detentor do número 514, série 23. Rejeite por todas as vias legais qualquer reivindicação alheia. Gerbois

Quase ao mesmo tempo, chegava à Caixa Econômica este outro telegrama:

O número 514, série 23, está em minhas mãos.

Arsène Lupin

Sempre que começo a contar alguma das inumeráveis aventuras de que se compõe a vida de Arsène Lupin, fico muito confuso, pois me parece que até a mais desimportante dessas aventuras já é do conhecimento de todos os que me lerão. De fato, não há um gesto do nosso “ladão nacional”, como o apelidaram tão graciosamente, que não tenha sido assinalado da maneira mais bombástica, nenhuma façanha que não tenha sido estudada sob todos os seus ângulos, nenhum ato que não tenha sido comentado com essa abundância de detalhes que costumamos reservar ao relato das ações heroicas.

Quem não conhece, por exemplo, a estranha história da *Mulher Loura*, com aqueles episódios curiosos que geravam manchetes bombásticas: *O número 514, série 23... O crime da avenida Henri-Martin!... O diamante azul!...* Que alvoroço causou a intervenção do famoso detetive inglês Herlock Sholmes! Que efervescência após cada uma das peripécias que marcaram a luta desses dois grandes artistas! E que agitação nas ruas, o dia em que os jornaleiros vociferavam: “*A prisão de Arsène Lupin!*”.

Minha desculpa é que trago uma novidade: trago a chave do enigma. Subsiste sempre um pouco de sombra em torno dessas aventuras: eu a dissipo. Reproduzo artigos lidos e relidos, copio antigas entrevistas: mas tudo isso eu coordeno, classifico, submeto à exatidão da verdade. Meu colaborador é Arsène Lupin, cuja indulgência a meu respeito é inesgotável. E é também, no caso, o inefável Wilson, amigo e confidente de Sholmes.

Todos se lembram da formidável gargalhada que acolheu a publicação dos dois telegramas. O próprio nome de Arsène Lupin já

era uma garantia de imprevisibilidade, uma promessa de divertimento para a plateia. E a plateia era o mundo inteiro.

Das buscas imediatamente operadas pela Caixa Econômica, resultou que o número 514, série 23, fora vendido por intermédio do Crédit Lyonnais, sucursal de Versalhes, ao comandante de artilharia Bessy. Ora, o comandante morrera em consequência de uma queda de cavalo. Soube--se, por colegas com quem ele se abrira, que, pouco antes da sua morte, ele cedera seu bilhete a um amigo.

– Esse amigo sou eu – afirmou o senhor Gerbois.

– Prove – objetou o diretor da Caixa Econômica.

– Quer que eu prove? É fácil. Vinte pessoas lhe dirão que eu mantinha relações assíduas com o comandante e que nos encontrávamos no café da Place des Armes. Foi ali que, um dia, para confortá-lo num momento difícil, comprei seu bilhete pela soma de vinte francos.

– Tem testemunhas desse negócio?

– Não.

– Nesse caso, em que baseia sua reivindicação?

– Na carta que ele me escreveu a respeito.

– Que carta?

– Uma carta que tinha o bilhete grampeado.

– Mostre-a.

– Mas ela estava na escrivaninha roubada!

– Encontre-a.

Arsène Lupin, por sua vez, divulgou-a. Inserida pelo *Écho de France* – o qual tem a honra de ser seu órgão oficial, e do qual ele é, parece, um dos principais acionistas –, uma nota comunicou que ele entregava nas mãos do doutor Detinan, seu advogado, a carta que o comandante Bessy lhe escrevera, a ele pessoalmente.

Foi uma explosão de alegria: Arsène Lupin contratava um advogado! Arsène Lupin, em respeito às leis estabelecidas, designava um membro do foro para representá-lo!

Toda a imprensa correu à casa do doutor Detinan, deputado radical influente, homem ao mesmo tempo de alta probidade e inteligência aguda, um pouco cético, frequentemente paradoxal.

O doutor Detinan nunca tivera o prazer de encontrar Arsène Lupin – o que lamentava profundamente –, mas, com efeito, acabava de receber instruções suas, e, muito lisonjeado com a escolha, cuja imensa honra sentia, era sua intenção defender vigorosamente o direito de seu cliente. Abriu então o dossiê recém-constituído e, sem rodeios, exibiu a carta do comandante. Ela provava claramente a cessão do bilhete, mas não mencionava o nome do adquirente. Meu caro amigo... dizia simplesmente.

“Meu caro amigo” sou eu, acrescentava Arsène Lupin, num bilhete anexado à carta do comandante. E a melhor prova é que tenho a carta comigo.

A nuvem de repórteres aportou imediatamente na casa do senhor Gerbois, que só fazia repetir:

– “Meu caro amigo” não é outro senão eu. Arsène Lupin roubou a carta do comandante com o bilhete de loteria.

– Que ele prove! – replicou Lupin aos jornalistas.

– Mas se foi ele que roubou a escrivania! – exclamou o senhor Gerbois perante os mesmos jornalistas.

E Lupin retrucou:

– Que ele prove!

E foi um espetáculo encantadoramente delirante esse duelo público entre os dois detentores do número 514, série 23, as idas e vindas dos repórteres, o sangue-frio de Arsène Lupin diante da

agonia do pobre senhor Gerbois.

O noticiário estava repleto das lamentações do infeliz! Ele expunha suas tribulações com uma ingenuidade tocante.

– Compreendam, senhores, é o dote de Suzanne que o patife está me roubando! De minha parte, pessoalmente, estou me lixando, mas e Suzanne? Pensem um pouco, um milhão! Dez vezes cem mil francos! Ah, eu bem sabia que a escrivainha continha um tesouro!

Em vão lhe objetaram que, ao levar o móvel, seu adversário ignorava a presença de um bilhete de loteria e que, de toda forma, ninguém podia prever que aquele bilhete tiraria a sorte grande. O senhor Gerbois gemia:

– Ora vamos, ele sabia!... Caso contrário, por que se daria ao trabalho de roubar aquele traste?

– Por razões desconhecidas, mas certamente não para se apoderar de um pedaço de papel que valia então a modesta soma de vinte francos.

– A soma de um milhão! Ele sabia disso... Ele sabe tudo!... Ah, vocês não conhecem o bandido!... Ele não lhes surruiu um milhão!

O diálogo poderia ter-se estendido. Contudo, no décimo segundo dia, o senhor Gerbois recebeu de Arsène Lupin uma missiva que trazia a inscrição “confidencial”. Leu-a com crescente inquietude:

Senhor, a opinião pública se diverte à nossa custa. Não julga chegado o momento de falarmos sério? De minha parte, estou firmemente decidido a isso.

A situação é clara: possuo um bilhete que não dá, a mim, o direito de receber, enquanto o senhor tem o direito de receber, mas não possui o bilhete. Logo, nada podemos um sem o outro.

Ora, nem o senhor consentiria em me ceder SEU direito, nem

eu em lhe ceder MEU bilhete. O que fazer?

Só vejo um meio, dividir. Meio milhão para o senhor, meio milhão para mim. Não é equânime? E essa sentença de Salomão não satisfaz à sede de justiça que ambos sentimos?

Solução justa, mas solução imediata. Não é uma oferta a ser discutida, mas uma necessidade à qual as circunstâncias o obrigam a curvar-se. Dou-lhe três dias para refletir. Na manhã de sexta-feira, gostaria de ler, nos classificados do Écho de France, uma discreta mensagem dirigida ao senhor Ars. Lup. e contendo, em termos velados, sua adesão pura e simples ao pacto que lhe proponho. Mediante o que o senhor entrará na posse imediata do bilhete e receberá o milhão – disposto a me entregar quinhentos mil francos pela via que lhe indicarei posteriormente.

Em caso de recusa, tomarei minhas providências para que o resultado seja idêntico. Mas, além dos aborrecimentos muito graves que lhe causaria tal obstinação, o senhor ainda acabaria descontado em vinte e cinco mil francos, a título de despesas suplementares.

Queira aceitar, senhor, a expressão dos meus sentimentos mais respeitosos.

Arsène Lupin

Exasperado, o senhor Gerbois cometeu o erro crasso de mostrar essa carta e permitir que a copiassem. Sua indignação o impelia a todas as tolices.

– Nada! Ele não terá nada! – exclamou, perante o enxame de repórteres. – Dividir o que me pertence? Jamais. Que rasgue o bilhete, se preferir!

“No entanto, quinhentos mil francos é melhor do que nada.

“Não se trata disso, mas do meu direito, e esse direito eu o farei

prevalecer nos tribunais.

“Processar Arsène Lupin? Seria engraçado.

“Não, mas a Caixa Econômica. Ela tem obrigação de me entregar o milhão.

“Contra a apresentação do bilhete, ou pelo menos contra a prova de que o comprou.

“A prova existe, uma vez que Arsène Lupin confessa que roubou a escrivania.

“A palavra de Arsène Lupin bastará nos tribunais?

“Não importa, vou processá-lo.”

A opinião pública vibrava. Apostas foram feitas, uns sustentando que Lupin destruiria o senhor Gerbois, outros que este seria destruído por suas próprias ameaças. E reinava uma espécie de aflição, de tal forma eram desiguais as forças entre os adversários, um tão audacioso em seu ataque, o outro, assustado como um animal ferido.

Na sexta-feira, o *Écho de France* teve sua tiragem esgotada e sua quinta página, seção dos classificados, avidamente esquadrinhada. Nenhuma linha era dirigida ao senhor Ars. Lup. Às injunções de Arsène Lupin, o senhor Gerbois respondia com o silêncio. A guerra estava declarada.

À noite, todos souberam pelos jornais do rapto da senhorita Gerbois.

O que nos regozija nos espetáculos de Arsène Lupin é o papel eminentemente cômico da polícia. Tudo se passa à sua margem. Ele fala, escreve, previne, ordena, ameaça, executa, como se não existissem nem chefe da Sûreté nem agentes ou comissários – ninguém, enfim, que o pudesse deter em seus desígnios. Tudo isso é considerado como nulo e inexistente. O obstáculo não conta.

O que não quer dizer que a polícia não se empenhe! Em se tratando de Arsène Lupin, de alto a baixo das hierarquias, todo mundo pega fogo, ferve, espuma de raiva. É o inimigo, e o inimigo ri da sua cara, provoca-o, menospreza-o ou, o que é pior, ignora-o.

O que fazer contra semelhante inimigo? Às nove e quarenta, segundo o depoimento da empregada, Suzanne deixava a casa. Às dez e cinco, ao sair do liceu, seu pai não a avistou na calçada onde ela costumava esperá-lo. Logo, tudo acontecera durante a curta caminhada de vinte minutos que conduzia Suzanne de sua casa até o liceu, ou pelo menos até as cercanias do liceu.

Dois vizinhos afirmaram ter cruzado com ela a trezentos passos de casa. Uma senhora vira caminhar ao longo da avenida uma moça cuja descrição correspondia à dela. E depois? Depois não se sabia.

Procuraram de todos os lados, interrogaram os funcionários das estações ferroviárias e do pedágio. Ninguém reparara em nada naquele dia que pudesse estar ligado ao rapto de uma moça. No entanto, em Ville-d'Avray, um merceeiro declarou ter vendido óleo para um automóvel fechado que chegava de Paris. No assento da frente estava um motorista, no banco de trás uma mulher loura – louríssima, enfatizou a testemunha. Uma hora mais tarde, o automóvel voltava de Versalhes. Um problema no carro obrigou-o a desacelerar, o que permitiu ao merceeiro constatar, ao lado da mulher loura já vista, a presença de outra mulher, esta envolta em xales e véus. Não havia dúvida de que fosse Suzanne Gerbois.

Mas então tudo levava a crer que o rapto acontecera à luz do dia, numa rua movimentada, em pleno centro da cidade!

Como? Onde, precisamente? Nenhum grito foi ouvido, nenhum movimento suspeito foi observado.

O merceeiro forneceu a descrição do automóvel, uma limusine

vinte e quatro cavalos da marca Peugeot, com a carroceria azul-escura. Por via das dúvidas, informaram-se com a diretora da Garagem Central, a senhora Bob-Walthour, preciosa informante no que se refere a raptos por automóvel. Na manhã da sexta-feira, com efeito, ela alugara, por um dia, uma limusine Peugeot a uma moça loura, que, aliás, não voltara a ver.

– Mas e o motorista?

– Era um tal de Ernest, contratado na véspera, com base em excelentes referências.

– Ele está aqui?

– Não, levou o carro e não voltou.

– Não podemos encontrar seu rastro?

– Certamente, com as pessoas que o recomendaram. Aqui estão seus nomes.

Foram à casa dessas pessoas. Nenhuma delas conhecia o tal Ernest.

Quer dizer, todas as pistas seguidas para sair das trevas levavam a outras trevas e outros enigmas.

O senhor Gerbois não tinha forças para sustentar uma batalha que começava de maneira tão desastrosa para ele. Inconsolável desde o desaparecimento da filha, martirizado pelos remorsos, capitulou.

Um anúncio classificado publicado no *Écho de France*, e que todo mundo comentou, admitiu francamente sua rendição, sem rodeios.

Era a vitória, a guerra terminada em quatro vezes vinte e quatro horas. Dois dias depois, o senhor Gerbois atravessava o pátio da Caixa Econômica.

Introduzido junto ao diretor, estendeu o número 514, série 23. O diretor teve um sobressalto.

– Ah, está com ele? Devolveram-lhe?

- Estava extraviado, aqui está ele – respondeu o senhor Gerbois.
- Mas o senhor pretendia... aventou-se...
- Tudo não passa de mexericos e mentiras.
- Mas de toda forma precisaríamos de documentos comprobatórios.
- A carta do comandante é suficiente?
- Naturalmente.
- Aqui está ela.
- Perfeito. Queira deixar essas provas conosco. Temos quinze dias para verificação. Avisarei tão logo possa se apresentar ao nosso caixa. Até lá, cavalheiro, creio que tem todo interesse em não se pronunciar e encerrar este caso no silêncio mais absoluto.
- É a minha intenção.

O senhor Gerbois não falou mais nada, tampouco o diretor. Mas há segredos que vêm à luz sem que se cometa qualquer indiscrição, e logo transpirou que Arsène Lupin tivera a audácia de enviar ao senhor Gerbois o número 514, série 23! A notícia foi recebida com uma admiração estupefata. Decididamente, era um belo jogador aquele que lançava na mesa um trunfo de tal importância, o valioso bilhete! Decerto só se desfazia dele pensadamente e em troca de uma carta que restabelecia o equilíbrio. Mas e se a moça escapasse? E se conseguissem resgatar a refém que ele mantinha cativa?

A polícia percebeu o ponto fraco do inimigo e redobrou os esforços. Arsène Lupin desarmado, depenado por si próprio, preso na engrenagem de suas manobras, sem receber um miserável tostão do milhão cobiçado... imediatamente os trocistas viravam casaca.

Mas era preciso encontrar Suzanne. E esta não era encontrada,

tampouco escapava!

Vá lá, diziam, é ponto pacífico, Arsène vence o primeiro set. Contudo, o mais difícil resta por fazer! A senhorita Gerbois está em suas mãos, assentimos, e ele só a libertará por quinhentos mil francos. Mas onde e como se dará a troca? Para que se faça a troca, é necessário um encontro, e então o que impede o senhor Gerbois de avisar a polícia e, assim, recuperar a filha, conservando ao mesmo tempo o dinheiro?

Entrevistaram o professor. Muito abatido, inflexível em seu silêncio, permaneceu impenetrável.

- Sem comentários, estou na expectativa.
- E a senhorita Gerbois?
- As buscas continuam.
- Mas Arsène Lupin lhe escreveu?
- Não.
- Confirma isso?
- Não.
- Então escreveu. Que instruções ele deu?
- Sem comentários.

Cercaram o doutor Detinan. Mesma descrição.

– O senhor Lupin é meu cliente – ele respondia, afetando gravidade –, os senhores compreendem que eu me veja compelido à reserva mais absoluta.

Todos esses mistérios irritavam a opinião pública. Evidentemente, planos eram tramados na sombra. Arsène Lupin dispunha e cerrava as malhas de sua rede, enquanto a polícia estabelecia uma vigilância de dia e noite em torno do senhor Gerbois. E contemplavam-se os três únicos desfechos possíveis: a prisão, o triunfo ou a derrota ridícula e humilhante.

Aconteceu, porém, que a curiosidade do público só veio a ser saciada de modo parcial, e é aqui nestas páginas que, pela primeira vez, a verdade nua e crua se acha revelada.

Na terça feira, 12 de março, o senhor Gerbois recebeu, num envelope de aspecto comum, um aviso da Caixa Econômica.

Quinta-feira, à uma hora, pegava o trem para Paris. Às duas, as duas mil cédulas de mil francos eram-lhe entregues.

Enquanto contava-as uma a uma, trêmulo – não era aquele dinheiro o resgate de Suzanne? –, dois homens conversavam num carro parado a certa distância do grande portão. Um desses homens tinha cabelo grisalho e um rosto enérgico, que contrastava com suas roupas e sua aparência de humilde funcionário. Era o inspetor-chefe, Ganimard, o velho Ganimard, inimigo implacável de Lupin. E ele dizia ao brigadeiro Folenfant:

– Não vai demorar... antes de cinco minutos vamos rever o nosso homem. Tudo pronto?

– Completamente.

– Quantos somos?

– Oito, dois de bicicleta.

– E eu, que conto por três. É suficiente, mas não demais. Gerbois não pode nos escapar em hipótese alguma... senão, adeus: ele encontra Lupin no local combinado, troca a senhorita pelo meio milhão, e nós perdemos o bonde.

– Mas por que então o homem não se junta a nós? Seria tão simples!

– Colocando-nos no seu jogo, ele conservaria o milhão inteiro.

– Sim, mas ele tem medo. Se tentar enganar o outro, não terá sua filha.

– Que outro?

– Ele.

Ganimard pronunciou essa palavra num tom grave, um tanto temeroso, como se falasse de uma criatura sobrenatural, cujas garras já tivesse experimentado.

– É de fato esquisito – observou sensatamente o brigadeiro Folenfant – sermos relegados a proteger esse senhor contra ele mesmo.

– Com Lupin, o mundo vira de cabeça para baixo – suspirou Ganimard. Um minuto depois, ele disse: – Atenção.

O senhor Gerbois saía. No fim da rua des Capucines, enveredou pelos bulevares, do lado esquerdo. Afastava-se lentamente, passando em frente às lojas e observando as vitrines.

– Tranquilo demais o sujeito – comentou Ganimard. – Um indivíduo que carrega um milhão no bolso não tem essa tranquilidade.

– O que lhe resta fazer?

– Oh, nada, evidentemente... Seja como for, eu desconfio. Lupin é Lupin.

Nesse momento, o senhor Gerbois dirigiu-se a um quiosque, escolheu alguns jornais, esperou o troco, abriu uma das gazetas e, com os braços estendidos, avançando a passos curtos, começou a ler. Subitamente, deu um pulo e se jogou dentro de um automóvel que estacionava rente ao meio-fio. O motor estava ligado, pois ele partiu rapidamente, deixou a igreja da Madeleine para trás e desapareceu.

– Desgraçado! – exclamou Ganimard. – Mais um golpe de sua lavra!

Saía em disparada, e outros homens acorriam ao mesmo tempo em torno da Madeleine.

Mas ele caiu na gargalhada. Na entrada do bulevar Malesherbes, o automóvel tinha parado, enguiçado, e o senhor Gerbois saía dele.

– Rápido, Folenfant... o motorista... pode ser o tal Ernest.

Folenfant ocupou-se do motorista. Chamava-se Gaston, era empregado da Sociedade dos Fiacres Automotivos; dez minutos antes, um senhor o contratara e lhe dissera para esperar “de marcha engatada”, perto do quiosque, até chegar outro senhor.

– E o segundo cliente – perguntou Folenfant –, que endereço ele lhe deu?

– Nenhum endereço... “Bulevar Malesherbes... avenida de Messine... gorjeta dupla...” Só isso.

Nesse ínterim, contudo, sem perder um minuto, o senhor Gerbois pulara dentro do primeiro coche que passava.

– Cocheiro, ao metrô da Concorde.

O professor saiu do metrô na praça do Palais-Royal, correu até outro coche e se fez conduzir até a praça da Bolsa. Segunda viagem de metrô, depois avenida de Villiers, terceiro coche.

– Cocheiro, rua Clapeyron, 25.

O número 25 da rua Clapeyron é separado do bulevar des Batignolles pelo prédio que faz esquina. Gerbois subiu ao primeiro andar e tocou. Um senhor abriu.

– É aqui que mora o doutor Detinan?

– Sou eu mesmo. Senhor Gerbois, correto?

– Exatamente.

– Estava à sua espera, cavalheiro. Faça o favor de entrar.

Quando o senhor Gerbois adentrou o escritório do advogado, o relógio de parede marcava três horas. Ele disse imediatamente:

– É a hora marcada. Ele não está aqui?

– Ainda não.

O senhor Gerbois sentou-se, secou a testa, consultou seu relógio como se não soubesse a hora e, ansiosamente, repetiu:

– Ele virá?

O advogado respondeu:

– O senhor me interroga, cavalheiro, sobre a coisa do mundo que tenho mais curiosidade de saber. Nunca fui tão impaciente. Em todo caso, se vier, ele arrisca muito, o prédio está fortemente vigiado há quinze dias... desconfiam de mim.

– E de mim mais ainda. Por exemplo, não tenho certeza se os agentes que estavam nos meus calcanhares perderam meu rastro.

– Mas então...

– A culpa não seria minha – exclamou precipitadamente o professor – e não há nada a me censurar. O que prometi? Obedecer às suas ordens. Pois bem, obedeci cegamente às suas ordens, recebi o dinheiro na hora marcada por ele, e vim a esta casa conforme ele estipulou. Responsável pelo infortúnio da minha filha, cumpri minhas promessas com toda a lealdade. Cabe a ele cumprir as dele.

E, no mesmo tom ansioso, acrescentou:

– Ele trará minha filha, não é?

– Espero.

– Só um detalhe... o senhor o viu?

– Eu? Claro que não! Ele simplesmente me pediu por carta que eu recebesse a ambos e despachasse meus criados antes das três horas, sem admitir ninguém no meu apartamento entre sua chegada e sua partida. Se eu não aceitasse essas instruções, ele me pedia para avisá-lo com duas linhas no *Écho de France*. Mas estou muito contente de prestar um favor a Arsène Lupin e consinto em tudo.

O senhor Gerbois gemeu:

– Ai de mim! Como isso tudo vai acabar?

Tirou do bolso as cédulas, espalhou-as sobre a mesa e fez dois maços iguais. Em seguida, eles se calaram. De tempos em tempos, o senhor Gerbois prestava atenção... não tinham tocado a campainha?

À medida que os minutos passavam, sua angústia aumentava, e o doutor Detinan também experimentava uma sensação quase dolorosa.

Por um momento o advogado chegou a perder o sangue-frio. Levantou--se bruscamente:

– Não o veremos... Como seria possível?... Seria loucura da parte dele! Que ele tenha confiança em nós, vá lá, somos pessoas honestas, incapazes de traí-lo! Mas o perigo não está só aqui.

E o senhor Gerbois, arrasado, com as duas mãos sobre as cédulas, balbuciava:

– Que ele venha, meu Deus, que ele venha! Dou tudo isso para rever Suzanne.

A porta se abriu.

– Basta a metade, senhor Gerbois.

Alguém se mantinha na soleira, um homem jovem, vestido com elegância, em quem o senhor Gerbois reconheceu imediatamente o indivíduo que o abordara nos arredores da loja de antiguidades, em Versalhes. Deu um pulo em sua direção.

– E Suzanne? Onde está minha filha?

Arsène Lupin fechou a porta com todo o cuidado e, enquanto tirava as luvas sossegadamente, dirigiu-se ao advogado:

– Caro doutor, não sei como lhe agradecer a gentileza com que aceitou defender meus direitos. Não esquecerei isso.

O doutor Detinan murmurou:

– Mas o senhor não tocou... Não ouvi a porta...

– Campainhas e portas são coisas que devem funcionar sem ferir nossos ouvidos. Mas aqui estou, e isso é o essencial.

– Minha filha! Suzanne! O que fez com ela? – repetiu o professor.

– Meu Deus, senhor – disse Lupin –, que pressa! Vamos, acalme-se, mais um instante e a senhorita sua filha estará em seus braços.

Andou de um lado para outro e depois, no tom de um fidalgo que distribui elogios:

– Senhor Gerbois, meus parabéns pela esperteza com que agiu ainda há pouco. Se o automóvel não sofresse um enguiço absurdo, estaríamos tranquilamente na Étoile e pouparíamos ao doutor Detinan o aborrecimento dessa visita... Enfim! Estava escrito...

Reparou nos dois maços de cédulas e exclamou:

– Ah, perfeito! O milhão está aí... Não percamos tempo. Posso?

– Mas – objetou o doutor Detinan, colocando-se em frente à mesa – a senhorita Gerbois ainda não chegou.

– E daí?

– E daí que a presença dela é indispensável...

– Compreendo! Compreendo! Arsène Lupin não inspira senão uma confiança relativa. Embolsa o meio milhão e não entrega a refém. Ah, meu caro doutor, sou um grande injustiçado! Porque o destino me levou a atos de natureza um tanto... especial, suspeitam de minha boa-fé... eu! Eu, o homem do escrúpulo e da delicadeza! Aliás, meu caro doutor, se está com medo, abra a janela e grite! Há um punhado de agentes na rua.

– Acha que sim?

Arsène Lupin levantou a cortina.

– Considero o senhor Gerbois incapaz de despistar Ganimard... O que eu dizia? Ei-lo, esse querido amigo!

– Será possível! – exclamou o professor. – Juro, no entanto...

– Que não me traiu?... Não duvido disso, mas os rapazes são espertos. Veja, Folenfant, logo ali!... E Gréaume!... E Dieuzy!... Todos meus bons amigos, ora!

O doutor Detinan fitava-o estupefato. Que tranquilidade! Ria um riso feliz, como quem se divertisse com alguma brincadeira, sem nenhum perigo a ameaçá-lo.

Mais ainda que a visão dos agentes, aquela despreocupação tranquilizou o advogado. Afastou-se da mesa onde estavam as cédulas.

Arsène Lupin pegou os dois maços, um depois do outro, aliviou cada maço de vinte e cinco cédulas e estendeu ao senhor Detinan as cinquenta cédulas assim obtidas:

– A parte dos honorários do senhor Gerbois, caro doutor, e a de Arsène Lupin. Nós lhe devemos isso.

– Os senhores não me devem nada – replicou o doutor Detinan.

– Como assim? E todo o incômodo que lhe causamos!

– E todo o prazer que sinto em me dar esse incômodo!

– Quer dizer, caro doutor, que não quer aceitar nada de Arsène Lupin.

Eis no que dá – suspirou – ter má reputação. Estendeu os cinquenta mil ao professor.

– Cavalheiro, como lembrança de nosso auspicioso encontro, permita que eu lhe entregue isto: será meu presente de núpcias para a senhorita Gerbois.

O senhor Gerbois pegou apressadamente as cédulas, mas protestou:

– Minha filha não está se casando.

– Não, se o senhor lhe negar seu consentimento. Mas está louca

para se casar.

– O que sabe sobre isso?

– Sei que moças costumam ter sonhos sem a autorização dos pais. Por sorte, há gênios benfazejos chamados Arsène Lupin e que, no fundo das escrivaninhas, descobrem o segredo dessas almas encantadoras.

– Não descobriu outra coisa também? – perguntou o doutor Detinan. – Confesso minha curiosidade em saber por que esse móvel foi objeto de sua atenção.

– Razão histórica, caro doutor. Embora, ao contrário da opinião do senhor Gerbois, ele não contivesse nenhum tesouro exceto o bilhete de loteria – e isso eu ignorava –, faz tempo que eu o apreciava e procurava. Essa escrivaninha, em madeira de teixo e mogno, decorada com capitéis com folhas de acanto, foi encontrada na discreta casinha onde Marie Walewska morava em Boulogne, e tem gravada em uma de suas gavetas a inscrição:

“Dedicada a Napoleão I, imperador dos franceses, por seu fiel servidor Mancion.” E, embaixo, estas palavras, riscadas com a ponta de uma faca: *“A ti, Marie.”* Em seguida, Napoleão mandou copiá-la para a imperatriz Josefina – de maneira que a escrivaninha que se admirava em Malmaison não passava de uma cópia imperfeita daquela que hoje faz parte de minhas coleções.

O professor gemeu:

– Ai de mim! Se eu soubesse disso no bricabraque, com que pressa a teria cedido ao senhor!

Arsène Lupin zombou, rindo:

– E, além disso, teria tido a vantagem apreciável de conservar, exclusivamente para o senhor, o número 514, série 23.

– E o senhor não seria levado a raptar minha filha, a quem tudo

isso deve ter abalado.

– Tudo isso?

– Esse rapto...

– Mas, meu caro senhor, o senhor está enganado. A senhorita Gerbois não foi raptada.

– Minha filha não foi raptada?!

– De forma alguma. Quem diz rapto diz violência. Ora, foi por livre e espontânea vontade que ela serviu de refém.

– Por livre e espontânea vontade! – repetiu o senhor Gerbois, perplexo.

– E quase a seu pedido! Ora! Então uma moça inteligente como a senhorita Gerbois, e que, além disso, cultivava no fundo de sua alma uma paixão inconfessa, teria se recusado a salvar seu dote? Ah! Juro não ter sido difícil fazê-la compreender que não havia outro meio de vencer sua obstinação.

O doutor Detinan se divertia à larga. Objetou:

– O mais difícil era o senhor negociar com ela. É inadmissível que a senhorita Gerbois tenha se deixado abordar.

– Oh, não foi por mim. Não tive sequer a honra de conhecê-la. Foi uma de minhas amigas que se dispôs a entabular negociações.

– A mulher loura do automóvel, sem dúvida – interrompeu o doutor Detinan.

– Exatamente. Desde a primeira entrevista no liceu, tudo estava acertado. A senhorita Gerbois e sua nova amiga viajaram, visitando a Bélgica e a Holanda, da maneira mais agradável e instrutiva para uma moça. Aliás, ela mesma vai lhe explicar...

Tocavam à porta do vestíbulo, três toques rápidos, depois um toque isolado, mais um toque isolado.

– É ela – disse Lupin. – Meu caro doutor, se fizer a gentileza... O

advogado apressou-se em abri-la.

Duas jovens mulheres entraram. Uma se jogou nos braços do senhor Gerbois. A outra se aproximou de Lupin. Era de alta estatura, o colo harmonioso, o rosto bem pálido e os cabelos louros, de um louro cintilante, repartiam-se em dois bandós ondulantes e displicentes. Trajando preto, sem outro adereço a não ser um colar de azeviche de cinco voltas, ostentava mesmo assim uma apurada elegância.

Arsène Lupin disse-lhe algumas palavras e em seguida, cumprimentando a senhorita Gerbois:

– Peço-lhe perdão, senhorita, por todas essas tribulações, esperando contudo que não tenha sofrido muito...

– Sofrido! Teria inclusive me rejubilado, não fosse pelo meu pobre pai.

– Então está tudo certo. Beije-o novamente e aproveite a oportunidade, que é excelente, para lhe falar do seu primo.

– Meu primo... O que significa isso?... Não compreendo.

– Claro que sim, a senhorita compreende... seu primo Philippe... esse rapaz cujas cartas guarda com tanto cuidado...

Suzanne ruborizou, se desestabilizou e, como aconselhava Lupin, terminou se atirando de novo nos braços do pai.

Lupin observou os dois com um olhar enternecido e disse consigo mesmo: “Como nos sentimos recompensados ao fazer o bem! Que espetáculo comovente! Feliz o pai! Feliz a filha! E pensar que toda essa felicidade é obra sua, Lupin! Essas criaturas o abençoarão mais tarde... seu nome será devotamente transmitido aos netos que tiverem... Oh, a família!... A família!...”

Foi até a janela.

– O nosso bom Ganimard continua ali?... Que prazer ele sentiria

em assistir a essas encantadoras efusões... Mas não, não está mais ali... Não há mais ninguém... nem ele, nem os outros... Diabos! A situação é grave... Não me admiraria nada se já estivessem na garagem dos coches... na portaria talvez... ou mesmo na escada!

O senhor Gerbois deixou escapar um gesto. Agora que a filha lhe fora devolvida, recuperava o senso da realidade. A prisão de seu adversário representava meio milhão a mais para ele. Instintivamente, deu um passo... Como por acaso, Lupin atravessou seu caminho:

– Aonde vai, senhor Gerbois?

Defender-me contra eles? Mil vezes amável! Não se incomode. Aliás, juro que estão mais encrencados do que eu.

E continuou refletindo:

– No fundo, o que eles sabem? Que o senhor está aqui e que talvez a senhorita Gerbois também esteja, pois devem tê-la visto chegar com uma mulher desconhecida. Mas eu? Nem desconfiam. Como eu teria me introduzido num prédio que eles vasculharam hoje de manhã do porão ao sótão? Não, segundo todas as probabilidades, esperam me agarrar em alguma armadilha... Pobres queridos!... A menos que presumam que a mulher desconhecida foi enviada por mim e a suponham encarregada de proceder a troca... e nessa eventualidade se preparam para prendê-la quando ela sair...

Ouviu-se um toque de campainha.

Com um gesto brusco, Lupin imobilizou o senhor Gerbois e, com a voz seca e imperiosa:

– Alto lá, cavalheiro, pense em sua filha e seja razoável, senão... Quanto ao senhor, doutor Detinan, tenho sua palavra.

O senhor Gerbois ficou pregado no lugar. O advogado não se

mexeu.

Sem nenhuma pressa, Lupin pegou seu chapéu. Um pouco de pó o cobria; escovou-o com a manga da camisa.

– Meu caro doutor, se um dia precisar de mim... Meus melhores votos, senhorita Suzanne, e toda a minha simpatia ao senhor Philippe.

Tirou do bolso um pesado relógio com tampa dupla de ouro.

– Senhor Gerbois, são três horas e quarenta e dois minutos; às três e quarenta e seis eu o autorizo a sair desta sala... Nem um minuto antes de três e quarenta e seis, pois não?

– Mas eles vão entrar à força – não pôde deixar de dizer o doutor Detinan.

– E a lei que o senhor esquece, meu caro doutor! Ganimard jamais ousaria invadir a residência de um cidadão francês. Teríamos tempo de jogar uma excelente partida de bridge. Mas perdoem-me, vocês três parecem um pouco abalados, e eu não gostaria de abusar...

Depositando o relógio sobre a mesa, ele abriu a porta da sala e dirigiu-se à mulher loura:

– Está pronta, querida amiga?

Recuou para ela passar, dirigiu um último cumprimento, muito respeitoso, à senhorita Gerbois, saiu e fechou a porta atrás de si.

E ouviram-no dizer em voz alta, no vestíbulo:

– Bom dia, Ganimard, como vai? Minhas recomendações à senhora Ganimard. Um dia desses vou me convidar para almoçar... Adeus, Ganimard.

Outro toque de campainha, brusco, violento, depois toques repetidos, e ruídos de vozes no corredor do andar.

– Três e quarenta e cinco – balbuciou o senhor Gerbois.

Após alguns segundos, resolutamente, foi até o vestíbulo. Lupin e

a mulher loura não estavam mais ali.

– Pai! Não pode! Espere! – exclamou Suzanne.

– Esperar? Enlouqueceu!... Acordos com esse patife... e o meio milhão?...

Abriu.

Ganimard se precipitou.

– Essa mulher... onde ela está? E Lupin?

– Ele estava aqui... está aqui.

Ganimard deu um grito de triunfo:

– Nós o pegamos... o prédio está cercado.

O doutor Detinan objetou:

– Mas e a escada de serviço?

– A escada de serviço dá no pátio e só há uma saída, o portão principal: dez homens o vigiam.

– Mas ele não entrou pelo portão principal... não sairá por ali...

– E por onde então?... – replicou Ganimard. – Através dos ares?

Ele abriu uma cortina. Um longo corredor apareceu, dando acesso à cozinha. Ganimard desceu-o correndo e constatou que a porta da escada de serviço estava fechada com uma volta dupla.

Da janela, interpelou um dos agentes:

– Ninguém?

– Ninguém.

– Então – exclamou – eles estão no apartamento!... Esconderam-se num dos quartos!... É materialmente impossível terem escapado... Ah, meu pequeno Lupin, você zombou de mim, mas desta vez é a revanche!

Às sete horas da noite, o senhor Dudouis, chefe da Sûreté, estranhando não receber notícias, apresentou-se na rua Clapeyron. Interrogou os agentes que vigiavam o prédio, depois subiu ao

apartamento do senhor Detinan, que o conduziu ao seu quarto. Ali, ele percebeu um homem, ou melhor, duas pernas se agitando no tapete, enquanto o torso ao qual elas pertenciam estava enfiado nas profundezas da lareira.

– Aqui!... Aqui!... – gania uma voz abafada.

E uma voz mais distante, que vinha lá de cima, respondia:

– Aqui!... Aqui!...

O senhor Dudouis exclamou, rindo:

– Muito bem, Ganimard, que ideia é essa de bancar o limpador de chaminés?

O inspetor rebrotou das entranhas da lareira. Com o rosto enegrecido, as roupas cobertas de fuligem, os olhos brilhando de febre, estava irreconhecível.

– Estou procurando – grunhiu.

– Quem?

– Arsène Lupin... Arsène Lupin e sua amiga.

– Ah, é isso! Mas imagina que estão escondidos na tubulação da chaminé?

Ganimard se levantou, marcou a manga do paletó do seu superior com cinco dedos cor de carvão e disse surda e raivosamente:

– E onde mais o senhor acha que podem estar, chefe? Forçosamente, hão de estar em algum lugar. São seres de carne e osso, como nós. Criaturas assim não desaparecem virando fumaça.

– Não, mas em todo caso eles fugiram.

– Por onde? Por onde? O prédio está cercado! Há agentes no telhado.

– E o prédio vizinho?

– Não há comunicação com ele.

– Os apartamentos dos outros andares?

– Conheço todos os moradores: não viram ninguém... não ouviram ninguém.

– Tem certeza de que conhece todos?

– Todos. A zeladora responde por eles. Aliás, por via das dúvidas, botei um homem em cada um desses apartamentos.

– Ora, temos então que agarrá-los.

– É o que eu digo, chefe, é o que eu digo. Temos que os agarrar e assim será, porque os dois estão aqui... Não podem não estar! Fique tranquilo, chefe, se não for hoje à noite, será amanhã... Dormirei aqui!... Dormirei aqui!

De fato, dormiu, e no dia seguinte também, e no outro também. E, ao fim de três dias e três noites, não só ele não tinha descoberto o intangível Lupin e sua não menos intangível companheira, como nem sequer detectara um pequeno indício que lhe permitisse estabelecer a mais ínfima hipótese.

E eis por que sua primeira opinião não variava:

– Dado que não há nenhum rastro de sua fuga, é porque eles estão aqui.

Talvez, no fundo de sua consciência, não tivesse tanta convicção. Mas não queria confessar. Não, mil vezes não, um homem e uma mulher não evaporam como os gênios maus dos contos infantis. Sem perder o ânimo, ele prosseguia suas buscas e investigações como se esperasse descobri-los, dissimulados em algum recesso impenetrável, incorporados às pedras da casa.



2

O diamante azul

Na noite de 27 de março, no número 134 da avenida Henri-Martin, no palacete que herdara de seu irmão seis meses antes, o velho general Barão d'Hautrec, embaixador em Berlim sob o Segundo Império, dormia no fundo de uma confortável poltrona, enquanto sua dama de companhia lhe fazia a leitura e a irmã Auguste aquecia sua cama e preparava a lamparina da noite.

Às onze horas, a religiosa, que, excepcionalmente, devia retornar aquela noite ao convento de sua comunidade e passar a noite junto à irmã superiora, avisou à dama de companhia.

- Senhorita Antoinette, terminei meus afazeres. Vou embora.
- Está bem, irmã.
- Não se esqueça de que a cozinheira está de folga e a senhorita está sozinha na casa, com o criado.
- Não tema pelo senhor barão. Dormirei no quarto ao lado, como combinado, e deixarei minha porta aberta.

A religiosa partiu. Ao fim de um instante, foi Charles, o criado, que veio receber instruções. O barão acordara. Ele mesmo respondeu.

- As instruções de sempre, Charles: verifique se a campainha

elétrica está funcionando direito no seu quarto e, ao primeiro toque, desça e corra até a casa do médico.

– Meu general sempre preocupado.

– Não me sinto bem... não me sinto nada bem. Vamos, senhorita Antoinette, onde estávamos em nossa leitura?

– O senhor barão não vai para a cama?

– Não, não, costumo me deitar tarde, e, aliás, não preciso da ajuda de ninguém para fazê-lo.

Vinte minutos depois, o velho tornava a cochilar e Antoinette se afastava na ponta dos pés.

Nesse momento, Charles fechava cuidadosamente, como sempre, todas as janelas do rés do chão.

Na cozinha, empurrou o ferrolho da porta que dava no jardim, e, no vestibulo, prendeu, além disso, de um batente a outro, a corrente de segurança. Em seguida, voltou à sua mansarda, no terceiro andar, deitou-se e dormiu.

Passada uma hora, mais ou menos, ele subitamente deu um pulo para fora da cama: a campainha tocava. Tocou muito tempo, sete ou oito segundos talvez, e de maneira insistente, ininterrupta...

“Bom”, ruminou Charles, terminando de acordar, “um novo capricho do barão.”

Enfiou sua roupa, desceu rapidamente a escada, parou em frente à porta, e, como de hábito, bateu. Nenhuma resposta. Entrou.

“Ora essa”, murmurou, “está sem luz... por que diabo apagaram?” Em voz baixa, chamou:

– Senhorita?

Nenhuma resposta.

– Está aqui, senhorita?... O que houve? O senhor barão está doente?

O mesmo silêncio à sua volta, um silêncio pesado que terminou por impressioná-lo. Deu dois passos à frente: seu pé bateu numa cadeira e, ao tocá-la, percebeu que estava derrubada. Imediatamente sua mão encontrou outros objetos no chão, uma mesinha, um biombo. Inquieto, voltou à parede e, tateando, procurou o comutador. Alcançou-o e girou-o.

No meio do aposento, entre a mesa e o armário de espelho, jazia o corpo de seu patrão, o Barão d'Hautrec.

– O quê!... Será possível?... – gaguejou.

Não sabia o que fazer e, sem se mexer, com os olhos esbugalhados, contemplou as coisas reviradas, as cadeiras caídas, um grande candelabro de cristal quebrado em mil pedaços, o relógio de parede que jazia sobre o mármore do saguão, e tantos outros vestígios reveladores de uma luta terrível e selvagem. O cabo de um estilete de aço brilhava, não longe do cadáver. A lâmina gotejava sangue. Ao longo do colchão, pendia um lenço salpicado de marcas vermelhas.

Charles deu um grito de pavor: o corpo se esticara num esforço supremo, depois se enroscara em si mesmo... Dois ou três espasmos, e foi tudo.

Ele se debruçou. De um sutil ferimento no pescoço, o sangue se esvaía, deixando manchas escuras no tapete. O rosto conservava uma expressão de pânico.

– Mataram-no – balbuciou –, mataram-no.

E teve um arrepio só de pensar na possibilidade de outro crime: a dama de companhia não dormia no quarto contíguo? O assassino do barão não a matara também?

Empurrou a porta: o cômodo encontrava-se vazio. Concluiu que Antoinette fora raptada ou então que saíra antes do crime.

Voltando ao quarto do barão, bateu os olhos na escrivaninha e reparou que o móvel não fora arrombado.

Mais que isso, viu sobre a mesa, perto do molho de chaves e da carteira que o barão deixava ali todas as noites, um punhado de luíses de ouro. Charles pegou a carteira e vasculhou nas divisórias. Uma delas continha cédulas. Contou-as: havia treze cédulas de cem francos.

Então foi mais forte do que ele: instintivamente, mecanicamente, sem que o pensamento participasse do gesto da mão, pegou as treze cédulas, escondeu-as em seu paletó, desceu desabalado pela escada, puxou o ferrolho, soltou a corrente, fechou a porta e fugiu pelo jardim.

Charles era um homem honesto. Ainda não fechara o portão quando, fustigado pelo ar livre, o rosto esfriado pela chuva, estacou. O crime lhe aparecia sob sua verdadeira luz e ele sentia um horror súbito.

Passava um fiacre. Chamou pelo cocheiro.

– Colega, corra ao posto policial e traga o comissário... no galope! Aconteceu um assassinato.

O cocheiro chicoteou seu cavalo. Mas, quando Charles quis entrar de volta, não conseguiu: ele mesmo fechara o portão, e o portão não abria de fora.

No entanto, era inútil tocar, uma vez que não havia ninguém em casa. Perambulou então ao longo dos jardins que formavam na avenida, do lado de La Murette, uma risonha moldura de arbustos verdes e bem podados.

E foi só depois de uma hora de espera que pôde finalmente contar ao comissário os detalhes do crime e lhe entregar em mãos as treze cédulas.

Nesse ínterim, chamaram um serralheiro, que, com bastante dificuldade, conseguiu forçar o portão do jardim e a porta do vestíbulo. O comissário subiu e, ao primeiro relance, comentou imediatamente com o criado:

– Ora, o senhor falou que o quarto estava numa grande desordem...

Voltou-se. Charles parecia pregado na soleira, hipnotizado: todos os móveis haviam retornado ao lugar habitual! A mesinha se erguia entre as duas janelas, as cadeiras estavam de pé e o relógio, no centro da chaminé. Os fragmentos do candelabro haviam desaparecido.

Ele articulou, boquiaberto de estupor:

– O cadáver... o senhor barão...

– Realmente – exclamou o comissário –, onde está a vítima?

Este avançou até a cama. Sob o grande lençol, que afastou, repousava o cadáver do general Barão d’Hautrec, ex-embaixador da França em Berlim. O sobretudo de general, decorado com a cruz de honra, o cobria.

O rosto estava calmo. Os olhos, fechados. O criado balbuciou:

– Alguém esteve aqui.

– Entrou por onde?

– Não sei, mas alguém esteve aqui durante minha ausência...

Veja, ali no chão havia um punhal bem fino, de aço... Além disso, sobre a mesa, um lenço ensanguentado... Não há mais nada... Levaram tudo... Arrumaram tudo...

– Mas quem?

– O assassino!

– Encontramos todas as portas fechadas.

– Então ele continua aqui dentro.

– Até poderia, uma vez que o senhor não saiu da calçada.

O criado refletiu e pronunciou, lentamente:

– Com efeito... com efeito... não me afastei do portão... no entanto...

– Vejamos, qual a última pessoa que o senhor viu com o barão?

– A senhorita Antoinette, a dama de companhia.

– O que foi feito dela?

– Na minha opinião, como sua cama nem sequer estava desfeita, deve ter aproveitado a ausência da irmã Auguste para sair também. Isso não me espanta muito, ela é bonita... jovem...

– Mas como teria saído?

– Pela porta.

– O senhor tinha colocado o ferrolho e prendido a corrente!

– Bem mais tarde. Ela deve ter deixado a casa antes disso.

– E o crime teria acontecido depois que ela se foi?

– Naturalmente.

Procuraram de cima a baixo da casa, nos sótãos e nos porões; mas o assassino fugira. Como? Em que momento? Fora ele ou um cúmplice que julgara apropriado voltar à cena do crime e eliminar tudo que pudesse comprometê-lo? Tais eram as questões que se colocavam para a justiça.

Às sete horas chegou o médico-legista; às oito, o chefe da Sûreté. Depois foi a vez do procurador da República e do juiz de instrução. E havia também, atravancando a casa, agentes, inspetores, jornalistas, o sobrinho do Barão d'Hautrec e outros membros da família.

Vasculharam, estudaram a posição do cadáver conforme as lembranças de Charles, interrogaram, assim que ela chegou, a irmã Auguste. Não descobriram nada. A irmã Auguste até se espantou

com o sumiço de Antoinette Bréhat. Contratara a moça doze dias antes, levando em conta excelentes recomendações, e se negava a crer que ela tivesse abandonado o doente sob sua responsabilidade para sair, sozinha, pela noite.

– Ainda mais que nesse caso – reiterou o juiz de instrução – ela já teria chegado. Voltamos então ao mesmo ponto: o que foi feito dela?

– Na minha opinião – disse Charles –, foi raptada pelo assassino.

A hipótese era plausível e batia com certos indícios. O chefe da Sûreté se pronunciou:

– Raptada? Pois isso me parece inverossímil.

– Não somente inverossímil – disse uma voz –, mas em contradição absoluta com os fatos, com os resultados da investigação, em suma, com a própria evidência.

A voz era rude, a entonação, brusca, e ninguém se surpreendeu ao reconhecer Ganimard. Só a ele, aliás, era possível perdoar aquela maneira um tanto insolente de se exprimir.

– Ora, é você, Ganimard? – exclamou o senhor Dudouis. – Não o tinha visto.

– Estou aqui há duas horas.

– Interessa-se então por outra coisa que não seja o bilhete 514, série 23, o caso da rua Clapeyron, a mulher loura e Arsène Lupin?

– He, he! – riu o velho inspetor, com desdém. – Eu não afirmaria que Lupin estivesse alheio ao caso que nos ocupa... Mas deixemos de lado, até segunda ordem, a história do bilhete de loteria e vejamos do que se trata.

Ganimard não é um desses policiais de grande envergadura, cujos procedimentos fazem escola e cujo nome permanecerá nos anais judiciais. Faltam-lhe esses rasgos de gênio que iluminam os Dupin, os Lecoqc e os Sherlock Holmes. Sim, tem excelentes

qualidades medianas de observação, sagacidade, perseverança e, até mesmo, intuição. Mas o que o distingue é de fato a independência absoluta no trabalho. Nada, a não ser talvez a espécie de fascinação que Arsène Lupin exerce sobre ele, nada o perturba nem influencia. Seja como for, seu papel, naquela manhã, não careceu de brilho e sua colaboração foi daquelas que um juiz pode apreciar.

– Em primeiro lugar – começou –, eu pediria ao senhor Charles que esclarecesse bem este ponto: todos os objetos que viu da primeira vez, derrubados ou deslocados, estavam, num segundo momento, exatamente no lugar de sempre?

– Exatamente.

– Logo, é evidente que só puderam ter sido recolocados em seus lugares por uma pessoa que conhecesse o lugar de cada um desses objetos.

A observação impressionou os presentes. Ganimard prosseguiu:

– Outra pergunta, senhor Charles... O senhor foi despertado por uma campainha... A seu ver, quem o chamava?

– O senhor barão, óbvio.

– Admitamos que sim, mas em que momento ele teria tocado?

– Após a luta... enquanto agonizava.

– Impossível, uma vez que o senhor o encontrou prostrado, sem sentidos, a mais de quatro metros do botão de chamada.

– Então ele tocou durante a luta.

– Impossível, uma vez que a campainha, o senhor disse, foi regular, ininterrupta, e durou sete ou oito segundos. Acha que o agressor o teria deixado tocar assim?

– Então foi antes, ao ser atacado.

– Impossível, pois disse-nos que, entre o sinal da campainha e o

instante em que o senhor adentrou o quarto, transcorreram no máximo três minutos. Logo, se o barão tivesse tocado antes, teria sido preciso que a luta, o assassinato, a agonia e a fuga houvessem se desenrolado nesse curto lapso de três minutos. Repito, isso é impossível.

– No entanto – atalhou o juiz de instrução –, alguém tocou. Se não foi o barão, quem foi?

– O assassino.

– Com que objetivo?

– Ignoro seu objetivo. Mas pelo menos o fato de ter tocado nos prova que devia conhecer a campainha e sua comunicação com o quarto de um criado. Ora, quem podia conhecer esse detalhe a não ser uma pessoa da própria casa?

O arco das hipóteses se restringia. Em poucas frases, rápidas, precisas e lógicas, Ganimard colocava a questão em seu verdadeiro terreno, e o pensamento do velho inspetor emergia claramente. Nada mais natural que o juiz de instrução concluísse:

– Em suma, em duas palavras, o senhor suspeita de Antoinette Bréhat.

– Não suspeito, acuso-a.

– Acusa-a de ser a cúmplice?

– Acuso-a de ter matado o general Barão d’Hautrec.

– Ora, vamos! E qual é prova?...

– Esse tufo de cabelo que descobri na mão direita da vítima, em sua própria carne, onde a ponta de suas unhas o arrancou.

Mostrou os fios de cabelo; eram de um louro cintilante, luminoso como fios de ouro, e Charles murmurou:

– É de fato o cabelo da senhorita Antoinette. Não há como errar.

E acrescentou:

– E depois... tem outra coisa... Acho que a faca... a que não vi mais da segunda vez... lhe pertencia... Ela usava para cortar as páginas dos livros.

O silêncio foi longo e penoso. Cometido por uma mulher, o horror do crime parecia aumentar. O juiz de instrução ponderou:

– Vamos supor, até maiores esclarecimentos, que o barão tenha sido morto por Antoinette Bréhat. Ainda faltaria explicar como ela pôde sair depois do crime, para voltar após a partida do senhor Charles e ainda sair novamente antes da chegada do comissário. Tem alguma opinião a respeito, senhor Ganimard?

– Nenhuma.

– Então?

Ganimard pareceu confuso. Por fim, pronunciou-se, não sem um esforço visível:

– Tudo que posso dizer é que encontro aqui o mesmo procedimento do caso do bilhete 514-23, fenômeno que pode muito bem ser entendido como a faculdade de desaparecer. Antoinette Bréhat aparece e desaparece nesta mansão tão misteriosamente como Arsène Lupin invadiu a casa do doutor Detinan e escapou na companhia da Mulher Loura.

– O que significa?...

– O que significa que não posso me abster de pensar nessas duas coincidências, no mínimo bizarras: Antoinette foi contratada pela irmã Auguste há doze dias, isto é, no dia seguinte ao dia em que a Mulher Loura me escapava pelos dedos. Em segundo lugar, o cabelo da Mulher Loura tem a mesma cor violenta, esse brilho metálico com reflexos dourados, que encontramos aqui.

– De modo que, na sua opinião, Antoinette Bréhat...

– Não é outra senão a Mulher Loura.

– E que Lupin, por conseguinte, maquinou os dois casos?

– Creio que sim.

Houve uma gargalhada. Era o chefe da Sûreté, divertindo-se.

– Lupin! Sempre Lupin! Lupin está em tudo, Lupin está em toda parte!

– Ele está onde ele está! – escandiu Ganimard, embaraçado.

– Mesmo assim, ele precisa ter razões para estar em algum lugar – observou o senhor Dudouis –, e, no caso, as razões me parecem obscuras. A escrivainha não foi arrombada, nem a carteira foi roubada. Foi deixado, inclusive, ouro na mesa.

– Sim – exclamou Ganimard –, mas e o famoso diamante?

– Que diamante?

– O diamante azul! O célebre diamante que fazia parte da coroa real da França e que foi dado pelo duque d'A... a Léonide L... e, na morte de Léonide L..., comprado pelo Barão d'Hautrec em memória da brilhante atriz que ele amara apaixonadamente. É uma dessas lembranças que um velho parisiense como eu jamais esquece.

– É evidente – disse o juiz de instrução – que, se o diamante azul não for encontrado, tudo se explica. Mas... onde procurar?

– No próprio dedo do senhor barão – respondeu Charles. – O diamante azul não saía de sua mão esquerda.

– Eu vi essa mão – afirmou Ganimard, aproximando-se da vítima –, e, como pode certificar-se, nela não há senão um simples anel de ouro.

– Veja o que ele está segurando – disse o criado.

Ganimard abriu os dedos contraídos. O engaste estava voltado para dentro e, no coração desse engaste, cintilava o diamante azul.

– Diabos – resmungou Ganimard, absolutamente pasmo –, não compreendo mais nada.

– E desiste, espero, de suspeitar do pobre Lupin? – troçou o senhor Dudouis.

Ganimard deu-se um tempo, meditou e rebateu num tom solene:

– É justamente quando não compreendo mais nada que suspeito de Arsène Lupin.

Tais foram as primeiras constatações da justiça no dia seguinte ao estranho crime. Constatações vagas, incoerentes, às quais a continuação da investigação não trouxe lógica nem certeza. As idas e vindas de Antoinette Bréhat permaneceram completamente inexplicáveis, como as da Mulher Loura, e mais não se descobriu sobre quem era a misteriosa criatura de cabelos dourados que matara o Barão d'Hautrec sem tirar de seu dedo o fabuloso diamante da coroa real da França.

E, sobretudo, a curiosidade por ela inspirada conferia ao crime um caráter de grande provocação, o que arrebatava a opinião pública.

Os herdeiros do Barão d'Hautrec não podiam senão se beneficiar de tal propaganda. Promoveram na avenida Henri-Martin, na própria mansão, uma exposição dos móveis e objetos a serem vendidos no leiloeiro Drouot. Móveis modernos e de mau gosto, objetos sem valor artístico... Mas, no centro da sala, sobre um pedestal forrado com veludo grená, protegido por uma redoma de vidro e vigiado por dois agentes, cintilava o anel com o diamante azul.

Diamante magnífico, enorme, de pureza incomparável e do azul indefinível que a água clara rouba do céu que ela reflete, azul que adivinhamos em superfícies alvas e radiantes. Todos se admiravam, se extasiavam... e olhavam com pavor o quarto da vítima, o lugar onde caíra o cadáver, o assoalho livre do tapete ensanguentado, e as paredes sobretudo, as paredes intransponíveis através das quais passara a criminosa. Verificavam se o mármore da lareira não podia

ser deslocado, se tal canelura do espelho não escondia uma estrutura giratória. Imaginavam-se buracos escavados, passagens de um túnel, comunicações com os esgotos, com as catacumbas...

O leilão do diamante azul foi realizado na Casa de Leilões Drouot. A multidão prendia a respiração, e a euforia dessas vendas públicas exasperou-a até a loucura.

Estava lá a tradicional constelação parisiense das grandes ocasiões, todos os compradores e todos os que desejam se passar por eles, especuladores, artistas, damas de todas as classes, dois ministros, um tenor italiano, um rei no exílio que, para consolidar crédito, deu-se ao luxo de fazer lances até cem mil francos, com muito garbo e a voz vibrante. Cem mil francos! Podia oferecê-los sem se comprometer. O tenor italiano arriscou cento e cinquenta, uma atriz da Comédie Française, cento e setenta e cinco.

Quando se chegou a duzentos mil francos, contudo, os diletantes desanimaram. Em duzentos e cinquenta mil, só restavam dois: Herschmann, o célebre financista, rei das minas de ouro, e a condessa de Crozon, a riquíssima americana, dona de uma célebre coleção de diamantes e pedras preciosas.

– Duzentos e sessenta mil... duzentos e setenta mil... setenta e cinco... oitenta... – proferia o comissário, interrogando alternadamente com o olhar os dois competidores... – Duzentos e oitenta mil para a senhora... Quem dá mais?...

– Trezentos mil – murmurou Herschmann.

Silêncio. Os olhos concentraram-se na condessa de Crozon. De pé, sorridente, mas exibindo uma palidez que denotava perturbação, ela se amparava no encosto da cadeira à sua frente. Na realidade, ela sabia, e todos os presentes também sabiam, como o duelo terminaria: logicamente, fatalmente, no fim a vitória caberia ao

financista, cujos caprichos apoiavam-se em uma fortuna de mais de meio bilhão. Mesmo assim, ela pronunciou:

– Trezentos e cinco mil.

Outro silêncio. Voltaram-se para o rei das minas, na expectativa de um inevitável lance maior. Era certo que ele viria, forte, brutal, definitivo.

Não veio. Herschmann permaneceu impassível, os olhos pregados numa folha de papel que tinha na mão direita, enquanto a outra guardava os pedaços de um envelope rasgado.

– Trezentos e cinco mil – repetia o comissário. – Dou-lhe uma... Dou- lhe duas... Ainda é tempo... Ninguém diz nada? Repito: dou-lhe uma... dou-lhe duas...

Herschmann não se mexeu. Um último silêncio. Foi batido o martelo.

– Quatrocentos mil – bradou Herschmann, sobressaltando-se, como se a batida do martelo o arrancasse do torpor.

Tarde demais. O direito de propriedade era irrevogável.

Espremeram-se em volta dele. O que acontecera? Por que não falara antes?

O financista pôs-se a rir.

– O que aconteceu? Não faço ideia, juro. Tive um minuto de distração.

– Será possível?

– Claro que sim, uma carta que me entregaram.

– E essa carta bastou...

– Para me perturbar? Sim, naquele momento.

Ganimard estava presente. Assistira ao leilão do anel. Aproximou-se de um dos funcionários da casa de leilões.

– Foi o senhor, sem dúvida, que entregou uma carta ao senhor

Herschmann.

– Sim.

– Da parte de quem?

– De uma mulher.

– Onde está ela?

– Onde?... Veja, senhor, ali... aquela senhora com um véu sobre o rosto.

– E que está indo embora?

– Sim.

Ganimard precipitou-se em direção à porta e avistou a mulher, que descia a escada. Quando ele alcançou o *hall* de entrada, um fluxo de gente o reteve. Ao chegar lá fora, não a encontrou mais.

Voltou à sala do leilão, abordou Herschmann, apresentou-se e o interrogou sobre a carta. Herschmann entregou-a a ele. Continha, escritas a lápis e às pressas, e com uma letra que o financista desconhecia, estas simples palavras:

O diamante azul traz infortúnio. Lembre-se do Barão d'Hautrec.

As tribulações do diamante azul não haviam terminado e, já conhecido pelo assassinato do Barão d'Hautrec e pelo incidente da casa de leilões Drouot, ele alcançava, seis meses mais tarde, ainda maior celebridade. Com efeito, no verão seguinte roubavam da condessa de Crozon a valiosa joia que ela tanto pelejara para conquistar.

Resumamos esse curioso caso cujas perturbadoras e dramáticas peripécias nos apaixonaram a todos e sobre o qual me é permitido, enfim, lançar algumas luzes.

Na noite de 10 de agosto, os convidados do senhor e da senhora de Crozon estavam reunidos no salão do magnífico castelo que domina a baía do rio Somme. Tocava-se música. A condessa

pusera-se ao piano e colocara, sobre um pequeno móvel, perto do instrumento, suas joias, entre as quais o anel do Barão d'Hautrec.

Ao fim de uma hora, o conde se retirou, bem como seus dois primos, os d'Andelle, e a senhora de Réal, uma amiga íntima da condessa de Crozon. Esta ficou sozinha com o senhor Bleichen, cônsul austríaco, e sua mulher.

Conversaram, depois a condessa apagou uma grande luminária instalada sobre a mesa do salão. Simultaneamente, o senhor Bleichen apagava as duas luminárias do piano. Houve um instante de escuridão, uma ligeira inquietude, até o cônsul acender uma vela e os três partirem rumo a seus aposentos. Assim que chegou ao seu, porém, a condessa lembrou de suas joias e ordenou à camareira que fosse buscá-las. Esta voltou e as depositou sobre a lareira, sem que sua patroa as examinasse. No dia seguinte, a senhora de Crozon constatava que faltava um anel, o anel do diamante azul.

Comunicou o fato ao marido. A conclusão de ambos foi imediata: a camareira estando acima de qualquer suspeita, o culpado só podia ser o senhor Bleichen.

O conde avisou ao comissário central de Amiens que abriu um inquérito e, discretamente, organizou um grande cerco a fim de que o cônsul não pudesse vender nem remeter o anel a qualquer parte.

Dia e noite, agentes cercaram o palacete.

Após duas semanas transcorrerem sem nenhum incidente, o senhor Bleichen anuncia sua partida. Nesse dia, uma queixa é depositada contra ele. O comissário intervém oficialmente, ordenando a revista de suas bagagens. Num saquinho, cuja chave anda sempre com o cônsul, encontram um frasco de pó dentifrício; e nele, o anel!

A senhora Bleichen desmaia. Seu marido é detido.

Lembramos o sistema de defesa adotado pelo acusado. Ele não consegue explicar a presença do anel, dizia, senão por uma vingança do senhor de Crozon: “O conde é bruto e faz sua mulher infeliz. Tive uma longa conversa com ela, e aconselhei-a vivamente a se divorciar. Posto ao par, o conde se vingou pegando o anel e, quando saí, esgueirou-o no *nécessaire* de toalete”. O conde e a condessa mantiveram energicamente sua queixa. Entre a explicação que davam e a do cônsul, ambas igualmente plausíveis, igualmente prováveis, o público só tinha que escolher. Nenhum fato novo fez pender um dos pratos da balança. Um mês de quiproquós, conjecturas e investigações não trouxe um único elemento de certeza.

Enfadados com todo aquele escândalo, incapazes de produzir a prova evidente de culpa que teria justificado sua acusação, o senhor e a senhora de Crozon pediram que lhes enviassem de Paris um agente da Sûreté capaz de desemaranhar os fios daquele novelo. Enviaram Ganimard.

Durante quatro dias, o velho inspetor xeretou, bisbilhotou, passeou no parque, teve longas conversas com a empregada, o chofer, os jardineiros, os empregados da agência de correio mais próxima, visitou os aposentos ocupados, na ocasião do roubo, pelo casal Bleichen, os primos d’Andelle e a senhora de Réal. Então, certa manhã, desapareceu sem se despedir de seus anfitriões.

Uma semana mais tarde, eles recebiam o seguinte telegrama:

Peço virem amanhã, sexta-feira, às cinco horas da tarde, ao Chá Japonês, rua Boissy-d’Anglas. Ganimard.

Às cinco horas em ponto, naquela sexta-feira, o automóvel do casal parava em frente ao número 9 da rua Boissy-d’Anglas. Sem

nenhum esclarecimento, o velho inspetor, que os esperava na calçada, conduziu-os ao primeiro andar do Chá Japonês.

Numa das salas, encontraram duas pessoas que Ganimard lhes apresentou:

– O senhor Gerbois, professor no liceu de Versalhes, de quem, os senhores se lembram, Arsène Lupin roubou meio milhão... O senhor Léonce d'Hautrec, sobrinho e herdeiro universal do Barão d'Hautrec.

Os quatro tomaram seus lugares. Alguns minutos depois, chegou um quinto. Era o chefe da Sûreté.

– O que há então, Ganimard? Recebi, na Chefatura, seu recado. É grave?

– Gravíssimo, chefe. Dentro de uma hora, as últimas aventuras das quais participei terão seu desfecho aqui. Pareceu-me que sua presença era indispensável.

– Assim como a presença de Dieuzy e Folenfant, que vi lá embaixo, junto à porta?

– Sim, chefe.

– E o que é? Vamos prender alguém? Que circo! Fale, Ganimard, somos todos ouvidos.

Ganimard hesitou alguns instantes, depois anunciou com a nítida intenção de impressionar seus ouvintes:

– Antes de mais nada, afirmo que o senhor Bleichen não tem nada a ver com o roubo do anel.

– Oh! Oh! – fez o senhor Dudouis. – Dizer isso é muito fácil, mas bastante grave.

E o conde indagou:

– É a essa... descoberta que se resumem seus esforços?

– Não, cavalheiro. Dois dias após o roubo, os acasos de uma excursão de automóvel levaram três de seus convidados ao burgo

de Crécý. Enquanto duas dessas pessoas iam visitar o famoso campo de batalha, a terceira dirigiu-se às pressas à agência de correio e expediu uma latinha fechada com barbante, selada segundo os regulamentos e registrada por um valor de cem francos.

O senhor de Crozon objetou.

– E o que tem isso de extraordinário?

– Talvez lhe pareça extraordinário que essa pessoa, em vez de fornecer o verdadeiro nome, tenha feito a expedição sob o nome de Rousseau, e que o destinatário, um tal senhor Beloux, residente em Paris, tenha se mudado justamente na noite do dia em que recebeu a lata, isto é, o anel.

– Seria talvez – interrogou o conde – um de meus primos d’Andelle?

– Não se trata desses senhores.

– Então da senhora de Réal?

– Sim.

A condessa exclamou, estupefata:

– Está acusando minha amiga, a senhora de Réal?

– Uma pergunta simples, senhora – respondeu Ganimard. – A senhora de Réal estava presente no leilão do diamante azul?

– Sim, mas a distância. Não nos sentamos juntas.

– Ela a incentivara a comprar o anel? – a condessa puxou pela memória.

– Sim... com efeito... Acho inclusive que foi ela a primeira a me falar sobre ele.

– Anoto sua resposta, senhora. Está bem estabelecido que foi a senhora de Réal a primeira a lhe falar desse anel e que a incentivou a comprá-lo.

– No entanto, minha amiga é incapaz...

– Perdão, perdão, a senhora de Réal é apenas sua amiga de ocasião, e não sua amiga íntima, como os jornais noticiaram, o que afastou dela as suspeitas. A senhora a conheceu no último inverno. Ora, sinto-me em condições de lhe demonstrar que tudo que a senhora de Réal lhe contou sobre ela, seu passado, suas relações, é absolutamente falso, que a senhora Blanche de Réal não existia antes de tê-la conhecido e que não existe no presente momento.

– E daí?

– E daí? – fez Ganimard.

– Sim, toda essa história é muito curiosa, mas em que se aplica ao nosso caso? Supondo que a senhora de Réal tenha se apoderado do anel, o que não está em absoluto provado, por que o esconde no pó dentifrício do senhor Bleichen?

Que diabos! Quem se dá ao trabalho de roubar o diamante azul deve querer ficar com ele. O que tem a responder a isso?

– Eu, nada, mas a senhora de Réal responderá.

– Ela então existe?

– Existe... sem existir. Em poucas palavras, ouçam. Há três dias, no jornal que leio diariamente, vi, encabeçando a lista dos estrangeiros em Trouville, “Hotel Beaurivage: senhora de Réal etc.”. Compreendam que, naquela noite, eu também estava em Trouville e interrogava o diretor de Beaurivage. Segundo a descrição e alguns indícios que colhi, essa senhora de Réal era de fato a pessoa que eu procurava, mas ela já desocupara seu quarto no hotel, deixando como seu endereço Paris, 3, rua du Colisée. Anteontem, apresentei-me no local e soube que não havia nenhuma senhora de Réal, mas simplesmente uma dona Réal, que morava no segundo andar e exercia o ofício de intermediária de diamantes, por isso ausentando-se com frequência. Ainda na véspera, chegara de viagem. Ontem,

bati à sua porta e ofereci à senhora Réal, sob um falso nome, meus serviços como intermediário junto a pessoas em condições de comprar pedras de valor. Hoje temos um encontro aqui para o primeiro negócio.

– Como! O senhor a espera?

– Às cinco e meia.

– E tem certeza?...

– De que é a senhora de Réal do castelo de Crozon? Tenho provas irrefutáveis. Mas... escutem... o sinal de Folenfant...

Um assobio ressoara. Ganimard se levantou precipitadamente.

– Não há tempo a perder. Senhor e senhora de Crozon, queiram se dirigir à sala ao lado. O senhor também, senhor d'Hautrec... e o senhor também, senhor Gerbois... A porta permanecerá aberta e, ao primeiro sinal, pedirei que intervenham. Fique, chefe, por favor.

– E se vierem outras pessoas? – perguntou o senhor Dudouis.

– Não. Esse estabelecimento é novo, e o dono, que é amigo meu, não deixará ninguém subir... exceto a Mulher Loura.

– A Mulher Loura? O que está dizendo?

– A Mulher Loura em pessoa, chefe, a cúmplice e amiga de Arsène Lupin, a misteriosa Mulher Loura, contra quem tenho provas irrefutáveis, mas contra quem quero, além disso, e na frente do senhor, reunir os testemunhos de todos que ela depenou.

E Ganimard debruçou na janela.

– Está se aproximando... entrou... não tem mais como escapar: Folenfant e Dieuzy vigiam a porta... A Mulher Loura é nossa, chefe!

Quase imediatamente, uma mulher parava na soleira, alta, magra, o rosto muito pálido e o cabelo de um louro violento.

Uma emoção tão grande sufocou Ganimard que ele permaneceu mudo, incapaz de pronunciar uma palavra que fosse. Ela estava ali,

diante dele, à sua disposição! Que vitória sobre Arsène Lupin! E que revanche! Ao mesmo tempo, aquela vitória lhe parecia obtida com tal facilidade que ele se perguntava se a Mulher Loura não iria escorrer por entre seus dedos graças a algum dos milagres em que Lupin era pródigo.

Enquanto isso, ela esperava, admirada com o silêncio, e observava à sua volta sem dissimular inquietude.

“Ela vai embora! Vai se escafeder!”, pensou Ganimard, perturbado. Bruscamente, interpôs-se entre ela e a porta. Ela se voltou e quis sair.

– Não, não – ele disse –, por que ir embora?

– Mas enfim, senhor, não compreendo sua atitude. Deixe-me...

– Não há nenhuma razão para partir, senhora, ao contrário, há muitas para ficar.

– No entanto...

– Inútil... Não sairá.

Inteiramente pálida, ela deixou-se cair numa cadeira e balbuciou:

– O que deseja?...

Ganimard tinha vencido. A Mulher Loura estava dominada. Senhor de si, ele articulou:

– Apresento-lhe o amigo de quem lhe falei e que deseja comprar joias... sobretudo diamantes. Conseguiu arranjar o que tinha me prometido?

– Não... não... não sei... não me lembro.

– Claro que sim... Procure se lembrar... Uma pessoa de seu conhecimento devia lhe entregar um diamante colorido... “Alguma coisa como o diamante azul”, eu disse, rindo, e a senhora me respondeu: “Justamente, talvez eu tenha a peça.” Lembra-se?

Ela se calava. Uma bolsinha que segurava na mão caiu. Recolheu-

a apressadamente e a apertou contra si. Seus dedos tremiam um pouco.

– Vamos! – insistiu Ganimard. – Vejo que não confia em nós, senhora de Réal, vou lhe dar o bom exemplo e lhe mostrar o que eu, por minha vez, possuo.

Puxou da carteira um papel, que desdobrou, e estendeu uma mecha de cabelo.

– Eis primeiramente alguns fios de cabelo de Antoinette Bréhat, arrancados pelo barão e encontrados na mão do morto. Estive com a senhorita Gerbois: ela reconheceu positivamente a cor dos cabelos da Mulher Loura... da mesma cor que os seus, por sinal... exatamente da mesma cor.

A senhora Réal observava boquiaberta e como se efetivamente não captasse o sentido de suas palavras. Ele continuou:

– E agora eis dois frascos de perfume, sem rótulo, é verdade, e vazios, mas ainda bastante impregnados desse perfume, para que a senhorita Gerbois pudesse, esta manhã mesmo, neles distinguir o perfume da Mulher Loura que foi sua companheira de viagem durante duas semanas. Ora, um desses frascos provém do quarto que a senhora de Réal ocupava no castelo de Crozon e o outro do quarto que a senhorita ocupava no hotel Beaurivage.

– O que está dizendo?... A Mulher Loura... O castelo de Crozon...

Sem responder, o inspetor alinhou quatro folhas de papel sobre a mesa. Então recomeçou:

– Por fim, nestas quatro folhas, temos uma amostra da letra de Antoinette Bréhat, outra da mulher que escreveu ao Barão Herschmann por ocasião da venda do diamante azul, outra da senhora de Réal, por ocasião de sua estadia em Crozon, e a quarta, da senhora mesmo... são seu nome e seu endereço, fornecidos

pela senhora ao porteiro do hotel Beaurivage em Trouville. Ora, compare as quatro caligrafias. São idênticas.

– Mas o senhor está louco, cavalheiro! Completamente louco! O que significa tudo isso?

– Significa, madame – exclamou Ganimard, com grande agitação –, que a Mulher Loura, amiga e cúmplice de Arsène Lupin, não é outra senão a senhora.

Ele empurrou a porta da sala ao lado, correu até o senhor Gerbois, agarrou-o pelos ombros e puxou-o até a senhora de Réal:

– Senhor Gerbois, reconhece a pessoa que raptou sua filha e que o senhor viu na casa do doutor Detinan?

– Não.

Houve uma espécie de comoção, cujo impacto foi recebido por todos os presentes. Ganimard vacilou.

– Não?... Será possível... Vejamos, reflita.

– Já refleti... A senhora é loura como a Mulher Loura... pálida como ela... mas não se parece em nada com ela.

– Não posso acreditar... Um engano desses é inadmissível... Senhor d'Hautrec, reconhece Antoinette Bréhat?

– Vi Antoinette Bréhat na casa do meu tio... Não é ela.

– Também não é a senhora de Réal – afirmou o conde de Crozon.

Era o golpe de misericórdia. Ganimard, atordado, não se mexeu mais, permanecendo cabisbaixo, com os olhos fugidios. De todas as suas conjecturas, não restava nenhuma. O edifício desmoronava.

O senhor Dudouis se levantou.

– Perdoe-nos, senhora, houve uma confusão lamentável e peço que a esqueça. Só o que não me parece justificado é sua perturbação... sua atitude bizarra desde que está aqui.

– Meu Deus, senhor, eu estava com medo... Há mais de cem mil

francos em joias na minha bolsa, e as atitudes do seu amigo não me pareciam tranquilizadoras.

– E suas ausências constantes?...

– São exigências de minha profissão, concorda?

O senhor Dudouis não soube o que responder. Voltou-se para o seu subordinado:

– O senhor colheu suas informações com uma leviandade deplorável, Ganimard, e ainda há pouco se comportou de maneira deselegante com a senhora. Venha se explicar no meu gabinete.

O interrogatório terminara. O chefe da Sûreté se dispunha a partir quando aconteceu um fato realmente desconcertante. A senhora Réal se aproximou do inspetor e lhe disse:

– Ouvi que se chama senhor Ganimard... Estou enganada?

– Não.

– Nesse caso, esta carta deve ser para o senhor. Eu a recebi hoje de manhã, com o destinatário que pode ler: “*Senhor Justin Ganimard, aos cuidados da senhora Réal*”. Pensei que era uma brincadeira, uma vez que eu não o conhecia por esse nome, mas sem dúvida o missivista desconhecido previu nosso encontro.

Por uma intuição singular, Justin Ganimard esteve prestes a agarrar a carta e destruí-la. Não ousou fazê-lo, estando na presença de seu superior, e abriu o envelope. A carta continha estas palavras, que ele articulou com uma voz quase ininteligível:

Era uma vez uma Mulher Loura, um Lupin e um Ganimard. Mas o malvado Ganimard queria fazer mal à bonita Mulher Loura, e o bom Lupin não queria isso. Então o bom Lupin, desejoso de que a Mulher Loura entrasse na intimidade da condessa de Crozon, fez com que ela assumisse o nome de senhora de Réal, que é idêntico – ou quase isso – ao de uma honesta comerciante cujos

cabelos são dourados e o rosto pálido. E o bom Lupin pensou consigo: “Se um dia o malvado Ganimard estiver na pista da Mulher Loura, quão útil será fazê-lo desviar para a pista da honesta comerciante!” Sábia precaução e que dá seus frutos. Uma notinha enviada ao jornal do malvado Ganimard, um frasco de perfume esquecido voluntariamente pela verdadeira Mulher Loura no hotel Beaurivage, o nome e o endereço da senhora Réal fornecidos por essa verdadeira Mulher Loura na recepção do hotel, e o golpe está dado. O que me diz, Ganimard? Quis lhe contar a aventura no detalhe, sabendo que seu espírito seria o primeiro a se divertir. De fato, ela é deliciosa e confesso que de minha parte achei-a muito engraçada.

Ao senhor, portanto, obrigado, caro amigo, e minhas melhores recordações ao excelente senhor Dudouis.

Arsène Lupin.

- Mas ele controla tudo! – gemeu Ganimard, que nem cogitava rir.
- Sabe de coisas que eu não disse a ninguém. Como podia saber que lhe pediria para vir, chefe? Como podia saber da descoberta do primeiro frasco?... Como podia saber?...

O senhor Dudouis teve pena dele.

- Vamos, Ganimard, console-se, tentaremos fazer melhor da próxima vez.

E o chefe da Sûreté se afastou, na companhia da senhora Réal.

Dez minutos se passaram. Ganimard lia e relia a carta de Lupin. Num canto, o senhor e a senhora de Crozon, o senhor d’Hautrec e o senhor Gerbois conversavam animadamente. Por fim, o conde foi até o inspetor e lhe disse:

- De tudo isso resulta, caro senhor, que não saímos do lugar.
- Discordo. Minha investigação confirmou que a Mulher Loura é a

heroína indiscutível dessas aventuras, dirigida por Lupin. É um passo enorme.

– Contudo, não serve para nada. O problema talvez tenha inclusive ficado mais obscuro. A Mulher Loura mata para roubar o diamante azul e não o rouba. Ela o rouba, e é para se livrar dele em benefício de outro.

– Nada posso fazer quanto a isso.

– Decerto, mas outro talvez pudesse...

– O que quer dizer com isso?

O conde hesitava, mas a condessa tomou a palavra e foi direto ao ponto:

– Há um homem, um só depois do senhor, na minha opinião, capaz de combater Lupin e colocá-lo à sua mercê. Senhor Ganimard, ficaria incomodado se solicitássemos a ajuda de Herlock Sholmes?

Ele ficou sem reação.

– Claro que não... só que... não compreendo direito...

– Preste atenção. Todos esses mistérios me irritam. Quero enxergar claro. O senhor Gerbois e o senhor d'Hautrec têm a mesma vontade e entramos num acordo para nos dirigir ao célebre detetive inglês.

– Tem razão, senhora – pronunciou o inspetor Dudouis com uma lealdade que não deixava de ter certo mérito –, tem razão; o velho Ganimard não está à altura de lutar contra Arsène Lupin. Herlock Sholmes conseguirá? Assim o desejo, pois tenho por ele a maior admiração... No entanto... é pouco provável...

– É pouco provável que ele triunfe?

– É minha opinião. Considero um duelo entre Herlock Sholmes e Arsène Lupin uma coisa previamente definida. O inglês será

derrotado.

– Em todo caso, ele pode contar com o senhor?

– Inteiramente, senhora. Minha colaboração está assegurada sem reservas.

– Sabe seu endereço?

– Sim. Parker Street, 219.

Na mesma noite, o senhor e a senhora de Crozon retiravam sua queixa contra o cônsul Bleichen, e uma carta coletiva era dirigida a Herlock Sholmes.



3

Herlock Sholmes inicia as hostilidades

– O que desejam os cavalheiros?
– Pode escolher... – respondeu Arsène Lupin, a quem detalhes culinários interessavam pouco. – Pode escolher, mas nada de carne nem de álcool.

O garçom se afastou, desdenhoso. Exclamei:

– Como, ainda vegetariano?
– Cada vez mais – afirmou Lupin.
– Por gosto? Por crença? Por hábito?
– Por higiene.
– E nunca abre exceção?
– Oh! sim... quando circulo pela sociedade... para não me singularizar.

Jantávamos os dois nas proximidades da Gare du Nord, nos fundos de um pequeno restaurante, aonde fui instado por Arsène Lupin. Pois é, de tempos em tempos ele manda um telegrama de manhã, marcando um encontro em algum canto de Paris. Nessas

ocasiões, mostra-se sempre com uma verve inesgotável, feliz da vida, simples e bom menino, e sempre com uma anedota inesperada, uma recordação, o relato de uma aventura que eu ignorava.

Nessa noite, pareceu-me ainda mais exuberante do que o normal. Ria e falava com um entusiasmo ímpar e a fina ironia que lhe é peculiar, ironia sem amargura, leve e espontânea. Era um prazer vê-lo assim e não pude me abster de lhe manifestar meu contentamento.

– Pois é – ele exclamou –, há dias em que tudo me parece delicioso, em que a vida fervilha dentro de mim como um tesouro infinito que não conseguirei jamais esgotar. E, no entanto, Deus sabe que vivo sem economizar!

– Talvez até demais.

– O tesouro é infinito, estou lhe dizendo! Posso gastar e desperdiçar, posso lançar minhas forças e minha juventude aos quatro ventos, é o espaço que abro para forças mais vivas e mais jovens... E depois, para falar a verdade, minha vida é tão bonita... Bastaria querer, não é mesmo, para me tornar de um dia para o outro, vejamos... orador, dono de fábrica, político... Pois bem, juro, nunca tal ideia me ocorreria! Arsène Lupin sou, Arsène Lupin permaneço. E procuro em vão na história um destino comparável ao meu, mais bem realizado, mais intenso... Napoleão? Sim, talvez... Mas o Napoleão do fim de sua carreira imperial, durante a campanha da França, quando a Europa o esmagava e ele se perguntava a cada batalha se não era a última que travava.

Falava sério? Brincava? O tom de sua voz esquentara, e ele prosseguiu:

– Pense bem, tudo está no perigo! A sensação ininterrupta do

perigo! Respirá-lo como o ar que respiramos... discerni-lo à sua volta, bufando, rugindo, espreitando, aproximando-se... E, em meio à tempestade, permanecer calmo... não se mexer! Senão, você está perdido... Só existe uma sensação equivalente, a do piloto numa corrida automobilística! Mas uma corrida dura uma manhã, e minha corrida dura a vida inteira!

– Que lirismo!... – exclamei. – E quer me fazer crer que não tem um motivo especial para tamanha efusão!

Ele sorriu.

– Muito bem, você é um psicólogo sensível. De fato, há outra coisa. Serviu-se um grande copo de água gelada, bebeu e me disse:

– Leu o *Le Temps* de hoje?

– Caramba, não.

– Herlock Sholmes atravessou a Mancha esta tarde e chegou por volta das seis horas.

– Diabos! E por quê?

– Uma pequena viagem, presente dos Crozon, do sobrinho d'Hautrec e do Gerbois. Encontraram-se na Gare du Nord e dali juntaram-se a Ganimard. Neste momento, os seis confabulam.

Nunca, a despeito da formidável curiosidade que Arsène Lupin me inspira, permiti-me interrogá-lo sobre os atos de sua vida privada, antes que ele mesmo os abordasse. Há, de minha parte, uma preocupação com a discrição sobre a qual não transijo. Naquele momento, aliás, seu nome ainda não estava envolvido, ao menos oficialmente, no caso do diamante azul. Esperei pacientemente. Ele continuou:

– O *Le Temps* publica igualmente uma entrevista desse excelente Ganimard, segundo a qual uma certa mulher loura, supostamente minha amiga, teria assassinado o Barão d'Hautrec e tentado subtrair

da senhora de Crozon seu famoso anel. E, naturalmente, ele me acusa de ser o instigador desses crimes.

Um ligeiro arrepio me fez estremecer. Seria verdade? Eu deveria crer que a mania de roubar, seu estilo de vida, a própria lógica dos acontecimentos, tinha arrastado aquele homem até o assassinato? Observei-o. Parecia tão calmo, seus olhos me olhavam tão francamente!

Examinei suas mãos; eram modeladas com infinita delicadeza, mãos completamente inofensivas, mãos de artista...

– Ganimard é um alucinado – murmurei.

Ele protestou:

– Não, não, Ganimard tem sutileza... Às vezes até mesmo inteligência.

– Inteligência!

– Sim, sim. Por exemplo, essa entrevista é um golpe de mestre. Primeiro anuncia a chegada de seu rival inglês, para me advertir e tornar a tarefa do outro mais difícil. Depois, revela o ponto exato até onde levou o caso, para que Sholmes só se beneficie das próprias descobertas. É uma boa tática.

– Seja como for, eis você com dois adversários nos braços, e que adversários!

– Oh! Um não conta.

– E o outro?

– Sholmes? Oh! Confesso que esse é dos bons. Mas é justamente o que me apaixona e a razão de você me ver tão bem-humorado. Antes de mais nada, por uma questão de amor-próprio: não julgam exagerado contratar o célebre inglês para me vencer. Em seguida, pense no prazer que deve experimentar um lutador do meu naipe só de pensar num duelo com Herlock Sholmes. Finalmente! Serei

obrigado a me empenhar muito! Conheço o sujeito, ele não recuará um passo.

– Ele é forte.

– Muito forte. Como policial, não creio que jamais tenha existido ou exista outro igual. Por outro lado, levo uma vantagem sobre ele, é que ele ataca e eu me defendo. Meu papel é mais fácil. Além disso...

Sorriu imperceptivelmente, antes de terminar a frase:

– Além disso, conheço sua maneira de lutar, e ele não conhece a minha. Reservo-lhe alguns golpes secretos que o farão refletir...

Ele tamborilava na mesa, extasiado, e deixava escapar pequenas fórmulas:

– Arsène Lupin contra Herlock Sholmes... França contra Inglaterra... Finalmente, Trafalgar será vingada!... Ah! O infeliz... nem desconfia que estou preparado... e um Lupin precavido...

Interrompeu-se subitamente, sacudido por um acesso de tosse, e escondeu o rosto no prato, como se tivesse engasgado.

– Um miolo de pão? – perguntei. – Tome um pouco d'água.

– Não, não é isso – ele disse, com a voz abafada.

– Então... o que é?

– Preciso de ar.

– Deseja que abram a janela?

– Não, vou sair, rápido, passe-me o paletó e o chapéu, vou zarpar...

– Ora, mas o que houve?

– Esses dois cavalheiros que acabam de entrar... está vendo, o mais alto... pois bem, ao sair, caminhe do meu lado esquerdo, de modo que ele não possa me ver.

– Esse que sentou atrás de você?...

– Ele mesmo... por razões pessoais, prefiro... lá fora eu lhe explicarei...

– Mas quem é, então?

– Herlock Sholmes.

Fez um violento esforço para se controlar, como se tivesse vergonha de sua agitação. Largou o guardanapo, engoliu um copo d'água e, sorrindo, inteiramente recuperado, disse-me:

– Engraçado, hein? Não costumo me abalar com facilidade, mas essa visão inesperada...

– O que teme, uma vez que ninguém pode reconhecê-lo, depois de todas as suas transformações? Eu mesmo, todas as vezes que o encontro, penso me encontrar diante de um indivíduo novo.

– Ele me reconhecerá – disse Arsène Lupin. – Só me viu uma vez, mas percebi que me via pela vida inteira e que via não apenas minha aparência, sempre alterável, mas o ser mesmo que sou... E depois... e depois... eu não esperava por isso, caramba!... Que encontro singular... neste pequeno restaurante...

– Muito bem – repliquei –, saímos?

– Não... não...

– O que fará?

– O melhor seria agir francamente... entregar-me a ele...

– Não está pensando nisso...

– Claro que sim, estou... Afinal, eu poderia aproveitar para interrogá-lo, saber o que ele sabe... Ah, pronto, tenho a impressão de que seus olhos pousam na minha nuca, nos meus ombros... e que ele procura... recorda...

Refletiu. Notei um sorriso malicioso no canto dos lábios, depois, obedecendo, creio, mais a um capricho de sua natureza impulsiva do que às exigências da situação, levantou-se bruscamente, voltou-

se e, inclinando-se, todo alegre:

– Mas que coincidência!... É realmente muita sorte... Permita-me apresentar-lhe um de meus amigos...

Por um ou dois segundos, o inglês pareceu desconcertado, pois, num gesto instintivo, quase se atirou sobre Arsène Lupin. Este balançou a cabeça:

– Seria um erro de sua parte... sem falar que o gesto seria deselegante... e tão inútil!

O inglês olhou para os dois lados, como se buscando socorro.

– Isso também não – decretou Lupin. – Aliás, tem mesmo certeza de estar autorizado a me capturar? Vamos, mostre que é um bom jogador.

Mostrar que era um bom jogador, no caso, não era tentador. Foi este, contudo, o partido que pareceu o melhor ao inglês, pois ele, fazendo menção de levantar-se, apresentou com frieza:

– Mister Wilson, meu amigo e colaborador.

– Monsieur Arsène Lupin.

O estupor de Wilson era ridículo. O cenho franzido e a boca larga faziam dois riscos atravessar seu rosto obeso, com a pele luzidia e esticada feito uma maçã, em torno do qual cabelos à escovinha e uma barba curta estavam plantados como talos de capim, grossos e vigorosos.

– Wilson, você não esconde o pasmo diante dos acontecimentos mais naturais deste mundo – riu Herlock Sholmes, com uma nuance de ironia.

Wilson balbuciou:

– Por que não o prende?

– Não percebeu, Wilson, que esse *gentleman* está posicionado entre mim e a porta e a dois passos da rua? Eu não teria tempo de

mexer o dedo mínimo e ele já estaria do lado de fora.

– Não seja por isso – provocou Lupin.

Deu a volta na mesa e sentou-se de maneira que o inglês ficasse entre a porta e ele. Era entregar-se de bandeja.

Wilson observou Herlock Sholmes para saber se tinha o direito de admirar aquele rasgo de audácia. O inglês permaneceu impenetrável. Porém, ao fim de um instante, chamou:

– Garçom!

O garçom correu. Sholmes pediu:

– Refrescos, cerveja e uísque.

A paz estava assinada... até segunda ordem. Em seguida, nós quatro, sentados à mesma mesa, conversávamos tranquilamente.

Herlock Sholmes é um homem... como encontramos todos os dias. Na casa dos cinquenta anos, parece um burguês convicto que teria passado a vida em frente a uma mesa, mantendo livros de contabilidade. Nada o distingue de um honesto cidadão de Londres, nem suas suíças arruivadas, nem seu queixo escanhado, nem seu aspecto um tanto pesado – nada a não ser seus olhos terrivelmente agudos, vivos e penetrantes.

Afinal, trata-se de Herlock Sholmes, isto é, uma espécie de fenômeno de intuição, observação, clarividência e engenhosidade. É como se a natureza tivesse se divertido em pegar os dois tipos de policial mais extraordinários que a imaginação produziu, o Dupin de Edgar Poe e o Lecoq de Gaboriau, para com eles, à sua maneira, construir um terceiro, ainda mais extraordinário e irreal. E, quando ouvimos a história das façanhas que o celebrizaram no mundo inteiro, na verdade nos perguntamos se ele mesmo, esse Herlock Sholmes, não é um personagem lendário, um herói expelido do cérebro de um grande romancista, de um Conan Doyle, por

exemplo.

Imediatamente, como Arsène Lupin o interrogava sobre a duração de sua estadia, Sholmes colocou a conversa em seu verdadeiro terreno.

– Minha estadia depende do senhor, senhor Lupin.

– Oh! – exclamou o outro, rindo. – Se dependesse de mim, eu lhe pediria que embarcasse novamente no seu paquete esta noite.

– Esta noite é um pouco cedo, mas espero que dentro de oito ou dez dias...

– Tanta pressa assim?

– Tenho várias coisas em andamento: o assalto do Banco Anglo-Chinês, o rapto de lady Eccleston... Vejamos, senhor Lupin, acha que uma semana será o suficiente?

– Dá e sobra, caso se atenha ao duplo caso do diamante azul. É, de resto, o lapso de tempo de que preciso para tomar minhas precauções, se a elucidação desse duplo caso vier a lhe dar sobre mim algumas vantagens relativas à minha segurança.

– O problema – disse o inglês – é que pretendo efetivamente obter essas vantagens no espaço de oito a dez dias.

– E me prender no décimo primeiro, talvez?

– No décimo, prazo final.

Lupin refletiu e, balançando a cabeça:

– Difícil... difícil...

– Difícil, sim, mas possível. Logo, uma certeza...

– Certeza absoluta – enfatizou Wilson, como se ele mesmo vislumbrasse claramente a longa série de astúcias que levaria seu amigo ao resultado previsto.

Herlock Sholmes sorriu:

– Wilson, que sabe das coisas, está aqui para ratificá-lo.

E continuou:

– Evidentemente, não disponho de todos os trunfos nas mãos, uma vez que se trata de casos ocorridos alguns meses atrás. Faltam-me os elementos, os indícios sobre os quais tenho o hábito de basear minhas investigações.

– Como manchas de lama e cinzas de cigarro – articulou Wilson, com ar solene.

– Mas, afora as notáveis conclusões do senhor Ganimard, disponho de todas as reportagens escritas a respeito, todas as observações colhidas e, conseqüentemente, algumas ideias pessoais sobre o caso.

– Alguns pontos de vista que nos foram sugeridos seja por análise, seja por hipótese – acrescentou Wilson sentenciosamente.

– Seria indiscreto – perguntou Arsène Lupin, no tom respeitoso que empregava com Sholmes – indagar-lhe a opinião geral que chegou a formar?

De fato, era a coisa mais apaixonante ver aqueles dois homens um diante do outro, cotovelos na mesa, discutindo grave e calmamente como se tivessem um problema árduo para resolver ou devessem entrar num consenso sobre um ponto de controvérsia. E tudo se dava com uma ironia superior, que ambos cultivavam profundamente, como diletantes e artistas. Wilson, por sua vez, regalava-se.

Herlock encheu lentamente seu cachimbo, acendeu-o e se exprimiu com as seguintes palavras:

– Julgo esse caso infinitamente menos complexo do que parece à primeira vista.

– Muito menos, com efeito – repetiu Wilson, eco fiel.

– Digo o caso, pois, para mim, há apenas um. A morte do Barão

d'Hautrec, a história do anel e, não esqueçamos, o mistério do número 514, série 23, não passam das muitas faces do que poderíamos chamar de o enigma da Mulher Loura. Ora, a meu ver, trata-se pura e simplesmente de descobrir o elo que une esses três episódios da mesma história, o fato que prova a unidade dos três métodos. Ganimard, cujo tino é um pouco superficial, vê essa unidade na faculdade de desaparecimento, no poder de ir e vir permanecendo ao mesmo tempo invisível. Essa intervenção do milagre não me satisfaz.

– E o que isso quer dizer?

– Quer dizer que, na minha opinião – articulou com clareza Herlock Sholmes –, a característica dessas três aventuras é seu desígnio manifesto, evidente, embora não percebido até aqui, de levar o caso para o terreno previamente escolhido pelo senhor. Há nisso, de sua parte, mais que um plano, uma necessidade, uma condição *sine qua non* para o êxito.

– Poderia descer a alguns detalhes?

– Nada mais fácil. Por exemplo, desde o início do seu conflito com o senhor Gerbois, não é evidente que o apartamento do doutor Detinan é o local escolhido pelo senhor, o local inevitável onde deve acontecer a reunião? Nenhum outro lhe parece mais seguro, a tal ponto que é lá que o senhor marca o encontro, publicamente poderíamos dizer, com a Mulher Loura e a senhorita Gerbois.

– A filha do professor – esclareceu Wilson.

– Agora, passemos ao diamante azul. Por acaso havia tentado apropriar-se dele desde que o Barão d'Hautrec o possuía? Não. Mas o barão herda a mansão de seu irmão: seis meses depois, intervenção de Antoinette Bréhat e primeira tentativa. O diamante lhe escapa e vem o leilão, organizado com grande estrépito na casa

Drouot. Será limpo esse leilão? O comprador mais rico está seguro de adquirir a joia? De forma alguma. No momento em que o banqueiro Herschmann vai arrematá-lo, uma mulher lhe entrega uma carta de ameaças e é a condessa de Crozon, preparada e influenciada por essa mesma mulher, que compra o diamante. Ele vai desaparecer imediatamente? Não; faltam-lhe os meios. Logo, uma pausa. Mas a condessa se instala em seu castelo. É o que o senhor esperava. O anel desaparece.

– Para reaparecer no pó dentifrício do cônsul Bleichen, anomalia bizarra – objetou Lupin.

– Ora, vamos – exclamou Herlock, batendo na mesa –, não é a mim que deve contar essas baboseiras. Que os imbecis se deixem engambelar, tudo bem, mas não a velha raposa que sou.

– O que significa?...

– O que significa...

Sholmes fez uma pausa, como se quisesse administrar o impacto. Por fim, formulou:

– O diamante azul que descobriram no pó dentifrício é um diamante falso. O verdadeiro está com o senhor.

Arsène Lupin permaneceu calado por um instante; depois, muito simplesmente, com os olhos pregados no inglês:

– É um homem ousado, senhor.

– Um homem ousado, não é mesmo? – repetiu Wilson, pasmo de admiração.

– Sim – afirmou Lupin –, tudo se esclarece, tudo ganha seu verdadeiro sentido. Nenhum dos juízes de instrução, nenhum dos repórteres especiais que se entranharam nesse caso foram tão longe na direção da verdade. É um milagre de intuição e lógica.

– Bah! – fez o inglês, lisonjeado com a homenagem de tamanho

perito. – Bastava refletir.

– Bastava saber refletir, e muitos poucos o sabem! Mas agora que o campo das suposições se estreitou e o terreno foi capinado...

– Pois bem, agora, só preciso descobrir por que as aventuras tiveram seu desfecho no número 28 da rua Clapeyron, no 134 da avenida Henri-Martin e entre os muros do castelo de Crozon. Todo o caso reside aí. O resto não passa de lorota e adivinhação infantil. Não é sua opinião?

– É minha opinião.

– Nesse caso, senhor Lupin, estou errado em repetir que dentro de dez dias minha missão estará terminada?

– Dentro de dez dias, toda a verdade será do seu conhecimento.

– E o senhor será preso.

– Não.

– Não?

– Para que eu seja preso, é necessário um concurso de circunstâncias tão inverossímil, uma série de tristes coincidências tão estarrecedoras, que não admito tal eventualidade.

– O que não podem as circunstâncias e as coincidências adversas, a vontade e a obstinação de um homem poderão, senhor Lupin.

– Se a vontade e a obstinação de outro não opuserem a tal desígnio um obstáculo invencível, senhor Sholmes.

– Não existe obstáculo invencível, senhor Lupin.

O olhar que trocaram foi profundo, sem provocação de nenhuma das partes, mas calmo e insolente.

Era o choque de duas espadas iniciando o duelo, que soava claro e franco.

– Melhor assim – exclamou Lupin –, eis alguém! Um adversário,

uma ave rara, e é Herlock Sholmes! Vamos nos divertir.

– Não tem medo? – perguntou Wilson.

– Quase, senhor Wilson, e a prova – disse Lupin, levantando-se – é que vou apressar minhas disposições de retirada... sem o que poderia ser capturado na toca. Combinamos dez dias, senhor Sholmes?

– Dez dias. Hoje é domingo. De quarta-feira a uma semana, tudo estará terminado.

– E estarei atrás das grades?

– Sem a menor dúvida.

– Raios! E eu tão feliz com a minha vida sossegada. Sem aborrecimentos, um bom fluxo de negócios, a polícia vivendo um inferno, a impressão reconfortante da simpatia universal que me cerca... Precisarei mudar tudo isso! Enfim, é o avesso da medalha... Depois da bonança, a tempestade... Não é mais hora de rir. Adeus...

– Avie-se – alertou Wilson, cheio de solicitude por um indivíduo ao qual Sholmes inspirava tanta consideração –, não perca um minuto.

– Nem um minuto, senhor Wilson, apenas o tempo de lhe dizer como estou feliz com este encontro e como invejo o mestre por ter colaborador tão valioso quanto o senhor.

Cumprimentaram-se cortesmente, como, no terreno de luta, dois adversários a quem nenhum ódio divide, mas que o destino obriga a duelarem sem misericórdia. E Lupin, agarrando meu braço, arrastou-me para a saída.

– O que me diz, meu caro? Eis um repasto cujos incidentes hão de se destacar nas memórias que prepara sobre mim.

Ele fechou a porta do restaurante, parando alguns passos adiante:

– Você fuma?

– Não, mas você tampouco, parece-me.

– Eu tampouco.

Acendeu um cigarro com a ajuda de um fósforo de cera, que agitou várias vezes para apagar. Mas, assim que jogou fora o cigarro, atravessou correndo a rua e se juntou a dois homens que acabavam de surgir da sombra, como chamados por um sinal. Conversou alguns minutos com eles na outra calçada, depois voltou até onde eu estava.

– Peço-lhe perdão, esse diabólico Sholmes vai me dar trabalho. Mas juro que ele não acabou com Lupin ainda... Ah, o malandro, ele verá que sou um osso duro de roer... Até logo. O inefável Wilson tem razão, não tenho um minuto a perder.

Afastou-se rapidamente.

Assim terminou a estranha noite, ou pelo menos a parte da noite em que estive envolvido. Pois, nas horas seguintes, desenrolaram-se outros acontecimentos, que as confidências dos outros comensais desse jantar me permitiram felizmente reconstituir em detalhe.

No exato instante em que Lupin me deixava, Herlock Sholmes puxou seu relógio e se levantou:

– Vinte para as nove. Às nove devo encontrar o conde e a condessa na estação.

– A caminho! – exclamou Wilson, descendo dois copos de uísque um atrás do outro.

Saíram.

– Wilson, não se vire... Talvez estejamos sendo seguidos; nesse caso, vamos agir como se não nos importássemos... Então, Wilson, dê-me sua opinião: por que Lupin estava nesse restaurante?

Wilson não hesitou:

– Para comer.

– Wilson, quanto mais trabalhamos juntos, mais percebo a continuidade dos seus progressos. Palavra de honra, você vai se tornando assombroso.

Na penumbra, Wilson ficou vermelho de prazer, e Sholmes prosseguiu:

– Para comer, vá lá, e em segundo lugar, muito provavelmente, para se certificar de que vou mesmo a Crozon, como anuncia Ganimard em sua entrevista. Vou então, a fim de não o contrariar. Mas, como se trata de ganhar tempo sobre ele, não vou.

– Como? – reagiu Wilson, pasmo.

– Você, meu amigo, siga por essa rua, pegue um coche, dois, três coches. Volte mais tarde para apanhar as valises que deixamos no guarda-volumes e, a galope, dirija-se ao Élysée-Palace.

– E no Élysée-Palace?

– Peça um quarto, deite-se, durma com um olho aberto e aguarde minhas instruções.

Wilson, todo orgulhoso do importante papel que lhe era confiado, partiu. Herlock Sholmes pegou seu bilhete e dirigiu-se ao expresso de Amiens, no qual o conde e a condessa de Crozon já estavam instalados.

Limitou-se a cumprimentá-los, acendeu um segundo cachimbo e fumou tranquilamente, de pé no corredor.

O trem se mexeu. Ao cabo de dez minutos, ele foi sentar-se junto à condessa e lhe disse:

– Está com o anel, senhora?

– Sim.

– Faça a gentileza de me emprestá-lo.

Pegou-o e examinou-o.

- É de fato o que eu pensava, é diamante reconstituído.
- Diamante reconstituído?
- Um novo procedimento que consiste em submeter o pó do diamante a uma temperatura altíssima, de maneira a reduzi-lo em fusão... só faltando reconstituí-lo numa única pedra.
- Como assim?! Meu diamante é verdadeiro.
- O seu, sim, mas este não é o seu.
- E onde está o meu?
- Nas mãos de Arsène Lupin.
- E este, então?
- Foi posto no lugar do seu e enfiado no frasco do senhor Bleichen, onde o encontrou.
- É então falso?
- Completamente falso.

Estupefata, alterada, a condessa se calou, enquanto o marido, incrédulo, virava e revirava a joia em todas as direções. Ela terminou por balbuciar:

- Será possível?! Mas por que não o roubaram pura e simplesmente? E como o surrupiaram?
- É precisamente isso que tratarei de esclarecer.
- No castelo de Crozon?
- Não, descerei em Creil e volto a Paris. É lá que se deve travar o duelo entre mim e Arsène Lupin. As estocadas terão o mesmo efeito em qualquer lugar, mas é preferível que Lupin me julgue em viagem.
- No entanto...
- O que lhe importa, senhora? O essencial é seu diamante, não é?
- Sim.
- Pois bem, fique tranquila. Assumi não faz muito tempo um compromisso muito mais difícil de cumprir. Palavra de Herlock

Sholmes, eu lhe devolverei o diamante verdadeiro.

O trem desacelerava. Ele guardou o falso diamante no bolso e abriu a portinhola do vagão. O conde exclamou:

– Mas o senhor está descendo no meio da pista!

– Assim, se Lupin infiltrou alguém neste vagão, eles perderão meu rastro.

Um funcionário protestou em vão. O inglês se dirigiu ao escritório do chefe da estação. Cinquenta minutos depois, pulava num trem que o deixaria de volta a Paris um pouco antes da meia-noite.

Lá, atravessou a estação correndo, cruzou a área de alimentação, saiu por outra porta e se precipitou dentro de um fiacre.

– Cocheiro, rua Clapeyron.

Tendo adquirido a certeza de que não era seguido, mandou o coche parar no começo da rua e procedeu a um exame minucioso no prédio do doutor Detinan e em dois prédios vizinhos. Dando passadas iguais, media certas distâncias e escrevia observações e algarismos em sua caderneta.

– Cocheiro, avenida Henri-Martin.

Na esquina da avenida com a rua de la Pompe, pagou a corrida, seguiu pela calçada até o 134 e repetiu tais procedimentos em frente ao antigo palacete do Barão d’Hautrec e aos dois prédios laterais, medindo a largura de suas respectivas fachadas e calculando a profundidade dos pequenos jardins que as precedem.

A avenida estava deserta e muito escura sob suas quatro fileiras de árvores, entre as quais, de quando em quando, um bico de gás parecia lutar inutilmente contra a espessura das trevas. Um deles projetava uma pálida luz sobre parte do palacete, e Sholmes viu a placa “aluga-se” pendurada no portão, as duas aleias maltratadas que cercavam o pequeno gramado, e as vastas janelas vazias da

casa desabitada.

“É verdade”, ele constatou, “desde a morte do barão, ninguém mora aqui... Ah, se eu pudesse entrar e fazer uma primeira visita!”

Ao esboçar a ideia, quis logo executá-la. Mas como? Uma vez que a altura do portão inviabilizava qualquer tentativa de escalada, pegou no bolso uma lanterna elétrica e uma chave-mestra da qual não se separava. Para seu grande espanto, percebeu que um dos batentes estava entreaberto. Esgueirou-se então no jardim, cuidando de não fechar o batente. Mal dera três passos, deteve-se. Numa das janelas do segundo andar, avistara uma luz se mexendo.

E a luz passou por uma segunda janela e por uma terceira, sem que ele pudesse ver outra coisa senão uma silhueta perfilar-se nas paredes dos quartos. Do segundo andar, a luz desceu ao primeiro e, demoradamente, vagou de cômodo em cômodo.

“Diabos, quem pode passear à uma da manhã na casa onde o Barão d’Hautrec foi morto?” perguntou-se Herlock, prodigiosamente interessado.

Não havia senão um meio de saber, era ele próprio insinuar-se lá dentro. Não hesitou. Porém, ao se aproximar dos degraus da entrada, ele atravessou a faixa de claridade projetada pelo bico de gás, e o homem deve tê-lo avistado, pois a luz se apagou subitamente e Herlock Sholmes não a viu mais.

Delicadamente, empurrou a porta da entrada. Também estava aberta. Não ouvindo nenhum ruído, arriscou-se na escuridão, encontrou o início do corrimão e subiu um andar. Sempre o mesmo silêncio, nas mesmas trevas.

Ao chegar ao saguão, entrou num cômodo e aproximou-se da janela, que refletia um pouco de luz da noite. Avistou então, do lado de fora, o homem, que, tendo descido por outra escada, sem

dúvida, e saído por outra porta, esgueirava-se à esquerda, ao longo dos arbustos que margeavam o muro entre os dois jardins.

– Diabos – exclamou Sholmes –, ele vai escapar!

Desceu desabalado e transpôs a escada da entrada a fim de lhe cortar a retirada. Contudo, não viu mais ninguém e precisou de alguns segundos para distinguir, no emaranhado dos arbustos, uma massa mais escura e não completamente imóvel.

O inglês refletiu. Por que o indivíduo não tentara fugir, quando poderia tê-lo feito com facilidade? Permaneceria ali para vigiar o intruso que o atrapalhara em sua misteriosa tarefa?

“Em todo caso”, pensou, “não é Lupin. Lupin teria sido mais safo. É alguém do seu bando.”

Longos minutos transcorreram. Herlock não se mexeu, o olho pregado no adversário que o espiava. Mas, como esse adversário não se mexia tampouco, e o inglês não era homem de se entrevar na apatia, o detetive checkou se o tambor do seu revólver funcionava, desembainhou seu punhal e caminhou em direção ao inimigo com a audácia fria e o desdém pelo perigo que o fazem tão temível.

Um ruído seco: o indivíduo engatilhava seu revólver. Herlock se atirou bruscamente sobre a moita. O outro não teve tempo de correr: o inglês já estava em cima dele. Seguiu-se uma luta violenta, desesperada, durante a qual Herlock pressentia o esforço do homem para puxar sua faca. Sholmes, no entanto, excitado com a ideia de sua vitória iminente, o desejo louco de se apoderar, desde o primeiro momento, desse cúmplice de Arsène Lupin, sentia-se tomado por uma força irresistível. Derrubou o adversário, imprensou-o com todo o seu peso e, imobilizando-o com os cinco dedos fincados na garganta do infeliz, como as garras de um abutre,

com a mão livre procurou sua lanterna elétrica, apertou o botão e projetou a luz no rosto de seu prisioneiro.

– Wilson! – berrou, aterrado.

– Herlock Sholmes! – balbuciou uma voz engasgada, cavernosa.

Permaneceram longo tempo um em cima do outro sem trocar uma palavra, ambos aniquilados, o cérebro vazio. A buzina de um automóvel rasgou os ares. Um pouco de vento agitou as folhas. Sholmes não se mexia, os cinco dedos ainda cravados na garganta de Wilson, que exalava um estertor cada vez mais fraco.

De repente, louco de raiva, Herlock largou o amigo, mas para agarrá-lo pelos ombros e sacudi-lo freneticamente.

– O que faz aqui? Responda... o quê?... Por acaso eu lhe disse para se esconder nos arbustos e me espionar?

– Espioná-lo – gemeu Wilson –, mas eu não sabia que era você.

– Então o quê? O que faz aqui? Devia estar deitado.

– Eu me deitei.

– Devia estar dormindo!

– Eu dormi.

– Não devia ter acordado!

– Sua carta...

– Minha carta?...

– Sim, a que um mensageiro me entregou de sua parte no hotel...

– Uma mensagem minha? Enlouqueceu?

– Juro.

– Onde está essa carta?

Seu amigo lhe estendeu uma folha de papel. À luz da lanterna, Sholmes leu-a com estupor:

Wilson, fora da cama! Corra até a avenida Henri-Martin. A casa está vazia. Entre, inspecione, faça uma planta exata e volte para

dormir. Herlock Sholmes.

– Eu estava medindo os cômodos – explicou Wilson –, quando percebi uma sombra no jardim. Só me passou uma coisa pela cabeça...

– Foi agarrar a sombra... A ideia era excelente... Mas, por favor – disse Sholmes, ajudando seu companheiro a se levantar e empurrando-o –, da próxima vez, Wilson, quando receber uma carta minha, certifique-se primeiro de que minha letra não foi imitada.

– Mas então – disse Wilson, começando a vislumbrar a verdade – a carta não é sua?

– Infelizmente, não.

– De quem é?

– De Arsène Lupin.

– Mas com que objetivo ele a escreveu?

– Ah, disso não faço ideia, e é justamente o que me preocupa. Por que diabos ele se deu ao trabalho de importuná-lo? Se ainda fosse comigo, eu compreenderia, mas foi só com você. E me pergunto qual interesse...

– Estou com pressa de voltar ao hotel.

– Eu também, Wilson.

Chegaram ao portão. Wilson, que estava à frente, pegou uma barra e puxou.

– Que estranho – ele disse –, você fechou?

– De forma alguma, deixei o batente apenas encostado.

– No entanto...

Herlock puxou por sua vez, depois, abalado, tentou a fechadura. Uma praga lhe escapou.

– Com mil raios... está fechado! Fechado a chave!

Sacudiu a porta com toda a força, depois, compreendendo a

inutilidade de seus esforços, deixou cair os braços, desanimado, e articulou, com uma voz espasmódica:

– Agora entendi tudo, é ele: Lupin previu que eu desembarcaria em Creil e armou aqui uma bonita ratoeirazinha para o caso de eu começar minha investigação na mesma noite. Além disso, fez a gentileza de me enviar um colega de cativeiro. Tudo isso para me fazer perder um dia e, sem dúvida, para demonstrar que eu faria muito melhor se cuidasse dos meus assuntos...

– Quer dizer que somos seus prisioneiros.

– Você disse tudo. Herlock Sholmes e Wilson são prisioneiros de Arsène Lupin. A aventura começa às mil maravilhas... Mas não, não, isso é inadmissível...

Uma mão desceu sobre seu ombro, a mão de Wilson.

– Lá no alto... olhe lá no alto... uma luz...

Com efeito, uma das janelas do primeiro andar estava iluminada.

Saíram os dois desabalados, cada um por sua escada, chegando ao mesmo tempo na entrada do quarto aceso. No meio do cômodo, ardia uma espécie de vela. Ao lado, havia uma cesta, e dela emergiam o gargalo de uma garrafa, as coxas de um frango e metade de um pão.

Sholmes caiu na risada.

– Magnífico oferecem-nos uma ceia. É o palácio dos feitiços. Um verdadeiro conto de fadas! Vamos, Wilson, não faça essa cara de enterro. Tudo isso é engraçadíssimo.

– Tem certeza de que é engraçadíssimo? – gemeu Wilson, lúgubre.

– Sim, tenho certeza – exclamou Sholmes, com uma alegria um pouco ruidosa demais para ser natural –, quer dizer, nunca vi nada mais engraçado. É um humor sadio... Que mestre da ironia é esse

Arsène Lupin. Ele tapeia você, mas com tanta graça... Eu não cederia meu lugar nesse banquete nem por todo o ouro do mundo... Wilson, meu velho, você me aflige. Estou enganado ou não tem a nobreza de caráter que ajuda a suportar o infortúnio? De que se queixa? A esta hora poderia estar com o meu punhal na garganta... ou eu com o seu na minha... pois era isso que você procurava, funesto amigo.

Conseguiu, à força de humor e sarcasmos, reanimar o pobre Wilson e fazê-lo engolir uma coxa de frango e um copo de vinho. Mas, quando a vela se extinguiu e precisaram deitar para dormir, no assoalho, e aceitar a parede como travesseiro, o lado cruel e ridículo da situação veio à tona. E o sono dos dois foi triste.

Pela manhã, Wilson acordou cheio de câimbras e tiritando de frio. Um leve ruído chamou sua atenção: Herlock Sholmes, de joelhos, curvado, observava grãos de poeira com a lupa e detectava marcas de giz branco, quase apagadas, que formavam algarismos, algarismos que ele anotava em sua caderneta.

Escoltado por Wilson, a quem esse trabalho interessava especialmente, estudou cada cômodo, constatando as mesmas marcas de giz em outros dois. E encontrou igualmente dois círculos nos painéis de carvalho, uma flecha num lambri e quatro algarismos em quatro degraus da escada.

Ao fim de uma hora, Wilson lhe disse:

– Os números são precisos, não é?

– Precisos, não faço ideia – respondeu Herlock, a quem tais descobertas haviam devolvido o bom humor. – Em todo caso, significam alguma coisa.

– Uma coisa óbvia – replicou Wilson –, representam o número de tacos do assoalho.

– Ah!

– Quanto aos dois círculos, indicam que os painéis são falsos, como pode comprovar, e a flecha está apontada na direção do elevador de pratos.

Herlock Sholmes fitou-o maravilhado.

– E essa agora! Ora, querido amigo, como sabe de tudo isso? Sua clarividência chega a me deixar encabulado.

– Oh, é muito simples – explicou Wilson, estufando de alegria –, fui eu que tracei essas marcas ontem à noite, seguindo suas instruções, ou melhor, as de Lupin, uma vez que a carta que me enviou é dele.

Talvez nesse minuto Wilson tenha corrido um perigo mais terrível do que durante sua luta com Sholmes na moita. O detetive sentiu uma vontade feroz de estrangulá-lo. Dominando-se, esboçou uma careta que se pretendia um sorriso e sentenciou:

– Perfeito, perfeito, eis um excelente trabalho que nos adianta muito. Seu admirável espírito de análise e de observação foi empregado em alguma outra questão? Tirarei proveito dos resultados alcançados.

– Juro que não. Parei nisso.

– Que pena! O começo foi promissor. Mas, já que é assim, só nos resta ir embora.

– Ir embora! E como?

– Segundo o modo habitual das pessoas honestas que vão embora: pela porta.

– Está fechada.

– Alguém abrirá.

– Quem?

– Queira chamar esses dois policiais a postos na avenida.

– Mas...

– Mas o quê?

– É humilhante demais... Que dirão quando souberem que você, Herlock Sholmes, e eu, Wilson, ficamos prisioneiros de Arsène Lupin?

– O que fazer, meu caro, vão se contorcer de rir – respondeu Herlock, a voz seca, o rosto contraído. – Mas não podemos tomar esta casa como domicílio.

– E não vai tentar nada?

– Nada.

– No entanto, o homem que nos trouxe o cesto com o lanche não atravessou o jardim nem quando chegou nem quando partiu. Logo, existe outra saída. Vamos procurá-la e não precisaremos recorrer aos guardas.

– Poderosamente raciocinado. Só está esquecendo que a polícia de Paris procurou essa saída há seis meses e que eu mesmo, enquanto você dormia, percorri o palacete de alto a baixo. Ah! meu bom Wilson, Arsène Lupin é uma caça com que não estamos habituados. Não deixa nenhum rastro...

Às onze horas, Herlock Sholmes e Wilson foram libertados... e conduzidos ao posto policial mais próximo, onde o comissário, após interrogá-los severamente, soltou-os com uma afetação irritante ao extremo:

– Sinto muito, cavalheiros, pelo que lhes aconteceu. Os senhores terão uma triste opinião da hospitalidade francesa. Meu Deus, que noite devem ter passado! Ah, esse Lupin realmente não tem o menor respeito.

Um coche levou-os até o Élysée-Palace. Na recepção, Wilson pediu a chave de seu quarto.

Após algumas buscas, o funcionário respondeu, bastante espantado:

– Mas, senhor, o senhor já desocupou este quarto.

– Eu! E como?

– Com sua carta desta manhã, que seu amigo nos entregou.

– Que amigo?

– O senhor que nos entregou sua carta... Veja, seu cartão de visita ainda está anexado nela. Aqui os tem.

Wilson pegou-os. Era de fato um de seus cartões de visita, e, na carta, era de fato sua letra.

– Santo Deus – murmurou –, outro golpe baixo. E acrescentou ansiosamente: – E as bagagens?

– Seu amigo levou.

– Ah!... E os senhores as entregaram?

– Claro, uma vez que sua carta nos autorizava.

– Com efeito... com efeito...

Os dois saíram à deriva pelos Champs-Élysées, calados e devagar. Um bonito sol de outono iluminava a avenida. O ar estava ameno e leve.

Na rotunda, Herlock acendeu seu cachimbo e seguiu adiante. Wilson exclamou:

– Não compreendo, Sholmes, esta sua calma. Zombam de você, brincam com você de gato e rato... E você não fala nada!

Sholmes parou e lhe disse:

– Wilson, estou pensando no seu cartão de visita.

– O que tem ele?

– Tem o seguinte: eis um homem que, prevendo uma luta possível contra nós, arranhou amostras de sua caligrafia e da minha, e que ainda possui, prontinho na carteira, um cartão de visita seu. Vê o

que isso representa de precaução, vontade perspicaz, método e organização?

– Isso quer dizer?...

– Isso quer dizer, Wilson, que para combater um inimigo tão prodigiosamente armado, tão magnificamente preparado – e vencê-lo –, é preciso ser... é preciso ser eu. E mesmo assim, Wilson, como você pode ver – acrescentou, rindo –, não triunfamos na primeira tentativa.

Às seis horas, o *Écho de France*, na edição vespertina, publicava a seguinte a nota:

Esta manhã, o senhor Thénard, Comissário de Polícia do 16º Distrito, libertou os senhores Herlock Sholmes e Wilson, trancafiados sob os auspícios de Arsène Lupin no palacete do finado Barão d'Hautrec, onde haviam passado uma excelente noite.

Aliviados, além disso, de suas valises, eles depositaram uma queixa contra Arsène Lupin.

Arsène Lupin, que dessa vez contentou-se em infligir aos dois uma pequena lição, suplica-lhes que não o obriguem a medidas mais graves.

– Bah! – fez Herlock Sholmes, amassando o jornal. – Criancices! É a única coisa que censuro a Lupin... o excesso de criancice... A plateia é muito importante para ele... Há um moleque nesse homem!

– Ora, Herlock, onde está a calma de antes?

– Continuo calmo – replicou Sholmes, num tom em que fervilhava a cólera mais terrível. – Para que me irritar? Tenho tanta certeza de que a última palavra será minha!



4

Um pouco de luz sobre as trevas

Por mais bem forjado que seja o caráter de um homem – e Sholmes é dessas criaturas a quem a má sorte não atinge –, há, todavia, circunstâncias em que o mais intrépido sente necessidade de recompor suas forças antes de enfrentar novamente as vicissitudes de uma batalha.

– Vou tirar folga hoje – ele disse.

– E eu?

– Você, Wilson, vai comprar roupas e cuecas para refazer nosso guarda-roupa. Enquanto isso, vou descansar.

– Descanse, Sholmes. Eu vigio.

Wilson pronunciou essas duas palavras com toda a importância de uma sentinela posicionada nas primeiras fileiras e, por conseguinte, exposta aos piores perigos. Estufou o peito. Retesou os músculos. Com um olho de águia, examinou o espaço do pequeno quarto de hotel onde haviam se instalado.

– Vigie, Wilson. Aproveitarei para elaborar um plano de campanha

mais adequado ao adversário que temos pela frente. Veja, Wilson, nós nos enganamos sobre Lupin. Temos de recomeçar do princípio.

– Ou até de antes, se possível. Mas temos tempo?

– Nove dias, velho camarada! São cinco a mais.

O inglês passou a tarde inteira fumando e dormindo. Só no dia seguinte deu início aos trabalhos.

– Estou pronto, Wilson, agora vamos caminhar.

– Caminhemos – exclamou Wilson, transbordando de ardor marcial. – Confesso que, de minha parte, sinto as pernas formigar.

Sholmes teve três longas entrevistas – com o doutor Detinan em primeiro lugar, cujo apartamento ele estudou nos menores detalhes; com Suzanne Gerbois, a quem telegrafara para vir e a quem interrogou sobre a Mulher Loura; com a irmã Auguste, por fim, reclusa no convento das Visitandinas desde o assassinato do Barão d’Hautrec.

A cada visita, Wilson esperava do lado de fora, e a cada vez perguntava:

– Satisfeito?

– Muito.

– Eu estava certo, estamos no caminho certo. Caminhemos.

Caminharam muito. Visitaram os dois prédios que ladeiam o palacete da avenida Henri-Martin, depois foram até a rua Clapeyron e, enquanto examinava a fachada do número 25, Sholmes continuou:

– É evidente que existem passagens secretas entre todos esses prédios... Mas o que não percebo...

Lá no fundo, e pela primeira vez, Wilson duvidou da onipotência de seu genial chefe. Por que falava tanto e agia tão pouco?

– Por quê?! – exclamou Sholmes, respondendo aos pensamentos

íntimos de Wilson. – Porque, com esse diabo do Lupin, trabalhamos no vazio, ao acaso, e, em vez de extrair a verdade de fatos precisos, temos de arrancá-la de seu próprio cérebro, para em seguida verificar se ela se encaixa nos acontecimentos.

– Mas e as passagens secretas?

– O que é que tem? Mesmo quando eu as descobrir, tanto aquela que permitiu a Lupin entrar na casa de seu advogado quanto aquela que a Mulher Loura seguiu após o assassinato do Barão d’Hautrec, terei avançado alguma coisa? Isso me forneceria armas para atacá-lo?

– Por via das dúvidas, ataquemos – exclamou Wilson.

Não tinha terminado essas palavras quando recuou, com um grito. Alguma coisa acabava de cair aos seus pés, um saco de areia cheio até a metade, que poderia tê-los ferido gravemente.

Sholmes levantou a cabeça, operários trabalhavam num andaime preso na sacada do quinto andar.

– Muito bem! Estamos com sorte – exclamou. – Um passo a mais e receberíamos no crânio o saco de um desses desastrados. Até parece que...

Interrompeu-se, depois correu em direção ao prédio, subiu os cinco andares, tocou, irrompeu no apartamento, para grande pavor do criado, e dirigiu-se à sacada. Não havia ninguém.

– Os operários que estavam aqui?... – indagou ao criado.

– Acabam de partir.

– Por onde?

– Ora, pela escada de serviço.

Sholmes debruçou-se para fora. Viu dois homens sair do prédio, empurrando suas bicicletas. Subiram no selim e desapareceram.

– Faz muito tempo que eles trabalham nesse andaime?

– Esses aí? Chegaram hoje de manhã. São novos.

Sholmes juntou-se a Wilson.

Retornaram ao hotel melancolicamente e esse segundo dia terminou num mutismo tristonho.

No dia seguinte, o ritual se repetiu. Sentaram-se no mesmo banco da avenida Henri-Martin e, para grande desespero de Wilson, que não se divertia nem um pouco, foi uma tocaia sem fim defronte dos três prédios.

– O que espera, Sholmes? Que Lupin saia desses prédios?

– Não.

– Que a Mulher Loura apareça?

– Não.

– Então o quê?

– Espero que um pequeno fato se produza, um fatozinho qualquer, que me sirva de ponto de partida.

– E se ele não se produzir?

– Nesse caso, alguma coisa se produzirá em mim, uma centelha que ateará fogo na pólvora.

Um único incidente rompeu a monotonia daquela manhã, porém de maneira desagradável.

O cavalo de um senhor, que seguia pela aleia equestre situada entre as duas pistas da avenida, desgarrou e veio abalroar o banco onde os dois estavam sentados, de maneira que sua anca resvalou no ombro de Sholmes.

– He, he! – escarneceu, com um sorrisinho. – Mais um pouco e me fraturava o ombro!

O sujeito procurava dominar sua montaria. O inglês sacou seu revólver e mirou. Wilson agarrou-lhe o braço com energia.

– Está louco, Herlock! Ora vamos... vai matar esse *gentleman*!

– Solte-me, Wilson... solte-me.

Começou uma luta entre eles, durante a qual o senhor dominou sua montaria e esporeou.

– Agora pode atirar – exclamou Wilson, triunfante, quando o cavaleiro se distanciou um pouco.

– Ora, seu imbecil ao cubo, não percebeu que era um cúmplice de Arsène Lupin?

Sholmes tremia de raiva. Wilson, digno de pena, balbuciou:

– O que está dizendo? Esse *gentleman*?

– Cúmplice de Lupin, assim como os operários que jogaram o saco em nossa cabeça.

– Acha isso possível?

– Possível ou não, era um meio de termos certeza.

– Matando esse *gentleman*?

– Abatendo seu cavalo, pura e simplesmente. Não fosse por você, eu teria um dos cúmplices de Lupin. Percebeu sua tolice?

A tarde foi melancólica. Não trocaram uma palavra. Às cinco horas, enquanto os dois vagavam pela rua Clapeyron, ao mesmo tempo tomando o cuidado de se manter afastados dos prédios, três jovens operários que cantavam de braços dados esbarraram neles e quiseram seguir adiante sem se soltar. Sholmes, que estava de mau humor, opôs-se a isso. Houve um breve empurra-empurra. Sholmes, fazendo pose de pugilista, desferiu um soco no peito, um soco na cara e derrubou dois dos três jovens, que, sem insistirem mais, afastaram-se, assim como seu companheiro.

– Ah! – exclamou. – Como isso me fez bem... Eu estava justamente muito tenso... excelente trabalho...

Mas, percebendo Wilson recostado no muro, disse-lhe:

– Epa! O que houve, velho camarada? Você está lívido.

O velho camarada mostrou seu braço, que pendia inerte, e balbuciou:

– Não sei o que tenho... uma dor no braço.

– Uma dor no braço? É grave?

– Sim... sim... o braço direito...

Apesar de todos os seus esforços, não conseguia mexê-lo. Sholmes apalpou-o, delicadamente primeiro, depois de maneira mais rude, “para verificar”, disse, “o grau exato da dor”. O grau exato da dor foi tão elevado que, preocupadíssimo, ele entrou numa farmácia da vizinhança, onde Wilson viu-se forçado a desmaiar.

O farmacêutico e seus ajudantes acorreram. Constataram que o braço estava quebrado e falou-se logo em cirurgião, operação e casa de saúde. Nesse ínterim, despiram o paciente, que, sacudido pela dor, começou a dar gritos.

– Ótimo... ótimo... perfeito... – dizia Sholmes, que se encarregara de segurar o braço –, um pouco de paciência, meu velho camarada... dentro de cinco ou seis semanas estará curado... Mas eles me pagarão, os velhacos! Está ouvindo... ele sobretudo... pois foi novamente o desgraçado do Lupin que armou o golpe... Ah! juro que se um dia...

Calou-se bruscamente e soltou o braço, o que causou em Wilson tamanho sobressalto de dor que o pobre coitado desmaiou novamente... e, batendo na testa, articulou:

– Wilson, tenho uma ideia... será que por acaso?...

Ele não se mexia, os olhos fixos, e resmungava fragmentos de frases.

– Claro, é isso... tudo se explicaria... Procuramos longe o que está ao nosso lado... Ah, mas é claro, eu sabia que bastava refletir... Ah, meu bom Wilson, acho que vai ficar satisfeito!

E, deixando para trás o velho camarada, desabalou para a rua e correu até o número 25.

Acima e à direita da porta, gravado numa das pedras, lia-se: *Destange, arquiteto, 1875.*

No 23, os mesmos dizeres.

Até aí, nada de anormal. Mas lá, na avenida Henri-Martin, o que haveria?

Um coche passava.

– Cocheiro, avenida Henri-Martin, número 134, no galope.

De pé no coche, ele instigava o cavalo e oferecia gorjetas ao cocheiro.

– Mais rápido!... Mais rápido ainda!

Qual não foi sua angústia no cruzamento da rua de la Pompe! Teria sido um fiapo da verdade que entrevira?

Numa das pedras do palacete, estavam gravadas estas palavras: *Destange, arquiteto, 1874.*

Nos prédios vizinhos, a mesma informação: *Destange, arquiteto, 1874.*

O choque dessas emoções foi tão grande que ele se recolheu por alguns minutos no fundo do coche, tendo arrepios de alegria. Por fim, uma luzinha vacilou em meio às trevas! Na grande floresta escura, onde mil veredas se cruzavam, eis que recolhia o primeiro indício de uma pista seguida pelo inimigo!

Numa agência de correio, pediu uma ligação telefônica para o castelo de Crozon. A própria condessa atendeu.

– Alô!... É a senhora, madame?

– Senhor Sholmes, não é? Como vai?

– Muito bem, mas estou com pressa. Pode me dizer... alô... só uma palavrinha...

– Estou ouvindo.
– Em que época foi construído o castelo de Crozon?
– Ele pegou fogo há trinta anos e foi reconstruído.
– Por quem? Em que ano?
– Uma inscrição acima da escada da entrada diz: *“Lucien Destange, arquiteto, 1877”*.

– Obrigado, madame, meus cumprimentos.

Partiu, murmurando:

– Destange... Lucien Destange... Esse nome não me é estranho.

Passando por um gabinete de leitura, consultou um dicionário biográfico moderno e copiou o verbete relativo a *“Lucien Destange, nascido em 1840, Grand Prix de Roma, oficial da Legião de Honra, autor de obras muito apreciadas sobre arquitetura... etc.”*

Dirigiu-se então à farmácia e, de lá, à casa de saúde para onde haviam levado Wilson. Em seu leito de tortura, o braço aprisionado numa tala, tiritando de febre, o velho camarada divagava.

– Vitória! Vitória! – exclamou Sholmes. – Agarrei uma das pontas do fio.

– De que fio?

– Aquele que me levará ao objetivo! Vou caminhar em terreno sólido, onde haverá digitais, indícios...

– Cinzas de cigarro? – perguntou Wilson, cujo interesse pela situação o reanimava.

– E muitas outras coisas! Pense um pouco, Wilson, descobri o elo misterioso que unia entre si as diferentes aventuras da Mulher Loura. Por que as três moradias onde se concluíram essas três aventuras foram escolhidas por Lupin?

– Sim, por quê?

– Porque essas três moradias, Wilson, foram construídas pelo

mesmo arquiteto. Fácil de adivinhar, dirá você? Decerto... daí ninguém ter pensado nisso.

– Ninguém, exceto você.

– Exceto eu, que agora sei que o mesmo arquiteto, combinando plantas análogas, tornou possível o desfecho dos três atos, aparentemente milagrosos, na realidade simples e fáceis.

– Que felicidade!

– E já não era sem tempo, velho camarada, eu estava começando a perder a paciência... Afinal, já estamos no quarto dia.

– De dez.

– Oh! Daqui em diante...

Ele não parava no lugar, exuberante e alegre, ao contrário de seu estilo.

– Não, mas quando penso que, ainda há pouco, na rua, esses patifes poderiam ter quebrado meu braço como fizeram com o seu. O que me diz sobre isso, Wilson?

Wilson limitou-se a sentir um arrepio diante daquela horrível suposição. E Sholmes continuou:

– Que essa lição nos ensine! Veja, Wilson, nosso grande erro foi combater Lupin com o rosto descoberto e nos oferecer gentilmente aos seus golpes. Menos mal, uma vez que ele só atingiu você...

– E que me saí apenas com um braço quebrado – gemeu Wilson.

– Quando podia ter quebrado os dois. Mas chega de fanfarronadas. Em plena luz do dia e vigiado, fui vencido. Na sombra, e livre para me deslocar, a vantagem é minha, sejam quais forem as forças do inimigo.

– Ganimard poderia ajudá-lo.

– Jamais! O dia em que eu puder dizer: Arsène Lupin está aqui,

eis o seu covil, e eis como podemos deitar-lhe as mãos, irei catar Ganimard num dos dois endereços que ele me deu: o seu domicílio, na rua Pergolèse, ou a taberna suíça, na praça do Châtelet. Daqui até lá, ajo sozinho.

Aproximou-se do leito, colocou a mão no ombro de Wilson – o ombro lesionado, naturalmente – e disse com grande afeição:

– Cuide-se, meu velho camarada. Doravante seu papel consiste em ocupar dois ou três homens de Arsène Lupin, que, para encontrar meu rastro, esperarão à toa que eu venha saber notícias dele. É um papel de confiança.

– Um papel de confiança e lhe agradeço por isso – replicou Wilson, cheio de gratidão. – Farei de tudo para desempenhá-lo conscienciosamente. Mas, pelo que vejo, você não volta mais?

– Para fazer o quê? – perguntou friamente Sholmes.

– Com efeito... com efeito... melhor eu não podia estar. Então, um último favor, Herlock: pode me dar alguma coisa para beber?

– Para beber?

– Sim, estou morrendo de sede, e com a minha febre...

– Oh, como não! É para já...

Remexeu em duas ou três garrafas, percebeu um pacote de fumo, acendeu seu cachimbo e, como se não tivesse sequer ouvido o pedido do amigo, foi embora, enquanto o velho camarada implorava com o olhar por um copo d'água inacessível.

– O SENHOR DESTANGE!

O criado considerou o indivíduo para o qual acabava de abrir a porta da mansão – a magnífica mansão na esquina da praça Malesherbes com a rua Montchanin – e, diante do aspecto daquele homenzinho de cabelos grisalhos, barba por fazer, e cuja comprida pelerine escura, de um asseio duvidoso, conformava-se às

bizarrices de um corpo que a natureza havia singularmente maltratado, respondeu com o desdém que convinha:

– O senhor Destange está ou não está. Isso depende. O cavalheiro tem um cartão?

O cavalheiro não tinha um cartão, mas tinha uma carta de apresentação, e o criado foi levar essa carta ao senhor Destange. Este deu ordens para que o recém-chegado entrasse.

Ele foi então introduzido numa imensa rotunda, que ocupava uma das alas da mansão e cujas paredes estavam cobertas de livros. O arquiteto indagou:

– É o senhor Stickmann?

– Sim, senhor.

– Meu secretário me comunicou que está doente e lhe envia para continuar a catalogação geral dos livros que ele começou sob minha direção, e, mais especialmente, dos livros alemães. Tem experiência com esse tipo de trabalho?

– Sim, senhor, uma longa experiência – respondeu o senhor Stickmann com um forte sotaque alemão.

Nessas condições, o acordo foi logo firmado e, sem demora, o senhor Destange pôs-se ao trabalho com seu novo secretário.

Herlock Sholmes estava no lugar certo.

Para escapar à vigilância de Lupin e penetrar na mansão onde Lucien Destange morava com a filha Clotilde, o ilustre detetive tivera de dar um mergulho no desconhecido, acumular estratégias, obter, sob os nomes mais variados, as boas graças e confidências de uma série de personagens. Em suma, vivera, durante quarenta e oito horas, uma vida cheia de complicações.

Em sua pesquisa, apurara o seguinte: o senhor Destange, com a saúde abalada e desejando repousar, retirara-se dos negócios e

vivia entre as coleções de livros sobre arquitetura que reunira. Nenhuma diversão lhe interessava, afora o espetáculo e a manipulação dos velhos tomos empoeirados.

Quanto à sua filha Clotilde, tinha fama de excêntrica. Sempre enfermiça, como o pai, mas morando em outra ala da mansão, nunca saía.

“Nada disso”, ele ruminava, inscrevendo num registro títulos de livros que o senhor Destange lhe ditava, “nada disso é decisivo, mas que passo à frente! Será possível que eu não descubra a solução de um desses problemas apaixonantes: o senhor Destange é parceiro de Arsène Lupin? Continua a vê-lo? Existem papéis relativos à construção dos três prédios? Esses papéis não me fornecerão o endereço de outros prédios, igualmente traiçoeiros, que Lupin teria reservado para ele e seu bando?”

O senhor Destange, cúmplice de Arsène Lupin! Aquele homem venerável, oficial da Legião de Honra, trabalhando ao lado de um assaltante? A hipótese era inadmissível. Aliás, aceitando tal cumplicidade, como o senhor Destange poderia ter previsto, trinta anos antes, as evasões de Arsène Lupin, então ainda um bebê?

Não importa! O inglês se obstinava. Com seu faro prodigioso, com o instinto que lhe é peculiar, percebia um mistério rondando à sua volta. Presumia isso a partir de pequenas coisas que não saberia precisar, mas que intuía desde que entrara na mansão.

Na manhã do segundo dia, ainda não fizera nenhuma descoberta interessante. Às duas horas, viu pela primeira vez Clotilde Destange, que viera buscar um livro na biblioteca. Era uma mulher de uns trinta anos, morena, de gestos lentos e silenciosos, cujo rosto conservava a expressão indiferente daqueles que vivem fechados em si mesmos. Trocou algumas palavras com o senhor

Destange e se retirou, sem ao menos voltar os olhos para Sholmes.

A tarde se arrastou, monótona. Às cinco horas, o senhor Destange comunicou que ia sair. Sholmes permaneceu sozinho na galeria circular situada à meia altura da rotunda. O dia chegava ao fim. Também se dispunha a partir quando um estalo ressoou. Instantaneamente, ele teve a sensação de que havia mais alguém no ambiente. Longos minutos se sucederam uns aos outros. E de repente ele foi percorrido por um arrepio: uma sombra emergia da semipenumbra, bem perto dele, na sacada. Como podia ser? Há quanto tempo aquele personagem invisível lhe fazia companhia? E de onde viera?

O homem desceu os degraus e se encaminhou para um grande armário de carvalho. Dissimulado atrás dos reposteiros que pendiam sobre a balaustrada da galeria, de joelhos, Sholmes observou e viu o homem, que remexia nos papéis que atulhavam o armário. O que procurava?

E eis que de repente a porta se abriu e a senhorita Destange entrou precipitadamente, dizendo a alguém que a seguia:

– Então não vai mesmo sair, pai?... Nesse caso vou acender as luzes... um segundo... não se mexa...

O homem empurrou os batentes do armário e se escondeu na reentrância de uma grande janela, cujas cortinas puxou sobre si. Como a senhorita Destange não o viu? Como não o ouviu? Muito calmamente, ela girou o botão da eletricidade e deu passagem ao pai. Sentaram-se um ao lado do outro. Ela pegou um volume que trouxera e começou a ler.

– Seu secretário então não está mais aqui? – ela disse, ao fim de um instante.

– Não... como vê...

– Continua satisfeito com ele? – ela continuou, como se ignorasse a doença do verdadeiro secretário e sua substituição por Stickmann.

– Continuo... continuo...

A cabeça do senhor Destange pendia de um lado a outro. Ele adormeceu.

Passou um tempo. A jovem lia. Nesse ínterim, uma das cortinas da janela foi afastada, e o homem se esgueirou ao longo da parede, na direção da porta, movimento que o fazia passar por trás do senhor Destange, mas em frente a Clotilde, e de tal maneira que Sholmes pôde vê-lo distintamente. Era Arsène Lupin.

O inglês teve um calafrio de alegria. Seus cálculos estavam certos, ele penetrara no próprio âmago do misterioso caso, Lupin estava no lugar previsto.

Clotilde, contudo, não se mexia, embora fosse inadmissível que um único gesto daquele homem lhe escapasse. Lupin estava quase alcançando a porta e já estendia o braço para a maçaneta quando um objeto caiu de uma mesa, resvalado por sua roupa. O senhor Destange acordou sobressaltado. Arsène Lupin já estava à sua frente, chapéu na mão e sorridente.

– Maxime Bermond – exclamou o senhor Destange com alegria. – Querido Maxime!... Que bons ventos o trazem?

– O desejo de vê-lo, bem como a senhorita Destange.

– Então voltou de viagem?

– Ontem.

– E fica para jantar?

– Não, janto com amigos em um restaurante.

– Amanhã, então? Clotilde, insista para que ele venha amanhã.

Ah, esse bom Maxime... Justamente, eu pensava em você nos últimos dias.

– Verdade?

– Sim, estava arrumando meus papéis antigos, nesse armário, e encontrei nossa última conta.

– Que conta?

– A da avenida Henri-Martin.

– Como? Ainda guarda essa papelada? Para quê?...

Instalaram-se os três numa saleta que se comunicava à rotunda por um amplo arco.

“Será Lupin?”, ruminou Sholmes, invadido por uma dúvida súbita.

Sim, com toda a certeza era ele, mas era outro homem também, que se parecia com Arsène Lupin em certos aspectos e que, não obstante, conservava sua individualidade singular, seus traços pessoais, seu olhar, a cor do cabelo...

De terno, gravata branca, camisa modelando o torso, ele falava alegremente, contando histórias das quais o senhor Destange ria com gosto e que desenhavam um sorriso nos lábios de Clotilde. E cada um daqueles sorrisos parecia uma recompensa que Arsène Lupin buscava e se regozijava de ter obtido. Redobrava de espirituosidade e gaiatice e, imperceptivelmente, ao som daquela voz alegre e franca, o rosto de Clotilde se animava e perdia a expressão de frieza que o tornava tão pouco simpático.

“Eles se amam”, pensou Sholmes, “mas que diabos pode haver de comum entre Clotilde Destange e Maxime Bermond? Ela sabe que Maxime Bermond não é outro senão Arsène Lupin?”

Até as sete horas, escutou ansiosamente, tirando proveito das menores palavras. Em seguida, com infinitas precauções, desceu e atravessou o lado do aposento onde não corria o risco de ser visto da sala.

Do lado de fora, Sholmes certificou-se de que não havia nem

automóvel nem fiacre no ponto, e afastou-se claudicando pelo bulevar Malesherbes. Porém, numa rua adjacente, colocou nas costas o paletó que carregava no braço, deformou seu chapéu, aprumou-se e, assim metamorfoseado, voltou até a praça, onde esperou, os olhos pregados na porta da mansão Destange.

Arsène Lupin saiu quase imediatamente, e, pelas ruas de Constantinople e de Londres, dirigiu-se ao centro de Paris. Cem passos atrás dele, caminhava Herlock.

Minutos deliciosos para o inglês! Aspirava sofregamente o ar, como um bom cão que fareja a pista fresca! De fato, parecia-lhe uma coisa infinitamente agradável seguir seu adversário. Não era mais ele sendo vigiado, e sim Arsène Lupin, o invisível Arsène Lupin. Segurava-o, por assim dizer, pela ponta de seu olhar, como se o prendesse com amarras impossíveis de romper. E se deleitava, observando, entre os pedestres, aquela presa que lhe pertencia.

Mas um fenômeno bizarro não demorou a impressioná-lo no intervalo que o separava de Arsène Lupin: outras pessoas avançavam na mesma direção, em especial dois rapagões de chapéu redondo, na calçada da esquerda, e outros dois, de boné e cigarro na boca, na calçada da direita.

Talvez fosse apenas uma coincidência. Mas Sholmes, contudo, espantou-se mais ainda quando, tendo Lupin entrado num quiosque de tabaco, os quatro homens pararam – e mais ainda quando tornaram a andar ao mesmo tempo que ele, porém separados agora, cada qual evoluindo do seu lado pela Chaussée d'Antin.

“Maldição”, pensou Sholmes, “ele está sendo seguido!”

A ideia de que outros estavam no rastro de Arsène Lupin, de que outros lhe arrebatavam não a glória – preocupava-se pouco com isso –, mas o prazer imenso, a ardente volúpia de, sozinho, derrotar

o mais temível inimigo que jamais havia encontrado, essa ideia o exasperava. No entanto, era impossível que se enganasse, os homens tinham o ar displicente, o ar excessivamente natural daqueles que, embora regulando seu passo ao de outra pessoa, não querem ser notados.

“Ganimard saberia mais do que diz saber?”, murmurou Sholmes. “Estará me fazendo de bobo?”

Teve vontade de abordar um dos quatro indivíduos, a fim de tirar aquilo a limpo. Porém, nas proximidades do bulevar, com a multidão engrossando, temeu perder Lupin e apertou o passo. Flagrou-o subindo a escada do restaurante húngaro, na esquina da rua Helder. A porta estava aberta, de maneira que Sholmes, sentado num banco do bulevar, do outro lado da rua, viu-o ocupar um lugar numa mesa luxuosamente posta, enfeitada com flores, e onde já se encontravam três senhores de terno e duas damas extremamente elegantes, que o acolheram com demonstrações de simpatia.

Herlock procurou com o olhar os quatro perseguidores e os avistou, misturados aos grupos que escutavam a orquestra de ciganos de um café próximo. Coisa curiosa, não pareciam ocupar-se com Arsène Lupin, e sim, muito mais, com as pessoas que os cercavam.

Um deles, de repente, pegou um cigarro no bolso e abordou um senhor de redingote e cartola. O senhor ofereceu a brasa de seu charuto, e Sholmes teve a impressão de que conversavam, aliás mais tempo do que teria exigido o ato de acender um cigarro. Por fim, o senhor subiu os degraus da escada e deu uma espiada na sala do restaurante. Percebendo Lupin, avançou, confabulou alguns instantes com ele, depois escolheu uma mesa próxima, e então Sholmes constatou que esse senhor não era outro senão o homem

a cavalo da avenida Henri-Martin.

Então compreendeu. Não só Arsène Lupin não estava sendo seguido, como aqueles homens faziam parte do seu bando! Aqueles homens zelavam por sua segurança! Eram seus guarda-costas, seus satélites, sua escolta atenta. Em toda parte onde o patrão corresse perigo, os cúmplices lá estavam, prontos a alertá-lo, prontos a defendê-lo. Cúmplices, os quatro indivíduos! Cúmplice o senhor de redingote.

Um calafrio percorreu o inglês. Seria possível que jamais conseguisse capturar aquela criatura inviolável? Que potência ilimitada representava tal associação, dirigida por tal chefe!

Arrancou uma folha da caderneta, escreveu a lápis algumas linhas, que enfiou num envelope, e disse ao adolescente de uns quinze anos que estava deitado no banco:

– Ei, garoto, pegue um coche e leve essa carta à taberna suíça, na praça do Châtelet. E depressa...

Deu-lhe uma moeda de cinco francos. O garoto desapareceu.

Meia hora se passou. Mais gente chegara, e só de tempos em tempos Sholmes avistava os comparsas de Lupin. Mas alguém roçou nele e lhe disse ao ouvido:

– Muito bem! O que há, senhor Sholmes?

– É o senhor, Ganimard?

– Sim, recebi seu bilhete na taberna. O que há?

– Ele está aqui.

– O que está dizendo?

– Ali... no fundo do restaurante... Chegue mais para a direita...

Está vendo?

– Não.

– Servindo champanhe à moça ao seu lado...

– Mas não é ele.

– É ele.

– Pois eu lhe respondo... Ora! Pensando bem... Com efeito, poderia ser... Ah, o patife! Como é parecido! – murmurou Ganimard ingenuamente.

– E os outros, cúmplices?

– Não, quem está ao seu lado é lady Cliveden, a outra é a duquesa de Cleath e, em frente, o embaixador da Espanha em Londres.

Ganimard deu um passo. Herlock o reteve.

– Que imprudência! O senhor está sozinho.

– Ele também.

– Não, ele tem homens montando guarda no bulevar... sem falar no interior desse restaurante, aquele senhor...

– Mas, quando eu tiver posto as mãos no colarinho de Arsène Lupin, terei toda a sala a meu favor, todos os garçons.

– Eu preferiria alguns agentes.

– Aí sim é que os amigos de Arsène Lupin abririam o olho... Não, veja, senhor Sholmes, não temos escolha.

Ele tinha razão, Sholmes admitiu. Era preferível arriscar-se e aproveitar-se de circunstâncias excepcionais. Apenas recomendou a Ganimard:

– Faça com que demorem o máximo possível a reconhecê-lo.

E ele mesmo se esgueirou para trás de um quiosque de jornais, sem perder de vista Arsène Lupin, que, lá dentro, inclinado sobre sua vizinha, sorria.

O inspetor atravessou a rua, mãos nos bolsos, como alguém que caminha reto à sua frente. Mas, assim que atravessou a rua, bifurcou subitamente e num pulo subiu a escada da entrada.

Um apito estridente... Ganimard esbarrou no *maître*, plantado subitamente na porta, barrando a passagem, e que o empurrou com indignação, como teria feito com um intruso cujo traje equívoco desonrasse o luxo do restaurante. Ganimard vacilou. No mesmo instante, o senhor de redingote saiu. Tomou o partido do inspetor, e ambos, o *maître* e ele, discutiram violentamente, ambos agarrados a Ganimard, um segurando-o, o outro empurrando-o, e de tal maneira que, apesar de todos os seus esforços, apesar de todos os seus protestos furiosos, o infeliz foi escorraçado até o pé da escada.

Uma aglomeração logo se formou. Dois policiais, atraídos pelo barulho, tentaram atravessar a massa, mas uma resistência incompreensível imobilizou-os, sem que se conseguissem desvencilhar dos ombros que os espremiavam, das costas que os impediam de avançar...

De repente, num passe de mágica, dão-lhes passagem!... O *maître*, compreendendo seu erro, confunde-se em desculpas, o senhor de redingote interrompe sua defesa do inspetor, a multidão se afasta, os policiais passam, Ganimard investe na direção da mesa onde estão os seis comensais... Mas agora só há cinco... Ele olha à sua volta... nenhuma outra saída além da porta.

– A pessoa que estava aqui neste lugar? – gritou o inspetor para os cinco comensais estupefatos. – Sim, os senhores eram seis... Onde está a sexta pessoa?

– O senhor Destro?

– Claro que não, Arsène Lupin!

Um garçom se aproxima:

– Esse senhor acaba de subir para o mezanino.

Ganimard se precipita. O mezanino é composto de salas particulares e tem uma saída especial para o bulevar!

– Vá então procurá-lo agora – gemeu Ganimard. – Ele está ganhando distância!

Não tanta distância; estava a duzentos metros no máximo, no ônibus Madeleine-Bastille, que avançava tranquilamente no ritmo lento de seus três cavalos, atravessando a praça da Ópera e seguindo pelo bulevar des Capucines. No primeiro andar do ônibus, dois brutamontes de chapéu-coco estavam alertas. Na parte de cima, no alto da escada, cochilava um velhote: Herlock Sholmes.

Cabeceando, embalado pelo movimento do veículo, o inglês monologava: “Se o meu bom Wilson me visse, como estaria orgulhoso de seu chefe!... Bah!... Era fácil prever pelo apito que a partida estava perdida e que não havia nada melhor a fazer senão vigiar os arredores do restaurante. Mas, pensando bem, a vida fica bem interessante com esse homem demoníaco por perto!”

No ponto final, Herlock, tendo-se debruçado, viu Arsène Lupin passar em frente aos seus guarda-costas e o ouviu murmurar: “Na Étoile.”

“Na Étoile, perfeito, encontro marcado. Lá estarei. Deixemos que ele fuja nesse fiacre motorizado, e sigamos de coche os dois comparsas.”

Os dois comparsas seguiram a pé, dirigindo-se efetivamente para a Étoile, e tocaram à porta de uma casa estreita, situada no número 40 da rue Chalgrin. Na esquina dessa rua pouco frequentada, Sholmes pôde esconder-se na sombra de uma reentrância.

Uma das duas janelas do térreo se abriu, um homem de chapéu redondo fechou os postigos. Acima dos postigos, a bandeira da janela se iluminou.

Ao cabo de dez minutos, um senhor veio tocar a essa mesma porta; depois, imediatamente depois, outro indivíduo. E, por fim, um

fiacre motorizado parou, do qual Sholmes viu descer duas pessoas: Arsène Lupin e uma mulher envolta num casaco e numa grossa mantilha.

“A Mulher Loura, sem dúvida alguma”, ruminou Sholmes, enquanto o fiacre motorizado se afastava.

Ele deixou passar um instante, aproximou-se da casa, trepou no parapeito da janela e, subindo na ponta dos pés, conseguiu, pela bandeira de vidro, dar uma espiada no aposento.

Arsène Lupin, recostado na lareira, falava com animação. Em pé à sua volta, os outros o escutavam atentamente. Dentre eles, Sholmes reconheceu o senhor de redingote e julgou reconhecer o *maître* do restaurante. Quanto à Mulher Loura, estava de costas, sentada numa poltrona.

“Estão conferenciando...”, pensou. “Os acontecimentos desta noite os inquietaram e sentem a necessidade de deliberar. Ah! capturar a todos de uma vez!...”

Como um dos cúmplices se mexeu, ele pulou para o chão e se refugiou na penumbra. O senhor de redingote e o *maître* saíram da casa. Imediatamente o primeiro andar se iluminou, alguém puxou os postigos das janelas e a escuridão instalou-se nos dois andares.

“Ela e ele permaneceram no térreo”, raciocinou Herlock. “Os dois cúmplices moram no primeiro andar.”

Esperou parte da noite sem se mexer, temendo que Arsène Lupin fosse embora durante sua ausência. Às quatro horas, percebendo dois guardas na ponta da rua, juntou-se a eles, explicou a situação e delegou-lhes a vigilância da casa.

Dirigiu-se então à residência de Ganimard, na rua Pergolèse, e tirou-o da cama.

– Ainda o tenho.

– Arsène Lupin?

– Sim.

– Se o tem como ainda há pouco, melhor voltar a dormir. Por via das dúvidas, passemos no comissariado.

Foram até a rua Mesnil e de lá ao domicílio do comissário, o senhor Decointre. Em seguida, acompanhados de meia dúzia de homens, voltaram à rua Chalgrin.

– Alguma novidade? – perguntou Sholmes aos dois guardas de plantão.

– Nada.

O dia começava a clarear o céu quando, tomadas as devidas precauções, o comissário tocou a campainha e se dirigiu à cabine da zeladora. Assustada com a invasão, a mulher, toda trêmula, respondeu que não havia locatários no térreo.

– Como, nenhum locatário? – exclamou Ganimard.

– Claro que não, são os do primeiro andar, os senhores Leroux... Eles mobiliaram o térreo para parentes da província...

– Um cavalheiro e uma dama?

– Sim.

– Que vieram ontem com eles?

– Pode ser... eu estava dormindo... No entanto, não creio, eis a chave, eles não pediram...

Com essa chave, o comissário abriu a porta que se encontrava do outro lado do vestíbulo. O térreo só continha dois cômodos; estavam vazios.

– Impossível! – proferiu Sholmes. – Eu os vi, ela e ele.

O comissário riu:

– Não duvido, mas não estão mais aqui.

– Subamos ao primeiro andar. Devem estar lá.

– No primeiro andar moram os senhores Leroux.

– Interrogaremos os senhores Leroux.

Todos subiram a escada, o comissário tocou. No segundo toque, um indivíduo, que não era outro senão um dos guarda-costas, apareceu, em mangas de camisa e com ar furioso.

– Que história é essa! Sem escândalo... Isso é jeito de acordar as pessoas...

Mas calou-se, confuso:

– Deus me perdoe... será que estou sonhando? É o senhor Decointre!... E o senhor também, senhor Ganimard? O que houve para estarem aqui?

Uma gargalhada formidável irrompeu. Ganimard prendia o riso, numa crise de hilaridade que o fazia contorcer-se e lhe congestionava o rosto.

– É você, Leroux... – gaguejava. – Que piada... Leroux, cúmplice de Arsène Lupin... Ah, é de morrer de rir... E seu irmão, Leroux, está por perto?

– Edmond, onde está você? É o senhor Ganimard que veio nos fazer uma visita...

Apareceu outro sujeito, fazendo redobrar a alacridade de Ganimard.

– Não acredito! Quem poderia imaginar! Ah, meus amigos, vocês estão em maus lençóis... Quem diria! Por sorte, o velho Ganimard está de olho e, mais que isso, tem amigos para ajudá-lo... amigos que vêm de longe!

E, voltando-se para Sholmes, apresentou:

– Victor Leroux, inspetor da Sûreté, um dos bons entre os melhores da brigada de ferro... Edmond Leroux, diretor do serviço antropométrico...



5

Um sequestro

Herlock Sholmes não piscou. Protestar? Acusar aqueles dois homens? Era inútil. A menos que tivesse provas, o que não tinha, e não queria perder seu tempo procurando-as, ninguém acreditaria nele.

Todo crispado, punhos cerrados, só pensava em não trair, diante de um Ganimard triunfante, sua raiva e decepção. Cumprimentou respeitosamente os irmãos Leroux, cidadãos modelo, e retirou-se.

No vestíbulo, deu uma guinada na direção de uma porta baixa que indicava a entrada da adega e recolheu uma pedrinha vermelha: era uma granada.

Do lado de fora, voltando-se, leu, perto do número 40 do prédio, estes dizeres: *Lucien Destange, arquiteto, 1877.*

Mesma inscrição no número 42.

“Outra saída dupla”, pensou. “O 40 e o 42 comunicam-se. Como não pensei nisso? Eu deveria ter ficado com os dois guardas esta noite.”

Disse a esses homens:

– Duas pessoas saíram por esta porta durante minha ausência,

não é?

E apontava a porta do prédio ao lado.

– Sim, um cavalheiro e uma dama.

Ele agarrou o braço do inspetor-chefe e arrastou-o:

– Senhor Ganimard, o senhor riu o bastante para eu me arrepender pelo pequeno incômodo que lhe causei...

– Oh, fique certo de que não o culpo de nada.

– Jura? Mas as melhores piadas não duram para sempre, e sou da opinião de que devemos dar-lhes um fim.

– Concordo.

– Estamos no sétimo dia. Dentro de três dias, será indispensável eu estar em Londres.

– Ora, ora!

– Estarei lá, senhor, e peço que esteja preparado na noite de terça para quarta-feira.

– Para uma incursão do mesmo gênero? – perguntou Ganimard, troçando.

– Sim, senhor, do mesmo gênero.

– E que se concluirá?...

– Com a captura de Lupin.

– Acredita nisso?

– Juro pela minha honra, senhor.

Sholmes despediu-se e foi descansar um pouco no hotel mais próximo; depois disso, revigorado, autoconfiante, voltou à rua Chalgrin, deslizou dois luíses na mão da zeladora, certificou-se de que os irmãos Leroux haviam partido, soube que a casa pertencia a um tal senhor Harmingeat e, munido de uma vela, desceu à adega pela portinhola junto à qual recolhera a granada.

No pé da escada, recolheu outra de forma idêntica.

“Eu não estava enganado”, pensou, “é por aqui que se comunicam... Vejamos, minha gazua abre o compartimento reservado ao locatário do térreo? Sim... perfeito... examinemos essas estantes de vinhos. Ahá! Eis alguns pontos em que o pó se espalhou... e, no chão, pegadas...”

Um leve ruído o fez esticar os ouvidos. Rapidamente empurrou a porta, apagou a vela e escondeu-se atrás de uma pilha de caixotes vazios. Ao cabo de alguns segundos, observou que uma das estantes de ferro girava lentamente, arrastando com ela toda a aba da parede na qual estava grudada. A luz de uma lanterna se projetou. Um braço apareceu. Um homem entrou.

Estava curvado para a frente, como quem procura alguma coisa no chão. Com a ponta dos dedos, remexia no pó, soerguendo-se várias vezes e atirando alguma coisa numa caixa de papelão que segurava com a mão esquerda. Em seguida, apagou o vestígio de seus passos, assim como as pegadas deixadas por Lupin e a Mulher Loura, e se aproximou da estante.

Deu um grito rouco e desmoronou. Sholmes pulara em cima dele. Foi coisa de um minuto, e da maneira mais simples do mundo. O homem, quando viu, já se encontrava estendido no solo, tornozelos atados e punhos amarrados.

O inglês se debruçou.

– Quanto quer para falar? Para dizer o que sabe?

O homem respondeu com um sorriso tão irônico que Sholmes compreendeu a inutilidade da pergunta.

Limitou-se a explorar os bolsos de seu prisioneiro, mas tal revista só lhe proporcionou um molho de chaves, um lenço e a caixinha de papelão que o indivíduo carregava, contendo uma dúzia de granadas iguais às que Sholmes recolhera. Magro butim!

Além disso, o que ia fazer daquele homem? Esperar que seus amigos viessem em seu socorro e entregá-los todos à polícia? Para quê? Que vantagem extrairia disso contra Lupin?

Hesitava, quando o exame da caixa o decidiu. Estampava o seguinte endereço: *Léonard, joalheiro, rua de la Paix*.

Resolveu pura e simplesmente abandonar o homem. Empurrou de volta a estante de vinhos e saiu da casa. De uma agência de correio, avisou o senhor Destange, por telegrama, que não poderia ir no dia seguinte. Em seguida, foi até o joalheiro, ao qual entregou as granadas.

– A senhora me enviou por causa dessas pedras. Elas se soltaram de uma joia que ela comprou aqui.

Sholmes acertara. O comerciante respondeu:

– De fato... essa senhora me telefonou. Logo estará aqui, e virá pessoalmente.

Somente às cinco horas, na calçada, Sholmes percebeu uma mulher envolta num espesso véu, cujo aspecto lhe pareceu suspeito. Pelo vidro, observou-a colocar no balcão uma joia antiga, ornamentada com granadas.

Ela foi embora quase imediatamente, fez compras a pé, subiu para o lado de Clichy e circulou por ruas que o inglês não conhecia. Ao cair da noite ele entrou em seu encalço, sem que a zeladora o visse, num prédio de cinco andares, com dois blocos de apartamentos e, por conseguinte, com muitos moradores. No segundo andar, ela parou e entrou. Dois minutos mais tarde, o inglês tentava a sorte e, uma depois da outra, testava com precaução as chaves do molho de que se apoderara. A quarta rodou na fechadura.

Mesmo na penumbra que os envolvia, percebeu cômodos completamente vazios, como os de um apartamento desabitado, daí

todas as portas estarem abertas. Contudo, no fim de um corredor, a luz de uma luminária se espalhou. Tendo se aproximado na ponta dos pés, ele viu, pelo espelho descascado que separava a sala de um quarto contíguo, a mulher de véu tirar sua roupa e seu chapéu, colocando-os sobre o único assento daquele quarto e vestindo um penhoar de veludo.

Viu-a também avançar em direção à lareira e apertar o botão de uma campainha elétrica. A metade do painel que se estendia à direita da lareira se moveu, deslizou no próprio plano da parede e insinuou-se para dentro da outra metade do painel.

Assim que o vão ficou suficientemente espaçoso, a mulher passou... e desapareceu, carregando a luminária.

O sistema era simples. Sholmes utilizou-o.

Caminhou no escuro, às apalpadelas, mas imediatamente seu rosto esbarrou em coisas moles. Com a chama de um fósforo, constatou que se encontrava num pequeno compartimento atulhado de vestidos e roupas em cabides. Abriu passagem e parou em frente à moldura de uma porta fechada por um reposteiro, ou pelo avesso de um reposteiro. Consumido seu fósforo, avistou uma luz que atravessava a trama esgarçada e surrada do pano velho.

Então observou.

Ali estava a Mulher Loura, sob seus olhos, ao alcance de sua mão.

Ela apagou a lamparina e acendeu a eletricidade. Pela primeira vez, Sholmes pôde ver seu rosto em plena luz. Estremeceu. A mulher que ele terminara surpreendendo após tantos desvios e manobras não era outra senão Clotilde Destange.

Clotilde Destange, a assassina do Barão d'Hautrec e a ladra do diamante azul! Clotilde Destange, a misteriosa amiga de Arsène Lupin! A Mulher Loura, enfim.

“É óbvio”, pensou, “não passo de um asno! Porque a amiga de Lupin é loura e Clotilde, morena, não pensei em aproximar as duas mulheres uma da outra! Como se a Mulher Loura pudesse permanecer loura após o assassinato do barão e o roubo do diamante!”

Sholmes via uma parte do aposento, elegante alcova feminina, decorado com reposteiros claros e bibelôs valiosos. Um divã de mogno se estendia um degrau baixo. Clotilde estava sentada ali, imóvel, com a cabeça entre as mãos. Ao cabo de um instante, ele percebeu que a mulher chorava. Grossas lágrimas corriam por suas faces pálidas, deslizavam na direção da boca, caíam gota a gota sobre o veludo de seu penhoar. E outras lágrimas sucediam-se indefinidamente, como se brotadas de uma fonte inesgotável. Era o espetáculo mais triste aquele desespero melancólico e resignado que se exprimia pelo vagaroso escoar das lágrimas.

Mas uma porta se abriu atrás dela. Arsène Lupin entrou.

Mediram-se durante um longo tempo, sem uma palavra, depois ele se ajoelhou diante dela, recostou a cabeça em seu peito e envolveu-a em seus braços. Havia no gesto com que enlaçava a moça uma ternura profunda, cheia de piedade. Um doce silêncio os unia, e as lágrimas corriam menos abundantes.

– Eu queria tanto fazê-la feliz! – ele murmurou.

– Sou feliz.

– Não, uma vez que está chorando... Suas lágrimas me deixam destroçado, Clotilde.

Apesar de tudo, ela se deixava seduzir por aquela voz acariciante e escutava, ávida de esperança e felicidade. Um sorriso relaxou sua fisionomia, mas um sorriso ainda tão triste! Ele suplicou:

– Não fique triste, Clotilde, você não pode ficar assim. Não tem

esse direito.

Ela lhe mostrou as mãos brancas, delicadas e macias e disse gravemente:

- Enquanto essas mãos forem minhas, serei triste, Maxime.
- Mas por quê?
- Elas mataram.

Maxime exclamou:

– Cale-se! Não pense nisso... O passado está morto, o passado não conta.

E beijava suas esguias mãos pálidas, enquanto ela o fitava com um sorriso mais claro, como se cada beijo apagasse um pouco a horrível lembrança.

– Você precisa me amar, Maxime, porque nenhuma mulher o amará como eu. Para agradá-lo, agi, ajo ainda, não segundo suas ordens, mas segundo seus desejos secretos. Executo atos contra os quais todos os meus instintos e minha consciência se revoltam, mas não posso resistir... Tudo que faço, faço mecanicamente, porque lhe é útil e porque você quer... e estou pronta a recomeçar amanhã... e sempre.

Ele disse com amargura:

– Ah! Clotilde, por que a envolvi em minha vida de aventuras? Eu deveria ter permanecido o Maxime Bermond que você amou durante cinco anos, e não a ter apresentado... ao outro homem que sou.

Ela disse baixinho:

- Também amo esse outro homem, e não me arrependo de nada.
- Sim, você tem saudade de sua vida pregressa, a vida à luz do dia.
- Não tenho saudade de nada quando você está aqui! – ela disse, apaixonadamente.
- Não há mais pecado, não há mais crime

quando meus olhos o veem. O que me importa ser infeliz longe de você e sofrer, e chorar, e ter horror a tudo que faço... seu amor apaga tudo... aceito tudo... mas você tem a obrigação de me amar!...

– Não a amo por obrigação, Clotilde, mas simplesmente porque a amo.

– Tem certeza disso? – disse ela com toda a confiança.

– Tenho certeza tanto por mim como por você. Minha vida, contudo, é violenta e frenética, e nem sempre posso lhe dedicar o tempo que gostaria.

Ela se inquietou imediatamente.

– O que há? Um novo perigo? Vamos, fale.

– Oh, nada de grave ainda. No entanto...

– No entanto?

– Pois bem, ele está na nossa cola.

– Sholmes?

– Sim. Foi ele que lançou Ganimard no episódio do restaurante húngaro. Foi ele que colocou, esta noite, os dois agentes na rua Chalgrin. Tenho a prova disso. Ganimard vasculhou a casa esta manhã e Sholmes o acompanhava. Além disso...

– Além disso?

– Muito bem, tem outra coisa: sentimos a falta de um de nossos homens, Jeanniot.

– O porteiro?

– Sim.

– Mas fui eu que o enviei hoje de manhã à rua Chalgrin, para recolher as granadas que haviam caído do meu broche.

– Não há dúvida, Sholmes pegou-o na armadilha.

– Não pode ser. As granadas foram levadas ao joalheiro da rua de

la Paix.

– Então, aonde ele foi parar depois?

– Oh, Maxime, estou com medo.

– Não há motivos para se assustar. Mas admito que a situação é muito grave. O que ele sabe? Onde se esconde? A força dele reside no isolamento. Torna-se imune a traições.

– O que você pretende fazer?

– Tomar todos os cuidados, Clotilde. Faz tempo que resolvi mudar meu esconderijo e transferi-lo para lá, para o reduto inviolável que você conhece. A intervenção de Sholmes acelera as coisas. Quando um homem como ele segue uma pista, devemos considerar que fatalmente chegará ao fim dela. Portanto, preparei tudo. Depois de amanhã, quarta-feira, a mudança será realizada. Ao meio-dia, estará concluída. Às duas horas, eu mesmo poderei abandonar o local, após retirar os últimos vestígios do nosso refúgio, o que não é pouco. Daqui até lá...

– Daqui até lá?

– Não devemos nos ver e ninguém deve nos ver, Clotilde. Não saia. Não receie nada por mim. Receio tudo quando se trata de você.

– É impossível esse inglês chegar até mim.

– Com ele tudo é possível, e estou desconfiado. Ontem, quando quase fui surpreendido por seu pai, eu vasculhava o armário que contém os antigos registros do senhor Destange. Há um perigo ali. Como em todo lugar. Vislumbro o inimigo rondando na sombra e se aproximando cada vez mais. Sinto que ele nos vigia... que estende suas malhas ao nosso redor. Esta é uma intuição que nunca me engana.

– Nesse caso – ela disse –, vá, Maxime, e não pense mais nas

minhas lágrimas. Serei forte e esperarei até que o perigo esteja afastado. Adeus, Maxime.

Beijou-o longamente. E foi ela mesma que o empurrou para fora.

Sholmes ouviu o som de suas vozes se afastar.

Ousadamente, superexcitado pela mesma necessidade de agir, contra tudo e contra todos, que o estimulava desde a véspera, o detetive entrou numa antecâmara que terminava em uma escada. Contudo, quando se preparava para descer, o barulho de uma conversa subiu do andar inferior, e ele julgou preferível seguir por um corredor circular que o levou a outra escada. Ao descê-la, ficou bastante surpreso ao ver móveis cuja forma e arrumação já conhecia. Uma porta estava entreaberta. Entrou num grande aposento circular. Era a biblioteca do senhor Destange.

– Perfeito! Admirável! – murmurou. – Compreendo tudo. A alcova de Clotilde, isto é, da Mulher Loura, comunica-se com um dos apartamentos do prédio vizinho, e esse prédio vizinho tem sua saída não para a praça Malesherbes, mas para uma rua adjacente, a rua Montchanin, ao que me lembre... Magnífico! E agora sei como Clotilde Destange vai encontrar seu bem-amado, mantendo ao mesmo tempo a fama de uma pessoa resguardada. E sei também como Arsène Lupin surgiu ao meu lado, ontem, ali naquela galeria: deve haver outra comunicação entre o apartamento vizinho e essa biblioteca...

E concluía:

– Mais uma casa traiçoeira. Mais uma vez, sem dúvida, Destange arquiteto! Trata-se agora de aproveitar minha presença aqui para verificar o conteúdo do armário... e para me informar sobre as outras casas enganadoras.

Sholmes subiu até a galeria e se dissimulou atrás dos reposteiros.

Ficou até o fim da noite. Um criado veio apagar as lâmpadas elétricas. Uma hora mais tarde, o inglês ligou sua lanterna e se dirigiu ao armário.

Como ele já sabia, lá estavam guardados os antigos papéis do arquiteto, pastas, projetos, livros de contabilidade. Mais ao fundo, via-se uma série de registros, classificados por ordem de antiguidade.

Pegou alternadamente os dos últimos anos e foi direto à página do sumário, mais especificamente à letra H. Por fim, tendo descoberto a palavra *Harmingeat*, acompanhada do número 63, reportou-se à página 63 e leu: *Harmingeat, rua Chalgrin, 40.*

Seguiam-se detalhes de obras executadas para esse cliente, com vistas à instalação de uma calefação em seu prédio. E, à margem, esta anotação: *Ver o dossiê M.B.*

“Agora já sei”, ruminou, “preciso do dossiê M.B. Nele, saberei o domicílio atual do senhor Lupin.”

Foi só de manhã que, na segunda metade de um livro de registro, descobriu esse famoso dossiê.

Tinha quinze páginas. Uma reproduzia aquela dedicada ao senhor *Harmingeat* da rua *Chalgrin*. Outra detalhava as obras executadas pelo senhor *Vatinel*, proprietário, rua *Clapeyron*, 25. Outra estava reservada ao Barão d’*Hautrec*, avenida *Henri-Martin*, 134, outra ao castelo de *Crozon*, e as outras onze a diferentes proprietários em Paris.

Sholmes copiou a lista de onze nomes e onze endereços, recolocou as coisas no lugar, abriu uma janela e saltou para uma praça deserta, tendo o cuidado de empurrar os postigos.

Em seu quarto de hotel, acendeu o cachimbo com a gravidade que atribuía a esse gesto, cercando-se por nuvens de fumaça, e estudou

as conclusões que era possível tirar do dossiê M.B., ou, sendo mais claro, do dossiê Maxime Bermond, vulgo Arsène Lupin.

Às oito horas, enviava este telegrama a Ganimard: “Sem dúvida passarei esta manhã na rua Pergolèse e lhe entregarei uma pessoa cuja captura é da mais alta importância. Em todo caso, esteja em casa esta noite e amanhã, quarta-feira, até o meio-dia, e tenha uns trinta homens à disposição”.

Em seguida, escolheu no bulevar um fiacre motorizado, cujo chofer lhe agradou por sua fisionomia alegre e pouco inteligente, e dirigiu-se à praça Malesherbes, cinquenta passos à frente do prédio de Destange.

– Feche o carro, meu rapaz – ele instruiu ao motorista –, levante a gola de seu agasalho, pois o vento está frio, e espere pacientemente. Dentro de uma hora e meia, ligue o motor. Assim que eu voltar, iremos à rua Pergolèse.

No momento de entrar no prédio, teve uma última hesitação. Não era um erro ocupar-se assim da Mulher Loura, enquanto Lupin terminava seus preparativos de partida? E não teria sido melhor, com a ajuda da lista dos prédios, procurar primeiro o domicílio de seu adversário?

“Bah...”, ruminou. “Quando a Mulher Loura for minha prisioneira, serei senhor da situação.”

E tocou a campainha.

O senhor Destange já estava na biblioteca. Trabalharam por um momento, e Sholmes procurava um pretexto para subir até o quarto de Clotilde quando a moça entrou, disse bom-dia ao pai, sentou-se na saleta e começou a escrever.

De onde estava, Sholmes a via, debruçada sobre a mesa, meditando de tempos em tempos, a pena no ar e o rosto pensativo.

Esperou um pouco; depois, pegando um volume, interpelou o senhor Destange:

– Aqui está o livro que a senhorita Destange me pediu para ver assim que eu topasse com ele.

Foi até a saleta e postou-se diante de Clotilde de maneira que seu pai não o pudesse ver e anunciou:

– Sou o senhor Stickmann, novo secretário do senhor Destange.

– Ah! – ela disse, sem se incomodar. – Meu pai mudou de secretário?

– Sim, senhorita, e eu desejava falar-lhe.

– Queira sentar-se, cavalheiro, terminei o que estava fazendo. Acrescentou algumas palavras à carta, assinou-a, lacrou o envelope, empurrou seus papéis, apertou a campainha de um telefone, obteve uma ligação com sua costureira, pediu a esta que apressasse a conclusão de um casaco de viagem do qual tinha necessidade urgente e, por fim, voltando-se para Sholmes:

– Sou toda sua, cavalheiro. Mas nossa conversa não pode se dar na presença do meu pai?

– Não, senhorita, e suplico inclusive que não fale alto. É preferível que o senhor Destange não nos ouça.

– Para quem é preferível?

– Para a senhorita.

– Não admito conversa que meu pai não possa ouvir.

– Mas terá de admitir esta.

Levantaram-se ambos, cruzando os olhares. Ela disse:

– Fale, senhor.

Sempre de pé, ele começou:

– Vai me perdoar se me engano sobre alguns pontos secundários. O que garanto é a exatidão geral dos incidentes que exponho.

– Menos rodeios, por favor. E mais fatos.

Nessa interrupção, lançada bruscamente, ele percebeu que a jovem estava resabiada, e prosseguiu.

– Assim seja, irei direto ao ponto. Há cinco anos, o senhor seu pai teve a oportunidade de conhecer um certo senhor Maxime Bermond, o qual se apresentou a ele como empreiteiro... ou arquiteto, não saberei precisar. O fato é que o senhor Destange tomou-se de afeição por esse rapaz e, como sua saúde não lhe permitia mais cuidar dos negócios, confiou ao senhor Bermond a execução de algumas encomendas que ele aceitara por parte de antigos clientes e que pareciam em consonância com as aptidões de seu colaborador.

Herlock calou-se. Pareceu-lhe que a palidez da jovem se acentuara. Foi, contudo, com a maior calma que ela replicou:

– Não conheço os fatos que o senhor me relata, cavalheiro, e sobretudo não vejo em que podem me interessar.

– O que lhe diz respeito vem agora, senhorita, é que o nome verdadeiro do senhor Maxime Bermond, e a senhorita sabe tão bem quanto eu, é Arsène Lupin.

Ela desatou a rir.

– Não é possível! Arsène Lupin? O senhor Maxime Bermond se chama Arsène Lupin?

– Como tenho a honra de lhe dizer, senhorita, e como a senhorita se recusa a me compreender com meias palavras, acrescento que Arsène Lupin encontrou aqui, para a realização de seus projetos, uma amiga, mais que uma amiga, uma cúmplice cega e... apaixonadamente devotada.

Ela se levantou e, sem emoção, ou pelo menos com tão pouca que Sholmes ficou impressionado com tamanho autocontrole,

declarou:

– Ignoro a finalidade de sua conduta, cavalheiro, e faço questão de ignorá-la. Peço então que não acrescente uma palavra e deixe esta casa.

– Nunca tive a intenção de lhe impor minha presença indefinidamente – respondeu Sholmes, tão sereno quanto ela. – Estou decidido, contudo, a não sair sozinho.

– E quem o acompanhará, cavalheiro?

– A senhorita!

– Eu?

– Sim, senhorita, sairemos juntos desta casa, e me seguirá sem contestação, sem um ai.

O que havia de estranho na cena era a calma absoluta dos dois adversários. Mais do que um duelo implacável entre duas vontades poderosas, diríamos, por suas atitudes, pelo tom de suas vozes, assistir à discussão educada de duas pessoas que não partilham a mesma opinião.

Na rotunda, através do grande arco, via-se o senhor Destange manipular seus livros com gestos ponderados.

Clotilde sentou-se de novo, encolhendo ligeiramente os ombros. Herlock puxou seu relógio.

– São dez e meia. Partimos dentro de cinco minutos.

– Caso contrário?

– Caso contrário, vou encontrar o senhor Destange e lhe contar...

– O quê?

– A verdade. A vida mentirosa de Maxime Bermond e a vida dupla de sua cúmplice.

– De sua cúmplice?

– Sim, daquela que chamam de Mulher Loura, que foi loura.

– E que provas lhe dará?

– Levo-o à rua Chalgrin e mostro a passagem que Arsène Lupin, aproveitando-se das obras que dirigia, mandou seus homens fazerem entre o 40 e o 42, a passagem que serviu para vocês dois na noite da antevéspera.

– E depois?

– Depois levo o senhor Destange à casa do doutor Detinan, descemos a escada de serviço pela qual a senhorita desceu com Arsène Lupin para escapar de Ganimard. E ambos procuraremos a comunicação sem dúvida análoga que existe com o prédio vizinho, prédio cuja saída dá para o bulevar des Batignolles, e não para a rua Clapeyron.

– E depois?

– Depois levo o senhor Destange ao castelo de Crozon e será fácil para ele, que sabe o tipo de obras executadas por Arsène Lupin por ocasião da restauração daquele castelo, descobrir as passagens secretas que seu falso assistente mandou os homens construir. O senhor Destange constatará que essas passagens permitiram à Mulher Loura introduzir-se, à noite, no quarto da condessa e lá pegar na lareira o falso diamante azul; depois, duas semanas mais tarde, introduzir-se no quarto do conselheiro Bleichen e esconder esse diamante azul no fundo de um frasco... Ato bastante bizarro, admito, pequena vingança de mulher, talvez, não sei, isso não interessa.

– E depois?

– Depois – fez Herlock com uma voz mais grave –, levo o senhor Destange ao número 134 da avenida Henri-Martin e apuramos como o Barão d'Hautrec...

– Cale-se, cale-se... – balbuciou a jovem, com um pavor súbito. –

Proíbo-o! Então ousa dizer que fui eu... Acusa-me...

– Acuso-a de ter matado o Barão d'Hautrec.

– Não, não, isso é uma infâmia.

– Matou o Barão d'Hautrec, senhorita. Empregou-se na casa dele usando o nome de Antoinette Bréhat, com a finalidade de lhe roubar o diamante azul, e o matou.

Mais uma vez, arrasada, reduzida a súplicas, ela murmurou:

– Cale-se, cavalheiro, eu lhe imploro. Uma vez que sabe tantas coisas, deve saber que não assassinei o barão.

– Eu não disse que o assassinou. O Barão d'Hautrec era sujeito a acessos de loucura que só a irmã Auguste era capaz de controlar. Obtive esse detalhe dela mesma. Na ausência dessa pessoa, ele deve ter investido contra a senhorita e foi durante essa luta, para defender sua vida, que a senhorita o golpeou. Transtornada com o que fez, a senhorita tocou a campainha e fugiu sem sequer arrancar do dedo de sua vítima o diamante azul que tinha ido pegar. Um instante depois, a senhorita levava um dos cúmplices de Lupin, empregado na casa ao lado, transportava o barão para sua cama, arrumava novamente o quarto... mas sempre sem ousar pegar o diamante azul. Eis o que se passou. Portanto, repito, a senhorita não assassinou o barão. Por outro lado, foram de fato suas mãos que o golpearam.

Ela as havia cruzado sobre o rosto, suas mãos esguias e pálidas, e assim conservou-as durante um longo tempo, imóveis. Por fim, soltando os dedos, revelou seu semblante de dor e indagou:

– É tudo que tem a intenção de dizer ao meu pai?

– Sim, e lhe direi que tenho como testemunhas a senhorita Gerbois, que reconhecerá a Mulher Loura, a irmã Auguste, que reconhecerá Antoinette Bréhat, e a condessa de Crozon, que

reconhecerá a senhora de Réal. Eis o que lhe direi.

– O senhor não ousará – ela disse, recobrando o sangue-frio diante da ameaça de um perigo imediato.

Ele se levantou e deu um passo na direção da biblioteca. Clotilde deteve-o:

– Um instante, cavalheiro.

Refletiu, senhora de si mesma agora, e, bastante calma, perguntou-lhe:

– O senhor é Herlock Sholmes, não é?

– Sim.

– O que quer de mim?

– O que eu quero? Comecei um duelo com Arsène Lupin do qual preciso sair vencedor. Na expectativa de um desfecho que não deve demorar muito, suponho que um refém tão precioso como a senhorita me dê uma vantagem considerável sobre meu adversário. Logo, siga-me, senhorita, vou deixá-la com um de meus amigos. Assim que meu objetivo for alcançado, estará livre.

– Isso é tudo?

– É tudo, não faço parte da polícia do seu país e, por conseguinte, não me sinto no direito... de fazer justiça.

Ela parecia determinada. No entanto, exigiu ainda um momento de trégua. Seus olhos se fecharam, e Sholmes a observou, subitamente tão tranquila, quase indiferente aos perigos que a cercavam.

“A propósito”, pensou o inglês, “será que se julga em perigo? Claro que não, uma vez que Lupin a protege. Com Lupin, nada pode atingir você. Lupin é todo-poderoso. Lupin é infalível.”

– Senhorita – disse –, falei que partiríamos em cinco minutos, já passaram trinta.

– Posso subir ao meu quarto, senhor, e pegar minhas coisas?
– Se quiser, senhorita, posso esperá-la na rua Montchanin. Sou um excelente amigo do porteiro Jeanniot.

– Ah! o senhor sabe... – ela reagiu, com visível temor.

– Sei muitas coisas.

– Que seja. Irei então.

Trouxeram-lhe seu chapéu e seu casaco, e Sholmes disse:

– Precisa dar ao senhor Destange uma razão que explique nossa partida e que possa, caso necessário, explicar sua ausência durante alguns dias.

– É inútil. Logo estarei de volta.

Mais uma vez se desafiaram com o olhar, ambos irônicos e sorrindo.

– Como confia nele! – Sholmes exclamou.

– Cegamente.

– Tudo que ele faz é certo, não é? Tudo que ele quer se realiza. E a senhorita aprova tudo e está disposta a tudo por ele.

– Amo-o – ela respondeu, num arroubo de paixão.

– E acredita que ele a salvará?

Ela encolheu os ombros e, indo até o seu pai, preveniu-o:

– Vou lhe roubar o senhor Stickmann. Vamos à Biblioteca Nacional.

– Volta para almoçar?

– Talvez... ou melhor, não... mas não se preocupe...

Determinada, declarou a Sholmes:

– Agora estou sob seu comando, senhor.

– Sem subterfúgios?

– De olhos fechados.

– Se tentar escapar, eu telefono, grito, prendem a senhorita e

levam-na para a prisão. Não se esqueça de que a Mulher Loura é objeto de um mandado.

- Juro pela minha honra que nada farei para escapar.
- Acredito na senhorita. Vamos.

Juntos, como ele ordenara, deixaram o prédio.

Na praça, o automóvel estava estacionado, voltado para a direção oposta. Viam-se as costas do motorista e seu boné, que praticamente cobria a gola do agasalho. Aproximando-se, Sholmes ouviu o ronco do motor. Abriu a porta, pediu a Clotilde que entrasse e sentou-se ao seu lado.

O carro arrancou bruscamente, alcançou os bulevares marginais, a avenida Hoche, a avenida de la Grande-Armée.

Herlock, pensativo, divagava sobre seus planos.

“Ganimard está em casa... deixo a moça em suas mãos... Conto para ele quem é a moça? Não, ele a levaria direto à Central, o que atrapalharia tudo. Quando ficar sozinho, consulto a lista do dossiê M.B. e vou à caça. E hoje à noite, ou no mais tardar amanhã de manhã, encontro Ganimard, como combinado, e lhe entrego Arsène Lupin e seu bando...”

Esfregou as mãos, feliz por sentir finalmente o objetivo ao seu alcance e ver que nenhum obstáculo sério o separava dele. Cedendo a uma necessidade de expansão que contrastava com sua natureza, exclamou:

– Desculpe, senhorita, se demonstro tanta satisfação. A batalha foi árdua, e o sucesso me envaidece particularmente.

– Sucesso legítimo, cavalheiro, e com o qual tem o direito de se regozijar.

– Obrigado. Mas que trajeto estranho é esse! Será que o motorista não ouviu?

Naquele momento, deixavam Paris pela porta de Neuilly. Que diabos!

No entanto, a rua Pergolèse não fica fora das fortificações.

Sholmes abaixou o vidro.

– Ei, motorista, o senhor se enganou... rua Pergolèse!...

O homem não respondeu. Ele repetiu, mais alto:

– Mandei que seguisse para a rua Pergolèse.

O homem continuou sem responder.

– Ah, e essa agora! O senhor é surdo, por acaso, meu amigo? Ou está de má vontade? Não temos nada a fazer aqui... Rua Pergolèse! Ordeno que dê meia-volta o mais rápido possível.

Sempre o mesmo silêncio. O inglês sentiu um calafrio. Olhou para Clotilde: um sorriso indefinível vincava os lábios da moça.

– Por que está rindo? – ele resmungou. – Esse incidente não tem nenhuma relação... isso não muda as coisas em nada...

– Absolutamente nada – ela respondeu.

De repente uma ideia o tirou do sério. Soerguendo-se, examinou mais atentamente o homem que se encontrava ao volante. Os ombros eram mais delicados, a atitude, mais displicente... Foi tomado por um suor frio, suas mãos se crisparam, enquanto a mais terrível convicção se impunha ao seu espírito: aquele homem era Arsène Lupin.

– Muito bem, senhor Sholmes, o que me diz deste pequeno passeio?

– Delicioso, caro senhor, realmente delicioso – replicou Sholmes.

Nunca talvez se violentara tanto quanto precisou para articular essas palavras sem nenhum tremor na voz, sem nada que pudesse denunciar a fúria de todo o seu ser. Mas imediatamente, numa espécie de reação extrema, uma onda de raiva e ódio arrebentou o

dique, carregou sua vontade e, com um gesto brusco, sacando seu revólver, ele o apontou para a senhorita Destange.

– Pare neste exato minuto, neste exato segundo, Lupin, ou abro fogo contra a senhorita.

– Recomendo que mire na face se quiser atingir a têmpora – respondeu Lupin, sem voltar a cabeça.

Clotilde pronunciou:

– Maxime, não vá tão depressa, a pista está escorregadia e sou muito medrosa.

Ela continuava a sorrir, os olhos pregados na pista, cujo asfalto irregular subia e descia diante do carro.

– Diga-lhe que pare! Diga-lhe que pare! – intimou-a Sholmes, louco de cólera. – Está vendo que sou capaz de tudo!

O cano do revólver roçou nos cachos do cabelo.

Ela murmurou:

– Esse Maxime é tão imprudente! Nessa velocidade, não resta dúvida de que vamos derrapar.

Sholmes guardou a arma no bolso e agarrou a maçaneta da porta, disposto a se jogar, apesar do absurdo da iniciativa.

Clotilde lhe disse:

– Tome cuidado, cavalheiro, há um automóvel atrás de nós.

Ele se debruçou. Um carro os seguia, com efeito, enorme, de aspecto feroz graças à sua frente pontiaguda, cor de sangue, e ocupado por quatro homens envoltos em peles.

“Ora”, pensou, “estou bem vigiado, um pouco de paciência.”

Cruzou os braços no peito, com a submissão orgulhosa daqueles que se inclinam e acatam quando o destino se volta contra eles. Enquanto atravessavam o Sena e deixavam para trás Suresnes, Rueil, Chatou, e permanecia imóvel, resignado, dominando sua

cólera e sem amargura, só pensava em descobrir o milagre operado por Arsène Lupin para substituir seu chofer. Que o bom rapaz que escolhera de manhã no bulevar pudesse ser um cúmplice colocado ali previamente, ele não admitia. Em todo caso, Arsène Lupin fora necessariamente avisado e só poderia ter sido depois do momento em que ele, Sholmes, ameaçara Clotilde, uma vez que ninguém, antes, desconfiava do seu plano. Ora, desde aquele momento, Clotilde e ele não haviam se separado.

Lembrou-se de um detalhe: a ligação telefônica pedida pela moça, sua conversa com a costureira. E imediatamente compreendeu. Antes mesmo que tivesse falado, unicamente diante do anúncio da entrevista que ele solicitava como novo secretário do senhor Destange, ela farejara o perigo, adivinhara o nome e o objetivo do visitante e, com frieza, naturalmente, como se executasse mesmo o ato que parecia executar, chamara Lupin em seu socorro, sob a fachada de um serviço banal e recorrendo a fórmulas combinadas entre eles.

Como Arsène Lupin viera, como o automóvel estacionado, cujo motor vibrava, parecera-lhe suspeito, como subornara o motorista, tudo isso não tinha importância. O que fascinava Sholmes, a ponto de aplacar sua fúria, era a recordação do instante em que uma simples mulher, apaixonada, é verdade, domando seus nervos, esmagando seu instinto, congelando os traços de seu rosto, subjugando a expressão de seus olhos, ludibriara o velho Herlock Sholmes.

O que fazer contra um homem assistido por tais auxiliares, que, exclusivamente pela ascendência de sua autoridade, insuflava numa mulher tais provisões de audácia e energia?

Atravessaram o Sena e subiram a colina de Saint-Germain; porém,

quinhentos metros após essa cidade, o fiacre desacelerou. O outro carro o alcançou e ambos pararam. Não havia ninguém nas cercanias.

– Senhor Sholmes – disse Lupin –, faça a gentileza de mudar de veículo. O nosso é realmente tão lento!...

– Ora essa! – exclamou Sholmes, apressado na mesma medida em que não tinha escolha.

– Permita-me igualmente lhe emprestar esse casaco, pois iremos a toda, e lhe oferecer esses dois sanduíches... Sim, sim, aceite, sabe lá quando vai jantar!

Os quatro homens haviam saltado do carro. Um deles se aproximou e, como retirara os óculos que o disfarçavam, Sholmes reconheceu o senhor de redingote do restaurante húngaro. Lupin lhe disse:

– Devolva esse fiacre ao motorista de quem o aluguei. Ele está esperando na primeira taberna de vinhos à direita da rua Legendre. Pague a segunda parcela de mil francos que prometi. Ah! Já ia esquecendo, passe os seus óculos para o senhor Sholmes.

Trocou algumas palavras com a senhorita Destange, depois se instalou ao volante e partiu, com Sholmes ao seu lado e, atrás dele, um de seus homens. Lupin não exagerara ao dizer que iriam “a toda”. Desde o início foi uma velocidade vertiginosa. O horizonte vinha ao encontro deles como se atraído por uma força misteriosa, desaparecendo no mesmo instante como se tragado por um abismo, para o qual imediatamente outras coisas, árvores, casas, planícies e florestas, lançavam-se com a pressa tumultuosa de uma cachoeira que sente a aproximação do precipício.

Sholmes e Lupin não trocavam uma palavra. Acima de sua cabeça, as folhas das árvores faziam um barulho amplo como

ondas, ritmadas pelo espaçamento regular de cada tronco. E as cidades evaporavam: Mantes, Vernon, Gaillon. De uma colina a outra, de Bon-Secours a Canteleu. Rouen, seu subúrbio, seu porto, seus quilômetros de cais, pareceu apenas a rua de um vilarejo. E vieram Duclair, Caudebec, a região de Caux, cujo relevo ultrapassaram em seu voo poderoso, e Lillebonne e Quillebeuf. E eis que se viram subitamente na beira do Sena, na ponta de um pequeno cais, onde se estendia um iate sóbrio e de linhas robustas, cuja chaminé lançava espirais de fumaça preta.

O carro parou. Em duas horas, haviam percorrido mais de duzentos quilômetros.

Um homem de impermeável azul e quepe com insígnias douradas avançou e cumprimentou.

– Perfeito, capitão! – exclamou Lupin. – Recebeu a mensagem?

– Recebi.

– A *Andorinha* está pronta?

– A *Andorinha* está pronta.

– Nesse caso, senhor Sholmes?

O inglês olhou à sua volta, percebeu um grupo de pessoas na varanda de um bar e logo outro mais próximo, compreendendo que antes de qualquer intervenção seria agarrado, embarcado e despachado para o fundo do porão. Portanto, atravessou a passarela e seguiu Lupin até a cabine do capitão.

Esta era vasta e meticulosamente limpa. O verniz de seus lambris e o polimento de seus cobres rebrilhavam.

Lupin fechou a porta e, sem preâmbulo, quase brutalmente, interpelou Sholmes:

– O que sabe ao certo?

– Tudo.

– Tudo? Esclareça.

Não havia mais na entonação de sua voz aquela civilidade um tanto irônica que afetava para com o inglês. Era o tom imperioso do chefe acostumado a comandar e a que todo mundo se curvasse diante dele, mesmo um Herlock Sholmes.

Estudaram-se com o olhar, inimigos agora, inimigos declarados e indóceis. Um pouco nervoso, Lupin continuou:

– Foram muitas as vezes, cavalheiro, que esbarrei com o senhor no meu caminho. Isso já passou dos limites, e cansei de perder meu tempo desfazendo as armadilhas estendidas por sua pessoa. Advirto-o, portanto, que meu comportamento com o senhor dependerá de sua resposta. O que sabe ao certo?

– Tudo, senhor, repito.

Arsène Lupin se conteve e, num tom espasmódico:

– Vou lhe dizer, eu, o que sabe. Sabe que, sob o nome de Maxime Bermond, eu... reformei quinze prédios construídos pelo senhor Destange.

– Sim.

– Desses quinze prédios, o senhor conhece quatro.

– Sim.

– E tem a lista dos outros onze.

– Sim.

– O senhor pegou essa lista na casa do senhor Destange, nesta noite sem dúvida.

– Sim.

– E como supõe que, dentre esses onze prédios, há fatalmente um que reservei para mim, para minhas necessidades e as dos meus amigos, o senhor delegou a Ganimard a tarefa de tomar providências e descobrir meu refúgio.

– Não.

– O que significa?

– O que significa que agi sozinho e que ia tomar minhas disposições sozinho.

– Então não tenho nada a temer, uma vez que está em minhas mãos.

– Não tem nada a temer enquanto eu estiver em suas mãos.

– Quer dizer que não pretende continuar assim?

– Não.

Arsène Lupin aproximou-se mais do inglês e, pousando a mão sobre seu ombro com toda a delicadeza:

– Escute, cavalheiro, não estou com disposição para conversar e, infelizmente para o senhor, não o vejo em condições de me fazer fracassar. Portanto, terminemos com isso.

– Terminemos.

– Vai me dar sua palavra de honra que não tentará escapar deste barco antes de estar em águas inglesas.

– Dou-lhe minha palavra de honra que tentarei escapar por todos os meios – respondeu Sholmes, indômito.

– Ora, faça-me o favor! O senhor sabe que basta eu dizer uma palavra para liquidá-lo. Todos esses homens me obedecem cegamente. A um sinal meu, eles lhe colocam uma corrente no pescoço...

– As correntes se rompem...

– ... e o atiram por cima da amurada, a dez milhas da costa.

– Sei nadar.

– Boa resposta – exclamou Lupin, rindo. – Deus me perdoe, eu estava com raiva. Desculpe, mestre... concluamos. Admite que tomo as medidas necessárias à minha segurança e à de meus

amigos?

- Todas as medidas. Mas elas são inúteis.
- De acordo. No entanto, não me quer mal por eu as tomar.
- É seu dever.
- Vamos.

Lupin abriu a porta e chamou o capitão e dois marujos. Estes agarraram o inglês e, após tê-lo revistado, amarraram-lhe as pernas e o prenderam no beliche do capitão.

– Basta! – ordenou Lupin. – Na verdade, só a sua obstinação, cavalheiro, e a gravidade excepcional das circunstâncias para que eu chegue a...

Os marujos se retiraram. Lupin disse ao capitão:

– Capitão, um homem da tripulação permanecerá aqui à disposição do senhor Sholmes, e o senhor mesmo lhe fará companhia na medida do possível. Tenham toda a consideração por ele. Não é um prisioneiro, mas um hóspede. Que horas são no seu relógio, capitão?

– Duas e cinco.

Lupin consultou seu relógio, depois um pêndulo afixado na divisória da cabine.

– Duas e cinco?... Estamos acertados. De quanto tempo necessita para ir a Southampton?

– Nove horas, sem nos apressar.

– Levará onze. Não deve tocar a terra antes da partida do paquete que deixa Southampton à meia-noite e chega ao Havre às oito da manhã. Entendeu, não é, capitão? Repito: como seria infinitamente perigoso para nós todos se o cavalheiro retornasse à França nesse navio, não deve chegar a Southampton antes de uma da manhã.

– Entendido.

– Minhas saudações, mestre. Até o ano que vem, neste ou no outro mundo.

– Até amanhã.

Alguns minutos mais tarde, Sholmes ouviu o automóvel se afastar e, na mesma hora, nas profundezas do iate *Andorinha*, o vapor ofegou mais violentamente. A embarcação zarpava.

Por volta das três horas, haviam atravessado o estuário do Sena e alcançado o mar aberto. Nesse momento, no beliche onde estava preso, Herlock Sholmes dormia profundamente.

Na manhã seguinte, décimo e último dia da guerra travada pelos dois grandes rivais, o *Écho de France* publicava esta deliciosa notinha:

Ontem, uma ordem de expulsão foi decretada por Arsène Lupin contra Herlock Sholmes, detetive inglês. Assinada ao meio-dia, a ordem foi executada no mesmo dia. À uma hora da manhã, Sholmes foi desembarcado em Southampton.



6

A segunda prisão de Arsène Lupin

Às oito horas, doze coches de uma empresa de mudanças obstruíram a rua Crevaux, entre a avenida do Bois de Boulogne e a avenida Bugeaud. O senhor Félix Davey deixava o apartamento que ocupava no quarto andar do número 8. E o senhor Dubreuil, perito em arte, que juntara num único apartamento o quinto andar do mesmo prédio e o quinto andar dos dois prédios contíguos, expedia no mesmo dia – pura coincidência, uma vez que esses senhores não se conheciam – as coleções de móveis visitadas diariamente por inúmeros diletantes estrangeiros.

Detalhe notado no bairro, mas só comentado *a posteriori*, nenhum dos doze coches estampava o nome e o endereço da empresa de mudanças, e nenhum dos homens que vieram com eles se demorou nas biroskas dos arredores. Trabalharam tão bem que às onze horas tudo estava terminado. Só restavam montes de papéis e farrapos que ficaram para trás, nos cantos dos quartos vazios.

Rapaz elegante, trajado na moda mais refinada, a despeito de

portar nas mãos uma bengala cujo peso indicava em seu detentor um bíceps invulgar, o senhor Félix Davey instalou-se tranquilamente no banco da aleia transversal que corta a avenida do Bois, em frente à rua Pergolèse. Perto dele, uma mulher, pelas roupas pequeno-burguesa, lia seu jornal, enquanto uma criança brincava de cavar, com sua pазinha, um túnel num montinho de areia.

Ao fim de um instante, Félix Davey perguntou à mulher, sem voltar a cabeça:

- Ganimard?
- Saiu às nove.
- Aonde foi?
- À Chefatura de Polícia.
- Sozinho?
- Sozinho.
- Nenhuma mensagem de noite?
- Nenhuma.
- Continuam a confiar em você no prédio?
- Continuam. Dou uma ajudinha à senhora Ganimard e ela me conta o que o marido faz... Passamos a manhã juntas.
- Está bem. Até nova ordem, continue a vir aqui diariamente, às onze horas.

Ele se levantou e dirigiu-se ao Pavilhão Chinês, nas redondezas da Porta Dauphine, onde fez uma refeição frugal – dois ovos, legumes e frutas. Em seguida, retornou à rua Crevaux e comunicou à zeladora:

- Vou dar uma espiada lá em cima, depois lhe devolvo a chave.

Terminou sua inspeção pelo cômodo que lhe servia de gabinete de trabalho. Ali, pegou a ponta do duto de gás, cujo cotovelo era articulado e que ficava dependurado junto à lareira, desatarraxou a

bucha de cobre que o vedava, encaixou um pequeno dispositivo em forma de corneta e soprou.

Um assobio lhe respondeu. Na ponta do duto, murmurou:

- Ninguém, Dubreuil?
- Ninguém.
- Posso subir?
- Sim.

Recolocou o tubo no lugar, enquanto ruminava: “Até onde vai o progresso? Nosso século abunda em pequenas invenções que tornam a vida realmente encantadora e pitoresca. E tão divertida!... Sobretudo quando sabemos jogar a vida como eu!”

Girou um dos frisos de mármore da lareira. A placa de mármore se moveu por inteiro, e o espelho que a encimava correu sobre trilhos invisíveis, fazendo surgir uma ampla abertura, onde o aguardavam os primeiros degraus de uma escada construída no próprio corpo da lareira; tudo muito bem executado, em metal polido e lajotas de porcelana branca.

Subiu. No quinto andar, uma abertura idêntica acima da lareira. O senhor Dubreuil esperava.

- Terminou na sua casa?
- Terminou.
- Tudo esvaziado?
- Completamente.
- O pessoal?
- Só ficaram os três seguranças.
- Vamos.

Um depois do outro, subiram pela mesma passagem secreta até o andar dos criados e saíram numa mansarda onde se encontravam três indivíduos, um dos quais olhava pela janela.

– Nada de novo?

– Nada, patrão.

– A rua está calma?

– Completamente.

– Mais dez minutos e parto em definitivo... Você também irá. Daqui até lá, ao menor movimento suspeito na rua, avise-me.

– Mantenho sempre o dedo na campainha de alarme, patrão.

– Dubreuil, recomendou aos homens da mudança para não tocar nos fios dessa campainha?

– Claro, está funcionando perfeitamente.

– Isso me deixa tranquilo.

Os dois senhores desceram de volta até o apartamento de Félix Davey. E este, após devolver ao lugar a placa de mármore, exclamou alegremente:

– Dubreuil, eu queria ver a cara daqueles que descobrirão todos esses admiráveis truques, campainhas de alarme, rede de fios elétricos e tubos acústicos, passagens invisíveis, tacos que deslizam, escadas ocultas... Uma verdadeira engrenagem para um drama de suspense!

– Que propaganda para Arsène Lupin!

– Uma propaganda que ele teria muito bem dispensado. Pena abandonar um esconderijo assim. Temos de recomeçar do zero, Dubreuil... e seguindo um novo modelo, evidentemente, pois nunca é bom se repetir. Tudo culpa do Sholmes!

– O Sholmes ainda não voltou?

– E como? De Southampton, só há um único pacote, o da meia-noite. Do Havre, um único trem, o das oito da manhã, que chega às onze e onze. Visto que ele não pegou o pacote da meia-noite – e não pegou, sendo categóricas as instruções dadas ao capitão –, só

poderá estar na França hoje à noite, via Newhaven e Dieppe.

– Se conseguir!

– Sholmes nunca desiste do jogo. Voltará, porém será tarde demais.

Estaremos longe.

– E a senhorita Destange?

– Devo encontrá-la daqui a uma hora.

– Na casa dela?

– Oh, não, ela só voltará para casa daqui a uns dias, depois da tormenta... e quando eu puder me dedicar inteiramente a ela. Mas, você, Dubreuil, precisa apressar-se. O embarque das nossas coisas vai demorar, e sua presença no cais é necessária.

– Tem certeza de que não somos vigiados?

– Por quem? Sholmes era meu único receio.

Dubreuil se retirou. Félix Davey deu uma última volta, recolheu duas ou três cartas rasgadas, depois, percebendo um pedaço de giz, pegou-o, desenhou no papel de parede escuro da sala de jantar uma grande moldura e escreveu, como se faz numa placa comemorativa:

*AQUI RESIDIU, DURANTE CINCO ANOS,
NO INÍCIO DO SÉCULO XX,
ARSÈNE LUPIN, LADRÃO DE CASACA.*

Essa pequena brincadeira pareceu lhe dar grande satisfação. Contemplou-a, assobiando uma melodia alegre, e exclamou:

– Agora que estou em regra com os historiadores das gerações futuras, fuja. Avie-se, mestre Herlock Sholmes, antes de três minutos deixarei minha toca e sua derrota será total... Mais dois minutos! Está me fazendo esperar, mestre! Mais um minuto! Não vem? Pois bem, proclamo sua derrocada e minha apoteose. Dito

isso, safo-me. Adeus, reino de Arsène Lupin! Não o verei mais. Adeus aos cinquenta e cinco cômodos dos seis apartamentos nos quais eu reinava! Adeus, meu quartinho, meu austero quartinho.

Uma campainha cortou bruscamente seu acesso de lirismo, uma campainha aguda, rápida e estridente, que parou duas vezes, recomeçou duas vezes e parou. Era a campainha de alarme.

O que havia então? Que perigo imprevisto? Ganimard? Não podia ser... Fez menção de voltar ao seu escritório e fugir. Mas primeiro foi na direção da janela. Ninguém na rua. O inimigo já estaria dentro do prédio? Escutou e julgou discernir rumores confusos. Sem mais hesitar, correu até o seu gabinete de trabalho e, quando atravessava a soleira, distinguiu o barulho de uma chave que tentavam introduzir na porta do vestíbulo.

– Diabos – murmurou –, na hora decisiva. A casa talvez esteja cercada... a escada de serviço, impossível. Felizmente a lareira...

Empurrou precipitadamente o friso de mármore: não se mexeu. Fez um esforço mais violento: não se mexeu.

Nesse exato momento teve a impressão de que a porta se abria e passos ressoavam.

– Raios – praguejou –, estou perdido se esse maldito mecanismo...

Seus dedos se convulsionaram em torno da lareira. Imprimiu todo o seu peso. Nada se mexeu. Nada! Por um azar incrível, por uma maldade realmente impiedosa do destino, o mecanismo, que funcionava ainda um minuto antes, não funcionava mais.

Insistiu, crispou-se. O bloco de mármore permanecia inerte, imutável. Maldição! Era admissível que aquele obstáculo estúpido lhe barrasse o caminho? Socou o mármore, deu socos raivosos, martelou-o, xingou-o...

– Muito bem, senhor Lupin, por acaso alguma coisa que não funciona a seu contento?

Lupin se voltou, tremendo de pavor. Herlock Sholmes estava à sua frente!

Herlock Sholmes! Encarou-o, piscando, como se incomodado por uma visão cruel. Herlock Sholmes em Paris! Herlock Sholmes, que ele despachara na véspera para a Inglaterra como um pacote perigoso e que surgia à sua frente, vitorioso e livre! Ah!, para que aquele milagre impossível tivesse se realizado, a despeito da vontade de Arsène Lupin, era preciso uma subversão das leis naturais, o triunfo de tudo que é ilógico e anormal! Herlock Sholmes à sua frente!

E o inglês tomou a palavra, irônico por sua vez, e despejando a polidez desdenhosa com que seu adversário tanto o havia flagelado:

– Senhor Lupin, advirto-o de que a partir deste minuto não penso mais na noite que o senhor me fez passar no palacete do Barão d’Hautrec, nem nas desventuras do meu amigo Wilson, ou no rapto de automóvel que sofri, e tampouco nessa viagem que acabo de fazer, amarrado por ordem sua num beliche desconfortável. Este minuto apaga tudo. Não me lembro de mais nada. Estou compensado. Regiamente compensado.

Lupin conservou o silêncio. O inglês continuou:

– Não é sua opinião?

Parecia insistir, como se exigisse uma aquiescência, uma espécie de indenização pelo passado.

Após um instante de reflexão, durante o qual o inglês se sentiu invadido e examinado até as profundezas de sua alma, Lupin declarou:

– Suponho, cavalheiro, que sua conduta atual se apoie em motivos

sérios...

- Extremamente sérios.

- O fato de ter escapado do meu capitão e dos meus marujos não passa de um incidente secundário de nossa luta. Mas o fato de estar aqui, na minha frente, sozinho, está entendendo, sozinho diante de Arsène Lupin, faz pensar que sua revanche é tão completa quanto real.

- Tão completa quanto real.

- Este prédio?

- Cercado.

- Os dois prédios vizinhos?

- Cercados.

- O apartamento em cima deste?

- Os três apartamentos do quinto andar que o senhor Dubreuil ocupava, cercados.

- De modo que...

- De modo que está preso, senhor Lupin, irremediavelmente preso.

Os mesmos sentimentos que haviam agitado Sholmes durante seu passeio de automóvel, Lupin os experimentou, a mesma fúria concentrada, a mesma revolta – assim como, no fim das contas, a mesma lealdade o fez curvar-se à força das circunstâncias. Os dois homens igualmente poderosos deviam aceitar analogamente a derrota como um mal provisório ao qual cumpre resignar-se.

- Estamos quites, cavalheiro – disse Lupin de modo claro.

O inglês pareceu deslumbrado com essa confissão. Calaram-se. Ele então continuou, já senhor de si e sorridente:

- E não estou zangado com isso! Estava ficando maçante ganhar todas as vezes. Bastava eu esticar o braço para golpeá-lo no meio

do peito. Desta vez, sou eu. *Touché*, mestre!

E riu francamente.

– Enfim vamos nos divertir! Lupin caiu na ratoeira. Como sairá? Na ratoeira!... Que aventura!... Ah, mestre, devo-lhe uma emoção ímpar. É isso, a vida!

Pressionou as têmporas com os dois punhos fechados, como se para comprimir a alegria desordenada que fervilhava nele, e fazia gestos de criança que se diverte além de suas forças.

Em seguida, aproximou-se do inglês.

– E agora, o que está esperando?

– O que estou esperando?

– Sim, Ganimard está aqui com seus homens. Por que ele não entra?

– Pedi para que não entrasse.

– E ele consentiu?

– Requeri seus serviços com a condição expressa de que se deixaria guiar por mim. Aliás, ele acredita que o senhor Félix Davey não passa de um cúmplice de Lupin!

– Então repito minha pergunta sob outra forma. Por que entrou sozinho?

– Quis primeiro falar com você.

– Ahá! Fez questão de falar comigo.

Essa ideia pareceu agradar singularmente a Lupin. Há determinadas circunstâncias em que preferimos de longe as palavras aos atos.

– Senhor Sholmes, lamento não ter poltrona a lhe oferecer. Esse velho caixote rachado lhe agrada? Ou o parapeito dessa janela? Tenho certeza de que um copo de cerveja seria bem-vindo... escura ou clara?... Mas sente-se, por favor...

– Inútil. Conversemos.

– Estou escutando.

– Serei breve. O objetivo de minha viagem à França não era sua prisão. Se fui levado a persegui-lo, foi porque não havia outro meio de chegar ao meu verdadeiro objetivo.

– E qual era?

– Encontrar o diamante azul!

– O diamante azul!

– Claro, uma vez que o descoberto no frasco do cônsul Bleichen não era o verdadeiro.

– Com efeito. O verdadeiro foi expedido pela Mulher Loura, mandei fazer uma cópia exata e, como naquela oportunidade eu tinha planos para as outras joias da condessa, e o cônsul Bleichen já era suspeito, a mencionada Mulher Loura, para não ser alvo de suspeita, esgueirou o falso diamante nas bagagens do mencionado cônsul.

– Enquanto o senhor guardava o verdadeiro.

– Naturalmente.

– Preciso desse diamante.

– Impossível. Mil desculpas.

– Prometi-o à condessa de Crozon. E o terei.

– Como o terá, uma vez que ele está em minha posse?

– Justamente por isso é que o terei.

– Eu o devolverei, então?

– Sim.

– Voluntariamente?

– Compro-o do senhor.

Lupin teve um acesso de riso.

– O senhor é mesmo do seu país. Trata isso como um negócio.

- É um negócio.
- E o que me oferece?
- A liberdade da senhorita Destange.
- A liberdade dela? Mas que eu saiba ela não está presa.
- Fornecerei ao senhor Ganimard as indicações necessárias. Sem a sua proteção, ela também será presa.

Lupin gargalhou novamente.

- Cavalheiro, o senhor me oferece o que não tem. A senhorita Destange está em segurança e nada teme. Peço-lhe que me ofereça outra coisa.

O inglês hesitou, visivelmente constrangido, um pouco vermelho nas faces. Depois, bruscamente, pousou a mão no ombro de seu adversário.

- E se eu lhe propusesse...
- Minha liberdade?
- Não... mas, enfim, posso sair desta sala, entender-me com o senhor Ganimard...
- E me deixar refletir?
- Sim.
- Meu Deus, de que isso me serviria? Esse satânico mecanismo não funciona mais – disse Lupin, empurrando com irritação o friso da lareira.

Abafou um grito de estupefação dessa vez, pois, capricho das coisas, retorno inesperado da sorte, o bloco de mármore se moveu sob seus dedos.

Era a salvação, a evasão possível. Nesse caso, para que se submeter às condições de Sholmes?

Andou para um lado e para o outro, como se meditasse numa resposta.

Em seguida, foi sua vez de pousar a mão no ombro do inglês.

– Pensando bem, senhor Sholmes, prefiro fazer meus pequenos negócios sozinho.

– No entanto...

– Não, não preciso de ninguém.

– Quando Ganimard agarrá-lo, será o fim. Não o soltarão.

– Quem sabe!

– Vejamos, isso é loucura. Todas as saídas estão vigiadas.

– Resta uma.

– Qual?

– A que escolherei.

– Palavras! Pode considerar sua prisão coisa feita.

– Ainda não.

– Então?

– Então fico com o diamante azul.

Sholmes sacou seu relógio.

– São duas e cinquenta. Às três horas chamo Ganimard.

– Temos, portanto, dez minutos pela frente para jogar conversa fora. Aproveitemos, senhor Sholmes, e, para satisfazer a curiosidade que me devora, conte-me como soube meu endereço e meu nome Félix Davey.

Enquanto vigiava atentamente Lupin, cujo bom humor o preocupava, Sholmes prestou-se de bom grado a essa pequena explicação, que afagava seu amor-próprio, e foi em frente:

– Seu endereço? Peguei-o com a Mulher Loura.

– Clotilde!

– Ela mesma. Lembre-se... ontem de manhã... quando eu quis raptá-la de automóvel, ela telefonou para a costureira.

– De fato.

– Pois bem, posteriormente compreendi que a costureira era o senhor. E, no barco, aquela noite, puxando pela memória, que talvez seja uma das coisas de que posso me gabar, consegui reconstituir os dois últimos algarismos do seu número de telefone... 73. Dessa forma, possuindo a lista de suas casas “reformadas”, foi fácil para mim, assim que cheguei a Paris hoje de manhã, às onze horas, procurar e descobrir no catálogo telefônico o nome e o endereço do senhor Félix Davey. Conhecidos esse nome e esse endereço, pedi ajuda ao senhor Ganimard.

– Admirável! De primeira ordem! Só me resta me curvar. Mas o que não entendi é como o senhor pegou o trem do Havre. Como fez para se evadir do *Andorinha*?

– Não me evadi.

– No entanto...

– O senhor tinha dado ordens ao capitão para só chegar a Southampton à uma da manhã. Fui desembarcado à meia-noite. Pude então embarcar no paquete do Havre.

– O capitão me teria traído? Isso é inadmissível.

– Ele não o traiu.

– Então?...

– Foi seu relógio.

– Seu relógio.

– Sim, adiantei seu relógio em uma hora.

– Como?

– Como adiantamos um relógio, girando o ponteiro. Conversávamos, sentados um ao lado do outro, eu lhe contava histórias que o interessavam... Céus, ele não percebeu nada.

– Bravo, bravo, belo golpe, vou guardá-lo na memória. Mas e o relógio de parede que estava preso na divisória de sua cabine?

– Ah, esse relógio era mais difícil, pois eu estava com as pernas amarradas, mas o marujo que me vigiava durante as ausências do capitão se dispôs a dar um empurrãozinho nos ponteiros.

– Ele? Ora, vamos! Ele consentiu?...

– Oh! Ele ignorava a importância de seu ato! Eu apenas disse que precisava pegar o primeiro trem para Londres de qualquer maneira, e... ele se deixou convencer...

– Mediante...

– Mediante um presentinho... que o excelente homem aliás tem a intenção de lhe entregar lealmente.

– Que presente?

– Uma bagatela.

– Ora vamos...

– O diamante azul.

– O diamante azul!

– Sim, o falso, o que o senhor colocou no lugar do diamante da condessa, e que ela me entregou...

Foi uma explosão de risos, súbita e tumultuosa. Lupin se contorcia, com os olhos marejados de lágrimas.

– É de rolar de rir! Meu falso diamante passado ao marujo! E o relógio do capitão! E os ponteiros do pêndulo!...

Nunca antes Sholmes sentira tão violenta a luta entre Lupin e ele. Com seu instinto prodigioso, pressentia, sob aquela alegria excessiva, uma concentração de pensamento formidável, como que uma síntese de todas as faculdades.

Pouco a pouco Lupin se aproximara. O inglês recuou e, distraidamente, esgueirou os dedos em sua algibeira.

– São três horas, senhor Lupin.

– Três horas, já? Que pena!... Estávamos nos divertindo tanto!

– Espero sua resposta.

– Minha resposta? Meu Deus, como o senhor é exigente! Chegamos então ao fim do nosso jogo. E, como recompensa, minha liberdade!

– Ou o diamante azul.

– Que seja... jogue primeiro. O que faz?

– Jogo o rei – disse Sholmes, disparando um tiro de revólver.

– E eu o curinga – replicou Arsène, desfechando um soco na direção do inglês.

Sholmes atirara para o alto, para chamar Ganimard, cuja intervenção lhe parecia urgente. Mas o punho de Arsène atingiu em cheio o estômago de Sholmes, que empalideceu e vacilou. Num pulo, Lupin alcançou a lareira e fez com que a placa de mármore se deslocasse... Tarde demais! A porta se abriu.

– Renda-se, Lupin. Senão...

Sem dúvida posicionado mais perto do que Lupin pensara, Ganimard estava ali, com o revólver apontado para ele. E atrás de Ganimard dez, vinte homens se espremiavam, brutamontes sem pruridos, que o teriam abatido feito um cão ao menor sinal de resistência.

Ele fez um gesto, muito calmo.

– Abaixem as patas! Eu me rendo.

E cruzou os braços no peito.

Houve uma espécie de estupor. No aposento despojado de seus móveis e suas cortinas, as palavras de Arsène Lupin se prolongavam como um eco. “Eu me rendo!” Palavras inacreditáveis! Esperavam que ele sumisse num passe de mágica por um alçapão ou que uma parede desmoronasse à sua frente e o furtasse mais uma vez a seus agressores. E ele se rendia!

Ganimard avançou e, nervosíssimo, com toda a gravidade que comportava tal ato, lentamente estendeu a mão sobre seu adversário e teve o prazer infinito de pronunciar:

– Considere-se preso, Lupin.

– Brrr!!! – arrepiou-se Lupin –, assim você me dá medo, meu bom Ganimard. Que cara mais lúgubre! Parece que está falando diante do túmulo de um amigo. Vamos, não faça essa cara de enterro.

– Considere-se preso.

– E isso o choca? Em nome da lei da qual é fiel executor, Ganimard, inspetor-chefe, prende o malvado Lupin. Minuto histórico, cuja importância os senhores captam plenamente... E é a segunda vez que esse fato se produz. Bravo, Ganimard, você irá longe na carreira!

E ofereceu seus pulsos às grilhetas de aço...

Foi um acontecimento que se deu de maneira um pouco solene. Os agentes, a despeito de sua proverbial brusquidão e da força de seu ressentimento contra Lupin, agiam com sobriedade, surpresos com a chance de tocar naquela criatura intangível.

– Meu pobre Lupin – ele suspirou –, o que diriam seus amigos do nobre *faubourg*, vendo-o humilhado dessa maneira?

Afastou os punhos num esforço progressivo e contínuo de todos os seus músculos. As veias de sua testa saltaram. Os elos da corrente penetraram-lhe na pele.

– Vamos – ele disse.

A corrente arrebentou, rompida.

– Outra, camaradas, esta não vale nada.

Passaram-lhe duas. Ele aprovou:

– Assim é melhor! Nunca é demais tomar todas as precauções.

Depois, contando os agentes:

– Quantos vocês são, meus amigos? Vinte e cinco? Trinta? É muito... Nada a fazer. Ah, se fossem apenas quinze!

Era realmente uma atuação, a atuação de um grande ator que desempenha seu papel por instinto e com verve, com impertinência e despreocupação. Sholmes assistia, como assistimos a um belo espetáculo cujas belezas e nuances apreciamos. De fato, teve a impressão bizarra de que a luta era igual entre aqueles trinta homens de um lado, apoiados por todo o aparato formidável da justiça, e do outro aquela criatura solitária, sem armas e acorrentado. Os dois lados se equivaliam.

– Muito bem, mestre – disse-lhe Lupin –, eis a sua obra. Graças ao senhor, Lupin apodrecerá na palha úmida das masmorras. Confessa que sua consciência não está absolutamente tranquila e que o remorso o devora?

Involuntariamente o inglês encolheu os ombros, parecendo dizer: “Só depende do senhor!...”

– Nunca! Nunca! – exclamou Lupin. – Devolver-lhe o diamante azul? Ah!, não, ele me deu um trabalhão. Prezo-o. Por ocasião da primeira visita que eu tiver a honra de lhe fazer em Londres, mês que vem sem dúvida, direi minhas razões... Mas estará em Londres mês que vem? Prefere Viena? São Petersburgo?

Sobressaltou-se. No teto, subitamente, soava uma campainha. E não era mais a campainha de alarme, e sim do telefone, cujos fios saíam no seu escritório, entre as duas janelas, e cujo aparelho não fora retirado.

O telefone! Ora, quem cairia na armadilha que um abominável acaso preparava! Arsène Lupin esboçou um gesto de raiva em direção ao aparelho, como se quisesse arreventá-lo, reduzi-lo a migalhas e, com isso, abafar a voz misteriosa que o chamava. Mas

Ganimard pegou o fone e se debruçou.

– Alô... alô... o número 648.73... sim, é aqui.

Rapidamente, com autoridade, Sholmes afastou-o, pegou o aparelho e cobriu o bocal com seu lenço, para tornar irreconhecível o som de sua voz.

Nesse momento, ergueu os olhos para Lupin. E o olhar que trocaram lhes provou que o mesmo pensamento ocorrera a ambos, e que os dois previam até as últimas consequências daquela hipótese possível, provável, quase certa: era a Mulher Loura que telefonava. Julgava telefonar para Félix Davey, ou melhor, para Maxime Bermond, e era com Sholmes que ela ia se abrir!

E o inglês falou, lentamente:

– Alô... alô...

Uma pausa, e Sholmes:

– Sim, sou eu, Maxime.

O drama se delineou imediatamente, com uma precisão trágica. Lupin, o indomável e trocista Lupin, nem mesmo tentava esconder sua ansiedade e, com o rosto pálido de angústia, esforçava-se para ouvir, adivinhar. E Sholmes continuou, em resposta à voz misteriosa:

– Alô... alô... claro, está tudo terminado, eu me preparava justamente para encontrá-la, como combinado... Onde? Ora, onde você está. Não acha que é melhor assim...

Ele hesitou, procurando as palavras, então se calou. Estava claro que tentava interrogar a moça sem falar muito e que ignorava completamente onde ela se encontrava. Além disso, a presença de Ganimard parecia incomodá-lo... Ah!, se algum milagre pudesse cortar o fio daquela conversa diabólica! Lupin o convocava com todas as suas forças, tensionando os seus nervos!

E Sholmes pronunciou:

– Alô! Alô! Não está ouvindo? Eu também não... muito mal... quase não consigo entender... Está escutando? Muito bem, pronto... pensando bem... é preferível que volte para sua casa... Perigo? Nenhum... Mas ele está na Inglaterra! Recebi um despacho de Southampton, confirmando sua chegada.

A ironia dessas palavras! Sholmes articulou-as com um bem-estar inexprimível. E acrescentou:

– Portanto, não perca tempo, querida amiga, estou indo ao seu encontro.

Desligou o aparelho.

– Senhor Ganimard, peço três de seus homens.

– É para a Mulher Loura, não é?

– Sim.

– Sabe quem é, onde está?

– Sim.

– Danado! Bela captura. Com Lupin... a missão está completa.

Folenfant, pegue dois homens e acompanhe o cavalheiro.

O inglês se afastou, seguido por três agentes.

Estava terminado. A Mulher Loura também cairia no poder de Sholmes. Graças à sua admirável obstinação, graças à cumplicidade de acontecimentos auspiciosos, a batalha findava para ele em vitória; para Lupin, num desastre irreparável.

– Senhor Sholmes!

O inglês se deteve.

– Senhor Lupin?

Lupin parecia profundamente abalado por aquele último golpe. Rugas escavavam sua testa. Estava cansado e triste. Aprumou-se, contudo, em um sobressalto de energia. Alegre e displicente apesar de tudo, exclamou:

– O senhor há de convir que o destino está contra mim. Ainda há pouco, ele me impediu de fugir por essa lareira e me entregou ao senhor. Dessa vez, serve-se do telefone para lhe dar de presente a Mulher Loura. Curvo-me às suas ordens.

– O que significa?...

– Significa que estou pronto a reabrir as negociações.

Sholmes puxou à parte o inspetor e solicitou, num tom aliás que não admitia réplica, autorização para trocar algumas palavras com Lupin. Em seguida, voltou-se para este. Colóquio supremo! Começou num tom seco e nervoso.

– O que deseja?

– A liberdade da senhorita Destange.

– Sabe o preço?

– Sim.

– E aceita?

– Aceito todas as suas condições.

– Ah! – fez o inglês, perplexo. – Mas o senhor recusou... para o senhor...

– Tratava-se de mim, senhor Sholmes. Agora é uma mulher... E a mulher que amo. Na França, compreenda, temos ideias muito singulares sobre essas coisas. E não é porque me chamo Lupin que agiria de maneira diferente... Ao contrário!

Disse isso com muita calma. Sholmes inclinou imperceptivelmente a cabeça e murmurou:

– E então, o diamante azul?

– Pegue minha bengala, ali, no canto da lareira. Aperte com uma das mãos o castão e, com a outra, gire a argola de ferro que remata a ponta oposta do bastão.

Sholmes pegou a bengala e girou a argola, e, enquanto girava,

percebeu que o castão desatarraxava. No interior desse castão estava uma bola de argamassa. Dentro da bola, um diamante.

Examinou-o. Era o diamante azul.

– A senhorita Destange está livre, senhor Lupin.

– Livre no futuro como no presente? Não tem nada a recear de sua parte?

– Nem de ninguém.

– Aconteça o que acontecer?

– Aconteça o que acontecer. Acabo de apagar seu nome e seu endereço.

– Obrigado. E até logo. Pois nos veremos novamente, não é, senhor Sholmes?

– Não tenho dúvida disso.

Houve entre o inglês e Ganimard uma explicação bastante agitada que Sholmes interrompeu com certa brusquidão:

– Lamento muito, senhor Ganimard, por não estarmos de acordo. Mas não tenho tempo de convencê-lo. Parto para a Inglaterra em uma hora.

– Mas... e a Mulher Loura?...

– Não conheço essa pessoa...

– Mas um instante atrás...

– É pegar ou largar. Já lhe entreguei Lupin. Eis o diamante azul... que o senhor terá o prazer de devolver pessoalmente à condessa de Crozon. Parece-me que não tem do que se queixar.

– Mas a Mulher Loura?

– Encontre-a.

Enfiou seu chapéu na cabeça e saiu rapidamente, como alguém que não tem o costume de se demorar quando seus assuntos estão resolvidos.

– Boa viagem, mestre – gritou Lupin. – E pode crer que nunca esquecerei as relações cordiais que cultivamos. Meu apreço ao senhor Wilson.

Não obtive nenhuma resposta e riu:

– É o que se chama sair à inglesa. Ah, esse digno ilhéu não tem a flor de cortesia pela qual nos distinguimos. Pense um pouco, Ganimard, na saída que um francês teria executado em tais circunstâncias, com que requintes de polidez teria revestido seu triunfo! Mas, Deus me perdoe, Ganimard, o que está fazendo? Ora vamos, uma revista! Não há mais nada, pobre amigo, nem sequer um papel. Meus arquivos estão em local seguro.

– Quem sabe? Quem sabe?

Lupin resignou-se. Contido por dois inspetores, cercado pelos demais, assistiu pacientemente às diversas operações. No entanto, ao fim de vinte minutos, suspirou:

– Vamos, Ganimard, você nunca termina.

– Então está com pressa?

– Se estou com pressa? Tenho um encontro urgente!

– Na Central?

– Não, na cidade.

– Bah! E a que horas?

– Às duas.

– São três.

– Justamente, chegarei atrasado, e não há nada que eu deteste mais do que chegar atrasado.

– Me dá cinco minutos?

– Nem um a mais.

– Muito amável... vou tentar...

– Não fale tanto... De novo esse armário? Mas está vazio!

– No entanto, eis algumas cartas.
– Velhas faturas!
– Não, um maço amarrado com uma fita.
– Uma fita cor-de-rosa? Oh! Ganimard, não desate, pelo amor de Deus!

– É de uma mulher?
– Sim.
– Uma mulher da sociedade?
– Da melhor.
– Seu nome?
– Senhora Ganimard.
– Muito engraçado! Muito engraçado! – exclamou o inspetor, num tom ofendido.

Nesse momento, os homens espalhados nos outros cômodos comunicaram que as revistas não tinham dado nenhum resultado. Lupin desatou a rir.

– Claro que não! Por acaso esperavam descobrir a lista de meus camaradas ou a prova de minhas relações com o imperador da Alemanha? O que você teria de procurar, Ganimard, são os pequenos mistérios deste apartamento. Por exemplo, esse tubo de gás é um tubo acústico. Essa lareira contém uma escada. Essa parede é oca. E o emaranhado das campainhas! Veja, Ganimard, aperte esse botão...

Ganimard obedeceu.

– Não ouve nada? – interrogou Lupin.
– Não.
– Eu também não. Contudo, você ordenou ao comandante do meu parque aerostático que preparasse o balão dirigível que em breve irá nos carregar pelos ares.

– Vamos – disse Ganimard, que terminara sua inspeção –, chega de tolices, a caminho!

Deu alguns passos, os homens o seguiram. Lupin não saiu do lugar.

Seus guardiões o empurraram. Em vão.

– Muito bem – disse Ganimard –, recusa-se a andar?

– Em absoluto.

– Nesse caso...

– Se irei ou não, depende.

– De quê?

– Do lugar para onde me levarão.

– Para a Central, é claro.

– Então não saio do lugar. Não tenho nada a fazer na Central.

– Por acaso está louco?

– Não tive a honra de lhe avisar que tenho um encontro urgente?

– Lupin!

– Ora, Ganimard, a Mulher Loura aguarda minha visita e decerto não supõe que eu seja tão grosseiro a ponto de inquietá-la! Seria indigno de um homem galante.

– Escute, Lupin – disse o inspetor, a quem aquela galhofa começava a irritar –, até aqui fui muito amável com você. Mas tudo tem limite. Siga-me.

– Impossível. Tenho um encontro, estarei presente a esse encontro.

– Pela última vez...

– Im-pos-sí-vel.

Ganimard fez um sinal. Dois homens agarraram Lupin pelas axilas e o levantaram, mas o largaram imediatamente, com um gemido de dor: com suas duas mãos, Arsène Lupin enfiara neles duas longas

agulhas na carne.

Furiosos, os outros se precipitaram, dando finalmente vazão ao seu ódio, loucos para vingar seus camaradas e a si mesmos de tantos ultrajes, e bateram, bateram à vontade. Um soco mais violento atingiu-o na têmpora. Ele caiu.

– Se o estragarem – rosnou Ganimard, furioso –, terão de se haver comigo.

Debruçando-se sobre o prisioneiro, averiguou seu estado. Ao constatar que respirava livremente, ordenou que o pegassem pelos pés e pela cabeça, enquanto ele mesmo escorava seu torso.

– Vamos, com delicadeza, por favor! Sem solavancos... Ah, brutos, eles o teriam matado. Ei, Lupin, você está bem?

Lupin abria os olhos. Balbuciou:

– Um trapo, Ganimard... Você permitiu que eles me demolissem.

– Culpa sua, desgraçado... cabeça-dura! – respondeu Ganimard, desolado. – Está doendo muito?

Chegaram ao saguão. Lupin gemeu:

– Ganimard... o elevador... eles vão me quebrar os ossos...

– Boa ideia, excelente ideia – aprovou Ganimard. – Aliás, a escada é muito estreita, não haveria como...

Chamou o elevador. Instalaram Lupin no assento com todo tipo de precauções. Ganimard acomodou-se ao seu lado e disse a seus homens:

– Desçam pela escada enquanto vamos de elevador. Esperem-me em frente à cabine da zeladora. Combinado?

Puxou a porta. Mas ela ainda não se fechara quando ressoaram gritos. Num pulo, o ascensor subira como um balão do qual cortaram o cabo. Uma gargalhada reverberou, sardônica.

– Miserável... – berrou Ganimard, procurando freneticamente no

escuro o botão para descer.

E, como não o encontrava, gritou:

– O quinto! Vigiem a porta do quinto.

Em grupos de quatro, os agentes subiram a escada. Mas produziu-se um fato estranho: o elevador pareceu furar o teto do último andar, desapareceu sob os olhos dos agentes, emergiu subitamente no andar superior, o dos criados, e parou. Três homens espreitavam e abriram a porta. Dois deles dominaram Ganimard, o qual, imobilizado, estupefato, não pensava em se defender. O terceiro carregou Lupin.

– Eu o tinha avisado, Ganimard... a subida no balão... e graças a você! Seja menos piedoso em outra ocasião. E, sobretudo, lembre-se de que Arsène Lupin não permite que o surrem e ridicularizem sem bons motivos. Adeus...

A cabine já estava novamente fechada, e o elevador, com Ganimard, fora despachado novamente para os andares inferiores. E tudo isso foi executado tão depressa que o velho policial ainda alcançou os agentes perto da cabine da zeladora.

Sem sequer se comunicarem, atravessaram o pátio correndo e subiram pela escada de serviço, único meio de chegar ao andar dos criados por onde a evasão se dera.

Um longo corredor labiríntico e servindo a pequenos quartos numerados conduzia a uma porta, que estava simplesmente arrombada. Do outro lado dessa porta, e por conseguinte num outro prédio, partia outro corredor, igualmente com ângulos quebrados e ladeado por quartos semelhantes. Ao fundo, uma escada de serviço. Ganimard desceu por ela, atravessou um pátio, um vestíbulo e se precipitou por uma rua, a rua Picot. Então compreendeu: os dois prédios, construídos em profundidade, tocavam-se e suas fachadas

davam para duas ruas, não perpendiculares, mas paralelas, e distantes uma da outra mais de sessenta metros.

Entrou na cabine da zeladora e, mostrando sua carteira, inquiriu:

- Quatro homens acabam de passar por aqui?
- Sim, os criados do quarto e do quinto e dois amigos.
- Quem mora no quarto e no quinto?
- Os senhores Fauvel e seus primos Provost... Eles se mudaram hoje. Só ficaram esses dois criados... Eles acabam de sair.

“Ah!”, pensou Ganimard, afundando-se num sofá da cabine. “Que belo golpe deixamos de dar! O bando inteiro ocupava esse bloco de prédios!”

Quarenta minutos mais tarde, dois senhores chegavam de carro à Gare du Nord e corriam até o trem expresso de Calais, seguidos por um carregador com suas malas.

Um deles tinha um braço na tipoia, e seu rosto pálido não exibia um aspecto saudável. O outro parecia alegre.

– Avie-se, Wilson, não podemos perder o trem... Ah, Wilson, nunca esquecerei estes dez dias!

- Eu também não.
- Ah! Que belas batalhas!
- Soberbas.
- Exceto, aqui e ali, alguns pequenos aborrecimentos...
- Pequeninhos.
- E finalmente o triunfo, de ponta a ponta. Lupin preso! O diamante azul recuperado!
- Meu braço quebrado.
- Quando estão em jogo satisfações desse tipo, o que é um braço quebrado?
- Sobretudo o meu.

– Exatamente! Lembre-se, Wilson, foi justamente no momento em que você estava no farmacêutico, sofrendo como um herói, que descobri o fio que me guiou nas trevas.

– Que feliz coincidência!

Portinholas se fechavam.

– Para o vagão, por favor. Estamos na hora, cavalheiros.

O carregador subiu os degraus de um compartimento vazio e dispôs as malas no aparador, enquanto Sholmes içava o desafortunado Wilson.

– Mas o que você tem, Wilson? Não termina com isso! Mais fibra, velho camarada...

– Não é fibra que me falta.

– Então o que é?

– Só tenho uma das mãos disponível.

– E daí? – exclamou alegremente Sholmes. – Chega de conversa fiada. Parece até que você é a única pessoa nesse estado. E os pinguins? Os verdadeiros manetas? Vamos lá, certo? Não é nada de mais.

Estendeu ao carregador uma moeda de cinquenta cêntimos.

– Ótimo, meu amigo. Aqui para você.

– Obrigado, senhor Sholmes.

O inglês ergueu os olhos: Arsène Lupin.

– O senhor... O senhor! – balbuciou, estupefato.

E Wilson gaguejou, agitando sua única mão com gestos de alguém que demonstra um fato:

– O senhor! O senhor! Mas o senhor está preso! Sholmes me contou. Quando ele se despediu, Ganimard e seus trinta agentes o cercavam...

Lupin cruzou os braços e, com ar indignado:

– Então os senhores imaginaram que eu os deixaria partir sem dizer adeus? Após as excelentes relações de amizade que jamais deixamos de cultivar uns com os outros? Mas isso seria o cúmulo da indelicadeza. Por quem me tomam?

O trem apitava.

– Enfim, eu lhes perdoo... Mas têm tudo de que precisam? Fumo, fósforos... sim... e os jornais vespertinos? Neles encontrarão detalhes sobre minha prisão, sua última façanha, mestre. E agora, até logo. Foi um prazer conhecê-los, de verdade!... Caso precisem de mim, ficarei muito feliz...

Pulou para a plataforma e fechou a portinhola.

– Adeus – repetiu, agitando um lenço. – Adeus, escreverei... Os senhores também, combinado? E seu braço quebrado, senhor Wilson? Espero notícias de todos os dois... Um cartão-postal de quando em quando... Como endereço: Lupin, Paris... Isso é suficiente. Não precisa selar... Adeus, até breve...

SEGUNDO EPISÓDIO

A LÂMPADA JUDAICA





1

Herlock Sholmes e Wilson estavam sentados à direita e à esquerda da grande lareira, os pés estendidos para um aconchegante fogo de hulha.

O cachimbo de Sholmes, cujo corpo era de raiz de urze, curto e rematado por um anel de prata, apagou. Ele bateu a cinza, encheu-o novamente, acendeu-o, trouxe para os joelhos as abas de seu robe de chambre e deu longas baforadas, que se esmerava em lançar para o teto em pequenas rodela de fumaça.

Wilson observava-o. Observava-o como o cão deitado encolhido no tapete da sala olha seu dono, com olhos arregalados, que não piscam, olhos que não têm outra esperança senão corresponder ao gesto esperado. O mestre iria romper o silêncio? Iria revelar-lhe o segredo de sua divagação atual e admiti-lo no reino da meditação cuja entrada parecia proibida a Wilson?

Sholmes se calava.

Wilson arriscou:

– Os tempos estão calmos. Nenhum caso para abocanharmos.

Sholmes calou-se mais violentamente ainda, mas suas rodela de fumaça estavam cada vez mais perfeitas, e qualquer outro que não Wilson teria observado que ele extraía disso a profunda satisfação que dão esses pequenos deleites de amor-próprio, nas horas em

que o cérebro está completamente vazio de pensamentos.

Wilson, desencorajado, levantou-se e foi até a janela.

A triste rua se estendia entre as fachadas melancólicas dos prédios, sob um céu escuro do qual caía uma chuva cruel e raivosa. Um táxi passou, e mais outro. Wilson escreveu seus números num bloquinho. Sabe-se lá?...

– Ora – exclamou –, o carteiro.

O homem entrou, conduzido por um criado.

– Duas cartas registradas, senhor... poderia fazer o favor de assiná-las?

Sholmes assinou o registro, acompanhou o homem até a porta e voltou, abrindo uma das cartas.

– Você parece felicíssimo – observou Wilson ao fim de um momento.

– Essa carta contém uma proposta bem interessante. Você que pedia um caso, ei-lo aqui. Leia...

Wilson leu:

Senhor, Venho pedir-lhe o socorro de sua experiência. Fui vítima de um roubo importante, e as buscas efetuadas até aqui parecem destinadas ao fracasso.

Envio junto com essa correspondência um certo número de jornais que o deixarão ao par do episódio, e, se for de seu interesse assumi-lo, coloco minha mansão ao seu dispor e peço-lhe que escreva no cheque anexo, assinado por mim, a soma que julgar conveniente estabelecer para suas despesas de viagem.

Queira fazer a gentileza de me telegrafar sua resposta e aceite, senhor, meus protestos da mais elevada consideração.

Barão Victor d'Imblevalle, rua Murillo, 18.

– Ora, ora! – fez Sholmes. – Isto se anuncia promissor... Uma pequena viagem a Paris, afinal, por que não? Desde meu famoso duelo com Arsène Lupin, não tive oportunidade de voltar. Não me aborreceria ver a capital do mundo em condições um pouco mais tranquilas.

Rasgou o cheque em quatro e, enquanto Wilson, cujo braço não recuperara a antiga flexibilidade, pronunciava palavras amargas contra Paris, abriu o segundo envelope.

Imediatamente teve um gesto de irritação, franziu a testa durante a leitura e, amassando o papel, fez com ele uma bola, que atirou com violência no assoalho.

– O que foi? O que há? – exclamou Wilson, assustado.

Recolheu a bola, desamassou-a e leu com crescente estupor:

Meu caro Mestre,

Sabe a admiração que tenho pelo senhor e o interesse que dedico à sua reputação. Pois bem, creia-me, não assumo o caso para o qual solicitam sua colaboração. Sua intervenção causaria muito mal, todos os seus esforços não desembocariam senão num resultado lamentável, e o senhor seria obrigado a admitir publicamente o seu fracasso.

Profundamente desejoso de lhe poupar tal humilhação, rogo, em nome de nossa amizade, que permaneça tranquilamente junto à sua lareira.

Minhas lembranças ao senhor Wilson, e para o senhor, meu caro Mestre, a respeitosa homenagem do seu devotado

Arsène Lupin.

– Arsène Lupin!... – repetiu Wilson, confuso.

Sholmes começou a socar a mesa.

– Ah, mas esse animal começa a me irritar! Zomba de mim como

se eu fosse um moleque! A confissão pública do meu fracasso! Não o obriguei a devolver o diamante azul?

– Ele está com medo – insinuou Wilson.

– Não diga tolices! Arsène Lupin nunca tem medo, a prova disso é que me provoca.

– Mas como teria ele conhecimento da carta enviada pelo Barão d’Imblevalle?

– Como vou saber? Você faz umas perguntas estúpidas, meu caro!

– Apenas pensei... imaginei...

– O quê? Que sou um bruxo?

– Não, mas já o vi realizar tantos prodígios!

– Ninguém realiza prodígios... nem eu nem outro qualquer. Reflito, deduzo, concluo, mas não adivinho. Só os imbecis adivinham.

Wilson adotou a postura humilde de um cão espancado e procurou, a fim de não ser um imbecil, não adivinhar por que Sholmes perambulava pela sala com passadas largas e irritadas. Mas, como Sholmes chamou o criado e pediu sua mala, Wilson julgou-se no direito, uma vez que aí havia fato material, de refletir, deduzir e concluir que o mestre partia em viagem.

Operação intelectual idêntica lhe permitiu afirmar, sem vergonha de errar:

– Herlock, você vai a Paris.

– Possível.

– E vai mais para responder à provocação de Lupin do que para ajudar o Barão d’Imblevalle.

– Possível.

– Herlock, vou com você.

– Ah! Ah, velho amigo – exclamou Sholmes, interrompendo a

caminhada –, não teme que seu braço esquerdo tenha o mesmo destino do direito?

– O que pode me acontecer? Você estará lá.

– Esplêndido então, camarada! E mostraremos a esse senhor que ele talvez esteja errado ao desafiar-nos atirando sua luva com tamanha audácia! Rápido, Wilson, nós nos encontramos no primeiro trem.

– Sem esperar os jornais que o barão disse ter enviado?

– Para quê?

– Mando um telegrama?

– Inútil. Arsène Lupin saberá da minha chegada. Não ligo. Desta vez, Wilson, temos que jogar pesado.

À tarde, os dois amigos embarcavam em Dover. A travessia foi excelente. No rápido Calais-Paris, Sholmes presenteou-se com três horas do sono mais profundo, enquanto Wilson permanecia vigilante na porta da cabine e meditava, o olhar vago.

Sholmes acordou alegre e bem-disposto. A perspectiva de um novo duelo com Arsène Lupin o arrebatava e ele esfregava as mãos com o ar satisfeito de um homem que se prepara para degustar abundantes alegrias.

– Finalmente – exclamou Wilson –, vamos desenferrujar! E esfregou as mãos com o mesmo ar satisfeito.

Na estação, Sholmes pegou os casacos. Seguido por Wilson, que carregava as malas – cada qual com seu fardo –, entregou os tíquetes e saiu alegremente:

– Que tempo bonito, Wilson... Sol! Paris está em festa para nos receber.

– Quanta gente!

– Melhor assim, Wilson! Não corremos o risco de ser notados.

Ninguém nos reconhecerá no meio dessa multidão!

– Senhor Sholmes, correto?

O detetive estacou, pasmo. Que demônio poderia interpelá-lo pelo nome?

Ao seu lado, uma mulher, uma jovem, cuja roupa muito simples sublinhava a figura distinta, e cujo belo rosto exibia uma expressão inquieta e dolorosa.

Ela repetiu:

– O senhor não é o senhor Sholmes?

Como ele se calava, perplexo e com um pé atrás, ela repetiu pela terceira vez:

– É de fato com o senhor Sholmes que tenho a honra de falar?

– O que deseja de mim? – ele retrucou, bastante rude, suspeitando daquele encontro.

Ela se plantou à sua frente.

– Escute, cavalheiro, é muito grave, sei que o senhor está a caminho da rua Murillo.

– O que está dizendo?

– Sei de tudo... rua Murillo... número 18. Preste atenção, não faça isso... Não vá... Asseguro-lhe que se arrependeria. Não pense que tenho algum interesse na coisa. É em nome da razão, é com toda a consciência.

Ele tentou afastá-la, ela insistiu:

– Oh, por favor, não seja obstinado!... Ah, se eu soubesse como convencê-lo! Olhe bem para mim, no fundo dos meus olhos... são sinceros... dizem a verdade.

Ela oferecia seus olhos ardorosamente, aqueles belos olhos graves e cristalinos, parecendo oferecer a própria alma. Wilson balançou a cabeça:

– A senhorita parece bastante sincera.
– Claro que sim – ela implorou –, os senhores precisam confiar...
– Eu confio, senhorita – replicou Wilson.
– Oh! Como fico feliz! E seu amigo também, não é? Sinto isso... tenho certeza! Que felicidade! Tudo vai se arranjar! Ah, que boa ideia eu tive! Veja, senhor, há um trem para Calais dentro de vinte minutos... Pois bem, o senhor embarcará nele... Depressa, sigam-me. É para esse lado, e os senhores só têm tempo para...

Ela procurava arrastá-lo. Sholmes agarrou-lhe o braço e disse, com uma voz que queria fazer soar tão doce quando possível:

– Desculpe, senhorita, por não poder aquiescer ao seu desejo, mas nunca largo um trabalho no meio.

– Suplico-lhe... suplico-lhe... Ah, se o senhor pudesse compreender!

Ele desistiu e se afastou rapidamente.

Wilson disse à moça:

– Tenha esperança... ele irá até o fim do caso... ainda não há exemplo de ter fracassado...

E alcançou Sholmes, correndo.

HERLOCK SHOLMES – ARSÈNE LUPIN

Essas palavras, que se destacavam em letras grandes e escuras, detiveram-nos assim que deram os primeiros passos. Aproximaram-se; um bando de homens-sanduíche circulava, um atrás do outro, carregando nas mãos pesadas bengalas chumbadas com que batiam na calçada ritmicamente, e, nas costas, enormes cartazes, nos quais era possível ler:

O match Herlock Sholmes – Arsène Lupin. Chegada do campeão inglês. O grande detetive ataca o mistério da rua Murillo. Leiam os detalhes no Écho de France.

Wilson balançou a cabeça:

– E então, Herlock, nós que nos gabávamos de trabalhar incógnitos! Não me admiraria se a guarda republicana estivesse nos esperando na rua Murillo e houvesse recepção oficial, com brindes e champanhe.

– Quando se arrisca a ser irônico, Wilson, você vale por dois – grunhiu Sholmes.

Então avançou na direção de um daqueles homens com o nítido propósito de agarrá-lo com suas mãos poderosas e reduzi-lo a pó, ele e sua tabuleta. A multidão, no entanto, aglomerava-se em torno dos cartazes. Faziam piadas e riam.

Reprimindo um furioso acesso de raiva, ele perguntou ao homem:

– Quando o contrataram?

– Hoje de manhã.

– O senhor começou seu passeio?...

– Há uma hora.

– Mas os cartazes estavam prontos?

– Oh, estavam sim... Quando fomos hoje de manhã à agência, já estavam lá.

Quer dizer, Arsène Lupin previra que ele, Sholmes, aceitaria a batalha. E mais, a carta escrita por Lupin era prova de que ele a desejava, estava em seus planos medir-se mais uma vez com o rival. Por quê? Que motivo o levava a recomeçar a luta?

Herlock teve um segundo de hesitação. Era preciso que Lupin tivesse certeza absoluta da vitória para ser tão insolente. Diante disso, acorrer ao primeiro chamado não seria render-se à armadilha?

– Vamos, Wilson. Cocheiro, rua Murillo, 18 – exclamou, num despertar de energia.

E, com as veias saltadas, os punhos cerrados como se fosse entrar num ringue de boxe, ele pulou dentro de um coche.

A rua Murillo passa defronte a luxuosos palacetes, cujas fachadas posteriores têm vista para o parque Monceau. Uma das mais bonitas mansões é a de número 18, e o Barão d’Imblevalle, que mora ali com a mulher e os filhos, mobiliou-a da maneira mais suntuosa, como artista e milionário que era. Um pátio elegante precede o palacete, e dependências de serviço o margeiam à direita e à esquerda. Atrás, um jardim mistura os galhos de suas árvores às árvores do parque.

Após tocar, os dois ingleses atravessaram o pátio e foram recebidos por um criado que os conduziu a um pequeno salão situado na fachada dos fundos.

Sentaram-se e passaram os olhos nos objetos preciosos que decoravam essa alcova.

– Bonitas coisas – murmurou Wilson –, bom gosto e imaginação... Podemos deduzir que os que tiveram tempo para desencavar tais objetos são gente de certa idade... cinquenta anos talvez...

Não terminou. A porta se abriu, e o senhor d’Imblevalle entrou, seguido de sua mulher.

Ao contrário das deduções de Wilson, os dois eram jovens, de aspecto elegante, e intensos nos gestos e nas palavras. Ambos se confundiram em agradecimentos.

– É muito amável de sua parte! Tamanho incômodo! Estamos quase felizes com o problema que vivemos, uma vez que isso nos proporciona o prazer...

“Que sedutores esses franceses!”, pensou Wilson, que não fugia de uma constatação verdadeiramente relevante.

– Mas tempo é dinheiro... – exclamou o barão. – Principalmente o

seu, senhor Sholmes. Portanto, direto ao ponto. O que pensa do caso? Espera elucidá-lo?

– Para elucidá-lo, preciso primeiro conhecê-lo.

– Não o conhece?

– Não, e peço que me explique as coisas detalhadamente e sem omitir nada. Do que se trata?

– Trata-se de um roubo.

– Em que dia ele se deu?

– No último sábado – replicou o barão –, na noite de sábado para domingo.

– Faz então seis dias. Muito bem, sou todo ouvidos.

– Convém dizer, em primeiro lugar, senhor, que minha mulher e eu, embora adaptados ao estilo de vida que nossa situação requer, saímos pouco. A educação de nossos filhos, algumas recepções e o embelezamento de nossa casa, eis a existência para nós, e todas as noites, ou quase, transcorrem aqui, neste aposento que é a alcova de minha mulher e onde reunimos alguns objetos de arte. No último sábado, portanto, por volta das onze horas, apaguei a luz e, como de hábito, minha mulher e eu nos retiramos para o nosso quarto.

– Que fica?...

– Ao lado, esta porta que o senhor vê. No dia seguinte, isto é, domingo, levantei cedo. Como Suzanne, minha mulher, ainda dormia, entrei nesta alcova o mais discretamente possível para não a acordar. Qual não foi meu espanto ao constatar que essa janela estava aberta, quando, na noite da véspera, a havíamos fechado!

– Um criado...

– Ninguém entra aqui de manhã antes de chamarmos. Além disso, tomo sempre a precaução de empurrar o ferrolho dessa segunda

porta, que se comunica com a antecâmara. Logo, a janela fora de fato aberta pelo lado de fora. Tive aliás a prova disso: o segundo vidro da janela da direita, perto do puxador, fora cortado.

– E essa janela?

– A janela, como pode constatar, dá para um pequeno terraço delimitado por uma sacada de pedra. Estamos aqui no primeiro andar, e o senhor vê o jardim que se estende atrás da casa e o portão que o separa do parque Monceau. Temos então certeza de que o homem veio do parque Monceau, pulou o portão com a ajuda de uma escada e subiu até o terraço.

– Certeza, o senhor diz?

– Encontramos de ambos os lados do portão, na terra fofa dos canteiros, buracos deixados pelas duas hastes da escada, e os dois mesmos buracos existiam ao pé do terraço. Enfim, foram detectados dois leves arranhões, na sacada, causados evidentemente pelo contato das hastes.

– O parque Monceau não fica fechado à noite?

– Fechado não, mas, mesmo assim, há uma casa em construção no número 14. Seria fácil entrar por ali.

Herlock Sholmes refletiu um momento e continuou:

– Vamos ao roubo.

Ele teria sido cometido no aposento onde nos encontramos?

– Sim. Havia, entre essa Virgem do século XII e esse tabernáculo em prata cinzelada, uma pequena lâmpada judaica. Ela desapareceu.

– E foi tudo?

– Tudo.

– Hum, hum!... E o que vem a ser uma lâmpada judaica?

– São luminárias de cobre usadas antigamente, compostas de

uma alça e um recipiente onde se colocava o azeite. Desse recipiente saíam dois ou três bicos destinados às mechas.

– Resumindo, são objetos sem grande valor.

– Com efeito, sem grande valor. Mas essa lâmpada tinha um esconderijo onde costumávamos guardar uma magnífica joia antiga, uma quimera de ouro, incrustada com rubis e esmeraldas e que valia muito.

– Por que esse costume?

– Juro, cavalheiro, eu não saberia explicar. Talvez a simples diversão de utilizar um esconderijo desse gênero.

– Ninguém o conhecia?

– Ninguém.

– Exceto, evidentemente, o ladrão da quimera... – objetou Sholmes. – Sem o que ele não teria se dado ao trabalho de roubar a lâmpada judaica.

– Evidentemente. Mas como ele podia conhecê-lo, uma vez que foi o acaso que nos revelou o mecanismo secreto dessa lâmpada?

– O mesmo acaso pôde revelá-lo a alguém... um criado... um frequentador da casa... Mas continuemos: a justiça foi avisada?

– Sem dúvida. O juiz de instrução fez sua investigação. Os repórteres policiais vinculados a todos os grandes jornais fizeram a deles. Mas, como lhe escrevi, parece que o problema não tem nenhuma chance de vir a ser solucionado.

Sholmes se levantou, dirigiu-se à janela, examinou o vidro, o terraço, a sacada, recorreu à sua lupa para estudar os dois arranhões na pedra e pediu ao senhor d'Imblevalle que o conduzisse ao jardim.

Lá fora, Sholmes simplesmente sentou numa poltrona de vime e observou o telhado da casa com um olhar pensativo. Em seguida,

dirigiu-se subitamente aos dois pequenos caixotes com os quais haviam coberto, a fim de conservar a marca exata, os buracos deixados ao pé do terraço pelas hastes da escada. Retirou os caixotes, pôs-se de joelhos no chão, curvando-se até ficar com o nariz a vinte centímetros do solo, fuçou e tomou medidas. Repetiu a operação ao longo do portão, porém menos demoradamente.

Estava terminado.

Os dois homens retornaram à alcova, onde os esperava a senhora d'Imblevalle.

Sholmes manteve-se calado por alguns minutos ainda, depois pronunciou estas palavras:

– Desde o início do seu relato, senhor barão, fiquei impressionado com o lado simples do golpe. Apoiar uma escada, cortar o vidro de uma janela, escolher um objeto e ir embora?... Não, as coisas não se passam com tanta facilidade. Tudo isso é claro demais, cristalino demais.

– De modo que...

– De modo que o roubo da lâmpada judaica foi cometido sob a supervisão de Arsène Lupin.

– Arsène Lupin! – exclamou o barão.

– Mas foi cometido sem a sua participação, sem que ninguém entrasse na casa... Um criado talvez possa ter descido de sua mansarda no terraço, ao longo de uma calha que percebi do jardim.

– Mas com que provas?...

– Arsène Lupin não teria saído da alcova com as mãos vazias.

– Mãos vazias! E a lâmpada?

– Pegar a lâmpada não o teria impedido de pegar essa tabaqueira adornada com diamantes ou esse colar de opalas antigas. Bastavam-lhe dois gestos a mais. Se ele não os executou, é porque

não viu.

- Mas e os indícios detectados?

- Comédia! Encenação para desviar as suspeitas.

- Os arranhões na balaustrada?

- Mentira! Foram produzidos com uma lixa. Veja, eis alguns resíduos que recolhi.

- As marcas deixadas pelas hastes da escada?

- Piada! Examine os dois buracos retangulares ao pé do terraço e os dois buracos situados junto ao portão. Sua forma é semelhante, mas, paralelos aqui, lá deixam de sê-lo. Meça a distância que separa cada buraco do vizinho. A distância muda conforme o lugar. Ao pé do terraço, é de 23 centímetros. Ao longo do portão, é de 28 centímetros.

- E disso o senhor conclui...

- Concluo, uma vez que sua forma é idêntica, que os quatro buracos foram feitos com a ajuda de um único pedaço de madeira adequadamente modelado.

- A melhor comprovação seria o próprio pedaço de madeira.

- Ei-lo – disse Sholmes –, recolhi-o no jardim, sob o vaso de um loureiro.

O barão se inclinou. Havia quarenta minutos que o inglês atravessara o umbral daquela porta, e não restava mais nada de tudo que haviam estabelecido até ali com base nos fatos manifestos. Surgia a realidade, uma outra realidade, fundada em algo muito mais sólido: o raciocínio de um Herlock Sholmes.

- A acusação que o senhor lança contra o nosso pessoal é muito grave, senhor – protestou a baronesa. – Nossos criados são antigos servidores da família e nenhum deles é capaz de nos trair.

- Se um deles não os traiu, como explicar que essa carta tenha

chegado no mesmo dia, e pelas mãos do mesmo carteiro, que aquela que os senhores me escreveram?

E ele estendeu a carta que Arsène Lupin lhe dirigira. A senhora d'Imblevalle ficou estupefata.

– Arsène Lupin... como ele soube?

– Não informou a ninguém de sua carta?

– Ninguém – disse o barão –, foi uma ideia que tivemos à mesa, na outra noite.

– Na frente dos criados?

– Só havia nossas duas filhas. Aliás, não... Sophie e Henriette não estavam mais à mesa, não é, Suzanne?

A senhora d'Imblevalle refletiu e afirmou:

– Com efeito, já estavam com a senhorita.

– Senhorita? – indagou Sholmes.

– A governanta, senhorita Alice Demun.

– Essa pessoa então não faz as refeições com os senhores?

– Não, ela é servida à parte, em seu quarto. Wilson teve uma ideia.

– A carta escrita ao meu amigo Herlock Sholmes foi posta no correio.

– Naturalmente.

– Quem então a levou?

– Dominique, meu criado de quarto há vinte anos – respondeu o barão. – Qualquer desconfiança nessa direção seria tempo perdido.

– Nunca se perde tempo quando se procura – sentenciou Wilson, solenemente.

O interrogatório inicial estava terminado. Sholmes pediu permissão para se retirar.

Uma hora depois, no jantar, ele conheceu Sophie e Henriette, as

duas filhas dos d'Imblevalle, duas bonitas meninas de oito e seis anos. Conversaram pouco. Sholmes respondeu às amabilidades do barão e de sua mulher com um ar tão carrancudo que eles optaram pelo silêncio. Serviu-se o café. Sholmes engoliu o conteúdo de sua xícara e se levantou.

Nesse momento, um criado entrou, trazendo uma mensagem passada por telefone e dirigida ao detetive. Ele abriu e leu:

Transmito-lhe minha admiração entusiasta. Os resultados obtidos pelo senhor em tão pouco tempo são prodigiosos. Estou perplexo.

Arpin Lusène.

Com um gesto de irritação, ele mostrou a mensagem ao barão:

- Acredita agora, senhor, que suas paredes têm olhos e ouvidos?
- Não estou entendendo nada – balbuciou o senhor d'Imblevalle, atônito.
- Nem eu. O que compreendo é que nenhum movimento é feito aqui sem que seja percebido por ele. Nenhuma palavra é pronunciada sem que ele ouça.

Naquela noite, Wilson dormiu com a consciência tranquila de quem cumpriu seu dever e não tem outra missão a não ser dormir. Assim, dormiu muito rápido e teve belos sonhos, nos quais perseguia Lupin sozinho e se preparava para detê-lo com as próprias mãos, e a sensação dessa perseguição era tão nítida que despertou.

Alguém roçava em sua cama. Ele pegou o revólver.

- Mais um gesto, Lupin, e eu atiro.
- Diabos! Que precipitação, velho camarada!
- Como? É você, Sholmes?! Precisa de mim?
- Preciso dos seus olhos. Levante-se... Levou-o até a janela.

– Veja... do outro lado do portão...
– No parque?
– Sim. Não vê nada?
– Não vejo nada.
– Sim, você vê alguma coisa.
– Ah, com efeito, uma sombra... duas até.
– Não é mesmo? Encostadas no portão... Repare, estão se mexendo.

Não percamos mais tempo.

Às apalpadelas, guiando-se pelo corrimão, desceram a escada e saíram num cômodo que dava para a escada do jardim. Através dos vidros da porta, perceberam os dois vultos no mesmo lugar.

– É curioso – disse Sholmes –, tenho a impressão de ouvir barulho na casa.

– Na casa? Impossível! Todos dormem.

– Em todo caso, escute...

Nesse momento, um tênue assobio vibrou do lado do portão. Eles perceberam uma luz difusa que parecia vir da mansão.

– Os d’Imblevalle devem ter acendido a luz – murmurou Sholmes.

– É o quarto deles que fica em cima do nosso.

– Sem dúvida foram eles que ouvimos – concordou Wilson. – Talvez estejam vigiando o portão.

Um segundo assobio, ainda mais discreto.

– Não compreendo, não compreendo – disse Sholmes, irritado.

– Eu tampouco – confessou Wilson.

Sholmes girou a chave da porta, tirou o ferrolho e empurrou delicadamente o batente.

Um terceiro assobio, este um pouco mais alto e modulado de outra forma. Acima de sua cabeça, o barulho se acentuou, precipitou-se.

– Está parecendo vir do terraço da alcova – sussurrou Sholmes.

Ele passou a cabeça pelo vão, mas imediatamente recuou, reprimindo um palavrão. Foi a vez de Wilson olhar. Rente a eles, uma escada achava-se recostada na parede, apoiada no balcão da sacada.

– Oh, mas é claro – constatou Sholmes –, há alguém na alcova! Eis o que ouvíamos. Rápido, retiremos a escada.

Nesse instante, porém, uma forma deslizou de cima para baixo, a escada foi retirada e o homem que a carregava correu a toda a pressa na direção do portão, onde seus cúmplices o esperavam. Num pulo, Sholmes e Wilson dispararam. Alcançaram o homem quando ele apoiava a escada no portão. Do outro lado, dois tiros foram disparados.

– Ferido? – gritou Sholmes.

– Não – respondeu Wilson.

Este agarrou o torso do homem e tentou imobilizá-lo. Mas o homem voltou-se, agarrou-o com uma das mãos e com a outra mergulhou uma faca no meio do seu peito. Wilson exalou um suspiro, vacilou e caiu.

– Maldição! – berrou Sholmes. – Se o mataram, eu mato.

Ele deitou Wilson no gramado e correu para a escada. Tarde demais... O homem a subira e, recebido por seus cúmplices, fugia por entre os arbustos.

– Wilson, Wilson, nada grave, hein? Um simples arranhão.

As portas da mansão se abriram bruscamente. O senhor d’Imblevalle apareceu primeiro, depois os criados, trazendo velas.

– O quê? O que há? – exclamou o barão. – O senhor Wilson está ferido?

– Nada, um simples arranhão – repetiu Sholmes, procurando se

iludir. O sangue corria em abundância e o rosto do ferido estava lívido.

O médico, vinte minutos depois, constatava que a ponta da faca parara a quatro milímetros do coração.

– Quatro milímetros do coração! Esse Wilson sempre teve sorte – concluiu Sholmes, num tom de inveja.

– Sorte... sorte... – resmungou o médico.

– Ora, com sua robusta constituição, ele vai se safar...

– Com seis semanas de cama e dois meses de convalescença.

– Não mais que isso?

– Não, a menos que haja complicações.

– Por que diabos está sugerindo que haverá complicações?

Totalmente tranquilizado, Sholmes juntou-se ao barão na alcova. Dessa vez, o misterioso visitante não exibira a mesma descrição. Sem pudor, furtara a tabaqueira guarnecida de diamantes, o colar de opalas e, de maneira geral, tudo que podia caber nos bolsos de um honesto assaltante.

A janela continuava aberta, um dos vidros havia sido literalmente cortado e, quando já amanhecia, um inquérito sumário, estabelecendo que a escada provinha da casa em construção, indicou o caminho que haviam seguido.

– Em suma – disse o senhor d’Imblevalle com alguma ironia –, é a repetição exata do roubo da lâmpada judaica.

– Sim, se aceitarmos a primeira versão adotada pela justiça.

– Continua a refutá-la? Esse segundo roubo não abala sua opinião sobre o primeiro?

– Confirma-a, cavalheiro.

– Será possível! O senhor tem a prova irrefutável de que a agressão dessa noite foi cometida por alguém de fora e persiste em

sustentar que a lâmpada judaica foi subtraída por alguém do nosso círculo?

– Por alguém que mora nesta casa.

– Então como explica?...

– Eu não explico nada, cavalheiro, constato dois fatos que não têm um com o outro senão relações de aparência, julgo-os isoladamente, e procuro o laço que os une.

Sua convicção parecia tão profunda, sua maneira de agir fundada em motivos tão fortes, que o barão se rendeu:

– Que seja. Vamos avisar o comissário...

– Em hipótese alguma! – exclamou enfaticamente o inglês. – Em hipótese alguma! Pretendo me dirigir a essas pessoas apenas quando precisar delas.

– Mas e os tiros?...

– Não interessa!

– Seu amigo?...

– Meu amigo só está ferido... Faça com que o médico se cale. Respondo por tudo do lado da justiça.

Passaram dois dias sem quaisquer incidentes, mas durante os quais Sholmes prosseguiu seu trabalho com um cuidado minucioso e o amor-próprio exasperado pela lembrança da audaciosa agressão, executada diante de seus olhos, a despeito de sua presença, e sem o que ele pudesse fazer para evitá-la. Infatigável, o detetive vasculhou a mansão e o jardim, conversou com os criados e fez longas incursões na cozinha e no estábulo. Embora não recolhesse nenhum indício que o esclarecesse, ele não esmoreceu.

“Acharei”, pensava, “e é aqui que acharei. Não se trata, como no caso da Mulher Loura, de caminhar ao acaso e alcançar, por caminhos que eu ignorava, um objetivo desconhecido. Dessa vez

estou no próprio campo de batalha. O inimigo não é mais apenas o intangível e invisível Lupin, é o cúmplice de carne e osso que vive e se move nos limites desse palacete. O mais ínfimo detalhe, e estou feito.”

Esse detalhe, do qual ele devia obter a esperada consequência, e com uma habilidade tão prodigiosa que podemos considerar o caso da lâmpada judaica um daqueles em que brilha mais vitoriosamente seu gênio de policial, esse detalhe, foi o acaso que forneceu.

Na tarde do terceiro dia, ao entrar na sala situada acima da alcova, que servia de sala de estudos para as crianças, ele encontrou Henriette, a irmã mais nova. Procurava sua tesoura.

– Sabe – ela disse a Sholmes –, também faço papéis como você recebeu a outra noite.

– A outra noite?

– É, no fim do jantar. Você recebeu um papel com tiras em cima... você sabe, um telegrama... Pois então, também sei fazer.

Ela saiu. Para qualquer outro, essas palavras não teriam significado nada senão a banal reflexão de uma criança, e Sholmes, por sua vez, escutou-as com um ouvido distraído enquanto fazia sua inspeção. Mas, de repente, começou a correr atrás da criança cuja última frase tanto o impressionou. Alcançou-a no topo da escada e lhe perguntou:

– Quer dizer que você também cola tiras no papel?

Henriette, toda prosa, declarou:

– Claro que sim, corto palavras e colo.

– E quem lhe ensinou esse joguinho?

– A senhorita... minha governanta... Eu a vi fazendo igual. Ela recorta palavras dos jornais e cola.

– E o que ela faz com isso?

– Telegramas, cartas que ela manda.

Herlock Sholmes voltou à sala de estudos, singularmente intrigado por essa confidência e se esforçando em extrair dela as deduções que comportava.

Havia um maço de jornais sobre a lareira. Ele os abriu e, com efeito, viu grupos de palavras ou linhas que faltavam, retiradas com precisão e minúcia. Mas bastou que lesse as palavras que as precediam ou seguiam para constatar que as palavras ausentes haviam sido recortadas ao acaso da tesoura, por Henriette evidentemente. Era possível que, no maço dos jornais, houvesse um que a senhorita tivesse recortado pessoalmente. Mas como ter certeza disso?

De modo mecânico, Herlock folheou os livros escolares empilhados sobre a mesa, depois outros que repousavam nas prateleiras de uma estante. E súbito deu um grito de alegria. Num canto dessa estante, sob velhos cadernos amontoados, encontrara um álbum para crianças, um alfabeto ilustrado, e, numa das páginas desse álbum, topou com um espaço vazio.

Verificou. Era a nomenclatura dos dias da semana. Segunda-feira, terça-feira, quarta-feira etc. Faltava a palavra sábado. Ora, o roubo da lâmpada judaica acontecera na noite de um sábado.

Herlock sentiu aquele ligeiro aperto do coração que sempre lhe anunciava, da maneira mais clara, ter chegado ao âmago de uma intriga. Esse frêmito da verdade, essa emoção da certeza, nunca o enganava.

Nervoso e confiante, folheou imediatamente o álbum. Um pouco adiante, outra surpresa o esperava.

Era uma página que estampava letras maiúsculas, seguidas por uma linha de algarismos.

Nove dessas letras e três desses algarismos haviam sido retirados cuidadosamente.

Sholmes escreveu-os na sua caderneta, seguindo as lacunas pela ordem, e obteve o seguinte resultado:

CDEHNOPRS-237

– Diabos – murmurou –, a princípio isso não significa muita coisa.

Seria possível, misturando aquelas letras e usando todas elas, formar uma, ou duas, ou três palavras completas?

Sholmes tentou isso em vão.

Uma única solução se impunha a ele, que voltava incessantemente ao seu lápis, e que, com o tempo, lhe pareceu a verdadeira, tanto porque correspondia à lógica dos fatos, como porque coincidia com as circunstâncias gerais.

Dado que a página do álbum não comportava senão uma única vez cada uma das letras do alfabeto, era provável, era certo que estava em presença de palavras incompletas e que essas palavras haviam sido completadas por letras retiradas de outras páginas. Nessas condições, e salvo erro, o enigma se colocava assim:

RESPOND. CH 237

A primeira palavra era clara: responde com um E faltando porque a letra E, já empregada, não estava mais disponível.

Quanto à segunda palavra inacabada, indubitavelmente, formava junto com o número 237 o endereço que o remetente fornecia ao destinatário da carta. Propunha-se primeiro estabelecer o dia no sábado e pedia-se uma resposta para o endereço CH.237.

Ou CH.237 era a senha de uma caixa postal ou as letras CH faziam parte de uma palavra incompleta. Sholmes folheou o álbum: nenhum outro recorte fora efetuado nas páginas seguintes. Logo, era preciso, até nova ordem, ater-se à explicação encontrada.

– Divertido, não é mesmo?

Henriette voltara. Ele respondeu:

– E como! Mas não tem outros papéis?... Ou palavras já recortadas e que você poderia colar?

– Papéis? Não... E, depois, a senhorita não ficaria contente.

– A senhorita?

– É, ela já me deu uma bronca.

– Por quê?

– Porque eu lhe contei coisas... Ela disse que é feio contar coisas sobre quem a gente gosta.

– Você tem toda a razão.

Henriette pareceu deslumbrada com a aprovação, tão deslumbrada que tirou de uma bolsinha de pano, presa no seu vestido, alguns berloques, três botões, dois torrões de açúcar e, finalmente, um quadrado de papel que ela estendeu a Sholmes.

– Tome, dou para você mesmo assim. Era o número de uma charrete, a 8279.

– De onde vem esse número?

– Caiu do porta-moedinhas dela.

– Quando?

– Domingo, na missa, quando ela pegava uns centavos para a igreja.

– Perfeito. E agora vou lhe ensinar um jeito de não se “levar bronca”.

Não conte à senhorita que se encontrou comigo.

Sholmes foi procurar o senhor d’Imblevalle e interrogou-o explicitamente sobre a senhorita.

O barão teve um choque.

– Alice Demun! Por acaso está pensando... Isso é impossível.

- Há quanto tempo ela está a seu serviço?
- Um ano somente, porém não conheço ninguém mais tranquilo e em quem eu deposite mais confiança.
- Como é possível que eu ainda não a tenha visto?
- Ela se ausentou por dois dias.
- E agora?
- Assim que voltou, tomou a iniciativa de instalar-se à cabeceira do seu amigo. Ela tem todas as qualidades de uma enfermeira... doce... atenciosa... O senhor Wilson parece encantado com ela.
- Ah! – reagiu Sholmes, que se esquecera completamente de obter notícias do velho camarada.

Refletindo, perguntou:

- E no domingo de manhã, ela saiu?
- No dia seguinte ao roubo?
- Sim.

O barão chamou sua mulher e lhe fez a pergunta. Ela respondeu:

- A senhorita, como sempre, saiu para ir à missa das onze com as crianças.

- Mas e antes?

– Antes? Não... ou melhor... Eu estava tão transtornada com esse roubo! Entretanto, lembro que na véspera ela tinha me pedido autorização para sair no domingo de manhã... ia encontrar uma prima de passagem por Paris, acho. Mas suponho que não suspeite dela...

- Claro que não... Mas gostaria de encontrá-la.

Ele subiu até o quarto de Wilson. Uma mulher, vestindo, como as enfermeiras, um longo vestido de algodão cinzento, estava curvada sobre o doente e lhe dava de beber. Quando ela se voltou, Sholmes reconheceu a jovem que o abordara em frente à Gare du Nord.

Não houve entre eles a menor explicação. Alice Demun sorriu docemente, com seus olhos sedutores e graves, sem nenhum constrangimento. O inglês quis falar, esboçou algumas sílabas e se calou. Então ela voltou aos seus afazeres, andando pelo quarto tranquilamente, sob o olhar perplexo de Sholmes. Mexeu nuns frascos, desenrolou e enrolou faixas de gaze, e de novo lhe dirigiu um sorriso impávido.

Ele girou nos calcanhares, desceu, percebeu no pátio o automóvel do senhor d'Imblevalle, instalou-se nele e pediu para ser levado a Levallois, ao depósito de coches, cujo endereço estava marcado no recibo do fiacre fornecido pela criança. O cocheiro Duprêt, que conduzia o 8279 na manhã de domingo, não estando lá, Sholmes mandou de volta o automóvel e esperou até a hora da troca de turno.

O cocheiro Duprêt disse que realmente “carregara” uma mulher até as cercanias do parque Monceau. Uma jovem de vestido preto, com um buquê de violetas e que parecia muito agitada.

- Ela carregava um embrulho?
- Sim, um embrulho bastante comprido.
- E o senhor a levou?...
- Até a avenida des Ternes, na esquina da praça Saint-Ferdinand. Ela ficou ali uns dez minutos e depois retornamos ao parque Monceau.

- O senhor reconheceria a casa da avenida des Ternes?
- Claro que sim! Quer que o leve até lá?
- Agora mesmo. Mas primeiro vamos passar no Quai des Orfèvres, 36.

Na Chefatura de Polícia, ele teve a sorte de encontrar imediatamente o inspetor-chefe Ganimard.

- Senhor Ganimard, está livre?
- Se se tratar de Lupin, não.
- Trata-se de Lupin.
- Então não me mexo.
- Como assim? Então está desistindo...
- Desisto do impossível! Cansei de uma luta desigual, em que temos certeza de ficar por baixo. É covarde, é absurdo, tudo que quiser... pouco me importa! Lupin é mais forte do que nós. Diante disso, só nos resta curvar.
- Eu não me curvo.
- Ele o curvará, ao senhor como aos outros.
- Pois pense bem, assistir a tal espetáculo não lhe daria um imenso prazer?
- Ah, isso é verdade – reconsiderou Ganimard, com ingênua sinceridade. – E, uma vez que ainda não apanhou o suficiente, vamos.

Os dois subiram no fiacre. A uma ordem, o cocheiro largou-os um pouco antes da casa, na avenida des Ternes, do outro lado da rua, num pequeno café em cuja varanda se sentaram, entre loureiros e evônimos. O dia começava a morrer.

– Garçom – chamou Sholmes –, traga-me alguma coisa para escrever.

Após escrever, chamou o garçom de novo:

– Leve esta carta ao porteiro dessa casa aí em frente. É evidentemente o homem de boné que está fumando sob a porta-cocheira.

O porteiro veio até eles, e, tendo Ganimard anunciado seu título de inspetor-chefe, Sholmes perguntou se, na manhã de domingo, estivera ali uma jovem dama vestida de preto.

– De preto? Sim, por volta das nove horas... A moça que vai ao segundo andar.

– O senhor a vê com frequência?

– Não, porém de uns tempos para cá tenho visto mais... Na última quinzena, quase diariamente.

– E desde domingo?

– Só uma vez... sem contar hoje.

– Como? Ela veio?

– Ela está aqui.

– Ela está aqui?

– Chegou há uns dez minutos. O coche espera-a na praça Saint-Ferdinand, como de hábito. Cruzei com ela na porta.

– E quem aluga o segundo andar?

– São dois inquilinos, uma modista, a senhorita Langeais, e certo cavalheiro, que há um mês alugou dois quartos mobiliados, sob o nome de Bresson.

– Por que diz “sob o nome”?

– Por pura cisma, acho que é um nome falso. Minha mulher faz a faxina na casa dele: pois bem, não há duas camisas em que os monogramas bordados sejam os mesmos.

– Como ele vive?

– Oh! Praticamente na rua. Há três dias não pisa em casa.

– Ele voltou na noite de sábado para domingo?

– Na noite de sábado para domingo? Espere, deixe-me pensar... Sim, no sábado à noite ele voltou e não saiu mais.

– E como ele é fisicamente?

– Juro que não saberia dizer. Ele muda tanto! É alto, baixo, gordo, magro... moreno e louro. Nem sempre o reconheço.

Ganimard e Sholmes entreolharam-se.

– É ele – murmurou o inspetor-chefe. – Sem tirar nem pôr.

O velho policial viveu realmente um momento de perturbação, traduzido por um bocejo e uma crispação dos punhos.

Sholmes, embora mais senhor de si, também sentiu um aperto no coração.

– Vejam – disse o porteiro –, eis a moça.

A senhorita com efeito aparecia na soleira da porta e atravessava a praça.

– E eis o senhor Bresson.

– O senhor Bresson? Qual?

– O que carrega um embrulho embaixo do braço.

– Mas ele não parece acompanhá-la. Ela está voltando sozinha para o seu coche.

– Ah, tem isso, eu nunca os vi juntos.

Os dois policiais se levantaram precipitadamente. À luz dos postes, haviam reconhecido o vulto de Lupin, que se afastava na direção oposta à praça.

– Quem o senhor prefere seguir? – perguntou Ganimard.

– Ele, claro! É a caça graúda.

– Então vou atrás da senhorita – propôs Ganimard.

– Não, não – disse apressadamente o inglês, que não queria revelar nada do caso a Ganimard. – A senhorita, eu sei onde encontrar... Não saia de perto de mim.

A distância, momentaneamente misturando-se ao fluxo dos pedestres e quiosques, os dois puseram-se na perseguição de Lupin. Perseguição fácil, aliás, pois ele não olhava para trás e caminhava a passos rápidos, mancando ligeiramente da perna direita, tão ligeiramente que era preciso o olho calejado de um observador para perceber o fato. Ganimard disse:

– Ele está fingindo que manca.

E continuou:

– Ah, se pudéssemos juntar dois ou três agentes e capturar já o nosso homem! Corremos o risco de perdê-lo.

Mas nenhum guarda apareceu antes de passarem pela Porta des Ternes, e, já do outro lado, desistiram de contar com algum auxílio.

– Vamos nos separar – decidiu Sholmes. – O lugar está deserto.

Era o bulevar Victor-Hugo. Cada qual ficou com uma calçada e avançou, acompanhando o renque das árvores.

Seguiram assim por vinte minutos, até o momento em que Lupin dobrou à esquerda e margeou o Sena. Lá, viram-no descer até a beira do rio. Ficou ali alguns segundos sem que lhes fosse possível distinguir o que fazia. Em seguida, subiu o barranco e voltou por onde viera. Os detetives se esconderam entre os pilares de um portão. Lupin passou por eles. Não carregava mais nenhum embrulho.

Enquanto se afastava, outro indivíduo surgiu de uma reentrância da casa e se esgueirou entre as árvores.

Sholmes disse baixinho:

– Parece estar seguindo-o também.

– Sim, tenho a impressão de ter visto esse homem na ida.

A caçada recomeçou, embora complicada pela presença do indivíduo. Seguindo pelo mesmo caminho, Lupin atravessou novamente a Porta des Ternes e retornou ao prédio da praça Saint-Ferdinand.

O porteiro estava em seu posto quando Ganimard se apresentou.

– O senhor o viu, não foi?

– Sim, eu estava apagando o gás da escada, ele empurrou o ferrolho de sua porta.

- Há alguém com ele?
- Ninguém, nenhum criado... Ele nunca faz as refeições aqui.
- Não existe uma escada de serviço?
- Não.

Ganimard disse a Sholmes:

– O mais simples é eu me instalar na própria porta de Lupin, enquanto o senhor vai chamar o comissário de polícia da rua Demours. Escreverei um bilhete para ele.

Sholmes objetou:

- E se ele escapar nesse ínterim?
- Eu não disse que vou ficar?...
- Um contra um, a luta é desigual com ele.
- Em todo caso, não posso arrombar seu domicílio, não tenho esse direito, principalmente à noite.

Sholmes deu de ombros.

– Quando o senhor tiver detido Lupin, não o questionarão sobre as circunstâncias da prisão. Aliás, pense bem! Basta tocar a campainha. Veremos então o que vai acontecer.

Nenhum barulho. Tocou novamente. Ninguém.

- Entremos – murmurou Sholmes.
- Sim, vamos.

No entanto, permaneceram imóveis, vacilantes. Como pessoas que hesitam no momento de realizar um ato decisivo, temiam agir, e pareceu-lhes subitamente impossível que Arsène Lupin estivesse ali, tão perto, atrás daquela frágil divisória que um soco podia derrubar. Ambos conheciam bem demais o diabólico personagem para admitir que ele se deixasse agarrar de modo tão estúpido. Não, não, mil vezes não, Lupin não estava mais ali. Pelas casas contíguas, pelos telhados, por uma determinada saída

convenientemente preparada, devia ter fugido, e, mais uma vez, capturariam apenas uma sombra.

Sentiram um arrepio. Um ruído imperceptível, do outro lado da porta, pareceu roçar o silêncio. Tiveram a impressão, a certeza, de que afinal de contas ele estava ali, separado pela tênue divisória de madeira, e que os escutava, que os ouvia.

O que fazer? A situação era trágica. A despeito do sangue-frio de policiais tarimbados, os dois viviam uma emoção tão grande que imaginavam sentir seus corações batendo.

Com o rabo do olho, Ganimard consultou Sholmes. Então, violentamente, com um soco, fez estremecer o batente da porta.

Novo ruído de passos, um que agora não procurava mais se dissimular... Ganimard sacudiu a porta. Sholmes, projetando o ombro com um impulso irresistível, derrubou-a. Em seguida, investiram.

Estacaram. Um tiro reverberou no cômodo ao lado. Mais um, e o barulho de um corpo caindo...

Quando entraram, viram o homem estendido, a face colada no mármore da lareira. Teve uma convulsão. O revólver caiu de sua mão.

Ganimard se debruçou e virou a cabeça do defunto. Estava coberta de sangue, que escorria de dois grandes ferimentos, um na face, outro na têmpora.

- Está irreconhecível – murmurou.
- Claro! – reagiu Sholmes. – Não é ele.
- Como sabe? Nem sequer o examinou.

O inglês riu:

- Acha que Arsène Lupin seria capaz de se matar?
- No entanto, achamos que era ele enquanto estava na rua...

– Achamos porque queríamos achar. Esse homem nos deixa atordoados.

– Então é um de seus cúmplices.

– Os cúmplices de Arsène Lupin não se matam.

– Então quem é?

Revistaram o cadáver. Num dos bolsos, Herlock Sholmes encontrou uma carteira vazia, em outro Ganimard encontrou alguns luíses. Na ceroula, nenhuma etiqueta, tampouco nas roupas.

Nos baús – um baú grande e duas malas –, nada senão pertences pessoais. Sobre a lareira, um maço de jornais. Ganimard abriu-os. Todos falavam do roubo da lâmpada judaica.

Uma hora depois, ao deixarem o local, Ganimard e Sholmes continuavam sem saber muita coisa sobre o singular personagem que haviam impelido ao suicídio.

Quem era? Por que se matara? Que elo o associava ao caso da lâmpada judaica? Quem o seguira durante seu passeio? Quantas perguntas, uma mais complexa que a outra... Quantos mistérios...

Herlock Sholmes foi deitar-se de péssimo humor. Ao acordar, recebeu um telegrama nos seguintes termos:

Arsène Lupin tem a honra de lhes participar sua trágica morte na pessoa do senhor Bresson, e convidá-los para assistir às suas exéquias, missa e enterro, a serem realizados às expensas do Estado, quinta-feira, 25 de junho.



2

– Veja, meu velho camarada – dizia Sholmes a Wilson, agitando o telegrama de Arsène Lupin –, o que me exaspera nesta aventura é sentir continuamente o olho desse demoníaco *gentleman* pousar em mim. Nenhum dos meus pensamentos mais secretos lhe escapa. Comporto-me como um ator cujos passos são todos determinados por uma encenação rigorosa, que anda até certo ponto e diz certa frase porque assim o quis uma vontade superior. Você me entende, Wilson?

Wilson certamente o teria entendido se não estivesse dormindo o sono profundo de um homem cuja temperatura oscila entre quarenta e um e quarenta e dois graus. Mas, ele ouvindo ou não, isso não tinha nenhuma importância para Sholmes, que continuou:

– Preciso recorrer a toda a minha energia e pôr em prática todos os meus recursos para não desanimar. Por sorte, no meu caso, essas pequenas zombarias são meras alfinetadas que me estimulam. Aplacado o ardor da picada, cicatrizada a ferida no amor-próprio, sempre consigo dizer: “Divirta-se enquanto pode, meu caro. Mais cedo ou mais tarde, você mesmo se trairá”. Pois, afinal, Wilson, não foi Lupin, com sua primeira mensagem e a reflexão que ela sugeriu à pequena Henriette, que me entregou o segredo de sua

correspondência com Alice Demun? Está se esquecendo desse detalhe, velho camarada.

Ele circulava pelo quarto, com passadas sonoras, ameaçando acordar o velho camarada.

– Enfim! As coisas não vão tão mal e, se os caminhos em que me encontro são um pouco escuros, começo a me achar neles. Em primeiro lugar, vou me concentrar no senhor Bresson. Ganimard e eu logo iremos à beira do Sena, ao lugar onde Bresson jogou fora seu embrulho, e o papel do cavalheiro nos será revelado. De resto, é uma partida a ser jogada entre Alice Demun e eu. É um adversário de pequena envergadura, hein, Wilson? E não acha que daqui a pouco desvendarei a frase do álbum e o significado das duas letras isoladas, o C e o H? Pois tudo reside aí, Wilson.

A senhorita entrou no mesmo instante e, percebendo Sholmes, que gesticulava, advertiu-o gentilmente:

– Senhor Sholmes, terei de repreendê-lo se acordar meu doente. Ele não deve ser perturbado. O médico recomendou repouso absoluto.

Ele a contemplava sem uma palavra, espantado, como no primeiro dia, com sua calma inexplicável.

– Por que está me olhando assim, senhor Sholmes? Nada? Claro que há... O senhor parece estar sempre desconfiando de alguma coisa... O que é? Responda, por favor.

Ela o interrogava com sua fisionomia franca, seus olhos ingênuos, sua boca risonha, e com todos os seus movimentos também, pois juntara as mãos e projetara o busto ligeiramente. Havia nela tanta candura que o inglês sentiu raiva. Aproximou-se e lhe disse baixinho:

– Bresson se matou ontem.

Ela repetiu, sem parecer compreender:

– Bresson se matou ontem...

De fato, nenhum espasmo alterou seu rosto, nada que revelasse o esforço da dissimulação.

– A senhorita já sabia – ele atalhou, com irritação. – Caso contrário, teria ao menos estremecido... Ah, a senhorita é mais forte do que eu julgava... Mas por que dissimular?

Ele pegou o álbum de imagens que acabava de colocar numa mesa próxima e, abrindo na página recortada:

– Poderia me dizer em que ordem devemos dispor as letras que faltam aqui, para eu conhecer o teor exato do bilhete que enviou a Bresson quatro dias antes do roubo da lâmpada judaica?

– Em que ordem?... Bresson?... O roubo da lâmpada judaica?...

Ela repetia as palavras, lentamente, como se lhes procurando o sentido.

Ele insistiu.

– Sim. Eis as letras utilizadas... nesse pedaço de papel. O que dizia a Bresson?

– As letras utilizadas... o que eu dizia...

Subitamente, ela caiu na risada:

– É isso! Compreendo! Sou a cúmplice do roubo! Há um senhor Bresson que roubou a lâmpada judaica e se matou. E eu sou a amiga desse senhor. Oh, como é divertido!

– Quem então a senhora foi encontrar ontem à noite, no segundo andar do prédio da avenida des Ternes?

– Quem? Ora, minha modista, a senhorita Langeais. Será que minha modista e o meu amigo Bresson não seriam a mesma pessoa?

Apesar de tudo, Sholmes duvidou. Podemos fingir, com o intuito de

enganar, simulando terror, alegria, inquietude, mas não indiferença, não um riso feliz e despreocupado.

Mesmo assim, ainda lhe disse:

– Uma última palavra: por que na outra noite, na Gare du Nord, a senhorita me abordou? E por que me suplicou que regressasse imediatamente, sem resolver esse caso?

– Ah, o senhor é curioso demais, senhor Sholmes – respondeu ela, rindo sempre da maneira mais natural. – Como castigo, nada saberá; além disso, cuidará do doente enquanto vou à farmácia. Uma receita urgente... Darei um pulo até lá.

Saiu.

– Fui enrolado – murmurou Sholmes. – Não só não arranquei nada dela, como ainda me revelei.

E lembrou-se do caso do diamante azul e do interrogatório a que submetera Clotilde Destange. Não havia acabado de ver a mesma serenidade que a Mulher Loura lhe opusera, não estava novamente diante de uma dessas criaturas que, protegidas por Arsène Lupin, sob a ação direta de sua influência, conservam na própria angústia do perigo a calma mais estarrecedora?

– Sholmes... Sholmes...

Ele foi até Wilson, que o chamava, e se inclinou sobre o ferido.

– O que há, velho camarada? Está doendo?

Wilson remexeu os lábios sem conseguir falar. Afinal, após grandes esforços, gaguejou:

– Não... Sholmes... Não é ela... É impossível que seja ela...

– O que está cacarejando aí? Estou dizendo que é ela! Só perante uma criatura de Lupin, elaborada e montada por ele, é que perco a cabeça e me comporto tão estupidamente... Ei-la agora que conhece toda a história do álbum... Aposto que antes de uma hora

Lupin será avisado. Antes de uma hora? O que digo! Imediatamente! O farmacêutico, a receita urgente... conversa fiada!

Esquivou-se rapidamente, desceu a avenida de Messine e avistou a senhorita, que entrava numa farmácia. Ela reapareceu dez minutos mais tarde, com frascos e uma garrafa embrulhados em papel branco. Contudo, enquanto subia a avenida, foi abordada por um homem que a perseguiu, de boné na mão e ar obsequioso, como se pedisse uma ajuda.

Ela parou e deu-lhe uma esmola, depois seguiu adiante. “Ela falou com ele”, ruminou o inglês.

Mais que uma certeza, foi uma intuição, suficientemente forte, todavia, para que mudasse de tática. Abandonando a moça, lançou-se na pista do falso mendigo.

Chegaram assim, um atrás do outro, à praça Saint-Ferdinand, onde o homem vagou um bom tempo em torno do prédio de Bresson, às vezes erguendo os olhos para as janelas do segundo andar e vigiando as pessoas que entravam no prédio.

Ao cabo de uma hora, subiu na plataforma superior de um bonde em direção a Neuilly. Sholmes também subiu e sentou atrás do indivíduo, um pouco mais longe, e ao lado de um senhor encoberto pelas folhas de um jornal aberto. Nas fortificações, o jornal abaixou, Sholmes percebeu Ganimard, e este lhe disse ao ouvido, referindo-se ao indivíduo:

– É o nosso homem de ontem à noite, aquele que seguia Bresson. Faz uma hora que dá voltas na praça.

– Nada de novo no que se refere a Bresson? – perguntou Sholmes.

– Sim, uma carta endereçada a ele chegou nesta manhã.

– Nesta manhã? Então foi postada ontem, antes que o remetente

soubesse da morte de Bresson.

– Precisamente. Ela está nas mãos do juiz de instrução. Mas decorei o teor: ele não aceita nenhuma negociação. Quer tudo, tanto a primeira coisa quanto as do segundo caso. Senão, vai agir. Não estava assinada – acrescentou Ganimard. – Como vê, essas linhas não nos dizem muita coisa.

– Não concordo com a sua opinião, senhor Ganimard. Ao contrário, essas linhas me parecem muito interessantes.

– E por quê, meu Deus?

– Por razões muito pessoais – respondeu Sholmes, com a sem-cerimônia que dispensava ao colega.

O bonde parou na rua du Château, no ponto final. O indivíduo desceu e se foi, calmamente.

Sholmes o escoltava e de tão perto que Ganimard teve receio:

– Se ele olhar para trás, estamos fritos.

– Ele não se voltará agora.

– Como sabe disso?

– É cúmplice de Arsène Lupin, e o fato de um cúmplice de Lupin caminhar assim, com as mãos nos bolsos, prova em primeiro lugar que ele sabe estar sendo seguido e, em segundo lugar, que nada teme.

– Mas estamos na cola dele!

– Não o suficiente para evitar que ele escorra pelos nossos dedos em poucos segundos. Está muito seguro de si.

– Calma lá! Calma lá! Deve estar de brincadeira... Logo ali, na porta daquele café, há dois policiais de bicicleta. Se eu os requisitar e abordar o personagem, pergunto-me como ele me escapará por entre os dedos.

– O personagem não parece se perturbar muito com essa

eventualidade.

É ele mesmo que os requisita!

– Miserável – praguejou Ganimard. – Que audácia!

Com efeito, o indivíduo avançou na direção dos policiais no momento em que estes se preparavam para montar em suas bicicletas. Disse-lhes algumas palavras; depois, subitamente, saltou sobre uma terceira bicicleta, que estava recostada na fachada do café, e se afastou rapidamente com os dois guardas.

O inglês caiu na gargalhada.

– Que tal? Eu não tinha previsto isso? Um, dois, três, raptado! Por quem? Por dois colegas seus, senhor Ganimard. Ah, que espertalhão esse Arsène Lupin! Policiais de bicicleta na folha de pagamento! Quando eu lhe dizia que nosso personagem estava calmo demais!

– E daí? – exclamou Ganimard, vexado. – O que fazemos agora? É muito cômodo rir!

– Vamos, vamos, não se zangue. Nós nos vingaremos. No momento, precisamos de reforços.

– Folenfant me espera no fim da avenida de Neuilly.

– Muito bem, pegue-o na passagem e venha juntar-se a mim.

Ganimard se afastou, enquanto Sholmes seguia os rastros das bicicletas, ainda mais visíveis na rua poeirenta, uma vez que duas delas estavam equipadas com pneus estriados. Ele não demorou a perceber que os rastros o conduziam à beira do rio e que os três homens haviam desviado para o mesmo lado que Bresson na noite da véspera. Logo alcançou o portão junto ao qual ele mesmo se escondera com Ganimard e, um pouco adiante, percebeu que as linhas estriadas se emaranhavam, provando que haviam parado naquele local. Bem defronte, havia uma pequena língua de terreno

que entrava no Sena e em cuja ponta estava amarrada uma velha balsa.

Era ali que Bresson devia ter jogado fora seu embrulho, ou melhor, deixou-o cair. Sholmes desceu o barranco e constatou que, como o barranco descia num declive bem suave e a água do rio estava baixa, seria fácil encontrar o embrulho... a menos que os três homens houvessem tomado a dianteira.

“Não, não”, pensou, “não tiveram tempo para isso... quinze minutos no máximo... e, no entanto, por que passaram por aqui?”

Um pescador estava sentado no barco. Sholmes perguntou:

– Não viu três homens de bicicleta?

O pescador fez sinal que não.

O inglês insistiu:

– Viu sim... Três homens... Acabam de parar a dois passos do senhor...

O pescador colocou sua linha embaixo do braço, pegou um bloquinho no bolso, escreveu numa das páginas, arrancou-a e estendeu-a a Sholmes.

Um grande calafrio sacudiu o inglês. Num relance vira, no centro da página que segurava, a série das letras arrancadas do álbum:

CDEHNOPRESO-237

Um sol pesado caía sobre o rio. O homem voltara aos seus afazeres, abrigado sob as vastas abas de um chapéu de palha, com seu paletó e o colete dobrados juntos de si. Pescava concentradamente, enquanto a cortiça da linha boiava na superfície.

Um minuto se escoou, um minuto de solene e terrível silêncio. “Será ele?”, pensava Sholmes com uma ansiedade quase dolorosa. E num lampejo:

“É ele! É ele! Só ele é capaz de permanecer assim sem um tremor

de inquietude, sem temer nada quanto ao que vai acontecer... E quem mais saberia da história do álbum? Alice o avisou por meio de seu mensageiro.”

De repente, o inglês percebeu que sua mão, que sua própria mão agarrara a coronha do revólver e que seus olhos miravam as costas do indivíduo, um pouco abaixo da nuca. Um gesto, e todo o drama se concluiria, a vida do estranho aventureiro terminaria miseravelmente.

O pescador não se mexeu.

Sholmes apertou nervosamente a arma com uma vontade ferrenha de atirar e acabar com aquilo, e ao mesmo tempo horrorizado diante de um ato que contrariava sua natureza. A morte era certa. Seria o fim.

“Ah”, pensou, “que ele se levante, que se defenda... senão pior para ele... Mais um segundo... e eu atiro...”

Contudo, o ruído de passos fez com que virasse a cabeça, e ele avistou Ganimard, chegando na companhia dos inspetores.

Então, mudando de ideia, tomou impulso e, com um salto, pulou para o barco, cujas amarras arrebutaram com o tranco, caiu sobre o homem e deu-lhe uma gravata. Ambos rolaram no fundo da embarcação.

– E depois? – exclamou Lupin, enquanto se debatia. – O que isso prova? Quando um de nós imobilizar o outro, estaremos bem avançados! O senhor não saberá o que fazer de mim, nem eu do senhor. Ficaremos aqui como dois imbecis...

Os dois remos caíram na água. O barco se foi à deriva. Exclamações se entrecruzavam ao longo da margem, enquanto Lupin continuava:

– Que ideia, cavalheiro! Então perdeu a noção das coisas! Uma

tolice dessas na sua idade! Um menino crescido como o senhor! Que coisa mais feia!...

Ele conseguiu se desvencilhar.

Exasperado, decidido a tudo, Herlock Sholmes pôs a mão no bolso.

Soltou um palavrão. Lupin pegara seu revólver.

Então ele se pôs de joelhos e tentou alcançar um dos remos a fim de chegar à margem, ao passo que Lupin corria atrás do outro, a fim de se afastar dela.

– Vai alcançar... não vai alcançar – dizia Lupin. – Aliás, isso não tem a mínima importância... Se alcançar o seu remo, impeço-o de usá-lo... e o senhor, idem. Mas veja bem, na vida nos esforçamos para agir... sem a menor razão, uma vez que é sempre a sorte que decide... Aí é que está, entendeu, a sorte... Pois bem, ela pende para o seu velho Lupin... Vitória! A correnteza me favorece!

Com efeito, o barco tendia a se afastar.

– Cuidado – gritou Lupin.

Alguém, na margem, apontava um revólver. Ele abaixou a cabeça, uma detonação ressoou, um pouco d'água espirrou perto deles. Lupin desatou a rir.

– Deus me perdoe, é nosso amigo Ganimard! Mas é muito feio o que está fazendo, Ganimard. Você só tem o direito de atirar em caso de legítima defesa... Esse pobre Arsène o deixa feroz a ponto de esquecer todos os seus deveres? Que coisa, meu Deus, lá vai ele de novo! Ora, infeliz, é no meu caro mestre que você vai acertar.

Ele protegeu Sholmes com seu corpo e, de pé na balsa, postou-se de frente para Ganimard:

– Ótimo! Agora estou tranquilo... Mire aqui, Ganimard, bem no coração... mais alto... à esquerda... Errou. Que desastrado. Mais

um tiro! Mas está tremendo, Ganimard... É você que está no comando, não é? Sangue-frio! Um, dois, três, fogo!... Errou! Que absurdo, o governo lhe dá então brinquedo de criança como pistola?

Ele sacou então um longo revólver, maciço e liso. Sem mirar, atirou. O inspetor levou a mão ao chapéu: uma bala o atravessara.

– O que me diz, Ganimard? Ah! esse vem de uma boa fábrica. Respeito, senhores, é o revólver do meu nobre amigo, mestre Herlock Sholmes!

E, com um arremesso, lançou a arma exatamente nos pés de Ganimard.

Sholmes não conseguia se abster de sorrir e admirar. Que vida fervilhante! Que alegria jovem e espontânea! E como ele parecia se divertir. Parecia que a sensação do perigo lhe insuflava uma euforia física e que para esse homem extraordinário a existência não tinha outro objetivo senão a busca de perigos que em seguida ele se divertia em exorcizar.

De ambos os lados do rio, contudo, pessoas se espremiavam, e Ganimard e seus homens seguiam a embarcação que oscilava ao largo, tranquilamente carregada pela corrente. Era a captura inevitável, matemática.

– Confesse, mestre – exclamou Lupin, voltando-se para o inglês –, que não trocaria o seu lugar nem por todo o ouro do Transvaal! É que o senhor está na primeira fila! Mas, em primeiro lugar e acima de tudo, o prólogo... depois do que pularemos direto para o quinto ato, a captura ou a evasão de Arsène Lupin. Portanto, caro mestre, tenho uma pergunta a lhe fazer e suplico, a fim de que não haja equívoco, que responda com um sim ou um não. Desista de cuidar desse caso. Ainda é tempo para isso e posso reparar o mal que lhe causei. Mais tarde, não poderei mais. Está combinado?

– Não.

O rosto de Lupin se contraiu. Visivelmente, aquela obstinação o irritava. Continuou:

– Eu insisto. Mais pelo senhor do que por mim, repito, pois estou certo de que será o primeiro a lamentar sua intervenção. Pela última vez, sim ou não?

– Não.

Lupin pôs-se de cócoras, deslocou uma das tábuas do fundo e, durante alguns minutos, executou um trabalho cujo propósito Sholmes não conseguiu discernir. Em seguida, levantou-se, sentou ao lado do inglês e lhe falou nos seguintes termos:

– Creio, mestre, que viemos até a beira deste rio por razões idênticas: pescar o objeto de que Bresson se livrou, não foi? De minha parte, eu tinha marcado com alguns camaradas e estava prestes, e meus trajes sumários indicam isso, a efetuar uma pequena exploração nas profundezas do Sena, quando meus amigos me avisaram de sua chegada. Confesso, aliás, que não fiquei surpreso com isso, estando informado hora a hora, ousei dizer, dos progressos de sua investigação. É tão fácil. Assim que acontece qualquer coisa suscetível de me interessar na rua Murillo, basta um telefonema e sou avisado! Compreenda que, nestas condições...

Parou. A tábua que ele afastara soerguia-se agora e, em volta dela, a água esguichava em pequenos jatos.

– Diabos, ignoro o que fiz, mas tenho todos os motivos para pensar que há um vazamento no fundo desta pequena embarcação. Não está com medo, mestre?

Sholmes deu de ombros. Lupin continuou:

– Compreenda então que, nestas condições, sabendo antecipadamente que o senhor procuraria a luta com a mesma

obsessão com que eu me esforçava para evitá-la, era mais agradável para mim disputar com o senhor um jogo cujo desfecho era certo, uma vez que tenho todos os trunfos na mão. E quis dar ao nosso encontro a maior visibilidade possível, a fim de que sua derrota fosse universalmente conhecida e que outra condessa de Crozon ou outro Barão d'Imblevalle não ficassem tentados a solicitar sua ajuda contra mim. Não veja nisso, caro mestre...

Calou-se novamente e, fazendo uma luneta com as mãos, observou as margens.

– Diabos! Eles fretaram uma soberba canoa, um verdadeiro navio de guerra, e ei-los remando feito loucos. Antes de cinco minutos, eles nos abordarão e estarei perdido. Senhor Sholmes, um conselho: o senhor se joga sobre mim, amarra-me e me entrega à justiça do meu país... Tal plano lhe agrada? A menos que, daqui até lá, naufraguemos. Nesse caso só nos resta preparar nosso testamento. O que acha?

Seus olhares se cruzaram. Dessa vez Sholmes entendeu a manobra de Lupin: ele furara o fundo da embarcação. E a água subia.

Ela alcançou as solas de suas botinas. Cobriu seus pés: eles não esboçaram nenhum movimento.

A água subiu até os seus tornozelos: o inglês pegou sua bolsa de fumo, enrolou um cigarro e o acendeu.

Lupin prosseguiu:

– E não veja nisso, caro mestre, senão a humilde confissão de minha impotência a seu respeito. É em respeito ao senhor que aceito apenas as batalhas em que a vitória me esteja reservada, a fim de evitar aquelas cujo terreno não escolhi. É por reconhecer em Sholmes o único inimigo que temo e proclamar minha inquietude

enquanto Sholmes não for retirado do meu caminho. Eis, caro mestre, o que eu fazia questão de lhe dizer, uma vez que o destino me concede a honra de uma conversa com o senhor. Só lastimo uma coisa, é que essa conversa se dê enquanto lavamos nossos pés!... Situação que carece de dignidade, confesso... O que digo! Banho nos pés!... Banho de assento, isso sim!

A água, de fato, alcançava o banco onde sentavam, e o barco afundava cada vez mais.

Sholmes, imperturbável, cigarro nos lábios, parecia absorto na contemplação do céu. Por nada no mundo, diante daquele homem envolto em perigos, cercado pela multidão, acuado pela matilha de agentes, e que no entanto conservava seu bom humor, por nada no mundo teria consentido em demonstrar qualquer perturbação.

O quê?! Os dois não pareciam dizer: vou esquentar a cabeça por causa de tais futilidades? Não acontece todo dia de nos afogarmos num rio? Será que tais fatos merecem nossa atenção? E um tagarelava e o outro devaneava, ambos escondendo sob a mesma máscara de tranquilidade o choque formidável de seus dois orgulhos.

Mais um minuto e afundariam.

– O essencial – formulou Lupin – é saber se iremos a pique antes ou depois da chegada dos paladinos da justiça. Tudo reside nisso. Pois o naufrágio é ponto pacífico. Mestre, é a hora solene do testamento. Lego toda a minha fortuna a Herlock Sholmes, cidadão inglês, com a condição de... Mas, meu Deus, os paladinos da justiça avançam rápido! Ah, bons rapazes! Dão prazer de ver. Que precisão na remada! Ei, mas é o senhor, brigadeiro Folenfant? Bravo! A ideia do navio de guerra é excelente. Vou recomendá-lo a seus superiores, brigadeiro Folenfant... É a medalha que o senhor

deseja? Entendido... considere feito. E seu camarada Dieuzy, onde está? Na margem esquerda, não é mesmo, acompanhado de uma centena de indígenas?... De maneira que, se eu escapar do naufrágio, sou recolhido à esquerda por Dieuzy e seus indígenas, ou à direita por Ganimard e as populações de Neuilly. Dilema atroz...

Houve um remoinho. A embarcação virou, e Sholmes teve de se agarrar ao encaixe dos remos.

– Mestre – disse Lupin –, suplico-lhe que tire o seu paletó. Ficará mais à vontade para nadar. Não? Recusa-se? Então vestirei novamente o meu.

Enfiou o paletó, abotoou-o hermeticamente como fizera Sholmes e suspirou:

– Como o senhor é durão! Pena haver teimado em se meter neste caso... no qual certamente mostra seus recursos, mas tão em vão! Sério, o senhor desperdiça sua genialidade...

– Senhor Lupin – pronunciou Sholmes, saindo finalmente do seu mutismo –, o senhor fala demais, e com frequência peca por excesso de confiança e leviandade.

– A crítica é severa.

– Pois assim, sem saber, o senhor me forneceu há um instante a informação que eu procurava.

– Como! O senhor procurava uma informação e não me dizia!

– Não preciso de ninguém. Daqui a três horas fornecerei a chave do enigma ao senhor e à senhora d’Imblevalle. Eis a única resposta...

Não terminou sua frase. O barco soçobrou de repente, arrastando a ambos. Emergiu logo depois, virado, com o casco para cima. Ouviram-se gritos nas duas margens, depois reinou um silêncio ansioso e, subitamente, novas exclamações: um dos naufragos

reaparecera.

Era Herlock Sholmes.

Excelente nadador, dirigiu-se com largas braçadas para o barco de Folenfant.

– Força, senhor Sholmes – gritou o brigadeiro –, estamos aqui... Não esmoreça... Cuidaremos dele depois... Nós o pegamos, vamos... Um pequeno esforço, senhor Sholmes... Segure a corda...

O inglês agarrou uma corda que lhe estendiam. Porém, enquanto se içava a bordo, uma voz, atrás dele, interpelou-o:

– A chave do enigma, caro mestre, claro, o senhor possuirá. Espanta-me ainda não ter feito isso... E depois? De que lhe servirá? Nesse momento, justamente, a batalha estará perdida para o senhor...

Montado no casco onde acabara de subir enquanto perorava, e agora confortavelmente instalado, Arsène Lupin prosseguia seu discurso com gestos solenes, como se esperasse convencer seu interlocutor.

– Compreenda, caro mestre, não há o que fazer, absolutamente nada... O senhor está na situação deplorável de um cavalheiro...

Folenfant o enquadrou:

– Renda-se, Lupin.

– O senhor é um grosseirão, brigadeiro Folenfant. Cortou-me no meio da frase. Eu dizia...

– Renda-se, Lupin.

– Por Deus, brigadeiro Folenfant, a gente só se rende quando está em perigo. Ora, o senhor não tem a pretensão de crer que corro algum perigo!

– Pela última vez, Lupin, intimo-o a se render.

– Brigadeiro Folenfant, o senhor não tem a mínima intenção de me

matar, no máximo me ferir, de tal forma tem medo que eu escape. E se por acaso o ferimento for mortal? Ora, pense na culpa que vai sentir, infeliz! Na sua velhice envenenada!...

O tiro partiu.

Lupin vacilou, agarrou-se por um instante no casco virado, depois se soltou e desapareceu.

Eram exatamente três horas quando esses acontecimentos se produziram. Às seis em ponto, como prometera, Herlock Sholmes, vestindo uma calça pesca-siri e um paletó abaixo do seu número, que pegara emprestado de um hoteleiro de Neuilly, usando um boné e paramentado com uma camisola de flanela e uma faixa de seda amarrada na cintura, entrou na alcova da rua Murillo, após mandar avisar ao senhor e à senhora d'Imblevalle que lhes pedia uma entrevista.

Encontraram-no andando para lá e para cá. E ele lhes pareceu tão cômico em seu traje extravagante que tiveram de reprimir uma forte vontade de rir. Com o semblante pensativo, as costas curvadas, andava feito um robô, da janela até a porta e da porta até a janela, em todas as vezes com o mesmo número de passos e girando todas as vezes no mesmo sentido.

Parou, pegou um bibelô, examinou-o mecanicamente, depois retomou a perambulação.

Por fim, plantando-se à frente deles, perguntou:

- A senhorita está na casa?
- Sim, no jardim, com as crianças.
- Senhor barão, como a conversa que vamos ter é definitiva, eu gostaria que a senhorita Demun estivesse presente.
- Será, realmente?...
- Tenha um pouco de paciência, cavalheiro. A verdade brotará

claramente dos fatos que exporei diante dos senhores com a maior precisão possível.

– Está bem. Suzanne, você pode?...

A senhora d’Imblevalle se levantou e voltou quase imediatamente, acompanhada de Alice Demun. A senhorita, mais pálida do que de costume, permaneceu de pé, recostada a uma mesa, e nem mesmo perguntou a razão de estar ali.

Sholmes pareceu não vê-la e, voltando-se bruscamente para o senhor d’Imblevalle, articulou num tom que não admitia réplica:

– Após vários dias de investigação, senhor, e embora certos acontecimentos tenham modificado minha maneira de ver as coisas, repetirei aquilo que lhe disse desde o primeiro momento: a lâmpada judaica foi roubada por alguém que mora nesta casa.

– O nome do culpado?

– Eu o conheço.

– As provas?

– Bastarão para encurralá-lo.

– Não basta que ele seja encurralado. Ele também terá de nos restituir...

– A lâmpada judaica? Eu a tenho em meu poder.

– O colar de opalas? A tabaqueira?...

– O colar de opalas, a tabaqueira, em suma, tudo que lhe foi roubado da segunda vez está em meu poder.

Sholmes apreciava esses efeitos dramáticos e essa maneira um pouco seca de anunciar suas vitórias.

De fato, o barão e sua mulher pareciam estupefatos, observando-o com uma curiosidade silenciosa que era o melhor dos elogios.

Empreendeu então, no detalhe, o relato do que fizera durante os últimos três dias. Contou a descoberta do álbum, escreveu numa

folha de papel a frase formada pelas letras recortadas, depois relatou a expedição de Bresson à beira do Sena e o suicídio do aventureiro, e por fim a luta que ele, Sholmes, acabara de travar com Lupin, o naufrágio do barco e o desaparecimento de Lupin.

Quando terminou, o barão disse baixinho:

– Só lhe resta agora revelar o nome do culpado. Quem então o senhor acusa?

– Acuso a pessoa que recortou as letras desse alfabeto e se comunicou por meio dessas letras com Arsène Lupin.

– Como sabe que o correspondente dessa pessoa é Arsène Lupin?

– Pelo próprio Lupin.

Estendeu um pedaço de papel molhado e amassado. Era a página que Lupin arrancara de sua caderneta, no barco, e no qual escrevera a frase codificada.

– Repare – observou Sholmes com satisfação – que nada o obrigava a me entregar essa folha e, por conseguinte, a se desmascarar. Simples criancice de sua parte e que me informou.

– Que o informou... – disse o barão. – Entretanto, não vejo nada... Sholmes copiou com lápis as letras e os algarismos.

CDEHNOPRSEO-237

– E daí? – perguntou o senhor d’Imblevalle. – É a fórmula que o senhor mesmo acaba de nos mostrar.

– Não, se o senhor tivesse virado e revirado essa fórmula em todos os sentidos, teria visto prontamente, como eu vi, que ela não é semelhante à primeira.

– E em que então?

– Ela compreende duas letras a mais, um E e um O.

– Com efeito, eu não tinha observado.

– Aproxime essas duas letras do C e do H que ficavam fora da palavra “responde!” e constatará que a única palavra possível é *ECHO*.

– O que significa?...

– O que significa O *Écho de France*, o jornal de Lupin, seu órgão oficial, ao qual ele reserva seus “comunicados”. Responda ao “*Écho de France*, seção de correspondência, número 237”. Era essa a chave do enigma que eu tanto procurava e que Lupin me forneceu com tanta boa vontade. Estou chegando da redação do *Écho de France*.

– E o senhor descobriu...

– Descobri toda a história detalhada das relações de Arsène Lupin com sua cúmplice.

E Sholmes espalhou sete jornais abertos na quarta página, dos quais destacou estas sete linhas:

1. *ARS. LUP. Mulher impl. proteç. 540.*

2. *540. Espera explicações. A.L.*

3. *A. L. Sob domin. inimiga. Perdida.*

4. *540. Escreva endereço. Farei investigação.*

5. *A. L. Murillo.*

6. *540. Parque três horas. Violetas.*

7. *237. Entendido sáb. estarei dom. man. Parque.*

– E chama isso de história detalhada! – exclamou o senhor d’Imblevalle.

– Meu Deus, sim, e por pouco que preste atenção o senhor concordará comigo. Em primeiro lugar, uma mulher que assina 540 implora a proteção de Lupin, ao que Lupin responde com um pedido de explicações. A mulher responde que está sob o domínio de um inimigo, de Bresson, sem dúvida alguma, e que está perdida se não

vierem em seu socorro. Lupin, que desconfia, que não ousa ainda entrar em contato com essa desconhecida, exige o endereço e propõe uma investigação. A mulher ainda hesita por quatro dias – consultem as datas – e por fim, pressionada pelos acontecimentos, influenciada pelas ameaças de Bresson, fornece o nome da rua onde mora, Murillo. No dia seguinte, Arsène Lupin anuncia que estará no parque Monceau às três horas e pede a sua desconhecida que leve um buquê de violetas como sinal de identificação. Ocorre então uma interrupção de oito dias na correspondência. Arsène Lupin e a mulher não precisam se escrever por intermédio do jornal: encontram-se ou escrevem-se diretamente. O plano está urdido para satisfazer as exigências de Bresson, a mulher roubará a lâmpada judaica. Resta marcar o dia. A mulher, que, por prudência, se corresponde com a ajuda de palavras recortadas e coladas, se decide pelo sábado e acrescenta: *Responda Écho 237*. Lupin lhe responde que está combinado e que, além disso, estará no parque no domingo de manhã. No domingo de manhã, o roubo é efetuado.

– Com efeito, tudo se encadeia – aprovou o barão –, a história está completa.

Sholmes prosseguiu:

– Então o roubo é executado. A mulher sai no domingo de manhã, presta contas a Lupin do que fez e leva a lâmpada judaica para Bresson. As coisas se passam então como Lupin previra. A justiça, iludida por uma janela aberta, quatro buracos na terra e dois arranhões numa sacada, admite imediatamente a hipótese de roubo por arrombamento. A mulher está tranquila.

– Que seja – disse o barão –, admito que essa explicação é bastante lógica. Mas o segundo roubo...

– O segundo roubo foi provocado pelo primeiro. Como os jornais

contaram como a lâmpada judaica desaparecera, alguém teve a ideia de reproduzir o assalto e se apoderar do que não havia sido levado. E dessa vez não foi um roubo simulado, mas um roubo real, com arrombamento de verdade, escalada etc.

– Lupin, evidentemente...

– Não, Lupin não age de forma tão estúpida. Lupin não atira nas pessoas por uma besteira qualquer.

– Então quem foi?

– Bresson, sem dúvida alguma, e à revelia da mulher que ele extorquirá. Foi Bresson que entrou aqui, foi ele que perseguiu, foi ele que feriu meu pobre Wilson.

– Tem mesmo certeza disso?

– Absoluta. Um dos cúmplices de Bresson lhe escreveu ontem, antes do seu suicídio, uma carta que prova as negociações entabuladas entre esse cúmplice e Lupin com vistas à restituição de todos os objetos roubados na sua casa. Lupin exigia tudo, tanto a primeira coisa (isto é, a lâmpada judaica) quanto as do segundo caso. Além disso, vigiava Bresson. Quando este se dirigiu ontem à noite à beira do Sena, um dos companheiros de Lupin o seguia ao mesmo tempo que nós.

– O que Bresson ia fazer na beira do Sena?

– Avisado dos progressos de minha investigação...

– Avisado por quem?

– Pela mesma mulher, a qual temia pertinentemente que a descoberta da lâmpada judaica resultasse na descoberta de sua aventura... Avisado Bresson, portanto, ele reúne num único embrulho o que o pode comprometer e joga num lugar onde o pode recuperar quando o perigo passar. É na volta que, encurralado por Ganimard e por mim, tendo sem dúvida outros crimes na

consciência, ele perde a cabeça e se mata.

– Mas o que continha o embrulho?

– A lâmpada judaica e seus outros bibelôs.

– Eles então não estão com o senhor?

– Logo após o desaparecimento de Lupin, aproveitei o banho que ele me obrigou a tomar para ser levado ao lugar escolhido por Bresson, onde encontrei, embrulhado em pano e lona encerada, o que lhe foi subtraído. Aqui está, sobre esta mesa.

Sem uma palavra, o barão cortou o barbante, rasgou com um golpe o pano molhado, retirou dali a lâmpada, girou um parafuso instalado sob o pé, fez força com as duas mãos sobre o recipiente, desatarraxou-o, abriu-o em duas partes iguais e descobriu a quimera de ouro, decorada com rubis e diamantes.

Estava intacta.

Havia em toda a cena, aparentemente tão natural, simples exposição de fatos, alguma coisa que a tornava terrivelmente trágica: era a acusação formal, direta, irrefutável que, a cada palavra sua, Sholmes lançava à senhorita. E também o silêncio impressionante de Alice Demun.

Durante essa longa e cruel acumulação de pequenas provas sobrepostas umas às outras, nenhum músculo de seu rosto se mexera, nenhuma explosão de revolta ou temor perturbara a serenidade de seu límpido olhar. Em que ela pensava? E, sobretudo, o que iria dizer no minuto solene em que tivesse de responder, em que teria de se defender e romper o círculo de ferro no qual Herlock Sholmes a aprisionava tão habilmente?

Esse minuto havia chegado, e a jovem manteve-se calada.

– Fale! Fale então! – exclamou o senhor d’Imblevalle.

Ela não falou. Ele insistiu:

– Uma palavra a desculparia... Uma palavra de revolta, e acreditarei na senhorita.

Essa palavra ela não falou.

O barão atravessou energicamente o recinto, voltou sobre seus passos, repetiu a operação e dirigiu-se a Sholmes:

– Pois bem, eu digo não, cavalheiro! Não posso admitir que seja verdade! Há crimes impossíveis! E este vai de encontro a tudo que sei, a tudo que vejo há um ano.

Ele pousou a mão no ombro do inglês.

– Mas o senhor mesmo, cavalheiro, tem certeza absoluta e definitiva de não estar enganado?

Sholmes hesitou, como alguém atacado de surpresa e cuja resposta não é imediata. No entanto, sorriu e disse:

– Somente a pessoa a quem acuso podia saber, pela situação que ocupa em sua casa, que a lâmpada judaica continha essa magnífica joia.

– Recuso-me a acreditar – murmurou o barão.

– Pergunte-lhe.

Era, com efeito, a única coisa que ele não teria tentado, na confiança cega que lhe inspirava a moça. Contudo, não podia mais se furtar às evidências.

Aproximou-se dela e, olhos nos olhos:

– Foi a senhorita? Foi a senhorita que pegou a joia? Foi a senhorita que se correspondeu com Arsène Lupin e simulou o roubo?

Ela respondeu:

– Fui eu, cavalheiro.

Não abaixou a cabeça. Sua fisionomia não exprimiu nem vergonha nem embaraço.

– Será possível! – murmurou o senhor d’Imblevalle. – Eu jamais teria acreditado... A senhorita seria a última pessoa de quem eu suspeitaria... Como se deu o roubo, infeliz?

Ela disse:

– Fiz como o senhor Sholmes contou. Na noite de sábado para domingo, desci até esta alcova, peguei a lâmpada e, de manhã, levei-a... para aquele homem.

– Não – objetou o barão –, o que a senhorita afirma é impossível.

– Impossível! E por quê?

– Porque de manhã encontrei a porta desta alcova fechada com ferrolho.

Ela ruborizou, ficou constrangida e olhou para Sholmes, como se lhe pedisse conselhos.

Mais do que pela objeção do barão, Sholmes pareceu chocado com o embaraço de Alice Demun. Ela então não tinha nada a responder? As confissões que consagravam a explicação que ele, Sholmes, fornecera sobre o roubo da lâmpada judaica porventura mascaravam uma mentira que a análise dos fatos destruía prontamente?

O barão continuou:

– Essa porta estava fechada. Afirmando que encontrei o ferrolho como o deixara na noite da véspera. Se a senhorita tivesse passado por essa porta, assim como afirma, teria sido necessário que alguém a recebesse do lado de dentro, isto é, da alcova ou de nosso quarto. Ora, não havia ninguém nesses dois cômodos... não havia ninguém a não ser minha mulher e eu.

Sholmes curvou-se na mesma hora e cobriu o rosto com as duas mãos a fim de disfarçar o rubor. Alguma coisa como uma luz forte demais o atingira, e ele sentia-se ofuscado, incomodado. Tudo se

desvelava para ele qual uma paisagem escura da qual a noite se afastasse de repente.

Alice Demun era inocente.

Alice Demun era inocente. Havia nisso uma verdade inconteste, ululante, que ao mesmo tempo explicava a espécie de constrangimento que ele experimentava desde o primeiro dia em lançar a terrível acusação contra a moça. Via claro agora. Sabia. Um gesto, e a prova irrefutável se ofereceria a ele prontamente.

Ergueu a cabeça e, após alguns segundos, tão naturalmente quanto pôde, voltou os olhos para a senhora d'Imblevalle.

Estava pálida, dessa palidez incomum que nos invade nas horas implacáveis da vida. Suas mãos, que ela procurava esconder, tremiam imperceptivelmente.

“Mais um segundo”, pensou Sholmes, “e ela se trai.”

Colocou-se entre ela e o marido, com o desejo imperioso de afastar o terrível perigo que, por culpa sua, ameaçava aquele homem e aquela mulher. Mas, ao ver o barão, estremeceu no mais recôndito do seu ser. A mesma revelação súbita que o cegara com sua claridade iluminava agora o senhor d'Imblevalle. O mesmo raciocínio se operava no cérebro do marido. Ele compreendia por sua vez! Ele via!

Num gesto de desespero, Alice Demun se revoltou contra a verdade implacável.

– Tem razão, cavalheiro, eu me enganei... Com efeito, não entrei por aqui. Passei pelo vestíbulo e pelo jardim, e foi com a ajuda de uma escada...

Supremo esforço de devotamento... Mas esforço inútil! As palavras soavam falsas. A voz estava alquebrada, e a doce criatura não tinha mais seus olhos cristalinos e seu grande ar de

sinceridade. Vencida, ela abaixou a cabeça.

O silêncio foi atroz. A senhora d'Imblevalle esperava, lívida, toda enrijecida pela angústia e o pavor. O barão parecia ainda se debater, como se não quisesse acreditar no colapso de sua felicidade.

Por fim, balbuciou:

– Fale! Explique-se!...

– Não tenho nada a lhe dizer, meu pobre querido – ela falou baixinho e com o rosto contorcido pela dor.

– Então... a senhorita...

– A senhorita me salvou... por devotamento... por afeição... e se incriminou...

– Salvou de quê? De quem?

– Daquele homem.

– Bresson?

– Sim, eu era o alvo de suas ameaças... Conheci-o na casa de uma amiga... e cometi a loucura de escutá-lo... Oh, nada que você não possa perdoar... No entanto, escrevi duas cartas... cartas que você verá... Eu as recuperei... Você sabe como. Oh! Tenha piedade de mim... chorei tanto!

– Você? Você? Suzanne!

Ele ergueu para a esposa os punhos cerrados, prestes a espancá-la, a matá-la. Mas seus braços tornaram a cair e ele murmurou novamente:

– Você, Suzanne? Você?... Será possível?!

Com pequenas frases entrecortadas, ela contou a tormentosa e banal aventura, seu despertar assustado diante da infâmia do personagem, seus remorsos, seu pânico, e referiu-se também ao comportamento admirável de Alice, a moça que adivinhava o

desespero da patroa, arrancando-lhe sua confissão, escrevendo a Lupin e planejando aquela história de roubo para salvá-la das garras de Bresson.

– Você, Suzanne, você... – repetia o senhor d’Imblevalle, recurvado, aterrado. – Como pôde?...

Na noite desse mesmo dia, o vapor Ville-de-Londres, que fazia a linha entre Calais e Dover, deslizava lentamente sobre o espelho d’água. A noite estava escura e calma. Nuvens tranquilas insinuavam-se acima do barco e, à sua volta, tênues véus de bruma o separavam do espaço infinito, onde se espalhavam a claridade da lua e das estrelas.

A maioria dos passageiros havia se recolhido aos camarotes e salões.

Alguns, no entanto, mais intrépidos, passeavam no convés ou ainda cochilavam no fundo de amplas cadeiras de balanço e sob grossos cobertores. Aqui e ali se viam brasas acesas de charutos e ouvia-se, misturado ao suave sopro da brisa, um murmúrio de vozes que não ousavam se levantar diante do grande silêncio imponente.

Um dos passageiros, que vagava com passos regulares pelas amuradas, parou perto de uma pessoa estendida num banco, examinou-a e, como essa pessoa se mexia um pouco, disse-lhe:

– Achei que estava dormindo, senhorita Alice.

– Não, não, senhor Sholmes, não estou com sono. Reflito.

– Em quê? É indiscreto de minha parte perguntar?

– Eu pensava na senhora d’Imblevalle. Ela deve estar tão triste! Sua vida está perdida.

– Claro que não, claro que não – ele replicou prontamente. – Seu erro não é imperdoável. O senhor d’Imblevalle esquecerá essa fraqueza. Quando partimos, ele já olhava para ela com menos

severidade.

– Talvez... mas o esquecimento vai demorar... e ela está sofrendo.

– Gosta muito dela?

– Muito. Foi o que me deu força para sorrir, quando tremia de medo, ao encarar o senhor, querendo fugir dos seus olhos.

– Está triste por separar-se dela?

– Muito triste. Não tenho parentes nem amigos... Eu só tinha a ela.

– A senhorita terá amigos – disse o inglês, comovido por aquela aflição –, eu lhe prometo... Tenho relações... muita influência... Asseguro-lhe que não lamentará sua situação.

– Pode ser, mas a senhora d’Imbleville não estará mais comigo...

Não trocaram outras palavras. Herlock Sholmes deu ainda duas ou quatro voltas pelo convés, depois foi instalar-se novamente junto à sua companheira de viagem.

A cortina de bruma se dissipava, e as nuvens pareciam dividir-se no céu.

Estrelas cintilaram.

Sholmes puxou o cachimbo do fundo de sua capa, encheu-o e riscou sucessivamente quatro palitos de fósforo sem conseguir acendê-los. Como não tinha outros, levantou-se e perguntou a um cavalheiro que se encontrava sentado a alguns passos:

– Teria fogo, por favor?

O cavalheiro abriu uma caixa de fósforos grandes e riscou. Imediatamente uma chama irrompeu. Com a luz, Sholmes reconheceu Arsène Lupin.

Se o inglês não tivesse esboçado um pequeno gesto, um imperceptível recuo, Lupin poderia ter suposto que sua presença a bordo não era conhecida de Sholmes; de tal forma que este permaneceu senhor de si, e tão natural foi a desenvoltura com que

estendeu a mão a seu adversário.

– Sempre em forma, senhor Lupin?

– Bravo! – exclamou Lupin, deixando escapar um grito de admiração diante de tal autocontrole.

– Bravo... E por quê?

– Como, por quê? O senhor me vê reaparecer à sua frente, como um fantasma, após assistir à minha queda no Sena, e, por orgulho, por um milagre de orgulho que eu qualificaria de absolutamente britânico, não esboça um gesto de estupor, uma palavra de surpresa! Caramba, repito, bravo, é admirável!

– Não é admirável... Pela sua maneira de cair do barco, vi muito bem que caía voluntariamente e que não fora atingido pela bala do brigadeiro.

– E partiu sem saber do meu paradeiro?

– Seu paradeiro? Eu sabia. Quinhentas pessoas comandavam as duas margens no espaço de um quilômetro. A partir do momento em que o senhor escapava da morte, sua captura era certa.

– No entanto, aqui estou.

– Senhor Lupin, há dois homens no mundo de quem nada me surpreende: primeiro eu e o senhor em seguida.

A paz estava firmada.

Se Sholmes não triunfara em suas investidas contra Arsène Lupin, se Lupin permanecia o inimigo excepcional que era preciso desistir definitivamente de agarrar, se no correr dos embates ele estava sempre em vantagem, nem por isso o inglês, com sua tenacidade formidável, deixara de recuperar a lâmpada judaica, assim como recuperara o diamante azul. Talvez dessa vez o resultado fosse menos brilhante, sobretudo do ponto de vista do público, uma vez que Sholmes era obrigado a resguardar as circunstâncias sob as

quais a lâmpada judaica fora descoberta e declarar que ignorava o nome do culpado. Mas de homem para homem, de Lupin para Sholmes, de polícia para ladrão, não havia, com toda a justiça, nem vencedor nem vencido. Ambos podiam reivindicar triunfos idênticos.

Conversaram, então, como adversários amigáveis que depuseram suas armas e se admiram por seus respectivos méritos.

A pedido de Sholmes, Lupin contou sobre sua fuga.

– Se é – disse – que podemos chamar isso de fuga. Foi tão simples! Meus amigos aguardavam, uma vez que tínhamos um encontro marcado para recuperar a lâmpada judaica. Assim, após ter permanecido uma boa meia hora sob o casco virado do barco, aproveitei um instante em que Folenfant e seus homens procuravam meu cadáver ao longo das margens e subi novamente no casco virado. Meus amigos só tiveram que me recolher em sua lancha e fugir sob os olhos pasmos dos quinhentos curiosos, de Ganimard e de Folenfant.

– Que beleza! – exclamou Sholmes. – Sucesso total! E agora tem negócios na Inglaterra?

– Sim, alguns acertos de contas... Mas eu ia esquecendo... O senhor d’Imblevalle?

– Ele sabe tudo.

– Ah, meu caro mestre, o que foi que eu disse? O mal agora é irreparável. Não teria sido melhor deixar eu agir do meu jeito? Mais um ou dois dias, e eu recuperava de Bresson a lâmpada judaica e os bibelôs, enviava-os aos d’Imblevalle, e essas duas boas pessoas teriam terminado de viver sossegadamente um do lado do outro. Em vez disso...

– Em vez disso – riu Sholmes –, embaralhei as cartas e semeei a discórdia no seio de uma família que o senhor protegia.

– Meu Deus, sim, que eu protegia! Será sempre indispensável roubar, enganar e fazer o mal?

– Então também faz o bem?

– Quando tenho tempo. E depois isso me diverte. Acho muito engaçado que, na aventura que nos ocupa, eu seja o gênio bom que socorre e salva, e o senhor, o gênio mau que traz o desespero e as lágrimas.

– Lágrimas! Lágrimas! – protestou o inglês.

– Claro! O casal d’Imblevalle está demolido, e Alice Demun, chorando.

– Ela não podia mais ficar... Ganimard terminaria surpreendendo-a... e por meio dela seria possível chegar à senhora d’Imblevalle.

– Totalmente de acordo, mestre, mas de quem é a culpa?

Dois homens passaram à sua frente. Sholmes, com uma voz cujo timbre parecia ligeiramente alterado, disse a Lupin:

– Sabe quem são esses *gentlemen*?

– Julguei reconhecer o capitão do navio.

– E o outro?

– Ignoro.

– É o senhor Austin Gilett. E o senhor Austin Gilett ocupa na Inglaterra um cargo que corresponde ao do senhor Dudouis, seu chefe da Sûreté.

– Ah! que sorte! Faria a gentileza de me apresentar? O senhor Dudouis é um dos meus bons amigos, e eu ficaria feliz em poder dizer o mesmo do senhor Austin Gilett.

Os dois *gentlemen* voltaram.

– E se eu o levasse ao pé da letra, senhor Lupin? – disse Sholmes, levantando-se.

Agarrara o pulso de Arsène Lupin e o apertava com uma mão de

ferro.

– Por que aperta tão forte, mestre? Estou pronto a segui-lo.

Deixava-se, de fato, arrastar sem a menor resistência. Os dois *gentlemen* se afastavam.

Sholmes apertou o passo. Suas unhas penetravam na própria carne de Lupin.

– Vamos... vamos... – proferia surdamente, numa espécie de pressa urgente em resolver tudo o mais rápido possível. – Vamos! Mais depressa.

Mas estacou: Alice Demun os seguira.

– O que está fazendo, senhorita? É inútil... Não venha!

Foi Lupin que respondeu:

– Peço-lhe que observe, mestre, que a senhorita não vem por vontade própria. Estou apertando seu pulso com uma energia semelhante à que o senhor usa comigo.

– E por quê?

– Ora! Faço questão de apresentá-la também. Seu papel no caso da lâmpada judaica é ainda mais importante que o meu. Cúmplice de Arsène Lupin, cúmplice de Bresson, ela deve contar também a aventura da baronesa d’Imblevalle, o que interessará prodigiosamente à justiça... E assim o senhor terá levado sua altruísta intervenção até seus últimos limites, generoso Sholmes.

O inglês largara o pulso de seu prisioneiro. Lupin libertou a senhorita. Ficaram alguns segundos imóveis, um em frente ao outro. Em seguida, Sholmes voltou ao seu banco e se sentou. Lupin e a moça reocuparam seus lugares.

Um longo silêncio os dividiu. Até Lupin dizer:

– Veja, mestre, independentemente do que façamos, nunca estaremos do mesmo lado. O senhor está de um lado do fosso, eu

do outro. Podemos nos cumprimentar, apertar as mãos, conversar por um momento, mas o fosso está sempre presente. O senhor será sempre Herlock Sholmes, detetive, e eu, Arsène Lupin, ladrão. E Herlock Sholmes sempre obedecerá, mais ou menos espontaneamente, com maior ou menor destreza, ao seu instinto de detetive, que é perseguir o ladrão e “engaiolá-lo” se possível. E Arsène Lupin será sempre fiel à sua alma de ladrão, evitando as garras do detetive e zombando dele se a ocasião se apresentar. E dessa vez a ocasião se apresentou! Há, há, há!

Desatou a rir, um riso sarcástico, cruel e detestável...

Em seguida, subitamente grave, inclinou-se na direção da moça.

– Esteja certa, senhorita, de que, mesmo reduzido ao limite extremo, eu não a teria traído. Arsène Lupin nunca trai, sobretudo aqueles a quem ama e admira. E permita-me lhe dizer que amo e admiro a valente e querida criatura que a senhorita é.

Puxou de sua carteira um cartão de visita, rasgou-o ao meio, estendeu metade à moça e, com a mesma voz comovida e respeitosa:

– Se o senhor Sholmes não for bem-sucedido em sua iniciativa, senhorita, apresente-se na casa de lady Strongborough (encontrará com facilidade seu endereço atual) e entregue-lhe essa metade de cartão, dirigindo-lhe estas duas palavras: “lembrança fiel”. Lady Strongborough lhe será devotada como uma irmã.

– Obrigada – disse a moça –, irei amanhã mesmo à casa dessa senhora.

– E agora, mestre – exclamou Lupin, no tom satisfeito de um cavalheiro que cumpriu seu dever –, desejo-lhe boa noite. Ainda temos uma hora de travessia. Vou aproveitá-la.

Estendeu-se ao comprido e cruzou as mãos atrás da cabeça.

O céu se abriu diante da lua. Em volta das estrelas e rente ao mar, sua claridade radiosa se espalhava. Ela flutuava na água, e a imensidão, onde se dissolviam as últimas nuvens, parecia pertencer a ele.

O desenho do litoral se apartou do horizonte escuro. Passageiros subiram. O convés se encheu de gente. O senhor Austin Gilett passou na companhia de dois indivíduos que Sholmes reconheceu como agentes da polícia inglesa.

Em seu banco, Lupin dormia...

MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

CONTRA
HERLOCK
SHOLMES


Principis

MAURICE LEBLANC

O\$
BILHÕES DE
ARSÈNE
LUPIN



MAURICE LEBLANC



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês

Les Milliardes de Arsène Lupin

Texto

Maurice Leblanc

Tradução

Andréia Manfrin Alves

Revisão

Fernanda R. Braga Simon

Produção editorial e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Diagramação

Fernando Laino | Linea Editora

Ebook

Jarbas C. Cerino

Imagens

Agnieszka Karpinska/Shutterstock.com;

VectorPot/Shutterstock.com;

alex74/Shutterstock.com;

Yurkalmortal/Shutterstock.com

Magicleaf/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445b Leblanc, Maurice

Os bilhões de Arsène Lupin [recurso eletrônico] / Maurice
Leblanc ; traduzido por Andréia Manfrin Alves. - Jandira, SP :
Principis, 2021.

160 p. ; ePUB ; 920 KB. - (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: Les Milliardes de Arsène Lupin

Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-323-2 (Ebook)

1. Literatura francesa. 2. Romance. 3. Ficção. I. Alves,
Andréia Manfrin. II. Título. III. Série.

2021-277

CDD 843

CDU 821.133.1-3

Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa 843

2. Literatura francesa 821.133.1-3

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



Paule Sinner

James Mac Allermy, fundador e diretor do *Allo-Police*, o maior jornal de criminologia dos Estados Unidos, tinha acabado de entrar na redação no final da tarde. Cercado por alguns de seus colaboradores, ele lhes dizia sua opinião – ainda muito incerta, aliás – sobre o crime abominável cometido no dia anterior contra três crianças pequenas, e que a opinião pública, revoltada pelas circunstâncias particulares, tinha imediatamente batizado de “O massacre dos trigêmeos”.

Depois de alguns minutos de considerações sobre a criminalidade direcionada contra a infância, de modo geral, e sobre o crime hediondo do dia anterior, em particular, James Mac Allermy se voltou para sua secretária, Patricia Johnston, que, no meio dos editores, o ouvia:

– Patricia, está na hora do correio. Todas as cartas estão prontas para serem assinadas? Vamos até meu escritório?

– Está tudo pronto, senhor, mas...

Patricia se calou. Ela ouviu um barulho insólito e completou:

– Tem alguém no seu escritório, senhor Mac Allermy!

O diretor encolheu os ombros.

– Alguém no meu escritório? Impossível! A porta da sala de espera está fechada à chave.

– Mas e sua entrada privativa, senhor?

Allermy sorriu enquanto tirava uma chave do bolso.

– A chave fica sempre comigo. Aqui está ela. A senhorita está delirando, Patricia... Vejamos, vamos trabalhar... Com licença, Fildes, vou pedir para que aguarde um instante!

Ele colocou familiarmente a mão no ombro de um de seus assistentes – não um de seus redatores, mas um de seus amigos pessoais –, Fildes, que vinha quase todos os dias visitá-lo no jornal.

– Não se apresse, James Allermy – disse Frédéric Fildes, um representante da lei e procurador. – Não estou com pressa e sei como é o horário do correio.

– Vamos – disse Mac Allermy. – Tchau, senhores, até amanhã. Procurem descobrir mais sobre o crime.

Com um aceno de cabeça, ele deixou seus colaboradores e, seguido por sua secretária e por Frédéric Fildes, saiu da sala da redação, atravessou um corredor e abriu a porta da sala da direção.

A ampla sala, elegantemente mobiliada, estava vazia.

– Vê, Patricia. Não há ninguém aqui.

– Sim – respondeu a secretária –, mas repare, senhor, que a porta, que estava fechada, agora está aberta.

Ela se referia a uma porta do escritório que dava acesso a uma sala menor onde ficava o cofre.

– Patricia, deste cofre até a saída secreta que se abre para a rua, e através da qual às vezes eu passo, há duzentos metros de corredores e escadas, entrecortados por treze portas e cinco portões de ferro, todos muito bem trancados com cadeados. Ninguém pode usar essa saída.

Patricia refletia, com as sobrancelhas finas ligeiramente franzidas. Ela era uma jovem alta e esbelta, de aparência harmoniosa e ágil, o que indica a prática de esportes. Seu rosto, um pouco irregular, um

pouco curto talvez, não tinha uma beleza clássica, mas, com uma pele sem maquiagem, naturalmente opaca e como se transparente, a boca grande e bem desenhada, os lábios naturalmente vermelhos, entreabertos sobre dentes brilhantes, a testa larga e de aparência inteligente sob as ondas dos cabelos, onde o ouro e o bronze se misturavam, sobretudo com os olhos, grandes e de um cinza esverdeado, entre cílios espessos e escuros, emanava um charme incomparável, um charme profundo e quase misterioso quando Patricia ficava séria, mas que se tornava leve e de alguma forma infantil quando ela se deixava levar por um acesso de alegria genuína. Tudo nela transparecia saúde, equilíbrio físico e moral, energia e gosto pela vida. Era uma dessas mulheres que não mentem e não decepcionam, que inspiram simpatia e confiança, que despertam amizade e amor.

Por um hábito que ela tinha aos poucos adquirido de Mac Allermy, e que havia se tornado um reflexo, ela passou os olhos por toda a sala para se certificar de que nada estivesse diferente desde que ela tinha colocado tudo em ordem.

Um detalhe chamou sua atenção.

Em um bloco de notas que estava sobre a mesa, e que era visto por ela de ponta-cabeça, havia duas palavras escritas a lápis. Uma era um nome, “Paule”, a outra, que ela decifrou com menos facilidade, um sobrenome, “Sinner”. Paule Sinner. Então era uma mulher.

Nem por um momento Patricia, que conhecia a severa moral de Mac Allermy, admitiu que uma mulher pudesse ter entrado com o consentimento dele, muito menos que ele tivesse escrito aquele nome de forma tão exposta em sua sala de diretor.

Mas então, o que significava Paule Sinner?

Mac Allermy, que a observava, sorriu:

– No momento certo, Patricia! Nada lhe escapa. Mas a explicação é simples: é o título de um romance francês que um tradutor me trouxe hoje e estou gostando muito. Paule Sinner é o nome da heroína. Em francês o título é ainda mais chocante: *Paule, a Pecadora*.

Patricia sentiu que Mac Allermy não estava dando uma explicação muito precisa. Mas ela poderia pedir outra?

Nesse momento, interrompendo suas reflexões, houve uma pane elétrica que os deixou na escuridão.

– Não se preocupe, senhor, foi um fusível que queimou. Eu conheço o assunto. Vou resolver – disse Patricia.

Tateando, ela chegou à sala de espera que precedia o escritório de Mac Allermy e que dava em um patamar no terceiro andar da escada particular da direção. Algumas lâmpadas que permaneceram acesas no térreo produziam uma iluminação difusa no meio da escuridão. Em um reduto estreito usado como almoxarifado, a jovem pegou uma pequena escada dupla com seis degraus, desdobrou-a e a colocou perto da parede. Ela subiu e acreditou ouvir, vindo de algum lugar das sombras, um pequeno barulho, e de repente uma angústia cerrou seu coração...

“Ele” estava lá, ela não tinha dúvida, ele estava lá, escondido na semiescuridão, pronto para atacar, como uma fera espreitando sua presa...

Era um ser misterioso, ameaçador. Ela nunca o viu, mas sabia de sua existência; sabia que era secretário particular de Mac Allermy, um secretário que não se mostrava, que também era um guarda-costas, um espião, um factótum, um faz-tudo de atribuições secretas e diversas, um homem enigmático, dissimulado, perigoso, tenebroso, cuja presença e cobiça Patricia percebia constantemente a sua volta, o que a preocupava e, às vezes, apesar de sua

coragem, a aterrorizava.

Sobre a escada, com o coração acelerado, ela ouvia. Não, nada! Ela certamente estava equivocada. Então, dominou sua emoção, tentou sorrir e continuou sua tarefa.

Ela removeu o fusível, substituiu o fio partido, ajustou outro e reparou o interruptor. A luz se acendeu, meio velada pelo vidro fosco da lâmpada.

Então aconteceu o ataque. O ser, da sombra onde estava escondido, apareceu logo abaixo de Patricia. Duas mãos agarraram os joelhos da jovem. Patricia cambaleou sobre a escada e, quase inconsciente, sem conseguir lançar sequer um grito, escorregou e caiu nos braços abertos que a seguraram e impediram sua queda brusca ao chão, onde ela se viu deitada, sem voz e sem movimento.

Patricia percebeu que o assaltante era muito grande e tinha uma força irresistível. Numa reação quase imediata, ela tentou lutar, mas em vão. Os braços a imobilizaram como uma presa precipitadamente vencida.

E, ainda a segurando, o homem sussurrou em seu ouvido:

– Não resista, Patricia, de que adianta? Não grite!... O velho Mac Allermy poderia ouvi-la, e o que ele pensaria de você ao vê-la em meus braços? Ele acreditaria no nosso acordo. E teria razão. Você e eu fomos feitos para ficar juntos. Ambos queremos satisfazer nossas ambições, ganhar dinheiro, ganhar poder, e o mais depressa possível. Mas você está perdendo tempo, Patricia. Só porque é amante do filho Allermy, não quer dizer que vai conseguir alguma coisa. Allermy Junior é apenas um idiota, um incapaz. Quanto ao velho, ele se encaixa mais ou menos na mesma categoria. Além disso, ele está tramando, com seu amigo Fildes, que se assemelha a ele, um enorme negócio... sim... mas ele vai quebrar a cara. Patricia, se soubermos como manobrar, você e eu, dentro de seis

meses o jornal *Allo-Police* estará em nossas mãos e ambos saberemos como ganhar dólares e mais dólares, centenas de milhares de dólares! Assinaturas, anúncios, escândalos, chantagens, um pouco de tudo. Só precisamos saber como usufruir. E eu saberei! Mas eu a amo, Patricia. É ao mesmo tempo uma força e uma fraqueza. Ajude-me a me tornar o mestre, o mestre capaz de tudo, de todos os crimes e de todos os triunfos que você vai compartilhar comigo! Nós dois, juntos, dominaremos o mundo. Você compreende isso, não é? Você aceita?

Ela balbuciou, desnorteada:

– Solte-me! Solte-me agora. Falaremos disso mais tarde, em um outro momento. Quando não pudermos ser ouvidos ou surpreendidos...

– Então preciso de uma prova do nosso acordo... de sua boa vontade... Um beijo e eu a deixo ir.

Patricia estava em pânico. O homem cheirava a álcool; ela podia entrever seu rosto se contorcendo em caretas. Lábios febris pousavam em seu pescoço ou em suas bochechas, procurando os lábios que ela desviava... e ouvindo sempre essa voz em seu ouvido:

– Eu a amo, Patricia. Você compreende o que é esse amor que duplicaria uma associação como a que poderíamos formar, você e eu? Os dois Allermy são incapazes, são fantoches... Quanto a mim, eu adivinho todas as suas ambições, eu as conheço, tanto as realizadas quanto as ultrapassadas. Ame-me, Patricia. Não há no mundo outro homem da minha qualidade, do meu poder cerebral, que tem minha vontade, minha energia. Ah! Você está cedendo, Patricia, você me ouve, está perturbada...

Ele falava a verdade. Apesar de sua revolta e desgosto, ela sentia uma perturbação, uma vertigem estranha que a conduzia na direção

do mais terrível desfecho.

O homem zombou silenciosamente.

– Vamos, ceda, Patricia... Você não consegue mais resistir. Está no limite. Pobre menina, não é por ser mulher, não acredite nisso! Todos que ficam diante de mim se sentem perturbados, angustiados. Meu desejo domina, derruba o obstáculo, quebra-o... E se sentem quase felizes, não é, por colocar seu destino de volta em minhas mãos. Admita... E não tenha medo. Não sou mau, embora meus camaradas e inimigos – não tenho amigos – me chamem de “The rough”¹... O Selvagem, o Implacável, o Impiedoso...

Patricia estava perdida. Quem poderia salvá-la?

De repente, as mãos impiedosas se desprenderam. O “Selvagem” abafou um lamento, um lamento assustadoramente doloroso.

– O que é? Quem é o senhor? – ele gemeu, torturado.

Uma voz baixa e zombeteira respondeu:

– Um cavalheiro, motorista e amigo do senhor Fildes. Ele está à minha espera para levá-lo a Long Island, à casa dos pais dele, onde ela irá jantar... e talvez dormir. Então, você entendeu? Estava de passagem quando ouvi seu discurso. Você fala bem, Selvagem. Mas está enganado ao afirmar que está acima de todos.

– Não estou enganado – repreendeu o outro em voz baixa.

– Está, sim. Você tem um mestre.

– Um mestre, eu?... Diga o nome dele... Um mestre, eu?... Só pode ser Arsène Lupin. Por acaso você é Arsène Lupin?

– Eu sou aquele que interroga, mas que não é interrogado.

O outro ficou pensativo. Sussurrou com uma voz alterada:

– Ora, por que não? Eu sei que ele está em Nova Iorque tramando alguma coisa com Allermey, Fildes e companhia. Além disso, é bem do feitio dele essa torção dos braços. Uma artimanha que derrota

até os mais fortes... Então, é você, Lupin?

– Não se preocupe com isso. Lupin ou não, sou seu mestre, obedeça.

– Eu, obedecer? Você está louco. Lupin ou não, minhas ações não são da sua conta! Fildes está no escritório de Allermey. Vá atrás dele! Deixe--me em paz.

– Primeiro, deixe essa mulher em paz! Vá embora!

– Não!

E a mão pesada caiu sobre Patricia novamente.

– Não?! Então, azar o seu. Vou recomeçar.

O “Selvagem” soltou um profundo gemido de angústia e dor. Parecia que lhe tiravam a vida. Seus braços relaxaram. Ele se desequilibrou como uma marionete desarticulada.

O misterioso salvador de Patricia ajudou-a a se levantar. Em pé, de frente para ele, ainda ofegante e tremendo, ela sussurrou:

– Cuidado! Esse homem é muito perigoso.

– A senhorita o conhece?

– Não sei o nome dele. Nunca o tinha visto antes. Mas ele está me perseguindo, estou com medo!

– Quando estiver em perigo, me chame. Se eu estiver livre, virei defendê--la. Permita que lhe ofereça este apito prateado, é um apito encantado. É possível ouvi-lo através do espaço... Em caso de perigo, apite sem parar. Eu virei... E nunca deixe de desconfiar do Selvagem. Ele é o pior dos bandidos. Meu dever seria levá-lo à justiça imediatamente, mas esse tipo de dever é sempre negligenciado... e injustamente!

Ele inclinou seu corpo alto e flexível e, com um sorriso mundano em seu rosto magro, beijou a mão de Patricia com um galanteio bastante cortês.

– O senhor é mesmo Arsène Lupin? – ela sussurrou, tentando ver

bem seus traços.

– O que isso interessa? Não aceitaria a proteção dele?

– Claro que sim! Mas eu gostaria de saber...

– Curiosidade inútil.

Sem insistir, ela retornou ao escritório do diretor do *Allo-Police* e pediu desculpas por sua longa ausência. Tinha tido um mal-estar.

– Já está melhor, não é mesmo? – perguntou Mac Allermy, solícito.

– Sim, vejo que está recuperando sua cor.

E acrescentou em outro tom:

– Poderemos conversar um pouco? Tenho coisas muito sérias a lhe dizer!

Diante desse amigável apelo à ordem, Patricia, deixando sua inquietação de lado, voltou a ficar lúcida e calma. Ela se sentou na poltrona que Mac Allermy lhe ofereceu e olhou para ele, aguardando a continuação. Ele retomou depois de certo silêncio:

– Patricia, desde que entrou nesta empresa, há cerca de dez anos, já passou por todos os serviços subordinados. Sabe por que a escolhi, há cinco anos, como secretária executiva?

– Provavelmente porque me achou digna, senhor.

– Claro, mas a senhorita não era a única. Há outras razões.

– Posso perguntar quais?

– Primeiro, é uma mulher bela. E eu gosto da beleza. Não se ofenda por eu falar assim na frente do meu amigo Fildes. Não tenho segredo para ele. Além disso, houve um drama em sua vida, um drama que acompanhei de perto. Meu filho, Henry, aproveitou-se da sua situação e se insinuou para a senhorita. Mas você era muito jovem, sozinha na vida. Ele lhe prometeu casamento e a senhorita não soube resistir, ele a seduziu. Depois disso ele a abandonou, acreditando que ficaria quite lhe oferecendo uma quantia em dinheiro, que, a propósito, a senhorita recusou. E ele se casou com

uma moça rica, de poderosas relações.

Patricia, bastante enrubescida, escondeu o rosto entre as mãos e balbuciou:

– Não continue, senhor Allermey. Tenho tanta vergonha do meu erro! Eu devia ter me matado...

– Se matar porque um jovem miserável a enganou!

– Não fale assim do seu filho, por favor...

– Ainda o ama?

– Não. Mas eu o perdoei.

Allermey fez um gesto violento.

– Eu não perdoei. A culpa é do meu filho! Foi por isso que a convidei para ser uma de minhas colaboradoras.

– Aos seus olhos, isso foi uma reparação?

– Sim.

Patricia levantou o rosto e o encarou.

– Se eu soubesse, teria recusado, como recusei o dinheiro que seu filho me ofereceu – disse ela amargamente.

– Como teria vivido?

– Como eu já fazia antes, senhor, trabalhando... Trabalhando depois de sair daqui, à noite, em outro lugar, e de manhã, antes de chegar, fazendo cópias para outra empresa. Não há pessoa boa e corajosa no mundo que não possa viver, graças a Deus, de seu trabalho!

Allermey franziu a sobrancelha.

– A senhorita é muito orgulhosa.

– Muito orgulhosa mesmo, é verdade.

– E ambiciosa também.

– Também – disse ela calmamente.

Mais um breve silêncio e o diretor do *Allo-Police* então retomou:

– Há pouco encontrei sobre esta mesa um artigo seu a respeito do

terrível crime de ontem, de que estávamos falando na redação, o massacre dos trigêmeos.

Patricia mudou de expressão e de tom; ela se transformou na debutante ansiosa pela opinião de seu juiz.

– O senhor teve a gentileza de ler?

– Sim.

– E ele lhe agrada?

O diretor acenou com a cabeça.

– Tudo o que disse sobre esse crime, sobre os motivos que o originaram, sobre o homem que acredita ser culpado, provavelmente está certo. De todo modo, é muito engenhoso, muito lógico. A senhorita demonstra ter qualidades reais de discernimento e imaginação.

– Então o senhor vai publicá-lo? – perguntou a jovem, extasiada.

– Não.

Ela se sobressaltou.

– Por que, senhor? – perguntou com a voz ligeiramente alterada.

– Porque ele é ruim!

– Ruim! Mas o senhor disse...

– Ruim como artigo – explicou Allermey. – Veja, senhorita. O que, aos meus olhos, é valioso em uma reportagem criminal não é a soma de deduções, sugestões e verdades que ele contém. É unicamente a forma como tudo isso é apresentado.

– Não entendi muito bem – disse Patricia.

– A senhorita vai entender. Suponhamos...

Ele se interrompeu. Sem dúvida, lamentava ter embarcado em explicações. No entanto, concluiu, abreviando:

– Suponhamos que eu, Mac Allermey, esteja envolvido em alguma aventura obscura que me conduza, hipoteticamente, a ser assassinado nesta noite. Bem, se as circunstâncias determinassem

que a senhorita ficasse responsável por contar essa notícia, sua história teria que destacar esta conversa que estamos tendo agora e dar a ela um tom patético, para que o leitor já percebesse as premissas de um temível desfecho. Seria preciso que a intensidade da impressão seguisse num crescendo até a última linha. Toda a arte do jornalista e do romancista está na preparação do drama, na sua encenação, na indicação das primeiras peripécias, naquilo que faz o leitor ser fisgado imediatamente. Fisgado pelo quê? Não posso dizer. Esse é o segredo do talento. Se não tem internalizada essa vocação secreta para chamar a atenção com palavras, faça vestidos ou espartilhos, mas não romances, nem artigos. Entendeu, Patricia Johnston?

– Entendi, senhor, que devo trabalhar primeiro como aprendiz.

– É isso mesmo. Há bons elementos em seu artigo, mas apresentados por uma menina de escola. Nada está valorizado, nada está no ponto. Reescreva-o, escreva outros. Eu os lerei... e vou recusá-los até o dia em que a senhorita souber construir um artigo do jeito certo.

Ele acrescentou, rindo:

– Espero que não seja sobre mim, ou para desvendar um mistério criminal que me diga respeito.

Patricia olhou para ele com preocupação e, ansiosa, em um tom que transparecia o afeto que sentia pelo homem com quem trabalhava há anos, disse:

– O senhor está me assustando. Acredita mesmo...?

– Nada, absolutamente nada específico. Mas o próprio gênero do meu jornal me põe em contato com um universo bastante peculiar, e alguns dos artigos que publicamos me expõem a rancores e vinganças. São os riscos da profissão. Não vamos falar mais sobre isso. Vamos falar de você, Patricia, da sua situação, do seu futuro. A

senhorita me entrega bons resultados e, para que tenha uma segurança material que possa facilitar sua vida e permitir que prospere, eu assinei um cheque de dois mil dólares que você poderá descontar no banco.

– É muito dinheiro, senhor.

– É muito pouco se comparado ao que faz por mim e por suas metas futuras.

– E se eu falhar?

– Isso não é possível.

– O senhor confia tanto assim em mim?

– Mais do que isso! Tenho absoluta confiança na senhorita. Quero lhe falar de coração aberto e sobre coisas muito íntimas. Sabe, Patricia, chega um momento em que o homem precisa de sensações mais fortes, de ambições maiores e mais complexas. Chegamos a esse momento, meu amigo Fildes e eu. E, para criarmos em nossa muitas vezes monótona existência um novo e poderoso interesse, nós desenvolvemos uma obra considerável, inédita e cativante, que exige toda nossa experiência, toda nossa atividade e que satisfaz ao mesmo tempo nossos instintos combativos e nossa preocupação moral. O objetivo que queremos alcançar é grandioso, está de acordo com nossas almas de velhos puritanos austeros que o mal revolta, quaisquer que sejam suas manifestações. Em breve irei informá-la sobre a natureza dessa obra, Patricia, porque a senhorita é digna de participar das lutas de nossas ambições. Fildes e eu iremos em breve à França para concretizar nossos planos. Venha conosco. Estou habituado aos seus serviços; sua constante colaboração e presença me são mais necessárias do que nunca. Se aceitar, será nossa viagem... nossa viagem...

Ele hesitou, muito envergonhado, sem saber como concluir sua

frase, ou melhor, sem ousar concluí-la. Ele segurou as mãos da jovem e, quase timidamente, concluiu em voz baixa:

– Nossa viagem de lua-de-mel, Patricia.

Patricia ficou atônita, duvidando de que tinha entendido bem, de tanto que esse pedido era completamente inesperado e tocante, sobretudo por sua sincera e desastrosa espontaneidade. A emoção foi tamanha, e o orgulho também, que, sem conter as lágrimas, ela se atirou nos braços do velho.

– Obrigada! Ah, obrigada! Isso me redime aos meus olhos! Mas como posso aceitar, senhor? Seu filho está entre nós – concluiu ela, desviando o olhar.

Ele franziu a sobrancelha.

– Meu filho construiu a vida dele a seu bel-prazer; eu quero construir a minha seguindo meu coração.

Enrubescida, ela sussurrou com um terrível desconforto:

– Há outra coisa que, aparentemente, o senhor não sabe, senhor Allergy. Eu tenho um filho...

Ele se sobressaltou.

– Um filho!

– Sim! Um filho de Henry, um filho que adoro, um filho a quem jurei dedicar toda a minha vida. Seu nome é Rodolphe. Ele é belo como o amor. É carinhoso, inteligente...

O velho dominava sua surpresa. Ele se exaltou:

– Ele não tem meu sangue? Não é natural que o filho do meu filho seja meu filho?

– Não, não é natural – Frédéric Fildes intercedeu, calmo, embora não conseguisse conter certa emoção.

Allergy se voltou para ele com ar sombrio:

– Acha que devo desistir, Fildes?

– Desistir? Não estou dizendo isso. Mas pensar, considerar com

ponderação e sabedoria uma situação atípica... uma situação que, sem dúvida, será conhecida por todos... e interpretada como um ato de fraqueza e imoralidade de sua parte.

Mac Allermey pensou por um momento.

– Que seja – disse ele relutantemente –, vamos dar tempo ao tempo. Ele sempre trabalha a favor daqueles que amam. De qualquer forma, Patricia – ele acrescentou –, nada disso deve afetar nossa relação e nossa colaboração diária, estamos de acordo, não é mesmo?

A jovem percebeu a angústia do velho diante da ideia de perdê-la e, novamente, ficou comovida.

– Sem dúvida, senhor Allermey – ela respondeu.

O diretor do *Allo-Police* abriu uma gaveta e pegou um envelope que havia selado e no qual estava escrito o nome da jovem e disse:

– Neste envelope há um documento que escrevi para a senhorita. Mas você só conhecerá o conteúdo desse documento, que lhe entrego imediatamente, daqui a seis meses, no dia 5 de setembro, e obedecerá à risca às instruções nele contidas. Leve-o sempre consigo ou guarde em um lugar seguro. E que ninguém saiba! Ninguém!

Patricia pegou o envelope, inclinou sua fronte para que Mac Allermey pudesse depositar um beijo nela, estendeu uma mão afetuosa para o velho Fildes e foi embora dizendo estas palavras, que soara como uma promessa:

– Até amanhã, chefe... Até amanhã... E todos os dias...

Ela atravessou a sala de espera. Mac Allermey e Fildes a seguiram imediatamente. Quando eles chegaram no patamar, viram abaixo deles, entre o primeiro e o segundo andar, dois homens que desciam as escadas. O que estava atrás, um homem alto, de ombros largos e aspecto desengonçado, caminhava furtivamente,

como se tentasse alcançar o outro sem ser ouvido. Quando o alcançou, levantou subitamente a mão direita, na qual se viu brilhar uma lâmina. Patricia quis gritar, mas sua voz ficou presa na garganta. A mão se abaixou. No exato momento em que a arma atingiria suas costas, o homem atacado se inclinou, agarrou o agressor pelas pernas e o derrubou com uma força imensurável, lançando-o por cima da rampa ao pé da escada. O agressor caiu como uma massa no meio do primeiro andar, rolou por mais alguns degraus e soltou um gemido.

O diretor do *Allo-Police* deixou escapar uma gargalhada.

– Do que está rindo, senhor Allermey? – perguntou Patricia. – Foi seu secretário quem se feriu, seu confidente.

– Excelente lição para ele – respondeu o velho com satisfação. – O “Selvagem” é um gângster abominável! Inimigo público número um. Mais um segundo e ele supostamente esfaquearia seu companheiro. É um bruto esse aí. Mas ele não me é totalmente desconhecido... E para o senhor, Fildes?

– Também não – respondeu Fildes, laconicamente.

Os dois amigos subiram. Mac Allermey tinha esquecido em sua mesa a grande pasta de couro marrom onde ele guardava todos os documentos relacionados à grande empreitada.

Quando Patricia, continuando a descer, chegou aos pés da escada, os dois combatentes tinham desaparecido.

– Que pena – pensou –, eu gostaria de rever aquele que certamente é Arsène Lupin!

Ela saiu do prédio tentando controlar a emoção. O ar fresco lhe fez bem. A avenida, vibrando com o zumbido da multidão ao anoitecer, começava a se iluminar com as luzes produzidas pela eletricidade. A jovem virou à direita e se sentou em um pequeno jardim relativamente calmo. Ela precisava pensar. Desapontada com o

fracasso de sua primeira tentativa no jornalismo, ela encontrava, todavia, um poderoso conforto na simpatia com que seu chefe tinha lhe falado, na confiança que ele tinha nela, em seu futuro. A oferta de casamento que ele lhe tinha feito era para ela como uma absolvição do passado, que a enobrecia e purificava.

Órfã, relutantemente acolhida por uma velha parente que não a amava e não se interessava por ela, Patricia teve uma juventude amarga e solitária na qual todos os seus impulsos infantis tinham sido duramente reprimidos. Ela tinha crescido com o único desejo de se tornar independente o mais rápido possível. A jovem estava completando seus estudos quando sua parente morreu, deixando-lhe apenas o suficiente para sobreviver por algumas semanas. Mas Patricia era corajosa, o trabalho a atraía; ela era uma boa datilógrafa e tinha conquistado rapidamente um cargo modesto, mas suficiente, uma vez que ele lhe proporcionava uma vida tranquila.

Ela conheceu Henry Mac Allergy em uma sociedade que frequentava, às vezes, aos sábados à noite. Ele também era muito jovem, era bonito, parecia sincero e apaixonado. Ele havia cortejado a jovem solitária, sedutora e ingênua. E Patricia, entusiasta, embriagada pelo desejo de viver e ser feliz, sem conhecer nada além do arrebatamento desse amor que a atraía, cedeu, palpitante de confiança e de esperança. Alguns meses de felicidade, e depois as infidelidades, o abandono, a separação brutal, cínica e devastadora para ela. Devastadora sobretudo pela terrível amargura de agora ter de desprezar aquele a quem tanto amava – e que talvez ainda amasse.

Mas a criança recém-nascida tinha sido o novo elo que ligava a jovem à vida. Patricia depositou no filho, desde o berço, toda a sua esperança no futuro. Sem nada mais esperar para si dessa existência, ela concentrou intensamente no pequeno Rodolphe

todas as suas forças de amor e ambição. Ele seria sua vingança viva contra o pai que a tinha traído; ela faria dele o homem sincero e nobre que acreditou ter encontrado em Henry Mac Allermy. Sendo ela mesma ainda uma criança, seria apenas mãe...

O tempo então passou, livrando a jovem do passado ruim e lhe devolvendo seu prazer pela vida. Mas o desejo de fazer de seu filho um homem digno dos destinos mais elevados se manteve como sua grande razão de viver. Então não encontrava agora, sem ter procurado, a ajuda necessária? Não era essa uma oportunidade inesperada que surgia? O velho Mac Allermy não seria para ela e para Rodolphe o apoio que remediaría o mentiroso e covarde Henry Mac Allermy e seu apoio inexistente? Quando anoiteceu por completo, Patricia já vislumbrava um futuro melhor.

A hora avançava. Patricia, voltando de seu devaneio, levantou-se para seguir até o pequeno restaurante onde normalmente jantava antes de retornar à sua modesta acomodação de mulher solteira que trabalha para viver. Mas ela parou abruptamente. À sua frente, do lado de fora do jardim, no térreo de um edifício, uma pequena porta se abriu. Ela sabia que essa pequena porta se comunicava, através de compridos corredores e de numerosas escadas, com a estreita saleta onde ficava o cofre de Mac Allermy. Ele costumava sair do jornal por ali.

E, precisamente, Mac Allermy surgiu na companhia de Frédéric Fildes.

Sem ver Patricia, os dois homens atravessaram o jardim e seguiram por uma rua paralela à avenida principal.

Em português, "O bruto". (N.T.)



Onze homens reunidos

Patricia seguiu os dois homens sem que eles percebessem. Ela não costumava ser impulsionada por qualquer curiosidade banal ou interessada, mas não conseguia esquecer as palavras ditas por James Mac Allermy em relação à perigosa possibilidade de uma aventura cujo resultado poderia ser fatal. Estaria ele sob algum tipo de ameaça específico? Patricia não deveria perceber nessas palavras um aviso que era preciso levar em consideração? Não era seu dever cuidar dele? Mac Allermy e Fildes seguiam para alguma expedição noturna, não havia a menor dúvida. Por isso, ela sentia necessidade de agir.

Os dois amigos caminhavam sem olhar para trás. De braços dados, eles conversaram animadamente. Mac Allermy segurava com a mão livre a pasta marrom com alças de couro, enquanto Frédéric Fildes brincava com sua bengala.

Eles caminharam por um longo tempo e chegaram a ruas que Patricia, implacável em sua perseguição secreta, nunca tinha visitado antes, e pelas quais eles seguiam sem hesitação, como se o caminho lhes fosse familiar.

Finalmente, eles contornaram uma vasta praça quadrada em que um dos lados era decorado com uma colunata embaixo da qual havia uma série de lojas, já fechadas àquela hora, com suas

persianas contíguas. Muitas dessas lojas tinham um aspecto completamente semelhante, a mesma disposição, as mesmas dimensões, a mesma decoração. Elas eram separadas por portas que davam acesso às habitações acima delas.

Mac Allermy parou de repente e abriu uma das portas. Patricia permaneceu de pé a uma curta distância, à sombra das arcadas, e vislumbrou os primeiros degraus de uma escada que conduzia à sobreloja.

Mac Allermy, seguido por Frédéric Fildes, adentrou pela escadaria e a porta se fechou. O diretor do *Allo-Police* ficou no andar de cima por apenas um minuto e já precisou descer. Patricia viu a loja no piso térreo se iluminar com a claridade filtrada por buracos em forma de estrela que perfuravam o toldo da fachada.

Houve alguns minutos de silêncio.

Soaram dez horas. Quase imediatamente, dois homens apareceram e, com um ar descontraído, passaram a inspecionar sob as arcadas. Patricia se escondeu melhor na sombra onde estava emboscada. Os dois homens chegaram à loja e um deles bateu na fachada com um objeto de metal que tinha nas mãos. Imediatamente, uma pequena porta na cortina de metal foi aberta por dentro. Os dois homens entraram apressadamente e a porta se fechou em seguida. Então, ainda à espreita e com o coração disparado, Patricia viu um grupo de quatro homens que avançavam sem pressa, como caminheiros ociosos. Eles também pararam em frente à loja e bateram na fachada de metal. A pequena porta foi aberta mais uma vez, e eles desapareceram lá dentro.

Então veio outro homem, sozinho, que da mesma forma bateu e entrou. Depois outro. Então, finalmente, um último, um homem alto que escondia o rosto sob um chapéu desabado e um cachecol de lã cinza.

Onze ao todo, Patricia contou, não vendo ninguém mais surgir depois de alguns minutos de espera. Onze homens, incluindo Mac Allergy e Fildes, que tinham vindo esperar pelos outros. Que outros? Quem eram essas pessoas que pareciam pertencer às mais diferentes classes da sociedade? O que estavam fazendo ali? Para que trabalho noturno estavam reunidos misteriosamente naquela loja aparentemente abandonada? Naquele bairro distante?

Patricia se lembrou das palavras de seu diretor. Não seria essa a grandiosa empreitada de que ele tinha falado, e na qual Frédéric Fildes estava envolvido? A empreitada aventureira e perigosa cujo resultado para Mac Allergy poderia ser a morte?

Patricia estava inquieta, assustada. E se matassem Mac Allergy nesse instante? Ela ameaçou partir em busca de parar o primeiro transeunte para perguntar o endereço da delegacia de polícia mais próxima...

Mas logo se acalmou. Ela tinha o direito de intervir num plano sobre o qual não sabia nada e cujos perigos talvez nem existissem? Mac Allergy tinha conscientemente organizado o encontro. Se corria algum risco, ele o havia aceitado livremente. Sob que pretexto, nessas condições, Patricia interferiria em seus planos, envolvendo indiscretamente a polícia? Isso não suscitaria talvez perigos reais para contornar perigos imaginários?

A jovem esperou sem aparecer nem se mexer. Os minutos passaram: uma hora... duas horas... Finalmente, a porta de ferro foi levantada. Três homens, quatro, cinco apareceram. Saíram dez que se dispersaram diante dos ávidos olhos de Patricia, sempre cuidadosamente escondida. Ela viu o homem de cachecol, pensou reconhecer Frédéric Fildes, mas não distinguiu James Mac Allergy.

Esperou mais um pouco. De repente, viu o homem com o cachecol reaparecer. Ele caminhava na direção da loja. Como antes, ele

bateu e desapareceu pela pequena porta que foi aberta para ele.

Quatro ou cinco minutos se passaram, não mais do que isso, e o homem com o cachecol reapareceu, deslizando pela pequena porta. Ele trazia na mão a pasta de couro marrom de Mac Allermy e partiu apressadamente.

O incidente pareceu suspeito aos olhos de Patricia. Por que aquele homem levava a pasta preciosa que continha o segredo do importante negócio? A jovem se perguntou se esperaria até ver Mac Allermy sair ou se seguiria os passos do homem com o cachecol. Sem pensar muito, por impulso, decidiu seguir o homem. Acelerou um pouco o passo e logo o alcançou. O homem caminhava rápido e parecia ansioso, olhando ao redor, para trás... Patricia teve de ter muito cuidado para não ser vista. Ela não se atrevia a chegar mais perto, mas tinha medo de perdê-lo de vista na esquina de alguma rua daquele bairro que ela não conhecia. De repente o homem começou a correr. Patricia também correu e chegou a uma praça de onde partiam várias ruas. Qual delas tomar? O homem havia desaparecido.

Patricia parou, um pouco ofegante. Sua perseguição tinha sido em vão.

Ressentida, um pouco envergonhada de sua inabilidade, deu de ombros para si mesma. Ela que pensava ser tão hábil. Ah! Que detetive lastimável era! Passou horas espionando, e eis o resultado. Agora ela se dava conta de que nem sabia o endereço da loja misteriosa onde os igualmente misteriosos personagens tinham se reunido. Seria incapaz de voltar lá. Havia arcadas, sim, mas ela reconheceria o lugar, mesmo se a levassem até lá? Uma noite perdida foi o único resultado dos seus esforços.

Desorientada, infeliz consigo mesma, ela caminhou ao acaso e seguiu por uma rua larga e populosa, repleta de bares muito

iluminados e frequentados por clientes suspeitos. Havia gritos, risos. Patricia, preocupada, caminhava depressa, sem se atrever a pedir informações sobre o caminho. Nenhum policial à vista. Indivíduos mal-encarados começaram a segui-la, tentando se aproximar dela. Ela apertou mais o passo. Lufadas de ar fresco lhe atingiam o rosto. Ela pensou que estava se aproximando da beira da água. O lugar estava ficando silencioso, deserto e escuro. Ela chegou a um cais cheio de materiais, sacos de areia e gesso, pilhas de madeira e fileiras de barris vazios ou cheios.

A jovem de repente estremeceu. Uma mão brutal a segurou pelo ombro.

– Ah! Aí está você, Patricia! Estou muito feliz com este encontro. Agora não vou mais deixá-la escapar, minha linda! Não adianta resistir!

Embora não conseguisse reconhecer nem a voz nem a silhueta de seu agressor, a jovem estava convencida de que se tratava do chamado “Selvagem”, “The Rough”, o homem que, na tarde do mesmo dia, a atormentara nas escadas do *Allo-Police*. Ela tentou se libertar, mas a mão que a segurava parecia uma mão de ferro. O homem retomou, zombeteiro e ameaçador:

– Uma vez que a oportunidade se apresenta, aviso, minha pequenina, que você está seguindo por um mau caminho, cuidado! Então agora está bancando a espiã! Por quem? Por amor a quem? Ao velho Allermey! Raios! Então, depois do filho, agora o pai? Você não sai da mesma família! Ouça com atenção, minha querida, se disser uma palavra sobre o que pode ter descoberto esta noite, você está perdida! Sim, perdida! Você e o pequeno Rodolphe! Esse lindo menino vai sofrer as consequências, eu juro! Então, silêncio! Não se meta nos nossos negócios se não quiser que cuidemos dos seus! Estamos entendidos? E, para selar nosso pacto, um beijo, minha

linda! Só um, mas um verdadeiro beijo de amor!

Ele apertou seu abraço e tentou alcançar a boca que se esquivava. A luta da tarde recomeçava. Patricia se debatia, desesperada, mas não ousava gritar com medo de ser estrangulada pelo “Selvagem”, que ralhava:

– Você é muito estúpida! Um beijo e eu a incluo nos negócios. Repito, é muito dinheiro a ganhar! Muito dinheiro! Você poderá transformar seu Rodolphe em um duque, um príncipe, um rei! E você recusa? Acha que vai chegar em algum lugar trabalhando com Mac Allermy? Mas que idiota! Ah! Sua estúpida!

Com as unhas afiadas, como uma gata enfurecida, ela o arranhou com toda a força. Com o rosto cheio de sangue, ele chamou:

– Albert, venha me ajudar, meu velho!

Um homem vestido de marinheiro, um colosso de um metro e oitenta de altura, surgiu da sombra do cais e correu ao chamado do “Selvagem”. Com sua ajuda, o Selvagem derrubou Patricia no chão e a dobrou ao meio.

– Segure-a, Albert! Ah, ali está uma bela gaiola onde ela não poderá arrancar ninguém nem fugir!

Ele tinha avistado alguns barris vazios no cais. Auxiliado pelo colosso, ele levantou a jovem, ainda dobrada ao meio, e brutalmente a enfiou no barril do qual apenas sua cabeça emergia.

– Fique de guarda perto dela, Albert – o Selvagem ordenou –, e, se ela tentar gritar ou sair, um bom golpe galocha na cabeça bastará para que ela se encaixe de volta na sua concha, como um verdadeiro caracol. Volto em uma hora. Você sabe aonde vou, não é? Só fiz a metade do serviço, agora preciso terminá-lo! Combatamos o inimigo enquanto é tempo. A sorte está do nosso lado, tratemos de aproveitá-la e lhe darei uma parte da minha recompensa. Até logo, Patricia. Se estiver com frio, meu quarto fica

perto daqui, no Bar Océan. Posso levá-la até lá para se aquecer. E você, marinheiro, se lembra das instruções? Um golpe de galocha na cabeça, ou, para silenciá-la, um beijo! Ela adora isso!

Ele riu, pegou a pasta de couro que tinha colocado sobre um saco e partiu.

Patricia, presa no barril, não sentia o desconforto dessa situação ridícula. O medo e o horror a dominavam. O desgosto logo se misturou a eles. Após a partida do Selvagem, o marinheiro se inclinou sobre ela, aproximando tanto seu rosto que Patricia sentiu, com o coração disparado, sua respiração empestada de vinho e fumaça.

– Ouvi dizer que você gosta disso? – ele disse com a voz baixa e um tom canalha. – Então podemos nos dar bem. Não estou nem aí pro Selvagem! Um beijo dado espontaneamente e eu tiro você do barril.

– Primeiro me tire daqui – sussurrou Patricia, que via nesse brutamontes repugnante um possível libertador.

– Mas você promete? – ele insistiu, desconfiado.

– Claro! Você está me pedindo tão pouco!

– Posso pedir mais! – ele disse com um riso bêbado. – Bom, eu confio em você!

Ele agarrou o barril e o derrubou como se aquilo se tratasse de um exercício de circo. Patricia saiu de dentro dele e logo se levantou do chão lamacento.

– Agora o meu beijo! – disse o colosso, avançando com os braços estendidos.

Ela saltou para trás.

– Beijar você? Eu prometo. Tudo o que quiser. Mas não aqui. Está muito frio e alguém pode aparecer! Onde é o quarto dele?

Ele fez um gesto na sombra da noite.

– Vê aquela luz vermelha... ali... É o Bar Océan.

– Eu vou na frente – disse Patricia. – Você vem depois, vou esperar.

Ela fugiu, leve, tão excitada por sua libertação que mal sentiu o cansaço. Além disso, uma preocupação muito maior a dominava. As últimas palavras do Selvagem a tinham assustado. A que outra metade do serviço ele havia aludido? Que trabalho lhe restava realizar? Ele iria matar alguém?

Ela correu para a rua das tavernas e entrou naquela cuja iluminação era vermelha.

– Um café e uma dose de conhaque – ela pediu ao garçom do Bar Océan. – Onde fica o telefone?

O garçom a acompanhou até a cabine, onde ela consultou a lista telefônica.

Ela estava perplexa. Pensando rapidamente, disse a si mesma: “Vamos ver... Quem avisar? A polícia? Não... Fildes primeiro... Ele deve ter ido para casa... E o perigo está lá. Sim... Frédéric Fildes...”

Ela girou o disco com um dedo febril e ouviu quando alguém atendeu do outro lado.

– Alô... Alô... – ela disse com uma voz que a emoção tornou rouca.

Hesitante, inquieta, a voz de Fildes respondeu:

– Alô, quem fala? É o senhor, senhor Mac Allermy? O Selvagem acabou de chegar.

A jovem sentiu um arrepio de pavor. Avisar Fildes... Mas não, como é que o velho se protegeria sozinho? Era o bandido que deveria ficar com medo. Ela respondeu:

– Quero falar com ele... da parte de Mac Allermy.

Ela logo ouviu a voz dura e rouca do Selvagem:

– Alô! Quem fala?

– Sou eu, Patricia. Estou telefonando para lhe dar um conselho. Fuja! Eu alertei a polícia sobre suas intenções contra Fildes. Fuja imediatamente.

– Ora! É você! – disse a voz sem expressar qualquer emoção. – Então aquele marinheiro idiota aprontou das suas. Está bem, eu vou embora. Mas preciso de cinco minutos. Ainda preciso trocar uma palavra com o senhor Fildes.

Patricia estremeceu, mas sua voz tornou-se imperiosa e seca:

– Cuidado, Selvagem. Eu contei tudo. Os policiais o seguiram de carro. Já devem estar cercando a casa. Pense na cadeira elétrica se cometer algum crime...

– Obrigado por se preocupar comigo – respondeu a voz zombeteira. – Pode deixar que vamos nos apressar.

Houve um silêncio. Então, de repente, um grito abafado. Um grito de agonia.

– Ah! Bandido! – murmurou Patricia, ofegante, quase desfalecendo. – O bandido o matou.

Descontrolada, ela desligou o telefone e fugiu atirando dinheiro ao garçom do bar. O marinheiro chegou; ela o evitou, conseguiu sair e se pôs a correr desesperadamente. Por sorte encontrou um táxi vazio e saltou para dentro dele. Completamente perdida, em vez de dar ao motorista o endereço de Frédéric Fildes ou o endereço do jornal, ela forneceu o endereço de sua casa, como um animal ferido que se refugia em sua toca.

De repente, Patricia se sentiu terrivelmente fraca, mortalmente cansada. Ela queria ir para a cama, dormir, esquecer o drama que pressentia, o drama que acontecia naquele momento exato e contra o qual ela não podia fazer mais nada. Os acontecimentos eram mais fortes do que ela.

Dormiu mal. Teve um sono entrecortado por pesadelos terríveis e

que, no meio da noite, deram lugar à insônia, quando toda aquela aventura lhe pareceu ainda mais assustadora. O episódio da pasta roubada aumentava sua angústia. No entanto, ela não derivou disso a dedução lógica que deveria ter sido oferecida à sua mente, ou seja, se a pasta tivesse sido roubada de Mac Allermy, isso só poderia ter sido feito à força. Não, ela estava perfeitamente consciente de que Frédéric Fildes tinha sido vítima do Selvagem, mas nem por um segundo tinha temido por Mac Allermy; ela não adivinhou nada, não foi invadida por nenhum mau pressentimento.

Seu espanto foi profundo quando, no dia seguinte, assim que chegou ao jornal, ela viu o tumulto dos escritórios, a agitação das redações e soube que seu chefe tinha sido golpeado com uma faca em pleno coração, em uma loja na Praça de la Liberté. Praça de la Liberté! Era aquela a praça das arcadas!

Ela se retesou para não desfalecer, para se manter em silêncio. O evento a perturbava; ela sentia os mais cruéis remorsos. Não poderia ter salvado Mac Allermy? Não poderia ter agido? Patricia só pensava nisso, na sua responsabilidade pelo crime cometido! O restante, ou seja, a forma como a polícia tinha sido avisada, o que os inspetores poderiam saber sobre a loja, sobre o proprietário da loja, sobre as reuniões realizadas lá, todos esses detalhes, que foram conhecidos mais tarde, não importavam para ela naquele trágico minuto, quando, como uma criminosa, ela se repreendia por sua inação!

No entanto, ela leu todos os jornais da noite, que relatavam o assassinato com diferentes informações, comentários variados e muitas vezes uma documentação errônea sobre a vítima, uma figura proeminente cuja morte trágica e misteriosa causou forte comoção pública.

Nesses jornais estava relatado outro crime igualmente

sensacional, mas que não surpreendeu Patricia: não tinha sido ela a primeira a ser informada por telefone e no momento em que ele foi cometido? Tratava-se do crime envolvendo o procurador Frédéric Fildes. Este, que em breve iria embarcar para a Europa, foi assassinado em sua casa, na noite anterior, por um estranho que tinha vindo vê-lo e que o golpeou com uma facada no coração – exatamente como aconteceu com o diretor do *Allo-Police*. “Há alguma correlação entre os dois homicídios?”, interrogavam os jornais. As duas vítimas se conheciam muito bem e tinham negócios em comum. Uma quadrilha de gângsteres seria responsável por essas mortes? Teria o bando executado os dois quase ao mesmo tempo?

Na residência de Fildes, um cofre foi arrombado. Uma soma de cinquenta mil dólares havia sido roubada. Seria então o simples crime devasso de um só homem?

Patricia sabia, sem dúvida, que a mesma mão criminosa tinha atingido os dois velhos. Mas com que propósito específico? Em nome de que poder oculto? O Selvagem era um grande criminoso ou um mero instrumento? Ela queria saber. Só havia uma maneira...

No dia seguinte ao duplo crime, à tarde, Patricia foi convocada por Henry Allermey para ir à sala da direção do jornal policial de que ele, como filho e herdeiro de James Mac Allermey, havia tomado posse.

Sem manifestar emoção alguma, a jovem respondeu ao chamado. Henry Mac Allermey tinha trinta anos. Patricia, que não o via há anos, reconheceu nele, homem feito, os traços do jovem que havia conhecido outrora. Mas toda a paixão estava morta nela, assim como nele. Falaram--se com a reserva de dois estranhos.

– Senhorita – disse o jovem diretor –, a última nota escrita por meu

pai em seu diário pessoal lhe diz respeito:

“Patricia... um bom caráter, energia, senso de organização. Ela estaria em seu lugar de direito como vice-diretora.”

Sem olhar para a jovem, acrescentou:

– Levarei em consideração, tanto quanto possível, a opinião do meu pai sobre a senhorita. Evidentemente, se isso se adequar às suas intenções...

Patricia respondeu com a mesma reserva:

– Acredito, senhor, que a melhor maneira de servir ao jornal é dedicando-me à tarefa de vingar seu pai. Em poucas horas, vou embarcar para a França. Acabei de reservar um lugar no navio *Île-de-France*.

Henry Mac Allergy fez um gesto de espanto.

– Vai para a França? – ele exclamou.

– Sim. De acordo com algumas das palavras ditas por seu pai, posso afirmar que ele tinha a intenção de ir para lá em breve.

– E então?

– Então creio que essa viagem à França estava ligada ao caso que resultou na morte do senhor Mac Allergy.

– Tem alguma prova?

– Nada de concreto. É uma simples impressão.

– E, no momento em que o jornal mais precisa dos seus préstimos, a senhorita toma uma decisão tão séria, baseada em uma simples impressão? – observou Henry Allergy com certa ironia.

– Muitas vezes, é preciso seguir as intuições para agir – respondeu calmamente Patricia.

– Mas precisa se entender com a polícia.

– Não vejo necessidade disso. Eu não poderia fornecer à polícia nenhuma informação útil...

Houve um silêncio.

– A senhorita tem dinheiro? – retomou Henry Mac Allermy, a quem a determinação da jovem impressionou.

– Dois mil dólares que seu pai tinha depositado em minha conta como adiantamento do meu futuro trabalho.

– Não é suficiente.

– Se eu precisar de uma quantia maior para conseguir um resultado, o senhor será notificado.

– Conto com isso. Até logo, senhorita.

Separaram-se sem mais uma palavra.

Enquanto Patricia se retirava, uma jovem entrou na sala da direção sem ser anunciada. Bonita, maquiada, muito elegante em suas roupas de luto, ela passou voando por Patricia sem sequer vê-la e se atirou nos braços de Henry exclamando:

– Meu casaco novo, querido! O que acha? Ele é propício para o luto, não é?

Era a jovem esposa de Henry Allermy.

Chegada a hora, Patricia embarcou no navio *Île-de-France*. Ela estava sozinha. Uma amiga levaria seu filho, o pequeno Rodolphe, duas ou três semanas depois.

A travessia foi um grande descanso para a jovem. O isolamento entre os passageiros estrangeiros, a calma da existência a bordo derramaram sobre ela seus benefícios inevitáveis. Há situações na vida que só enxergamos claramente quando fechamos os olhos. O mar traz essa serenidade que é tão necessária em certos momentos conturbados e incertos.

Nos dois primeiros dias, Patricia não saiu de sua cabine. Não havia barulho à esquerda, pois sua cabine ficava no final de um corredor; não havia barulho à direita, pois “O passageiro vizinho jamais saía e permanecia deitado em sua cama”, assegurou o comissário a Patricia.

Mas no terceiro dia, voltando de um passeio no convés, ela encontrou sua bagagem e suas gavetas em desordem. Havia revistado sua cabine. Quem teria remexido tudo? Para encontrar o quê?

Patricia mandou verificar as trancas das portas que se comunicavam com os dois lados da cabine. Elas estavam intactas, as fechaduras fechadas com duas voltas... impossível passar por elas. No entanto, tinham conseguido passar.

No dia seguinte, outra intrusão, outra busca na cabine de Patricia. Ela não tinha dúvida. Alguém entrava na cabine em sua ausência. Mais uma vez: quem, e com que objetivo? Na esperança de se informar, ela se misturou à vida no navio para estudar os passageiros. Almoçou e jantou na sala de jantar, passeou pelo convés, frequentou os salões... escutou... observou... Não, ela não conhecia ninguém.

Enquanto isso, as buscas continuavam em sua cabine. Patricia queixou-se ao comandante, que advertiu o comissário do navio, que empreendeu buscas e mandou instaurar uma vigilância.

Vigilância e buscas em vão. Mas uma investigação pessoal, a indicação dada por pegadas no pó de arroz espalhado de uma caixa pelo chão, revelou a Patricia que o intruso vinha da cabine vizinha. Ela estava ocupada por um passageiro chamado Andrews Forb. Andrews Forb? Isso não queria dizer nada para Patricia. Mas preocupada, aflita, ela acreditava que o Selvagem estava por trás desse nome. Ou, quem sabe, o homem que lutou contra o Selvagem no patamar do *Allo-Police*... e que a salvou.

Como saber a verdade, uma vez que o passageiro vizinho nunca saía de sua cabine?

Determinada a dissipar essa dúvida que a enlouquecia, ela acompanhou o comissário em uma visita à cabine vizinha. Ele bateu

na porta, negociou e, finalmente, usando sua autoridade, deixou Patricia entrar.

Patricia olhou para o passageiro misterioso e exclamou, espantada:

– Como! É o senhor, Henry?

Ela pediu ao comissário que os deixassem a sós.

Henry Mac Allermy, na presença do comissário, tinha-se contido, mas, quando ficou sozinho com a jovem, tirou a máscara de impassibilidade que tinha usado durante a conversa deles no jornal e, pálido, transtornado, atirou-se aos pés de Patricia e confessou tudo.

Ele a amava. Nunca tinha deixado de amá-la. Implorava agora por perdão por tê-la abandonado tão covardemente. Já não conseguia mais viver sem ela.

– Estou com ciúmes – concluiu ele, ofegante. – Estou sofrendo! O que significa essa sua partida? Vingar meu pai? É um pretexto! É uma mentira. A senhorita não está indo embora sozinha, Patricia! Está partindo com o homem que ama! Quem é ele? Eu não sei de nada! Mas vou descobrir! Vou arrancá-la dele! Nada mais importa além da senhorita. Meu casamento foi uma loucura. Eu a amo! Não suportarei vê-la com outro! Eu a mataria antes! Não posso admitir sua traição!

Apanhada de surpresa por tanta injustiça, Patricia se indignou:

– Mas foi o senhor quem cometeu uma traição, Henry! Eu confiei no senhor. Dei-lhe todo o meu amor! Vivia apenas para o senhor e para o nosso filho! E o senhor destruiu tudo isso! Tudo desmoronou da noite para o dia, sem motivo, sem explicação. Uma única palavra num pedaço de papel: “Adeus!”. E agora fala em me matar? Mas sem Rodolphe eu já estaria morta! Perdoá-lo? Jamais. Ou, sim, o perdão concedido pelo passado cruel que não importa mais! Perdão

a uma pessoa indiferente que já afastamos do pensamento e que já nem sequer é desprezada!

Ela estava determinada, ativa, implacável. Henry Mac Allermy, com um esforço enorme, recuperou um pouco do sangue frio. Ele se levantou, prometeu mudar de cabine no mesmo dia, não voltar a incomodá-la, e, assim que chegassem à Europa, regressar a Nova Iorque.

– Para cuidar do seu jornal e da sua esposa – ordenou Patricia.

Ele encolheu os ombros:

– Não, estou farto do jornal. Está fora da minha competência. Os redatores, associados uns aos outros, farão melhor do que eu. Deleguei poderes antes de partir. Vou resolver tudo de vez...

– E sua esposa?

– Odeio-a desde que a conheço melhor. Ela se impôs a mim para me tirar da senhorita. É uma criança mimada, egoísta, frívola e caprichosa!

– Seu lugar é ao lado dela. O senhor se casou com ela e deve fazê-la feliz. É seu dever!

Ele protestou, chorou, implorou mais uma vez. Mas, ao vê-la inflexível, acabou por prometer tudo o que ela exigia.

– Um covarde, um ser inconsistente e volúvel – disse Patricia ao retornar à sua cabine. – Como pude me enganar a esse ponto? Ver nele um homem digno de ser amado?

Ela não temia a presença de Henry Mac Allermy e dormiu tranquilamente naquela noite.

Mas, na manhã seguinte, soube que uma briga tinha acontecido no convés, à noite, entre dois indivíduos. Um deles atirou o outro ao mar.

O passageiro a quem chamavam de Andrews Forb tinha desaparecido desde então, e não havia dúvida de que ele era a

vítima. Mas ninguém descobriu quem o tinha atirado ao mar. Ninguém tinha testemunhado a briga. Um dos combatentes fora jogado no mar; o outro havia desaparecido. Buscas foram feitas em vão, em meio à tripulação e aos viajantes. O mistério não pôde ser esclarecido.

Patricia, no entanto, tinha certeza – certeza sem provas, aliás – de que o agressor era o Selvagem, que, depois de matar o pai, tinha se livrado do filho. Ela imaginava que o Selvagem estava escondido entre os passageiros. Ela estudava todos os rostos. Mas como reconhecer um homem que só foi vislumbrado rapidamente e em circunstâncias dramáticas que não são passíveis de observação precisa?

A jovem, apesar de sua coragem, teria experimentado horas de angústia se não tivesse a impressão irracional, mas reconfortante, de que alguém cuidava dela. Sim, aquele que a salvara uma vez iria salvá-la novamente, se necessário. Estaria ele a bordo do *Île-de-France*? Por que não? Ele não tinha prometido salvá-la, defendê-la? Ele não era o grande todo-poderoso? Com a sensação de que estava protegida de qualquer possível agressão, ela pendurou no pescoço, como um fetiche benfazejo, o apito de prata que ele lhe tinha dado. Ao mínimo alerta, ela chamaria e ele viria, ela tinha certeza.

A partir de então, mais segura, ela viveu tranquilamente o resto da viagem. Nada aconteceu. Como o Selvagem, o Salvador vivia na sombra impenetrável onde ela o procurava.

Na chegada, sobre a plataforma de desembarque em frente da qual ela se posicionou, nenhum sinal lhe permitiu identificar, entre os passageiros que deixavam o navio, um ou outro dos homens que preenchiam um grande espaço em sua memória, um sinistro, vulgar e perigoso, com sua paixão tenaz, brutal e ousada; o segundo,

determinado, amigável e tão poderoso que, seguro de si, fazia com que ela não tivesse mais medo de nada, já que ele tinha prometido socorrê-la e defendê-la.

Os projetos de Patricia se baseavam no seguinte raciocínio:

A grande e secreta empreitada de James Mac Allermy o havia feito decidir por uma viagem à França. Então, o Selvagem, seu assassino – sim, não havia dúvida quanto a isso – queria, ele também, chegar à França, tanto para se proteger da acusação da polícia de Nova Iorque como para dar continuação ao caso iniciado que ele queria usar em seu benefício. Sem dúvida, tendo deixado o barco clandestinamente na Inglaterra, ele tentaria chegar à França por outro meio. No Havre, Patricia alugou um carro, foi conduzida até Boulogne e depois para Calais, para vigiar os desembarques da Grã-Bretanha.

No final do dia, em Calais, um indivíduo vestindo um amplo raglã, usando um chapéu enfiado na cabeça e com a parte inferior do rosto enfiada em um cachecol cinza atravessou a passarela. A mão direita segurava uma mala pesada. Sob o braço esquerdo, entre um maço de jornais e revistas, ele escondia um pacote embrulhado em papel e amarrado, cujo tamanho correspondia ao da pasta roubada de Mac Allermy.

Patricia, cuidadosamente escondida, observava a chegada e reconheceu a figura daquele que era chamado de “O Selvagem”. Ela seguiu seus passos.

Ele pegou o trem para Paris, e Patricia embarcou no vagão vizinho. Em Paris, ele seguiu para um grande hotel não muito

distante da Gare du Nord. Patricia se hospedou no mesmo hotel e no mesmo andar.

Tinha certeza de que ele não suspeitava de sua presença. Ela esperou por um dia inteiro, traçando planos que abandonava em seguida. A camareira do andar, a quem pagou pelo serviço, informou-a sobre a agenda do viajante. Era simples: ele tinha dormido a tarde toda e pedido que o jantar fosse servido em seu quarto. Ele não se separava de uma grande pasta marrom com alças de couro.

Essa última informação suplantou as hesitações e os medos de Patricia. Era necessário agir antes que o bandido agisse. Era preciso tomar dele a pasta antes que ele tivesse tempo de tirar proveito dos documentos que ela continha, ou que ele a levasse para um esconderijo seguro.

Patricia pegou em sua *nécessaire* um pequeno revólver de joias, objeto de respeito sem o qual ela não viajava, e, com uma nova e polpuda gorjeta, foi levada até o quarto do Selvagem pela camareira, que lhe abriu a porta com a ajuda de uma chave-mestra.

Patricia entrou, fechou a porta e se viu sozinha com o homem.

Ele tinha acabado de jantar. O homem se levantou, e Patricia percebeu que ele era alto, tinha os ombros largos, o rosto grosseiro e bestial, que até então ela havia apenas imaginado na sombra do patamar ou do cais e que, até o momento, o estupor tornava quase cômico.

Mas ele rapidamente se recompôs e tentou gracejar.

– Patricia! Não acredito, é a senhorita! Que bela surpresa! Que simpático da sua parte vir ver um velho amigo! Sente-se! Quer fruta, café, licores? Mas, antes, não nos cumprimentamos?

Ele deu um passo em direção a ela. Ela apontou-lhe seu pequeno revólver:

– Fique tranquilo, está bem?

Ele riu, mas ficou parado:

– Então, o que posso fazer para servi-la?

– Devolva-me a pasta de couro marrom que roubou depois de matar o senhor Mac Allermy na loja para onde voltou após a reunião dos “Onze” – ordenou Patricia.

Ele riu novamente.

– Se eu julguei necessário matar para roubar essa pasta, não seria para entregá-la, ora essa! O que quer fazer com ela?

– Continuar o trabalho iniciado por meu antigo diretor. Suponho que todos os documentos indispensáveis estejam nessa pasta...

– Certamente. E, sem eles, impossível fazer alguma coisa!

– Entregue-os para mim. O senhor está cercado pela polícia. A qualquer momento podem prendê-lo por dois crimes, e os documentos estarão perdidos para nós.

– Para nós? Então concorda em trabalhar para mim, minha bela Patricia?

– Não, para mim e para o jornal.

– Quer dizer, para o seu velho amigo Allermy Junior?

– Ele está morto – disse Patricia com uma voz surda e sem conseguir conter um calafrio. – Foi atirado ao mar.

O Selvagem encolheu os ombros.

– Isso é uma piada! Alguém caiu na água, sim... E Junior, permitindo que pensassem que era ele, escondeu-se entre a multidão da terceira classe. Então não leu as últimas notícias de Nova Iorque?

– Mas então quem se afogou?

– Um emigrante italiano expulso da América depois de se envolver em histórias desonestas. Ele deve ter tentando chantagear alguém...

– E foi o homem que me salvou do senhor que o atirou ao mar?
– Não conheço esse homem.
– Está mentindo! O senhor disse que ele era Arsène Lupin!
– Não tenho certeza. Talvez seja ele... talvez não. Mas, resumindo, a senhorita quer a pasta?

– Sim.

– E se eu lhe recusar?

– Eu o entrego à polícia.

– De acordo. Mas, primeiro, vamos acertar as nossas contas.

Houve um silêncio. O Selvagem parecia hesitante. Finalmente, ele resmungou:

– O que quer que eu faça entre sua arma e a polícia?

– Entregue-me a pasta... Onde a escondeu?

– Debaixo do meu travesseiro. Espere, vou pegá-la.

Ainda sob a ameaça do pequeno revólver, o Selvagem se dirigiu até sua cama e se inclinou. De repente, como um relâmpago, pulou para o lado ao mesmo tempo que o travesseiro da cama voou pelo quarto, batendo na cara da Patricia e fazendo o revólver cair de sua mão.

O bandido se apossou da arma e passou por cima da jovem.

Na sombra do cômodo mal iluminado, ela adivinhou a expressão implacável e bestial do rosto dele e levou o apito prateado à boca.

– Alto! Ou eu apito!

– E quem virá? – tripudiou o bandido.

– Ele. Aquele que já me defendeu do senhor.

– O seu salvador misterioso?

– Meu salvador, Arsène Lupin.

– Então você acha que é ele? – disse o Selvagem, que havia recuado.

– Você também acredita – disse Patricia. – E está com medo!

Ele esboçou um tripúdio.

– Bem, assobie então! Que ele venha! Quero conhecê-lo melhor.

Mas era um desejo muito relativo, porque ele deixou a jovem partir.

Patricia retornou ao seu quarto, determinada a fazer outra tentativa no dia seguinte e, desta vez, notificando a polícia se preciso fosse.

Ela dormiu por algumas horas e de manhã foi acordada por passadas que iam e vinham e por sons de vozes animadas.

Após levantar-se, soube pela camareira que, durante a madrugada, aquele a quem ela chamava de Selvagem tinha sido gravemente ferido na cabeça por uma porretada. Mas ele ainda estava vivo e não corria o risco de morrer. Nada se sabia sobre o agressor, que tinha passado despercebido em meio às chegadas e partidas dos viajantes.

Usando sua carteira de repórter, Patricia pôde facilmente se intrometer na investigação preliminar do comissário da polícia. Ela não descobriu nada, mas, de volta ao hotel, a camareira, percebendo que o homem ferido a interessava, por uma razão ou outra ofereceu entregar-lhe, em troca de uma recompensa, a caderneta do homem agredido. Ela a havia encontrado atrás do aquecedor do quarto. Patricia aceitou e perguntou pela pasta. Ninguém tinha encontrado. O agressor do Selvagem certamente a tinha levado. Foi provavelmente para pegá-la que ele agrediu a vítima.

No suporte de cartões, Patricia encontrou uma pequena carteira de identidade com uma fotografia protegida sob uma folha de mica. O verso da foto trazia esta linha escrita por Mac Allermey:

(M) – Paule Sinner número 3.

Uma página de anotações da caderneta indicava o endereço em Portsmouth de um certo Edgar Becker (taberna Saint-George). As

outras páginas estavam em branco. Patricia presumiu que esse Edgar Becker era provavelmente o agressor do Selvagem e, portanto, o ladrão da pasta. Desejando se informar e esperando ver o homem pessoalmente, caso ele tivesse, o que era provável, voltado para a Inglaterra com seus espólios, ela partiu imediatamente para o Havre, atravessou o Canal da Mancha e chegou a Portsmouth.

Lá ela encontrou facilmente a taberna Saint-George, uma pequena taberna ao lado do porto. O estabelecimento estava tumultuado. O proprietário, um homem ruivo e falador, informou a jovem. Um crime havia acontecido ali algumas horas mais cedo. Edgar Becker, que estava hospedado no hotel da taberna, tinha sido assassinado. Ele voltava de uma curta viagem à França...

– Ele tinha uma pasta de couro marrom? – perguntou Patricia, tentando dominar sua superexcitação.

– Positivo, senhorita. Eu a vi em sua mala. Becker se retirou para descansar. Então, ninguém sabia o que tinha acontecido, porque ninguém tinha visto nada. Mas, três horas depois, a empregada encontrou Becker estrangulado.

– E a pasta? – perguntou Patricia.

– Nenhum sinal dela. Mas encontrei uma caderneta. Esqueci-me de dizer isso à polícia.

– Dez libras em troca dessa caderneta – disse a jovem.

O proprietário não hesitou.

– Oh! Se a senhorita assim desejar. Não tenho o que fazer com ela; além disso, Becker me devia dinheiro e não é a polícia que vai pagar...

A caderneta, semelhante à do Selvagem, continha o mesmo tipo de carteira de identidade, assinada pelo senhor Allermey, e uma foto do mesmo formato, com esta notação:

(M) – Paule Sinner número 4.

Patricia voltou para a França, hospedou-se em um hotel no bairro Étoile e três dias depois telegrafou ao jornal *Allo-Police* o famoso artigo que fez tanto burburinho nos Estados Unidos e em todos os países do mundo. O artigo começava com as seguintes linhas sensacionalistas:

Quatro crimes foram cometidos, dois em Nova Iorque, um na Inglaterra, outro em Paris. Aparentemente, não há nada em comum entre eles e eu não acredito que a polícia, mesmo que tenha suspeitado disso por um tempo, pelo menos em relação aos dois crimes de Nova Iorque, conseguiria descobrir a existência de qualquer conexão. Mas se trata do mesmo crime e vou provar.

Patricia então discorreu sobre sua conversa com Mac Allermy, as razões pelas quais o havia seguido uma noite pelas ruas, o encontro dos Onze na loja da Place de la Liberté, o roubo da pasta de couro marrom, seu trágico telefonema para Frédéric Fildes, sua viagem à Europa e, finalmente, tudo o que sabia sobre os outros dois crimes.

E que habilidade empregou nessa narrativa! Que clareza magistral nas deduções! Que atmosfera criada desde as primeiras linhas! Ah! Ela tinha aproveitado bem a lição dada pelo velho Allermy!

O artigo terminava com uma página que resumia toda a sua força e lhe dava todo um significado:

Assim, um conciliábulo, obviamente preparado há muito tempo, reuniu onze pessoas para uma missão que parece de considerável importância. E quais são os primeiros resultados do esforço acordado? Três homens mortos e uma tentativa de assassinato! Isso significa que a tal missão é uma daquelas que

só podem produzir assassinato, roubo ou ignomínia? Não. Ela germinou no cérebro de dois homens, dois amigos de indiscutível moralidade e de caráter acima de qualquer suspeita! Mac Allermey e o procurador Frédéric Fildes! Mas ela é difícil, cheia de armadilhas, perigos e obstáculos. Os dois amigos devem escolher seus companheiros em meio a pessoas suspeitas: cavaleiros da indústria, os homens faz-tudo, bandidos de todas as classes cujas exigências e apetites dissimulados Mac Allermey previu quando me disse: “Suponhamos que eu esteja envolvido em alguma aventura que me levará à morte”. E foi o que aconteceu rapidamente. Os dois homens honestos logo foram assassinados, os documentos indispensáveis para o sucesso da empreita foram roubados e há agora um bando de animais selvagens espalhados pelo mundo, com ambições ferozes e um objetivo que os excita, que os torna ainda mais impiedosos... Consequência: outras duas vítimas. E ainda não acabou.

Hipótese, vocês dirão. Suposições sem provas reais?

Guardei minhas provas para a conclusão. Ou melhor, a minha prova, porque só há uma, mas ela é irrefutável, e a polícia de Nova Iorque saberá dar a ela toda a sua importância.

Foi a descoberta dessas duas carteiras de identidade que recolhi e que pertenciam ao Selvagem e a Edgar Becker. Estou convencida de que o mesmo documento deve ter sido ou será encontrado entre os papéis do senhor Mac Allermey e do procurador Frédéric Fildes...

E, de fato, assim que o artigo chegou ao conhecimento da polícia de Nova Iorque, foram feitas buscas nos documentos dos dois amigos assassinados e foram encontradas duas carteiras de identidade às quais a polícia dedicou grande atenção.

Encontraram a inscrição das seguintes indicações:

Na de Frédéric Fildes

(M) – Paule Sinner número 2.

Na de James Mac Allermy:

(M) – Paule Sinner número 1.

A prova tinha sido encontrada: nas quatro vítimas, a mesma indicação. Senha? Sinal de união? Nome de uma mulher real? Apelido particular que significa “Paule, a Pecadora”? Mistério! Mistério completo! Sim, mas, em todo caso, era preciso assumir que os sete cúmplices sobreviventes estavam reunidos pelo mesmo nome:

Paule Sinner

que acompanhava um número de série que os designava na tenebrosa associação e que precedia um M maiúsculo.

Mas, na mesma noite após essa descoberta, os dois documentos dos dois homens assassinados desapareceram da delegacia. Como? Mais um mistério...



Horace Velmont, duque de Auteuil-Longchamp

Caminhando silenciosamente, segurando sua respiração, Victoire, a velha babá, entrou no banheiro onde seu patrão, embrulhado em um roupão multicolorido, dormia sobre um divã.

Sem abrir os olhos, ele resmungou:

– Por que tantas precauções? Você pode bater as portas, quebrar pratos, dançar um foxtrote ou tocar tambor; eu nunca acordo até que decida fazê-lo. Até logo, Victoire.

Enfiando a cabeça nos travesseiros, ele voltou a dormir.

Victoire o contemplou durante um bom tempo, com êxtase, murmurando: “Quando dorme, ele não tem aquele sorriso zombeteiro ou aquele ar de energia agressiva que lhe são peculiares no estado de vigília e que sempre me preocupam um pouco. Eu, sua velha babá, depois de tantos anos, ainda não fui capaz de me habituar a isso”.

Ela retomou, finalmente, para si mesma:

– Ele dorme como uma criança... Ah! Agora está sorrindo. Certamente tem bons sonhos... sua consciência está tranquila, é visível. Como seu rosto está calmo! E como ele parece jovem! Ninguém diria que já tem quase cinquenta anos.

Ela não continuou. O dorminhoco a ouviu, sobressaltou-se e a agarrou pelo pescoço.

– Quer calar a boca? – ele exclamou. – Por acaso eu vou dizer sua idade ao salsicheiro da esquina, que a corteja?

Victoire estava sufocando, sobretudo de indignação, porque a mão hercúlea que a segurava pelo pescoço continuava a apertá-la:

– O salsicheiro da esquina. Oh!

– Você me difama gritando minha idade ridícula.

– Não há ninguém aqui.

– Eu estou aqui, eu, que não tenho nem trinta anos. Então por que me magoar com números irrisórios?

Ele se sentou novamente sobre o divã, bocejou, bebeu um copo de água e beijou a babá com a ternura de uma criança, exclamando:

– Nunca fui tão feliz, Victoire!

– E por quê, meu rapaz?

– Porque dei um jeito em minha vida. Nada de aventuras! As de Victor e as de Cagliostro² serão as últimas. Estou farto! Protegi minha fortuna e quero usufruir dela sem aborrecimentos, como um grande senhor multimilionário. E também estou farto de todas as mulheres! Farto do amor! Farto das conquistas! Farto dos sentimentalismos, das serenatas! Farto das noites de luar! Farto de tudo! Extenuado! Traga-me uma camisa engomada e meu casaco número 1.

– Vai sair?

– Sim, Horace Velmont, o único descendente de uma antiga família de navegadores franceses que emigraram para o Transvaal, e que ficou rico por meio dos mais honestos procedimentos, estará hoje à noite na grande festa anual do banqueiro Angelmann. Faça com que eu me apresente bem vestido, minha velha!

Às dez e meia, Horace Vermont chegava em frente ao luxuoso edifício do bairro Saint-Honoré, que abriga tanto o banco Angelmann como os apartamentos do banqueiro. Ao passar sob a abóbada, entre os corpos de edifícios reservados aos escritórios, ele entrou no pátio limitado pelas asas reservadas à habitação e que se estende pelo relvado de um belo jardim que vai até os Champs-Élysées.

Dois toldos se estendiam sobre esse pátio e esse relvado. O fundo era ocupado por uma feira com cavalos de madeira, balanços, atrações de todos os tipos, tendas de exposições de fenômenos, ringues reservados ao boxe e à pitoresca luta livre. Nesse deslumbrante cenário de luz, centenas de pessoas se aglomeravam. Três orquestras e três grupos de *jazz* se provocavam.

Angermann recebia seus convidados na entrada. Ainda jovem sob os cabelos brancos, a figura asseada e rosada, o ar fotogênico de um financiador americano de cinema, ele tinha arquitetado sua situação na base sólida de três falências suportadas com arte, honra e dignidade. Não muito longe dele estava sua esposa, a bela senhora Angelmann, como seus inúmeros admiradores a chamavam.

Horace cerrou a mão do banqueiro.

– Olá, Angelmann.

Angermann respondeu com tanta amabilidade que ele parecia incapaz de colocar um nome naquele rosto.

– Olá, caro amigo, que gentileza ter vindo!

O caro amigo esboçou um movimento de quem iria se afastar, depois deu meia-volta e disse em voz baixa:

– Sabe quem eu sou, Angelmann?

O banqueiro reprimiu uma comoção e respondeu no mesmo tom:

– Confesso que não tenho tanta certeza. Você tem tantos nomes!

– Sou um cavalheiro que não gosta que zombem dele, Angelmann. Sem nenhuma prova formal, tenho a impressão de que está me traindo.

– Eu, trair o sen... você!

Dedos de aço se incrustaram em seu ombro com a aparência de fazer um gesto amigável. A voz baixa acrescentou duramente:

– Ouça-me, Angelmann. No dia em que eu tiver certeza, vou partir você como vidro. Você deixará de existir. Enquanto isso, vou lhe dar uma oportunidade. Mas escolho como promessa de lealdade sua admirável companheira.

O banqueiro empalideceu, mas ele estava em público, em casa, e rapidamente se controlou e retomou seu sorriso mundano.

Nesse ínterim, Horace seguiu adiante e se curvou perante a bela senhora Angelmann. Com uma perfeita facilidade de grande senhor e um galanteio estudado, ele beijou a mão dela e, de pé, sussurrou:

– Boa noite, Marie-Thérèse. E então, sempre jovem, sempre atraente, sempre virtuosa?

Ele gracejou, ela sorriu e sussurrou com a mesma ironia:

– E você, belo tenebroso, sempre honesto?

– Claro, a honestidade é um dos meus adornos. Mas não é isso que as mulheres preferem em mim, não é mesmo, Marie-Thérèse?

– Pretensioso!

Ela corou ligeiramente enquanto encolhia os ombros, e ele, em um tom mais sério, concluiu:

– Tome conta do seu marido, Marie-Thérèse. Acredite em mim, tome conta dele.

– O que está acontecendo? – ela balbuciou.

– Oh! Não se trata de cortesia. Como ser infiel à bela Marie-Thérèse! São coisas mais sérias. Acredite em mim, cuide dele.

Horace, sorrindo e satisfeito consigo mesmo, dirigiu-se às atrações

do jardim.

Ele vagou por algum tempo entre a multidão. Havia muitas belas mulheres. Ele sorriu para algumas que conhecia. Ao responder ao seu sorriso, várias coraram ligeiramente e o seguiram com os olhos. Ele parecia determinado a se divertir. Deu uma volta no carrossel e, em seguida, aproximou-se de uma tenda de lutadores. Um velho atleta de maiô rosa e calça de estampa de tigre tinha acabado de quebrar o pulso lutando contra um enorme profissional fanfarrão e brutal. Horace, com o chapéu na mão, procurou pelo velho atleta, depois entrou na tenda e logo voltou ao ringue também de maiô, o que permitiu que se apreciasse a harmonia de sua musculatura ondulosa e flexível. Ele desafiou o colossal lutador e duas vezes o derrubou usando os melhores métodos japoneses. O público, entusiasmado, aclamou, e, quando ele saiu da tenda vestido para a luta, foi cercado pela multidão curiosa. Com um sorriso no rosto, ele caminhou até a pista onde os dançarinos se apresentavam.

Um casal atraía a atenção dos presentes, dispostos em um círculo, por sua agilidade acrobática. Horace também observava com interesse quando um cavalheiro se aproximou e se posicionou na frente dele. O cavalheiro era muito alto. Horace não viu mais nada. Ele se deslocou para o lado. O cavalheiro, algum tempo depois, fez o mesmo e, novamente, impediu sua visão. Horace ia protestar quando houve uma agitação no meio do público. O cavalheiro recuou e pisou no pé de Horace. Ele não tinha feito de propósito, mas não pediu desculpas.

– Não se pede mais desculpa, diabos! – resmungou Horace.

O cavalheiro se virou. Era um jovem magro, elegante, envernizado, de cabelos crespos, muito bem vestido, além de ser um jovem bonito, de barba encaracolada, emoldurando um rosto com traços de levantino. Ele olhou para Horace, mas não se

desculpou.

A dança chegava ao fim. A orquestra emendou um tango. O levantino então se curvou para uma bela jovem de traços anglo-saxões que estava a poucos passos de distância e cuja graça curvilínea Horace havia notado. Ela pareceu hesitar por um segundo, então aceitou o convite. Ambos dançaram tão perfeitamente que um círculo se formou para vê-los.

Após acompanhar a jovem de volta ao seu lugar, o levantino veio novamente se posicionar na frente de Horace Vermont. Mas, desta vez, Horace, sem paciência, agarrou-o pelo braço e o empurrou. O levantino, irritado, virou-se bruscamente.

– Senhor...

– Que grosseirão! – afirmou Vermont.

O homem corou de raiva e disse com altivez:

– É uma hipótese?

– Não. Uma constatação!

– Estou ofendido.

– Espero que sim.

O levantino, com um grande gesto digno, tirou um cartão do bolso.

– Conde Amalti di Amalto! Seu nome, senhor?

– Arquiduque de Auteuil-Longchamp.

As pessoas se reuniram e riram do sangue-frio gracejador de Horace Vermont. O furioso levantino corou. Ele perguntou:

– Seu endereço, senhor?

– Aqui.

– Aqui?

– Sim. As situações graves, e esta me parece muito grave, eu sempre resolvo de imediato, e no local. O senhor se diz ofendido. Pois que seja! Que arma escolhe? A espada? A arma? A machadinha? O punhal envenenado? O canhão? A balestra modelo

1430?

As pessoas riam cada vez mais à volta deles. O estrangeiro, sentindo o ridículo que o ameaçava com aquele adversário irônico e determinado, dominou sua raiva e respondeu friamente:

– A arma, senhor!

– Vamos lá.

Eles estavam muito perto de uma barraca de tiro ao alvo, equipada com alvos, cachimbos e jatos de água de onde saltavam cascas de ovos. Horace pegou duas compridas pistolas Flobert de dois tiros que datam do Segundo Império, mandou que as carregassem diante de seus olhos e apresentou uma delas ao conde Amalti, dizendo-lhe com seriedade:

Assim que duas cascas de ovo forem baleadas, a honra estará segura.

O levantino hesitou por um segundo, depois se resignou à piada. Ele pegou a arma, mirou por muito tempo e errou o tiro. Horace pegou a arma de suas mãos e segurou ambas as armas negligentemente nas extremidades de seus braços estendidos. Sem mirar, puxou o gatilho e derrubou duas cascas de ovo.

A multidão o aclamou.

– A honra está assegurada, senhor – disse Horace. – Nossas duas conchas rolaram pelo chão.

E ele estendeu a mão ao conde Amalti, que se pôs a rir e respondeu:

– Bravo, senhor! Sagacidade e habilidade. É mais do que preciso! Será um prazer revê-lo.

– Eu, não! – disse Horace, com serenidade, e rapidamente se afastou para escapar da curiosidade do público.

Ele passeou durante algum tempo por um canto relativamente deserto do jardim e já se aproximava da saída quando uma mão se

apoiou em seu ombro.

– Posso lhe falar, senhor? – disse uma voz feminina.

Horace se voltou.

– Ah! A bela senhora anglo-saxã! – ele exclamou em um tom de satisfação.

– Americana e senhorita! – ela respondeu.

Ele se curvou cerimoniosamente.

– Devo me apresentar, senhorita?

– Inútil – disse ela, rindo. – Arquiduque de Auteuil-Longchamp é suficiente para mim.

– Está bem, mas não tenho a honra de conhecê-la, senhorita!

– O senhor tem certeza disso? Vejamos. Nós nos encontramos nas escadas de uma casa em Nova Iorque. Não se lembra? Além disso, eu o estou observando há uma hora.

– Uma vigilância, então?

– Sim.

– E por quê?

– Porque o senhor é certamente o homem que procuro há alguns dias.

– Que tipo de homem procura?

– Um que possa me fazer um grande favor.

– Eu sou o homem que pode fazer um grande favor a uma mulher bonita – disse Horace, sempre galante. – Senhorita, estou às suas ordens.

Ele lhe ofereceu o braço e a conduziu entre a multidão até o lugar relativamente deserto de onde tinha vindo. Sentaram-se sob as árvores do jardim.

– Não está com frio? – perguntou Horace.

– Eu nunca tenho frio – ela respondeu, retirando a echarpe que cobria seus ombros nus.

– Obrigado – disse Horace com convicção.

Ela ficou surpresa.

– Obrigado pelo quê?

– Pelo espetáculo que me permite contemplar. Rudemente belo. Um mármore grego!

Ela franziu a testa, corou ligeiramente e trouxe a echarpe de volta aos ombros.

– Pode me ouvir com seriedade, senhor? – ela perguntou em um tom seco.

– Claro, eu terei muita alegria em lhe ser útil!

– Então, aqui está: sou associada a um grande jornal da polícia americana. Isso me levou a me envolver em um caso criminal cujos últimos episódios aconteceram na França: o caso Mac Allermey! Depois de conquistar um enorme sucesso por minha colaboração com o jornal, estou, há dois meses, me desdobrando em esforços que não levam a nada. Sem saber o que fazer, fui, há dois dias, visitar na delegacia de polícia um corajoso inspetor que já tinha me ajudado com seus conselhos. Desta vez ele acabou exclamando: “Ah! Se você pudesse contar com a colaboração de Machin³!”

– “Machin”? – Horace perguntou.

– É como chamamos um tipo extraordinário que às vezes se diverte a trabalhar conosco, conforme me disse o inspetor. Ignoramos seu nome e também sua verdadeira fisionomia. Ele é um homem do mundo, ao que parece, um grande senhor muito rico. Ele sempre age de forma singular e tem uma força física e uma habilidade incríveis. Além disso, tem uma calma que nada perturba. Mas onde encontrá-lo? Ah! Veja. Amanhã, em seu hotel no bairro Saint-Honoré, o barão Angelmann fará sua festa anual para a qual convida toda a cidade de Paris. Machin certamente estará lá. Cabe ao senhor encontrá-lo e fazê-lo se interessar por sua empreitada.

– Então por isso a senhorita veio aqui? – disse Horace. – E, como me viu vencer um atleta da feira, desafiar e duelar contra cascas de ovo, pensou: “Aí está Machin!”.

– Sim – respondeu a americana.

– Bem, senhorita, sou eu mesmo, Machin, e estou ao seu dispor.

– Obrigada, então vou começar. Sabe alguma coisa sobre o caso americano que acabei de mencionar?

– O caso Mac Allermy? Um pouco.

– Como soube dele?

– Li sobre isso em um artigo publicado por uma mulher.

– Sim, por mim, Patricia Johnston.

– Meus parabéns!

– Sem ressalvas? – perguntou Patricia, que ficou em alerta pelo tom do elogio.

– Com uma ressalva: o artigo ficou muito bem feito, muito literário, muito valorizado. Quando se trata de crime, eu gosto da narrativa direta, não “contada”, não embelezada, sem procurar por frases de efeito, sem grandes reviravoltas. O romance policial me dá sono.

Ela sorriu.

– O oposto do conselho que me deu o senhor Allermy, de quem eu era secretária. Mas vamos continuar. Eis o que descobri.

Ela relatou os fatos resumidamente. Ele escutou atentamente, sem tirar os olhos dela. Quando ela terminou, ele disse:

– Agora entendi tudo!

– Minha explicação é mais clara do que meu artigo?

– Não, a senhorita contou a história com seus lábios, e seus lábios são deliciosos.

Ela corou de novo e, descontente, murmurou:

– Ah! Esses franceses. São todos iguais...

– Todos, senhorita – disse ele calmamente. – Não posso conversar

com uma mulher de coração aberto até dizer o que penso dela. Uma questão de lealdade, se é que me entende. Agora que prestei homenagem à sua beleza, aos seus ombros e aos seus lábios, podemos concluir. O que a incomoda?

– Tudo.

– Desde o quarto crime em Portsmouth, nenhuma novidade?

– Nenhuma.

– Nenhum indício?

– Nenhum. Estou em Paris há quase três meses, e há quase três meses tenho procurado em vão.

– A culpa é sua.

– Culpa minha?

– Sim. O acaso lhe forneceu fatos dos quais a senhorita só extraiu uma pequena parte da verdade.

– Eu extraí dos fatos o máximo que pude.

– Não. A prova é que, ao ouvi-la, eu extraí muito mais. Então, se está estagnada, a culpa é sua. Houve negligência da sua parte, preguiça mental.

– Em que eu fui negligente e preguiçosa? – perguntou Patricia um pouco ofendida.

– A senhorita aceitou muito facilmente a explicação do nome de Paule Sinner. Sinner significa “Pecador” em inglês. Então concluiu que Paule Sinner significa “Paule, a Pecadora”. Explicação sumária, demasiado fácil. Seria preciso se aprofundar na realidade e recordar o que o senhor Arsène Lupin tinha feito no passado. A senhorita o conhece?

– Lendo as suas façanhas, sim, como todo mundo. Mas, pessoalmente, acho que não o conheço.

– Não sabe o que está perdendo – disse Horace.

– O que ele fez? – ela perguntou, curiosa.

– Por diversão, ele por duas vezes embaralhou as letras de seu primeiro e último nome e as reconstituiu de outra forma, o que lhe permitiu, por um tempo, ser o príncipe russo Paul Sernine e, mais tarde, ser o nobre português Luis Perenna. Ninguém suspeitou.

Enquanto falava, Horace tirou da carteira alguns cartões de visita que ele rasgou ao meio, obtendo assim onze pequenos cartões em cada um dos quais ele escreveu uma letra das duas palavras “Paule Sinner”. Depois ofereceu tudo à jovem dizendo:

– Leia na ordem.

Ela leu as onze letras em voz alta:

A. R. S. E. N. E. L. U. P. I. N.

– O que significa isso? – ela questionou, confusa.

– Isso significa, bela senhorita Patricia, que as onze letras do nome de Arsène Lupin foram usadas para criar um primeiro nome e sobrenome de onze letras: Paule Sinner.

– Então Paule Sinner não existe? – perguntou Patricia.

Horace acenou com a cabeça.

– Ela não existe. Uma simples senha e contrassenha que a senhorita muito bem atribuiu à quadrilha de Nova Iorque.

– Fórmula que, na realidade, escondia o nome de Arsène Lupin?

– É isso.

– Que Arsène Lupin tem um papel nessa aventura, um papel de líder, está claro?

– Acho que não. Obviamente, parece que é assim que o caso deve ser apresentado, mas, além dos hábitos pacíficos de Lupin, que não estariam de acordo com os quatro crimes já cometidos, tenho razões para crer que a associação, que parece estar sob a liderança de Lupin, foi fundada, ao contrário, para importuná-lo. Obra moral, Mac Allermey lhe disse! Para puritanos como ele e

Frédéric Fildes, seria a obra mais moral e mais meritória do que atacar um malfeitor, fazê-lo restituir o que roubou e dar à associação a força ilimitada que pode render em mãos experientes a enorme fortuna de Lupin? Ou roubam-no ou o chantageiam.

“A Máfia contra Arsène Lupin é, parece-me, o lema, a palavra de ordem, a diretiva dessa nova cruzada. O incrédulo, o infiel, o sarraceno que deve ser combatido e destruído parece-me, neste caso, ser o senhor Arsène Lupin, e os Cruzados, os Godofredo de Bulhão, os Ricardo Coração de Leão, os Saint Louis, que se alistaram para conquistar Jerusalém, são Mac Allergy, Frédéric Fildes e o Selvagem. Não está convencida, como eu?

– Oh! Sim – ela disse, com toda a sinceridade. – Da maneira como eu conhecia Mac Allergy, imagino-o tranquilamente entrando na luta para destruir o anticristo que Arsène Lupin representava aos seus olhos.

Referência às personagens de romances anteriores de Maurice Leblanc: *Victor de la Brigade Mondaine* e *La Cagliostro se venge*, respectivamente. (N.T.)

A palavra *machin*, em francês, pode significar “fulano, sujeito”, ou seja, a palavra que se emprega quando não se sabe o nome de uma pessoa. (N.T.)



A Máfia

Patricia permaneceu pensativa por um bom tempo. Finalmente, murmurou para si mesma:

– Então, a Máfia contra Arsène Lupin!

Ela levantou a cabeça e, olhando nos olhos de Horace Vermont:

– A Máfia... – ela repetiu. – Sim, sua conclusão deve ser precisa.

– Certamente – disse ele –, e essa Máfia, de origem americana, não limita seu papel ao magnífico objetivo a que seus líderes se propuseram, que é a luta contra o mal. Não, eles querem dinheiro imediatamente. Então, enquanto isso, eles oferecem seus serviços como faziam os mercenários de outrora. Eles se filiam aos interesses dos indivíduos que pretendem executar uma vingança ou se defender de represálias, ou ainda aos interesses de facções políticas que resolveram se livrar de um adversário qualquer, alto funcionário incômodo, general inimigo ou estadista muito enérgico.

– Então, essa Máfia de que falam tanto é essa?

– Sim.

– E o senhor tem provas?

– A senhorita poderia tê-las adquirido também, assim como a polícia e todo mundo. As carteiras de identidade e de reconhecimento dos conspiradores, que a senhorita descobriu e publicou, têm um M maiúsculo, certo?

– De fato.

– M é a primeira letra da palavra Máfia; em seguida, as letras M e A, iniciais de Mac Allermy, e as letras FF⁴, que são as iniciais de Frédéric Fildes. Além disso, eu soube que o homem que trabalhou como secretário de Mac Allermy (“O Selvagem”, como a senhorita o trata) aquele que se tornou o chefe da gangue, se chama Maffiano. Foi no nome desse siciliano de Palermo que os líderes acharam a palavra Máfia. A Máfia, antigamente uma associação de criminosos sicilianos que pretendiam encobrir seus crimes com uma justificativa política. A Máfia de sinistra lembrança...

– É dessa mesma Máfia de que tanto falam há algum tempo na França?

– Não sei. Vejo-a mais como uma palavra genérica que tem um bom efeito e que, na minha opinião, se refere ao espírito do mal em todas as suas formas. Existe uma Máfia mundial à qual estão ligadas mais ou menos todas as quadrilhas dispersas pelos diferentes países e que constituem uma formidável afiliação com o objetivo de roubar e assassinar. De todo modo, sabemos que em Nova Iorque existe um núcleo de organização, um centro de ação que se estende para a Europa e que foi obra de Mac Allermy e de Frédéric Fildes, que ignoravam os bastidores criminosos e queriam fazer dela uma força benevolente. De acordo com as informações que levantei, esse centro de ação é dividido em dois grupos: os militantes, agentes de execução à frente dos quais está o siciliano Maffiano, e um comitê de controle e contabilidade, uma espécie de conselho de administração criado por dois amigos que recolhe as contribuições e, acima de tudo, distribui os lucros. Em geral, nessas espécies de afiliação os regulamentos são muito rigorosos, e as distribuições são de uma regularidade absolutamente escrupulosa. Cada um recebe sua parte, de acordo com a patente e o número de

ordem na hierarquia. Era como acontecia antigamente nas associações de flibusteiros. Por qualquer violação das leis da probidade, por cada falha, apenas um castigo: a morte. E o culpado jamais escapava. Não há esconderijo seguro para ele nem disfarce que o mantenha fora de perigo. Cedo ou tarde, seu cadáver é encontrado e perfurado com um punhal gravado com a letra M... Máfia!

Antes de responder, Patricia se manteve novamente em silêncio por um momento, imersa em profundas reflexões.

– Certo – disse ela. – Estamos de acordo. O senhor tem razão em todos os pontos. Mas, se eu cometi um erro grave em não tirar desse nome, Paule Sinner, o completo significado que ele carregava, como poderia saber o que a letra M significava e o que havia de temível nessa pavorosa associação? É preciso que o senhor tenha tido acesso a informações específicas.

– Claro! – concordou Horace Vermont.

– Mas de que maneira? Um dos afiliados cometeu traição?

– Justamente! Um ex-cúmplice de Arsène Lupin.

– Ou seja, um cúmplice seu, admita!

– Se isso lhe agrada, mas isso não tem nenhuma importância agora. O ex-cúmplice de Lupin, que se tornou gângster em Nova Iorque, foi contratado por Mac Allermey e, quando soube o que estava sendo tramado contra Arsène Lupin, veio me avisar. Imediatamente, peguei o barco para Nova Iorque, tramei junto de Mac Allermey e vendi-lhe um importante dossiê. Depois disso, candidatei-me à afiliação.

– O senhor faz parte da Máfia!

– Sim, e também do comitê superior. Aqui está meu cartão: Paule Sinner, número 11.

– É assombroso – murmurou a jovem, com uma admiração

perplexa. – É uma habilidade e audácia maravilhosa e quase inacreditável.

– Então – ele continuou –, agora compreende?

Ele se interrompeu bruscamente e falou com a voz mais alta, como se continuasse uma conversa:

– Enfim, senhorita, a baronesa, ao descobrir que seu retrato a representava ruiva quando ela agora é platinada, o recusou. O pintor quer processá-la. E a situação agora é essa.

Patricia olhou para ele com espanto. Ele acrescentou com a voz muito baixa:

– Tenha sangue frio. Não, não estou louco. Estamos sendo espionados.

– Que história divertida – respondeu Patricia, rindo alto.

– Não é mesmo? – concordou Velmont.

E num sussurro:

– Vê aqueles três ou quatro rapazes com trajes de gala, que se misturam com a multidão de convidados, mas que se destacam por um certo ar sombrio, furtivo e sinistro de quem sente o cheiro de seu bandido a quilômetros de distância? Eles não a fazem lembrar de alguma coisa?

– Sim – disse a jovem com uma superexcitação contida –, eles me lembram os indivíduos que eu vi em Nova Iorque na noite do crime, sob as arcadas da Praça de la Liberté.

– Precisamente.

– É o senhor que eles estão procurando!

– Sem dúvida nenhuma – disse Horace calmamente. – Então pense que a Associação foi fundada por onze pessoas. Se restarem apenas quatro, ou mesmo três, no momento da partilha, esses quatro ou esses três ficarão com todos os espólios para eles. É por isso que a própria quadrilha se extermina gradativamente. Em

breve, por eliminações sucessivas, restará apenas um cúmplice no momento do acerto de contas e da dissolução que acontecerá no final de setembro. Olhe para a direita... conhece aquele sujeito alto com as pernas e os braços compridos?

– Juro que não.

– Foi com ele que a senhorita dançou há pouco, o que foi um erro. A senhorita deveria ter recusado. Ah, ele está indo embora... Conde Amalti di Amalto, barão de Maffiano.

– O Selvagem? Um dos cúmplices? Aquele que consideram o líder?

– Sim... O conselheiro íntimo de Mac Allermy, o seu faz-tudo. Aquele que a perseguia, escondido nas sombras... Aquele que assassinou Mac Allermy e Frédéric Fildes...

– E que foi atingido, também, no hotel em Paris, onde o vi!

– Atingido, mas não morto. Ele sobreviveu ao ferimento e desapareceu do hospital antes da publicação do seu artigo, que revelou o papel que ele desempenhou desde o início e que o teria levado à prisão.

A jovem, apesar da sua coragem, estremeceu.

– Oh! Eu não sabia disso! Tenho medo desse homem! Proteja-se, por favor!

– Proteja-se também, Patricia. Enquanto esse homem estiver atrás da senhorita, ele não a deixará em paz. E é um perigo constante.

Ela tentou controlar sua ansiedade.

– Mas o que tenho a temer?

– O mesmo que eu.

– Mas eu não faço parte da quadrilha deles.

– É verdade! Contudo, a senhorita é inimiga deles. Dez minutos depois que deixou Nova Iorque, a mesma mensagem foi telegrafada para cada um dos afiliados na Europa: “Patricia Johnston,

secretária, embarca para vingar os números 1 e 2 M". Desde então, a senhorita está sendo vigiada e condenada. A morte a espreita esta noite. Vamos sair daqui juntos. Comigo não terá nada a temer e passará a noite em minha casa.

– Está bem – ela disse docilmente. – Mas, e certifique-se de que penso tanto na sua segurança como na minha, o senhor não me disse que eles conheciam todas as casas de Lupin?

– A lista que eu forneci antecede a morte de Mac Allermey. Minha atual residência não está mencionada.

Ele se levantou.

– Venha, Patricia. Apoie sua cabeça no meu ombro, permita-me abraçá-la respeitosamente. Isso, assim... e vamos partir juntos, não como amedrontados cúmplices que procuram fugir, se proteger e socorrer um ao outro, mas como apaixonados que se abraçam ternamente, completamente embriagados de paixão. Venha, Patricia, venha!

A jovem obedeceu. Eles partiram, lado a lado, caminhando de maneira forçada e apoiados um no outro.

Eles se dirigiam para a saída, mas, no momento em que passaram por uma das regiões escuras e desertas do jardim, uma figura masculina magra e alta surgiu de repente diante deles.

A mão de Horace Velmont soltou a cintura da Patricia e, rápida como um raio, apontou uma lanterna para o rosto do sujeito. Sua outra mão livre estava pronta para agarrá-lo pelo pescoço.

Horace esboçou um sorriso.

– Então é você, Amalti di Amalto, barão de Maffiano. – É você, "O Selvagem". Afaste-se um pouco para nos deixar a passagem livre. Você não tem uma cara que eu gostaria de encontrar no canto de um bosque. E, mesmo aqui, prefiro evitá-lo. Não quero que me mate como matou o bom senhor Mac Allermey, seu chefe, sem falar do

procurador Frédéric Fildes! Aliás, quer um bom conselho? Deixe Patricia Johnston em paz – concluiu.

O bandido fez um movimento de recuo e respondeu:

– Relataram-nos de Nova Iorque que ela nos oferece perigo...

– Pois bem, estou relatando de Paris que ela é inofensiva. A propósito, chega de conversa. Eu a amo. Então ela é sagrada. Não se atreva a tocar nela, Maffiano, senão...

O homem resmungou:

– Você... Mais dia, menos dia...

– Melhor mais, meu rapaz. E é do seu interesse... Você não tem nada a supor contra mim... pelo contrário.

– Você é Arsène Lupin.

– Mais uma razão! Vamos, saia daqui! Siga seu caminho, depressa! E cuide da Máfia de Maffiano sem se preocupar conosco. É mais prudente, acredite...

O bandido hesitou por um momento e, de repente, desapareceu na escuridão, como se tivesse enfiado a cabeça na água.

Horace e Patricia saíram do jardim e caminharam pela grande sala vazia. Enquanto Patricia pegava seu casaco na chapelaria, Horace se curvou diante da baronesa Angelmann para se despedir.

– Muito bonita a sua nova conquista – murmurou a baronesa, com mais desprezo do que zombaria.

– Muito bonita, de fato – disse Horace seriamente. – Mas não é uma conquista, é uma amiga do outro lado do Atlântico que não conhece Paris e me pediu para acompanhá-la até seu hotel.

– Apenas isso! Pobre amigo, está sem sorte!

– Quem espera sempre alcança – disse Horace sentenciosamente.

Ela fixou os olhos nos dele.

– Ainda está à minha espera? – ela sussurrou.

– Mais do que nunca – respondeu Horace.

A baronesa desviou o olhar. Patricia se juntou a eles.

Horace pegou novamente o braço da jovem americana, e ambos saíram do hotel Angelmann.

Eles caminharam alguns passos na calçada, e Horace disse à sua companheira:

– Vou repetir: não passe a noite em sua casa, Patricia.

– Na sua, então?

– Sim, na minha. Esses tipos estão furiosos, e a senhorita teria muito a temer. Eles não recuam diante de nada.

– O senhor confia em seus funcionários? – interrogou a jovem.

– Só tenho uma empregada, minha antiga babá, que é devota a mim até à morte.

– A fiel Victoire?

– Sim. Posso confiar nela como em mim mesmo. Venha!

Ele a levou até seu carro, onde entraram. Um quarto de hora depois, Horace parou o carro em Auteuil, na avenida de Saïgon, onde ele vivia em um pavilhão entre o pátio e o jardim.

Ao abrir o portão da Avenida, ele buzinou para avisar Victoire. Mas a velha babá não apareceu no alpendre quando eles chegaram.

Velmont franziu a sobancelha.

– Estranho – disse ele, alarmado. – Por que Victoire não acende a luz do vestíbulo nem aparece? Ela nunca dorme quando estou fora.

Ele acendeu a luz e imediatamente se abaixou no tapete da escada.

– Alguém esteve aqui, veja os rastros! Vamos subir.

Com pressa, seguido por Patricia, ele subiu as escadas até o segundo andar e abriu uma porta. Em um dos quartos, Victoire estava deitada no sofá, amordaçada e amarrada, de olhos vendados.

Ele pulou sobre ela e, com a ajuda de Patricia, desamarrou-a. Victoire estava desmaiada, mas logo recobrou a consciência.

– Nada? Sem ferimentos? – perguntou Velmont.

A corajosa mulher se apalpou.

– Não, nada...

– O que aconteceu? Atacaram você. Você os viu? De onde vieram?

– Pelo acesso da sala de jantar, suponho. Eu estava aqui, sonolenta. A porta se abriu. Atiraram alguma coisa na minha cabeça...

Horace correu até o andar inferior. Na outra extremidade de uma grande sala havia um escritório, e de um armário desse escritório surgia uma escada, que descia pelo chão até uma porta que se comunicava com um túnel construído sob o pátio. Essa porta estava aberta.

– Desgraçados! – ralhou Horace. – Eles me espionaram! Eles descobriram tudo! Ora! Ora! São grandes adversários! Não ficaremos entediados com esses aí.

Ele voltou e se sentou na sala de jantar, em uma mesa virada para a janela. Patricia o havia seguido, deixando Victoire ainda atordoada no andar de cima. A jovem americana se sentou do outro lado da mesa, de frente para Horace.

Eles permaneceram um bom tempo sem falar. Ambos refletiam. Finalmente, Patricia observou:

– Como é que as pessoas dessa Máfia esperam espoliar Arsène Lupin? Não se rouba uma fortuna com uma bolsa a tiracolo!

– Lupin foi astucioso e vendeu aqui e ali tudo o que ele possuía, papéis, ações, joias etc. Essa negociação produziu uma soma líquida, uma massa palpável que ele pensava estar bem escondida, mas que eles podem estar prestes a descobrir. Então, é uma disputa

entre eles e ele! Ah! Admito que eles têm grandes trunfos nas mãos. Mas, ainda assim, Lupin é Lupin!

– E Lupin está tranquilo?

– Nem sempre. Eles são numerosos, ágeis e não recuam diante de nada. Eles já provaram bem isso até agora. Além disso, têm todo o dinheiro de que precisam. Como iniciantes, Mac Allermy e Frédéric Fildes contribuíram com cem mil francos cada um, uma soma que os outros tiveram que dobrar desde então, graças a um monte de pequenas operações equívocas. Finalmente, e esse é o maior trunfo a favor deles, Lupin está cansado de estar sempre na defensiva. Ele aspira a descansar, à vida tranquila, à honestidade. Ele quer aproveitar a vida e o resultado de seus esforços. Ele está um pouco na situação dos marechais da França após as campanhas vitoriosas, quando a estrela de Napoleão começou a empalidecer. Está cansado...

Horace Velmont se interrompeu abruptamente. Ele já estava quase arrependido de admitir sua fraqueza.

– Então esse Lupin é assim tão rico? – perguntou Patricia com indiferença.

– Ora! É difícil estimar... Alguns bilhões... Sete... oito... nove, talvez.

– É bastante...

– Nada mal. E isso lhe custou tanto esforço que agora ele tem o direito de aproveitar. Vamos colocar dez milhões por negócio, em média, com setecentos ou oitocentos casos diferentes, que representam combinações complicadas, expedições exaustivas, perigos corridos, ferimentos recebidos, lutas terríveis, fracassos desencorajadores. E também os maus investimentos, as

especulações que desabam, a crise, para não falar das necessidades que aumentam com a idade, as pensões a pagar. E Lupin não regateia! Nessas condições, como quer que ele não se importe com o que tem? Lupin não se incomoda com a propriedade dos outros, mas aí de quem tocar a sua! Isso é sagrado para ele. Só a ideia de que estão de olho em sua fortuna já o deixa fora de si. Ele fica furioso.

– Curioso – murmurou Patricia, pensativa –, eu não o imaginava assim.

– Ele é um homem, e nada que seja humano é estranho a ele – respondeu Horace com frieza.

– No entanto, parece-me que não se deveria ter tanto apreço ao que foi roubado – observou a americana.

Ele encolheu os ombros.

– Por quê? Tomar é mais difícil do que ganhar. E arriscamos muito mais! O simples fato de possuir cria um estado de espírito impiedoso. E, quanto mais velhos ficamos, pior fica esse estado de espírito. Lupin tem cerca de dez bilhões... Sim, essa é a soma que ele admite ter. Bem, eu não aconselho ninguém a cobiçar seu pecúlio.

Sua voz se extinguiu, mas ele logo voltou a falar, tomando um fôlego quase imperceptível e escondendo com a mão o movimento dos lábios:

– Não faça nenhum gesto, não diga uma palavra, nem uma sílaba. Entendeu bem?

– Muito bem – ela respondeu também em voz baixa.

– Ótimo.

– O que há? – perguntou Patricia.

Aparentando indiferença, ele acendeu um cigarro e, muito bem acomodado em seu assento, observando os círculos de fumaça azul

que espiralavam em direção ao teto, continuou entre os dentes:

– O que quer que eu diga, não esboce nenhuma reação, nenhum sobressalto, e obedeça sem pensar. Está pronta?

– Sim – ela sussurrou, compreendendo a gravidade da situação.

– Há um espelho pendurado na parede à sua frente. Se levantar a cabeça alguns centímetros, esse espelho vai lhe mostrar toda a imagem que eu vejo diretamente, visto que estou de frente para a janela. Encontrou?

– Sim, estou vendo o espelho e a janela. O azulejo inferior esquerdo, é isso?

– Isso mesmo. Fizeram um buraco nesse azulejo. Consegue ver?

– Sim, e posso distinguir algo que se mexe um pouco.

– Isso que se move é o cano de um fuzil que mal passa pelo buraco e está apontado para mim por alguém que está lá fora. Está vendo a panóplia acima do espelho? Falta uma arma nela, um fuzil de acetileno cujo disparo não faz barulho.

– E quem está atrás do senhor?

– Provavelmente Maffiano, “O Selvagem”, ou um dos cúmplices dele, renomado por sua destreza. Não se mova nem um centímetro. Ora! Patricia, não vai desmaiar, não é mesmo?

– Não corro esse risco. Mas e o senhor?

– Para mim é um deleite. Silêncio, Patricia. Acenda um cigarro. Assim a fumaça vai esconder sua palidez. O homem a observa, mas pensa que não pode ser visto. Agora ouça. A senhorita vai se levantar calmamente e subir até o primeiro andar. Meu quarto fica de frente para a escada. Lá há um aparelho de telefone automático. Peça pelo número 17: Emergência Policial. Diga para enviarem à avenida Saïgon, 23, urgentemente, cinco ou seis homens. Fale tudo isso muito baixo. E então, sem se preocupar com Victoire, que está segura no segundo andar, a senhorita vai se trancar no quarto,

fechar as janelas, barricar a porta e não abrir para ninguém... ninguém!

– E o senhor? – Patricia perguntou com angústia na voz.

– Eu, não precisando mais defendê-la, vou conseguir me safar. Vamos lá, Patricia.

E ele disse em voz alta:

– Minha cara amiga, a senhorita teve um dia muito cansativo. Se me permite um conselho, vá dormir. Minha velha babá vai indicar o seu quarto.

– Tem razão – respondeu Patricia tranquilamente. – Estou exausta. Boa noite, meu caro amigo.

A jovem se levantou com perfeita naturalidade e, sem pressa, deixou a sala de jantar.

Horace Velmont estava satisfeito. Com sua maestria, sua calma face ao perigo, ele tinha restaurado aos olhos da jovem o prestígio talvez enfraquecido por sua confissão anterior.

Ele percebeu que o cano do fuzil estava se mexendo, como se o estivessem escorando no ombro. Ele gritou:

– Prossiga, Maffiano! Dispare, meu rapaz! E não erre, senão eu estouro seus miolos!

Ele tirou o casaco e ofereceu o peito.

O disparo partiu, sem barulho.

Velmont gemeu, levou a mão no peito e desabou no chão.

Um grito de triunfo ecoou do lado de fora, e a porta de vidro foi bruscamente aberta. Um homem tentou saltar para o cômodo e recuou gemendo, atingido no ombro pela bala do revólver que Velmont lançou contra ele.

Velmont se levantou são e salvo.

– Idiota! – ele disse ao homem. – Você imaginava, seu idiota, que só porque roubou da minha panóplia um fuzil com cartuchos, e

porque você é o melhor atirador da Máfia, que isso seria o suficiente para, bam!, acabar comigo? Pronto, estou morto! É de uma estupidez lamentável. Acha que sou estúpido o suficiente para oferecer armas a agressores, sempre prováveis quando se vive em um pavilhão isolado? Sim! Ofereço tubos de aço aos agressores, e cartuchos também, mas falta-lhes o essencial.

– O que, então? – perguntou o outro, perplexo.

– As balas. Esse fuzil só atira balas vazias! Então você dispara vento com ele, idiota! Só tem ar. Não é com isso que se mata, meu velho!

Enquanto falava, Vermont pegou um segundo fuzil preso no topo da panóplia e avançou em direção à janela. Ele acompanhava com os olhos a sombra que fugia. Não vendo em nenhum lugar a figura de Maffiano, ele se perguntou com preocupação:

– Para onde diabos ele pode ter ido? O que está tramando?

E de repente ele ouviu, vindo do primeiro andar, um assobio estridente, um chamado familiar. Patricia estava pedindo ajuda.

– Será que os bandidos descobriram a saída secreta do meu quarto? – ele se perguntou angustiado.

Mas, para ele, angústia significava ação. Ele correu para as escadas e subiu os degraus em três segundos.

No primeiro andar, ficou de frente para a porta e, pelo tumulto que ouviu vindo do outro lado, percebeu que havia um combate acontecendo, justamente na saída secreta que lhe permitia entrar e sair sem ser visto.

Ele avançou furiosamente contra a porta.

No quarto, uma boa parte da parede havia sido derrubada, e Maffiano tentava levar Patricia com ele. Atrás, na sombra, à entrada da passagem secreta, dois cúmplices estavam prontos para intervir, se necessário.

Patricia, já quase sem forças, mal se defendia; ela tinha perdido o apito prateado e gritava de maneira fraca:

– Socorro!

Nesse momento, ouviram o violento ataque de Vermont contra a porta, que rangeu.

– Ah! Estou salva! Ele chegou! – murmurou a jovem, que reencontrou forças na tentativa de se libertar.

Maffiano apertou o braço dela.

– Ainda não está salva!

Mas a porta estava cedendo, e os dois cúmplices fugiram pela saída secreta. O bandido espumou de raiva.

– Vou levar pelo menos uma recompensa – ele resmungou.

Inclinando-se bruscamente, ele tentou beijar os lábios da jovem, mas mal conseguiu tocá-los. Ela se atirou para trás e, revoltada pelo contato detestável, dilacerou o rosto dele com as unhas.

– Miserável! Bruto nojento! – ela vociferou, lutando ferozmente contra o homem que a agarrava novamente.

De repente a porta caiu, e Maffiano nem sequer teve tempo de ver Vermont, que se precipitou sobre ele. O bandido recebeu um golpe terrível sob o queixo. Ele largou Patricia, cambaleou. Uma série de bofetadas enfurecidas o colocou de novo de pé, fazendo-o recuperar a sobriedade. Tentou fugir, mas a passagem secreta estava fechada. Então ele voltou para o meio do quarto, sacou seu revólver, sentou-se e disse a Vermont, que também preparava o fuzil que não tinha soltado:

– Mais tarde, Vermont. Vamos soltar nossas armas por agora, os dois. Tipos como nós lutam duramente, sem piedade, mas não se matam sem uma explicação prévia.

Vermont encolheu os ombros.

– No entanto, foi o que você quis fazer há pouco, matar-me sem

explicações. Enfim, conversemos se isso lhe convém, mas seja claro e preciso!

– Ótimo! Esta noite, na festa do Angelmann, você me disse que queria a linda Patricia para si, porque a amava. Não há nada a fazer, você precisa saber que não tem nenhum direito sobre ela.

– Tenho os direitos que assumo e os direitos que ela me dá.

Um brilho iluminou os olhos do bandido.

– Protesto.

– Nesse caso, procure um oficial de justiça! – cortou Vermont, enraivecido. – É essa a prática em matéria de oposição.

Maffiano, por sua vez, encolheu os ombros.

– Você é louco! Pense bem, só a conhece há duas horas.

– E você?

– Há quatro anos. Há quatro anos estou junto dela... Eu a observo, a persigo de maneira oculta. Ela sabia da minha presença na casa do Allermey, não sabia, Patricia? E quantas vezes a segui na sombra! Porque ela também sabia que eu a amava, que a desejava, que ela era tudo para mim...

– Você fala bem – tripudiou Vermont. – Mas, se ela é tudo para você, você não é nada para ela, não é, Patricia?

– Menos do que nada – disse ela com desgosto.

– Viu só, Maffiano? Vamos, saia e deixe o espaço livre para mim!

– Para você? Jamais. Você é um estranho para ela... Além disso, sabe alguma coisa sobre a vida dela pelo menos? Sabia que ela era amada pelo pai e pelo filho Allermey?

– É mentira!

– Sabia que ela era amante do filho de Henry Allermey?

– É mentira!

– É a mais pura verdade. Ela teve um filho dele.

Vermont empalideceu.

– Está mentindo. Patricia, eu imploro...

– Ele está dizendo a verdade – disse a jovem, repudiando a mentira. – Tenho um filho, um filho que tem agora dez anos. Um filho que eu adoro. Rodolphe. Ele é a minha vida, a minha razão de existir.

– Um filho do qual ela não pode se separar – acrescentou Maffiano – e que ela trouxe para Paris há algum tempo.

O tom do bandido pareceu significativo para Horace, que perguntou, vagamente preocupado:

– Onde está essa criança, Patricia? A salvo de qualquer perigo?

Ela esboçou um sorriso de certeza.

– Sim, de qualquer perigo.

– Volte para perto de seu filho, Patricia – disse Vermont seriamente. – E leve-o para o lugar mais longe que puder. Faça isso imediatamente.

Maffiano caçoou.

– Tarde demais!

Patricia empalideceu e se sobressaltou com os olhos aterrorizados.

– O que o senhor quer dizer? Estive com ele hoje de manhã!

– Sim, em Giverny, não é mesmo? Perto de Vernon, na casa de uma corajosa mulher, a madre Vavas seur. Volte para lá, Patricia. A senhorita não vai encontrar nem criança nem madre Vavas seur. A corajosa mulher o trouxe para mim esta tarde.

O rosto de Patricia se desfigurou.

– O senhor é um covarde! Um desgraçado! Essa criança é delicada, precisa de muitos cuidados!

– Ele vai receber todos os cuidados, eu juro. Eu serei uma mãe para ele – respondeu Maffiano, com uma provocação sinistra.

– Vou chamar a polícia! – gritou Patricia, em pânico.

– Tenho plenos poderes do pai, Allermey Junior. A justiça vai me felicitar por devolver um filho ao seu pai! – tripudiou Maffiano.

A rude mão de Velmont esmagou-lhe o ombro.

– Muito antes da justiça, há a polícia, que vai prendê-lo e lhe pedir uma série de explicações...

– A polícia está longe – disse o bandido.

– Não tanto quanto imagina! Já mandei ligarem para a Emergência Policial. As viaturas chegam em cinco minutos. Ouça... são sons de sirene. Estão chegando... percebe a situação, Maffiano? Um cabriolé de ferro nos pulsos... o depósito... o banco dos réus... a guilhotina...

– E a prisão de Arsène Lupin!

– Está louco. Arsène Lupin é intangível para a polícia!

O bandido refletiu por um segundo.

– Então, o que me propõe? – ele perguntou.

– Diga onde está a criança e eu deixo o caminho livre para você fugir pela saída secreta número dois, esta aqui. Depressa. As viaturas estão em frente à casa. Onde está o garoto?

– Patricia deve vir comigo. Ela e eu vamos resolver esse assunto juntos. Ela conhece minhas condições, deve se entregar primeiro, e imediatamente depois eu devolvo seu filho.

– Prefiro morrer – disse Patricia para si mesma.

O som de uma campainha foi ouvido no térreo, e Velmont exclamou:

– Eles chegaram!

Ele pôs o dedo numa saliência do revestimento da parede.

– Se eu apertar, a porta do vestibulo vai se abrir. Devo apertar, Maffiano?

– Não hesite – disse Maffiano. – Mas Patricia não saberá onde está seu filho.

Velmont apertou o botão. Vozes e passos de homens foram ouvidos no térreo. Velmont caminhou até a porta para ir ao encontro deles. Foi rápido como um raio. Maffiano saltou para uma das janelas, abriu-a, subiu no parapeito e desapareceu.

– Exatamente o que eu queria – zombou Velmont pegando novamente o fuzil, que trazia acima da culatra um mecanismo especial.

A sombra da noite se estendia sobre o jardim que outros jardins intermediários prolongavam por um espaço razoavelmente grande.

– Ele tem – continuou Velmont – três muros baixos para pular até chegar a um quarto mais alto, que requer, para ser atravessado, a ajuda de uma escada colocada com antecedência e que lhe permitirá descer até uma rua deserta e escapar.

– E se ele não preparou essa escada? – perguntou Patricia.

– Ele a preparou. É possível distinguir as laterais dela daqui.

A jovem lamentou.

– Se ele fugir, nunca mais verei meu filho.

Enquanto isso, os policiais chamavam no andar de baixo. Victoire descia do quarto quando Horace começou a gritar:

– As escadas, senhores! No primeiro andar, a porta da frente.

Encostado ao parapeito da janela, ele empunhou sua arma.

– Não o mate – implorou Patricia. – Não saberíamos de mais nada. Meu filho estaria perdido.

– Não tenha medo. Será só uma perna dormente.

Ouviu-se o som do gatilho. Não houve nenhum barulho violento, nenhuma detonação, nem mesmo um assóvio leve. Mas, no fundo do jardim, um grito de dor ressoou, seguido de gemidos.

Velmont saltou para a varanda, ajudou Patricia a fazer o mesmo e a apoiou para descer até o chão por ganchos de ferro fixados na fachada, que formavam uma espécie de escada.

Os três muros mais baixos foram facilmente atravessados. Aos pés do quarto, muito mais alto, um corpo estendido, que Velmont iluminou com sua lanterna, estremecia.

– É você, Maffiano? A batata da perna direita está um pouco ferida, não está? Não é nada. Ainda tenho chumbos esterilizados no autoclave e tenho uma caixa de esparadrapos. Mostre-nos a perna ferida. A mão caridosa vai cuidar de você.

Patricia aplicou habilmente uma atadura na ferida, enquanto Velmont, com a mão ágil, explorou os bolsos de Maffiano.

– Encontrei! – ele exclamou alegremente. – Peguei você, sujeito. Eu já tenho, graças a Patricia, sua carteira de associado, e aqui estão as de Mac Allermey e Fildes, que você roubou em Nova Iorque!

E, inclinando-se um pouco mais, ele articulou duramente:

– Devolva-nos a criança e eu devolvo a carteira.

– Minha carteira – balbuciou Maffiano –, ela não me interessa!

– Errado, meu rapaz! Você não é indiferente a ela! Essa carteira, que tem seu número de ordem na associação, constitui seu único e solitário título, que lhe dá o direito de compartilhar o espólio. Se você não puder apresentá-la quando for solicitada, não contará como associado e, portanto, você não será considerado como participante dos lucros. Você se deu mal, amiguinho!

– Isso não é verdade! – protestou Maffiano. – Eles já me conhecem. Direi que minha carteira foi roubada.

– Você precisará de provas, neste caso o testemunho da Patricia ou o meu. E não terá nem um nem outro. Toda a sua esperança está em ruínas.

– Você esquece que eu mantenho o controle sobre vocês com a criança. E eu fico com a criança.

– Não. Você a trará de volta esta manhã, e faremos a troca. Toma lá, dá cá.

– Está bem – disse o ferido, após uma breve hesitação.

– Você entendeu bem – insistiu Vermont. – Se às nove da manhã a criança não estiver aqui, e saudável, eu queimo a carteira.

– Mas que grande idiota! Como quer que eu faça isso? Você esfaqueou minha perna. Não consigo me mexer.

– Fato. Patricia vai fazer o curativo. Depois você vai descansar e amanhã à noite viremos buscá-lo e iremos os três juntos buscar o menino. Combinado?

– Combinado.

Patricia e Vermont o transportaram para um pequeno galpão colado no muro alto e cheio de cadeiras e poltronas de jardim. Puseram-no deitado sobre um sofá, refizeram o curativo e saíram do galpão trancando a porta.

Depois voltaram para casa.

– Fugiu! – disse Horace ao chefe dos policiais.

– Mas que desgraçado! Como puderam deixá-lo escapar? Nós agimos rapidamente. Por onde ele fugiu?

– Pelos jardins. Ele escalou o muro que os circunda. Procure o senhor mesmo.

As buscas dos oficiais foram em vão. O general, regressando, interrogou Horace Vermont.

– Por gentileza, quem é o senhor?

– Aquele a quem chamam “Machin” na delegacia.

O policial olhou para ele com curiosidade, mas não fez nenhum comentário.

– E a senhora? – ele perguntou.

– Patricia Johnston, jornalista americana de passagem por Paris.

O chefe se retirou com seus homens.

Naquela noite, Vermont dormiu no escritório ao lado de seu quarto, ocupado por Patricia.

O dia seguinte transcorreu sem incidentes. Victoire lhes preparou excelentes refeições, e ambos conversaram como velhos amigos. No início da manhã, Vermont levou alguma comida e especialmente água em abundância para o prisioneiro cujo ferimento piorava. Em seguida, ele fez uma sesta para se preparar para uma noite que poderia ser agitada, pois estava desconfiado da palavra de Maffiano. Será que ele realmente devolveria o pequeno Rodolphe?

Naquela noite, Horace e Patricia retornaram ao galpão ao pé do grande muro. Horace abriu a porta e soltou uma exclamação. Sob o brilho de sua lâmpada elétrica, ele podia ver que o galpão estava vazio. O pássaro tinha de fato voado para longe. Não havia nenhum vestígio dele. A fechadura, trancada a chave, não parecia ter sido forçada. A escada se encontrava estendida no lugar de sempre.

– Esses tipos são muito espertos. – disse Horace, perplexo. – Eles devem ter passado pelo pavilhão adjacente ao meu.

– Quem vive lá? – perguntou Patricia.

– Ninguém. Mas eles usaram as duas passagens secretas que mandei construir. Uma no térreo, outra no primeiro andar, no meu quarto. A senhorita o viu ontem à noite.

– No seu quarto?

– Sim, isso mesmo... no quarto onde dormiu. Não ouviu ninguém passar?

– Ninguém.

– E a senhorita teria certamente ouvido, já que a abertura fica junto da cama. Além disso, sou um idiota... Não é nada disso!

– O que supõe?

– Não suponho nada. Eu sei, Patricia: foi você quem libertou Maffiano.

Ela estremeceu e esboçou um riso.

– Com que propósito, senhor? – ela exclamou.

– Ele a controla por causa do seu filho. Ele deve ter feito algum tipo de ameaça! Chantagem pelo amor maternal!

Seguiu-se um silêncio constrangedor. Patricia, com olhos baixos, pálida, parecia prestes a chorar. Horace havia projetado a luz de sua lanterna sobre ela e a observava atentamente. Passado algum tempo, ele repetiu:

– Ele a controla por causa do seu filho.

Ela não respondeu. Ele pareceu tremer, estalou os dedos, e então, sem dizer mais nada, saiu do galpão cantando uma pequena melodia irônica.

Alguns minutos depois, já recomposto, tentou ter uma nova conversa com Patricia, para saber suas intenções, mas ele a procurou em vão pelo jardim e no pavilhão. Patricia havia desaparecido.

A grafia no original é Maffia. (N.T.)



O príncipe Rodolphe

Horace trouxe um médico, que o tranquilizou sobre a saúde de Victoire, muito abalada pela agressão que sofreu. Nada de grave. Nenhuma contusão. Descanso completo durante três ou quatro dias para acalmar a excitação nervosa. Depois o campo.

Horace adorava sua antiga babá e teria feito tudo para que a excelente mulher se restabelecesse rapidamente. No dia seguinte, tendo lido os jornais da tarde, ele foi um pouco antes das cinco horas até o notário e comprou, sem delongas, a Maison-Rouge, uma vasta propriedade que ele havia visitado recentemente, nas proximidades de Mantes, sobre a qual tinha acabado de ler um novo anúncio de venda.

No dia seguinte, ele convocou um arquiteto e um decorador para a Maison-Rouge, que prometeram que tudo estaria pronto em 48 horas. Velmont, sem sequer esperar que sua nova casa estivesse pronta, trouxe um grande número de funcionários e vários dos seus antigos comparsas escolhidos entre aqueles que ele sabia serem os mais confiáveis e vigilantes.

Foi na noite desse mesmo dia – o dia seguinte à compra da Maison--Rouge – que Horace, retornando ao seu pavilhão em Auteuil, recebeu um telefonema após o jantar.

Ele atendeu:

– Horace Velmont na escuta. Quem está falando?

Uma voz de criança, fresca e sonora, respondeu:

– É o senhor Rodolphe.

– Senhor Rodolphe? Não conheço ninguém com esse nome – disse Horace, com o tom rude de um cavalheiro que está prestes a desligar.

A voz fluida repetiu depressa:

– Senhor Rodolphe, filho da senhora Patricia.

– Ah bom... E como posso ajudar, senhor Rodolphe?

– Minha mãe acha que a situação é muito séria e quer marcar um encontro entre mim e o senhor para que possamos refletir juntos.

– Excelente ideia – disse Horace. – Vamos conversar, senhor Rodolphe. Estou à disposição. Escolha o horário. E me diga onde – concluiu ele, vislumbrando um meio de ação.

– Bem, que tal nos encontrarmos...

A frase foi interrompida. Horace fez um gesto furioso, levantou-se e seguiu o fio que transmitia a corrente da sala de jantar, onde ficava o aparelho telefônico. Ele chegou assim ao escritório vizinho. Imediatamente, seu exame minucioso trouxe a resposta. O fio tinha sido cortado pouco antes de penetrar sob a escada do subsolo. As duas extremidades estavam penduradas.

Então alguém, escondido no escritório, ouviu a conversa e a interrompeu no momento em que, ficando interessante para Horace, ela se tornou perigosa para o adversário. Quem era esse adversário invisível? E em benefício de quem ele agia?

Horace Velmont não hesitou: conhecia seu inimigo. Durante dois dias, desde o desaparecimento de Maffiano, seguido pelo de Patricia, ele no fundo a acusava de tê-lo traído. Patricia, que, para salvar seu filho, tinha ajudado o bandido a fugir. Patricia, que, para conseguir a libertação definitiva do “Senhor Rodolphe” e tirá-lo de

Maffiano, tinha se tornado prisioneira do siciliano.

Entre ela e Maffiano, as negociações funcionaram assim, e Horace estava convicto disso, como se o tivesse ouvido dizer “Entregue-se a mim, Patricia, e eu devolvo seu filho!”.

Patricia teria se entregado? Ou estava prestes a ceder? A luta devia ser terrível no coração daquela mãe, tão terrível que Patricia, mesmo depois de trair Velmont, fazendo seu inimigo escapar, colocou o filho para pedir ajuda: “Mamãe disse que a situação é muito séria...” A criança, durante a conversa, certamente teria revelado a Horace o lugar onde o drama acontecia.

“Esse lugar, como descobrir onde era?”, refletiu Horace, exposto a uma emoção que nunca havia sentido. “Como impedir que a mãe, na sua angústia, no pânico de saber que o filho estava em perigo, se sacrifique e se entregue aos desejos daquele miserável?”

Horace Velmont tinha dessas paixões repentinas, que, em sua natureza excessiva, desde o início atingiu o paroxismo do amor mais ardente. Ainda era intolerável para ele permanecer impotente para afastar a ameaça de um perigo tão ignóbil.

Ao mesmo tempo experiente e lúcido o suficiente para saber que não poderia esperar nada de ações ou gestos realizados de forma aleatória, sem novos elementos de verdade, ele se confinou em casa, estudando maneiras de agir que ele rejeitava conforme surgiam, esperando por notícias, duvidando de si mesmo, torturado, angustiado, infeliz como nunca havia sido.

Três dias se passaram assim, intermináveis e febris. Na manhã do quarto dia, a campainha no portão da avenida Saïgon soou. Velmont correu para a janela. Uma criança tocava incessantemente. Velmont seguiu então para a varanda e depois para o jardim. Na avenida, vinha um carro a toda a velocidade. O carro freou bruscamente em frente ao pavilhão. Um homem saltou para o chão, agarrou a criança

e a levou para dentro do automóvel, que partiu imediatamente. O incidente não durou nem vinte segundos. Vermont não tinha tido tempo para intervir. Ele abriu o portão e viu um cabriolé laranja, o carro de Maffiano, afastar-se e desaparecer na avenida deserta.

Vermont voltou para o pavilhão e se viu na presença de Victoire, a quem o descanso tinha restabelecido e que corria, alarmada com o toque da campainha.

– Corra até a Maison-Rouge – ordenou ele –, convoque vinte dos nossos homens, os melhores, e diga para organizarem um verdadeiro acampamento fortificado que ninguém possa invadir. À noite, mantenha em guarda, continuamente, três dos nossos cães pastores mais ferozes. Senhas, rondas noturnas, vigilância incessante, em suma, uma disciplina de ferro. E esteja pronta para qualquer acontecimento. Talvez eu traga alguém para você cuidar como se fosse a coisa mais importante do mundo.

“Adeus. Mexa-se. Não. Sem observações, sem perguntas, sem discursos. Minha vida está em jogo, e você sabe como me importo com isso! Vai!”

Entrincheirado no pavilhão de Auteuil, Horace Vermont tomou todas as medidas necessárias para sua segurança pessoal.

Precauções inúteis, pelo menos durante os primeiros doze dias. Nada aconteceu. Nada além de pequenos acontecimentos que provavam a Vermont que o inimigo, apesar de toda a vigilância, apesar de toda a precaução, entrava em sua casa a qualquer hora do dia e da noite, ia, vinha, espiava, se mantinha atualizado de cada detalhe, de toda a sua existência. Ele sentia a presença invisível de fantasmas vivos pairando ao seu redor. Às vezes se perguntava se não estava sonhando. Mas não: “alguém” vinha até a casa dele. O pavilhão parecia assombrado. Em vão, ele o percorria, à espreita, com um revólver na mão. Ninguém. No entanto, no quarto ao lado

daquele onde ele estava, um leve toque, uma respiração, o ranger de uma tábua do chão indicavam que havia alguém lá. Ele corria... não havia mais ninguém... nem uma sombra, nem um barulho, nada. Outras vezes ouvia apenas passos que fugiam. Então tudo voltava a ficar em silêncio. Ele estava furioso, confuso com tamanha destreza diabólica. No entanto, a passagem secreta permanecia fechada. Como é que aquelas pessoas entravam? Em sua casa! Na casa dele, Arsène Lupin!

Mas, na décima terceira noite, em meio ao silêncio, um pequeno arranhão foi ouvido do lado da parede que separava a alcova da passagem secreta.

Horace, que lia deitado em sua cama, apurou os ouvidos. Os arranhões tornaram-se mais claros e foram acompanhados de uma espécie de miar bizarro. Ele acreditou ser o miado queixoso de algum gato perdido, saltou da cama e puxou o painel enquanto acendia a luz.

No patamar da escadaria secreta que mergulhava nas sombras, havia uma criança à espera, uma criança de rosto fino e encantador, cachos loiros e vestida como uma menina.

– Quem é você? O que faz aqui? – perguntou Velmont perplexo.

Mas ele já sabia quem era a criança antes que ela respondesse:

– Sou eu, Rodolphe.

O menino tremia e parecia exausto.

Horace o agarrou, puxou-o para dentro do quarto e o interrogou com um fervoroso ardor:

– Onde ela está? Foi ela que enviou você? Aconteceu alguma coisa com ela? Você vem de onde? Fale alguma coisa!

A criança se libertou. Parecia ter recuperado toda a sua energia, a mesma energia de sua mãe.

– Sim, foi ela quem me mandou aqui. Fugi para vir buscá-lo. Mas

não falemos tanto! Vamos agir primeiro. Venha!

– Para onde?

– Buscar minha mãe. O homem não quer soltá-la! Mas eu sei o que fazer! Obedeça-me!

Embora a situação fosse trágica, tendo em conta os perigos que Patricia corria, Horace não pôde deixar de rir.

– Muito bem – disse ele, rindo. – Como o senhor Rodolphe sabe o que fazer, só me resta obedecer. Prossiga, príncipe Rodolphe.

– Por que o senhor me chama de príncipe? – perguntou o menino.

– Porque, em um famoso romance, há um príncipe chamado Rodolphe, que zomba de todas as dificuldades para salvar seus amigos e confundir seus inimigos. Você é um tipo como esse. Eu tenho medo.

– Eu, não! – disse a criança. – Vamos!

Precedendo Horace, Rodolphe retornou à passagem secreta com uma lanterna na mão. Os cachos loiros de seus cabelos esvoaçavam com a corrente de ar; ele atravessou o patamar perscrutando a escuridão com seus olhos penetrantes.

O menino estava prestes a desaparecer pela escada secreta quando Horace o segurou.

– Um momento. Eu preciso dizer uma coisa. Receio que o fim desta saída esteja cercado. Eles a conhecem.

Rodolphe encolheu os ombros.

– Esta noite não há ninguém lá.

– Como você sabe?

– Se houvesse alguém lá, eu não teria conseguido entrar.

– Podem tê-lo deixado passar sem querer... ou para me atrair com você para fora de casa. Seja como for, vamos assim mesmo! Veremos o que nos aguarda!

A criança abanou a cabeça com um ar de entendida.

– Não vamos ver nada. Se eu digo que não há ninguém, é porque não há ninguém.

– Muito bem – disse Horace, rindo novamente. – Mas deixe-me ir na frente.

– Como o senhor quiser – disse Rodolphe. – Mas eu sei o caminho; foi dali que eu vim. A saída dá em uma pequena casa na rua, perto da sua garagem. Casa vazia, rua deserta. Eu vi tudo. Mamãe me explicou. Podemos ir. Não há nada a temer. Além disso, já avisei na garagem. Já tiraram o seu carro. Ele está à nossa espera, sem ninguém.

– Qual deles?

– O de oito cilindros.

– Caramba! E é você quem vai dirigir?

– Não. O senhor.

Sem ter encontrado uma alma viva, eles chegaram à rua onde, de fato, o carro estava esperando. Eles entraram, e Horace assumiu o volante.

De pé, ao lado da janela, a cabeça para fora, o príncipe Rodolphe direcionava:

– Para a direita! Vire à esquerda! Siga em frente! Acelere, droga! Mamãe nos espera.

– Qual é a rua?

– Rua de la Baume, paralela ao *boulevard* Haussmann.

O carro estava em alta velocidade. Horace nunca tinha conduzido tão depressa. Ele realizava um feito extraordinário. Por diversas vezes ele ficou surpreso por não ter batido, capotado ou subido na calçada.

Mas a imagem de Patricia ameaçada pela brutalidade de Maffiano e o encorajamento do pequeno o deixavam louco. Ele acelerou ainda mais.

– Para a direita! – gritou a criança, imperturbável. – Para a direita! A Rua de la Baume é a primeira à esquerda. Espere! Agora chame. Chame com a buzina. Isso! Outra vez!

Horace via um palacete com um piso térreo muito baixo. Em frente às janelas do mezanino, um terraço. Com o barulho da buzina, uma das janelas do mezanino se abriu, uma mulher correu do terraço até a balaustrada de pedra e se inclinou, espreitando na escuridão.

– É você, Rodolphe?

– Sou eu, Vermont!

Horace saiu do carro. Ele tinha reconhecido Patricia.

– Ah! Está tudo bem! – ela exclamou.

Mas logo se virou. Outra janela se abria. Um homem saltou para o terraço com exclamações enfurecidas:

– Quer fazer o favor de entrar!

– Pule – ordenou Vermont com as mãos estendidas em direção a ela.

Sem hesitar, Patricia saltou por cima da balaustrada e se jogou naqueles braços fortes, que, um segundo depois, a cerraram apaixonadamente antes de colocá-la no chão.

– Mamãe! Mamãe querida! – balbuciou Rodolphe, correndo ao encontro de sua mãe.

De cima, Maffiano, louco de raiva, ameaçava. Ele também saltou.

– Cale-se, Maffiano, você grita como uma gralha! – zombou Horace. – Mas, a propósito, você me oferece um ponto de vista admirável, meu rapaz! Que traseiro enorme! Mexa-o para a direita e para a esquerda para ficar simétrico!

Horace pegou no carro seu fuzil silencioso e disparou duas vezes, no momento em que Maffiano, virado de costas e pendurado pelas mãos na balaustrada, estava prestes a saltar. Atingido em ambos os lados, Maffiano despencou no chão, no meio da rua.

– Socorro! Assassino! – ele gritava.

– Claro que não! Isso arde um pouco, mas não mata. Eu não suportaria a ideia de roubar você do Senhor de Paris! – lançou Horace como forma de despedida.

O carro virou na esquina da Rua de la Baume.

Às duas da manhã, depois de informar a senha, ele entrou no pátio iluminado da Maison-Rouge. Os vinte guardas convocados por Victoire saudaram os recém-chegados com aplausos. Os cães saltavam felizes em volta deles. Horace levou a jovem e a criança para um quarto todo florido.

– Não saia daqui sem a minha permissão, Patricia. Nem você, Rodolphe – recomendou ele.

As janelas do quarto davam para o jardim, a apenas dois a três metros de distância. Lá embaixo, três guardas se organizavam para se deitar na relva.

Horace colocou as mãos sobre os ombros da jovem e, sem que Rodolphe pudesse ouvir, perguntou-lhe com a voz alterada:

– Não cheguei tarde demais, Patricia?

– Não – ela sussurrou, fixando os olhos nos dele. – Não, mas já não era sem tempo. O prazo que aquele desgraçado me concedeu expirava ao meio-dia.

– E a senhorita estava determinada...?

– A morrer? Sim.

– E Rodolphe?

– Rodolphe viria para Auteuil ficar sob a sua proteção. Mas, quando consegui enviá-lo até o senhor, fiquei tranquila. Esperei confiante. Tinha certeza de que o senhor me salvaria!

– Foi Rodolphe quem a salvou, Patricia. Que garotinho corajoso!



A vingança de Maffiano

Durante sua detenção no hotel da Rua de la Baume, e alguns dias antes de ser libertada por seu filho e por Horace Vermont, Patricia havia escrito um novo artigo para o *Allo-Police*. Comprando com um anel os bons préstimos de uma criada, ela tinha conseguido enviar o artigo para Nova Iorque. Esse segundo artigo surtiu ainda mais efeito do que o primeiro. Traduzido para todas as línguas, o texto fascinou o mundo inteiro. Sob um pedido expresso de Vermont, Patricia não falou sobre seu encontro com ele. Ela atribuiu a si mesma as descobertas que ele havia feito em relação ao verdadeiro significado do nome Paule Sinner e da letra “M” isolada, bem como a existência de uma associação chamada “A Máfia”.

A explicação proposta por Patricia foi imediatamente adotada pelo público. Ela era de uma perfeita clareza e de um interesse palpitante. A polícia permitiu que se falasse do assunto e que acreditassem nele. Após o alerta de Auteuil, quando os inspetores retornaram ao pavilhão para realizar investigações complementares, eles não encontraram o senhor Machin, nem a jornalista americana, nem a velha babá Victoire, os quais, conseqüentemente, passaram a ser considerados suspeitos. Também não encontraram os autores da agressão, ela mesma inexplicável, apesar de todas as investigações. Era possível admitir tantas derrotas? Seria muito

melhor colocar todo o caso, assim como tantos outros casos obscuros (e completamente diferentes, aliás), na conta de uma tenebrosa Máfia e de um líder de quadrilha cujas façanhas como ladrão deveriam com toda certeza conduzir ao crime! Uma bela oportunidade de manchar a reputação desse inatingível personagem cuja fama e impunidade pareciam um desafio constante às autoridades. A polícia não deixou de aproveitar a ocasião, desejando uma vingança imediata, considerando que os eventos lhe seriam favoráveis e que os combatentes de um lado ou de outro, mais dia, menos dia, implorariam por sua cooperação e, assim, lhe dariam a oportunidade de adentrar de maneira útil na briga e de sair vitoriosa, encarcerando todo mundo.

Patricia e Horace Vermont não foram, portanto, objeto de muita investigação ativa. A polícia secreta decidiu “pagar para ver” e deixar os suspeitos adormecer sob uma falsa sensação de segurança (pelo menos de seu ponto de vista).

Consequentemente, Patricia e Horace Vermont, na companhia da velha Victoire e do jovem Rodolphe, desfrutaram durante quatro semanas de um descanso pacífico na encantadora propriedade de Maison-Rouge, em seu vasto parque sombrio. A partir desse parque, a avenida principal, sob uma abóbada de tília podada em arco, e entre vasos de pedra e estátuas de mármore, margeava o Sena em frente a um panorama harmonioso de prados e pomares floridos.

No silêncio desse retiro, Vermont viveu dias felizes. Ele tinha uma personalidade feliz que lhe permitia, quando desejava, abstrair-se das preocupações mais sérias para saborear o charme do minuto presente. Naquele momento, enquanto se protegia, ele não queria mais pensar em Maffiano. Maffiano já não existia. Vermont estava apaixonado por Patricia, mas ele nada lhe dizia. A intimidade deles

era apenas amizade. Porém, viver junto da jovem mulher cujo charme, inteligência e alegria juvenil ele apreciava mais a cada dia era muito agradável para ele. E a presença do pequeno Rodolphe também era bastante agradável e relaxante para Vermont. Rodolphe, parecido com a mãe, era uma criança encantadora. Ao brincar com ele, Vermont se sentia novamente uma criança. Patricia os observava e sorria.

Por mais que Vermont, como vimos, se mantivesse discreto, assim que chegou à Maison-Rouge ele inspecionou cuidadosamente os preparativos de proteção deles e foi informado sobre a identidade dos novos empregados contratados pela velha Victoire.

Entre esses empregados, Vermont, que nunca foi insensível à sedução feminina, tinha sido atingido pela graça saudável e vigorosa de uma jovem camponesa chamada Angélique, a quem Victoire havia promovido ao posto de primeira serviçal. Vermont, apaixonado por Patricia, admirava Angélique de forma desinteressada. Mas como ela era alegre e bonita! Com sua cútis jovem, sem maquiagem nem base, a cintura esbelta e flexível, cerrada em um corpete de veludo preto amarrado nas costas, ela parecia uma criada de ópera cômica. Ela era vista em todos os lugares, viva, leve, ativa; na horta, onde escolhia os legumes; no pomar, onde colhia as frutas; na fazenda, onde recolhia ovos frescos. E sempre o sorriso nos lábios, os olhos cheios de uma alegria ingênua, os movimentos harmoniosos e comedidos.

– Onde você encontrou essa linda criatura, Victoire? – perguntou Vermont já no primeiro dia.

– Angélique? Um fornecedor a indicou.

– Ela tem boas referências?

– Excelentes. Ela serviu no castelo vizinho.

– Que castelo?

– Aquele cujas árvores altas conseguimos ver, ali, à esquerda, o Castelo de Corneilles.

– Perfeito, minha boa Victoire. É sempre bom ter tão belas jovens por perto! E Firmin, o criado?

Devidamente informado sobre todos os funcionários, Vermont passou a pensar em outras coisas, especialmente nos encantos do momento. A estação estava linda; o campo, delicioso. O rio que ficava próximo era uma distração da qual ninguém se cansava. Quase todos os dias, um barco levava Vermont, Patricia e seu filho para passear. Muitas vezes eles se banhavam no rio, e o pequeno Rodolphe, cada vez mais próximo de Vermont, cavalgava nos ombros largos de seu companheiro de brincadeiras e dava gritos de alegria pulando na água.

Horas de prazeres leves e sem segundas intenções, horas requintadas nas quais a intimidade se intensificava e nas quais Patricia sentia pelo companheiro uma confiança cada vez mais completa, cada vez mais terna.

– Por que está me olhando assim? – ele perguntou a ela um dia, quando Rodolphe tinha permanecido com Victoire e ambos estavam sozinhos no barco. Vermont, que segurava os remos, há algum tempo sentia os olhos atentos de sua companheira pesar sobre ele.

– Desculpe-me – disse ela. – Tenho o hábito indiscreto de observar as pessoas para tentar adivinhar seu pensamento secreto.

– Meu pensamento só tem um segredo. Procuro apenas agradá-la.

E acrescentou:

– Seu pensamento já é mais complexo. A senhorita se pergunta: quem é esse homem? Como se chama? Ele é ou não é Arsène Lupin?

Patricia murmurou:

– Não tenho dúvidas quanto a isso. O senhor é Arsène Lupin.

Essa é a verdade, não é?

– Posso ser ou não, dependendo do que a senhorita preferir.

– Se eu preferisse que o senhor não fosse, isso não o impediria de ser Arsène Lupin, se realmente é.

Ele confessou baixinho:

– Eu realmente sou.

A jovem corou, um pouco sufocada com essa afirmação.

– Ainda bem – disse ela depois de um momento. – Com o senhor, tenho certeza de vencer, mas tenho medo...

– Medo de quê?

– Medo do futuro. Seu desejo de me agradar não se encaixa bem com as relações estritamente amigáveis que devem ser estabelecidas entre nós.

– A senhorita não tem nada a temer quanto a isso! – ele disse, sorrindo. – Os limites da nossa amizade serão sempre aqueles que a senhorita estabelecer. Não é uma mulher que pode ser surpreendida ou seduzida furtivamente.

– E... isso o agrada?

– Tudo o que vem da senhorita me agrada.

– Tudo? De verdade?

– Sim, tudo, pois eu a amo.

Ela voltou a corar e ficou em silêncio.

– Patricia... – ele prosseguiu.

– O que o senhor quer?

– Prometa que corresponderá ao meu amor... Caso contrário, eu me atiro na água – declarou ele meio sério, meio rindo.

– Não posso lhe prometer isso – ela respondeu no mesmo tom.

– Então vou pular na água.

Ele cumpriu o que disse. Soltou os remos, levantou-se e, completamente vestido, saltou de cabeça no Sena e começou a

nadar vigorosamente. Patricia viu que ele seguia em direção a um barco que, à direita, passava diante deles em alta velocidade. O barco era manobrado por um homem cujas costas arqueadas, os cabelos e a barba brancos pareciam de um homem velho, mas cuja remada, vigorosa e rápida, revelavam a energia e decisão de um homem vigoroso, certamente na flor da idade, mas que havia considerado pertinente vestir-se de modo extravagante, com uma peruca e uma corcunda postiça.

– Olá! – gritou Horace Vermont. – Olá! Maffiano. Então você já descobriu nosso retiro? Bravo.

Maffiano, soltando os remos, pegou seu revólver e disparou. A bala fez a água jorrar a poucos centímetros da cabeça do nadador, que gargalhou.

– Que cara desastrado! Sua mão está tremendo, Maffiano. Jogue para cá o seu revólver. Eu vou ensinar você a usá-lo!

A provocação enfureceu o siciliano. Em pé no barco, ele ergueu um de seus remos para atingir o adversário. Este não esperou pelo golpe; ao contrário, mergulhou e desapareceu. Depois de um instante, o barco de Maffiano vacilou, e a cabeça de Horace Vermont apareceu a bombordo.

– Mãos para cima! – gritou Horace ameaçadoramente. – Mãos para cima ou eu disparo!

Maffiano não se perguntou com o que poderia disparar o adversário, que tinha acabado de nadar trinta metros abaixo da superfície do rio. Ele levantou os braços, assustado. Ao mesmo tempo, sob o peso de Vermont, o barco virou, derrubando o siciliano.

Vermont soltou uma exclamação de triunfo.

– Vitória! O inimigo está partindo em retirada! Fim de Maffiano e da Máfia! Você sabe nadar pelo menos? Ah, seu infeliz, você nada como um bezerro natimorto! Cabeça erguida, diabos! Ou você vai

engolir água do Sena, o que irá envenená-lo, a menos que se afogue antes. Ah! No fim das contas, vire-se. Veja, aí vem o socorro.

Na margem do rio, dois homens saltaram na água e nadaram na direção do siciliano enquanto a correnteza levava o barco. Mas, antes que eles se aproximassem, Horace, um distinto nadador, chegou à beira do rio, vasculhou as roupas deixadas sobre o talude e proferiu:

– Mais duas carteiras da Máfia assinadas por Mac Allermy! Com a de Maffiano e as de Mac Allermy, Fildes e Edgar Becker, já são seis no total! Que venha a partilha! Que venham a mim os espólios de Lupin!

Patricia, em seu barco, tinha acompanhado toda a cena e se divertia muito.

Ela acostou perto de Vermont, que, pegando-a pela cintura, levou-a para a estrada mais próxima enquanto os três cúmplices punham os pés na beira do rio.

E Vermont exclamou, triunfante:

– Ganhei meu Tosão de ouro a bela Patricia! Está tudo bem. O inimigo comeu poeira no leito do rio! Venha comigo, escrava incomparável da qual sou um servo submisso! Um pouco molhado, o servo, mas a chama do amor irá secá-lo!

Uma charrete conduzida por um camponês passou, carregada de feno. Vermont instalou a jovem e se sentou ao lado dela, continuando seu discurso.

– Duas carteiras, Patricia, que lucro!

– O que isso importa, já que, se eles tiverem êxito, o dinheiro não ficará com o senhor?

– Quem sabe eu não encontro uma maneira de desviar para o meu bolso a fonte de ouro que irá jorrar nesse dia e que, além disso, virá desse mesmo bolso, o que faz com que isso seja um

empréstimo para uma indenização!

Na charrete, ao ritmo filosófico de um velho cavalo que se movia como se cumprisse a última viagem de sua carreira, eles fizeram um longo desvio.

– Chegaremos à Maison-Rouge – disse o camponês –, mas preciso ir à fazenda levar o meu feno!

– Ah! – disse Horace. – O senhor trabalha na fazenda da Maison-Rouge?

– Sim. Hoje é dia de armazenar o feno.

– Ouviu, Patricia? Bem, isso é um sonho! Um celeiro, pradarias, feno que se armazenam, todas as alegrias bucólicas! Isso é tranquilidade! Como seríamos felizes!

– Eu desconfio – disse ela, meio sorridente.

– E do que desconfia, por favor?

– Da sua inconstância! Sabe-se que o senhor muda facilmente da morena para a loira!

– Desde que a conheço, incomparável Patricia, o ouro e o bronze dos seus cabelos conquistaram para sempre minha admiração! Além disso, se a senhorita fosse branca, isso não faria nenhuma diferença. Uma Patricia coroada de prata! Que sonho!

– Obrigada! De todo modo, tome cuidado – a jovem respondeu com uma risada. – Sou desconfiada e exclusiva. Não admito nenhum sinal de imprudência. Se o senhor é volúvel, atenção!

Papeando alegremente para esconder as preocupações que o retorno de seus inimigos tinha exercido sobre eles, o casal adentrou em um vasto pátio rodeado de pilhas de esterco e de fossas de estrume que delimitavam pequenas saliências de seixos cimentados. No centro havia um pombal em forma de torre truncada, no qual foram preparadas as contrafortes de uma capela gótica enterrada sob a hera e cujos arcos se prolongavam em arcos

imponentes que sustentavam um forte aqueduto dilapidado.

Patricia desceu da charrete assistida por Vermont. Ao cair da noite, ela seguiu para a Maison-Rouge enquanto Horace entrou nos estábulos com o camponês que queria lhe mostrar os cavalos. Alguns minutos depois, foi a vez de Horace atravessar o pequeno bosque e o jardim para voltar para casa. De repente, ele apressou o passo. Toda a sua equipe estava concentrada nos degraus do alpendre, gesticulando e muito agitada.

– O que há? – ele perguntou com preocupação.

– É a jovem senhorita! – responderam.

– Patricia Johnston?

– Sim. Nós a vimos vir de longe. De repente, três homens saíram do mato e a cercaram. Ela tentou fugir. Gritou. Mas, antes que pudéssemos socorrê-la, os três homens a agarraram e a carregaram nos ombros. Ouvimos gritos por algum tempo, mas isso não durou muito.

Horace estava pálido, comprimido por uma terrível angústia.

– De fato – disse ele –, ouvi alguns gritos, mas pensei que eram crianças. E para que lado foram esses homens?

– Eles passaram entre a nova garagem e os antigos galpões.

– Ou seja, no fim do jardim, em direção à fazenda?

– Isso mesmo.

Horace não duvidou nem por um segundo de que tinha sido Maffiano e seus acólitos que, voltando do Sena em linha reta, os haviam ultrapassado na Maison-Rouge e preparado a emboscada que executaram enquanto ele próprio estava com o camponês nos estábulos.

Apressadamente, foi procurar o camponês.

– Sabe ou já ouviu falar de alguma comunicação entre a fazenda ou o parque e o rio Sena? – perguntou Vermont com a voz

entrecortada.

O camponês não hesitou.

– Sim, eu conheço uma! Parece, inclusive, que nos tempos antigos havia uma comunicação com Corneilles. A bela Angélique, sua criada, que estava aqui há algum tempo, vai guiá-lo. Ela conhece bem o caminho. Angélique! Angélique!

Mas a bela Angélique não respondeu, e o próprio camponês acompanhou Horace na direção do pombal. Sob uma das arcadas do antigo aqueduto, adjacente a ele, uma face do muro mostrava as linhas de uma saída que escombros rudemente amontoados condenavam.

Não havia dúvida sobre a existência de uma passagem secreta. O camponês ficou surpreso ao descobrir as marcas de uma passagem muito recente.

– Acabaram de passar por ali – disse ele. – Olhe, senhor. Nem se preocuparam em colocar de volta os escombros. Colocaram tudo de qualquer jeito.

Horace e o camponês demoliram o obstáculo com os ombros. Os escombros caíram por uma escadaria escura, produzindo longos ecos.

– Isso vai longe – disse o camponês –, e no meio há uma grade que barra a passagem.

Ele acendeu uma lanterna. Horace também acendeu sua lanterna de bolso. Uns duzentos passos depois, a grade os parou. Felizmente, a chave estava do outro lado da fechadura; os fugitivos tinham esquecido de tirá-la.

Eles continuaram a busca. Logo o ar mais fresco que vinha do subsolo anunciava a aproximação do rio. De repente, pela moldura de uma janela que não tinha mais seus vidros, nem mesmo suas madeiras, e que era a janela de um casebre que permaneceu de pé

por ninguém sabe que milagre, eles avistaram o exterior. No meio de rochas reluzentes que se elevavam nas margens, a vasta superfície líquida do rio brilhava sob a cética luz da lua. Trezentos metros mais adiante, à esquerda, havia um promontório rochoso que dominava, atrás, os altos choupos do pátio de uma fazenda. Nesse pátio ardia uma grande fogueira. Mais além, viam-se as massas negras de uma colina arborizada.

Horace avançou com cautela. Perto do fogo, uma tenda inflava sua tela crua. No limiar dessa tenda, debaixo da lona transformada em estore, três homens com aparência de lenhadores estavam sentados em cadeiras dobráveis. Sobre um banquinho perto deles havia garrafas e pratos. Os homens comiam e bebiam, servidos por uma mulher.

Horace desconfiou por um momento de que os três indivíduos pudessem ser Maffiano e seus cúmplices. Como se atreveram a se instalar tão perto dele? Mas ele conhecia a audácia e a imprudência de Maffiano. Quase imediatamente, no entanto, através da claridade do fogo, ele o reconheceu claramente, e a mulher só podia ser Patricia. Horace não viu o rosto dela, mas reconheceu a silhueta e estremeceu de raiva e indignação. Uma corda ligava o braço da jovem à cadeira de Maffiano. Bastava a corda se esticar minimamente para a cadeira de Maffiano oscilar. Ele chegou a cair, provocando o riso de seus acólitos.

Horace, que tinha deixado o camponês escondido, ficou parado atrás de um tronco de árvore e permaneceu invisível para seus inimigos.

Depois que terminaram de comer e fumar seus cachimbos, eles acenderam suas tochas e foram para a tenda. À luz das tochas, Horace percebeu que havia outra tenda, um pouco menor, atrás da primeira, e que a mulher, depois de terminar o serviço, seguiu para

lá.

Depois de alguns minutos, as tochas se apagaram. O som das vozes e dos risos cessou.

Velmont então se deitou no chão e, de bruços, rastejou entre as gramíneas e árvores, escolhendo as porções do terreno onde a folhagem das árvores e dos arbustos formavam um obstáculo para a luz da lua.

Ele chegou assim às estacas onde as cordas estavam amarradas e deu a volta na tenda principal. De repente, a tela da segunda tenda subiu. Sem hesitar, ele entrou.

– Horace, é o senhor? – sussurrou uma voz pouco perceptível.

– Patricia?

– Sim, Patricia. Venha depressa!

E, quando ele estava prestes a tocá-la, ela acrescentou:

– Eu o vi chegar na escuridão e o ouvi no silêncio.

Ele a abraçou, exaltado. Com os lábios colados no ouvido dele, ela disse num sussurro:

– Fuja. O inspetor Béchoux e a polícia estão à sua procura. Maffiano avisou da sua presença na Maison-Rouge.

Horace Velmont sufocou um riso de desprezo.

– Ah! – ele disse. – Agora entendo por que ele se instalou perto de mim. A proteção policial o tranquiliza.

– Fuja, por favor – insistiu a jovem.

– Quer que eu vá, Patricia?

Ela murmurou:

– Tenho medo. Tenho medo pelo senhor. Estou sem forças – acrescentou.

Ele a agarrou em seus braços e beijou-lhe os lábios...

Ela não resistiu.



A Bela Adormecida

A lua cheia espalhava pela noite suave e tépida sua calma luz pura e fosforescente. Ao silêncio do campo adormecido se misturavam milhares de ruídos furtivos, milhares de tremores de vida que se erguiam da terra, voando das árvores em cujos ramos, de tempos em tempos, passava o voo ondulado de uma ave noturna. O sussurro de uma cachoeira distante desfiava sua harmonia cristalina.

A noite serena embalava o descanso dos dois amantes deitados lado a lado na tenda. Às vezes Horace, semiacordado, estendia a mão e tocava o braço de sua companheira imóvel, a fim de se certificar de que ela estava mesmo lá, de que ele não sonhava, porque as circunstâncias pareciam tão estranhas que ele duvidava da realidade.

Finalmente amanheceu, e os primeiros raios do sol brilharam entre as fendas da cobertura. Horace se sentou e, mais uma vez, colocou sua mão em uma mão abandonada perto dele. Mas ele se sobressaltou, estremeceu, assustado. A mão que ele tocava estava fria, muito fria, gelada.

Horace se inclinou apavorado na direção da forma imóvel deitada no chão. Pela fraca luz que penetrava na tenda, viu que o rosto estava coberto com um véu de gaze clara, e no peito seminu, sob o

seio esquerdo, havia um punhal encravado. Dominado pelo horror, ele se inclinou um pouco mais e colou o ouvido à pele gelada. Não se ouviam mais os batimentos cardíacos.

Assim, da mesma forma que passamos da vigília ao sono, ela tinha passado da vida para a morte. Uma morte tão fulminante que a ferida fatal a fez estremecer sutilmente nos braços do seu amante, a ponto de ele não perceber.

Horace correu para a tenda vizinha. Maffiano e seus homens tinham desaparecido. Sem perder tempo, ele correu até a Maison-Rouge para procurar ajuda.

No vestíbulo da casa, encontrou Victoire, que estava saindo para uma inspeção matinal.

– Eles a mataram – disse ele com lágrimas nos olhos.

Victoire perguntou ingenuamente:

– E ela está morta?

Ele a olhou com perplexidade.

– Sim, ela está morta.

A velha babá encolheu os ombros.

– Impossível!

– Estou lhe dizendo. Uma facada no coração.

– E estou dizendo: impossível.

– Por quê? Como? O que significa isso? Você tem provas?

– Isso significa que tenho certeza de que ela não está morta. E a intuição de uma mulher vale por todas as provas.

– E o que é que a sua intuição feminina me sugere?

– Que você volte lá, cuide da ferida e não a deixe. Defenda-a caso ela seja atacada novamente.

Ela se calou. Um apito estridente vibrava em algum lugar do parque.

Horace Velmont se sobressaltou, atordoadado.

– Mas o que significa isso? É o sinal de Patricia!

– Então está tudo bem – exclamou Victoire triunfante. – Vê como ela não está morta e escapou de Maffiano e de seus cúmplices?

Transfigurado pela alegria, Horace se inclinou para fora da janela aberta e apurou os ouvidos.

No mesmo momento, ouviu-se um rugido de animal grande e rouco passear pelo espaço, prolongar-se e se extinguir.

A velha babá instintivamente se benzeu, como teria feito caso fosse um trovão.

– É a tigresa – disse ela. – Sim, disseram-me ontem que uma tigresa escapou, há alguns dias, de uma feira de animais itinerante e se refugiou onde chamam aqui de floresta virgem do Castelo de Corneilles. Fizeram uma busca, ela estava ferida, o que a deixa furiosa e ainda mais perigosa. Se ela encontrar Patricia...

Horace saltou pela janela e correu para a antiga capela onde ficava a entrada para o subsolo. Ele a atravessou a toda velocidade. Quando saiu, ouviu gritos femininos vindo da direção do promontório, junto de repetidos assobios misturados com os rugidos da fera.

Um novo rugido, ainda mais perto. A besta vinha em direção à Maison--Rouge. Vermont atravessou correndo os prados vizinhos ao promontório, lançou-se em direção às tendas e ficou atordoado ao encontrá-las caídas no chão. Tudo agora não passava de uma pilha de telas, estacas e bancos, como se um cataclismo tivesse passado por ali.

No rio próximo dali, Horace avistou um barco que se distanciava navegando, sem fazer barulho. À primeira vista, percebeu haver três homens na embarcação.

– Ei! Maffiano! – ele gritou. – O que você fez com Patricia? Você a feriu, assassino! Admita! Ela está morta? Onde ela está?

O homem no barco encolheu os ombros.

– Não sei de nada! Procure-a! Ela ainda estava viva, mas a tigresa nos atacou, destruiu nossas instalações, e acredito que Patricia tenha sido levada por ela. Procure-a, isso é da sua conta.

O barco desapareceu no rio.

Horace, dominando sua angústia, escutou, observou. Ele não viu nada, não ouviu mais assobios nem rugidos. Havia por toda parte uma calma que lhe pareceu sinistra.

Então, seguindo o conselho do bandido, ele procurou. A certa distância dali, estendia-se a massa escura da floresta que cercava o Castelo de Corneilles. Ele entrou através de uma fenda no muro. As primeiras árvores eram esparsas. A floresta virgem, disseram-lhe, começava apenas a certa distância das imediações do castelo.

Um novo rugido foi ouvido a menos de duzentos metros. Velmont parou, preocupado apesar de sua coragem. Sem dúvida a fera havia sentido seu cheiro e corria ao seu encontro. Ele pensou rápido. O que podia fazer? Ele só tinha um revólver de pequeno calibre para se defender. Além disso, como mirar se a tigresa surgia repentinamente do meio da mata?

Sons de folhas pisadas e ramos amassados se aproximavam cada vez mais. A fera estava próxima. Ele ouviu seu rugido abafado, sua respiração furiosa, sem conseguir vê-la.

Mas ela certamente o via e estava prestes a atacar sua presa.

Horace saltou com uma agilidade acrobática. Agarrou-se ao galho de uma árvore bastante alta e se equilibrou com as mãos. Ele sentiu não um canino, mas o poderoso choque de um focinho quente bater em sua perna. Ele se ajeitou no galho, conseguiu se segurar em outro ramo mais alto e então subiu facilmente até uma altura inacessível.

A tigresa, após seu primeiro ataque malsucedido, não tentou

outros. Logo Horace percebeu que ela partia, correndo em direção à floresta, e a ouviu rosnar de raiva. Então houve mais um rugido e, em seguida, estalidos surdos de ossos esmagados.

Horace tremeu de horror. A fera teria realmente surpreendido Patricia na tenda, e seria ao seu corpo retalhado que ela voltava? Se isso fosse verdade, ele não exporia sua vida. A morte já não tinha nenhum remédio.

Indefeso, louco de emoção, corroído pela angústia, ele esperou duas horas antes de descer da árvore. Uma espera interminável e tão cruel que, de repente, ficou sem forças para superá-la. Desafiando o perigo, ele deslizou de galho em galho e, com o revólver na mão, adentrou na mata.

Ele teve inclusive a audácia de chegar à borda mais densa da floresta que explorou. Mas não encontrou nada, apesar das buscas. Bandos de corvos se lançavam entre as clareiras, e, diante dele, pequenos animais selvagens da floresta corriam e fugiam por toda parte. Mas não havia vestígios da tigresa.

Procurou por um longo tempo, em vão, cansado e desesperado, atacado por mosquitos, oprimido pelo calor imóvel e sufocante, ainda mais forte no final do dia por uma ameaça de tempestade.

Exausto, finalmente voltou para a Maison-Rouge junto com os primeiros raios que rasgavam o horizonte, seguidos pela voz solene do relâmpago.

Naquela noite ele não jantou. Seus nervos se acalmaram um pouco com o fluxo da chuva, e ele se deitou em sua cama, mas tentou inutilmente pegar no sono. Seu cérebro febril invocava a todo instante a memória da noite em que segurava sua amada Patricia nos braços. Ele tentava imaginar o que tinha acontecido enquanto dormia. O assassino deslizando na escuridão, tateando, com o punhal na mão e atingindo Patricia sem suspeitar de sua presença,

da presença de Horace Vermont. Talvez Patricia tivesse tido a suprema coragem de não fazer nenhum gesto que pudesse desviar o perigo para ele. Ela morreu para salvá-lo. Como ela o havia amado então!

Mas havia outra coisa. A situação era confusa, inexplicável. O que significava aquele assobio, aquele evidente apelo de Patricia? Para chamar, ela precisava estar viva. Horace tinha esperança. Sim, havia elementos realmente incompreensíveis que permitiam ter alguma esperança.

A tempestade aumentava e, com o estrondo dos trovões que abalavam o espaço, de repente os três cães de guarda começaram a uivar num concerto sinistro e enlouquecedor. Eles devem ter quebrado as correntes que os prendiam, porque Horace os ouviu galopar como bestas selvagens através do Parque, perseguindo uns aos outros e perseguindo sabe-se lá que fantasmas que surgiam sob as árvores e os arbustos e chegando até o pátio da fazenda. Foi um pesadelo, um tumulto louco, misterioso e trágico.

Era possível dizer que o campo entrincheirado que formava a propriedade estava sendo atacado por hordas de cavaleiros bárbaros que avançavam pela linha dos defensores empunhando seus sabres. Horace Vermont alucinava na escuridão da noite, ele os imaginava, via-os brandindo lâminas e tochas, assassinando e incendiando tudo. E aqueles latidos furiosos incessantes, aqueles gritos frenéticos aos quais, às vezes, misturava-se a queixa apavorada das presas caçadas... e depois, mais adiante, o rugido furioso da tigresa.

Horace chamou os líderes dos esquadrões da defesa. Eles estavam de vigia, mas também não entendiam nada do que estava acontecendo.

Eles tinham tentado uma saída, mas, na noite escura e sob a forte

chuva, não conseguiram ir muito longe; além disso, não viram nada. Um vento absolutamente forte continuava a varrer os jardins, evocando, em sua insólita veemência, a maléfica passagem do maldito Caçador das antigas lendas.

O amanhecer acalmou pouco a pouco a tormenta. Os cães ainda saltavam dando impulsos desordenados. A tempestade havia abrandado, a densa enxurrada havia diminuído e se transformado em uma chuva hesitante e delicada, que parecia ter a missão de regar o campo de batalha. E o dia se firmou, dissipando os pesadelos e pacificando as pessoas e os animais. Os cães ainda rosnavam, mas sem muita convicção, de alguma forma com reservas, preocupados com a inevitável distribuição de chicotadas que viria como consequência das loucuras da noite. As chicotadas foram generosamente distribuídas pelo próprio mestre, que passou por cima deles com seus nervos exasperados.

– E tudo isso para quê? – ele dizia. – Para que monstro antediluviano? Para que dragão voador? Para que quimera apocalíptica? Caramba! O que vejo?

Era um *poodle*, um *poodle* agonizante com a cabeça esmagada, a barriga escancarada, e cujas patas ainda tremiam como galhos que com o sopro do vento se emaranham na confusão lívida dos intestinos desenrolados.

Lupin pegou o pequeno cadáver pelas orelhas e, brandindo-o como um troféu, mostrou-o aos seus homens, gritando:

– Vejam, aqui está a fera selvagem que eles capturaram em sua caçada.

Um dos homens examinou o animal morto e declarou:

– Diabos, é o cão da Bela Adormecida!

– O quê? Bela Adormecida? O que isso significa?

– Sim, a senhora que dorme há um século no castelo abandonado!

- Que castelo?
 - O Castelo de Corneilles, ali na floresta, depois do promontório.
 - E há uma senhora que dorme há um século? Isso é um disparate! É um conto de fadas.
 - Não sei de nada. Ouvi dizer que há uma senhora dormindo...
 - Você a conhece?
 - Ninguém a conhece. Mas interroguei pessoas do vilarejo que me contaram isso. Fala-se muito sobre essa história na região.
 - O que dizem?
 - Que o avô dela, na época da Revolução, participou da condenação de Louis XVI e da família real. Então, como expiação, ela viveu dez anos de joelhos diante do calvário de Corneilles, e desde então está dormindo.
 - Sozinha nesse castelo?
 - Sozinha.
 - Mas ela come, bebe?
 - Não se sabe.
 - Ela caminha?
 - Às vezes ela vai até o vilarejo, mas aqueles que a encontraram sabem muito bem que ela não acorda e que dorme enquanto caminha, mas mantém os olhos abertos, como sonâmbulos que olham sem ver. Eu nunca a encontrei, mas a história é verdadeira...
- Horace Vermont permaneceu pensativo. Ele concluiu:
- Logo irei me desculpar pela morte de seu pobre cãozinho. Onde fica exatamente o castelo?
 - Oh! Esse castelo é um casebre, completamente em ruínas, reparado com tábuas e rodeado por uma floresta que chamamos de Floresta Virgem.
 - E ela não recebe ninguém enquanto dorme?
 - É muito raro. No entanto, parece que, outro dia, um domador

com um oficial de justiça foram buscar uma tigresa que tinha fugido de uma feira de animais. Eles a haviam procurado por toda parte. As buscas tinham sido feitas com todos os caçadores do país. Enfim souberam que ela fora vista na floresta de Corneilles, mas a senhora adormecida respondeu ao oficial de justiça: “Sim, eu a acolhi, ferida por uma bala e furiosa. Ela está na minha floresta, curada, mas ainda furiosa. Vão pegá-la!”. O oficial de justiça está até hoje à procura dela...

À tarde, Vermont mandou colocar o cadáver do *poodle* num cesto de palha e seguiu com ele para o promontório e depois para o grande bosque da colina. Um caminho lamacento, cheio de encruzilhadas, ascendia em direção aos fossos transbordantes que culminavam no terraço de uma barbacã meio encoberta de troncos e de carvalhos. Depois disso, no final de uma relva verde onde existia um velho calvário corroído pelos séculos, encrespavam-se ondulações de hera sob as quais se podia discernir as linhas confusas de uma construção com mais da metade já corroída e cujas pedras haviam rolado a distância em blocos, agora acorrentadas também pela hera e estofadas pelos musgos.

Um sinal de existência e hostilidade para os visitantes. Por todos os lados havia postes com inscrições pintadas de branco sobre o painel preto:

“Propriedade particular.”

“Entrada proibida.”

“Cães perigosos.”

“Armadilhas para lobos.”

Nenhuma porta visível, nenhuma entrada aparente. Entre as sarças, chegava-se a uma janela através de degraus cobertos por musgos. No interior, nada além de salas desertas, sem teto e como piso coberto de grama, plantas vivazes e poças de lama. Um

caminho, se é que podemos nomeá-lo assim, serpenteava através das ruínas. Horace chegou então a uma comprida barraca alcatroada plantada no meio de uma sala e que lhe pareceu o único lugar habitável.

Ele abriu a porta e perguntou:

– Tem alguém aí?

Na parte de trás da barraca, ouviu-se o barulho de uma porta se fechando com uma batida.

Ele seguiu para esse lado, atravessou uma sala estreita onde havia um saco de dormir e entrou em uma cozinha onde, sobre uma mesa de madeira, em uma lamparina, batatas cozinhavam na água de uma panela ao lado de uma tigela de leite.

A Bela Adormecida, surpreendida pelo intruso, tinha fugido, deixando para trás sua refeição.

Horace quis segui-la, mas parou de repente. À sua frente, a dois passos de distância, o focinho de uma fera bloqueava-lhe o caminho.



Um novo combatente

Atrás do animal, no pátio, viam-se as árvores de uma floresta espessa cerradas umas às outras e formando uma muralha vegetal. Uma fenda estreita a perfurava, uma espécie de túnel escuro escavado nos ramos e nas folhas. A velha castelã de Corneilles devia ter fugido por ali. A tigresa, após acompanhá-la, posicionou-se diante do visitante indesejado.

Homem e fera, por um momento, olharam um para o outro, imóveis. Horace Vermont, bastante desconfortável, disse a si mesmo:

– Rapaz, se você se mexer, a pata dela, com todas as garras à mostra, vão arranhá-lo e arrancar sua cabeça.

No entanto, ele não baixou os olhos. Ele testava seu próprio sangue-frio diante de um perigo incomum, mas, no fundo, pouco descontente com o encontro que lhe permitia estar na presença de uma grande fera e se controlar. Que excelente exercício de vontade e de “autocontrole”!

Passou-se um minuto, que mais pareceu um século. Ele estava aguentando firme! O medo, que no início quase o havia dominado, começava agora a se dissipar. Ele estava à espera do ataque, quase o desejava...

De repente, como se domada pelo olhar implacável que nunca a

deixava e lhe impunha a vontade do homem, a besta, grunhindo surdamente, deu meia-volta e, cheirando o ar, pareceu disposta a partir pelo túnel de vegetação. Vermont, então, sem tirar os olhos dela, deu dois passos para trás, pegou sobre a mesa da cozinha uma tigela cheia de leite e a estendeu cuidadosamente na direção do animal. A tigresa hesitou e então se decidiu e, fazendo certa pose, veio beber o leite. Com três ou quatro lambidelas, ela esvaziou a tigela. Depois, mais calma, voltou até a fenda onde cheirou, sobre a relva úmida, os vestígios da velha senhora que havia partido por ali. Horace observou que a tigresa ainda estava mancando um pouco da traseira, por causa do ferimento sofrido durante a perseguição, e ele concluiu que ela tinha sido tratada pela estranha reclusa de Corneilles e tinha se afeiçoado a ela.

Rapidamente, não querendo se expor a uma brusca mudança de humor do animal, fechou a porta, refez o caminho da barraca e, empunhando o revólver, voltou para a Maison-Rouge, sempre vigiando o caminho atrás dele. Fazendo uma análise, ele estava bastante satisfeito em sair da aventura ileso.

Dois dias depois, Horace tomou coragem para explorar o bosque impenetrável e, novamente, adentrou a velha habitação misteriosa. Mas desta vez ela parecia abandonada. Ele não encontrou nem a Bela Adormecida nem a tigresa. Chamou. Nenhum barulho. Ele tinha na mão uma faca pesada com uma lâmina triangular e afiada. Seu objetivo era atrair a fera e estripá-la. Assim a vítima estaria vingada! Depois de muito refletir, ele tinha chegado à triste convicção de que Patricia ainda estava viva quando pela manhã ele estupidamente a havia deixado, acreditando que ela estava morta. Apenas depois a tigresa a matou e levou seu corpo para algum covil escavado sob as folhas secas. Vermont também queria descobrir o esconderijo de Maffiano e castigá-lo, mas nada lhe revelou a

presença dos três bandidos. Durante horas ele vagou em vão, ávido por vingança e massacre.

Ele voltou para casa cansado e desapontado. Mas Victoire, a quem confidenciou a terrível certeza que tinha em relação ao destino de Patricia, balançou a cabeça em sinal de descrença e respondeu:

– Minha opinião não mudou: ela não está morta! A fera não a matou, tampouco Maffiano.

– E, como prova, somente a sua intuição feminina, como sempre – tripudiou Velmont tristemente.

– Isso basta. Além disso, Rodolphe está perfeitamente tranquilo. Ele não está preocupado com a ausência da mãe. Ele a adora, é nervoso e sensível. Se a mãe tivesse morrido, ele teria sido avisado.

Velmont encolheu os ombros.

– Sexto sentido... você acredita nisso?

– Sim! – disse a velha senhora com convicção.

Houve um silêncio. Mais uma vez, Velmont estava esperançoso. Mas isso não seria loucura? Irritado, ele retomou:

– No entanto, naquela noite, segurei nos meus braços uma mulher viva, que de manhã estava morta...

– Sim, mas não a mulher que você pensa que era.

– Quem, então?

Victoire olhou à sua volta e baixou a voz.

– Ouça, desde aquela famosa noite, Angélique, a governanta, desapareceu. Soube por uma fonte segura que essa Angélique foi amante de Maffiano. Ela conhecia os seus cúmplices, cozinhava para eles e todas as noites ia encontrá-los.

Horace refletiu por um momento.

– Então foi a Angélique que morreu? Seria um alento... Mas, nesse caso, explique por que Angélique assumiria o lugar de

Patricia. Por que ela me atrairia para a tenda? Por que Maffiano a teria assassinado? Por quê? Por quê?

– Angélique aproveitou a oportunidade para se aproximar de você, o que há muito tempo ela desejava fazer. Você não percebia os olhares dela?

– Então você acha que ela estava apaixonada por mim? É lisonjeiro! E Maffiano a matou por ciúmes. Coitado. É verdade que ele não tem sorte com suas amadas, todas elas preferem a mim. Patricia, Angélique. Mas por que é que ele não me matou?

– Você não me disse que pegou dele a carteira que lhe dava direito a uma parte da fortuna? Ele tem medo de não encontrá-la com você e, se você morresse, talvez ele nunca a encontrasse. Além disso, ainda que se seja um bandido determinado, não se tem o atrevimento de matar assim Horace Velmont...

Ele balançou a cabeça.

– Talvez você esteja certa, mas, mesmo assim, eu não confiaria muito nisso. Bem, sejamos realistas: você tem dedução e lógica, minha boa Victoire!

– Então você acredita em mim? Está convencido?

– Seus argumentos me parecem inquestionáveis, e eu acredito neles, é mais conveniente. Pobre Angélique, de todo modo!

Ele lamentava pela empregada, assassinada de forma selvagem por um bruto, mas sentia uma tremenda esperança ao pensar que Patricia estava viva.

Na noite seguinte a essa conversa, Velmont foi acordado pela velha babá.

Ele se sentou na cama e, esfregando os olhos, apostrofou:

– Você está ficando maluca? A não ser que tenha alguma nova intuição feminina para me contar! Me acordar às quatro da manhã! Ou você enlouqueceu ou alguma coisa está pegando fogo!

Mas ele parou quando viu o rosto completamente transtornado de Victoire.

– Rodolphe não está no quarto dele – disse ela, perturbada. – E acho que não é a primeira noite em que ele se ausenta dessa forma...

– Ele está dormindo fora de casa! Com onze anos! Enfim, é importante que ele viva sua juventude, mas, mesmo assim, ele começou cedo. E aonde você acha que ele vai? A Paris? Londres? Roma?

– Rodolphe ama a mãe. Tenho certeza de que ele foi encontrá-la; eles têm se visto, não há dúvidas...

– Mas por onde ele sairia?

– Pela janela. Está aberta.

– E os cães de guarda?

– Eles ladraram há uma hora, provavelmente quando ele saiu, e me disseram que eles também ladram às cinco da manhã, o que indica a hora do seu regresso. Todas as noites é a mesma coisa...

– Isso é delírio, minha pobre Victoire! De qualquer forma, vou descobrir o que está acontecendo...

– Outra coisa – continuou a velha babá. – Três homens estão rondando a propriedade. Eu sei.

– Sátiros estão perseguindo você, Victoire.

– Não brinque, são policiais. Os guardas avistaram um dos seus piores inimigos, o brigadeiro Béchoux.

– Béchoux, um inimigo! Você fala cada coisa! A menos que alguém da Prefeitura tenha decidido me prender, o que é bem pouco provável! Presto serviços demais para eles.

Ele refletiu, franzindo a testa.

– Mesmo assim, ficarei atento. Pode ir. Não, espere! Só mais uma coisa. Alguém mexeu no meu cofre, que está aqui! Os três botões

que controlam a senha foram mexidos.

– Ninguém entrou aqui, a não ser você e eu. Como não fui eu...

– Então devo ter me esquecido de colocar os números de volta no lugar. Perceba que isso é sério. Lá se encontram minhas instruções, meu testamento, as chaves dos meus vários cofres, as indicações que me permitiriam descobrir meus esconderijos e saquear tudo.

– Virgem Maria! – a babá exclamou, juntando as mãos.

– A Virgem Maria não tem nada a ver com isso. Cabe a você ser vigilante. Caso contrário, você arrisca muita coisa.

– O quê?

– Sua honra de donzela – disse Horace friamente.

Naquela mesma noite, Horace, subindo em uma árvore, ficou vigiando o portão do parque, no lado da fazenda.

Escondido na folhagem, ele esperou pacientemente. A espera foi recompensada. Antes de soar meia-noite na igreja, um galope silencioso, cortado por um salto sobre a cerca, passou não muito longe dele. Ele vislumbrou a forma flexível e alongada de uma grande fera. Os cães ladraram no canil. Horace desceu de sua árvore e correu até a janela de Rodolphe, da qual se aproximou sem fazer barulho.

A janela estava aberta, e o quarto, iluminado. Passaram dois ou três minutos. O espião ouviu a voz da criança. Então, de repente, ele viu a tigresa voltar para a varanda através da qual ela deve ter entrado. Enorme, apocalíptica, ela pôs as patas na barra superior do corrimão. Rodolphe estava deitado sobre ela, agarrado com ambos os braços no pescoço monstruoso... e gargalhava.

Com um salto, a besta pulou para os maciços e seguiu a grandes trotadas com seu fardo, que continuava rindo. Mais uma vez, os

cães ladraram furiosamente.

Então, Victoire emergiu da sombra da varanda onde estava escondida.

– Bem! Você viu? – ela disse, muito assustada. – Para onde essa fera selvagem vai levar o pobre menino?

– Até a mãe dele, é claro!

– Deus! Será que isso é possível?

– Patricia, juntamente com a senhora de Corneilles, deve ter curado o animal ferido, e a tigresa, já meio domada e grata, se apegou a ela e lhe obedece como uma cadela fiel.

– Estamos imaginando coisas! – exclamou Victoire, admirada.

– Comigo é assim! – Velmont disse modestamente.

Ele atravessou a fazenda correndo, depois passou pelos prados que levavam ao Castelo de Corneilles. Seguiu pela avenida semifechada, subiu pela janela da barraca e proferiu uma exclamação de alegria desconcertada. Sentada numa poltrona na sala, Patricia segurava seu filho no colo e o cobria com beijos.

Velmont se aproximou e olhou para a jovem, extasiado.

– Você... você... – ele gaguejou. – Que felicidade! Não me atrevi a ter esperança de que você estivesse viva! Então quem Maffiano matou?

– Angélique.

– Como é que ela chegou à tenda?

– Ela me afugentou e tomou meu lugar. Só depois compreendi o porquê! Ela amava Arsène Lupin – concluiu Patricia, franzindo a sobancelha.

– Sempre se pode escolher pior – disse Velmont com um ar de desprendimento.

– Saída, a tigresa, encontrou-a agonizante na tenda destruída e a levou embora sem que eu pudesse intervir. Foi horrível. – Patricia

estremeceu.

– Onde está Maffiano? Onde estão os cúmplices dele?

– Ainda vagando por aí, mas com prudência. Ah! Aqueles miseráveis!

Ela pegou o filho novamente e o beijou apaixonadamente.

– Meu querido! Meu querido! Você não tem medo de nada, não é mesmo? Saída não machucou você?

– Oh! De jeito nenhum, mãe. Ela corre suavemente, que é para evitar que eu chacoalhe muito, tenho certeza disso. Fico tão confortável sobre ela quanto nos seus braços.

– Você e sua estranha montaria se entendem bem. Isso é ótimo, mas agora você precisa dormir um pouco. E Saída também precisa dormir. Acompanhe-a até seu nicho.

A criança ficou de pé, pegou a fera monstruosa por uma orelha e a puxou para a outra extremidade do quarto, onde havia um colchão dentro de um armário, perto da alcova onde ficava a cama de Patricia.

Mas, à medida que avançava, Saída impunha à criança uma evidente má vontade, traduzida por um rugido irritado. No final, ela ficou imóvel e, agachada sobre as patas traseiras na frente da cama de sua dona, a cabeça no nível das patas, começou a rosnar novamente enquanto batia no chão com sua cauda furiosa.

– Bem! Saída – disse Patricia, levantando-se de sua poltrona –, o que é que há, minha linda?

Horace olhava atentamente para a tigresa.

– Parece – ele observou – que há pessoas escondidas debaixo da sua cama, ou pelo menos na alcova. Saída as encontrou.

– É verdade, Saída? – disse Patricia.

A fera enorme respondeu com um rugido mais furioso e, voltando a ficar de pé sobre as patas, empurrou com seu poderoso focinho a

cama cujo ferro foi bater contra a parede lateral.

Um triplo grito de terror ecoou, vindo de pessoas que realmente estavam escondidas debaixo da cama e que agora se encontravam expostas.

Patricia saltou em auxílio dos intrusos, seguida de Horace, que exclamou:

– Vamos, falem tudo, ou estarão perdidos! Quantos vocês são? Três, não é, incluindo o ilustre Béchoux? Vamos, responda, policial do meu coração.

– Sim. Sou eu, Béchoux – disse o policial, ainda no chão e apavorado com Saïda eriçada e rosnando.

– E você veio me prender? – Vermont continuou.

– Sim.

– Prenda Saïda primeiro, velhote. Talvez ela se deixe prender. Você não tem sorte mesmo! Quer que ela vá embora?

– Adoraria! – disse Béchoux com convicção.

– Não posso negar nada a você, querido amigo! Vamos satisfazer sua vontade. Além disso, será melhor assim, do contrário eu teria medo pela integridade do seu belo físico! Vamos, Patricia Johnston, por favor, livre-nos de sua guarda-costas.

A jovem, com a mão na cabeça da tigresa, que se esfregava contra ela com um ronronar semelhante ao de um motor a vapor, chamou:

– Rodolphe! Meu querido!

A criança veio se atirar em seus braços, depois Patricia ordenou, fazendo um gesto para o exterior da habitação:

– Saïda, está na hora de levar seu pequeno mestre de volta. Vá, Saïda! Vá, minha linda! E devagar, está bem?

A tigresa pareceu ouvir com atenção. Ela olhou para Béchoux com um visível lamento, pois teria gostado de saboreá-lo, mas, dócil,

decidiu obedecer, orgulhosa do restante da missão que lhe tinha sido confiada. Ela avançou lentamente diante de Rodolphe e estendeu seu poderoso dorso para ele. A criança subiu, deu um tapinha em sua cabeça, segurou firme em seu pescoço com os braços e gritou:

– Em frente!

A enorme fera tomou impulso e em dois passos estava fora da sala. Um momento depois, mais longe, os cães ladravam no meio da noite.

Horace prosseguiu:

– Rápido, Béchoux, saia de baixo da cama com seus amiguinhos. Daqui a dez minutos ela estará de volta. Anda logo! Tem um mandado contra mim?

Béchoux ficou de pé, e seus acólitos fizeram o mesmo.

– Sim, o mesmo de sempre – disse ele, limpando a poeira da roupa.

– Seu mandado deve estar um pouco amarrotado. E tem outro contra Saïda?

Béchoux, irritado, não respondeu. Horace cruzou os braços.

– Balela! Então você acredita que Saïda permitirá que a coloquem no cabriolé de ferro, com as patas amarradas, se não tiver um documento assinado por quem de direito?

Ele abriu a porta da cozinha.

– Saia, meu rapaz! Saia daqui com seus camaradas! Desapareça como uma zebra! Salte no primeiro trem e se atire na cama para se recuperar! Mas não por baixo, desta vez! Aceite meu conselho, falo como amigo. Vá embora ou Saïda vai degustar um belo bife policial de café da manhã!

Os dois camaradas já tinham desaparecido. Béchoux estava se preparando para imitá-los, mas Horace o segurou.

– Só mais uma coisa, Béchoux. Quem o nomeou como inspetor?

– Você. E a minha gratidão...

– Você a manifesta querendo me prender. Enfim, eu lhe perdoo. Béchoux, quer que eu faça de você brigadeiro? Sim! Então, vá até a Prefeitura da polícia amanhã de manhã, sábado, às onze e meia, e peça aos seus chefes para lhe darem carta branca. Eu preciso de você, entendeu bem?

– Sim. Obrigado! A minha gratidão...

– Suma!

Béchoux já tinha desaparecido. Horace virou-se para Patricia.

– Então é você a Bela Adormecida? – ele perguntou.

– Sim, sou eu. Sou francesa por parte de mãe, e a velha senhora que vivia aqui, não louca, mas estranha, é minha parente. Quando cheguei à França, vim visitá-la. Ela se afeiçoou a mim, mas, infelizmente, logo adoeceu e morreu muito rapidamente, deixando-me esta velha propriedade arruinada e abandonada. Vim me estabelecer aqui usando a lenda que a rodeava para me proteger da curiosidade. Ninguém da região teria ousado entrar...

– Eu entendo – disse Horace. – E a senhorita fez o necessário para que eu adquirisse a Maison-Rouge por causa da proximidade. Tinha um esconderijo seguro e sabia que em casa Rodolphe seria bem tratado... sem estar longe da senhorita. É isso, não é?

– É isso – disse Patricia. – E eu também estava feliz por não estar muito longe do senhor – ela acrescentou com os olhos baixos.

Ele fez um movimento para abraçá-la, mas resistiu. A jovem não parecia disposta a manifestações de carinho.

– E Saïda? – ele perguntou.

– É fácil entender. Depois de fugir da feira de animais itinerante, ferida durante as buscas, ela se refugiou aqui, onde a tratei e curei. Em agradecimento, ela me devota uma fiel afeição. Sob sua

proteção, já não temo Maffiano.

Depois de um silêncio, Horace se curvou diante de Patricia.

– Que felicidade reencontrá-la, Patricia! Pensei que estava morta. Mas por que não me tranquilizou antes? – ele acrescentou com um tom de reprovação.

A jovem permaneceu em silêncio por alguns instantes, com os olhos fechados e a figura congelada numa expressão quase hostil.

Enfim, respondeu:

– Não queria voltar a vê-lo. Não consigo esquecer que o senhor escolheu outra. Sim, à noite, na tenda...

– Mas eu pensava que era você, Patricia.

– Você jamais devia ter acreditado nisso! É isso, sobretudo, que eu não perdoo! Confundir-me com uma mulher como aquela! A amante de Maffiano, a criada dele e dos seus terríveis cúmplices! Como o senhor pôde acreditar que eu era capaz de me entregar assim? E como posso apagar tal memória do senhor da minha mente?

– Substituindo-a por uma lembrança mais bonita, Patricia.

– Não pode haver uma mais bela, porque ela não existirá. O senhor me confundiu com outra. Não quero competir com ela!

Horace, a quem esse ciúme enchia de alegria, aproximou-se dela.

– Competir, Patricia? Está louca! Não há rival páreo para você! É você que eu adoro! Só você, Patricia! A verdadeira! A única!

Febril, ele a pegou nos braços e a serrou contra seu peito. Ela se debateu, enfurecida, bem pouco disposta a perdoar e ainda mais revoltada porque sentia que começava a ceder.

– Solte-me – gritou ela. – Eu o odeio. O senhor me traiu.

Tremendo, tentando um último esforço antes do abandono que ela confusamente entendia ser inevitável, ela o empurrou. Mas ele não a soltou e inclinou seu rosto sobre o dela.

Os dois batentes da porta de vidro se abriram ao mesmo tempo,

provocando um estrondo. De volta, a tigresa tinha saltado para a sala e, agachada, quase deitada, os olhos brilhando como duas estrelas verdes, estava prestes a atacar.

Horace Vermont soltou Patricia, recompôs-se e, olhando fixamente para o animal, disse-lhe com cautelosa doçura, um pouco rabugento:

– Ah, você está aí? Não acha que está se intrometendo onde não foi chamada? Ah, Patricia, como ela está bem treinada, sua gatinha! Caramba, você sabe mesmo se fazer respeitar! Bem, bem. Eu a respeito! Só que, como não quero parecer ridículo, nem quero que a mulher que amo ria de mim...

Ele tirou do bolso o canivete comprido e afiado de que nunca se separava. Abriu:

– O que está fazendo, Horace? – Patricia gritou alarmada.

– Querida amiga, eu protejo minha dignidade aos olhos da sua guarda-costas. Não quero que ela imagine que Horace Vermont é uma criança que se põe para correr! Se a senhorita não me beijar agora mesmo diante dessa gata, abro-lhe a barriga. Será uma grande batalha! Entendido?

Patricia hesitou, corou e finalmente se levantou e apoiou as mãos no ombro de Horace, estendendo-lhe os lábios.

– Por Deus – disse ele –, desse jeito a minha honra está salva! E eu não peço nada além de ser forçado a fazê-la ser respeitada muitas vezes dessa maneira!

– Eu não podia deixá-lo matar essa fera – murmurou Patricia. – O que seria de mim sem a proteção dela?

– Eu poderia ter sido morto por ela – disse Horace. – Mas isso a preocupa muito menos – ele acrescentou com um tom de melancolia que não lhe era habitual e que comoveu profundamente a jovem.

– O senhor acha? – ela sussurrou, corando ainda mais.

Mas logo se recompôs. A lembrança do que ela considerava uma ofensa cruel ainda não havia desaparecido. Ela se aproximou da tigresa e pôs a mão em sua cabeça.

– Fique tranquila, Saïda!

A fera, em resposta, ronronou.

– Fique tranquila, Saïda! – repetiu Velmont, que também havia se recomposto. – Fique tranquila para que o cavalheiro possa ir embora antes que a situação piore! Adeus, rainha da selva! Com as suas riscas, você me lembra uma zebra... mas eu é que estou de saïda.

Ele pôs o chapéu na cabeça, tirou-o para passar diante da tigresa, a quem cumprimentou solenemente, e, quando ia sair, virou-se para Patricia:

– Até logo, Patricia. Você é uma feiticeira. Junto de Saïda, como a bela domando a fera, você parece uma deusa antiga. E eu amo muito as deusas, eu juro! Até logo, Patricia!

Horace Velmont logo chegou à Maison-Rouge. Victoire estava esperando por ele na sala de estar, cujas portas e janelas estavam prudentemente fechadas. Ouvindo os passos de seu patrão, ela correu ao encontro dele.

– Rodolphe está aqui! – ela exclamou. – A fera o trouxe de volta, e ele já deve estar dormindo.

– Como você lidou com a tigresa?

– Oh! Correu tudo muito bem! Não dissemos nada uma à outra. Além disso, eu tinha preparado a minha grande tesoura de costura.

– Pobre Saïda! Ela escapou por pouco. Você teria feito um bom tapete para o quarto, hein, Victoire?

– Até dois. Esse animal selvagem é enorme. Mas parece muito dócil.

– Um amor – concordou Velmont rindo.

– Agora – retomou Horace Velmont – eu tenho que falar com você sobre coisas muito sérias, Victoire!

– A esta hora? – exclamou a babá, espantada. – Isso não pode esperar até amanhã?

– Não, não pode. Sente-se aqui do meu lado no sofá grande.

Eles se sentaram. Houve um momento de silêncio.

Horace tinha um ar solene que impressionava um pouco Victoire. Ele começou:

– Todos os historiadores concordam que Napoleão I nunca foi tão grande como nos últimos anos do seu reinado e que seu talento militar atingiu o auge durante a Campanha da França, em 1814. Foram as traições que o derrubaram. Bernadotte, juntando-se aos inimigos, já tinha chegado à derrota de Leipzig. Blücher teria sido aniquilado se o general Moreau não tivesse entregue Soissons, e a capitulação de Paris não teria sido possível sem as manobras de Marmont. Estamos de acordo, não estamos?

A velha babá piscou os olhos com uma expressão aturdida.

Horace continuou, muito sério:

– Eu estou exatamente nesses momentos, Victoire. Em Champaubert, em Craonne, em Montmirail, somente sucessos. No entanto, o terreno está deslizando sob meus pés. A derrota se aproxima. Meu império, minhas bem merecidas riquezas estarão em breve nas mãos dos inimigos. Mais um esforço da parte deles e estou arruinado, impotente, derrotado, massacrado, moribundo. Santa Helena...

– Então você foi traído?

– Sim. Agora tenho certeza do que já lhe havia dito. Alguém entrou no meu quarto, abriu meu cofre e levou as chaves e os papéis que permitem o roubo de toda a minha fortuna e a apropriação dela até o último centavo. A espoliação, aliás, já começou.

– Alguém invadiu sua casa? Você tem certeza? – balbuciou a babá. – Quem poderia ter entrado?

– Não sei.

Ele a olhou profundamente e acrescentou:

– E você, Victoire, não suspeita de ninguém?

De repente ela caiu de joelhos e começou a soluçar.

– Você está suspeitando de mim, meu filho! Então prefiro morrer!

– Não suspeito que tenha aberto meu cofre, mas que permitiu que alguém entrasse e revirasse minha casa. Isso é verdade? Responda francamente, Victoire.

– Sim – ela confessou com as mãos no rosto.

Ele levantou a cabeça dela com uma mão indulgente.

– Quem veio? Patricia, não é mesmo?

– Sim. Ela veio durante sua ausência, há alguns dias, para ver o filho e se trancou com ele. Mas como é que ela sabia o número da combinação? Nem eu sei... Ninguém além de você sabe...

– Não se preocupe com isso. Estou começando a entender tudo. Mas ouça, Victoire, por que você não me contou sobre a visita dela? Eu saberia que ela estava viva...

– Ela me disse que, se eu o avisasse, isso colocaria sua vida em perigo. E me fez jurar que ficaria em silêncio absoluto.

– Por quem você jurou?

– Por minha salvação eterna – suspirou a velha senhora.

Horace cruzou os braços, indignado.

– Então você prefere sua salvação eterna à minha salvação

temporária? Prefere sua salvação eterna ao seu dever para comigo?

As lágrimas da velha babá redobraram; ainda de joelhos, com a cabeça apoiada nas mãos, ela soluçava perdidamente.

De repente, Horace se levantou. Alguém batia na porta da sala. Ele foi até lá e, sem abrir, gritou de trás da porta:

– O que há?

– Um cavalheiro que insiste em vê-lo, chefe – respondeu a voz de um dos líderes do esquadrão.

– Ele está aqui?

– Sim, chefe!

– Eu vou falar com ele. Volte ao seu posto, Étienne.

– Está bem, chefe!

Quando o som dos passos do homem se distanciou, Horace, ainda sem abrir a porta, gritou:

– É você, Béchoux?

– Sim! Voltei. Precisamos acertar algumas coisas.

– O seu mandado?

– Perfeitamente!

– Você o conseguiu?

– Consegui.

– Passe-o por baixo da porta. Obrigado, meu amigo.

Um documento oficial deslizou por baixo da porta. Horace se abaixou, pegou o documento e o examinou com cuidado.

– Perfeito! – disse ele em voz alta. – Perfeito! Tudo em ordem. Só há uma falha.

– O quê, então? – perguntou a voz espantada de Béchoux.

– Está rasgado, meu velho!

Horace rasgou o mandado em quatro, depois em oito, depois em dezesseis pedaços. Formou uma bola compacta e abriu a porta.

– Aqui está o objeto, querido amigo – disse ele, estendendo a bola

a Béchoux.

– Ah! Ah! E essa agora. Isso... isso não vai ficar assim.

Béchoux gaguejava de fúria. Horace o acalmou com um gesto.

– Não grite assim. Não é elegante. Outra coisa, meu velho: você veio com seu carro?

– Sim – disse Béchoux a quem, como sempre, o sangue-frio de Horace impressionava.

– Leve-me à prefeitura. Temos de cuidar da sua nomeação como brigadeiro. Mas espere por mim um momento.

– Aonde você vai? Não vamos sair do seu pé.

– Vou ver Patricia em Corneilles. Tenho algumas coisas para dizer a ela. Você vem comigo?

– Não – disse Béchoux resolutamente.

– Pois está equivocado. Saída não teria resistido. Ela nunca hesita quando a olhamos nos olhos.

– Justamente – disse Béchoux –, meus colegas e eu não queremos de modo algum encará-la.

– Cada um sabe o que faz – disse Lupin. – Então adiarei minha visita a Corneilles para outro dia. Senhores, estou sob suas ordens.

Ele segurou gentilmente no braço de Béchoux. Ambos, seguidos pelos dois policiais que haviam acompanhado o inspetor e esperavam no vestíbulo, caminharam em direção ao portão. Já havia amanhecido há um bom tempo. Todos entraram no carro da polícia que os aguardava na estrada. Horace Vermont estava de bom humor.

Às nove horas da manhã ele obteve, graças à mediação de Béchoux, uma audiência com o comissário de polícia. Este recebeu perfeitamente o conde Horace Vermont, um cavalheiro opulento e influente que já tinha prestado grandes serviços à Administração.

Depois de uma longa e cortês conversa, Vermont deixou o prefeito.

Ele havia conseguido a nomeação de Béchoux. Tinha dado algumas indicações úteis e obtido informações valiosas. O acordo estava completo.



Os cofres

No carro, Horace Vermont se disfarçou com uma barba falsa e óculos estampados com lentes ligeiramente coloridas.

Eram dez horas. O carro estacionou e, com a última badalada do relógio, Vermont atravessou a porta de entrada do banco Angelmann.

Debaixo da abóbada, dois oficiais do banco lhe pediram sua carteirinha de membro e a validaram.

No vestíbulo, quatro colossos com envergadura de policiais ingleses vigiavam. Nova validação após a apresentação dos documentos.

Finalmente, devidamente inspecionado, verificado, identificado sob o nome de Horace Vermont, que ele mesmo havia inventado, Arsène Lupin foi conduzido pelos guardas por uma suntuosa escadaria de mármore. Aos pés dela, no térreo, em frente a uma grade maciça reforçada com barras de ferro, pararam e bateram cinco vezes, neste ritmo: 1... 2-3-4... 5. Então ouviram as fechaduras sendo destrancadas e viram uma das portas do portão se abrir, dando acesso à sala que precedia as caves reservadas aos cofres.

Não havia outro caminho para chegar até eles. Era necessário atravessar o portão, depois a porta de bronze, que se abria na outra extremidade da sala. Câmaras em forma de coração de carvalho

cravejado de ferro reforçavam o teto. As paredes eram blindadas com placas de aço.

Na sala, havia cerca de quarenta homens sentados em poltronas encostadas nas paredes ou agrupados em torno de um pequeno estrado ocupado por oficiais do escritório. Entre estes estava um adolescente pálido e magro, de olhar frio. Ele agia de forma convencional, imitava a postura de Robespierre e usava trajes de janota. Tinha um monóculo colado ao olho, uma clava na mão e uma sobrecasaca de colarinho largo de veludo e gravata alta.

Os outros quarenta conjurados eram quase todos homens de músculos poderosos, mandíbulas quadradas e rostos brutos e vulgares.

Todos se levantaram em um mesmo movimento quando o som de um gongo anunciou a chegada de alguém.

Horace Vermont os observou com um sorriso sarcástico e exclamou com uma falsa e insolente admiração:

– Um salve aos camaradas gângsteres!

O efeito produzido foi lamentável. Os quarenta se sentiram ofendidos. A palavra “gângsteres” lhes pareceu depreciativa. Fizeram soar um murmúrio desaprovador.

No entanto, o jovem pálido, sobre o estrado, interveio. Ele bateu na mesa com um cortador de papel, e, tendo conseguido recuperar o silêncio, disse:

– Desculpem-no, ele não nos conhece. É o correspondente francês que uma vez vendeu ao senhor Mac Allermy as informações necessárias para o nosso plano.

E, imediatamente, ele começou com a voz aguda, cuja fragilidade tentava corrigir com socos na mesa e atitudes implacáveis:

– Senhores, hoje é a primeira assembleia geral prevista desde o início pela nossa comissão de ação, e sinto-me obrigado a dar

algumas explicações àqueles de vocês que vieram aumentar nossas fileiras desde que tudo isso começou. Como sabem, meus amigos, nossa associação remonta a vários séculos e foi formada por homens de coragem, cheios de fé religiosa, ansiosos por salvar o papado dos tempos conturbados do Renascimento, enquanto os papas defendiam o espírito da civilização romana e latina contra os Bárbaros do Norte, os Francos e os Germânicos.

“A associação foi retomada, revigorada e rejuvenescida no momento presente por dois homens eminentes, dois amigos a quem nosso dever, bem como nossos sentimentos de gratidão e afeto, nos convida a prestar um tributo: Mac Allermy e Frédéric Fildes. Estes, compreendendo a vida moderna, adaptaram nossos estatutos às circunstâncias, fortaleceram nossa disciplina, e, acima de tudo, nos ofereceram um propósito digno de nossos esforços.

“Foram eles que tiveram a ideia original de submeter nossos homens de ação, nossos militantes, a uma autoridade superior, composta de personalidades independentes e de moralidade inflexível. Eles chamavam essa autoridade superior de Conselho de Ordem e Disciplina Integral, o C.O.D.I. Esse Conselho é composto por nós. Somos quarenta associados austeros e ferozes, como puritanos primitivos, sem misericórdia pelas fraquezas dos outros e pelas nossas próprias falhas. Quarenta príncipes do Inferno que sabem discernir, julgar e atacar com tranquilidade e liberdade de espírito. Isso era necessário, senhores, pois fomos obrigados, desde o início, a empregar agentes de todos os tipos, sem escrúpulos e sem consciência. Isso era necessário para controlar o Comitê primitivo dos onze e, acima de tudo, para estabelecer os cálculos e distribuir os lucros de modo que cada um tenha sua parte justa dos resultados do esforço geral.

“Desses lucros, o C. O. D. I. primeiro recolhe para si mesmo

cinquenta por cento, e a segunda metade é reservada para aqueles que atuam no mundo todo. Não se tolera nenhum tipo de erro. Nada de privilégio. Nada de iniquidade. Nossos registros são mantidos rigorosamente atualizados. Nossa contabilidade está disponível para todos.

“Órgão de disciplina, moralidade e controle, o C.O.D.I. não aceita senão a autoridade do comitê, cujos onze membros no início ressuscitaram a associação dos Mafistas, dotaram-na de planos e arquivos e a enriqueceram com sua iniciativa e seu trabalho. Eles eram onze, onze visionários inspirados, onze realizadores admiráveis, alguns dos quais devemos culpar por seus erros e crimes, mas a quem devemos também toda a nossa gratidão.

“Os resultados de seus empreendimentos pessoais, os senhores os conhecem, apreciaram os benefícios, sabem a que ponto, graças a eles, a situação de suas vidas melhorou. Não lhes contarei os pormenores das proezas individuais e das operações bem-sucedidas deles, nem a sublime probidade com que cada um, há um ano, envia à tesouraria central um proveito que facilmente poderia dissimular e conservar sem o conhecimento de todos: não, não os louvaremos. É bem simples para eles, são pessoas honestas. A Máfia lhes dá os meios de fazer grandes feitos e agir rápido. Eles agem, e, orgulhosos de seu sucesso, também ficam orgulhosos por servir e enriquecer a Máfia. As contas deles são exatas, nenhum centavo a mais ou a menos. Ofereçamos-lhes o tributo da nossa admiração. Nada é durável se não se baseia na justiça e na integridade. Mas há, entre esses colaboradores que estão conosco desde o início, dois homens cujo trabalho e espírito de coletividade e realização eu quero exaltar: Mac Allermy, em primeiro lugar, e também Frédéric Fildes. As pequenas empresas só podem produzir resultados proporcionais à sua mediocridade. A associação que

formamos precisava de um objetivo grandioso, que atingisse a imaginação e galvanizasse iniciativas particulares. Esse objetivo Mac Allermey nos deu em um lapso de genialidade. Paule Sinner! Essas são as palavras mágicas que, desde o início, ressoaram em nossos ouvidos. Nossa antiga companheira, Patricia Johnston, que se tornou nossa adversária implacável e odiosa, revelou ao mundo seu verdadeiro significado. A Máfia contra Arsène Lupin, essa é a grande verdade da nossa empreitada.

“Ah! Que lembrança em meu coração e mente a do momento em que Mac Allermey, o honesto Allermey do jornal *Allo-Police*, clamou diante de mim seu ódio contra Lupin. Lupin, o último dos miseráveis, o mais perigoso, porque o mais simpático dos malfeitores, o mais hábil, o mais capaz e o mais rico. Repito estas três palavras: o mais rico. “A fabulosa riqueza de Lupin”, dizia Mac Allermey, “é uma ofensa à miséria de pessoas honestas. E é essa riqueza que eu quero alcançar”. Arsène Lupin, milionário, miliardário, não é uma vergonha para os nossos tempos? Uma civilização é condenada quando tais ignomínias surgem. Pense em tudo o que ele roubou, nas riquezas mortas que ressuscitou para tomar para si, riquezas de tempos passados, riquezas romanas; riquezas dos reis da França e dos monastérios da Idade Média, tudo isso está nas mãos desse vigarista. Que força para ele! Que recursos inesgotáveis! Que poder intolerável! No entanto, um confisco é possível. Eu sei, por informações confidenciais que me foram vendidas, e que eu mesmo pude em parte verificar, que Arsène Lupin converteu todas as suas riquezas – diamantes, pedras preciosas, propriedades, fazendas, vivendas, casas e palácios – em ouro, ouro americano. Existe o Banco da França e existe o Banco Arsène Lupin, os cofres de um e os cofres do outro. E o Banco Arsène Lupin é este aqui, é o banco Angelmann. Os cofres de Lupin estão ao nosso lado, nesta

fortaleza! Tenho as chaves e as senhas das fechaduras. Dólares, barras, moedas de ouro, é tudo nosso...

“É a obra de Mac Allermey e é minha, minha própria obra, eu que os reuni agora para que possam ter as garantias da minha probidade e da minha delicadeza. Aqui estão as chaves, aqui, nestes papéis, as senhas que permitem abrir o cofre! Nenhum obstáculo, de agora em diante, entre os quarenta homens fortes que vocês são, bem armados, dispostos a tudo, nenhum obstáculo entre vocês e os bilhões de Arsène Lupin!”

Uma tempestade de aplausos retumbou na sala, cresceu, diminuiu e foi retomada, amplificada. Parecia interminável. Os chapéus se agitaram. Maffiano, empunhando seu bastão, gritava:

– Viva Allermey! Viva Fildes! Viva!

O jovem pálido exigiu silêncio e retomou, orgulhoso do seu sucesso:

– É uma alegria para o seu presidente constatar o nosso bom acordo e como fui seguido de modo inteligente na apresentação da nossa empreitada. Não há mais nada a dizer. Chega de palavras, vamos às ações. Os cofres exigem nossa atenção. No entanto, antes de abri-los, é necessário estabelecer entre nós uma lista dos beneficiários, a fim de saber o que terão a partilhar.

Fazendo pausas entre as indicações, ele leu:

– Número 1: Mac Allermey?

Maffiano respondeu:

– Assassinado misteriosamente. Carteira desaparecida.

– Número 2: Frédéric Fildes?

– Assassinado misteriosamente. Carteira desaparecida – disse Maffiano novamente.

– Número 3: Maffiano?

– Presente.

O siciliano saltou sobre o estrado.

– Sua carteira?

– Roubada.

– Esse é um caso que será examinado mais tarde e resolvido por decisão do C. O. D. I. Continuando: número 4? Número 5?

– Assassinados, um em Portsmouth, o outro em Paris. Carteiras roubadas.

– Número 6?

– Presente. Carteira roubada – respondeu outro assistente. Arsène Lupin reconheceu o homem. Era um dos cúmplices imediatos de Maffiano que participou dos ataques em Auteuil e na Maison-Rouge.

– Número 7? Número 8?

Foi Maffiano quem respondeu novamente:

– Desaparecidos há três dias. As carteiras deles já tinham sido roubadas antes.

– Número 9? Número 10? Número 11?

Não houve resposta.

O jovem presidente recapitulou:

– Em suma, de onze associados da primeira hora, dois estão presentes, nada mais; quatro estão mortos, cinco estão desaparecidos, e pelo menos seis carteiras, oito provavelmente, foram roubadas. Os associados ausentes, incapazes de responder à chamada hoje, perdem seus direitos sem recurso. Chamarei novamente os três últimos, sobre os quais não sabemos nada.

Ele demorou um pouco e articulou lentamente:

– Número 9? Número 10? Número 11?

– Onze presente! – gritou uma voz.

A comoção foi geral.

– Quem é o senhor? – o presidente perguntou.

Um assistente, barbudo e com óculos escuros emergiu da

multidão.

- Quem sou eu? Por Deus, o número onze que o senhor chamou.
- Sua carteira?
- Aqui está.

Uma carteira foi entregue ao jovem pálido, que leu:

– Paule Sinner, número 11. A assinatura de Mac Allermy – acrescentou ele. – Está tudo em ordem. Quem é o senhor?

– O homem que lhe vendeu as informações de que falou há pouco, que são a base desta empreitada.

– Alguém o conhece aqui? Alguém responde pelo senhor?

Maffiano olhava ansiosamente para o misterioso número 11.

– Eu – exclamou o siciliano. – Eu respondo por esse senhor como sendo o ladrão de todas as carteiras desaparecidas!

– E eu respondo por você, Maffiano, como o assassino de Mac Allermy e Frédéric Fildes – retaliou o outro.

Um tumulto estava começando. O presidente tentou apartá-lo.

– O conflito dos nossos dois associados será resolvido mais tarde pelo C.O.D.I. Nossa tarefa agora é abrir os cofres.

Então o número 11 se aproximou e subiu no estrado.

– Oponho-me formalmente a essa abertura! – ele disse em voz alta e clara.

– Na qualidade de quem essa oposição? – perguntou o presidente, fazendo um esforço vão para dominar a situação.

– Na qualidade de mim mesmo. Além disso, as onze carteiras ainda não foram autenticadas.

– Eu fiz a chamada – protestou o presidente.

– Os regulamentos exigem que essa chamada seja feita três vezes para que não haja erro ou omissão.

– Uma última vez, chamo o número 9? Número 10? Ninguém é capaz de nos informar? Não temos mais números para chamar...

– E o número 12, o que o senhor fez com ele?

Uma vez feminina respondeu e, retirando o casaco masculino, uma jovem surgiu, vestida de preto e usando um véu branco. Ela se aproximou a passos lentos e assumiu seu lugar sobre a plataforma, perto do número 11.

– Aqui está meu sinal de reconhecimento – disse ela, entregando uma carteira ao presidente.

Maffiano exclamou, atordado:

– Patricia Johnston! A amante do filho de Allermey. A datilógrafa do velho Allermey! A jornalista que nos desmascarou!

– A mulher corajosa que Maffiano persegue com o seu ódio e seu amor – declarou em voz alta o número 11.

– Sua amante – gritou Maffiano.

– Minha noiva – corrigiu o número 11, colocando a mão no ombro de Patricia. – Minha noiva, que todos respeitarão sob pena de morte!

O jovem pálido que presidia começou a rir.

– Conflito sentimental – disse ele –, isso não é da nossa conta. Uma pergunta, minha senhora. Todas as carteiras devem ter meu carimbo pessoal em forma de aranha. A sua só tem a assinatura de Mac Allermey. De onde vem essa irregularidade?

– Como sabemos por meio de um artigo do *Allo-Police* – respondeu Patricia –, eu tive uma longa conversa com Mac Allermey algumas horas antes de seu assassinato. Quando se despediu, ele me entregou um envelope que eu não deveria abrir até o dia 5 de setembro deste ano. Eu o abri na data marcada e soube então que o titular desta carteira deveria participar de uma reunião importante que Mac Allermey tinha marcado para terça-feira, 20 de outubro, em Paris, no endereço deste banco. Por isso eu vim. Ouvi seu discurso, que me deixou a par dos acontecimentos e dos meus direitos.

– Perfeito. Então só resta abrir os cofres.

– Os cofres não serão abertos – cantou o número 11 com uma voz cortante. – A minha vontade, neste ponto, é inflexível.

Uma ameaça surgiu à volta dele.

– Nós somos quarenta, e o senhor está sozinho! – observou o presidente com desdém.

– Eu sou o chefe, e vocês são apenas quarenta – foi a resposta ameaçadora.

Saltando sobre o estrado, número 11 correu em direção à porta que dá acesso aos cofres. Ele parou ali com um revólver em cada mão. Os membros do Conselho da Ordem, que haviam avançado na direção dele, recuaram em desordem e se aglomeraram a alguma distância.

O jovem pálido teve uma hesitação, mas seu amor-próprio foi mais forte do que a prudência. Desdenhoso do perigo, deu três passos e injuriou:

– Nossa paciência está se esgotando! Eu sugiro...

– E eu lhe dou um tiro ao menor gesto, seu aborto de gente!

O jovem pálido empalideceu ainda mais, mas não avançou.

Várias vozes se elevaram:

– Quem é o senhor para nos afrontar com tamanha audácia?

Então, colocando uma das armas de volta no bolso, o número 11 fez um gesto rápido. Barba e óculos caíram no chão. Um rosto nu surgiu, sorridente e temível. E a resposta veio como um relâmpago.

– Arsène Lupin!

À pronúncia desse prestigioso nome, houve um recuo geral e um silêncio aterrador.

Ele continuou:

– Arsène Lupin, detentor de todas as carteiras, isto é, de todos os títulos de propriedade dos bilhões que estão nesses cofres. Quando

eu soube que Mac Allermy e Fildes estavam recuperando a Ordem dos Mafistas e que, para aumentar seu prestígio, estavam organizando uma cruzada contra mim, entrei no caso com o objetivo de melhor vigiar meus interesses e lhes dei todas as indicações úteis sobre minhas moradias, meus cúmplices, meus retiros, minhas cavernas, meus subterrâneos, meus esconderijos, tudo o que os colocou no caminho desses cofres onde eu estava guardando furtivamente minha riqueza.

– Manobra perigosa – balbuciou o presidente, recém-recuperado da sua emoção.

– Mas tão divertida! Em todo o caso, o resultado está aí. Nossos estatutos exigem uma divisão proporcional dos lucros. Eu não só tenho a maioria dessa sociedade anônima, como tenho também todas as ações. Se não estão felizes, reclamem no tribunal. Enquanto isso, aproprio-me do pecúlio e o guardo comigo. Tenho o direito, a minha consciência e, o melhor de tudo, a força...

Patricia tinha se aproximado de Lupin. Ela sussurrou, completamente angustiada:

– Basta que um deles dispare e todos os outros se atiram sobre você como um bando de lobos famintos.

– Eles não se atreverão – respondeu ele. – Pense no que representa para os bandidos um tipo como Arsène Lupin! Pense no meu prestígio!

– Ledo engano. Nada importa para uma quadrilha cega, louca de raiva e de ganância. Nada lhes fará resistir! Nada...

– Sim, eu...

Antes de completar a frase, um tiro partiu da multidão. Lupin foi baleado na coxa. Ele cambaleou, caiu, mas se levantou. No entanto, teve de se encostar à parede.

– Vocês são uns covardes! – ele gritou. – Mas não tenho medo

dos seus ataques anônimos! Não vou ceder. O primeiro que tentar passar por este subterrâneo estará morto. Se outro tiro for disparado, eu revido! Para quem vai a primeira bala? Para você, Maffiano?

Ele os ameaçava com suas armas. Mais uma vez, todos recuaram. O jovem pálido interveio.

– Arsène Lupin – disse ele, levantando a voz –, há pouco eu lhe ofereci uma transação. Aceite-a. Ninguém duvida da sua coragem. Mas a tarefa está acima das suas forças. Sua fortuna está aqui. Ela nos pertence. Só precisamos pegá-la sem que lhe seja possível se opor a isso. Por que lhe interessa ficar com tudo? A fortuna é tamanha que o todo lhe seria inútil. Aceite uma partilha razoável. Cem milhões para nós. E sobrarão centenas para o senhor.

Rumores de protesto foram ouvidos. Ninguém queria consentir em tal sacrifício. A enorme fortuna que, segundo eles, bastava pegar os enlouquecia.

Lupin respondeu:

– Seus amigos e eu estamos de acordo, meu Robespierrezinho. Eles querem tudo, e eu também.

– Por acaso você prefere morrer? – indagou, de modo teatral, o pseudoconvencional.

– Sim! Mil vezes sim! Lupin, derrotado, não é mais Lupin.

– Mas você está derrotado, Lupin.

– Não, pois estou vivo... E agora tenham cuidado, camaradas!

Ele fez um gesto, e os mais próximos, para se afastar, empurraram seus acólitos, amontoados atrás deles. Mas Lupin, em um segundo, deslizou um dos revólveres entre dois botões de seu casaco. Sempre segurando a outra arma apontada para seus adversários, ele colocou a mão livre na boca e, pressionando dois dedos contra a língua, com um domínio que teria invejado o bandido mais

experiente das ruas, lançou um assobio estridente, cuja violência, naquele pequeno espaço, feriu os ouvidos.

Todos os gritos, ameaças e imprecisões cessaram. O silêncio se estabeleceu numa espera ansiosa...



SOS

O que aconteceu foi uma resposta repentina e terrível a esse sinal.

Ruídos percorreram todo o andar superior e, um a um, os fundos das câmaras caíram como tampas de caixas colocadas de cabeça para baixo.

Por cima das cabeças, surgiram quinze vezes dez buracos retangulares, escancarados como escotilhas abertas. E por aquelas cento e cinquenta aberturas desceram e se posicionaram cento e cinquenta canos de fuzil cuja pequena mira preta e mortal olhava para a multidão.

– Apontar! – comandou a voz metálica de Lupin, que, de pé, orgulhoso, ameaçador e sorridente, parecia ter esquecido sua ferida.

Ele repetiu com a voz ainda mais forte:

– Apontar!

O momento era trágico. Os quarenta, imobilizados pelo medo, não se moviam mais do que os condenados no corredor da morte, ameaçados por espingardas apontadas por um pelotão de fuzilamento.

Lupin explodiu num riso estridente.

– Vamos, camaradas, coragem! Não se aflijam, raios! Vejamos: para que vocês se recuperem, alguns exercícios de relaxamento me

parecem apropriados, hein! Comecem! Sentido! Mãos ao lado do corpo! Cabeça erguida! Estão acompanhando? Flexões com pernas alternadas e com elevação dos braços. Pontas dos pés para a frente, por favor. Um, dois, três, quatro! E então, Maffiano, estamos dormindo, meu rapaz! Atenção aí em cima, o senhor Maffiano é aquele tipo chulo escondido no meio de um grupo de camaradas, contra a parede, à minha esquerda. Se ele não obedecer...

Houve um movimento dos fuzis à procura do senhor Maffiano, que pensou que estaria morto se vacilasse. Sem nenhuma vergonha, ele obedeceu às ordens de Lupin. Inflou o peito, virou a cabeça, colocou os punhos nos quadris e, com ar sério, como um rapazinho consciencioso, executou os exercícios ordenados da melhor forma possível.

– Alto! – ordenou Lupin.

A obediência foi imediata, e a imobilidade, repentina. Neste momento, um pelotão de guardas desceu do primeiro andar e apareceu atrás da grade. Béchoux, um recente e muito orgulhoso brigadeiro, comandava-os.

Lupin apostrofou o brigadeiro Béchoux:

– Ei, velhote, por favor, tome nota que, conforme meus acordos com a Prefeitura, estou entregando quarenta gângsteres de primeira classe, todos ases, da melhor das linhagens, o que se fez de melhor em matéria de assassinos, sequestradores, ladrões de joias e assaltantes de bancos. No comando, o senhor Maffiano, chefe da Máfia, uma figura sinistra com as mãos vermelhas de sangue.

Através do portão aberto, os gângsteres saíram um a um.

– E você, Lupin! – lançou o brigadeiro num tom agressivo enquanto se aproximava.

– Eu, nada a fazer. Sou intocável. Você recebeu a ordem do prefeito, não recebeu?

– Sim. A ordem para reunir cento e cinquenta e quatro agentes e guardas para prender esses senhores do C.O.D.I, isto é, da Máfia.

– Eu só pedi cento e cinquenta.

– Os quatro a mais são para você, Lupin!

– Está maluco!

– De maneira nenhuma. Ordem do prefeito.

– Oh! A prefeitura está contra mim?

– Sim. Estamos fartos dos seus planos e truques. Você nos dá mais prejuízo do que lucro.

Lupin desatou a rir.

– Bando de patifes! E você deve ser muito estúpido, Béchoux! Então, mais uma vez, você imagina que, com a prisão de Lupin decretada, o dito Lupin cairá de bico na sua armadilha, como uma cotovia assada?

– A ordem é para prendê-lo, e vivo – observou Béchoux, inquieto com o sangue-frio de seu adversário, de quem ele não ousava se aproximar muito.

Lupin gargalhou novamente:

– Vivo! Então querem me exibir em uma gaiola, no Grand-Palais?

– Exatamente.

– Seu moleque!

– Com os gângsteres, somos duzentos.

– Poderiam ser duzentos mil!

Béchoux tentou ser razoável:

– Esquece que está ferido, sangrando, três quartos moribundo?

– Você disse bem, Béchoux do meu coração, três quartos! Mas esse último quarto é o melhor. Com um quarto de vida, acerto as contas com todos vocês, meus cordeirinhos!

Béchoux encolheu os ombros.

– Você está delirando, meu pobre Lupin! Está sem força...

– E as minhas reservas, você não as leva em consideração? Minha guarda imperial? Aquela que não se rende, sabe? Cambronne⁵!

– Pois chame sua guarda então!

– Pobre Béchoux, quer mesmo que eu faça isso?

– Sim.

– Cuidado, hein. Você vai ser esmagado.

– Vá em frente.

– Não, você começa! Disparem primeiro, cavalheiros ingleses.

Béchoux estava pálido. Apesar de seguro, estava muito assustado.

Ele gritou, dirigindo-se aos seus homens:

– Atenção! Mirem em Lupin! Apontar!

Os cento e cinquenta guardas confrontaram Lupin e apontaram suas armas para ele. Mas não dispararam. Fuzilar aquele homem ferido e isolado aparentava tal covardia que os fez hesitar.

Béchoux sapateou de raiva.

– Fogo! Fogo! Atirem, em nome de D...!

– Atirem! – reforçou Lupin. – Do que vocês têm medo?

Ele estava lívido. Vacilava, enfraquecido pelo sangue que perdia, mas indomável.

Patricia o segurou. Ela estava pálida, mas resoluta.

– Está na hora... – ela sussurrou.

– Talvez seja tarde demais – respondeu ele. – Mas, enfim, se você deseja.

– Sim.

– Nesse caso, admita que me ama – sussurrou ele.

– Eu o amo o suficiente para o querer vivo.

– Você sabe que não posso viver sem você, sem o seu amor...

Ela o olhou nos olhos e respondeu seriamente:

- Eu sei. Quero que você viva...
- Isso é um compromisso?
- Sim.
- Então, faça alguma coisa – disse ele, desfalecendo.

Por sua vez, Patricia pegou um apito. Era o apito prateado que Lupin lhe havia dado, e que ela tirou da bolsa. Ela o colocou na boca e produziu um som agudo e prolongado que de vez em quando interrompia, e que recomeçava a se espalhar em ondas perfurantes, imperiosas, desesperadas, que se propagavam pelos corredores e chegavam até as caves e os jardins.

Depois, tudo ficou em silêncio! Um longo silêncio patético, enigmático, assustador! O que iria acontecer desta vez? Que salvamento providencial eles preparavam? Que tipo de intervenção arrebatadora, peremptória?

Eis a resposta: lá de longe, do fundo dos edifícios, chegaram clamores desesperados, cada vez mais perceptíveis, cada vez mais próximos.

- Fechem os portões! – gritou Béchoux.
- Fechem os portões – Lupin concordou calmamente. – Fechem os portões e rezem a Deus pelo descanso de suas almas, bando de canalhas!

Ele tinha se ajoelhado. Já não conseguia mais se manter de pé. Ele despendia toda a sua energia para se manter acordado.

Patrícia se curvou, envolveu-o em seus braços, sem parar de enviar o sinal obsessivo, o chamado imperativo.

Lupin, numa explosão de vontade, dominou sua fraqueza. Ele tripudiou:

- Béchoux, você me dá pena. Mande chamar o exército... Todo o exército... com tanques e canhões...
- E você? Tem um exército por acaso?

– Eu! Estou chamando os peludos da grande guerra. Levantem-se, mortos! De pé todos os poderes da terra e do inferno!

Lupin parecia delirar. Patricia parou abruptamente de apitar. Já não era mais necessário. Os clamores de pavor varriam a sala como ondas furiosas.

O resgate veio em um galope furioso. Um resgate estranho, formidável, imprevisto para os atacantes de repente dominados pelo pânico.

– Saída! Saída! – chamou a jovem com um impulso de alegria incontrolável. – Saída! Venha, Saída!

Saltitante, a tigresa se aproximava. Perplexos, os policiais fugiram apavorados, mas, diante do obstáculo da grade, a fera hesitou.

As placas de ferro, formando persianas, cobriam três quartos da grade, oferecendo, assim, um primeiro obstáculo, um relé, se necessário... Além disso, mesmo sem esse apoio, a grade não poderia ser atravessada? Havia espaço suficiente entre suas pontas e o teto.

A tigresa deve ter compreendido que o obstáculo era transponível, porque de repente ela tomou impulso, levantou-se como um pássaro, passou rente à ponta das lanças agudas sem ficar presa e aterrisou docilmente na frente de Patricia e de Lupin.

Enquanto isso, Béchoux havia reunido seus homens e os conduzido até a grade.

– Atirem, pelo amor de D...! – ele gritou.

– Atire você mesmo – rebateu a voz de um guarda.

– Seu acólito tem razão – disse Arsène Lupin. – Atire primeiro, Béchoux! Mas aviso que Saída conhece muito bem quem atira e a fere, e, se você tiver culhões para esticar o braço e mirar nela, pode se considerar aniquilado. Saída é antropófaga, Béchouzinho!

Assim desafiado, Béchoux atirou heroicamente. A tigresa,

levemente atingida, deu um salto e rugiu, louca de raiva. Os agressores hesitaram. Se três ou quatro deles acompanhassem seu líder, recuperassem o sangue-frio e atuassem fogo de uma forma metódica e ordenada, Saïda sucumbiria. Mas o medo que os inspirava com a chegada desse inimigo inesperado, estranho, temível, sua colaboração com o extraordinário Lupin, que lhes parecia de alguma forma sobrenatural, essa força espantosa e nova, posta à disposição desse personagem, que parecia para muitos deles sobre-humana, não lhes permitiu recuperar a calma. A presença de uma fera estava fora das coisas naturais, dos regulamentos conhecidos, da técnica policial comum. Eles não estavam de forma alguma preparados para tal batalha. O próprio Béchoux estava em pânico. Ondas de terror supersticioso o dominaram. A aliança entre um tigre e um homem. Quem já teria visto aquilo na prefeitura?

Béchoux fugiu e, atrás dele, a tropa desordenada dos guardas, entre os quais estavam os quarenta gângsteres, e ninguém mais se preocupava em deter os prisioneiros. Maffiano, que já tinha tentando acertar as contas com a tigresa, era o mais apressado a desaparecer. O pseudojanota o acompanhava.

– Cento e cinquenta policiais, quarenta gângsteres, o mesmo número de fuzis e pistolas automáticas, tudo junto picando a mula diante de Arsène Lupin, de sua amada e de um enorme gato selvagem. Aí estão heróis de araque. Que desastre! Que mundo! Que polícia! – escarneceu Lupin, triunfante, mas prestes a perder a consciência.

Enquanto isso, satisfeita, com o dever cumprido, a batalha vencida, Saïda se deitou aos pés de sua dona, que acariciou sua cabeça. Então, baixando as pálpebras e apurando as orelhas na direção dos barulhos distantes que ainda lhe chegavam aos

ouvidos, a tigresa ronronou.

Mas, passado um minuto, ela ficou de pé novamente e rugiu. Patricia, que cuidava de Lupin, e Lupin, que recuperava os sentidos, ficaram alarmados. Sim, a primeira batalha estava ganha, mas...

Passos furtivos foram ouvidos. Sombras que se escondiam o máximo que conseguiam, espalhadas pelo exterior ao longo das paredes, aproximavam-se da grade.

Furiosos com seu fracasso, atraídos pelo engodo todo-poderoso de milhões a pegar, os gângsteres tinham regressado através dos corredores secretos, e braços armados se estendiam pelas grades do portão.

– Apontar, fogo! Apontar, fogo! Apontar, fogo! – disse Lupin sob as luzes das lanternas.

Saída rastejou em direção ao portão, mostrando suas presas, rugindo e se preparando para atacar.

O mesmo pânico dominou esses últimos agressores, que fugiram outra vez.

– Rápido – disse Lupin –, um retorno ofensivo ainda é possível. Vamos nos defender! Patricia, pegue as chaves dos cofres e todos os documentos úteis. Esta noite, vamos transferir o dinheiro e enviar tudo para a província. O banco Angermann, decididamente, não é seguro. Agora, vamos depressa! O carro que lhe trouxe com Saída ainda está no pátio, não está?

– Sim, sob os cuidados de Étienne. A menos que ele tenha sido preso...

– Por quê? Ninguém sabe que ele está a meu serviço e que o carro me pertence. E, depois, Béchoux estava muito ocupado comigo e com os quarenta gângsteres para pensar em mais alguma coisa quando chegou. E, quando ele fugiu com a polícia, só deve ter pensado em ficar fora do alcance da Saída. Vamos, depressa!

– Mas o senhor consegue caminhar até o pátio? – Patricia perguntou com preocupação.

– Preciso conseguir!

Ele se levantou, mas quase caiu.

– Vamos admitir – disse ele, rindo –, isso não está às mil maravilhas. Preciso de uma bebida e de um curativo. Vamos buscá-los. Saída vai me levar até o pátio, como ela fez com Rodolphe até Corneilles.

De fato, como o menino tinha feito, Lupin se sentou sobre o felino, e a potente fera, sem nem sequer parecer notar aquele fardo, partiu pelos corredores e chegou ao átrio do banco. O maior dos carros de Lupin, um carro largo e profundo, estava esperando sob a guarda do chefe de esquadra Étienne. O medo salutar da tigresa tinha mantido longe qualquer inimigo e até mesmo qualquer curioso. Foi sem ver ninguém, e sem serem vistos por ninguém, que Patricia e Lupin se acomodaram no carro enquanto a tigresa se agachava aos pés deles e Étienne se sentava ao volante.

– A polícia foi embora? – perguntou Lupin.

– Sim, chefe, e levou os gângsteres algemados. Eles os pegaram na saída.

– Como prêmio de consolação – tripudiou Lupin. – Bah! Eles desejavam tanto assim me prender? Um pouco de publicidade para a opinião pública. Lupin detido seria muito embaraçoso. Vamos, Étienne, acelere! Para a Maison-Rouge, e rápido!

O carro ligou, saiu do pátio do banco sem entraves e, sem nenhum outro obstáculo, seguiu viagem para a Maison-Rouge.

Ao chegar à propriedade, e enquanto Patricia subia para se juntar ao filho, Lupin, do vestíbulo, gritou a plenos pulmões com a voz triunfante:

– Victoire! Victoire!

A velha babá correu pelas escadas e surgiu toda comovida.

– Aqui estou eu! O que você quer, meu menino?

– Eu não chamei você.

– Você gritou: “Vitória”!

– Você quer dizer que cantei vitória. Minha pobre velhota, como você é irritante com esse seu nome!

– Me chame por outro nome.

– É isso: vou especificar a conquista! Fica bom para você? As *Termópilas*? Tolbiac?

– Você não poderia escolher um nome cristão para mim?

– O nome de uma heroína vitoriosa? Aí está, que tal Joana d’Arc? Isso lhe serve como uma luva. Bom, por que está com essa cara? Está enganada, não quis ofendê-la. Mas garanto que arranjo outro nome sem ficar pensando muito nisso. Primeiro, ouça minhas proezas.

Ele contou o feito, rindo como um colegial.

– É engraçado, não é, minha velha? Há anos eu não me divertia tanto. E que perspectivas para as minhas futuras disputas com a polícia! Vou domar um elefante, um crocodilo e uma cascavel. Talvez assim me deixem em paz. E que economia quando tiver de renovar meus aliados! Terei provisões de marfim, pele de crocodilo para meus sapatos e sinos para minhas portas. Agora me traga algo para comer e me faça um curativo!

– Você está ferido? – perguntou Victoire, preocupada.

– Não é nada. Só um arranhão. Perdi um pouco de sangue, mas, para Lupin, isso não é nada e evita uma possível congestão. Vamos, rápido, preciso sair logo, logo!

– Mas aonde você quer ir agora?

– Buscar meu dinheiro!

Depois de um rápido curativo em sua lesão, que não era grave, e

de uma refeição leve, e ainda mais rápida, Arsène Lupin descansou por uma hora e, renovado e disposto, ordenou que seu carro número 2, bem como o número 3, fossem retirados da garagem. Acompanhado por Patricia, ele entrou no primeiro, e quatro de seus homens, escolhidos entre os mais robustos e determinados, tomaram seus lugares no segundo.

– Vamos voltar até aquele velho Angelmann – explicou Lupin a Patricia – e teremos algumas pequenas coisas para trazer de volta.

Quando, em menos de uma hora, os carros chegaram ao banco, Lupin, acompanhado por Patricia e seguido por seus homens, voltou para a grande sala do térreo e, desta vez, seguiu para a sala do cofre.

Ele tinha as chaves. Abriu o primeiro dos cofres depois de colocar a senha.

Vazio!

Uma segunda tentativa... terceira... quarta... Vazios! Os cofres estavam vazios! As riquezas tinham desaparecido.

Lupin não demonstrou nenhuma emoção. Ele deu uma gargalhada zombeteira.

– Os cofres? Vazios. Minhas economias? Devoradas. Meu dinheiro? Levantou voo...

Patricia, que o observava, perguntou:

– Tem alguma ideia?

– Mais do que uma ideia.

– O quê, então?

– Ainda não sei. Mas nada me é mais agradável do que procurar profundamente dentro de mim, enquanto falo, sem parecer pensar em nada.

Ele chamou um dos guardas do banco; o homem, percebendo que a terrível tigresa não estava mais lá, aproximou-se.

– Mande chamar o senhor Angelmann – ordenou Lupin.

Depois, voltou a meditar.

Angermann, que tinham ido buscar em seus aposentos, onde ficou confinado durante toda a confusão, apareceu após alguns minutos.

Ele estendeu a mão a Lupin.

– Meu caro Horace Vermont, que prazer vê-lo. Como vai o senhor? Lupin não apertou a mão estendida.

– Eu vou como um homem que foi roubado – disse ele. – Foi você quem afanou meu dinheiro. Todos os cofres estão vazios.

Angermann se sobressaltou:

– Vazios! Os cofres estão vazios! Impossível! Ah!

Ele caiu em uma poltrona, pálido, ofegante, quase tendo uma síncope.

– É o coração! – ele gemeu. – Tenho um problema cardíaco. Isso vai me deixar mal. Por que me dizer uma coisa dessas sem precauções?

– Eu disse o que aconteceu. E, se não foi você quem roubou meu dinheiro, quem foi?

– Não tenho a menor ideia.

– Impossível. Exijo a verdade imediatamente. Quem lhe deu o número que corresponde aos cinco códigos da senha do cofre? Não minta. Quem?

Ele fixou Angelmann com um olhar implacável.

Angermann cedeu:

– Foi Maffiano.

– Onde está o dinheiro?

– Não sei – disse o banqueiro. – Aonde você vai, Vermont?

– Resolver esse excitante problema.

Sem pressa, Lupin saiu da sala dos cofres e, atravessando a outra sala, foi embora, batendo os pés, em direção à suntuosa escadaria

de mármore.

Angelmann seguiu seu rastro.

– Velmont! Não, Velmont! Eu suplico, não vá. Não, Vel...

A voz de Angelmann sufocou em sua garganta, e o banqueiro, tomado por uma nova síncope, desabou no primeiro degrau da escada.

Patricia, ajudada pelo guarda e pelos homens de Lupin, levantou-o. Ele foi levado para a sala do térreo e o colocaram sentado em uma poltrona.

Logo ele recuperou os sentidos e gaguejou:

– O miserável... conheço seu plano..., mas minha esposa não vai falar nada. Eu a conheço. Ela não vai dizer uma só palavra. Ah! O trapaceiro! Ele acha que pode tudo. É isso que dá trabalhar com canalhas como ele.

Patricia, que no início não havia entendido bem, de repente empalideceu.

– Encontre-o! – ela disse com a voz entrecortada.

O banqueiro gemeu:

– Impossível! Mais uma emoção forte e eu não vou resistir! O coração, entende?

Ele caiu num silêncio sombrio. Patricia, do outro lado da sala, sentou-se numa poltrona e ficou imóvel.

Dez minutos se passaram. Quinze...

Angelmann choramingava desesperado, gaguejava palavras sem sentido, falava de sua esposa, de sua virtude, de sua coragem, de sua descrição, da confiança ilimitada que depositava nela. Tudo isso podia ser verdade, mas talvez também não fosse.

Finalmente ouviram passos, depois um leve assovio alegre, vencedor, e Lupin reapareceu.

– Não é verdade! Não é verdade! – exclamou Angelmann,

mostrando-lhe o punho. – Não é verdade! Você não fez isso!

– O que é verdade – disse Lupin, serenamente – é o seu roubo. Há dois dias você o prepara. Você fez acordos com os diretores de um grande circo itinerante e alugou os dezoito caminhões deles. A mudança aconteceu ontem à noite. Há quatro horas meu dinheiro está viajando rumo ao seu castelo de Tarn, que foi construído acima dos desfiladeiros, sobre uma rocha quase inacessível. Se meu dinheiro estiver lá, estou arruinado. Nunca mais o verei.

– Invenções, piadas, melodramas – protestou o banqueiro.

– A pessoa que me deu essa informação é digna de confiança – disse Lupin em um tom convincente.

– E você afirma que essa pessoa é Marie-Thérèse, minha esposa? Está mentindo! Por que ela lhe contaria?

Arsène Lupin não respondeu. Um pequeno sorriso favorável e cruel se desenhcou em seus lábios.

Angelmann desfaleceu outra vez.

No entanto, Patricia, que tinha ouvido de longe sem dizer uma palavra, aproximou-se, chamou Lupin de lado e disse-lhe com uma breve e tremida voz:

– Se isso for verdade, eu nunca o perdoarei...

– Sim, claro que sim – disse ele com doçura, colocando sua mão sobre a dela. Mas ela a retirou bruscamente. Lágrimas umedeceram seus olhos.

– Não. Você me traiu mais uma vez!

– Patricia, a traição foi sua! Maffiano seria incapaz de descobrir os números da senha do cofre. Apenas uma pessoa no mundo poderia saber. Você, Patricia, que sabia da proporção que essa aventura tinha tomado, e necessariamente sabia que havia na minha mente o nome de Paule, o primeiro nome de Paule Sinner. Por que revelou meu segredo a Maffiano?

Ela corou, mas respondeu francamente, sem hesitação:

– Isso aconteceu na Rua de la Baume, enquanto ele me mantinha prisioneira, trancada no quarto em cima do terraço. Temi por Rodolphe, e sobretudo por mim. Maffiano, para consentir em me conceder mais um dia antes do terrível desfecho, exigiu saber qual era a senha composta por cinco letras que abriria os cofres, porque ele sabia que cinco botões controlam as fechaduras. Eu disse para ele tentar “Paule”. Ele assim procedeu e deu certo. Mas esse dia de trégua que ganhei me permitiu enviar Rodolphe até o senhor e ser salva pelos dois. Depois, uma carta ameaçando matar Rodolphe me obrigou a revelar outros segredos. Eu temia por ele, temia pelo senhor. O momento de uma ação eficaz não tinha chegado. O que eu podia fazer? – ela concluiu, angustiada.

Mais uma vez, Lupin pegou em sua mão.

– Você agiu bem, Patricia, e peço desculpa. Você me perdoa?

– Não! O senhor me traiu. Não quero voltar a vê-lo. Volto para a América na próxima semana.

– Que dia? – ele perguntou.

– Sábado. Tenho um lugar reservado no *Bonaparte*.

Ele sorriu.

– Eu também tenho. Hoje é sexta-feira. Temos oito dias. Vou atrás dos caminhões com meus quatro homens. Eu os recupero, levo-os para Paris, depois para a Normandia, onde tenho esconderijos seguros. E sexta à noite estarei em Havre. Navegaremos juntos, em cabines geminadas.

Ela não tinha forças para protestar. Ele lhe beijou a mão e a deixou.

Angelmann, que cambaleava de emoção, juntou-se a ele antes que chegasse à porta.

– Então é a minha ruína – balbuciou o infeliz banqueiro. – O que

será de mim, na minha idade?

– Ora, você tem dinheiro guardado...

– Não tenho! Juro!

– O dote da sua mulher?

– Mandei junto com o resto.

– Em que caminhão ele está?

– No caminhão número 14.

– O caminhão número 14 será enviado para cá amanhã e entregue diretamente à senhora Angelmann, com o meu presente pessoal. E não tenha medo, eu sei fazer as coisas como um cavalheiro.

– Você é meu amigo, Horace! Nunca duvidei de você! – disse Angelmann, apertando as mãos dele com gratidão.

– Admito que não sou um mau tipo – disse Lupin com um ar falsamente modesto. – Meus respeitosos cumprimentos à senhora Angelmann, está bem? Ah! Por gentileza, ofereça-me um presente. Dê-me um conselho. Acha que ela ficaria ofendida se eu também lhe endereçasse o caminhão número 15?

Angelmman ficou radiante.

– Claro que não, pelo contrário! Querido amigo! Pelo contrário! Ela ficaria muito comovida...

– Então está combinado! Adeus, Angelmann. Eu o verei de vez em quando... quando estiver de passagem por aqui...

– Está certo! A mesa estará posta à sua espera, e minha mulher vai ficar muito feliz...

– Não tenho dúvida.

Patricia voltou para a Maison-Rouge e para junto de Rodolphe. Arsène Lupin, sem se preocupar com a ferida e com o cansaço,

partiu com seus quatro homens para perseguir os caminhões.

Foi somente depois de dois dias de atividade incessante que ele pôde, tendo deixado tudo em ordem, tomar de volta a estrada para a Maison-Rouge. Qualquer um já estaria morto de exaustão, mas Lupin parecia ser de ferro.

Assim que chegou, no entanto, ele foi para o seu quarto e ficou na cama. Victoire veio rodeá-lo como se fosse uma criança.

– Foi um bom trabalho. Está tudo resolvido – ele disse. – E agora vou dormir. Vou dormir durante vinte e quatro horas!

– Não está com frio, meu filhinho? – Victoire perguntou, preocupada. – Não está com febre?

Ele se esticou voluptuosamente em seus lençóis.

– Deus, como você fala! Deixe-me dormir, heroína vitoriosa.

– Não está com frio, meu pequeno, tem certeza? – ela repetiu.

– Estou morrendo de frio – ele finalmente admitiu, vencido pelo cansaço.

– Quer uma bebida quente? Uma infusa de vinho?

– Uma infusa? Samothrace⁶, mas é um sonho! Veja só, você queria um nome de vitória para completar o seu patronímico, Samothrace é muito bonito! Como fica elegante! Prepare-me um grogue, prepare-me uma infusa, Samothrace!

Mas, quando a velha babá chegou com o grogue e a infusa, Arsène Lupin tinha esquecido tudo e mergulhado em um sono profundo.

– Dorme como uma criança. – disse Victoire, extasiada.

E ela bebeu o grogue.

Referência a Pierre Cambronne, general do Primeiro Império Francês, ferido na Batalha de Waterloo e que, intimidado a se render, proferiu a palavra *merde*. Desde então, muitos franceses substituem esse xingamento pelo próprio nome do general, como forma de serem mais educados ao manifestarem algum tipo de insatisfação. (N.T.)

Vitória de Samotrácia, ou Nice de Samotrácia, é uma esculta grega que representa a deusa Nice, que personificava a vitória, a força e a velocidade, e por isso foi representada por uma mulher alada. (N.T.)



Casamento

No convés do transatlântico *Bonaparte*, que os conduzia de volta para os Estados Unidos, Horace Vermont e Patricia estavam sentados lado a lado e observavam o horizonte.

– Eu suponho, Patricia – Horace disse de repente –, suponho que, neste momento, seu terceiro artigo já tenha sido publicado no *Allo-Police*.

– Certamente, pois eu o telegrafei há quatro dias – ela respondeu.
– Além disso, li trechos dele nos telegramas publicados no quadro de notícias de Última Hora, no convés da segunda classe.

– Ainda desempenho um belo papel neles? – perguntou Vermont com um ar falsamente indiferente.

– Magnífico, especialmente na cena dos cofres. Sua ideia de usar Saída é apresentada como a mais engenhosa e original das descobertas. Um tigre contra a polícia. Obviamente, isso não está ao alcance de todos, mas é um golpe de mestre.

Uma alegria orgulhosa inflamou Horace.

– Que barulho isso vai fazer pelo mundo! – ele disse. – Que escândalo! Que baluarte, que estrela!

Patricia sorriu daquela vaidade de ator aclamado.

– Seremos recebidos como heróis! – ela afirmou.

Ele mudou de tom.

– Você, Patricia, certamente. Mas, para mim, certamente reservam a cadeira elétrica.

– Está louco! Que crime você cometeu? Foi você quem ganhou o jogo e conseguiu a prisão de todos aqueles bandidos. Sem você, meu amigo, eu não teria chegado a lugar nenhum...

– Ainda assim, você chegou a esse resultado de levar Lupin, acorrentado como um escravo, à sua carruagem triunfante.

Ela olhou para ele, alarmada com essas palavras, e especialmente com a entonação grave que ele imprimiu.

– Espero que não tenha problemas por minha causa.

Ele encolheu os ombros.

– Como assim? Serei outorgado com um prêmio nacional e, para fixar residência nos Estados Unidos, vão me oferecer um arranha-céu de respeito e o título de Inimigo Público Número 1.

– É esse o desfecho de que você me falou há algum tempo – ela perguntou –, quando aludiu a um sacrifício necessário da sua parte?

Fez uma pausa. Seus lindos olhos umedeceram, e ela continuou:

– Receio que às vezes queira se separar de mim.

Ele não protestou. Ela murmurou:

– Não há felicidade para mim longe de você, meu amigo.

Ele a olhou e disse com amargor:

– Longe de mim, Patricia? Eu, o ladrão, o vigarista? Eu, Arsène Lupin?

– Você tem o coração mais nobre que conheço. O mais delicado, o mais compreensivo, o mais cavalheiresco.

– Por exemplo? – ele questionou, retomando um tom mais leve.

– Só mencionarei um. Como eu não queria levar Rodolphe para a América, temendo expô-lo às armadilhas dos adversários, você ofereceu que eu o deixasse na Maison-Rouge, sob os cuidados de Victoire...

- Cujo nome verdadeiro agora é Samothrace.
- E sob a proteção dos seus amigos e de Saïda.

Arsène Lupin encolheu novamente os ombros.

- Não é porque eu tenho um bom coração que fiz isso, mas porque eu a amo. Ah! Vamos, Patricia. Por que fica tão envergonhada quando lhe falo do meu amor?

Desviando o olhar, ela balbuciou:

- Não são suas palavras que me fazem corar. São seus olhares, os seus pensamentos secretos...

Ela se levantou abruptamente.

- Venha, vamos! Talvez haja registro de despachos recentes.

- Que seja! Vamos! – ele disse, levantando-se também.

Ela o conduziu ao quadro com as últimas notícias; alguns telegramas estavam expostos. Lia-se:

Nova Iorque. O próximo navio da França, o Bonaparte, traz de volta Patricia Johnston, a famosa colaboradora do jornal Allo-Police, que ultimamente obteve brilhantes sucessos, permitindo que a polícia francesa capturasse um grupo de gângsteres liderado pelo siciliano Maffiano, culpado de muitos crimes, incluindo os dois assassinatos cometidos em Nova Iorque, de J. Mac Allermey e de Frédéric Fildes.

Maffiano, tendo, como se sabe, perpetrado na França outros crimes graves, não será extraditado.

A municipalidade se prepara para receber honrosamente a senhorita Patricia Johnston.

Outra notícia dizia:

...Um telegrama do Havre afirma que Arsène Lupin embarcou no Bonaparte. As precauções mais severas serão tomadas para garantir o desembarque do famoso ladrão. O inspetor-chefe

Ganimard, da polícia de Paris, chegou ontem a Nova Iorque e terá toda a assistência necessária para que possa prender Arsène Lupin, seu antigo adversário, como fez da primeira vez, há um quarto de século. O policial francês embarcará na lancha da polícia americana, que irá ao encontro do Bonaparte com as autoridades militares e representantes da polícia americana.

Um terceira notícia dizia o seguinte:

O jornal Allo-Police anuncia que o senhor Allermey Junior, seu diretor, obteve permissão para ir, em seu iate, ao encontro de sua colaboradora, Patricia Johnston; um esquadrão de policiais estará à sua disposição para o desembarque.

– Perfeito – exclamou Horace. – Seremos recebidos de acordo com nosso mérito, ou seja, eu, por uma mobilização policial, e você, pelo pai de seu filho.

Ao ouvir essas palavras zombeteiras, e também após a leitura dos despachos, Patricia assumiu um ar sombrio.

– Muitas ameaças – disse ela. – Não temo nada da parte de Allermey Junior, mas, quanto a você, meu amigo, sua situação é terrível.

– Chame Saïda com um apito – brincou Lupin. – Além disso, não tema nada por mim – disse ele mais seriamente. – Não estou em perigo. Ainda que eu consentisse em me deixar prender, o que é impossível, nenhuma acusação autêntica poderia ser feita contra mim. Mas me pergunto: o que será que esse Allermey Junior quer?

– Talvez tenhamos feito mal em viajar juntos – observou Patricia. – Uma investigação provará facilmente que não nos deixamos desde o Havre.

– Sim, à noite. Nunca pus os pés na sua cabine.

– Nem eu na sua.

Ele olhou fixamente para ela.

– Você se arrepende, Patricia? – ele perguntou com a voz alterada.

– Talvez – ela respondeu seriamente.

Ela direcionou seu belo rosto voluptuoso para ele e, depois de um longo olhar, trêmula, ofereceu-lhe seus lábios...

Naquela noite, eles jantaram juntos, a sós. E Lupin pediu champanhe.

– Vou deixá-la, Patricia – disse ele por volta das onze horas, quando o *Bonaparte* tinha acabado de atravessar o canal e estava ancorando no porto.

Ela murmurou dolorosamente:

– Foram as nossas primeiras horas de felicidade, meu amigo. Talvez sejam os últimas.

Ele a tomou em seus braços.

No início da manhã, Patricia fez sua *toilette* e preparou sua *nécessaire* de viagem. Horace Velmont, ou melhor, Arsène Lupin, já não estava mais lá. À porta, a chave continuava na fechadura, fechada com duas voltas. Mas Patricia sentiu um ar úmido e frio invadir a cabine e constatou que a janela do postigo não estava fechada. Ele teria passado por ali? Com que intenção? Do postigo não se podia voltar ao convés. Sem encontrar o menor vestígio de seu companheiro, Patricia ainda almoçou a bordo do *Bonaparte*. Após a refeição, ela estava prestes a subir para o convés quando lhe trouxeram uma mensagem. Henry Mac Allermy solicitava uma entrevista. Sem hesitar, a jovem recusou.

As horas se arrastaram, lentas, intermináveis para Patricia, que,

febril, estava à espera dos acontecimentos. Que acontecimentos? Ela não sabia...

O porto tinha sido invadido por barcos, iates de passeio, lanchas e torpedeiros. Hidroaviões voavam no céu. Uma animação extraordinária reinava ao longo do cais onde a multidão se aglomerava. Mil ruídos se misturavam: apitos de sirene, jatos de vapor, pacotes sendo descarregados, gritos...

Patricia continuava esperando. Ela não sabia onde estava Lupin, não sabia o que ele estava fazendo, mas agora tinha uma certeza irracional, mas formal, de que não deveria desembarcar até ter notícias dele – e de que ia consegui-las de uma forma ou de outra.

Essa esperança não se enganou. Às cinco da tarde, ela leu na primeira edição dos jornais da tarde a seguinte nota, comunicada pela polícia:

PIRATA ARSÈNE LUPIN

No meio da noite passada, o mais famoso dos foras da lei modernos, ajudado por alguns cúmplices, sequestrou o Allo-Police, iate de Mac Allermy Junior. A tripulação, atacada de surpresa, foi desarmada, e os oficiais, trancados em suas cabines. Os assaltantes então assumiram o comando da embarcação. Essa situação inverossímil durou até por volta do meio-dia, quando os oficiais cativos conseguiram se comunicar entre eles através de um buraco de uma partição, e um deles conseguiu abrir as portas de seus companheiros, libertar os marinheiros e travar uma batalha contra os piratas. Apesar da sua resistência, estes últimos foram finalmente forçados a se render. Arsène Lupin, depois de uma luta feroz, teve que ceder. Perseguido como um animal selvagem por todo o navio, ele foi finalmente encurralado na amurada. Mas, no momento em que

seria capturado, saltou para fora do navio e mergulhou nas ondas. Nenhuma das inúmeras pessoas que assistiram à cena o viu voltar à superfície.

É inútil dizer que a polícia, alerta desde a manhã, havia tomado todas as precauções. Um cordão de agentes cobria toda a margem. Botes demarcavam o porto. Metralhadoras estavam a postos. Até este momento (três e meia da tarde) não houve nenhuma novidade que permitisse conhecer o destino do líder dos piratas. A convicção absoluta do grande chefe da polícia é de que Arsène Lupin, incapaz de acostar, vendo-se perdido, exausto de cansaço, tenha talvez se afogado. Estão à procura de seu corpo. Qual era o objetivo de Arsène Lupin ao atacar o iate do senhor Mac Allermey? O senhor Mac Allermey, que não estava a bordo no momento do ataque, declarou não saber. O famoso policial francês Ganimard também o ignora, mas ele não acredita na morte do famoso aventureiro.

Patricia tinha lido essas linhas com uma grande emoção que se transformou em angústia quando se falou do desaparecimento de Arsène Lupin e da sua provável morte. Mas ela logo balançou a cabeça e sorriu: Arsène Lupin terminar assim... Arsène Lupin se afogar... impossível. O inspetor Ganimard tinha razão...

– O que devo fazer? – perguntou-se a jovem. – Continuar esperando aqui? Ou desembarcar? Onde Lupin pretende me encontrar? E será que me encontrará? – E as lágrimas molharam seus olhos.

Passou mais uma hora, depois outra, e uma última edição do jornal trouxe novas informações que ela leu apaixonadamente.

O jornal dizia isto:

Mac Allermey Junior acaba de ser encontrado em sua sala de diretor do Allo-Police, amarrado a uma poltrona e amordaçado.

Seu cofre foi arrombado e esvaziado de uma soma de 1.500 dólares, que foi substituída por esta breve missiva:

“O dinheiro será totalmente reembolsado. Tive de usá-lo para pagar o meu bilhete no Normandie, onde organizo, para o retorno, uma noite de ilusionismo com demonstrações práticas com os relógios e as carteiras dos passageiros. A. L.”

Na frente de Mac Allermy Junior, como se conversasse com ele, estava sentado em outra poltrona o inspetor-chefe Ganimard, vestindo cueca e casaco de flanela, também amarrado e amordaçado. Ele disse, sem querer dar mais explicações, que Arsène Lupin tinha tirado suas roupas para se vestir e, assim, fugir disfarçado. O senhor Henry Mac Allermy não quis se pronunciar. Por que esse silêncio? Que ameaças fez o temível aventureiro a essas duas vítimas?

Ao terminar a leitura, Patricia não pôde deixar de sorrir com um pouco de orgulho. Que super-homem esse Lupin! Que audácia! Que maestria!

Mas para que permanecer a bordo, então? Não seria lá que ela receberia uma mensagem de Lupin.

Ela desembarcou depressa e pegou um táxi para sua casa. Entrou. O apartamento estava repleto de flores. Um jantar a esperava, servido em uma mesa redonda, e, perto da mesa, em uma poltrona da qual se levantou, havia um convidado.

– Você! Você! – ela exclamou, atirando-se, rindo e chorando, nos braços de seu amado.

Ele lhe perguntou, depois de muitos beijos:

– Não estava preocupada?

Ela encolheu os ombros, sorrindo.

– Oh! Eu sei bem que você sempre escapa de tudo!

Jantaram alegremente. Então ele disse, à queima-roupa, e em um

tom sério:

- Sabe, Patricia, está tudo preparado.
- O quê? O que está preparado? – ela perguntou, espantada.
- Seu futuro. Nós conversamos, Junior e eu, antes que eu o amordaçasse. Depois de longas discussões, chegamos a um acordo.

Lupin serviu uma taça de champanhe.

- Bem, é o seguinte: ele vai se casar com você.

Patricia vacilou.

- Que seja, mas eu não me caso com ele – ela disse friamente. – Como pôde pensar nisso? Sim, eu entendo, você não me ama!

A voz dela estava engasgada, os olhos se afogavam em lágrimas. Ela retomou:

- Era esse o desfecho que você desejava? Mas eu não vou ceder! Nunca!

- Mas será necessário – ele declarou, com os olhos fixos nela.

Ela encolheu os ombros.

- Sou livre para aceitar ou recusar, me parece.

- Não.

- Por quê?

- Porque você tem um filho, Patricia.

Ela estremeceu novamente.

- Meu filho é meu.

- Seu e do pai dele.

- Tenho a custódia dele, eu o criei, ele é só meu e nunca consentirei em entregar Rodolphe.

Lupin disse com melancolia:

- Pense em seu futuro, Patricia! Henry Mac Allermey quer se divorciar para se casar com você e reconhecer o filho dele. Ele legará a Rodolphe um nome imaculado e uma das maiores fortunas

dos Estados Unidos. Posso fazer o mesmo por ele? Nossa experiência recente nos provou que o conteúdo dos meus cofres é alvo da cobiça dos meus inimigos. Será que eles sempre vão falhar nas suas maquinações?

Houve um silêncio sombrio. Patricia parecia arrasada. Lupin disse mais baixo:

– Que nome teria Rodolphe? Qual seria a situação social dele? Não se pode ser filho de Lupin...

Outro silêncio. Patricia ainda estava hesitante, mas sabia que o sacrifício era inevitável.

– Eu aceito – disse ela enfim. – Mas com a condição de voltar a vê-lo.

– O casamento só acontecerá daqui a seis meses, Patricia...

Patricia se surpreendeu, olhou para ele, e seu rosto se iluminou de alegria.

– Seis meses! Por que o senhor não disse antes? Seis meses! Mas é uma eternidade!

– Mais ainda, se soubermos usá-los. Vamos nos apressar – disse Lupin.

Ele encheu duas taças de champanhe.

– Comprei o iate do Junior – disse ele. – É a bordo dele que pretendo regressar à França. A polícia vai me deixar em paz; ela precisa muito de mim para me incomodar. Estou em bom acordo com o prefeito. Ganimard silenciará Béchoux, porque eu o avisei: minha tranquilidade contra meu silêncio. Sim, sobre a história do despimento. Imagine isso nas revistas de fim de ano, o inspetor-chefe de cuecas. Ele seria ridicularizado para sempre! E ele me prometeu um lugar para assistir à morte de Maffiano na guilhotina.

Patricia já não ouvia mais nada; ela só pensava nos dois.

– Eu vou voltar no iate com você – disse ela a Lupin, corada de

alegria. – Será maravilhoso! Vamos embora o mais rápido possível.

Lupin começou a rir.

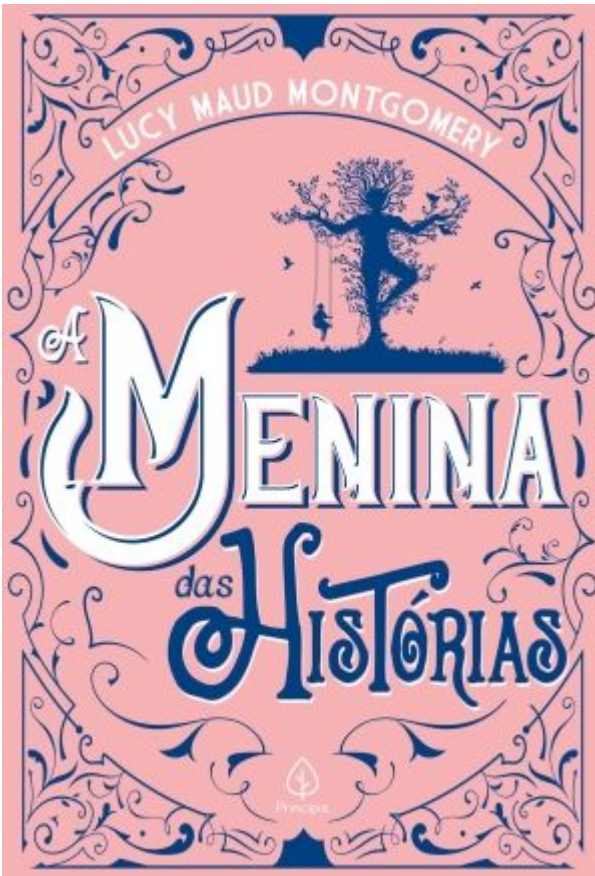
– Imediatamente, agora mesmo! E, atravessado o oceano, seguiremos o curso do Sena até a Maison-Rouge, onde nos instalaremos. Você verá Rodolphe novamente. Isso será fascinante!

Ele pegou sua taça e a levantou:

– À nossa felicidade!

E Patricia respondeu em eco:

– À nossa felicidade!



A menina das histórias

Montgomery, Lucy Maud

9786555523324

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sara Stanley tem apenas catorze anos, mas é capaz de tecer histórias que são impossíveis de resistir. Na encantadora cidade de Carlisle, crianças e adultos se aglomeram, muitas vezes vindo de quilômetros de distância para ouvir seus contos fascinantes. E quando Beverley King e seu irmão mais novo Felix chegam para o verão, eles também são cativados pela Menina das Histórias. Quer ela os esteja conduzindo em uma aventura emocionante ou narrando histórias atemporais do assustador O Fantasma da Família ao fenomenal A descoberta do beijo ou o agridoce O baú azul de Rachel Ward , a Menina das Histórias tem audiência garantida em cada uma de suas palavras.

[Compre agora e leia](#)

O MORRO DOS VENTOS VIVANTES

EMILY BRONTË



O Morro dos Ventos Uivantes

Bronte, Emily

9786555520415

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Único romance da escritora inglesa Emily Bronte, O morro dos ventos uivantes retrata uma trágica história de amor e obsessão em que os personagens principais são a obstinada e geniosa Catherine Earnshaw e seu irmão adotivo, Heathcliff. Grosseiro, humilhado e rejeitado, ele guarda apenas rancor no coração, mas tem com Catherine um relacionamento marcado por amor e, ao mesmo tempo, ódio. Essa ligação perdura mesmo com o casamento de Catherine com Edgar Linton.

[Compre agora e leia](#)



Contos de fadas dos Irmãos Grimm

Irmãos Grimm

9786555520859

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Reconhecidos mundialmente pela qualidade dos contos que produziram desde o começo do século XIX, os irmãos Grimm diziam estar só escrevendo as histórias que escutavam de camponeses e amigos. Concomitantemente aos registros do cotidiano, começaram a pesquisar documentos e recolher histórias da Alemanha para a preservação da memória e das tradições populares. Neste livro encontram-se contos fantásticos que mantêm viva a memória da criação folclórica da população alemã.

[Compre agora e leia](#)

O diário de
**ANNE
FRANK**



O Diário de Anne Frank

Frank, Anne

9786555520538

224 páginas

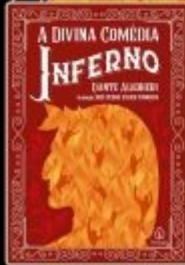
[Compre agora e leia](#)

É a história real de uma garota judia de 13 anos que ficou escondida com a família durante a ocupação nazista da Holanda. O nome dela era Annelies Marie Frank, nasceu em 12 de junho de 1929 em Frankfurt, na Alemanha, e morreu em um campo de concentração, pouco antes do fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Foi escondida, no último andar de um prédio, que Anne Frank escreveu durante mais de 2 anos em dos registros mais detalhados do dia a dia daquela fase em que os nazistas, liderados por Hitler, espalharam o horror entre seus perseguidos.

[Compre agora e leia](#)

E-BOOK

A DIVINA COMÉDIA DE DANTE



A Divina Comédia

Alighieri, Dante

9786555520088

720 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Divina Comédia é um poema clássico da literatura italiana e mundial com características épica e teológica, escrito por Dante Alighieri no século XIV período renascentista e dividido em três partes: o Inferno, o Purgatório e o Paraíso. São cem cantos protagonizados pelo próprio Dante em companhia do poeta romano Virgílio , que percorreu uma jornada espiritual pelos três reinos além-túmulo.

[Compre agora e leia](#)